

**Sebo** LIVRARIA  
DO MESSIAS MEGA  
LOJA

Praça Dr. João Mendes, 140

O melhor site da América do Sul  
[www.sebodomessias.com.br](http://www.sebodomessias.com.br)  
São Paulo - SP

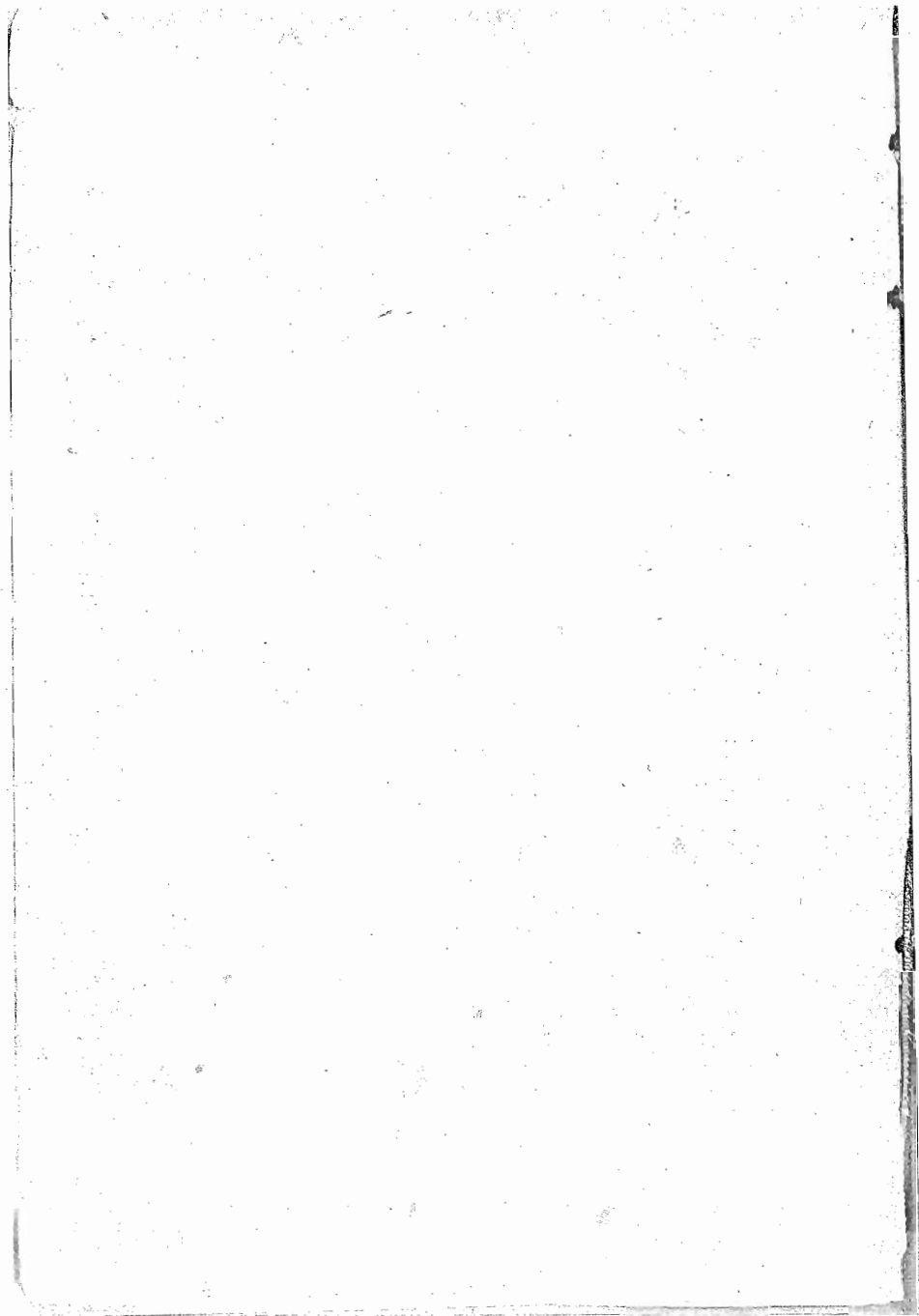
Tel. 3104-7111 \* 3106-9596

Compro e vendo (usados)  
Livros - LP's - Cd's - DVD's  
Fitas - Video - Som - TV - 08 / 2010

Preço: \_\_\_\_\_

Obs.: \_\_\_\_\_

4,90





ANTHOLOGIA NACIONAL

ou

COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

NA MESMA LIVRARIA

---

Obras de Mario Barreto

Estudos da Lingua Portuguesa.....	(esgotado)
Novos Estudos da Lingua Portuguesa .....	7\$000
Novissimos Estudos da Lingua Portuguesa....	9\$000
Factos da Lingua Portuguesa .....	4\$000

---

# ANTHOLOGIA NACIONAL

ou

## COLLECÇÃO DE EXCERPTOS

DOS

Principaes escriptores da lingua Portugueza

Do 20º ao 16º seculo

POR

FAUSTO BARRETO e CARLOS DE LAET

Precedida de uma introdução grammatical  
e entremeiada de breves noticias bio-bibliographicas.

---

*Adoptada no Collegio Pedro II,  
na Escola Normal do Districto Federal,  
no Collegio Militar e em outros estabelecimentos de ensino,  
tanto d'esta Capital como dos Estados.*

---

14.ª EDIÇÃO

---

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

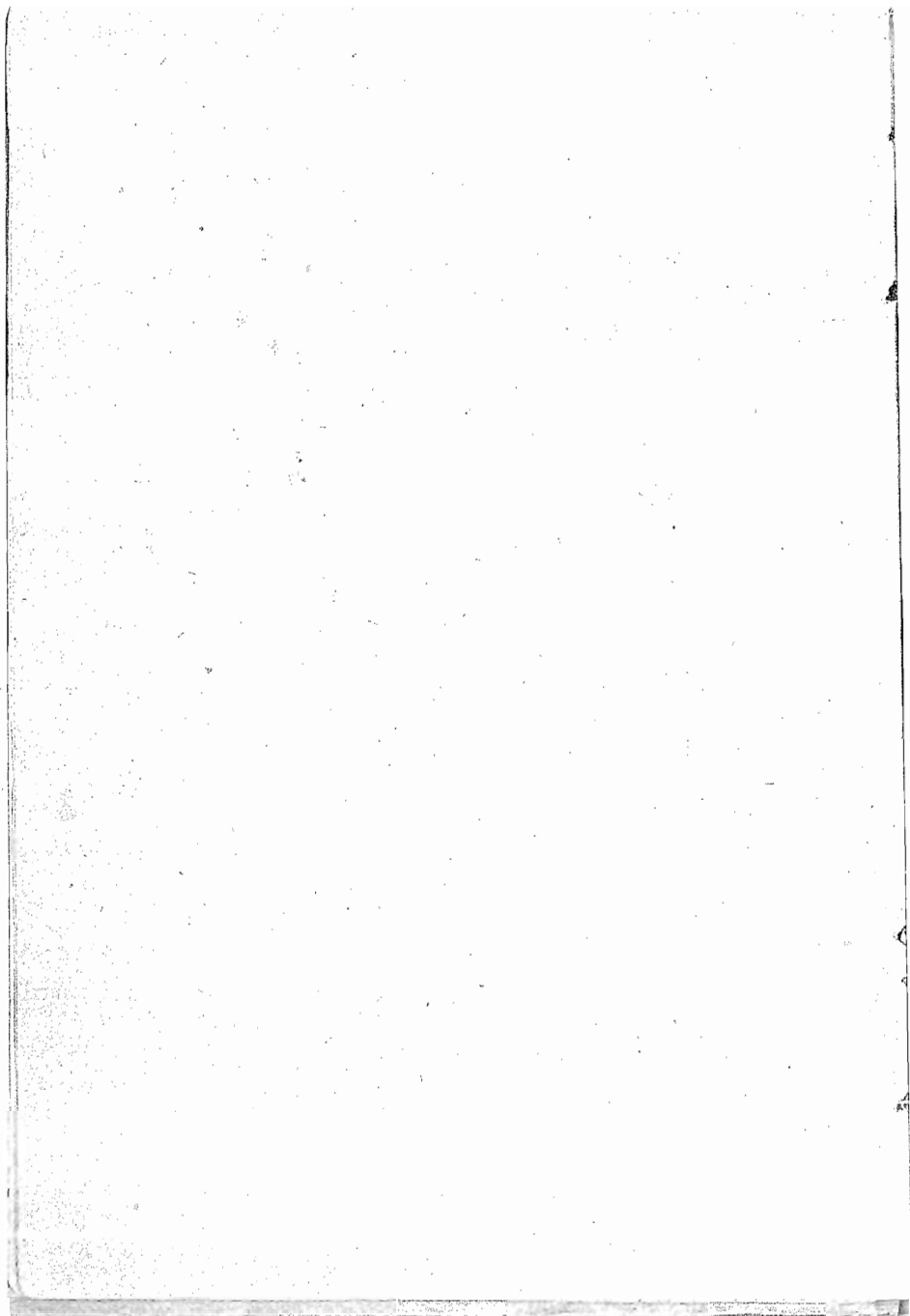
S. PAULO

129, Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1052

1929



*Utiles tragaediae; alunt et lyrici; si tamen in his non auctores  
modo, sed etiam partes operis elegeris.*

QUINTILIANO — *Inst. orat.* Liv. I, cap. VIII.

---

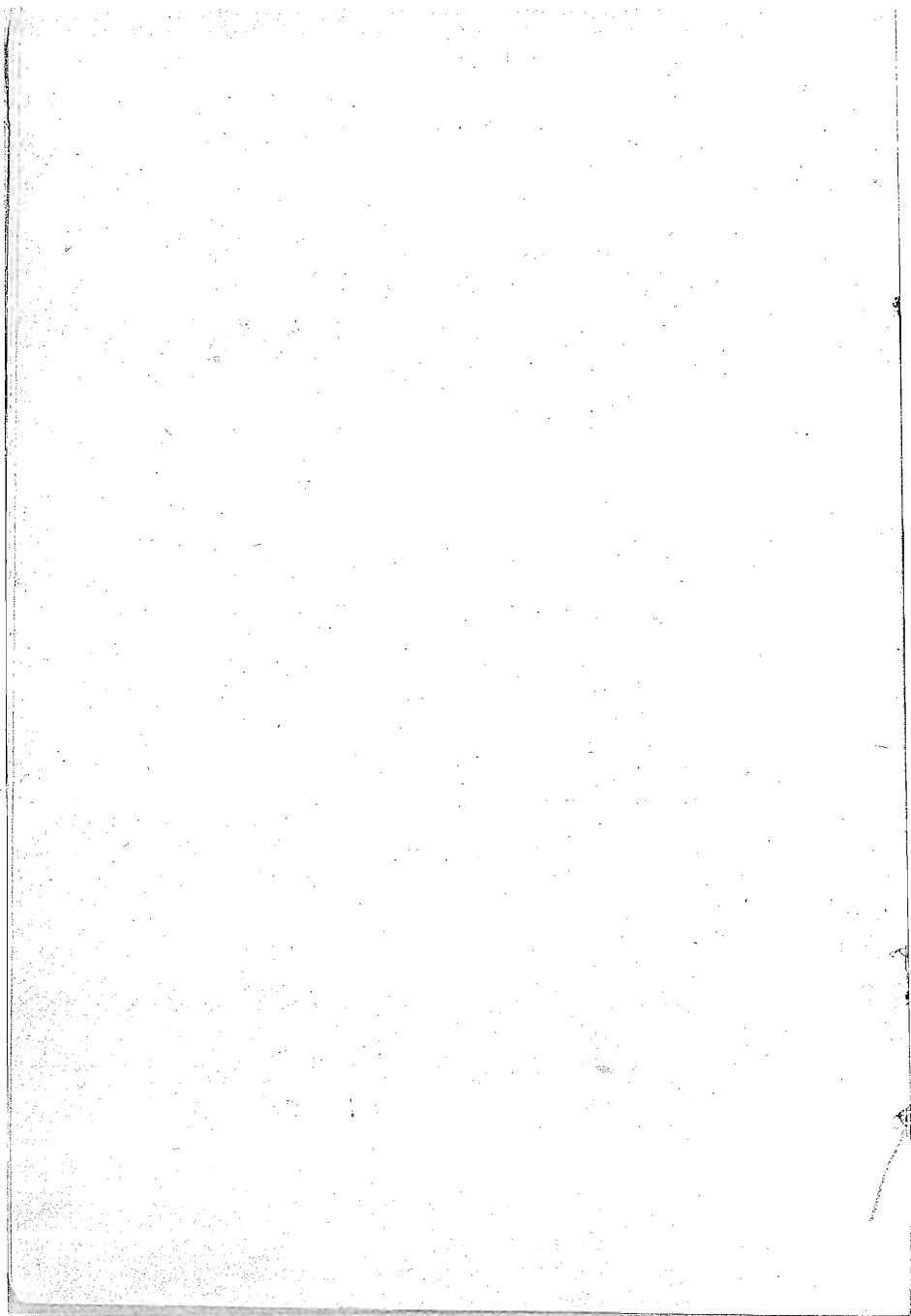
Floresça, falle, cante, ouça-se e viva  
A portugueza lingua, e já onde fôr,  
Senhora vá de si, soberba e altiva!

ANTONIO FERREIRA.

---

Todo homem, orador, escriptor ou poeta, todo homem que usa  
da palavra, não como de um meio de comunicação de suas  
idéas, mas como de um instrumento de trabalho... deve estudar  
e conhecer a fundo a força e os recursos desse elemento da sua  
actividade.

J. DE ALENCAR.



## PREFACIO

### DA PRIMEIRA EDIÇÃO

---

Convidados pelo prestimoso editor J. G. de Azevedo para corrigir a *Seleção litteraria* compilada por um dos collectores desta *Anthologia* e outro professor, mais acertado nos pareceu refundil-a de todo, dando-lhe a forma com que ora a deparamos á publicidade.

Si alguns trechos foram conservados, e avisadamente o deveram ser, muitos foram substituidos, e accrescentados outros, procurando nós não omittir nenhuma das culminancias da patria litteratura.

Acertado julgámos principiar pela phase contemporanea, e desta remontar ás nascentes da lingua, pois que tal é o caminho natural do estudioso, que primeiro sabe como falla para depois aprender como se fallava. Nessa aprazivel viagem, muito a contragosto tivemos de parar como que nos limites da navegabilidade do formoso rio glottico, isto é, no 16° seculo. Ir mais adiante nos vedava a incumbencia do editor, que não desejava encarecer a obra, avolumando-a sem maior necessidade; mas talvez que em subsequente edição, dado que esta seja bem succedida, concluamos a encetada viagem, aventurando-nos pelas alpestres e reconditas alturas d'onde manou a lingua portugueza.

Nos especimens da litteratura coeva pozemos especial cuidado; e bem desenvolvida vai esta parte. Ha de notar-se que omittimos os escriptores vivos; foi de proposito: assim cuidadosos evitámos o accrescer ás difficuldades da escolha o receio de magoarmos vaidosos melindres. *Lrrritabile genus.*

Em geral procurámos uniformizar a orthographia; mas por excepção a deixámos com sua physionomia irregular em certos autores; e isto de proveitosa lição poderá servir nas aulas.

Esmerámo-nos em repellir tudo que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino, observando, como paes de familia e educadores, o maximo respeito que, como disse um romano, todos devemos á puericia.

O apartamento dos escriptores em brasileiros e portuguezes fizemol-o só na phase contemporanea, em que claramente se afastaram as duas litteraturas como galhos vicejantes a partirem do mesmo tronco. Antes d'isso razão de ser não houvera tal apartamento, que apenas se fundara em ciúmes de nacionalidade, muito mal cabidos na serena esphera das letras.

Já não se nos afigurou desarrazoado, na escolha dos assumptos, optarmos por aquelles que entendessem com a nossa terra; e por isto nos sorriu que do Brazil fallassem, não sómente Rocha Pitta, Magalhães ou Alencar, mas ainda o quinhentista João de Barros, o seiscentista Francisco Manoel de Mello e o coevo Latino Coelho. Ouvir da patria por bocca estrangeira e imparcial sempre delicia para todo coração bem nascido.

Antecede aos excerptos um estudo grammatical sobre a syntaxe da proposição simples e da proposição composta, da lavra de um dos compiladores, o professor Fausto Barreto; e da do outro compilador são as noticias bio-bibliographicas antepostas ao primeiro trecho de cada autor. Nesses pequeninos resumos são as sentenças criticas quasi sempre proferidas por juizes especiaes e competentes.

Idéa tivemos tambem de anotar os trechos, solvendo as maiores duvidas que a jovens leitores nelles podessem occorrer; porém nol-o vedou a escassez do tempo, ficando para melhor occasião o que em tal sentido havíamos começado.

O titulo de *Anthologia* muito de industria o adoptámos. Si os vocabulos podem ter cheiro, este é de certo um dos mais odoríferos. Em seus dois elementos effectivamente reúne a idéa da *flôr* e a da *palavra*, que é a flor do entendimento. Não havia senão os Gregos para formarem vocabulos como esse! Aproveitemol-o.



E elle tambem prevenirá o leitor benigno de que se não scandalize de quaesquer lacunas. Um ramilhete não é um horto botânico. Basta que formosas e aromaticas sejam as flores aqui reunidas, e que offereçamos á mocidade de ambos os paizes onde se falla o portuguez.

FAUSTO BARRETO.

CARLOS DE LAET.

## PREFACIO

### DA SEGUNDA EDIÇÃO

---

Estampou-se a 1.<sup>a</sup> edição da *Anthologia Nacional* em principio de 1895, e mal decorrerá um anno quando pelo editor fomos avisados da escassez de exemplares.

Tão rapido consumo bem claro demonstra quão benevolo acolhimento obteve este opusculo, cujo merito, somos os primeiros a reconhecer-o, quasi se reduz a discretamente escolher no opulento vergel da patria litteratura; e, posto que nos não deslumbrem os animadores juizos que saudaram o nosso humilde trabalho, assim na imprensa diaria como em particulares conceitos de mestres e collegas, sem requintes de modestia nos é licito acreditar que não muito nos distanciámos do que devera ser feito.

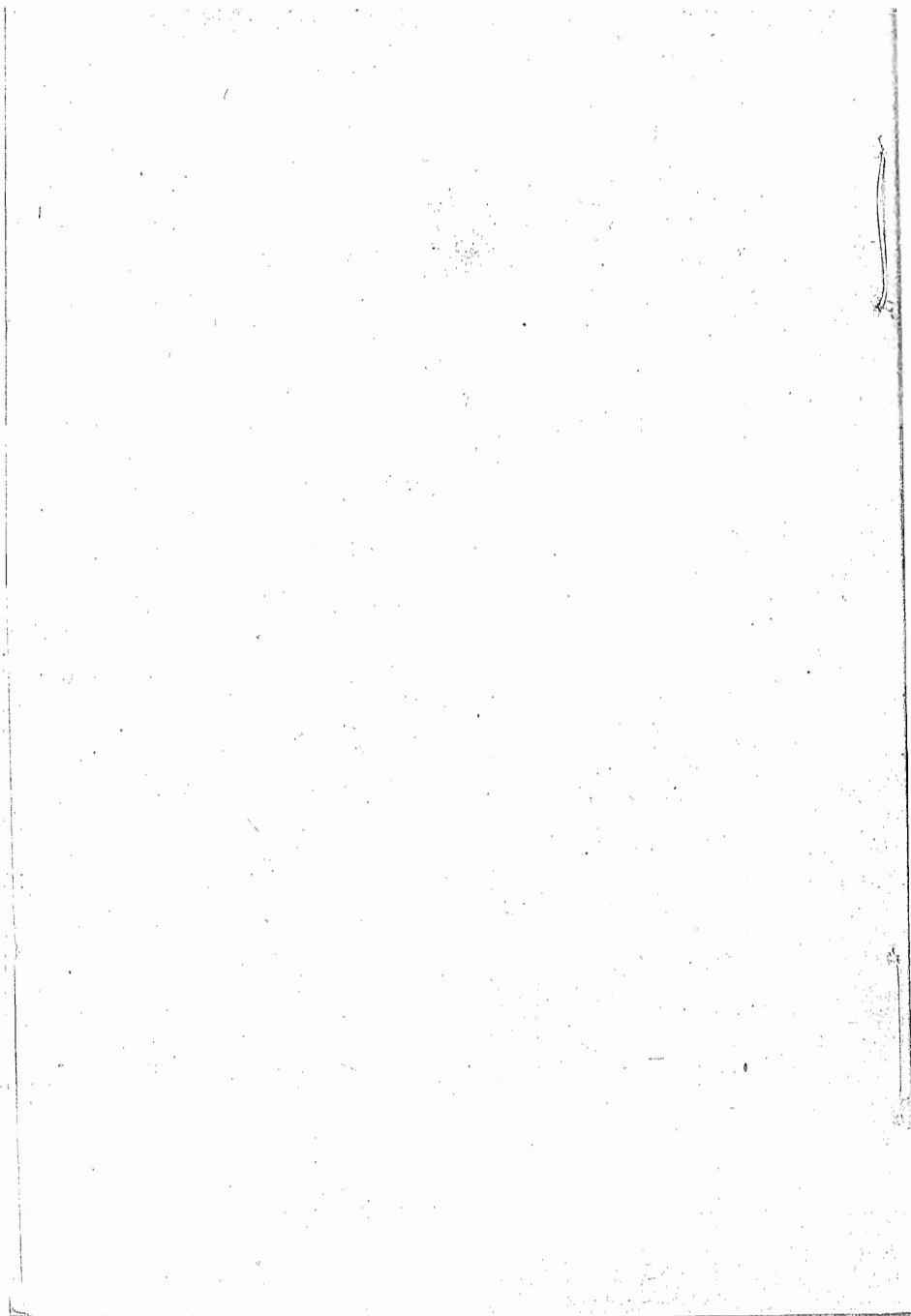
Não desejando, por ora, o honrado editor alongar um livro oficialmente adoptado em varias casas de ensino, e que cumpre não tornar caro, principalmente na quadra actual, resolvemos não ampliar a obra, limitando-nos a expurgal-a de alguns senões.

As irregularidades graphicas que muito de industria deixaramos em alguns trechos de escriptores antigos, como elementos para estudos de orthographia comparada, nós as emendamos agora, por nos haver a pratica ensinado que a não poucos alumnos induziam a erro taes anomalias. O vulgar proloquio — *que nada se pôde fazer diante de crianças* — mais uma vez teve foros de verdade.

Assim, não augmentada, mas certamente emendada e correcta, reimprimimos a *Anthologia Nacional*, e, confiados no favoravel veredicto que já logrou no tribunal dos competentes, respeitosa solicitamos a confirmação da sentença.

FAUSTO BARRETO.

CARLOS DE LAET.



## DUAS PALAVRAS

COMO ANTELOQUIO DA 6.<sup>a</sup> EDIÇÃO

---

Por incumbencia do Sr. Francisco Alves, augmentei a ultima edição da *Anthologia Nacional*, que por mim e pelo meu estimavel collega Sr. Fausto Barreto foi organizada em 1895, e desde então nunca perdeu a primeira linha entre as congeneres obras didacticas.

Tendo tomado, como firme proposito, a resolução de só incluir nesta collecção os excerptos de escriptores que além de outras consagrações tambem tivessem a da morte, nesta edição se não de achar nomes e artigos de alguns contemporaneos distinctissimos e que infelizmente já não figuram entre os vivos.

Em tudo e por tudo ficou mantido o aspecto da obra, respeitando-se nisto a opinião que geralmente a tinha applaudido.

Se numerosas assim foram as ampliações na parte relativa á época actual, nada augmentei no tocante aos escriptores de outras quadras; e para isto, bem como para a discreta limitação dos excerptos, claro está que contribuiu a indole deste livro, que demasiado não se poderia alongar sem perder as suas vantagens de economico e portatil.

CARLOS DE LAET.

---

## CONVEM LER

Levemente augmentada sai a lume esta 7.<sup>a</sup> edição. Consagrados pela morte, entraram neste modesto pantheon João Cardoso (Barão de Paranapiacaba) e Sylvio Romero: e já desde muito tempo aqui deveramos ter collocado o popular comediographo Martins Penna, a quem ora abrimos espaço.

Na phase seiscentista parecem-nos aceitado admittir o moralista D. Frei Amador Arraez, e Fr. Antonio Brandão, escriptor este que com outros architectou a *Monarchia Lusitana*; bem como o bahiano Botelho de Oliveira, que primeiro poetou sobre a natureza da nossa patria.

Supprimiu-se apenas um trecho, não divertidamente alongado, do romancista Francisco de Moraes.

Mais não fizemos pelo receio de que o livro deixasse de ser commodamente portatil: e por contentes nos damos se continuar merecendo o favor publico que até hoje o tem galardoado.

---

# NOÇÕES ELEMENTARES

## DE SYNTAXE DA PROPOSIÇÃO SIMPLES E DA PROPOSIÇÃO COMPOSTA

---

*Periodo grammatical* ou *proposição* é a expressão de um ou mais pensamentos por meio de palavras.

Divide-se em periodo *simples*, e periodo *composto* ou *proposição composta*.

Podemos também dizer, usando de outra expressão consagrada, que a proposição é *simples* ou *composta*, segundo nella se contém uma ou mais *afirmações*.

No pensamento expresso pela proposição affirmamos alguma coisa de um ser. O ser de que se afirma alguma coisa, chama-se *sujeito*; o que se afirma deste ser, chama-se *predicado*. Ex.:

<i>Sujeito</i>	<i>Predicado</i>
Antonio	vive

*Sujeito* e *predicado* são os termos *essenciaes* da proposição.

Assim como elementos morphologicos de ordem secundaria se agglutinam ao thema da palavra, modificando ou determinando a idéa principal, expressa pelo nucleo radical; assim, na proposição elementos syntaxicos de natureza accessoria occorrem, tendo por fim modificar ou determinar o sentido dos elementos primarios ou *essenciaes*.

Assim, em seu maior desenvolvimento, contém a proposição, além dos *essenciaes*, termos *accessorios*.

Os termos modificadores do sujeito, bem como do substantivo em geral, são representados pelo *objectivo* e por palavra ou expressão de natureza *adjectiva*, e por isso funcionam como *attributos* ou *adjuntos attributivos*. Ex.: A bondade *divina* é infinita; a bondade *de Deus* é infinita; a bondade *que é de Deus*, ou a bondade *que é divina*, é infinita; Camões, o *épico portuguez*, escreveu bellissimos sonetos; na livraria *do Garnier* se vendem bons livros (ou na livraria *Garnier*, com ellipse da preposição); Moysés morreu no monte *Nebo*; pozeram na cabeça do Filho do Homem a inscripção — *Este é Jesus, Rei dos Judeus*, etc.

Os modificadores do predicado são representados, assim pelo *substantivo* e por palavra ou expressão de natureza substantiva, como pelo *adverbio* e por palavra ou expressão de natureza *adverbial*; e funcionam, no primeiro caso, como *objecto*, e, no segundo, como *complemento* ou *adjunto adverbial*.

O objecto divide-se em *directo* e *indirecto*.

Chama-se objecto directo o termo que modifica immediatamente (sem connectivo preposicional) o sentido do predicado. Ex.: Pedro comprou *casas*; elle feriu-me; Deus premeia os *bons*; não conheço o *porque* do negocio; estimo que *tu venhas* = estimo a tua vinda.

Chama-se objecto indirecto o termo que modifica mediatamente (por meio de preposição) o sentido do predicado, como: Preciso *de livros*; preciso *dos bons e dos maus*; preciso *de que venhas*, etc.

Quando o objecto indirecto for expresso pelas variações pronominaes — me, te, se, lhe, lhes, nos, vos — precedido não será de preposição, visto conservar em si a força synthetica dos dativos latinos. Em condições especiaes o objecto directo é acompanhado de preposição, como se vê nos exemplos seguintes: — Eu amo *a Deus*, estimo *a meus paes*; arrancam *das espadas* de aço fino; creio *em Deus*; cumpri *com o meu dever*, etc.

Taes construcções, abonadas pelos mestres da lingua, muito concorrem para a elegancia e clareza da phrase ou para melhor conformação do periodo. São verdadeiros casos de typos syntacticos divergentes,



As preposições que esporadicamente acompanham o objecto directo, são chamadas por alguns grammaticos *partículas de realce* ou partículas expletivas; mas uma vez que exemplos ha de objecto directo acompanhado de preposição não expletiva, como se vê no seguinte verso de Camões: *Nem elle entende a nós, nem nós a elle*, melhor fôra dizer que em proposições taes como — o povo adora a Deus — eu amo a meus paes — nem tu entendes a mim, nem eu a elle — etc., temos o que bem se poderia chamar *objecto directo esporadicamente preposicional*.

A denominação é longa, mas, parece-nos, convém á cousa, comprehende os casos de preposições expletivas, e certo não é o unico exemplo de expressão periphrastica empregada na terminologia grammatical.

O *complemento* ou *adjunto adverbial*, representado, como deixamos dito, pelo adverbio ou por expressão de natureza tal, accrescenta ao predicado uma circumstancia particular que necessaria não é para que completo seja o sentido do termo por elle modificado. Ex.: O rio corre *majestosamente* ou *com majestade*; Pedro não sai *quando anoitece* = Pedro não sai *de noite*; visitei *no domingo, á noite*, um amigo meu.

Elementos morphicos de valor secundario podem ser modificados por outros elementos morphicos secundarios, o que se verifica quando suffixos se aggregam a palavras em que já existem raizes desinenciaes, e em muitos outros casos que a morphologia nos ensina; facto correlativo se observa na proposição, em que membros accessorios podem ser modificados por membros tambem accessorios. Assim, o *attributo* pôde modificar o substantivo *objecto* e o substantivo *adjunto adverbial*, etc., como: Pedro comprou *boas* casas; ella escreve com rapidez *admiravel*; — do mesmo modo que o *adjunto adverbial*, pôde modificar o attributo e outro adjunto adverbial, como: Pedro comprou *muito boas* casas; o orador fallou *extraordinariamente* bem.

Com o que temos dito em relação ao *attributo* e ao *adjunto adverbial*, vê-se que com estas duas funcções syntaxicas accessorias se conforma o valor morphologico do adjectivo e do adverbio, aquelle satellite do substantivo, este subalterno do verbo, do adjectivo e do proprio adverbio.

E' a ligação do órgão á função, da anatomia da palavra á physiologia da palavra.

Já vimos como podem ser expressos os termos modificadores dos termos essenciaes da proposição: vejamos agora como podem ser representados o *sujeito* e o *predicado*.

O *sujeito* é representado pelo substantivo, ou por palavra ou expressão de natureza substantiva, como: *Herculano* foi um grande cidadão; as *plantas* nascem; os *bons* serão recompensados; *eu* sou pobre; *pró* e *contra* são antonyms; *trabalha que eu te ajudarei* é phrase historica; necessario é *que trabalhes*, etc.

O *predicado* é expresso simplesmente pelo verbo, quando este tem predicação completa, como: O vegetal *cresce*. Si, porém, incompleta fôr a predicação do verbo, será o *predicado* completo representado pelo verbo e por seus termos modificadores. Ex.: O Filho do Homem *amava os humildes*; o jury *condemnou o réo*.

São de predicação completa os verbos intransitivos, e de predicação incompleta os transitivos.

Entretanto, pequeno numero de verbos ha intransitivos cuja predicação é incompleta, como: Eu *estou* rico; ella *parece* pobre; tu *ficas* bom; este homem é de probidade, *está* sem dinheiro, etc.

Os adjectivos e expressões adjectivas — *rico* — *pobre* — *bom* — *de probidade* — *sem dinheiro* — que se referem ao *sujeito*, completando a predicação do verbo, funccionam, não como attributos, mas como adjunctos predicados.

O adjectivo predicativo exprime affirmação como elemento componente do *predicado* verbal, exemplo: A casa é *pequena*; ao passo que o objectivo attributivo fórma com o substantivo uma locução nominal, como: Incendiou-se uma casa *pequena* (casinha).

Em resumo:

Cinco são as relações das palavras na proposição simples:

- 1.<sup>a</sup> Sujeito ou relação subjectiva;
- 2.<sup>a</sup> Predicado ou relação predicativa;
- 3.<sup>a</sup> Attributo ou relação attributiva;
- 4.<sup>a</sup> Objecto ou relação objectiva;
- 5.<sup>a</sup> Complemento ou adjunto adverbial.

## PERIODO COMPOSTO OU PROPOSIÇÃO COMPOSTA

### COORDENAÇÃO

Duas são as relações das proposições simples na proposição composta: a) Relação de *coordenação*; b) Relação de *subordinação*.

Quando duas ou mais proposições se acham em relação lógica, ou, por outros termos, quando duas ou mais proposições de igual força significativa, ou da mesma categoria no pensamento, concorrem para a formação de período composto, diz-se que taes proposições se acham em relação de *coordenação*.

Quando se diz — *O tigre é perverso e o leão é generoso* — contém este período composto duas proposições, quanto ao sentido e quanto á fôrma, as quaes, sendo grammaticalmente independentes, occupando a mesma categoria no pensamento, se dizem *coordenadas*.

As proposições simples se coordenam no período composto:

a) Por mera *juxtaposição*, como: *Pedro desenha, Paulo canta; não contradigas a verdade, envergonha-te de mentir*;

b) Por meio de connectivos approximativos (conjuncções coordenativas ou de 1.<sup>a</sup> classe) como:

*Os moços brincam e os velhos trabalham; Pedro não é inteligente, mas é applicado; recebei o presente ou acceitai o dinheiro; eu penso, logo existo.*

Quatro são os connectivos das proposições coordenadas:

- a) connectivo *copulativo* (e);
- b) connectivo *adversativo* (mas);
- c) connectivo *disjunctivo* (ou);
- d) connectivo *illativo* (logo).

As proposições ligadas por juxtaposição se dizem *asyndeticamente* coordenadas; as ligadas por meio de conjunções approximativas se dizem *syndeticamente* coordenadas.

Quando as proposições compostas por coordenação contêm termos communs, estes sómente se expressam uma vez, e taes proposições se chamam *contractas*, como: *Deus creou no céu as arvores, no mar os peixes; alevantou-se a plebe e logo commetteu um crime.*

Nos exemplos seguintes: *Dois e dois fazem quatro; elle não poudé misturar o óleo e a agua;* — não ha contracção de proposições, apezar da presença da conjuncção, que é ligamento interproposicional, como a proposição é ligamento intervocabular.

Nos mencionados exemplos, como em raros outros, ha pela conjuncção invasão da jurisdicção preposicional, assim como, ás vezes, ha pela preposição invasão do dominio conjuncional. Ex.: *tres e tres — tres com tres — são seis; o capitão com os soldados padeceram mil privações.* Phrases como estas mais não são que phenomenos de pathologia syntactica.

#### SUBORDINAÇÃO

A proposição composta por *subordinação* mais não é que o desenvolvimento da proposição simples.

As proposições constitutivas do periodo composto por subordinação se ligam, não mediante relação *logica*, mas mediante relação *puramente grammatical*.

Assim, quando se diz — *Eu estimo que tu partas* — temos duas proposições quanto á *fôrma* e não quanto ao *sentido*: a proposição — *eu estimo* — não exprime um pensamento senão com auxilio da segunda — *que tu partas*. — Ha duas proposições grammaticalmente relacionadas.

A proposição simples torna-se composta por subordinação quando um dos seus termos — sujeito — objecto — attributo — complemento adverbial — se expande sob á fôrma de um pensamento. A proposição simples — *estimo a tua partida* = *Estimo que partas*.

A proposição, desdobramento de um dos termos oracionais citados, tem a mesma natureza e funcção desse termo: tal propo-

sição, desenvolvimento de termo accessorio, *accessoria* também será; e a expressão oracional cujo termo se expande em proposição accessoria ou *subordinada* (clausula), toma o nome de *principal*, como: O menino *estudioso* (*que estuda*), aprende. A proposição — *que estuda (estudioso)* — é subordinada em relação a — *O menino aprende* — que é a principal.

Cumprê notar que, assim como um termo accessorio pôde também modificar outro accessorio, uma proposição subordinada pôde também modificar outra subordinada; ex: — Dizem que teu irmão não aprende, *porque não estuda convenientemente*.

Neste periodo — *dizem* — é a proposição principal; — *que teu irmão não aprende* — é proposição subordinada de 1.<sup>a</sup> categoria, por modificar a proposição principal; e — *porque não estuda convenientemente* — é subordinada de 2.<sup>a</sup> categoria, porque modifica uma accessoria de 1.<sup>a</sup>.

Conforme a contextura do periodo haverá subordinadas de 1.<sup>a</sup> categoria, de 2.<sup>a</sup>, de 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, etc.

Serão, porém, de igual categoria duas ou mais proposições que se referirem ao mesmo termo da proposição modificada, como: Digno de censura é o filho *que não accêita as admoestações paternas, que não aproveita dos sacrificios feitos em seu interesse, que não honra e estima os auctores de seus dias*.

Neste exemplo ha quatro proposições subordinadas, modificando todas o termo — *filho*.

As relações entre as proposições subordinadas e as subordinantes se exprimem por meio de conjugações de 2.<sup>a</sup> classe ou *subordinativas*, e por meio de *adjectivos* e *pronomes relativos*.

Quanto ao *connectivo*, a proposição subordinada se diz *conjuncional*, quando se liga a um termo da subordinante por meio de conjunção simples ou composta, como: não quero *que* trabalhes; estudei *emquanto* elles brincavam; e *relativa*, quando se liga a um termo da subordinante por meio de adjectivo ou pronome relativo, como: O orgulho *que* quer humilhar, é vil; o orgulho *que* não quer deixar-se humilhar é nobre.

Quanto á *natureza*, a proposição se diz *substantiva*, *adjectiva* ou *adverbial*, segundo tem a força significativa de uma destas tres categorias grammaticaes, como: Contam *que* elle chegou (a sua

chegada); o homem *que tem probidade* não mente — o homem *probo*, etc.; eu entrei *depois que elles sahiram* (depois de sua *sahida*).

Quanto á *função*, a proposição se diz *subjectiva*, *objectiva*, *attributiva* ou *adverbial*, segundo funciona como *sujeito*, *objecto*, *attributo* ou *adjunto adverbial*.

### Quadro synoptico das proposições no periodo de coordenação

Coordenadas asyndeticas.....	{	O tigre é perverso, o leão é generoso.
Coordenadas syndeticas.....	{	Pedro é bom e João é mau. Eu aceito o dinheiro ou recebo o presente. Pedro não é amigo de Paulo, mas Paulo é amigo de Pedro. Eu penso, logo existo.

### Quadro synoptico das proposições no periodo composto por subordinação

QUANTO AO CONNECTIVO	QUANTO AO VALOR	QUANTO Á FUNÇÃO
Proposição conjuncional	Proposição	Subjectiva: Convém <i>que estudes</i> .
	Substantiva	Objectiva directa: Desejo <i>que trabalhes</i> .
	Adverbial	Objectiva indirecta: Preciso de <i>que venhas</i> .
Proposição relativa	Adverbial	Circumstancial: Eu estudo, <i>emquanto elles dormem</i> .
	Adjectiva	Attributiva: O tempo <i>que se perde</i> não se recupera mais.

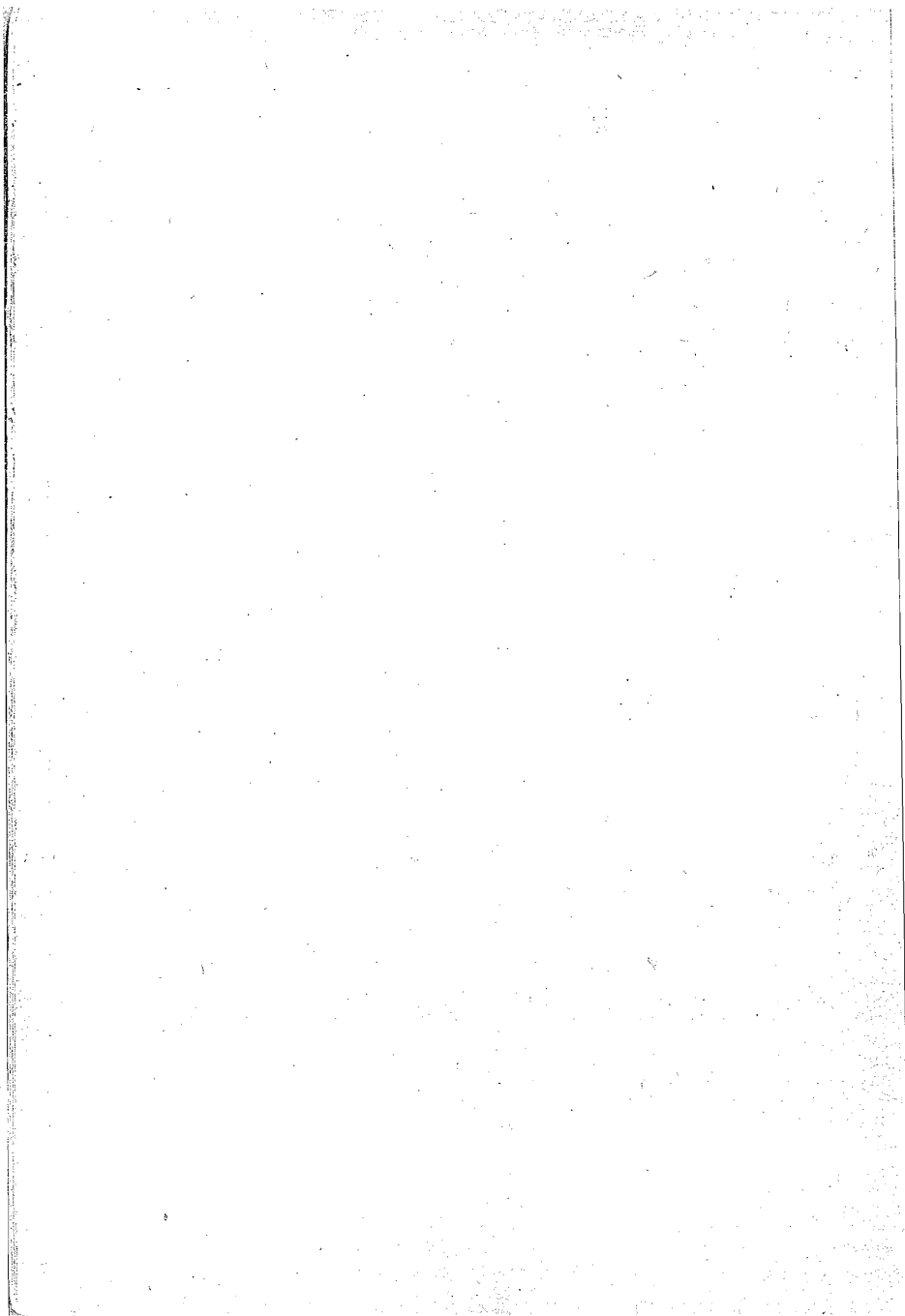
Salvo um ou outro modo de apreciar o assumpto, rapido resumo do que em materia de syntaxe das proposições temos aprendido em livros de bons mestres, representam as noções que ahi ficam simples e elementarmente expostas.

FAUSTO BARRETO.

PARTE I

---

PROSADORES  
PHASE CONTEMPORANEA  
(Seculo XIX, depois de 1820)





## ESCRITORES BRASILEIROS

---

João Francisco Lisboa (Maranhão, 1812-1863) redigiu com brilhantismo diversas folhas desde 1832 até 1836, época em que interrompeu os labores da imprensa, que aliás pouco mais tarde reencetou. Em 1852 começou a publicação de uma interessante revista, *Jornal de Timon*, onde escreveu à luz dos documentos a história civil, econômica e administrativa do Maranhão.

Incumbido, pelo governo, de colligir documentos históricos, partiu para Lisboa, e ali morreu, deixando uma obra postuma — *A Vida do Padre Antonio Vieira*.

O finado Antonio Henrique Leal publicou as obras completas de Lisboa, de quem disse Innocencio da Silva — ter sido “um espirito penetrante, que reunia ás theorias uma dicção copiosa, castiga e fluente”.

### Vocação de Vieira.

Não contava bem Antonio Vieira oito annos de idade, quando em 1615 teve de acompanhar sua familia para a metropole do Brasil. Da razão desta viagem não ha cabal certeza; mas presume-se que Christovão Vieira Ravasco, seu pae, viera despachado a servir algum emprego, talvez o de secretario do Estado, que depois exerceu durante toda vida seu filho Bernardo Vieira Ravasco, irmão mais novo do padre.

Mal desembarcou na Bahia, começou este a estudar os primeiros rudimentos e humanidades, frequentando as escolas dos Jesuitas, que floresciaam então ali, como em toda

a parte, com grande aproveitamento da mocidade.. Mostrava-se Antonio Vieira assiduo e fervoroso nos estudos, e lidava devéras por avantajar-se aos demais seus condiscipulos; mas conta-se que nos primeiros tempos, apesar da natural vivacidade que desde os mais tenros annos manifestára, não podéra fazer grandes progressos, pelo não ajudar a memoria rude e pesada, e como toldada de espessa nuvem. Era o estudante grande devoto da Virgem; e um dia que, ajoelhado ante a sua imagem, e cheio dô pezar e abatimento que lhe causava aquella natural incapacidade, a implorava em fervorosa oração para que o ajudasse a vencer semelhante obstaculo, de repente sentiu como um estalo e dôr aguda na cabeça, que lhe pareceu que ali acabaria a vida. Era a Virgem que sem duvida escutára e deferia a supplica ardente e generosa; e era o véo espesso, que trazia em tão indigna escuridade aquelle juvenil engenho, que num momento se rasgava e desfazia para sempre. Guiou d'ali Vieira para a escola com grande alvoroço, e sentiu-se tão outro do que fôra até então, que logo animosamente pediu para argumentar com os mais sabedores e adiantados. E a todos venceu e desbancou, com entranhavel assombro do mestre que bem conheceu andava naquillo grande novidade. Assim o referem pelo menos as chronicas da Ordem; e, se a anecdota não é verdadeira, é pelo menos calculada para dar uma côr romanesca e maravilhosa aos primeiros lampejos deste engenho novel, que mais tarde havia deslumbrar o mundo pelo seu extraordinario fulgor.

(J. F. LISBOA, *Obras completas*,  
tomo IV, p. I, pag. 9.)

### Importancia politica de Vieira.

A parte que em taes negocios tomava o padre Antonio Vieira, consistia em repetidas missões a diversas côrtes da Europa, e em planos e arbitrios que propunha a el-rei, sobre a administração, guerra, marinha e outros assumptos. Esses trabalhos enumerou-os elle largamente em uma carta apologetica que escreveu ao conde da Ericeira, e cuja data ignoramos por se ter perdido o final d'ella. (E' a 118ª do T. 2º.) Alli vemos que propoz a creação de duas companhias de commercio, á imitação das da Hollanda, uma para o Brasil e outra para a Índia. A chimera chegou a organizar-se, posto que mais tarde. O seu fim era enriquecer Portugal pelo commercio, proporcionando-lhe ao mesmo tempo meios de fazer a guerra a seus inimigos, e de manter a possessão das suas colonias contra a Hollanda.

Nesse mesmo intento, e considerando porventura mais difficil conservar a Índia que o Brasil, propoz que se cuidasse seriamente de transplantar para esta ultima região as drogas d'aquella, porquanto com este expediente ficaria completamente arruinado o commercio que a Hollanda fazia no Oriente, podendo Portugal fornecel-as á Europa por preços muito mais vantajosos, como quem as trazia de mais perto, e com menos custo.

Entretanto, assevera Constancio na sua *Historia do Brasil* (T. 1º, pags. 472 e 473) que o procurador da fazenda Pedro Fernandes Monteiro fôra quem em 1647 propozera a creação de uma companhia de commercio do Brasil, plano que foi adoptado pela Mesa de consciencia e ordens; ao passo que o P. Antonio Vieira, a quem el-rei communicou as deliberações, aconselhára o abandono e sacrificio de Pernambuco para se conservar a Índia, expondo a sua opinião em um memorial, cujas razões pareceram tão solidas a D. João IV que o denominou de *papel*

*forte*. Sem contestarmos a veracidade destas noticias, só diremos que Antonio Vieira nos transmite as suas em contrario, na carta já citada, com taes circumstancias e pormenores que seria temeridade pôl-as em duvida. E no *Portugal Restaurado*, tractando o conde da Ericeira dos successos deste anno de 1647, refere o mesmo que nós colligimos da carta de Vieira, isto é, que o padre votára pela conservação do Brasil, depois de resumir e comparar em um escripto brilhante todas as opiniões do conselho que el-rei havia submettido ao seu exame.

Para acudir ao Brasil, propoz igualmente o padre a compra de quinze fragatas de trinta peças, que em Amsterdão lhe offereceram por vinte mil cruzados cada uma, postas em Lisboa apparelhadas de todo o necessario. O alvitre agradou, mas para o pôr por obra eram necessarios trescentos mil cruzados, e não os havia á mão. Indicou Vieira um leve imposto sobre a frota que havia chegado do Brasil naquelles dias, opulentissima de mais de quarenta mil caixas de assucar. Mandou-lhe Sua Magestade que pozesse tudo aquillo em um papel *sem labia*, e passados poucos dias fez-lhe saber que, mandando consultal-o por seus ministros, responderam estes *que o negocio estava muito cru*. Mas eis que apenas passam seis mezes, e chegam noticias de como Segismundo apertava com a Bahia, e fazia grande falta a armada que não comprára nem mandára. Interpellado Vieira por el-rei acerca desta difficuldade com as seguintes palayras: — Que vos parece que façamos? — “O negocio, senhor, (respondeu elle) é mui facil. Não disseram a V. M. os ministros que aquelle negocio era muito cru? Pois então cozam-n’o agora.”

O corteção triumphava sem muita caridade dos embaraços dos ministros e ainda do seu proprio rei. Esses embaraços não pararam aqui. Assentou-se em conselho que era indispensavel soccorrer a Bahia, e para isso se havia mister de trescentos mil cruzados, sem occorrer todavia a maneira de achal-os. Tornou el-rei a communicar

o caso com o padre, e este lhe respondeu indignado : "Basta, senhor, que a um rei de Portugal hão de dizer seus ministros que não ha meio de haver 300.000 cruzados com que acudir ao Brasil, que é tudo o que hoje temos! Ora, eu com esta roupeta remendada espero em Deus que hoje mesmo hei de dar a V. M. toda esta quantia." — E assim foi, que a obteve immediatamente de emprestimo por intermedio de um negociante, seu amigo e antigo conhecido do Brasil.

A noticia destas e outras proezas semelhantes, e especialmente a do projecto da Companhia Occidental, fez dizer aos mais abalizados politicos de Roma — que, pois havia em Portugal sujeitos tão cabaes que sabiam excogitar semelhantes arbitrios, já não era possivel duvidar da conservação do reino, apesar de todo o poder dos seus inimigos.

(*Idem*, t. IV, part. II, pag. 341.)

---

Francisco de Sales Torres Homem, *Visconde de Inhomerim*, formou-se em medicina pela faculdade do Rio, e em direito pela universidade de Paris. Nascido no Rio em 1812 exerceu importantes cargos: — director geral das rendas, presidente do Banco do Brasil, e duas vezes ministro da fazenda. Deputado provincial e geral, tomou assento no senado como representante do Rio Grande do Norte. Pamphletista mordaz, publicou o *Libello do povo* sob o pseudonymo de *Timandro*, manifestando tendencias anti-dynasticas, de que depois se retractou. Como escriptor politico, orador parlamentar e estudioso financeiro, prestou ao nosso paiz os mais relevantes serviços, e, entre as feições caracteristicas da sua poderosa individualidade, cumpre não esquecer que foi sempre strenuo adversario da escravidão.

Do seu disperso espolio parece-nos interessante divulgar o artigo que em seguida se lê, de 1843, e no qual, em resumo, está dito tudo quanto se houve de repetir um quarto de seculo depois.

O Visconde de Inhomerim morreu em 1876, na cidade de Paris.

### Colonização.

Infelizmente nada se ha feito até aqui sobre tão importante objecto; nem ao menos se curou de attenuar, tanto quanto cabia na alçada do legislador, os effeitos da proxima e terrível crise, que pela cessação do trafico tem de vir aos nossos plantadores. D'aqui a poucos annos, é mister que ninguem se illuda, essa cessação será completa, attento o afinco portentoso com que n'isso trabalha a Inglaterra, a natureza dos meios e recursos illimitados de que dispõe, e então o agricultor brasileiro que, fascinado de anno em anno pela esperança enganadora de que o contrabando durará sempre como até aqui, fechou os olhos ao porvir, achar-se-ha lançado repentinamente na posição mais afflictiva, reduzido a mudar em um só dia, por assim dizer, um methodo de trabalho que existe ha tres seculos; e sujeito portanto inevitavelmente a tão subita revolução operada na industria nacional.

Na imminencia de semelhante crise, suspensa sobre a cabeça de nossos lavradores como uma nuvem carregada de tempestades, não tinhamos acaso direito de esperar que as camaras legislativas tratassem sem perda de tempo, senão de prevenil-a, ao menos de diminuir as suas consequencias indeclinaveis, por meio de uma lei de colonização, que attrahisse pouco a pouco ao nosso sólo os braços exuberantes da industria européa, dispondo e preparando assim gradualmente o paiz á grande mudança que se tem de operar no systema de trabalho, á substituição da industria servil pela industria livre? Nenhuma providencia porém se tomou; nem um só instante este objecto, que preoccupa tão vivamente a todos quantos olham em torno de si, e d'ahi estendem as vistas para o futuro, fixou a attenção dos representantes da nação!

Que deploravel incuria!

No entanto, por deficiência de medidas capazes de encher as lacunas que a morte deixa na escravatura, o contrabandista de homens, o introductor da barbaria no meio da nossa civilização retardada, está seguro da impunidade. Por essa longa costa do Brasil o trafico se tem tornado franco e livre de riscos, e o nosso paiz vae sendo inundado, sem medida, de gente grosseira e estúpida, cujo numero existente deverá sériamente assustar-nos.

Capitães immensos empregados em negros são todos os annos sepultados debaixo da terra, ou annullados pela velhice; e entretanto a facilidade de achar á mão estas machinas já feitas impede que olhemos para tantos melhoramentos, introduzidos pela actividade do genio europeu nos processos da industria, e que procuremos para o Brasil uma população melhor, convidando de outras nações colonos, que por conta de particulares venham cultivar o nosso solo.

A existencia dos escravos, e, o que é mais fatal á civilização, a sua continuada importação d'esses sertões d'Africa, perpetúa a ignorancia e a ignavia em uma classe numerosa de nossos lavradores, e torna impossivel desbastar os erros que na agricultura tem introduzido a rotina cega dos tempos passados. O escravo não tem interesse algum no aperfeiçoamento; o mesmo estímulo do lucro não o punge para melhor o methodo por que desempenha a sua aborrecida tarefa: machina caduca, embrutecida pelo seu proprio estado e pela vida selvatica que passou na terra natal, elle não pode ser senão um imperfeitissimo instrumento para o adiantamento da nossa lavoura, e é de todo inutil para as artes e custeio de qualquer manufactura.

Se por este lado a continuação forçosa do trafico é uma praga que se lançou sobre a nossa terra abençoada, e que ha retardado a verdadeira prosperidade, aviltando e entorpecendo ahi a industria, sem a qual não ha progresso nem ventura social, que diremos dos seus effeitos pelo que toca ao moral! Quem não vê que certos habitos, con-

trahidos por muitos de nossos compatriotas, são oriundos da escravidão! Desde a infancia temos quem nos sirva em todos os menores movimentos da vida; desdenhamos o trabalho como só proprio da condição servil, e assim ganhamos defeitos que nos são funestissimos na carreira toda da existencia.

A escravidão leva a corrupção e o vicio até o centro das familias, quer seja por exemplos reiterados da mais grosseira immoralidade, quer pela depravação que infiltra na alma innocente de tantos meninos confiados aos desvelos de estupidos escravos, só pedagogos da infamia e preceptores do crime. Que exemplo recebem elles dos seus primeiros aios, dos companheiros de seus brincos, dos conductores de sua infancia! E, será livre, moral na carreira publica, o homem que desde o berço se acostumou a ser despota e tyranno no sacrario da existencia domestica? Que facilidade aberta para toda a especie de desordens moraes! E, todavia, continua-se na apathia a respeito de um objecto que, mais que qualquer outro, devia interessar-nos, como é o da colonização européa!

(*Minerva Brasiliense*, Tom. 2.º,  
n. 15, pags. 448-449.)

---

Luiz Carlos Martins Penna (Rio de Janeiro, 1815-1848) Orphão e educado por seus tutores; fez em 1835 o curso da Aula de Commercio, e, arrastado por manifestas tendencias artisticas, frequentou a Academia Imperial de Bellas Artes, adquirindo noções de pintura, esculptura, architectura e musica. Urgido pela necessidade, accitou o emprego de amanuense da Mesa do Consulado no Rio de Janeiro, onde serviu desde 1838 até ser transferido em 1843, com igual categoria para a secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros. Em 1847 partiu para a Europa como addido á legação brasileira em Londres.

Não lhe sendo ahi favoravel o clima, deliberou regressar ao Brasil, mas em meio da viagem falleceu na cidade de Lisboa, em fins de 1848.

Applicando-se á litteratura dramatica, escreveu muitas co-



medias e alguns dramas. Folhetins e chronicas, no *Jornal do Commercio*, completam o seu espolio litterario.

Não passam de nove as comedias de Martins Penna que foram impressas, e depois reunidas em uma edição da casa Garnier, com estudos historicos e criticos de Mello Moraes Filho e Sylvio Romero. *O Juiz de Paz da roça*, o *Judas em sabbado de Alleluia* e *O Noviço* são as mais conhecidas de taes produções, que sobretudo primam pela naturalidade das situações, singeleza da phrase e bom desenho de typos nacionaes.

### O Juiz de Paz da roça.

JUIZ

Sr. Escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO, lendo.

"O abaixo assignado vem dar os parabens a Vossa Senhoria por ter entrado com saúde no novo anno financeiro. Eu, Illustrissimo Senhor Juiz de Paz, sou senhor de um sitio que está na beira do rio, aonde dá muito boas bananas e laranjas, e, como vem de encaixe, peço a Vossa Senhoria o favor de acceitar um cestinho das mesmas, que eu mandarei hoje á tarde; mas, como ia dizendo, o dito sitio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras... E vae senão quando, um meu vizinho, homem da raça de Judas, diz que metade do sitio é delie. E então que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? Mas, como ia dizendo, peço a Vossa Senhoria para vir assistir á marcação do sitio. — *Manoel André*. — P. R. M."

JUIZ

Não posso deferir por estar muito atravancado com um roçado; portanto requeira ao Supplente que é o meu compadre Pantaleão.

MANOEL ANDRÉ

Mas, Sr. Juiz, elle tambem está occupado com uma plantação.

JUIZ

Você replica? Olhe que o mando para a cadêa.

MANOEL ANDRÉ

Vossa Senhoria não póde prender-me á tóa; a Constituição não manda.

JUIZ

A Constituição! Está bem! Eu, o Juiz de Paz, hei por bem derogar a Constituição! Sr. Escrivão, tome por termo que a Constituição está derogada, e mande-me prender este homem.

MANOEL ANDRÉ

Isto é uma injustiça!

JUIZ

Ainda falla? Suspendo-lhe as garantias!

MANOEL ANDRÉ

E' desaforo!

JUIZ, *levantando-se.*

Brejeiro! (*Manoel André corre, e o Juiz vae atraz.*)  
Péga! Péga!... Lá se foi, que o leve a breca. (*Assenta-se*)  
Vamos ás outras partes.

ESCRIVÃO, lendo.

“Diz João de Sampaio que, sendo elle senhor absoluto de um leitão, que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Thomaz, e, com a sem-ceremonia que tem todo porco, fossasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. Juiz, que o leitão, carece agora advertir, não tem culpa, porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimaria, e que pensa ás vezes como um homem. E para que Vossa Senhoria não pense que minto, lhe conto uma historia. A minha cadella Troia, aquella mesma que escapou de morder a Vossa Senhoria naquella noite, depois que lhe dei uma tunda, nunca mais comeu na cuia com os pequenos; mas vou a respeito de dizer que o Sr. Thomaz não tem razão em querer ficar com o leitão, só porque lhe comeu duas ou tres cabeças de nabo. Assim, peço a Vossa Senhoria que me mande entregar o leitão. — P. R. M.”

JUIZ

E' verdade, Sr. Thomaz, o que diz o Sr. Sampaio?

THOMAZ

E' verdade que o leitão era d'elle, porém agora é meu.

SAMPAIO

Mas si era meu, é o Sr. nem m'o comprou nem eu lh'o dei, como pôde ser seu?

THOMAZ

E' meu, tenho dito.

SAMPAIO

Pois não é, não, senhor... (*Agarram ambos no leitão e puxam cada um para seu lado.*)

JUIZ, *levantando-se.*

Larguem o pobre animal! Não o matem!

THOMAZ

Deixe-me, senhor!

JUIZ

Sr. Escrivão, chame o meirinho. (*Os dous apartam-se.*) Espere, Sr. Escrivão, não é preciso. (*Assenta-se.*) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa... Não digo com isto que m'o dêem.

THOMAZ

Lembra Vossa Senhoria bem, Peço licença a Vossa Senhoria para lhe offerecer.

JUIZ

Muito obrigado. E' o senhor um homem de bem, que não gosta de demandas... E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO

Vou a respeito de dizer que, si Vossa Senhoria acceita, fico contente.

JUIZ

Muito obrigado, muito obrigado. Faça o favor de deixar ver... Oh! homem! está gordo! tem toucinho de quatro dedos! Com effeito! Ora, Sr. Thomaz, eu que gosto tanto de porco com ervilhas...

THOMAZ

Si Vossa Senhoria quer, posso lhe mandar algumas.

JUIZ

Faz-me muito favor. Tome o leitão, e bote no chiqueiro quando passar. Sabe onde é?

THOMAZ, *tomando o leitão.*

Sim, senhor.

JUIZ

Podem-se retirar. Estão conciliados.

(MARTINS PENNA, *Comédias*, ed. Garnier, pags. 11-13.)

---

Francisco Adolpho de Warnhagen, *Barão e Visconde de Porto Seguro* (S. João de Ipanema, Sorocaba, 1816-1878) era filho de um official allemão, que viera para o Brasil dirigir a fabrica de ferro de Ipanema e voltou a Portugal em 1823, levando consigo a familia. Francisco de Warnhagen serviu em Portugal como militar, tomando parte na guerra de 1834 e recebendo de D. Pedro IV o posto de 2º tenente de artilharia. Depois concluiu o curso na Real Academia de Fortificação; e, tomando

gosto pelos estudos historicos, logrou ser recebido na Academia de Sciencias de Lisboa.

Em 1841 fez-se declarar cidadão brasileiro, e dahi começou a sua carreira diplomatica em Madrid, no Chile, no Perú e no Equador. Quando morreu, era enviado extraordinario junto ao governo da Austria-Hungria.

Infatigavel excavador, sobre muitos pontos escreveu memorias interessantes, em grande parte recolhidas na *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Pae da nossa historia — chamou-lhe João Francisco Lisboa, que aliás foi o seu mais fogo adversario. Bem conhecida é a sua *Historia Geral*.

Não era estylista, mas primou pela severa correcção da linguagem.

### Escriptores do reinado de D. João VI.

O dictionario de Moraes limitava-se na primeira edição a um resumo do de Bluteau; porém na segunda (1813) e na terceira (1823) appareceu tão enriquecido que se converteu em obra original e de muitissima utilidade. Moraes, livre das garras da Inquisição, obtivera no seculo dezenove licença para passar a Pernambuco, e na Moribeca se achava já em 1802. Ahi, apesar dos cuidados que demandava delle a lavoura do assucar, á qual se entregou, proseguiu na obra emprendida, voltando-se com o maior afinco ao estudo dos classicos e recolhendo dos campos e dos engenhos muitos termos usados familiarmente no nosso paiz, e a que deu, por assim dizer, sancção litteraria. Apontem-se embora no trabalho de Moraes definições pouco exactas, note-se no systema falta de concisão, de methodo e de regularidade, outros muitos meritos deve elle ter para que censores do credito e autoridade do Filinto e do patriarcha S. Luiz lhe prestassem tanta consideração.

A *Chorographia Brasílica* e o nome de Ayres do Casal hão de passar aos seculos mais remotos, pelas preciosas noticias geographicas que a obra encerra, pelo methodo e clareza do chorographo-escriptor, e até por uns tantos erros, principalmente historicos, que commetteu; e que

servem a provar o muito que desde então temos adiantado em taes estudos. Do alvará de privilegio que acompanha a primeira edição, consta que o autor pretendia publicar outra mais perfeita da mesma obra, "fructo de muitos annos de trabalho, e em que fizera consideraveis despesas."

De Southey, injustiça de nossa parte fôra não confessar que são preciosissimos os tres volumes que nos deixou, pelas muitas noticias que encerram, e das quaes algumas não se encontram senão ahi, o que praticamente tentámos por vezes indicar com varias remissões a essa obra.

Infelizmente, porém, deixou este autor quasi virgem o importante periodo decorrido desde o ultimo quartel do seculo passado até ao seu tempo, como havia deixado o periodo que comprehende o seculo XVI e que se contém nos primeiros doze capitulos do primeiro volume, que elle se viu obrigado a reimprimir em 1822, para introduzir addições e correccões que julgou essenciaes, em vista da apparição de novos documentos, que o obrigaram a reconhecer, em dezembro de 1821, que reconhecia "quanto a historia do Brasil poderia ganhar com exames e estudos feitos nos archivios." Cumpre declarar, entretanto, que os tres volumes de Southey são, mais do que uma historia com competente concisão e unidade, "memorias chronologicas colligidas de muitos autores e varios manuscriptos para *servirem á historia do Brasil, Buenos Aires, Montevideo, Paraguay, etc.*" Por isso se nota nesses volumes a falta de nexos, e a cansada repetição de insossas descrições (sobretudo ácerca dos Indios) que são causa de sua pouca popularidade.

Tambem devemos lastimar que se mostre tão intollerante com os Brasileiros nos assumptos religiosos, motivo porque o original da sua obra nunca se fez popular no Brasil.

Dos trabalhos, fructo de muito estudo e meditação de Southey, fez o francez Alphonse Beauchamp um resumo ou plagio e ousou publical-o, retribuindo ingratamente o

seu bemfeitor com affrontas e improperios, que hoje sobre elle proprio recahem.

Do principe Maximiliano cumpre-nos dizer que, além de que na sua viagem por terra do Rio á Bahia, pelo Espirito Santo, Ilhéos e Porto Seguro, fez varias observações importantes não só geographicas como relativas á historia natural, elle foi o primeiro que, com estampas fielmente copiadas e gravadas, offereceu á Europa quasi como photographados os aspectos physionomicos dos nossos Indios. Aos serviços ás sciencias naturaes, geographicas e ethnographicas, dos dous companheiros Spix e Martius já tem feito devida justiça a geração actual.

.....

O fluminense Fr. Francisco de S. Carlos foi além de bom prégador grande poeta, do mesmo modo que Souza Caldas, tambem fluminense. O livro da *Assumpção da Virgem*, apezar da toada monotona das rimas pareadas em que foi escripto, é uma epopéa sagrada de primeira ordem, e a engenhosa invenção do autor de collocar na America o paraíso terreal, e o aproveitar-se disto para a descrever, a recommendarão muito á Europa christã, quando sejam nesta mais conhecidas as obras dos Brasileiros.

Souza Caldas é o nosso poeta bíblico; as suas imagens são sublimes e o estylo sempre elevado.

De Januario temos o classico *Nitheroy*, poema da metamorphose do Pão de Assucar, cujo assumpto fôra pouco antes tratado em outro poema, chamado *Libambo*, pelo official da armada Paulino Joaquim Leitão, autor do *Hymno á esquadra* e do *Templo da Immortalidade*.

Outras poesias, aliás de pouca originalidade, possuímos, d'este tempo, de José Eloy Ottoni, filho de Minas, admirado e socio de Bocage, e antes na Europa secretario da Condessa de Oyenhausen, que o protegia; de Manoel Ferreira de Araujo Guimarães, lente da Academia Militar e redactor do *Patriota* e da *Gazeta*, e do beneditino Frei



Francisco de Paula de Santa Gertrudes Magna. Pedra Branca já então poetava, mas só mais tarde adquiriu celebridade.

Augusto de Saint-Hilaire fez-se conhecido por seis tomos de viagens, que publicou acerca das provincias meridionaes do Brasil, que percorreu, principalmente para enriquecer a sciencia botanica, no que inquestionavelmente prestou serviço.

.....

Dos nove volumes de monsenhor Pizarro fazemos menção para não parecermos omisso; pois preferiramos calar que o autor, valendo-se aliás dos trabalhos dos conegos Henrique Moreira de Carvalho, José Joaquim Pinheiro e José de Souza Marmello, produziu uma obra confusa, diffusa e até ás vezes obtusa.

Quanto aos *Annaes* (de Balthazar da Silva Lisboa) ao menos ha nelles muitos documentos. Dispensamos, porém, sobretudo, certos episodios que apresentam ás vezes a obra como uma peça de retalhos.

(PORTO SEGURO, *Historia geral do Brasil*, 2.<sup>a</sup> ed. — Tomo II, pags. 1176-1180.)

João Manoel Pereira da Silva (Iguassú, Estado do Rio de Janeiro, 1818-1897) foi, incontestavelmente, um homem de trabalho e merito, cujos escriptos historicos, objecto, aliás, de varias contestações razoaveis, não devem ser postos de parte pelos estudiosos das cousas patrias.

Abrangem esses livros todo o periodo que vae de 1808, com a chegada da dynastia real de Bragança a terras do Brasil, até 1840, com a proclamação da maioridade do imperador Pedro II, e são: a *Historia da fundação do Imperio Brasileiro*, de que ha duas edições, sendo a 2.<sup>a</sup> de 1877; o *Segundo Periodo do reinado de D. Pedro I no Brasil*; e a *Historia do Brasil durante a menoridade de D. Pedro II*, isto é, de 1831 a 1840, da qual tambem se fizeram duas edições.

Pereira da Silva frequentemente se enganava em nomes e

datas; mas na apreciação moral dos factos tinha sisudo criterio, nem fallece ás suas narrativas, em mais de uma pagina, viva e communicativa sensibilidade.

Alem desta obra capital existem, mais, do laborioso autor: *Curso de historia dos differentes Estados da America; Varões Ilustres do Brasil* ou *Plutarco Brasileiro*; cinco volumes sob o titulo — *Na historia e na legenda; Filinto Elysio e a sua época*, estudo critico e litterario; *Littérature Portugaise; Nacionalidade, lingua e litteratura de Portugal e do Brasil; Memorias do segundo reinado*; e, no dominio da ficção, mais do que no da historia, as chronicas *Jeronymo Corte Real, Manoel de Moraes, D. João de Noronha*, e o romance *Aspasia*.

Militando na politica, Pereira da Silva chegou a ter assento no senado do Imperio, onde o veio encontrar a Republica.

### A revolução de 1831.

Foi geral o brado de indignação em todos os grupos e fracções do partido liberal, quando os periodicos de 6 de abril publicaram a mudança do ministerio. Voltava-se ao antigo regimen, restauravam-se as decrepitas tradições do governo pessoal, desprezavam-se as maximas do systema representativo, desfeiteava-se a Camara dos Deputados, não se admittindo nenhum dos seus membros no gabinete, sacrificavam-se emfim de novo os brasileiros ao furor dos portuguezes! Tão profundamente se commoveram os espiritos que, logo ao correr a noticia da mudança ministerial, e ao saber-se o pessoal do novo gabinete, grupos numerosos começaram a percorrer as ruas, repetindo gritos sediciosos, e aos homens mais adiantados tomaram a dianteira dos acontecimentos, que não podiam deixar de realizar-se.

Quasi sem combinação, nem plano assentado, foram-se magotes de povo, dirigindo, de uma hora em diante, para o Campo de Sant'Anna, e ahi agglomerando-se entre o quartel das tropas e os paços da municipalidade. Pelas tres horas da tarde avaliava-se já o seu numero em cerca de duas mil pessoas, sahidas na maxima parte das ultimas camadas da sociedade. Os deputados que se achavam na capital, nem tiveram tempo de combinar resoluções, pela celeridade com que o movimento se ia operando.

Convocados uns pelos outros e a toda a pressa, juntaram-se assustados na casa do padre José Custodio Dias, pelo meio dia; mas logo, ao principiar a sessão, appareceram divergencias.

Evaristo, Carneiro Leão e Paim propuzeram que se resistisse á revolução, porque da sua victoria resultariam a queda do Imperador, a ruina das instituições e o reinado da anarchia. Alguns declararam-se resolutamente em favor do movimento iniciado, anciosos de expellir D. Pedro do solo brasileiro, como portuguez que era, e não tardaram em retirar-se da reunião, dirigindo-se para o Campo de Sant'Anna, a ligar-se aos conspiradores. Os que se conservaram, assentaram em collocar-se á sua frente, para o encaminhar no sentido de salvar as instituições e a sociedade, que corriam imminente perigo.

O povo junto no campo revolvía-se, no emtanto, no meio das mais disparatadas pretensões. Não estando armado, propunham uns que atacassem os depositos, e se munissem de espingardas; outros queriam marchar contra os paços de S. Christovão, e arrancar a corôa ao Imperador; estes fallavam na proclamação de um imperio federativo; e aquelles mais adiantados apregoavam já a necessidade de uma republica.

Houve felizmente quem suggerisse a idéa de se chamarem os juizes de paz de todas as parochias da cidade, no proposito de regularizar-se a marcha das cousas, apoiando-se os revoltosos em autoridades constituídas. Adoptado este alvitre, mandou-se convocar os juizes de paz da cidade, e esperou-se tranquillamente pelas respostas delles. A's 4 horas chegou o da freguezia de Sant'Anna, e perguntou o que o povo queria. Foi-lhe respondido que a demissão do ministerio e a reintegração do gabinete antecedente. Declarou o juiz de paz que nada podia por si deliberar, e que o procurassem no quartel, para onde se retirava, logo que os seus collegas que se tinham igualmente chamado, houvessem comparecido no Campo.

O brigadeiro Francisco de Lima, commandante das armas, e que se achava no quartel-general do Campo, sabendo por intermedio do juiz de paz de Sant'Anna os projectos do povo, expediu immediatamente para S. Christovão o major Miguel de Frias e Vasconcellos, deputado do ajudante-general, a communicar ao Imperador o que occorria. Respondeu-lhe o Imperador que não tinha dúvida em receber os juizes de paz da cidade, quando o povo os enviasse em commissão á sua presença, mas recomendava ao general a disciplina das tropas, cujo responsavel era, e lhe ordenava desse conhecimento ao povo de uma proclamação, que por intermedio de Frias lhe enviava, e que D. Pedro rapidamente escrevera, no intuito de serenar a multidão levantada e induzir-a a dispersar-se tranquillamente.

Confiou Lima a proclamação ao juiz de paz, e pediu-lhe levasse ao povo, e a lesse em vozes altas. Expressia-se o Imperador nos seguintes termos:

"Brasileiros! Uma só vontade nos una. Para que tantas desconfianças que não podem trazer á Patria senão desgraças? Desconfiais de mim? Assentaes que poderei ser traidor áquella mesma Patria que adoptei por minha? Ao Brasil? Áquelle mesmo Brasil por quem tenho feito tantos sacrificios? Poderei eu attentar contra a Constituição que vos offereci, e que convosco jurei? Ah! Brasileiros! Socegae. Eu vos dou minha imperial palavra que sou constitucional de coração, e que sempre sustentarei esta Constituição. Confiae em mim, e no Ministerio. Elle está animado dos mesmos sentimentos que eu. Aliás eu não o nomearia. União e tranquillidade, obediencia ás leis, respeito ás autoridades constituidas."

Bem não tinha o juiz de paz acabado de recitar a proclamação, quando lh'a arrancaram das mãos, e foi ella em mil pedaços rasgada aos gritos de — *Abaixo o ministerio! Vá o juiz de paz a S. Christovão declarar nossa terminante resolução.* O juiz de paz *prometteu cumpri-la, quando lhe chegassero os collegas das outras parochias.*

Só quasi ás 6 horas é que entraram no Campo os juizes de paz do Sacramento (padre João José Moreira) e de São José (Manoel Theodoro de Araujo Azambuja), e juntos os tres magistrados populares partiram em commissão, não querendo mais esperar pelos das outras parochias, que ainda faltavam.

Tinham, no entanto, corrido para S. Christovão o intendente geral da policia, Caetano Maria Lopes da Gama (depois Visconde de Maranguape) e os ministros de Estado. Expedira o ministro da guerra ordens para, além da artilharia ligeira e da Guarda de Honra, que já estavam nos paços imperiaes, fosse tambem guarnecer os o batalhão denominado do Imperador, que, de feito, ali se apresentou pelas 6 horas da tarde. Mandara dizer sómente ao commandante das armas e ao do corpo da policia que conservassem promptos os soldados para qualquer occurrencia.

Momentos antes das 7 horas da noite, communicou-se a D. Pedro que os juizes de paz das parochias da cidade lhe requeriam audiencia. Admittidos incontinenti, o de Sant'Anna dirigiu ao Imperador um discurso, declarando-lhe que o povo reunido, ainda que desarmado, no Campo de Sant'Anna, representava por intermedio de seus magistrados que se dignasse o Imperador de reintegrar o ministerio demittido, e exonerar o que Sua Majestade Imperial nomeara, em data de 5, não desejando o povo mais que sustentar o Imperador no throno e a Constituição Política.

— Diga ao povo, respondeu-lhe o Imperador, que recebi a representação; que o ministerio passado não merecia a minha confiança; que do actual farei o que entendendo; que sou constitucional e marchou com a Constituição. Hei de defender os meus direitos garantidos pela Constituição, á custa de todos os meus bens e sacrificio de minha pessoa.

Fez, em seguida, D. Pedro aos juizes de paz leitura do artigo constitucional que lhe dava a livre escolha dos mi-

nistros, e perguntou-lhes que numero de cidadãos se achavam reunidos no Campo de Sant'Anna.

— Tres a quatro mil, Senhor, disse um delles.

— Nem dois mil, replicou-lhe o Imperador. Emfim, já respondi; podem retirar-se: procurem socegar o povo. Estou prompto a fazer tudo para o povo, nada porém pelo povo.

Partidos que foram os juizes de paz, despediu o Imperador os ministros e o intendente geral da policia, que se achavam em S. Christovão, depois de recommendar-lhes que applicassem toda a vigilancia e esforços no intuito de acalmar o povo, e todo o cuidado em poupar derramamento de sangue, quando fossem compellidos a empregar a força publica.

Entretanto crescia no Campo progressivamente o numero de pessoas. Ao principio gente da infima classe, logo depois alguns deputados com sequito de cidadãos mais grados, por fim todos os deputados que tinham representado no dia 17 ao Imperador contra as scenas mal-fadadas de Março. Podia-se dizer que a opinião publica estava ali demonstrada tanto mais efficaçmente quanto Evaristo, Paim, Souto, Carneiro Leão, Alencar, Limpo de Abreu e outros vultos de importancia procuravam dirigir o movimento no sentido exclusivo de requerer e obter unicamente do chefe do Estado a demissão do ministerio, salvando-se assim as instituições existentes e suffocando-se logo nos seus principios a revolução intentada pelos exaltados.

Os juizes de paz, de volta de S. Christovão, communicaram o resultado de sua commissão, augmentando com a narrativa a exasperação do povo. Muitos trataram logo de munir-se de armas. Outros se incumbiram de pedir auxilio ás tropas aquarteladas, com que contavam para o momento do perigo. Uma voz se ouviu comtudo, ainda preponderante, propondo que se mandasse uma deputação ao general commandante das armas, a supplicar a sua intervenção com o Imperador, afim de obter o povo a

demissão do ministerio, promettendo-lhe dispersar-se depois com toda a tranquillidade.

Acceite este alvitre, foram designados para a deputação referida os deputados Vieira Souto e Odorico Mendes, que, admittidos á presença de Francisco de Lima, lhe expuzeram a firme resolução do povo de antes sacrificar a vida que deixar de conseguir a demissão do ministerio que lhe não merecia a confiança. O brigadeiro Francisco de Lima esforçou-se em aquietal-os, affiançando ir pessoalmente a S. Christovão e juntar suas supplicas ás do povo para que o Imperador annuisse.

Seriam 9 horas quando se dirigiu aos paços de São Christovão o brigadeiro Francisco de Lima. Admittido á presença de D. Pedro, communicou-lhe quanto presenciára, o que o povo desejava, e como era conveniente para bem das instituições, e para poupar-se derramamento de sangue, que Sua Majestade se dignasse acceder aos votos da opinião publica.

O Imperador, que não sympathizava com Francisco de Lima, não lhe prestou inteiro credito á narração e ordenou-lhe expedisse para S. Christovão dous batalhões de primeira linha, afim de reforçar-lhe a guarda dos paços, e executasse as ordens que lhe fossem transmittidas pelo ministerio da guerra, que, entretanto, nenhuma enviou d'ahi por diante ao commandante das armas.

Quando Francisco de Lima chegou ao Campo de Santa Anna, já ahi se achavam reunidos ao povo o 1.º e 2.º corpo de artilharia de posição, tendo á sua frente o brigadeiro Francisco de Paula Vasconcellos. Francisco de Lima fez logo partir para S. Christovão um seu ajudante de ordens a participar o facto ao Imperador. Não tardou infelizmente o 1.º batalhão de granadeiros em imitar o exemplo da artilharia, apparecendo no Campo ás 10 horas da noite. O movimento já não era só de paisanos: avultava com a junção de tropas arregimentadas.

Correndo a noticia até S. Christovão, o batalhão do Imperador, que estava de guarda ao paço, abandonou o seu

posto, tendo á sua frente o commandante, o coronel Manoel da Fonseca Lima, e tratando igualmente de reunir-se no Campo com o povo e tropa ali agglomerados. O brigadeiro José Joaquim de Lima e Silva, apenas lhe chegou aos ouvidos o acontecimento, tomou igualmente o caminho do Campo, ou no intuito de fortalecer tambem com o seu concurso a iniciada revolução, ou, como depois affirmou publicamente, de dominar e dirigir a tropa, para que não se debandasse. A pouco e pouco chegaram ao Campo outros contingentes militares, inclusivamente o batalhão de artilharia da marinha.

Perto da meia-noite, resolveu-se de novo o brigadeiro Francisco da Lima a expedir a S. Christovão Miguel de Frias Vasconcellos, incumbido de supplicar ao Imperador que, quanto antes, annuisse á vontade do povo e da tropa, reunidos já, demittindo o ministerio, ou, no caso de Sua Majestade entender mais proprio de sua dignidade, nomeando novo gabinete composto de homens liberaes, quando se não resolvesse a reintegrar o ministerio demittido na tarde de 5 de abril. Ao chegar a S. Christovão, encontrou Frias marchando para o Campo a artilharia ligeira, que estava de guarda no paço. Soube que, representando os soldados ao Imperador que os demais corpos militares haviam abandonado S. Christovão, respondeu-lhes D. Pedro que não queria sacrificio de pessoa alguma, e elles podiam juntar-se a seus companheiros.

Admittido Frias á presença do Imperador, divisou-lhe na physionomia verdadeiros indícios de perturbação. Não era já o homem que o despedira tão resolutamente, havia algumas horas. Parecia abatido, e como que se mostrava indifferente até aos discursos que lhe eram dirigidos. Com Sua Majestade estavam os diplomatas de França e Inglaterra, e alguns ministros de Estado, o intendente da policia e varios criados da casa. Frias expoz por miudo ao Imperador a situação dos negocios publicos, sem que obtivesse resposta immediata. Passados minutos ~~ousou~~ chamou de novo a atenção do Imperador para as circumstancias



críticas do paiz, e declarar-lhe francamente que carecia voltar ao Campo, para se não tornar suspeito, ou se não pensar que estivesse prêso em S. Christovão, com o que o povo e tropa poderiam ser incitados a lamentaveis desór-dens.

— O mesmo ministerio, de fórmula alguma; isto é, contra a minha honra e contra a Constituição, respondeu-lhe o Imperador. Antes abdicar. Antes a morte.

Parou e, depois de passear só e meditabundo por algum tempo, com os braços cruzados, sem se importar que o estivessem todos contemplando, determinou que Frias esperasse ainda e, chamando o intendente geral da policia, ordenou-lhe partisse apressadamente a procurar o senador Vergueiro, e lhe dissesse que Sua Majestade o autorizava a organizar de prompto um novo ministerio, com o qual se apresentasse em S. Christovão. O intendente desapareceu em um instante. O Imperador ora conversava com os dois diplomatas e os ministros, ora andava de um para outro lado da varanda, a ponderar sósinho. Perguntou a um dos criados se todos os soldados haviam abandonado a guarda dos paços e, ouvindo que apenas restavam poucos da Guarda de Honra, exclamou :

— Poucos, mas fieis e leaes! Não são como muitos que enchi de beneficios e estão no Campo a apregoar-se de patriotas!

Souu hora e meia no relógio, e não tinha ainda voltado o intendente. O Imperador chegou-se ao major Frias, e determinou-lhe que esperasse, se fosse preciso, até o amanhecer para levar ao povo uma resposta definitiva. Echoaram 2 horas, e nenhuma noticia apparecia do intendente. Quando, porém, 2 e meia repetiram os relógios, mostrou-se no paço o desembargador Lopes Gama, muito apprehensivo e prostrado de fadiga. Declarou a D. Pedro que lhe não fôra possível encontrar o senador Vergueiro nem em sua casa nem em varios logares onde o procurara e fizera procurar, e que, á excepção de dois regimentos, toda a mais tropa estava no Campo reunida ao povo.

Ouviu-o o Imperador, fingindo-se tranquillo, e, chamando então os diplomatas de Inglaterra e França, com elles se dirigiu para um gabinete do palacio. Bem não eram decorridos dez minutos, quando voltou e, procurando o major Frias, reparou este official que as feições do rosto do Imperador patenteavam, pelo esfogueado das côres, o resultado de uma luta intensa e dolorosa. Os cabellos, que eram bastos, e se amoldavam comtudo a um penteado regular e liso, agora desordenados e dispersos; os olhos como sahidos das orbitas; tremulo e convulso o corpo todo. O Imperador trazia na mão uma folha de papel aberta e, entregando-a a Frias, disse-lhe enternecidamente, e quasi cortadas as palavras com soluços:

— Aqui tem a minha abdicação: estimo que sejam felizes. Eu me retiro para a Europa, e deixo um paiz que muito amei e ainda amo.

Ao completar esta phrase, saltaram-lhe dos olhos lagrimas a jorros, que lhe inundavam as faces. Os dous diplomatas, depois de trocarem ainda algumas palavras com o Imperador, retiraram-se dos paços. O Imperador dirigiu-se rapido para a sala da Imperatriz. O major Frias leu o papel, que continha as seguintes palavras:

“Usando do direito que a Constituição me concede, declaro que hei mui voluntariamente abdicado na pessoa de meu amado e prezado filho o sr. D. Pedro de Alcantara. — Boa Vista, 7 de abril de 1831. —”

A pressa e perturbação do animo com que fora escripta, nem deixaram o Imperador perceber que lhe faltava declarar o objecto que abdicava.

Espalhada nos paços a noticia do acto do Imperador, ouviram-se gritos e prantos dos criados. O marquez de Paranaguá approximou-se do major Frias e tentou dissuadi-lo de levar ao povo a abdicação, compromettendo-se a fazer com que o Imperador a nullificasse, terminando-se tudo pacificamente; mas o major Frias lhe não attendeu aos avisos, e partiu a toda a pressa para o Campo de Sant'Anna.

O Imperador appareceu de novo a seus ministros, acompanhado da Imperatriz, elle manifestando serenidade e ella debulhada em lagrimas. Os ministros, depois de lhes beijarem as mãos, pediram ao Imperador que lhes concedesse suas demissões. Não hesitou D. Pedro em annuir-lhes ás vontades. Mandou que ali mesmo se lavrassem os decretos que assignou de prompto, concordando exceptuar o Marquez de Inhambupe para, na qualidade de ministro do Imperio, ficar encarregado de entregar o governo a quem de direito. Despedidos os ministros e as mais pessoas que se achavam nos paços, o Imperador e a Imperatriz recolheram-se ao interior dos seus aposentos.

Se não pôde o pincel pintar, quanto mais a penna descrever as commoções por que D. Pedro e D. Amelia passaram o resto da noite! Constituem scenas que apenas se adivinham pelo sentimento.

Aos primeiros indicios da aurora, chegou aos paços aviso de que no caes de S. Christovão estavam ás ordens do Imperador os escaleres da nau ingleza *Warspite*. Não tardaram os ministros de França e Inglaterra em comparecer, e mais alguns amigos dilectos do Imperador. Acompanhados por elles, pela rainha D. Maria II, o duque e duqueza de Loulé, o duque de Leuchtemberg e de varios criados, deixaram pela ultima vez D. Pedro e D. Amelia o palacio da Boa Vista e, entrando em suas carruagens, seguiram para o caes de S. Christovão. Os escaleres britannicos os receberam e os levaram para bordo da nau *Warspite*, a cuja bandeira todós se amparraram.

O major Frias, logo que pelas 4 horas e meia da manhã chegou ao Campo de S. Christovão, communicou o acontecimento ao povo e á tropa. Reinou ao principio um movimento de espanto; ninguem contava com este desfecho da crise; mas logo depois repercutiram em varios pontos acclamações e vivas a D. Pedro II, que foram

unisonamente correspondidos. Como um raio correu a noticia, espalhando-se por toda a cidade e seus suburbios. Os senadores e deputados, existentes na capital, compreendendo os perigos da situação, passaram-se avisos uns aos outros, e trataram de juntar-se pelas 10 horas e meia no paço do Senado, para se entenderem sobre o que lhes cumpria fazer...

(PEREIRA DA SILVA, *Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brasil*, Rio de Janeiro, 1871. — Pags. 446-460.)

---

Joaquim Manoel de Macedo (Itaborahy, 1820-1882) formou-se em medicina, mas sempre fez das letras seu especial objecto. Romancista popular, não se esmerava na forma e principalmente brilhou como pintor dos costumes nacionaes. Foram suas mais notaveis produções neste genero: a *Moreninha*, *Rosa, Vicentina* e o *Moço Louro*. No theatro apresentou peças, algumas das quaes ainda com applauso são levadas á scena; e entre outras nos occorrem: *Cobé*, drama; e *Phantasma branco*, opera ou antes comedia ornada de canto; a *Torre em concurso*, comedia, etc. A *Nebulosa*, poema-romance, é a mais importante composição poetica de Macedo.

Este homem de letras, que o Sr. Innocencio da Silva, com razão qualifica de espirito esclarecido, em mais de um lugar profligou o abuso da escravidão.

Exerceu o magisterio no Collegio de Pedro II e para seus alumnos escreveu tratados de chorographia e de historia do Brasil, muito criticados, mas geralmente copiados pelos que os censuram.

### O torrão natal.

Um celebre poeta polaco, descrevendo em magnificos versos uma floresta encantada do seu paiz, imaginou que as aves e os animaes ali nascidos, se por acaso longe se achavam, quando sentiam approximar-se a hora da sua morte, voavam ou corriam e vinham todos expirar á sombra das arvores do bosque immenso onde tinham nascido.

O amor da patria não póde ser explicado por mais bella e delicada imagem.

Coração sem amor é um campo arido, quasi sempre, ou sempre, cheio de espinhos e sem uma unica flor que nelle se abra e o amenize.

Haveria sómente um homem em quem palpitasse coração tão secco, tão enregelado e sem vida de sentimentos: o homem que não amasse o logar de seu nascimento.

Depois dos pais que recebem o nosso primeiro grito, o solo patrio recebe os nossos primeiros passos: é um duplo receber, que é duplo dar.

As idéas grandes e generosas dilatam o horizonte da patria; a religião, a lingua, os costumes, as leis, o governo, as aspirações fazem de uma nação uma grande familia, e dá um paiz immenso a patria de cada membro dessa familia.

Mas, deixem-me dizer assim, a grande não pode fazer olvidar a pequena patria; dessa arvore magestosa que se chama a nação, o paiz, não ha quem não sinta que a raiz é a familia e o berço patrio.

Ha nesse santo amor uma escala ascendente, que vai do lar domestico á parochia, da parochia ao municipio, do municipio á provincia, da provincia ao imperio: ama-se o todo porque se ama cada uma de suas partes.

Com effeito é impossivel negar que em suas naturaes e suavissimas predilecções o coração distingue sempre entre todos os districtos, cidades e diversos pontos do paiz o torrão limitado do berço patrio; pobre ou mesquinho, esquecido ou decadente, agreste ou devastado, é sempre amado por nós e sempre grato para nós.

E' por isto e por muito mais, é porque foi meu berço, berço d'aquelles a quem mais amei e amo, é porque no seu solo tenho sepulturas queridas, é porque me guarda em seus lares amigos dedicados, é porque desejo ter em seus campos um abrigo na minha velhice que começa, e no seu cemiterio um leito para dormir o ultimo somno, é

emfim por todos esses laços da vida e da morte que a villa de Itaborahy me é tão querida.

(J. M. DE MACEDO, *O Rio do Quarto*, 2.<sup>a</sup> ed., pag. 58.)

### Itaborahy.

A villa de Itaborahy, cabeça de uma das comarcas da provincia do Rio de Janeiro, está assentada sobre uma graciosa collina pouco elevada, mas em situação tão feliz que do alto della se domina e aprecia o mais bello quadro da natureza campestre. Por qualquer lado que se dilatam, os olhos se esquecem embebidos em immensos valles semeados de campos e estabelecimentos agricolas, *fazendas*, *sítios*, e montes isolados; e emfim ao longe, muito ao longe, a serra dos *Orgãos*, alcantilada e immensa, remata esse painel magnifico, levantando uma trincheira que se perde nas nuvens deante do olhar cubitoso e insaciavel.

Formosa pela sua posição, a villa, pequeno povoado que consta de pouco mais de cem casas, offerece uma edificação pouco regular e sem duvida defeituosa, como todas as cidades, villas e povoações que tiveram seu principio no tempo colonial; entretanto ella se distingue por alguns edificios, relativamente dignos de menção; a sua igreja matriz é uma das melhores e mais espaçosas da provincia; possui uma casa de camara municipal muito decente, uma casa de mercado, um theatro e entre as principaes habitações particulares, a mais importante de todas, a casa em que se hospedaram el-rei D. João VI e o Sr. D. Pedro II, quando visitaram este ponto da provincia.

Uma grande praça, formando semicirculo em torno da matriz, e quatro ruas quasi fronteiras umas das outras, communicando com a praça, compõem a villa de Itaborahy.

Dessas quatro ruas uma tomou o nome do orago da parochia, chama-se de *S. João*, e é nella que se levanta a *Casa do mercado*; a segunda, que forma com a de São João um angulo recto, recebeu um nome triste, chama-se do *Cemiterio*; porque, descendo-se por ella, pobre rua sem casas, chega-se ao asylo dos mortos, ao cemiterio da villa, que prima pela decencia e pelo zelo com que é conservado.

A terceira rua fica fronteira á de *S. João*, embora de uma não se aviste a outra, porque a matriz o impede: chamava-se outr'ora do *Senhor do Bom Fim* e chama-se agora do *Theatro*; porque este edificio, tendo a sua frente para a praça, offerece uma das suas faces lateraes á rua que desce até terminar junto da capella do *Senhor do Bom Fim*, cortando em dous angulos rectos outra pequena rua, que não mencionei por constar de cinco ou seis casas apenas, e que toma o nome do *Senhor do Bom Fim*. De frente da porta lateral da capella ha uma casa com um limitadissimo pateo, que eu não posso deixar de lembrar.

Essa casa foi ha perto de quarenta annos um pequenô theatro, e ahi encetou a sua gloriosa carreira artistica o primeiro actor dramatico brasileiro, o celebre e inspirado fluminense João Caetano dos Santos.

A quarta rua enfim, que fica quasi fronteira á do Cemiterio, chamou-se no outro tempo da *Ladeira*, como se de ladeira não fossem todas as outras, descendo como ella da collina, é actualmente se chama da *Carioca*, porque serve de caminho para a mais abundante das fontes publicas da villa...

(*Idem*, pags. 11-14.)

---

Joaquim Norberto de Souza e Silva (Rio de Janeiro, 1820-1891) foi um infatigável escriptor, que com felicidade cultivou a poesia, a novella, o drama e a historia, onde principalmente se fez notavel.

E' avultada a sua obra: *Romances e novellas*, *O Martyrio de Tiradentes*; *Modulações poeticas*, *O Livro de meus amores*, *Cantos epicos*, *Flores entre espinhos*, *Bullatas*; uma tragedia em verso *Olytemnestra*; um drama *Amador Bueno*; uma optima e exhaustiva monographia *Historia da Conjuração Mineira*; uma excellente *Memoria historica e documentada das aldeias dos Indios na Provincia do Rio de Janeiro*; as *Brasileiras celebres*; um estudo sobre o *Descobrimento do Brasil*; e diversas introduções biographicas e criticas ás obras de Thomaz Antonio Gonzaga, Alvarenga Peixoto, Silva Alvarenga, Casimiro de Abreu, etc., nas edições que das obras desses poetas estampou a casa Garnier.

Membro do Instituto Historico e Geographico, cuja *Revista* opulentou de valiosas contribuições, Joaquim Norberto chegou a occupar nessa douda associação o posto de presidente.

Desgostoso pela mudança do regimen, e sobretudo pelo banimento do Imperador, de quem era amigo, Joaquim Norberto pouco sobreviveu á monarchia. Boatos, que se espalharam de se haver suicidado, não sendo casual a troca de medicamentos que o fez morrer, não foram confirmados, e parecem ter-se derivado de uma apologia, ou pelo menos attenuação do suicidio, produzida por Joaquim Norberto em 1888, quando o Instituto celebrava o centenario da morte de Claudio Manoel da Costa.

No sentir do Sr. Sylvio Romero, que não foi prodigo de elogios, é hoje impossivel escrever a historia litteraria, e mórmente a historia do Brasil, sem se recorrer ás publicações deste laborioso escriptor.

### Alvarenga Peixoto e a Inconfidencia.

Achava-se Alvarenga Peixoto uma noite em casa do celebre contractador João Rodrigues de Macedo, a conversar com algumas pessoas, quando o capitão Vicente Vieira da Motta lhe veio trazer um bilhete fechado, que lhe tinham entregue á porta da rua. Alvarenga Peixoto abriu-o immediatamente e leu o seguinte:

"Alvarenga — Estamos juntos e venha Vmcê, já, etc. Amigo, Toledo."

Era o Vigario da Freguezia da Villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, que lhe recordava que elle e outros



conjurados se deviam reunir em casa do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade. Chovia, e Alvarenga Peixoto respondeu que compareceria logo que parasse a chuva.

Não faltou o poeta á sua palavra.

Era a primeira vez que se reuniam os conjurados. Ahi estavam o dono da casa, o Tenente-Coronel Francisco de Paula e seu cunhado José Alves Maciel, o Vigario de São José, Carlos Corrêa de Toledo, o Desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o padre José da Silva de Oliveira Rolim, a quem Alvarenga Peixoto via pela primeira vez e que lhe disse ser-lhe muito obrigado pelas obsequiosas atenções com que tratara o seu irmão, o Dr. Placido da Silva e Oliveira, no tempo em que foi ouvidor da comarca de São João d'El-Rei, e o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.

Cada um dos conjurados quiz ser o expositor do que se havia tratado na ausencia do recém-chegado, e Alvarenga Peixoto ficou sabendo como se havia elaborado o plano para a revolução. Era cousa assentada entre elles que se esperasse pela noticia do movimento insurreccional do Rio de Janeiro, segundo as asserções affirmativas, ou antes imaginarias, do alferes Joaquim José, e bem assim, que se deixasse igualmente publicar a derrama, que necessariamente deveria levantar clamores em toda a capitania, pela excessiva contribuição a que eram os povos obrigados. No meio da geral consternação e favorecido pelas sombras da noite, se apresentaria o alferes Joaquim José, com alguns companheiros gritando pelas ruas de Villa Rica: "Viva a Liberdade!" O povo, aveçado pelo pesado tributo, acudiria ao alarme e apoiaria a revolução. Acudiria ao tumulto o tenente-coronel Francisco de Paula á frente da tropa, e, como parte dos officiaes e soldados não era estranha ao movimento, segundo a facil credulidade de Tiradentes, o tenente-coronel daria tempo a que o alferes fosse a Cachoeira, á casa de campo do governador, onde se achava o general visconde de Barbacena, para

conduzil-o com toda a sua familia até á serra, aonde lhe diria que fizesse muito boa jornada e dissesse em Portugal que já se não precisava de generaes na America, ou então que sacrificall-o-iam, levando a sua cabeça a Villa-Rica para com ella impôr ao povo o respeito pela nova republica. Então, no meio do geral enthusiasmo, o tenente-coronel arengaria a multidão, perguntando ao povo o que queria, que motivo tinha para aquelle levante, e que os conspiradores responderiam que desejavam a sua liberdade, e o tenente-coronel acabaria por dizer que o motivo era tão justo que elle se não podia oppôr.

Annuiu Alvarenga Peixoto ao plano da revolução, reflectindo, todavia, que não era necessario que o tenente coronel dirigisse fala alguma ao povo; pois bastava-lhe dizer que quem tinha tirado aquella cabeça podia tirar outras.

Escolhido o plano, restava dividir os papeis do drama pelos principaes conspiradores.

A Alvarenga Peixoto incumbia angariar gente entre os habitantes da Campanha do Rio Verde, onde gosava de grande influencia como coronel do primeiro regimento da cavallaria auxiliar. Houve ainda outra conferencia em que se achou Alvarenga Peixoto. Os conjurados reuniram-se d'esta vez em casa de Claudio Manoel da Costa e tratou-se da adopção da bandeira para a nova republica.

Propôz o alferes Joaquim José que se tomassem por symbolo tres triangulos entrelaçados em commemoração da Santissima Trindade.

Claudio Manoel da Costa lembrou que o emblema da bandeira dos Estados Unidos era o genio da America quebrando as cadeias do captiveiro com esta inscripção: *Libertas aequo spiritus* e que nenhuma inconveniencia havia em que se adoptasse a mesma.

Alvarenga Peixoto impugnou a idéa como pobre; Claudio propôz ainda a seguinte inscripção: *Aut libertas, aut nihil!*

Alvarenga Peixoto propôz então o versículo de Virgílio: *Libertas quæ sera tamen!*

E os conjurados a approvaram, achando-a muito apropriada.

(Noticia sobre I. J. de Alvarenga Peixoto e suas obras.)

---

Francisco Octaviano de Almeida Rosa (Rio de Janeiro, 1825-1889) bacharelou-se em direito pela faculdade juridica em São Paulo e exerceu importantes cargos publicos, secretario da comissão organizadora da estatística, e ministro plenipotenciario no Rio da Prata, onde prestou assignalados serviços, conseguindo a celebração do tratado da triplice alliança contra o presidente do Paraguay. Deputado liberal em varias legislaturas desde 1853, em 1867 foi nomeado senador — e mais de uma vez recusou a pasta de ministro.

Collaborou em varias folhas e foi o mais brilhante jornalista do *Correio Mercantil*. Polemista vigoroso, nunca entretanto decahiu da mais galharda cortezia.

Seus escriptos puramente litterarios jazem dispersos pelas revistas e jornaes do tempo, com excepção de algumas poesias colligidas em pequenos folhetos e uma versão do *Sonho*, de Byron, que figura nas *Traducções poeticas* do Dr. Pinheiro Guimarães, obra cujo prefacio tambem foi escripto por F. Octaviano.

### Minas.

Estrella brilhante do Sul, formosa provincia de Minas — por que desmaias no céu de nossa patria quando ella precisa que scintilles com toda tua pureza antiga?

Berço das idéas liberaes, formosa provincia de Minas, que déste os primeiros martyres á causa da independencia nacional; tu, que tiveste por largo tempo a primazia no paço dos Césares e nos comicios do povo — por que te anniquilas na indifferença e no desanimo?

Teu eclipse é fatal ao systema representativo.

Sem imprensa politica, sem lidadores na tribuna da camara democratica, acceitas indolentemente o destino da fertil e industriosa Lombardia, quando estava sujeita ao regimen tudesco: — enches os cofres do Estado sem o direito de fiscalizal-o.

Onde estão os teus filhos? A terra em que elles nascem, já não tem forças para produzir esses gigantes de talento e de animo que escalaram o Olympo da monarchia absoluta?

A Niobe da fabula foi punida do orgulho que lhe inspirava a sua fecundidade, viu morrer todos os seus filhos, e a dôr a converteu em rochedo.

Niobe das provincias brasileiras, tambem viste morrer os teus filhos illustres, estes que te causavam desvanecimento e orgulho; a lousa do tumulto cahiu sobre o cadaver de alguns, a mão de ferro do ostracismo comprimiu a garganta de outros.

Quando desta Côrte olhavam para a serra dos Orgãos, viamos rutilante a estrella que nos guiava. Do alto d'aquellas montanhas descia para o valle do Rio de Janeiro, não perfume que embriaga os sentidos e amollece o corpo, mas uma brisa de liberdade que nos avigorava o espirito e despertava o bom senso e as virtudes civicas.

Hoje, sobre aquellas montanhas, paira constantemente um nevoeiro espesso, atravez do qual raras vezes scintilla a estrella favorita do valle.

Formosa provincia de Minas, surge do abatimento, volta a occupar a tua primazia.

Está ainda vago o teu logar nos conselhos e na tribuna: nenhuma de tuas irmãs poudé usurpal-o. Os tenentes de Alexandre reconheceram que nenhum d'elles por si podia governar o império fundado por seu chefe: dividiram-n'o.

Formosa provincia de Minas, surge, surge; não te é licito tão longo repouso.

Já dizem os cortezãos, com insultante sarcasmo, que a soberba mãe dos Gracchos, depois de assistir corajosa á

violencia brutal, estendeu os pulsos ás cordas de seda da hypocrisia.

(Extr. da *Tribuna Liberal*, de 29 de maio de 1889.)

José Benifacio de Andrada e Silva (Bordéas, 1827-1886) é vulgarmente cognominado o Segundo ou o Moço, para differenciar-se do seu tio e homonymo, patriarcha da nossa independencia. Estudou primeiramente a mathematica na antiga escola militar do Rio, depois o direito em S. Paulo, onde se formou. Foi provido n'uma cadeira juridica da faculdade do Recife, e, tendo encestado a sua carreira parlamentar na assembléa provincial de S. Paulo, em 1860, chegou a senador, e foi ministro de estado duas vezes, n'uma das quaes apenas sete dias. Depois recusou a presidencia do conselho.

Pelejou sempre nas fileiras do partido monarchico liberal, mas era o seu liberalismo avesso a todas as paixões demagogicas. Odiava o sangue e trajava a tunica alvissima das mais generosas utopias.

Grandes foram os seus triumphos oratorios, pelo brilho da phrase e arrojio das imagens, nem lhe falleceram estas qualidades em muitas producções poeticas. De alguns de seus discursos fez-se interessante volume.

### Contra o proteccionismo.

Não sejamos os ultimos a trilhar a senda dos progressos economicos e politicos. O systema protector está condemnado, apesar da autoridade de Thiers, invocada pelo nobre deputado pela Bahia, e que não posso acceitar com o valor que S. Ex. lhe dá.

Tres são os principaes argumentos da escola proteccionista, posto que todos se possam reduzir a um só: independencia nacional, accrescimo de producção, diversidade de desenvolvimento.

Independencia! Ser independente do estrangeiro, exclamava um dos membros eminentes da liga contra as leis dos cereaes da Inglaterra, é o termo favorito da aristo-

cracia. Pois bem, contemplemos este advogado infatigavel da independencia nacional. Seu cozinheiro é francez, e seu criado suisso. Resplandecem perolas nos ornatos de sua mulher, e, sobre a cabeça formosa, plumas de terra extranha. As carnes de sua mesa vêm da Belgica; e os vinhos, do Rheno ou do Rhodano. Pousam-lhe as vistas sobre flores vindas da America do Sul, e embriagam-lhe o olfato as folhas vindas da America do Norte. Seu cavallo favorito é d'origem arabe, o seu cão da raça dos de São Bernardo. Enchem-lhe a galeria quadros flamengos e estatuas gregas. Se quer distrahir-se, ouve cantores italianos ou contempla dansarinas francezas. Seu espirito mesmo é um arremedo de contribuições exóticas: a philosophia e a poesia vêm da Grecia e Roma, a geometria d'Alexandria, a arithmetica da Arabia, a religião da Palestina. Desde o seu berço afiou os seus dentes no coral do Oceano Indico e depois da morte ornamentará seu tumulo o marmore de Carrara. Oh! sejamos independentes!

.....

O nobre deputado pela Bahia citou-me Thiers, que eu peço licença para não considerar autoridade na materia; eu cito-lhe lord Palmèrston. São palavras eloquentes com que elle fechou um dos seus formosos discursos sobre as leis de cereaes. Poucas vezes a tribuna parlamentar as escutou tão bellas, e nenhuma por certo mais verdadeiras.

Por que se dividiu o globo em zonas e climas? Por que os diversos paizes produzem fructas differentes, quando as necessidades do homem são as mesmas? Por que as terras mais afastadas do mundo se põem em contacto por meio destes oceanos immensos, que pareciam destinados para desunil-as? Por que tudo isto, se não porque o homem depende do homem; se não para que a partilha da necessidade da vida acompanhasse a extensão e diffusão das luzes; se não para que a permuta dos bens e das cousas fosse a troca dos sentimentos benevolos e das idéas elevadas; senão para que o commercio, levando em uma das

mãos a civilização e na outra a paz, fizesse o genero humano mais feliz, mais sabio e melhor? Taes foram os decretos d'Aquelle que creou e ordenou o mundo, mas os legisladores da terra intervieram com a sua arrogancia e vaidade insensata, e, encadeando o desenvolvimento instructivo da natureza, substituiram leis desgraçadas ás leis eternas da Providencia!

(JOSÉ BONIFACIO, *o Moço*, discurso proferido na Camara dos Deputados, em 7 de Junho de 1865.)

José Martiniano de Alencar (Ceará, 1829-1887) foi juriconsulto, jornalista, orador parlamentar, romancista e dramaturgo. Exerceu o magisterio como lente de direito mercantil, no Instituto Commercial, sahio eleito deputado em varias legislaturas e fez parte do gabinete de 16 de Julho de 1868, aceitando a pasta da justiça.

Suas obras principaes são: no romance, *O Guarany*, *As Minas de Prata* e *Iracema*; e no drama, *O demonio familiar*, *Verso e reverso* e *Mãe*.

Na opinião do Dr. Araripe Junior, que conscienciosamente estudou a individualidade litteraria de José de Alencar, foi este um aristocrata das letras, em cujo estylo e maneiras — tudo respirava reserva e o *não me toques no arminho*. Desse estylo primoroso tambem com justiça se poudé affirmar que José de Alencar não precisaria assignar o que escrevesse ~~para~~ ser logo reconhecido.

Sabia a fundo a lingua portugueza; mas, atacado por Castilho (José Feliciano) e outros rigoristas, sustentou a differenciação do idioma no meio americano, e assim lançou as bases de uma escola cujo fim seria a formação do dialecto brasileira.

### Iracema e o guerreiro branco.

Além, muito além d'aquella serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos labios de mel, que tinha os cabellos mais negros que a aza da grauna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jatý não era doce como o seu sorriso, nem a baunilha recendia no bosque como seu halito perfumado.

Mais rápida que a erva selvagem, a morena virgem corria o sertão pelas mattas do Ipitú, onde campeava sua guerreira tribu, da grande nação tabajara. O pé gracil e nú, mal roçando, alisava apenas a verde pellucia que vestia a terra com as primeiras aguas.

Um dia, ao pino do sol, ella repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticyca, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acacia silvestre esparziam flores sobre os humidos cabellos. Escondidos na folhagem os passaros ameigavam o canto.

Iracema sahio do banho; o aljofar da agua ainda a roreja, como á doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das pennas do gará as flechas do seu arco, e concerta com o sabiá da matta, pousado no galho proximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto della. Ás vezes sobe aos ramos da arvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o urú de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, os alvos fios do crautá, as agulhas de jussara, com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

Rumor suspeito quebra a doce harmonia da sesta. Ergue a virgem os olhos, que o sol não deslumbra: sua vista perturba-se.

Diante della e todo a contemplal-a, está um guerreiro estranho, si é guerreiro e não algum mau espirito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das aguas profundas. Ignotas armas e tecidos ignotos cobrem-lhe o corpo.

Foi rapido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gottas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro impeto, a mão lesta cahiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na



religião de sua mãe, onde a mulher é symbolo de ternura e amor. Soffreu mais da alma que da ferida.

O sentimento que elle poz nos olhos e no rosto, não o sei eu. Porém a virgem lançou de si o arco e a uiracaba, e correu para o guerreiro, sentida da magua que causara.

A mão que rapida ferira, estancou mais rapida e compassiva o sangue que gottejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro fallou:

— Quebras commigo a flecha da paz?

— Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Donde vieste a estas mattas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

— Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuiram e hoje têm os meus.

— Bemvindo seja o extrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e á cabana de Araken, pae de Iracema.

(JOSÉ DE ALENCAR, *Iracema*, pags. 17-20.)

---

### A prece.

A tarde ia morrendo.

O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que illuminava com seus ultimos raios.

A luz frouxa e suave do oceano, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de purpura sobre a folhagem das arvores. Os espinhos sylvestres desatavam as flores alvas e delicadas; o ouricory abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calice o orvalho da noite. Os animaes retardados procuravam a

pousada, enquanto a jurity, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede do dia.

Um concerto de notas graves saudava o pôr do sol e confundia-se com o rumor da cascata que parecia quebrar a aspereza de sua quédá e ceder á doce influencia da tarde.

Era ave-maria.

Essas grandes sombras das arvores que se estendem pela planicie; essas graduações infinitas da luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos que, esvasando-se pelo rendado da folhagem, vão brincar um momento sobre a areia; tudo respira uma poesia immensa que enche a alma.

O urutáo no fundo da matta solta as suas notas graves e sonoras, que, reboando pelas longas crastas da verdura vão echoar ao longe como o toque lento e pausado do *Angelus*. A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um debil sussurro, que parece o ultimo écho dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa desta hora solemne, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor. De repente os sons melancolicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde: era um dos aventureiros que tocava ave-maria.

Todos se descobriram.

D. Antonio de Mariz, adiantando-se até á beira da esplanada, para o lado do occaso, tirou o chapéo e ajoelhou.

Ao redor d'elle vieram grupar-se sua mulher, as duas moças, Alvaro e D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de circulo, ajoelharam-se a alguns passos de distancia.

O céo com o seu ultimo reflexo esclarecia a barba e os cabellos brancos do velho fidalgo, e realçava a belleza daquelle busto de antigo cavalleiro.

Era uma scena ao mesmo tempo simples e magestosa a que apresentava essa prece christã, meio selvagem; em todos aquelles rostos, illuminados pelos raios do sol do occaso, respirava um certo respeito.

Loredano foi o unico que conservou o seu sorriso desdenhoso, e seguia com o mesmo olhar torvo os movimentos de Alvaro, ajoelhado perto de Cecilia e embebecido em contemplal-a, como se ella fosse a divindade a quem dirigia a sua prece.

Durante o momento em que o rei da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todos se concentravam em um fundo recolhimento, e diziam uma oração muda, que apenas agitava imperceptivelmente os labios.

Por fim o sol escondeu-se; Ayres Gomes estendeu o mosquete sobre o precipicio, e um tiro saudou o occaso.

Era noite.

(JOSÉ DE ALENCAR, *O Guarany*, pags. 68-71, vol. 1.º, edição Corazzi.)

---

D. Antonio de Macedo Costa (Maragogipe; na Bahia, 1830-1901) estudou primeiro no seminario archiepiscopal da sua provincia e depois no de S. Sulpicio em Pariz. Em 1855 recebeu tonsura das mãos de Sibour, o arcebispo martyr: em 1857 lhe era conferido o presbyterio.

Nomeado bispo do Pará em 1860, pronunciou-se contra o magonismo na luta empenhada por D. Vital de Oliveira, e com este foi condemnado e preso em uma fortaleza.

Amnistiado, proseguiu no seu labor episcopal, intrepidamente pelejando pela causa do catholicismo, onde quer que fosse ella aggredida.

Quando se proclamou a republica, D. Antonio tentou, mas em vão, consorciar a religião catholica com a nova ordem de cousas. Neste proposito o salteou a enfermidade a que succumbiu em Barbacena, a cujo clima fôra pedir allivio.

Pela sua erudição, amena eloquencia e segura dialectica, os discursos e escriptos deste prelado honram a litteratura brasileira.

### Restauração religiosa.

Abolimos o captiveiro material. Foi muito; mas isto foi apenas um começo; removemos um estorvo e nada mais. Cumpre agora abolir o captiveiro moral: é necessário resgatar as almas de tudo quanto é baixo, vergonhoso, degradante.

Restaurar moral e religiosamente o Brasil!

Esta é a obra das obras; a obra essencial, a obra fundamental, sobre que repousa a estabilidade do throno e o futuro da nossa sociedade.

Senhores, nós atravessamos uma hora perturbada e cheia de tristezas; assistimos a desfallecimentos deploráveis, a uma tendencia para derruir as tradições do passado sob pretexto de preparar mais auspicioso porvir.

Nunca um bispo entre nós fallou em occasião tão solemne; nunca a voz do Episcopado, de que sou aqui humilde órgão, teve tanto direito de se fazer ouvir e poud ter repercussão tão profunda em todas as almas.

Pois bem! Eu vos digo, com toda a autoridade de meu sagrado ministerio, que no meio das oscillações, das vicissitudes dos tempos e dos homens, no meio dos desmoronamentos e ruinas de que está cheia a historia, ha uma cousa que permanece, uma cousa firme, consistente, que vigora, que tem vida, com que se póde contar para o futuro: é a Religião de Jesus Christo, ensinada pela Igreja Catholica, ha dezoito seculos, com assistencia do Espirito do mesmo Christo.

Ahi está a força que restaura, ahi está a força que salva, que adianta seguramente os povos no caminho do verdadeiro progresso — o que tem por ponto de partida o Evangelho.

Um grande escriptor protestante, cujo nome não preciso declinar, porque todos o conheceis, confessa em uma

de suas obras esta verdade: "Lavra na sociedade moderna, diz elle, um grave mal, que é o desrespeito á autoridade. A Igreja Catholica é a maior e mais santa escola de respeito que ha sobre a terra... A França precisa de Catholicismo" (1).

E eu, talvez com mais razão do que este autor, posso dizer: *O Brasil precisa de Catholicismo!*

Outro grande pensador, e este catholico, escreveu a seguinte profunda sentença, que recommendo á vossa memoria: "Não ha governo de um grande povo que governe só (2)".

Vós que tendes nos hombros as tremendas responsabilidades do poder, sabeí que não podeis governar sós o Brasil; precisais, não podeis prescindir, do auxilio da religião. A força material da autoridade publica apenas attinge o corpo, — quando o attinge! E' preciso uma força superior, sobrenatural, que penetre até ás almas, que chegue até o fundo das consciencias para lá depor os germen fecundos da honra e da virtude. Precisais de fé! Com ella tudo se conservará, tudo florescerá, tudo prosperará.

Pois bem, senhores! já que o Summo Pontifice, o maior representante da Religião, o homem que exerce a maior força moral neste mundo, em uma crise tão memoravel da nossa vida social vem a nós, cheio de benevolencia e de amor pela nossa nação, vamos nós ao Summo Pontifice! Estreitemos com elle laços de amor, de gratidão, de filial obediencia.

E o Summo Pontifice dar-nos-ha Jesus Christo! Jesus Christo na perfeição dos seus mysterios, na integridade de seus divinaes ensinios; Jesus Christo em quem tudo consiste, por quem tudo se restaura (3).

---

(1) Guizot.

(2) Conde Joseph de Maistre.

(3) Omnia in ipso constant. (Colos., I. 17). Instaurare omnia in Christo (Eph., I. 10).

Jesus Christo! Eu desejára, senhores, pronunciar este nome no extase do amor e da adoração mais profunda...

Sem elle não ha esperança de salvação no tempo; sem elle não ha esperança de salvação na eternidade: *Non est in alio aliquo salus* (1).

Oh! meu Brasil! patria minha querida! curva o teu joelho reverente diante de Jesus Christo, e acharás no seu Evangelho a verdadeira luz, na sujeição á sua lei a verdadeira liberdade, no conforto de suas graças alegrias puras, suavissimas, as verdadeiras alegrias da alma, que começam na terra e se consummam no céo!

(D. ANTONIO DE MACEDO COSTA, Bispo do Pará e depois arcebispo da Bahia: discurso pronunciado em 28 de Setembro de 1888, por occasião da entrega da Rosa de Ouro á Princeza Imperial.)

---

O Visconde de Ouro Preto, Affonso Celso de Assis Figueiredo (Ouro Preto, 1837-1912) iniciou a vida com grandes dificuldades, labutando no magisterio particular e no jornalismo para estudar e se formar em direito na faculdade de S. Paulo. Exerceu diversos cargos administrativos, e successivamente foi eleito deputado provincial, geral e senador pela sua provincia natal, patenteando-se orador impetuoso e valente argumentador.

Aos vinte e nove annos de idade era ministro da marinha, no gabinete de 3 de Agosto de 1866, presidido pelo Conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos; e nessa pasta prestou relevantes serviços organizando a marinha que com o exercito cooperava na campanha do Paraguay. Foi ministro mais duas vezes, uma no gabinete Sinimbu (1879), dirigindo o ministerio da fazenda, e ainda nesta mesma pasta, em 1889, quando assumiu a presidencia do conselho de ministros a 7 de Junho.

Deposto pelo movimento de 1889, foi banido e partiu para a Europa, revelando em todos os transeos que então curtiu, a mais imperterrita compostura.

Não é aqui logar para serem enumerados todos os trabalhos financeiros, politicos e juridicos do Visconde de Ouro Preto, mas entre elles citaremos: — *A Esquerda e a Opposição Parlamentar*, em 1868; *Assessor Moderno*, em 1871; *Algumas idéas*

---

(1) Act., IV, 12.

sobre instrução, em 1882; *Statu liberi*, em 1885; *Reforma das Faculdades de direito*, em 1887; *Marcas de Fabrica*, em 1883; *Aos Mineiros*, em 1887; *Finanças de Regeneração*, em 1887; *Reforma da administração municipal*, em 1883; *Advento da Dictadura Militar no Brazil*, obra escripta no exilio logo após a revolução, e que no paiz teve a maior repercussão; *Excursão á Italia*, interessante livro de impressões de viagem, em 1891; *Marinha de outrora*, longo e documentado trabalho historico, 1894; e *Credito movei*, em 1899.

Neste mesmo anno entrou a ser publicada a *Decada Republicana*, apreciação da politica e da administração da Republica em seu primeiro decennio, e nessa publicação escreveu Ouro Preto duas extensas e optimas monographias sobre a marinha e sobre as finanças.

Havendo collaborado em diversas folhas politicas, e notadamente na *Reforma*, Ouro Preto fundou a *Tribuna Liberal*, que se publicou de 1888 a 1889 e a *Liberdade*, que se estampou de 1896 a 1897, sendo então atacada e destruida pelos adversarios.

Falleceu o Visconde de Ouro Preto no dia em que exactamente completava 75 annos de idade, a 21 de Fevereiro de 1912.

### A batalha de Riachuelo.

Alvorecera brilhante o dia 11 de Junho de 1865, domingo da Santissima Trindade.

Duas leguas abaixo da cidade de Corrientes, na extensa curva que faz o rio Paraná, entre a ponta daquelle nome e Santa Catalina, ao sul, viam-se em linha de combate, mas com os ferros no fundo e fogos abafados, nove canhoneiras a vapor, em cujos penões tremulava a bandeira brasileira.

Eram a segunda e terceira divisões da esquadra, que, depois de juntar ás glorias de Tonelero as de Paysandú e Corrientes, bloqueavam sob as ordens do capitão de mar e guerra Barroso da Silva o littoral occupado pelo inimigo.

Testa de columna a *Belmonte*, do commando de Abreu, e fechando a rétaguarda a *Araguary*, de Hoonholtz, no centro arvorava a insignia do chefe o *Amazonas*, commandado por Brito. Occupavam os intervallos a *Mearim*, commandante Eliziario Barbosa, a *Beberibe*, commandante Bonifacio, a *Ypiranga*, commandante Alvaro, e a *Jequitinhonha*, commandante Pinto, içando a fiammula do

chefe Gomensoro, a *Parnahyba*, commandante Garcindo, e por ultimo a *Iguatemy*, commandante Coimbra.

O céu irradiava côres esplendidas e as aguas do rio, correndo rapidamente em uma largura de tresentas braças, por entre as ilhas de Palomera e bancos adjacentes, faziam luzir nos estreitos e tortuosos canaes palhetas de ouro e prata, que iam quebrar-se em franjas de alva espuma, duas leguas além, na ponta de Santa Catalina.

Na margem esquerda, coberta de basto e corpulento arvoredo, projectavam-se ainda algumas sombras, em formoso contraste com a da direita, onde a natureza virgem do Chaco ostentava todos os esplendores de sua selvagem belleza á luz do astro nascente.

Si o olhar experimentado do nauta podesse, aos primeiros albores da manhã, descortinar por entre as arvores gigantescas e emmaranhadas silvas da margem correntina, o que alli se passava, não reinaria tanta calma nos descuidosos vasos, e prompto soaria em todos elles o toque de alarma porque um grande perigo os ameaçava!

E' que ao longo do littoral, na parte baixa da curva em que vem desaguar o *Riachuelo*, desdobrava-se extensa fila de abarracamentos, erguidos no silencio e escuridão da noite.

Dois mil infantes inimigos, cosendo-se com a terra, e tendo ao lado as mortiferas armas, espreitavam o combinado ensejo para atirarem certos sobre uma presa que reputavam segura, por estar desprevenida.

Mais longe, no extremo da ponta, sobre as desigualdades do terreno e mascaradas pela matta, collocara o coronel Briguez formidaveis baterias de foguetes á Congreve e 22 canhões, cujas pontarias firmava sobre todos os estreitos passos que deveriam descer e subir, cruzar e transpor as canhoneiras brasileiras, afim de destruil-as com seus fogos.

Tudo fôra planejado pela sagaz perfidia do guarany, que não confia só da superioridade numerica das forças o



exito dos combates, senão principalmente dos embustes imprevistos e lances de surpresa.

A sorte dos navios brasileiros, porém, estava bem protegida pela santidade da causa que defendiam, e indomável coragem de seus imperterritos tripulantes.

Concluída a faina da baldeação, parte das guarnições vogara para a terra em busca de lenha com que supprir a escassez do carvão, e o resto descansava, á excepção das vigias que estavam áleria nos cestos de gávea e dos homens necessarios á guarda da tolda.

Os sinos de bordo soaram 9 horas da manhã.

Repentinamente, por sobre a ponta de Corrientes, a enfrentar com a ilha de Mera, levantou-se ligeira nuvem de fumo, e, após essa, outra e mais outras, e quasi ao mesmo tempo ouviu-se cahir do tope de vante este grito: — *Navio á prôa!* e logo este outro: — *Esquadra inimiga á vista!* Içou de prompto o *Mearim* o correspondente signal.

Rufam os tambores e trillam os apitos em todos os navios das divisões; o *Amazonas* desíralda aos ventos o terrífico signal: — *Preparar para o combate!*

Um estremecimento electrico corre pelas veias dos valentes officiaes, marinheiros e soldados, todos acodem pressurosos e contentes aos seus postos, porque é finalmente chegado o momento de dar um dia de gloria á patria querida, e de infligir o primeiro castigo pelas atrocidades commettidas em Matto Grosso contra populações inermes, delicadas mulheres e innocentes crianças.

Já os fogos estão despertos, já as amarras são largadas sobre as boias, as peças e rodizios acham-se em bateria, abrem-se os paiões, as balas e as metralhas empilham-se no convéz, as gavêas guarnecem-se de atiradores, e os contingentes do exercito, enfileiram-se nas bordas. Pairando sobre as pás e de morrões accesos, só esperam os navios o signal de — *fogo!*

Metade das guarnições e os melhores praticos acham-se em terra...

Não importa? Recolher-se-hão aos primeiros estrondos do combate, e o entusiasmo duplicará as forças dos que ficaram.

O inimigo desce com grande velocidade; ajuda-o a correnteza do rio; dentro de quinze minutos enfrentar-se-ha com as divisões... Eil-o!

Junto á ilha de Mera avistam-se oito vapores rebocando seis chatas rasas, a nivelarem-se com as aguas, offerecendo como unico alvo a extremidade de grosso canhão de 68 a 80. Flammejam-lhes nos topes as tres cores da Republica; trazem os bojos pejados de gente e larga facha encarnada divisa-se-lhes por sobre as bordas. São os homens destinados á abordagem, que revestem, como em dia de festa, seu rubro uniforme de gala.

Formam estes um batalhão inteiro, o 6.º de infantaria da marinha, o mais aguerrido do exercito paraguayo, e cujas façanhas em Matto Grosso corriam de boca em boca nas ruas de Assumpção.

Possantes e herculeos, foram designados na vespera em Humaytá, pelo proprio dictador, que os armou de machados e sabres. Dirigira-lhes uma allocução ao embarcarem, recommendando que não matassem todos os prisioneiros, como promettiam, levando-lhes vivos alguns.

Rompia a marcha o *Paraguay*, commandado pelo capitão Alonso, seguindo-lhe as aguas o *Igurey*, commandante Cabral, o *Iporá*, commandante Ortiz, o *Salto*, commandante Alcaraz, o *Pirabebé*, commandante Pereira e o *Jejuy*, commandante Aniceto Lopez.

Tambem alli vinha, sob o commando de Robles (não se confunda este official de marinha com o general do mesmo nome, que invadiu Corrientes) o *Marquez de Olinda*, armado em guerra, depois de apresado pelo *Taquary*, navio capitanea, que fechava a linha. Nelle arvorava sua insignia de commando o velho chefe Meza, tendo como capitão de bandeira o capitão de fragata Martinez.

A esquadra paraguaya largou de Humaytá á meia noite, e, segundo as instrucções do dictador, antes de amanhecer devia passar ao largo dos brasileiros, aproar depois aguas acima, prolongar-se cada navio com um dos vasos inimigos, descarregar-lhe toda a artilharia e saltar á abordagem. Os atiradores e a bateria de terra deviam protegê-los e apoiá-los, nas peripecias do combate, se nesse primeiro arremesso não conseguissem apresar os navios brasileiros. Em marcha, porém, desarranjou-se a machina do *Iberé*, que tambem fazia parte da expedição, dando causa as tentativas feitas para reparar esse sinistro que já dia claro entestassem os Paraguayos com os navios de Barroso.

Logo trocaram entre si as duas esquadras as *devidas continencias*; ao cruzarem-se, despejaram-se reciprocamente nutridas bandas de artilharia, *chovendo de parte a parte balas e metralhas*; era *uma chuva de respeito*! (As palavras griphadas são da parte official de Barroso).

Apenas dobraram a ilha de Palomera, os navios paraguayos aproaram contra a corrente, como se pretendessem executar o plano de abordagem; mas, parando em meio caminho, cahiram á ré e de novo seguiram aguas abaixo, acossados pelo vigoroso fogo dos rodizios de popa de seus adversários.

Aonde iriam? Desanimados pela resistencia, ou já desbaratos pelas perdas e avarias, tentariam acaso fugir, procurando os canaes de agua escassa, inaccessiveis aos navios brasileiros, todos de grande calado?

Iriam aguardar o combate em logar previamente escolhido, onde tivessem sobre os inimigos, que forçosamente haviam de encalhar, a vantagem das manobras e movimentos livres?

Tal foi o problema que rapidamente se formulou no pensamento do denodado chefe Barroso, que sem hesitar resolveu ir-lhe ao encontro. Deixando a *Parnahyba*, onde desfraldara a sua insignia na primeira phase do combate, regressou ao *Amazonas*, que já então havia recebido o

prático, e fez aos seus commandados os seguintes signaes: — *Bater o inimigo que estiver mais proximo.* — O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever.

Reproduzindo as palavras de Nelson, antes da batalha de Trafalgar, o chefe brasileiro não lhe ficou somenos no arrojo com que affrontou a morte, sendo, como elle, o primeiro a dar o exemplo do que exigia dos seus subordinados.

Nelson entrou em fogo, adornado com todas as suas condecorações, offerecendo-se assim como alvo aos tiros do inimigo. Debalde seus officiaes lhe representaram que a posição de almirante e chefe lhe impunha o dever de não se expôr com tanto ardimento. Alli ficou até cahir mortalmente ferido.

Tambem Barroso, de pé sobre a caixa das rodas, ondeando-lhe ao vento a comprida e alva barba, apresentava sua imponente e marcial figura como ponto de mira aos milhares de projectis, que lhe choviam em torno como granizo.

Tendo ao lado o intrepido Brito e o habilissimo pratico Gustavino, só desceu do posto arriscado quando já não havia inimigo a debellar.

Como o heróe da *Victory*, podia tambem repetir ao terminar a batalha: — Graças a Deus, cumpri o meu dever!

*Esperava e não fugia* o inimigo collocado em linha de batalha. (Palavras da parte official). Sob a protecção da artilharia e fusilaria de terra, estava elle ao abrigo de qualquer tentativa de abordagem, e, para maior segurança, amarrara as chatas com espias, conservando-se os vapores sobre rodas, cosidos com a barranca.

A escolha da posição fôra verdadeiramente inspirada! O canal tortuoso, em que os navios brasileiros tinham de manobrar, tão estreito era que ao lado da ilha a oscillação das aguas, causada pela passagem dos vapores, desmoronava a terra da margem. Ao fazerem a travessia em frente do Riachuelo, os brasileiros eram obrigados a pas-

sar tão rente á alterosa barranca, em que Bruguez assentara suas baterias, que até pedras arrojavam sobre o convez os soldados paraguayos, cautelosamente agachados dentro das vallas em que se occultava a infantaria.

Onde quer, porém, que se refugiassem, resolvera Barroso ir procural-os e nenhum obstáculo fal-o-hia recuar.

Ao signal do navio-chefe as divisões, seguindo nas aguas do *Belmonte* (testa da columna e a primeira a inverter a linha de frente) manobram para descer o rio até haver largura em que pudessem dar a volta, prolongar-se com o inimigo e batel-o.

Não permittiam a differença de calado e comprimento dos navios brasileiros que elles fizessem a rotação no mesmo lugar, sendo-lhes preciso distanciarem-se grandemente até encontrar espaço.

O *Amazonas* teve de percorrer uma larga distancia, chegando a perder de vista o resto da esquadra, em consequencia das sinuosidades do canal. D'ahi resultava para os Paraguayos mais uma vantagem importante, qual a de facilmente poderem cortar a linha brasileira, o que effectuaram.

Atravessou a *Belmonte* o arriscado passo, e fel-o com toda a galhardia, supportando ella só todo o peso da esquadra inimiga, dos atiradores e das baterias de terra, que então se desmascararam.

Virando aguas abaixo, encalhou o *Jequitinhonha* em um banco de areia, que separa dous canaes estreitos, justamente em frente á artilharia de Bruguez. Fez a tripulação esforços sobrehumanos para safar a corveta, recebendo a tiro de pistola o mortifero fogo do inimigo. Não o conseguiu. Travou-se então luta desesperada, desigual, entre as baterias, tres navios paraguayos, que tentaram abordal-a, e a canhoneira immovel!

Rareia a tripulação dizimada pela metralha, mas conserva-se heroicamente sobre o convés, despejando com suas oitos peças violento fogo contra os de terra, que a fulminam, e repellindo a abordagem com o maior denôdo.

Tombam as vergas e mastros, o tubo do vapor deixa sahir a fumaça, que se escapa em borbotões pelos buracos que o crivam: a prôa, as amuradas, os escaleres võem em estilhaços, convertendo-se em outros tantos projectis contra a propria guarnição.

Nem assim deixa ella seu posto de honra, e sómente cessa de atirar, ao cahir da noite, depois de calados os fogos do inimigo. Ali encontra morte gloriosa o esperançoso guarda-marinha Lima Barros; mais 17 cadaveres, entre os quaes o do pratico André Motta, e grande numero de feridos enchem o tombadilho. E' contuso o chefe Gomensoro, recebendo a seu lado gloriosos ferimentos Freitas, Lacerda e Castro Silva, seus officiaes.

Repetindo contra varios navios a tentativa de abordagem, expressamente ordenada por Lopez, os paraguayos afinal conseguem dal-a á *Parnahyba*, que descia.

Cercam-n'a o *Paraguay*, o *Taquary* e o *Salto*. E' o primeiro repellido á metralha, mas os outros encostam-se a bombordo e estibordo. A valente guarnição, dirigida por Garcindo e enthusiasmada pelos heroicos esforços do immediato Firmino Chaves, e dos officiaes do exercito Pedro Affonso Ferreira e Maia, oppõe aos assaltantes invencivel resistencia.

Mas accommette-a tambem pela pôpa o *Marquez de Olinda*, que lhe despeja dentro numeroso golpe de gente de aspecto feroz, armada de sabres, machadinhas e revólveres.

Trava-se corpo a corpo medonho combate, ou antes horrorosa carnificina, no meio da qual os denodados officiaes, negros de fumo e coberto de sangue, erguem-se como vultos homericos, com a espada em punho. Geenhalgh, inda creança, prostra com um tiro o official que ousa intimal-o para arriar a bandeira, mas perece por sua vez aos golpes da horda que o cerca.

Pedro Affonso e Maia conquistam immorredoura gloria para o exercito, que representam, batendo-se a ferro frio e succumbindo depois de completamente mutilados.

Maia, tendo já decepada a mão direita, apanha a espada com a que lhe restava e faz frente ao inimigo.

Marcilio Dias, simples marinheiro, eterniza seu nome pelejando a sabre com quatro paraguayos, dois dos quaes rolam a seus pés; vacilla e cae, crivado de feridas, exangue e moribundo, aos feros botes dos outros dois.

Escorrega-se no sangue, tropeça-se sobre cadaveres, mas a luta continúa, ardentemente accessa; já o inimigo é senhor do convés, desde a pôpa até ao mastro grande, apoderou-se do leme e amainou o pavilhão!

A guarnição dizimada retira-se para a pôpa e entrincheira-se atraz das peças, continuando a resistir.

Durava essa pugna suprema havia uma hora, e os brasileiros teriam de succumbir ao numero, porque officiaes e soldados tombavam uns após outros, quando o navio chefe, a *Marim* e a *Belmonte*, apercebendo-se do que occorria, approaram cada um por seu lado para esse grupo tremendo de quatro navios que se enviavam reciprocamente a morte.

Comprehendendo os abordantes o perigo que os ameaça, largam o costado da *Parnahyba*, abandonando os que combatiam no convés. Estes hesitam, ao passo que os brasileiros, cobrando maior denodo, carregam, indo á frente o immediato Chaves, e os que não se precipitam no rio são traspassados á bayoneta.

Os restos da destemida guarnição atroam os ares com os gritos de victoria. A *Parnahyba* está salva, e de novo tremúla em sua pôpa a nobre bandeira um momento abatida!

Entretanto, todos os demais navios tinham vindo occupar seu posto na linha de batalha, que se tornava geral e cruamente se feria.

E' quasi impossivel descrever o sublime horror desse prelio infernal, concentrado em poucas braças de espaço, e no qual cerca de sete mil homens procuravam desapiadadamente exterminar-se!

Os tiros das peças de artilharia, o estourar dos foguetes á Congreve e o crepitar da fusilaria succediam-se de parte a parte com rapidez tal que o seu ininterrompido estrondear, immensamente augmentado pelos écos do rio, resoava á população aterrada de Corrientes, e mais longe á anciosa guarnição de Humaytá, como ribombar incessante de medonha trovoadas. Estremecia o solo a leguas de distancia, e nas agrestes planuras corriam, eriçados os pellos, milhares de animaes a esconder-se assustados na escuridão das selvas.

O proprio ardil de que os paraguayos se serviram, mascarando as baterias com a matta, foi-lhes fatal. Não perdiam os navios brasileiros um tiro. As balas despedidas da esquadra levavam de rojo corpulentas arvores, que eram outras tantas monstruosas palanquetas a desmontar canhões, esmagar artilheiros e abrir claros enormes nas filas dos atiradores, collocados á retaguarda.

A *Mearim*, ao mando do bravo Elizario Barbosa, postada a cincoenta braças da esquadra e baterias inimigas, arremessa-lhes cerradas cargas de artilharia e fusilaria, repelle abordagens, e só abandona o posto quando vóa em soccorro da *Parnahyba* ou da *Belmonte*, prestes a sosso-brar. Em seu tombadilho recebe nobremente a morte o guarda-marinha Torreão.

Depois de aguentar ella só a furia do inimigo, a *Belmonte* vê-se presa de incendio ateado por uma explosão. Pelos 37 rombos que tem nos costados, penetra a agua e apaga as chammás, mas dahi mesmo lhe vem maior perigo. As bombas e baldes não conseguem esgotal-a, o liquido elemento sobe rapido, alaga dois pés acima da coberta, a prôa mergulha. Só então o intrepido Abreu, que apesar de ferido se conserva no passadiço, trata de encahlal-a como unico meio de salvação e immediatamente cuida de tapar-lhe os rombos, para voltar ao combate. Caem a seu lado, morto o 2.º tenente Teixeira Pinto, e ferido o pratico Pozzo.



No *Beberibe* o commandante Bonifacio comporta-se com toda a bravura, expondo denodadamente a vida preciosa, que dias depois devia ser sacrificada na passagem de Mercedes; na *Iguatemy* o impertubavel Coimbra é conduzido em braços para a camara; o immediato Pimentel, que o substitue no passadiço, perde cinco minutos depois a cabeça, levada por uma bala: assume então o commando o jovem Gomes dos Santos, executando com bravura as instrucções que lhe envia o prostrado commandante.

Este navio collocara-se ao lado do *Jequitinhonha* para o defender, e ahí supportou com elle todo o fogo das baterias e da esquadra paraguayas, que encarniçavam contra a dismantellada canhoneira. No *Ypiranga* o denodado Alvaro, gravemente enfermo, rivaliza em arrojo e sangue frio com os mais valentes, e consegue metter no fundo uma chata.

Hoonholtz, admiravel de enthusiasmo e bravura, revela, na *Araguary*, qualidades de commando, raras em tão poucos annos. Elle bateu-se com vivacidade extrema, e, ao mesmo tempo que procura causar o maior prejuizo ao inimigo e cortar-lhe a retirada, soccorre por suas proprias mãos, atirando-lhes cabos, algumas praças que se debattiam contra a correnteza.

Entre o barco e a bateria, no mais estreito passo, cercam-n'o os tres vapores que tinham abordado o *Parnahyba*. O *Taquary* approxima-se a dez braças, mas recúa, recebendo á queima-buxa os disparos dos tres rodizios da canhoneira, simultaneamente carregados á metralha e a bala.

Os paraguayos, por sua parte, pelejam com uma coragem inexcedivel. Não é só o desprezo da morte que ostentam, se não o desejo de conseguil-a como heróes.

Com uma tenacidade cega arremessam-se á abordagem de quantos navios se avizinham nas diversas peripecias do combate, e as successivas derrotas que experimentam, as

perdas enormes, parece que mais lhes excitam a selvagem bravura.

Suas chatas, atirando ao lume d'agua com os grossos canhões que montavam, despedaçam os flancos dos navios brasileiros, ameaçando submergil-os de instante a instante. A artilharia e a fuzilaria da margem também arrojam sobre elles milhares de bombas, balas e metralhas.

A batalha tocou no seu auge, e é talvez ainda duvidoso o exito de tão mortifera contendá, quando na mente do velho Barroso surge a tremenda concepção que vae pôr glorioso termo á porfiada luta.

Depois de inquirir o commandante Brito sobre a força do navio, e o pratico sobre a profundidade do canal, transmitta a ordem que mais tarde, reproduzida por Teghetoff em Lissa, deu aos Austriacos tão celebre victoria. Deixemos que elle proprio descreva, rapidamente, como cumprimento de um dever commum, em linguagem simples e modesta, esse feito memorando:

«Subi e minha resolução foi acabar de uma vez toda a esquadra paraguaya, o que teria conseguido se os quatro vapores inimigos, que estavam para cima, não tivessem fugido».

«Puz a prôa sobre o primeiro e o esmigalhei, ficando completamente inutilizado, com agua aberta e indo pouco depois a pique».

«Segui a mesma manobra com o segundo, que era o *Marquez de Olinda*, inutilizei-o, e depois ao terceiro, que era o *Salto*, o qual ficou no mesmo estado. Os quatro restantes, vendo a manobra que eu praticava, e que me dispunha a fazer-lhes o mesmo, trataram de fugir rio acima.

«Depois de destruir o terceiro vapor, puz a prôa em uma das canhoneiras fluctuantes, a qual com o choque e um tiro foi ao fundo. Exmo. Sr. Almirante, todas estas manobras eram feitas sob o fogo mais vivo, quer dos navios e chatas, quer da artilharia de terra e mosquetaria de mil espingardas. A minha intenção em destruir por esta fórma toda a esquadra paraguaya, antes que decesse

ou subisse, porque necessariamente, mais tarde ou mais cedo, tínhamos de encalhar, por ser naquella localidade muito estreito o canal.

«Concluida esta faina, tratei de tomar as chatas, que ao approximar-me dellas eram abandonadas, saltando as guarnições ao rio e nadando para terra, que ficava proxima».

\*  
\* \*

Custou-nos tão assignalado triumpho 104 mortos, 123 feridos e 20 extraviados, alem de avarias importantes em quasi todos os navios (Barão do Rio Branco, em suas notas á obra de Schneider). Os paraguayos perderam para mais de 1000 homens, 4 vapores e 6 baterias fluctuantes. (O contra-almirante Ignacio Fonseca dá maior perda aos combatentes, a saber: brasileiros mortos, feridos e contusos, 244. Quanto á dos paraguayos, cerca de 1500 mortos, feridos e prisioneiros na esquadilha, e 1750 nas baterias e acampamento de Bruguez).

\*  
\* \*

A batalha de Riachuelo, considerada pelo seu aspecto exclusivamente militar, foi um dos maiores feitos navaes de que reza a historia. Ella assignalou uma época notavel nos annaes da marinha, innovando audaciosamente a tactica até então conhecida.

Só em combates parciaes se tinha apreciado o proveito a tirar do vapor, jamais experimentado nas grandes lutas de esquadra contra esquadra. Ao Brasil coube a gloria de resolver esse problema, mostrando o genio militar do chefe Barroso que um simples navio de madeira, de rodas, e calado improprio para o theatro de suas evoluções, podia ser empregado como irresistivel ariete.

A apreciação insuspeita das grandes nações marítimas ainda mais realça os louros colhidos pelo Imperio, no memoravel dia 11 de junho de 1865.

«A esquadra brasileira (disse o *Monitor Universal*) mostrou quanto pôde a bravura alliada á sciencia e á disciplina, e o modo por que manobraram as canhoneiras collocou a esquadra do Brasil e sua officialidade a par das marinhas européas».

«O Brasil (proclamou o *Morning Herald*) justificou a sua pretensão a ser considerado a primeira nação da America do Sul, e o direito de ser de futuro inscripto entre as grandes potencias do mundo».

Riachuelo foi um facto culminante na guerra provocada pelo dictador do Paraguay. A victoria que alli ganhou o Brasil, graças á inexcedivel bravura de seus marinheiros e á pericia do intrepido commandante, influuiu decididamente na sorte de toda a campanha.

.....

Assim desassombradas dos invasores, e desanimados seus inimigos internos, as nações alliadas poderam preparar com segurança os elementos necessarios para continuar na luta de honra cujos ultimos clarões lampejaram sobre as remotas e solitarias aguas do Aquidaban.

E justo motivo de orgulho nacional deve ser a recordação de que alli, como em *Riachuelo*, a bandeira brasileira se achou só diante do inimigo.

(*A Marinha de outr'ora*, Rio, 1895. — Pags. 168 a 189.)

---

José Vieira Couto de Magalhães (Minas, 1837-1898) foi um infatigável estudioso dos nossos sertões e no estudo das linguas indígenas despendeu boa parte da sua actividade.

Envolvido na politica do Imperio, e affiliado ao partido liberal, presidiu as provincias de Goyaz, Pará, Matto Grosso e São Paulo. Na penultima destas presidencias prestou relevantes serviços, desopprimindo da invasão paraguaya uma parte da provincia; e, como premio das victorias que nisso alcançou, foi galardado com o posto de brigadeiro honorario, distincção que então rarissimamente se concedia a civis.

São suas obras mais importantes: *O Selvagem*, tratado do idioma, dos costumes, mythos e usanças dos nossos Indios; uma *Viagem ao Araguaya*; *A Revolta de Philippe dos Santos em 1720*; *Os Guayanazes*; *Anchieta e as linguas indigenas*, por occasião do tri-centenario do famoso jesuita, etc.

Depois da revolução de 1889, que o foi colher na presidencia de S. Paulo, Couto de Magalhães retrahiu-se da vida publica, posto que de vez em quando corajoso protestasse contra abusos e violencias. Surpreendeu-o a morte, no Rio de Janeiro, após alguns desvarios mentaes, para que não achara completa cura na Europa.

### O idioma Tupy.

Nenhuma lingua primitiva do mundo, nem mesmo o sanskrito, occupou tão grande extensão geographica como o tupy e os seus dialectos; com effeito, desde o Amapá até ao Rio da Prata, pela costa oriental da America meridional, em uma extensão de mais de mil leguas, rumo de norte a sul; desde o cabo de S. Roque até a parte mais occidental de nossa fronteira com o Perú, no Javary, em uma extensão de mais de oitocentas leguas, estão, nos nomes dos logares, das plantas, dos rios e das tribus indigenas, que ainda erram por muitas destas regiões, os imperecedouros vestigios dessa lingua.

Confrontando-se as regiões occupadas pelas grandes linguas antigas, antes que ellas fossem linguas sábias e litterarias, nenhuma encontramos no velho mundo, Asia, Africa ou Europa, que tivesse occupado uma região igual á da área occupada pela lingua tupy. De modo que ella póde ser classificada, em relação á região geographica em

que domina, como uma das maiores linguas da terra, sinão a maior.

Pelo lado da perfeição, ella é admiravel; suas fórmulas grammaticaes, embora em mais de um ponto embryonarias, são, comtudo, tão engenhosas que, na opinião de quantos a estudaram, pôde ser comparada ás mais celebres. Esta proposição parecerá estranha a muita gente, mas o curso que começo agora a publicar e que, com o favor de Deus, espero levar a cabo de um modo completo, o deixará demonstrado. Muitas questões hoje obscuras em philologia e linguistica encontrarão no estudo desta, que constitue uma nova familia, a sua decifração.

Estas duas palavras *tupy* e *guarany* não significavam entre os selvagens que dellas usavam, sinão tribus ou familias que assim se denominavam. Estas duas expressões: lingua *tupy* ou lingua *guarany*, seriam como si nós dissessemos: a lingua dos mineiros ou a lingua dos paulistas.

Se no Paraguay qualquer disser: *guarany nhenhen*, para traduzir a expressão — lingua *guarany*, ninguem o entenderá, porque, para elles, o nome da lingua é: *ava nhenhen*, litteral: lingua de gente.

Desde que o homem fale duas linguas, comprehende que aquelles que não falam a sua se possam exprimir tão bem quanto elle o faz na propria. Mas entre povos primitivos, que não tinham a arte de escrever, e para quem as linguas estrangeiras eram tão inintelligiveis como o canto dos passaros, ou os gritos dos animaes, muito natural era que elles só considerassem como lingua de gente a sua propria. A expressão *ava nhenhen*, para exprimir a lingua falada por elles, mostra-nos que a idéa que tinham das outras é que ellas não eram linguas de gente.

Observa o Sr. Max Muller, com muita verdade, que nós, os homens do seculo XIX, difficilmente podemos comprehender toda a influencia que exerceu sobre as sociedades barbaras este admiravel instrumento chamado lingua.

Para o selvagem, aquelle que fala a sua lingua é um seu parente, portanto, seu amigo, e é natural.

Elle não tem idéa alguma da arte de escrever; não comprehende nenhum methodo de aprender uma lingua, senão aquelle pelo qual adquiriu a propria, isto é: pelo ensino materno; por isso, quando um branco fala a sua lingua, elle julga que esse branco é seu parente e que entre a gente de sua tribu e na infancia é que tal branco aprendeu a falar.

Em uma das vezes em que os *Gradahús* appareceram á margem do Paraguay, eu acompanhei-os sósinho em uma longa excursão, levado pela curiosidade de observar grandes aldeamentos inteiramente selvagens; esses *Gradahús* achavam-se em numero superior a mil, eram havidos por ferozes, e meus companheiros julgavam temeridade visital-os.

Eu, porém, o fiz, sem coragem alguma, porque, falando um pouco da lingua delles, tinha plena e absoluta certeza não só de que minha vida não corria o menor risco, como elles me procurariam obsequiar por todos os modos; e assim succedeu.

Assim como, para o selvagem, aquelle que fala a sua lingua, elle reputa de seu sangue, e, como tal, seu amigo, assim tambem julga que é inimigo aquelle que a não fala. O citado Sr. Max Muller nota: que entre todos os povos europeus a palavra que traduz a idéa de inimigo significava primitivamente *aquelle que não fala a nossa lingua*; que muito é que o mesmo se dêsse entre os nossos selvagens?

Foi partindo desse importante facto que os jesuitas em menos de cincoenta annos, tinham amansado quasi todos os selvagens da costa do Brasil.

Seu segredo unico foi assentar a sua catechese na base do interprete, base esquecida pelos catechistas modernos, que por isso tão pouco hão conseguido.

Assim, pois, diziamos que a palavra *guarany* não é o nome de uma lingua e que a lingua que nós designamos

por esta expressão, elles designam com a de — lingua de gente ou *ava nhenhen*. O mesmo diremos a proposito da lingua tupy.

Tupy era o nome de uma tribu, que, ao tempo da descoberta, dominava grande parte da costa.

Se dissermos a qualquer indio civilizado do Amazonas: fale em lingua tupy, elle não entende o que lhe queremos dizer; para que elle não entenda que queremos que elle se expresse na sua propria lingua, mistér é dizer-lhe: *Renhenhen nhenhengatú rupi*, litteral: *fale lingua boa pela*, isto é: *fale pela lingua boa*.

Este facto fizeram-me adoptar os vocabulos *ava nhenhen* e *nhenhengatú* para exprimir: o primeiro, a lingua guarany, o segundo, a lingua tupy.

(O selvagem).

Joaquim Maria Machado de Assis (Rio de Janeiro, 1839-1908) romancista, poeta e critico, começou humildemente como typographo e foi um homem que por si mesmo se fez, o que tem acontecido a muitos, mas sempre sem deslize de uma modestia que passava as raias da timidez, e isso é mais raro.

Quando morreu era presidente da Academia Brasileira de Lettras e gosava de incontestada primazia entre seus pares, tanto na douda corporação como fóra della.

Escreveu: *Theatro*, em 1863; *Chrysallidas*, versos, 1864; *Os deuses de casaca*, comedia, 1866; *Phalenas*, versos, 1866; *Contos fluminenses* (1870), *Historias da meia-noite* (1873), *Papeis avulsos* (1882), *Historias sem data* (1884), *Varias historias* (1895), *Paginas recolhidas e Reliquias de casa velha* (1906) — livros de contos; *Resurreição*, *Helena*, *Yayá Garcia* (1878), *Memorias postumas de Braz Cubas* (1881), *Quincas Borba*, *D. Casmurro*, *Esau e Jacob*, o *Memorial de Ayres*, romances; e as comedias *A Mão e a Luva*, *Tu, só tu, puro amor* (por occasião do tricentenario camoneano), *Quasi ministro* e *Não consulte medico*. Entre as suas traducções figura uma, do conhecido romance de Victor Hugo *Os trabalhadores do mar*. Ainda não está reunida a sua vasta collaboração em muitas revistas e jornaes.

A suavidade do sentimento mesclava Machado de Assis um delicado humorismo, que, como já foi dito, parava bem longe das portas do sarcasmo e mesmo da sátira pessoal. Originalis-



simo na invenção, timbrava outresim na correção da linguagem.

Machado de Assis casou-se com uma distincta senhora, irman do poeta portuguez Faustino de Novaes. Nunca tiveram filhos, e a morte da esposa, da sua Carolina, encheu de incuravel tristeza os ultimos dias do viuvo.

Havendo tanto produzido nas lettras, o laborioso escriptor ainda achava tempo para ser impeccavel funcionario, no *Diario Official* e na Secretaria de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, onde chegou a director.

### Quincas Borba.

— Quincas Borba! exclamou, abrindo-lhe a porta.

O cão atirou-se fóra. Que alegria! que enthusiasmo! que saltos em volta do amo! chega a lambar-lhe a mão de contente, mas Rubião dá-lhe um tabefe, que lhe doe; elle recua um pouco, triste, com a cauda entre as pernas; depois o senhor dá um estalinho com os dedos, e eil-o que volta novamente com a mesma alegria.

— Socega! socega!

«Quincas Borba» vae atraz delle pelo jardim fóra, contorna a casa, ora andando, ora aos saltos. Saboreia a liberdade, mas não perde o amo de vista.

Aqui fareja, ali pára a coçar uma orelha, acolá cata uma pulga na barriga, mas de um salto galga o espaço e o tempo perdido, e cose-se outra vez com os calcanhares do senhor. Parece-lhe que Rubião não pensa em outra cousa, que anda agora de um lado para o outro unicamente para fazel-o andar tambem e recuperar o tempo em que esteve retido. Quando Rubião estaca, elle olha para cima, á espera; naturalmente, cuida delle; é algum projecto, sahirem juntos, ou cousa assim agradavel. Não lhe lembra nunca a possibilidade de um pontapé ou de um tabefe.

Tem o sentimento da confiança, e muito curta a memoria das pancadas. Ao contrario, os affagos ficam-lhe

impressos e fixos, por mais distraídos que sejam. Gosta de ser amado. Contenta-se de crêr que o é.

A vida ali não é completamente boa, nem completamente má. Ha um moleque que o lava todos os dias em agua fria, usança do diabo, a que elle se não acostuma. Jean, o cozinheiro, gosta do cão; o criado hespanhol não gosta nada. Rubião passa muitas horas fóra de casa, mas não o trata mal, e consente que vá acima, que assista ao almoço e ao jantar, que o acompanhe á sala ou ao gabinete.

Brinca ás vezes com elle: fal-o pular. Si chegam visitas de alguma cerimonia, manda-o levar para dentro ou para baixo, e, resistindo elle sempre, o hespanhol toma-o a principio com muita delicadeza, mas vinga-se d'ahi a pouco, arrastando-o por uma orelha ou por uma perna, atira-o ao longe e fecha-lhe todas as communicações com a casa.

— *Perro del infierno!*

Machucado, separado do amigo, «Quincas Borba» vae então deitar-se a um canto, e fica ali muito tempo, calado; agita-se um pouco, até que acha posição definitiva, e cerra os olhos. Não dorme, recolhe as idéas, combina, relembra; a figura vaga do finado amigo passa-lhe acaso ao longe, muito ao longe, aos pedaços, depois mistura-se á do amigo actual, e parecem ambas uma só pessoa; depois outras idéas...

Mas já são muitas idéas, — são idéas demais; em todo caso são idéas de cachorro, poeira de idéas — menos ainda que poeira, explicará o leitor. Mas a verdade é que este olho que se abre de quando em quando para fixar o espaço tão expressivamente, parece traduzir alguma cousa, que brilha lá dentro, lá muito ao fundo de outra cousa que não sei como diga, para exprimir uma parte canina, que não é a cauda nem as orelhas. Pobre lingua humana!

Afinal adormece. Então as imagens da vida brincam nelle, em sonho, vagas, recentes, farrapo d'aqui, remendo d'ali. Quando acorda, esqueceu o mal; tem em si uma ex-

pressão, que não digo seja melancolia, para não aggravar o leitor. Diz-se de uma paizagem que é melancolica, mas não se diz igual cousa de um cão. A razão não póde ser outra sinão que a melancolia da paizagem está em nós mesmos, emquanto que attribuil-a ao cão é deixal-a fóra de nós. Seja o que fôr, é alguma cousa que não a alegria de ha pouco; mas venha um assobio do cozinheiro, ou um gesto do senhor, e lá vae tudo embora, os olhos brillham, o prazer arregaça-lhe o focinho e as pernas voam que parecem azas.

(*Quincas Borba*)

### O Visconde do Rio Branco.

Contrastando com Souza Franco, vinha a figura de Paranhos, alta e forte.

Não é preciso dizel-o a uma geração que o conheceu e admirou, ainda bello e robusto na velhice. Nem é preciso lembrar que era uma das primeiras vozes do Senado.

Eu trazia de cór as palavras que alguém me confiou haver-lhe dicto, quando era simples estudante da Escola Central: «Sr. Paranhos, você ainda ha de ser ministro». O estudante respondia modestamente, sorrindo; mas o propheta dos seus destinos tinha apanhado bem o valor e a direcção da alma do moço.

Muitas recordações me vieram do Paranhos de então, discursos de ataque, discursos de defesa; mas uma basta: a justificação do convenio de 20 de Novembro. A noticia deste acto entrou no Rio de Janeiro, como as outras desse tempo, em que não havia telegrapho. Os successos do exterior chegavam-nos ás braçadas, por atacado, e uma batalha, uma conspiração, um acto diplomatico eram conhecidos com todos os seus pormenores. Por um paquete do Sul soubemos do convenio da villa da União. O facto

foi mal recebido, fez-se uma manifestação de rua, e um grupo de populares, com tres ou quatro chefes á frente, foi pedir ao governo a demissão do plenipotenciario. Paranhos foi demittido e, aberta a sessão parlamentar, cuidou de produzir a sua defesa.

Tornei a vê-lo aquelle dia, e ainda agora parece-me vê-lo. Galerias e tribunas estavam cheias de gente; ao salão do Senado foram admittidos muitos homens politicos ou simplesmente curiosos. Era uma hora da tarde quando o presidente deu a palavra ao Senador por Matto Grosso; começou a discussão do voto de graças. Paranhos costumava falar com moderação e pausa; firmava os dedos, erguia-os para o gesto lento e sobrio, ou então para chamar os punhos da camisa, e a voz ia sahindo meditada e colorida. Naquelle dia, porém, a ancia de produzir a defesa era tal, que as primeiras palavras foram antes bradadas que dictas: «Não a vaidade, Sr. Presidente»... D'ahi a um instante, a voz tornava ao diapazão habitual, e o discurso continuou como ños outros dias. Eram nove horas da noite, quando elle acabou; estava como no principio, nenhum signal de fadiga nelle, nem no auditorio, que o applaudiu.

Foi uma das mais fundas impressões que me deixou a eloquencia parlamentar. A agitação passara com os successos, a defesa estava feita. Annos depois do ataque, esta mesma cidade acclamava o auctor da lei de 28 de Setembro de 1871 como uma gloria nacional; e ainda depois, quando elle tornou da Europa, foi recebê-lo e conduzi-lo até á casa. Ao clarão de um bello sol, rubro de commoção, levado pelo enthusiasmo publico, Paranhos seguia as mesmas ruas que, annos antes, voltando do Sul, pisara sósinho e condemnado.

(*Páginas recolhidas*).

Franklin Tavora (Ceará, 1842-1888) laboriosamente explorou diversas provincias litterarias, manifestando-se romancista, dramaturgo e critico.

São romances seus: *Um casamento no arrabalde*, *O Cabelleira*, *O Matuto*, *Os Indios de Jaguaribe*, *Lourenço*, *A Casa de Palha*, *Sacrificio*, além das *Lendas do Norte*. Dramas: *Tres lagrymas*, *Um mysterio de familia*, *Antonio*. Entre os seus trabalhos criticos cumpre citar as *Cartas a Cincinato por Sempronio*, sobre produções litterarias de José de Alencar, e um *Prefacio* ao *Diario de Lazaro* de Nicolau Fagundes Varella.

Observador dos costumes nortistas, Franklin Tavora habilmente os trasladava ás suas obras, e adiantou mesmo a idéa de fazer dessas peculiaridades regionaes a nota distinctiva de uma *litteratura do Norte*.

Era bacharel em direito, e exerceu diversos cargos publicos, secretario do governo da provincia do Pará e official da secretaria do Imperio. Collaborou assiduamente na *Revista Brasileira*, phase de 1879-1881, e em outras publicações periodicas; e foi membro do Instituto Geographico e Archeologico de Pernambuco e do Instituto Historico e Geographico do Brasil.

### A Cruz do Patrão.

O Beberibe é a mais rica e bella pagina da historia do dominio hollandez nas provincias do norte do Brasil. Cada uma das suas ilhas representa um capitulo da homerica epopeia, que por muito tempo trouxe assombrado o velho mundo no seculo XVII. A Cruz do Patrão, posto que não houvesse figurado nesses tempos heroicos, veio a ser depois vulto importante das muitas tradições do valle de Beberibe.

A Cruz do Patrão está situada no isthmo — gigantesco traço de união — posto pela natureza entre o Recife e Olinda. E' uma cruz de pedra; está collocada no cimo de elevada columna e serve para indicar aos navegantes o poço onde surgem os navios, entre o isthmo e o recife natural que borda a provincia. Tem, ao norte, o forte do Buraco e ao sul a fortaleza do Brum; ahi plantados pelo genio bátavo.

Por muito tempo foi crença que todo aquelle que passasse de noite por perto d'ella, ouviria gemidos angus-

tiosos, via as almas penadas ou seria perseguido por infernaes espiritos. Circumstancias accidentaes davam auctoridade a estas crenças de remotas eras. Mais de um viandante, passando por ali em horas mortas, encontrara o termo de seus dias. O sitio é de seu natural deserto e como proprio para se commetterem violencias e atrocidades. De um lado corre o rio, profundo nas marés vivas; do outro raiva, bramando e espadanando ondas, o oceano, tunulo insondavel e medonho; o isthmo é estreito, longo e ermo. Facil sepultura póde abrir na areia frouxa, nas aguas mansas do Beberibe, ou nas ondas cruzadas do Atlantico, a mão amestrada a occultar as victimas do punhal, que ella brande.

Um dia appareceu um estudante morto junto da Cruz do Patrão. As suspeitas da justiça cahiram sobre certo soldado de uma das fortalezas visinhas do logar do delicto. Nas velhas roupas do indiciado depararam-se nódoas que á justiça pareceu serem de sangue, mas que elle affirmou ser ferrugem.

Julgou-se escusado, pela evidencia do facto, o exame da sciencia para completo esclarecimento da verdade e o infeliz, condemnado a galés, foi cumprir na ilha de Fernando o seu degredo perpetuo. Passados alguns annos, um enfermo confessou ser elle, e não o soldado, o auctor do homicidio. Ordens foram expedidas para que voltasse a metter-se de posse de sua liberdade: aquelle que fôra injustamente privado d'ella. Estas ordens não tiveram resultados, porque durante o longo somno da justiça da terra, havia entregado a alma ao Creador a victima innocente.

Annos depois foi espingardeado junto da Cruz do Patrão outro soldado, por haver erguido a arma contra seu superior. Se bem me recorde, foi esta a ultima execução capital que testemunhou Pernambuco.

Era presidente d'essa provincia Honorio Hermeto Carneiro Leão, nomeado tempos depois Marquez do Paraná. Por esses factos de proxima data e por outros semelhantes de data remota, a Cruz do Patrão foi até certo tempo fonte

de superstições populares. Antes de se haver feito a nova estrada que por S. Amaro põe o Recife em communicação com Olinda, ninguém se animava a passar desacompanhado, de noite, pelo isthmo. Os matutos que tinham de vir desta ou voltar daquela cidade aguardavam para o fazer, a maré-secca, que lhes permittia beirar o rio em certos pontos por entre mangues, deixando a alguns passos a cruz fatidica. Os canoieiros tinham o cuidado de navegar por dentro, afim de escusar a sua vista.

Porém o que mais particularizou a Cruz do Patrão foram tradições de espiritos infernaes, bruxarias e outras quejandas. Dizia-se que os feiticeiros iam celebrar ali os seus sortilegios em noite de S. João, que elles escolhiam para iniciar nos asquerosos mysterios os neophytos. Apparecia o diabo e fazia cousas de arripiar o cabello. Foi por uma dessas occasiões que teve existencia a presente lenda. Estava celebrando a sua sessão annual o congresso dos negros feiticeiros do Recife. Cada um delles tinha na mão um cacho de flores de arruda. O povo diz que em noite de S. João esta planta dá flores, as quaes são logo arrebatadas pelos feiticeiros para as suas bruxarias. A' meia noite começou a choréa dos mandingueiros.

Tripudiavam estes á roda da Cruz, rezando orações de tenebrosa virtude. O rei das trévas não se fez esperar por muito tempo. Tinha a forma de um animal desconhecido. Era preto como carvão. Os olhos accesos despediam chispas azues. Brasas vivas cahiam-lhe da bocca encarnada e ameaçadora. Pela garganta se lhe viam as entranhas, onde o fogo fervia. A visão horripilante a todos metteu horror.

Entre os que tinham ido tomar *mandinga*, achava-se uma negra de grosso toutiço e largas ancas, que lhe davam a fórma de *tanajura*. Foi a primeira vez que passou pelas duras provás.

O animal informe atirou-se a ella por entre uma chuva de faiscas abrasadoras: ella, porém, deitou a correr pelo isthmo a fóra, como se tivesse perdido a razão. Quando

pensava que havia escapado á provação cruel, tomou-lhe a dianteira o animal, cada vez mais ameaçador e terrível. Levada pelo desespero pelo que via e sentia em derredor de si, a negra correu ao mar para atirar-se nas aguas gemedoras. O mar mostrava-se mais medonho que o demonio solto e as suas vozes puzeram no coração della mais pavor; do que as dos feiticeiros, que tripudiavam á roda da Cruz, em sua infernal choréa. Retrocedeu mais horrorizada que antes. Tendo dado de rosto com o inimigo pela vigesima vez, correu ao rio que volvia as aguas tão de manso, que parecia adormecido.

Metteu-se por ellas a dentro, para escapar á terrível perseguição.

Enganado pela vista dos mangues, o demonio atirou-se após a fugitiva, julgando entrar em uma floresta. Assim, porém, que o seu corpo igneo se pôz em contacto com as aguas frias, subita explosão destruiu a furiosa alimaria. O estampido ribombou como descarga electrica. Nuvem de fumo espesso, que tresandou a enxofre, cobriu a face de Beberibe.

No outro dia, na baixa-mar, appareceu no logar onde a negra se tinha afundado, não o seu corpo, mas a Corôa-preta, que indicou d'ahi por deante aos feiticeiros a vingança do espirito das trévas.

Ha bem poucos annos via-se ainda, na altura da Cruz do Patrão, quando a maré deixava de fóra o formoso archipelago que a natureza situou no leito do Beberibe, a Corôa-preta, assim conhecida entre os canoeiros pela côr dos detritos que ali se haviam accumulado, que contrastava, por sua nudez, com as ilhas circumstantes.

Nestas a natureza sorria com gentil e variavel amenidade; naquella dominava a aridez e o deserto. Nenhum mangue fóra beber em seu seio maldicto o humus que as florestas de mangues sugam nos seios boleados das ilhas de continuo refrigeradas pelas aguas lustraes do Beberibe. As ilhas, vestidas de viçosos e alegres arvoredos, podiam



offerecer residencia ás fadas amigas e bonançosos genios, a corôa escavada só podera servir, pela sua feição tumular e triste, de morada a algum peregrino espirito, precursor de tempestades e de enchentes destruidoras.

Dizia o povo que, quando tivesse desaparecido de todo a Corôa-preta, teria cessado tambem o encanto da Cruz do Patrão. O que é certo é que hoje não se fala na Corôa, nem na Cruz; aquella foi de todo comida pelas aguas do rio, emquanto esta a ninguem mais mette medo, porque já ninguem passa pelo isthmo, excepto os soldados que guardam as fortalezas.

O Recife e Olinda communicam-se assidua e diariamente pela estrada de S. Amaro, por onde as locomotivas correm, de espaço a espaço, enchendo a margem direita do Beberibe de fumos e ruido, que indicam o percurso da civilização por aquellas solidões pittorescas.

O isthmo ha de desaparecer tambem de todo, como desapareceu a Corôa e cessou o encanto da Cruz.

A' proporção que Olinda augmenta ao sul e o Recife ao norte, encurta nas extremidades a lingua de areia que ainda as separa. D'aqui a algumas dezenas de annos sobre sua face, ora rasa e nua, ter-se-á levantado entre as aguas azues do oceano e as aguas claras do rio um quarteirão de casas gentis, de quasi meia legua de comprido.

O Recife poderá então dizer á sua esposa de cara memoria esta letra de um dos seus immortaes poetas:

Não nos separa  
Momento algum;  
De dois que fomos,  
Somos só um.

---

Alfredo d'Escragnolle Taunay (Visconde de Taunay), nascido no Rio de Janeiro em 1843 e falecido em 1899, foi um operoso polygrapho que brilhantemente se distinguiu no jornalismo, na tribuna parlamentar, na historia, no romance e no theatro.

Bacharel em lettras pelo Imperial Collegio de Pedro II e em mathematica pela Escola Central, onde então terminavam seu curso e se graduavam os engenheiros militares, Taunay, oriundo de uma nobre familia de artistas francezes, sempre conservou inalterado o sentimento artistico e litterario.

Tendo tomado parte na expedição que da invasão paraguayana foi libertar a provincia de Matto Grosso, escreveu, em lingua franceza, um livro celebre, *La Retraite de Laguna*, historiando pungente episodio dessa campanha. Ha dessa obra uma bella traducção portugueza, feita pelo Sr. Dr. Ramiz Galvão.

O seu mais apreciado romance, *Innocencia*, mereceu igualmente ser vertido em varios idiomas, o que lhe deu celebridade europeia. Outras obras suas: *Céos e terras do Brasil*, *Narrativas militares*, *Scenas de viagem*, *Ouro sobre azul*, *Mocidade de Trajano*, *O Encilhamento* e *No Declínio*.

Tendo governado, como presidente, a provincia de S. Catharina, Taunay, que já fôra deputado por Matto Grosso, foi eleito senador pelos catharinenses, deixando então, no posto de major, o serviço do exercito. Era professor da Escola Militar e membro do Instituto Historico e da Academia Brasileira de Lettras.

Escriptor fluentissimo e correcto, Taunay, sem se elevar em desmedidos surtos, depara sempre agradável leitura, mórmente a brasileiros, cujos costumes, nelmente descriptos, fazia figurar em formosissimos quadros.

### Aspectos do Sertão.

A estrada que atravessa essas regiões incultas desenrola-se á maneira de alvejante faixa, aberta que é na areia, elemento dominante na composição de todo aquelle solo, fertilizado aliás por um sem numero de limpídos e borbulhantes regatos, cujos contingentes são outros tantos tributarios do rio Paraná e do seu contravertente, o Paraguay.

Essa areia solta e um tanto grossa tem côr uniforme, que reverbera com intensidade os raios do sol, quando nella batem de chapa.

Em alguns pontos é tão fôfa e movediça, que os animaes das tropas viageiras arquejam de cansaço ao vencerem aquelle terreno incerto, que lhes foge de sob os cascos e onde se enterram até meia canella.

Frequentes são também os desvios, que da estrada partem de um e outro lado e proporcionam na mata adjacente trilha mais firme, por ser menos pisada.

Se parece sempre igual o aspecto do caminho, em compensação mui variadas se mostram as paizagens em torno.

Ora é a perspectiva dos cerrados, não desses cerrados de arvores rachiticas, enfezadas e retorcidas de S. Paulo e Minas Geraes, mas de garbosos e elevados madeiros que, se bem não tomem todo o corpo de que são capazes á beira das aguas correntes ou regados pela lymphá dos corrêgos, comtudo ensombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram na casca lisa a força da seiva que os alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora successões de luxuriantes capões, tão regulares e symetricos em sua disposição, que surprehendem e enfeitiçam os olhos; ora, enfim, charnecas meio apauladas, meio seccas, onde nasce o altivo burity, e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso.

Nesses campos tão diversos pelo matiz das côres, o capim crescido e resecado pelo ardor do sol transforma-se em vicejante tapete de relva, quando lavra o incendio que algum tropeiro, por acaso ou mero desenfado, ateia com uma fagulha do seu isqueiro.

Minando á surda na touceira, quêda a vivida centelha. Corra d'ahi a instantes qualquer aragem, por debil que seja, e levanta-se a lingua de fogo esguia e trémula, como que a contemplar medrosa e vacillante os espaços immeensos que se abrem diante della. Soprem então as auras com mais força, e de mil pontos a um tempo arrebetam soffregas labaredas que se enroscam umas nas outras, de subito se dividem, deslizam, lambem vastas superficies, der-

pedem ao céu rolos de negrejante fumo e vôam, roncando pelos matagaes de tabocas e taquaras, até esbarrarem de encontro a alguma margem de rio, que não possam transpôr, caso não as tanja para além o vento, ajudando com valente folego a obra de destruição.

Acalmado aquelle impeto por falta de alimento, fica tudo debaixo de espessa camada de cinzas. O fogo, detido em pontos, aqui, ali, a consumir com mais lentidão algum estorvo, vae aos poucos morrendo até se extinguir de todo, deixando como signal da avassalladora passagem o alvacento lençol, que lhe foi seguindo os velozes passos.

Atravez da atmospherá ennuclada mal pôde então coar-se a luz do sol. A incineração é completa, o calor intenso, e nos ares revoltos volitam palhinhas carboretadas, detritos, argueiros, e granulos de carvão, que redemoinham, sobem, descem e se emmaranham nos sorvedouros e adelgaçadas trombas, caprichosamente formadas pelas aragens, ao embaterem umas de encontro ás outras.

Por toda parte melancolia; de todos os lados tetricas perspectivas.

E' cahir, porém, d'ahi a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aquelles sombrios recantos a traçar ás pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa actividade. Transborda a vida.

Não ha ponto em que não brote o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sofrego de quem espreita azada occasião para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura.

Aquella instantanea resurreição nada, nada pôde pôr peias. Basta uma noite, para que formosa alfombra verde, verde-claro, verde gaio, assetinado, cubra todas as tristezas de ha pouco. Aprimoram-se depois os esforços; rompem as flores do campo, que desabotoam ás caricias da brisa as delicadas corollas e lhe entregam as primicias dos seus candidos perfumes.

Se falham essas chuvas vivificadoras, então, por muitos e muitos mezes ahi ficam aquellas campinas devastadas pelo fogo, lugubrememente illuminadas por avermelhados clarões, sem uma sombra, um sorriso, uma esperança de vida, com todas as suas opulencias e verdejantes pimpolhos occultos, como que raladas de dôr e mudo desespero por não poderem ostentar as riquezas e gala encerradas no ubertoso seio.

Nessas afflictas paragens, não mais se ouve o piar da esquiva perdiz, tão frequente antes do incendio. Só de vez em quando echôa o arrastado guincho de algum gavião, que paira lá em cima ou bordeja ao chegar-se á terra, afim de agarrar um ou outro reptil chamuscado do fogo que lavrou.

(Innocencia, Rio, 1896.)

---

O Barão do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos (Rio de Janeiro, 1845-1912) era filho do grande estadista do mesmo nome e que teve o titulo de Visconde do Rio Branco.

Estudou seis annos no Collegio de Pedro II, onde o curso era então de sete annos, e formou-se em direito na faculdade de S. Paulo.

Foi professor interino de historia e chorographia do Brasil no Collegio de Pedro II e exerceu o cargo de promotor publico na comarca de Nova Friburgo, na provincia, hoje Estado do Rio de Janeiro.

Deputado geral pela provincia de Matto Grosso nas legislaturas de 1869 a 1872 e de 1872 a 1875, Rio Branco durante algum tempo collaborou no jornal *A Nação*, mas logo, desgostoso da politica partidaria, entrou a desempenhar em Liverpool, desde 1876, as funcções de Consul do Brasil, e depois da revolução de 1889, desta data até 1892, occupou o logar de superintendente geral da emigração.

Em 1894, nomeado ministro plenipotenciario e enviado extraordinario do Brasil perante o governo dos Estados Unidos da

América, no processo de arbitragem da secular questão de limites entre o nosso paiz e a Republica Argentina, obteve aquelle esplendido triumpho que foi a decisão do presidente Cleveland, dando-nos ganho de causa no territorio das Missões.

Perante o governo da Republica Helvetica teve ainda a incumbencia de advogar os direitos do Brasil na pendencia de limites com a Guyana Franceza, e ainda ahi logrou a mais assignalada victoria.

Desde 1902 até morrer foi ministro das Relações Exteriores, e nesta qualidade dirimiu a intrincada questão do Acre, assegurando ao Brasil, pelo tratado de Petropolis, celebrado a 17 de Novembro de 1903, entre nossa patria e a Bolivia, um novo, immenso e productivo territorio, que em superficie excede varios Estados da União.

A criação do primeiro cardinalato sul-americano para o arcebispo do Rio de Janeiro, a celebração, nesta capital, da 3ª Conferencia Internacional Americana, a participação conspicua do Brasil na Conferencia da Paz em Haya, o tratado de condominio da lagôa Mirim e do rio Jaguarão, affirmando a republica do Uruguay e ao mundo a perduração das generosas tradições da politica brasileira no continente—remataram a gloria deste brasileiro, que de si sempre afastou todas as tentativas para o collocarem na presidencia da Republica.

Rio Branco, que foi presidente do Instituto Historico e Geographico e membro da Academia Brasileira de Letras, escreveu: — *Episodios da guerra do Prata, 1825-1828*, trabalho primeiramente estampado em uma *Revista Mensal* do Instituto Scientifico de S. Paulo; um esboço biographico do general José de Abreu, Barão do Serro Largo, trabalho publicado na *Revista* do Instituto Historico; annotações copiosas á obra de L. Schneider *A guerra da Triplice Alliança*, traduzida do allemão pelo erudito dr. Manoel Thomás Alves Nogueira; varias noticias em francez sobre o Brasil e o nosso café, divulgadas em 1884, quando Rio Branco representava o Brasil na exposição de Petersburgo; a parte historica notabilissima, escripta em francez, na obra *Le Bresil en 1889*, organizada pelo syndicato franco-brasileiro na Exposição Universal de Paris, naquella data; umas *Ephemerides brasileiras*, que primeiro appareceram no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro; e as valiosissimas memorias apresentadas nos Estados Unidos e na Suissa para a defesa dos nossos direitos nas questões das Missões e do Amapá. Forma um livro de 840 paginas o trabalho de Rio Branco, reivindicando o ultimo destes territorios

Escriptor que antes de tudo se propunha ser claro e methodico, Rio Branco essencialmente se distingue pela correcção e limpidez do estylo.

### O Barão de Serro-Largo.

Votado ao esquecimento, vivia o bravo barão do Serro-Largo ignorado nos suburbios de Porto-Alegre, só entregue ás afeições da familia. Tragava em silencio a injustiça de que fôra victima, quando a presença do excelso fundador do Imperio, despertando entre os rio-grandenses o amortecido enthusiasmo, fêl-o sahir do seu retiro para offerecer á patria como simples soldado a sua espada gloriosa.

Infelizmente a presença do Imperador, se muitos beneficios levou ao exercito, não poudé todavia produzir todas as vantagens que eram de esperar; e a sua volta subita e inesperada fez com que a provincia recahisse na mesma prostração em que estivera antes mergulhada. Foi assim que mui difficilmente se poudé recolher o producto de uma subscrição popular, agenciada durante a presença do principe, com o fim de auxiliar as urgências do Estado nas despesas da guerra, e que dos homens que se haviam offercido para reunir voluntarios destinados a engrossar as fileiras do exercito, apenas o barão do Serro-Largo cumpriu a sua promessa.

Que fatalidade pesava então sobre o governo do Brasil! Possuíamos um exercito numeroso e aguerrido, que facilmente poderia ter-nos assegurado prompta a victoria e, não obstante, no theatro da luta havia apenas recursos insignificantes e uma força mais que diminuta!

Ao regressar para a côrte, o Imperador deixara já no Rio Grande o novó presidente e o commandante em chefe do exercito. Para o primeiro desses logares havia sido nomeado o brigadeiro Salvador José Maciel, e para o segundo o tenente-general marquez de Barbacena (Felisberto Caldeira Brant Pontes).

O novo general quiz aproveitar os serviços do illustre barão do Serro-Largo, cujo nome conhecia e respeitava, e

antes de partir para Sant'Anna do Livramento teve com elle uma larga conferencia, manifestando-lhe por essa occasião toda a estima e veneração que lhe votava.

Querendo dar-lhe no exercito uma posição condigna ao alto posto que occupava, offereceu-lhe o marquez o commando de uma divisão, mas o velho general oppoz-se formalmente a isso, e preferiu combater como simples soldado a acceitar tão honrosa commissão.

Depois dessa conferencia o barão do Serro-Largo se dirigiu a S. Gabriel, onde começou a reunir os voluntarios que acudiam ao seu chamado, e o marquez encaminhou-se para Sant'Anna do Livramento, aonde chegou no 1.º de Janeiro de 1827, tomando posse do commando do exercito dez dias depois.

Já a esse tempo se movia em procura da nossa fronteira o exercito argentino do general Alvear, forte de onze mil homens e vinte e quatro boccas de fogo. (Formava tres corpos ou divisões; um de infantaria ao mando do general E. Soler, era o 3.º corpo; e dois de cavallaria, 1.º e 2.º, ao mando dos generaes J. A. Lavalleja e Julián Laguna. A artilharia era commandada pelo coronel Iriarte.) A inacção em que estivemos por espaço de mais de um anno dera tempo a que o inimigo se preparasse descansadamente e assumisse a offensiva, reconhecendo-se habilitado para guerrear-nos em nosso proprio territorio.

A direcção que traziam os contrarios era ignorada dos nossos, mas, qualquer que ella fosse, devêra decidir o marquez a abandonar Sant'Anna do Livramento, para se reunir ás forças que ás ordens do marechal de campo Gustavo Henrique Brown, chefe do estado-maior, se achavam na fronteira do Jaguarão.

O intento de Alvear era penetrar por Bagé, collocando-se entre Barbacena e Brown para batel-os separadamente; mas, apezar das precauções que tomara no intuito de occultar seus movimentos, passou pela decepção de ver frustrado o seu plano.



A 13 de Janeiro o general em chefe deixou Sant'Anna do Livramento, e foi acampar na varzea do Morro Grande, margem esquerda do Cunha-Perú, destacando nesse dia o general Sebastião Barreto com mil e setecentos homens de cavallaria para observar em Bagé o inimigo, e certificar-se de seus movimentos.

Molestia repentina e perigosa deteve o marquez naquelle sitio até ao dia 19; mas tres dias antes, a 16, recebendo communicação de que o inimigo se mostrara em força no passo das Pedras, e que uma de suas grandes avançadas penetrara em Bagé, expediu ordem a Gustavo Brown para que, quanto antes, se reunisse ao exercito, e começou a forçar as marchas, tomando a 4 de fevereiro posição no arroio das Palmas, onde, protegido pelo terreno, esperou que o inimigo o viesse atacar.

No dia seguinte realizou-se a junção das forças que Brown conduziu desde a cidade do Rio Grande.

Vendo destruido o seu plano, Alvear não ousou atacar o pequeno exercito imperial na formidavel posição que este occupava, e tomou o partido de attrahil-o para o interior da provincia, procurando o valle de Santa Maria.

Até então tinha o marquez de Barbacena manobrado com tino e habilidade. O rapido movimento que executou para operar a junção com as forças da esquerda, separadas da direita por mais de oitenta leguas, desconcertou completamente o general Alvear, e arrancou deste palavras de admiração, que, partindo de um inimigo, constituem o mais bello dos elogios; mas, desde que teve noticia da marcha do exercito contrario em direcção a S. Gabriel, e da sua simulada fuga, o nosso general abandonou o campo das Palmas, e forçou as marchas em seu seguimento, cahindo assim no laço que lhe armára o seu adversario.

Acreditou que um exercito com cerca de onze mil homens, composto de excellente tropa, fugia deante de um que não chegava a contar sete mil, e deixou-se arrastar

pelo inimigo até ao logar que este escolhera para offerer-lhe batalha.

O barão do Serro-Largo, cumprindo a sua promessa, já então tinha reunido em S. Gabriel grande numero de veteranos, seus companheiros de armas, e desertores indultados, que ao grito do seu nome acudiram dos districtos da Serra.

Resentido do procedimento que para com elle se teve, apenas solicitou o commando do pequeno corpo que organizava, e nessa mediocre posição se reuniu ao exercito no dia 13 de fevereiro, encontrando-o acampado á margem esquerda do Camacuan-Grande, em frente ao Passo dos Enforcados.

Este facto por certo o recommenda muito ao respeito e á admiração da posteridade. Foi sem duvida um exemplo raro de abnegação e de amor patrio esse que então deu o marechal de campo barão do Serro-Largo, sujeitando-se a commandar um simples corpo de cavallaria, elle que em outros tempos occupára cargos e commissões importantes, e a quem fôra já commettido o mando de todas as tropas em operações no Rio Grande.

A força com que se apresentou, e que não chegava a seis centos homens, recebeu no exercito a denominação de *Corpo de paisanos*, denominação bem cabida, porque as praças de que se compunha tinham já perdido todos os habitos de disciplina que caracterizam as tropas regulares; só havia nellas aquelle valor antigo, dedicação pela patria e confiança e amor para com o intrepido cabo de guerra que as commandava.

Ao reunir-se ao exercito, Abreu levou-lhe a noticia de que Alvear seguia em direcção a S. Gabriel, noticia que foi pouco depois confirmada, sabendo-se mais que as forças inimigas haviam acampado já naquelle ponto.

O marquez confiou ao illustre barão do Serro-Largo a importante missão de fazer o serviço da vanguarda do exercito com o seu pequeno corpo de voluntarios, e começou a accelerar as marchas. Em quatro dias venceu o

nosso exercito, acampando successivamente em varios galhos do Camacuan, as vinte e tres leguas que separam d'aquella povoação o passo dos Enforcados.

A 17 a vanguarda de Serro-Largo entrou em S. Gabriel, achando-a abandonada do inimigo, e livrou-a do incendio, que havia destruido já tres casas.

Em S. Gabriel soube o marquez que Alvear procurava o passo do Rosario, no Santa Maria, e que tinha abandonado algum trem pesado. Isso convenceu-o ainda mais de que o seu adversario fugia precipitadamente deante do exercito imperial, e, dirigindo a este uma proclamação, continuou a forçar as marchas.

Na madrugada de 19 fez reforçar a vanguarda, e foi acampar a tres leguas e meia de S. Gabriel, no campo dos Salsos, depois de ter atravessado o banhado de Inhatium que estava quasi todo secco pelo rigor da estação calmosa.

No campo dos Salsos houve um pequeno ataque entre as forças do barão do Serro-Largo e a retaguarda inimiga, formada por um corpo consideravel de cavallaria. Depois de renhido tiroteio, a nossa vanguarda atacou o inimigo e o forçou a pôr-se em retirada.

Sabendo, pouco antes das quatro e meia da tarde, do resultado dessa escaramuça, o marquez levantou o campo e foi collocar-se já á noite em uns banhados seccos da estancia de Antonio Francisco situada á esquerda da estrada, tres leguas adiante do ultimo acampamento.

Ahi apresentaram-lhe alguns prisioneiros soltos por Alvear, dando a noticia de que este effectuava a passagem do Santa Maria.

O ardil, de que lançou mão o chefe inimigo, acabou de allucinar o nosso general, que apenas deu ao exercito tres horas de descanso, ordenando que a cavallaria e a artilharia não soltassem os cavallos, e os conservassem presos pela soga, afim de que podesse marchar ao primeiro signal.

Logo que a lua começou a despontar, os nossos soldados puzeram-se de novo em movimento, posto que extenuados de cansaço. A vanguarda foi nessa occasião refor-

cada com a brigada do coronel Bento Gonçalves, composta dos regimentos de segunda linha ns. 21 e 39 e de quatro companhias de guerrilhas, reforço este que elevou as forças do barão do Serro-Largo a mil cento e cinquenta homens de cavallaria.

Não devemos aqui omittir um facto de muito valor pelas consequencias que teve. Reunindo-se ao exercito, o barão do Serro-Largo, requisitou do general em chefe o numero de cavallos necessarios para o seu corpo, por não lhe inspirarem confiança alguma os que trazia, em consequencia do seu estado de fraqueza; e o marquez, attendendo a tão justa requisição, ordenou immediatamente ao general Sebastião Barreto, incumbido da distribuição da cavallhada, que satisfizesse ao pedido de Abreu.

A reclamação de Serro-Largo não foi, porém, attendida. Barreto recusou-se positivamente a fornecer-lhe os cavallos de que carecia, porque, segundo então declarou, os que existiam mal chegavam para os diversos corpos do exercito. Se o motivo era fundado, ou se o dictou sómente a inimizade que esse official votava desde 1825 ao barão, é o que não podemos dizer com segurança: não faltaram, porém, accusadores que o denunciasssem como antepondo aos interesses e á honra do paiz seus despeitos e odios pessoaes. O certo é que essa recusa produziu resultados funestos, e quem conhece os habitos dos cavalleiros do sul, póde avaliar a impressão que ella causou entre os soldados do barão. Não obstante, guiados pelo prestigio do seu chefe, puderam suffocar o desanimo de que estavam possuidos, e continuaram no encalço do inimigo.

Quando o dia começou a despontar, avistou a nossa vanguarda forças inimigas. O barão deu-se pressa em prevenir o general em chefe, e este, firmemente persuadido de que grande parte do exercito argentino estava já na margem esquerda do Santa Maria, accelerou a marcha, julgando que tinha de haver-se unicamente com uma fracção delle.

Qual não seria a sua surpresa, quando ás cinco e tres quartos da manhã, avistou em linha mais de dez mil homens, esperando-o firmes no lugar que haviam escolhido para offerecer-lhe combate?!

Já era tarde para recuar. Nossa vanguarda, ao mando do intrepido Serro-Largo, sustentava um renhido fogo de atiradores com as avançadas inimigas. Era preciso tomar posições e pelejar.

Nosso pequeno exercito, apenas composto de cinco mil e quinhentos e sessenta e sete homens, com dez bocas de fogo, collocou-se em frente do inimigo, que se achava postado na coxilha de Santa Rosa, e o ataque começou, tendo logar a celebre batalha de Ituzaingô.

Esse punhado de bravos que não descansavam desde a madrugada de 19, e que desde então quasi não haviam tomado alimento, tiveram de bater-se com exercito duas vezes superior em numero, e que a esta vantagem reunia a de estar em repouso havia dous dias.

(A força total do exercito brasileiro, incluindo os 560 voluntarios do Barão do Serro-Largo, montava a 7.287 homens, dos quaes 4.298 de cavallaria, 2.189 de infantaria, 240 de artilharia; mas a 1.<sup>a</sup> brigada ligeira, ao mando de Bento Manoel e forte de 1.200 homens de excellente cavallaria, tendo sido destacada do exercito no dia 3, só se reuniu a ella no dia seguinte ao da batalha, á qual não assistiram tambem 153 infantes. Deduzindo-se do numero total estes 1.353 homens, ver-se-ha que só estiveram presentes a ella 5.567 homens.

Está hoje provado pelos mappas officiaes, tanto do nosso exercito como do exercito republicano, que pelejaram em Ituzaingô, de um lado 10.557 argentinos e orientaes, com 24 canhões, do outro 5.567, com 10 bocas de fogo. Entretanto Alvear teve a habilidade de dizer na sua *Exposición* que só tinha 6.200 homens, e que nos nossos eram 10.000, falsidade que ainda hoje se repete no Rio da Prata, apesar de estarem de ha muito no dominio publico os documentos que o *desmentam*. Não transcrevemos

aqui esses mappas, mas elles se encontram na obra de Titará, que primeiro os publicou e na *Memoria* do sr. Machado de Oliveira, assim como nos *Apuntes* do sr. A. D. Pascual.)

Não cabe nos limites deste humilde trabalho dar aqui uma noticia circumstanciada da batalha de 20 de fevereiro de 1827, batalha em que tantos rasgos de valor e de heroismo obraram os nossos soldados, faltando-nos apenas um general habil e experimentado. Talvez o façamos mais tarde si, como desejamos, podermos escrever a historia dessa guerra desgraçada, cuja direcção foi uma serie não interrompida de desacertos fataes.

As duas divisões do general Callado (2.<sup>a</sup>) e Sebastião Barreto foram collocadas a grande distancia uma da outra, de sorte que não puderam durante o combate manobrar de accordo, nem auxiliar-se mutuamente.

Quasi em frente á primeira daquellas divisões ficou o barão do Serro-Largo com o seu corpo de voluntarios, a brigada de Bento Gonçalves e uma peça de artilharia, mantendo com o 1.<sup>o</sup> corpo do exercito argentino um fogo renhido de atiradores.

A divisão Barreto, composta de 2.635 homens, avançou contra a esquerda e centro do exercito de Alvear, recebendo nessa occasião Bento Gonçalves ordem de abandonar o ponto que occupava, de sorte que unicamente ficou em nosso flanco esquerdo a força do barão do Serro-Largo, e a peça que lhe foi entregue no começo da acção pelo general Callado.

Vendo o movimento da 1.<sup>a</sup> divisão, ordenou Alvear á cavallaria do general Laguna que a atacasse, enquanto a do general Lavalleja se arrojava contra as forças da nossa esquerda. Aquella divisão repelliu galhardamente as duas cargas que lhe dirigiu o inimigo, e continuou a avançar sobre as posições contrarias. A 2.<sup>a</sup>, do general Callado, estava ainda immovel, esquecida pelo nosso general na posição que lhe fôra destinada desde o começo da batalha, quando a cavallaria de Lavalleja se moveu para atacal-a.

Antes de chegar até ella tinha este chefe de encontrar-se com a columna do barão do Serro-Largo, que, como dissemos, guardava o nosso flanco esquerdo, e era como que a vanguarda da 2.<sup>a</sup> divisão.

Com o grosso de suas forças, em numero de 3.100 homens, avançou Lavalleja para atacal-a pela frente. O barão que apenas tinha 560 voluntarios mal montados, não teve a insana pretensão de resistir áquella massa imponente, que marchava ao seu encontro. Dispunha-se a recuar, batendo-se em retirada, até procurar a protecção da divisão do general Callado, quando subitamente appareceu uma columna de perto de 700 homens, que se lançou sobre elle, atacando-o de flanco, enquanto Lavalleja o ameaçava pela frente.

Essa carga repentina e inesperada e o cansaço dos cavallos não deram tempo a que os seus soldados, dispersos a maior parte em linhas de atiradores, se formassem com rapidez.

O inimigo apanhou-os em confusão e carregou-os. Não o teriam talvez feito se Sebastião Barreto houvesse podido ou querido attender á requisição do brioso e velho general, substituindo os cavallos fracos e cansados do seu corpo por outros mais fortes e frescos.

Todos os esforços que fez o intrepido barão do Serro-Largo para conter os seus soldados, foram inuteis.

A' carga do inimigo seguiu-se o completo destroço dos bravos e infelizes voluntarios, que, confundidos com os orientaes, vieram sobre a 2.<sup>a</sup> divisão.

Esta, não podendo distinguir os contrarios dos amigos, formou quadrado, e rompeu o fogo sobre a massa desordenada e confusa que lhe vinha em cima, sendo nessa occasião mortalmente ferido o velho barão do Serro-Largo...

Poucos momentos depois expirava o nosso bravo, com a mesma serenidade de animo com que tantas vezes se arrojara aos perigos dos combates.

Assim terminou sua carreira gloriosa esse distincto veterano. A vida, que inteira consagrara á patria, devia ser

tambem sacrificada a ella, e, de feito, sua espada só deixou de combater quando a mão que a brandia tombou desfallecida.

Com tantos serviços, com tantas glorias, com tantas virtudes, tanta abnegação e civismo, o illustre barão do Serro-Largo teve nos ultimos dias de sua vida, como premio e recompensa, a ingratição e o esquecimento do governo do seu paiz!

Bem o disse Mme. de Sévigné: "Ha serviços tão grandes e tão importantes que só a ingratição os póde pagar!"

Mas acima das fragilidades e miserias dos contemporaneos, acima de seus odios e de seus erros, eleva-se um dia o juizo da posteridade sempre severo, inflexivel e imparcial; e a posteridade, póde-se já dizel-o, ha de destinar a tão eximio cidadão e a tão illustre victima um logar distincto entre os mais gloriosos e prestantes filhos da terra de Santa-Cruz.

(*Esboço biographico do General José de Abreu, Barão do Serro-Largo, na Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil, tomo XXXI, parte 2.<sup>a</sup>, pags. 120-135.*)

---

Joaquim Aurelio Nabuco de Araujo (Recife, 1849-1910) foi um talento de primeira ordem, que com igual brilho se affirmou na tribuna parlamentar e popular, no pamphleto, na critica litteraria e na historia politica.

Deputado em varias legislaturas, assumiu posição saliente na vasta arena a que então o parlamentarismo abria um campo de acção; e notadamente se distinguiu na campanha da abolição do captiveiro.

Sobrevindo a revolução de que resultou a mudança das instituições, Joaquim Nabuco mui cavalheirescamente se enfileirou entre os monarchistas, e em prol da causa vencida galhardo se bateu na imprensa. São desta época os seus opusculos *O dever dos monarchistas*, em réplica a uma carta do almirante Arthur de Jaceguay, *Dalmaceda*, estudo da revolução chilena que derri-



bou esse estadista, e a *Intervenção estrangeira durante a revolta*.

Após dez annos consagrados, como elle proprio disse, a este sentimento de fidelidade, serviu como ministro da Republica em Londres e defendeu os direitos do Brasil na questão de limites com a Guyana Ingleza, litigio em que, como se sabe, contra nós foi proferido o laudo arbitral do rei da Italia, não obstante os esforços empregados por Nabuco. Elle era, quando falleceu, embaixador do Brasil nos Estados Unidos, onde conseguira formar um grande circulo de admiradores e amigos.

Sua obra capital é *Um estadista do Imperio*, longo estudo da vida e feitos de seu illustre pae, o senador José Thomás Nabuco de Araujo. Cumpre alem disso citar: *Camões e os Lusíadas*, obra estampada por occasião do tricentenário camoneano; *A Minha Formação*, auto-biographia assás interessante; *Escreptos e discursos litterarios*; e na lingua franceza, que assim como ingleza, Nabuco primorosamente manejava, o livro de poesias *Amour et Dieu, Le droit au meurtre*, resposta ao *Tue-la!* de A. Dumas Filho, e *Pensées détachées et souvenirs*, publicados em 1906. Em todos estes livros diz um julgador competente, Jayme de Séguier, Nabuco se revela — um escriptor seguro do seu pensamento e possuidor de um estylo claro, elegante e individual.

Nabuco bacharelou-se em letras no Collegio Pedro II, em direito na faculdade do Recife e ultimamente fôra distinguido com o diploma de doutor por uma universidade dos Estados Unidos. Era membro do Instituto Historico Brasileiro e da Academia Brasileira de Lettras.

### Massangana.

O traço todo da vida é para muitos um desenho da criança esquecido pelo homem, e ao qual este terá sempre de se cingir sem o saber...

Pela minha parte, acredito não ter nunca transposto o limite das minhas quatro ou cinco primeiras impressões... Os primeiros oito annos da vida foram assim, em certo sentido, os de minha formação instinctiva, ou moral, definitiva... Passei esse periodo inicial, tão remoto e tão presente, em um engenho de Pernambuco, minha provincia natal. A terra era uma das mais vastas e pittorescas da zona do Cabo... Nunca se me retira da vista esse panno de fundo da minha primeira existencia... A população do pequeno dominio, inteiramente fechado a qualquer inge-

rencia de fóra, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala, o grande pombal negro ao lado da casa de morada, e de reideiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro, que os agasalhava, ou da pequena cultura que lhes consentia em suas terras.

No centro do pequeno cantão de escravos, levanta-se a residência do senhor, olhando para os edificios da moagem, e tendo por traz, em uma ondulação do terreno, a capella sob a invocação de S. Matheus. Pelo declive do pasto arvores isoladas abrigavam, sob a sua umbella impenetravel, grupos de gado somnolento. Na planície estendiam-se os cannaviaes cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás, carregados de musgo e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca. Era por essa agua quasi dormente, sobre os seus largos bancos de areia que se embarcava o assucar para o Recife; ella alimentava perto da casa um grande viveiro, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas pescarias. Mais longe começavam os mangues, que chegavam até á costa de Nazareth... Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sêsta, respirando o aroma, espalhado por toda a parte, das grandes tachas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros da planície transformavam-se em uma poeira d'ouro; a bocca da noite, hora das boninas e dos bacuráus, era agradável e balsamica; depois o silencio dos céus estrellados, majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos de pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias e ouvirão o ruido da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de cannas que cercava o engenho e escuto o rangido longinquo dos grandes carros de bois...

.....

Tornei a visitar doze annos depois a capellinha de São Matheus, onde minha madrinha, D. Anna Rosa Falcão

de Carvalho, jaz na parede ao lado do altar, e pela pequena sacristia abandonada penetrei no cercado onde eram enterrados os escravos... Cruzes, que talvez não existam mais, sobre montes de pedras escondidas pelas ortigas, era tudo que restava da opulenta *fabrica*, como se chamava o quadro da escravatura... Em baixo, na planície, brilhavam, como outr'ora, as manchas verdes dos grandes canaviaes, mas a usina agora fumegava e assobiava com um vapor agudo, annunciando uma vida nova. A almanjarra desaparecera no passado. O trabalho livre tinha tomado o lugar, em grande parte, do trabalho escravo. O engenho apresentava do lado do "porto" o aspecto de uma colonia; da casa velha não ficára vestigio... O sacrificio dos pobres negros, que haviam incorporado as suas vidas ao futuro d'aquella propriedade, não existia mais talvez sinão na minha lembrança... Debaixo de meus pés estava tudo o que restava delles, defronte dos *columbaria*, onde dormiam na estreita capella aquelles que elles haviam amado e livremente servido. Sósinho ali, invoquei todas as minhas reminiscencias, chamei-os a muitos pelos nomes, aspirei no ar carregado de aromas agrestes, que entretem a vegetação sobre suas covas, o sopro que lhes dilatava o coração e lhes inspirava a sua alegria perpetua. Foi assim que o problema moral da escravidão se desenhou pela primeira vez aos meus olhos em sua nitidez perfeita e com sua solução obrigatoria. Não só esses escravos não se tinham queixado de sua senhora, como a tinham até o fim abençoado... A gratidão estava do lado de quem dava. Elles morreram acreditando-se os devedores... Seu carinho não teria deixado germinar a mais leve suspeita de que o senhor pudesse ter uma obrigação para com elles, que lhe pertenciam.

Deus conservára ali o coração do escravo, como o do animal fiel, longe do contacto com tudo que o pudesse revoltar contra a sua dedicação. Este perdão espontaneo da

divida do senhor pelos escravos figurou-se-me a amnistia para os paizes, que cresceram pela escravidão, o meio de escaparem a um dos piores taliões da historia... Oh! os santos pretos! seriam elles os intercessores pela nossa infeliz terra, que regaram com seu sangue, mas abençoaram com seu amor!

Eram essas as idéas que me vinham entre aquelles tumultos, para mim, todos elles sagrados, e então ali mesmo, aos vinte annos, formei a resolução de votar a minha vida, se assim me fosse dado, ao serviço da raça generosa entre todas, que a desigualdade de sua condição enternece, em vez de azedar, e que por sua doçura no soffrimento emprestava até mesmo á oppressão de que era victima um reflexo de bondade...

(*Minha Formação.*)

---

José Carlos do Patrocínio (Campos, 1851-1905) tem o seu nome ligado á grande victoria da abolição do captivo no Brasil.

Formou-se em pharmacia e, ainda estudante, já escrevia para as folhas, iniciando-se com uma acrimonia que por vezes ultrapassava as raías da verdade, enveredando pela calumnia. Principiou collaborando na *Gazeta de Noticias*, sob a direcção de Ferreira de Araujo; redigiu depois, com Ferreira de Menezes, a *Gazeta da Tarde* e depois a *Cidade do Rio*.

Foi tambem orador popular impetuoso e fascinante, sobretudo quando o contrariavam.

São de sua lavra dois romances: *Motta Coqueiro* e *O Retirante*.

Na ultima quadra da sua operosa existencia, entregou-se, com o ardor que sempre punha em seus tentamens, á solução do problema da navegação aérea, e construiu uma grande machina, *Santa Cruz*, que nunca subiu aos ares, e depois da morte de Patrocínio foi posta em leilão, vendendo-se tudo como inúteis ferragens.

Patrocínio era membro da Academia Brasileira de Lettras.

### Jesus.

Como o povileu fanático, em torno do pretório de Pilatos, a sciencia moderna nos reclama de novo Jesus para tortural-o, para escarnecel-o, para matal-o.

Não é amigo da liberdade humana quem quizer poupal-o á furia do scepticismo; preciso é que seja de novo crucificado em todas as consciencias, para que se resgate a lei de evolução natural da sociedade.

Bem quizéramos lavar as mãos como o romano pusillanime e entregar á incredulidade o companheiro sobrehumano das nossas horas de angustia. Bem quizéramos negal-o, de publico, para furtar-nos á irrisão da descrença egoista e aos ataques da sabedoria athéa.

Nossa consciencia, porém, nos manda pleitear a causa do nosso Deus, porque em vão procuramos quem o ha de substituir na economia da civilização.

O que está feito na consciencia humana é fructo da doutrina de Jesus; o sangue do Deus martyr foi a seiva bem dita que nutriu a arvore da fraternidade e da justiça, que dia a dia braceja mais longe e mais largo sobre a humanidade culta.

A semente lançada á terra desaparece afinal, absorvida pela propria germinação. A planta, porém, guarda indelevelmente os seus caracteres de familia.

O Evangelho foi a semente de nossa vida contemporanea, e, por mais que a incredulidade o queira negar, as multiplas conquistas do direito guardam o saber suavissimo dessa prégação sobrehumana que egualando os homens, nobilitou-lhes o espirito.

A fé e a sciencia só se contradizem nas almas sophisticas, que na sua presumpção de originalidade preferem escandalizar as almas simples a encaminhal-as para o bem.

Que mal faz abrir o céu ao que não teve gosos na terra? Em que desorganiza a vida acenar com a misericórdia de Deus ao que se transviou, e com a bemaventurança á virtude que passou desconhecida entre os homens? Em que prejudica a civilização a ronda invisível da graça, alentando os que têm um ideal bemfazejo, ou aos que, em vez de roubar e matar para a satisfação de seu egoísmo, invocam humildemente o Senhor? Onde está a immoralidade da crença que manda orar pelos proprios inimigos? Em que está o perigo de chamar pelo nome desse Jesus que mandou vêr no miseravel, que se approxima de nós, a sua Pessoa?

Quantas vezes deste esmola; quantas vezes vestiste o maltrapilho; quantas vezes visitaste o enfermo desamparado; quantas agazalhaste o sem tecto: tantas me tiveste ao teu lado.

Que suave consolo para o christão sentir que ha no seu bolso o necessário para repartir com o que soffre! Em que se diminue a alma humana nessa indemnização, que dá ao desconhecido, do mal que a sociedade e só a sociedade lhe causou?

O christianismo é o combate permanente ao egoísmo, a lição continua de abnegação. de fraternidade.

O que tem medo ao dia de amanhã, o que tem certeza de que a condescendencia dos seus coevos o não resgata das faltas commettidas na vida, procura ser um coração leal e um espirito rectilíneo.

Que mal faz Deus na consciencia do povo? Trabalha e eu te ajudarei. Não é o mais bello estímulo á prosperidade social essa promessa, que a consciencia do simples diariamente lhe repete?

Si o homem acredita que Deus fez as estrellas dos céus e os diamantes das minas, porque não ha de acreditar que elle é capaz de centuplicar-lhe a seara, que o trabalhador plantou com o suor do seu rosto e sobre a qual passou cantando a alegria dos seus filhos?

Não podemos comprehender a guerra contra Jesus.

Elle ensinou a abnegação, e esta é a força criadora por excellencia da civilização. Os que sabem soffrer pelas suas idéas, quando ellas são de amor e de concordia, vencem sempre. Sempre que um homem foi a encarnação de um principio e soube morrer por elle, o sangue do seu martyrio é a aurora do seu triumpho. Podem cuspir-lhe nas faces, arrastal-o atravez dos vilipendios os mais ignominiosos, tortural-o com o supplicio mais infamante: o seu nome resurge atravez dos seculos, florescendo em bençãos os espinheiros da maldição de outrora.

Jesus assim o ensinou e praticou.

Sua alma sente uma tristeza de morte no Jardim das Oliveiras, quando elle sente avizinham-se as horas de endoenças; mas aquelle frio suor de sangue que a materia ressumbra da agonia do espirito, não basta para enregelar-lhe o coração. Este continúa a contar imperturbavelmente os seculos de amor que do seu tormento devem resultar para a humanidade.

Ali estava a noite para proteger-lhe a fuga. O somno dos discipulos era um cumplice da treva. Ninguém saberia para onde partisse o Propheta. Além disso era desconhecido para os que o perseguiam. No emtanto, elle espera decidido a hora do martyrio pela sua fé, pela nova era que vem abrir para a humanidade.

Há mais sublime exemplo de coragem e de abnegação? Com quem pudemos, antes d'elle, aprender essa valentia moral que domina o instincto da conservação, essa consciencia do poder dos principios que automatiza a vontade, fazendo-a obedecer ao cumprimento frio do dever?

Porque o combatem? Não é a melhor das educações repetir á alma virgem das crianças: segue o exemplo de Jesus?

Crê que te debes á humanidade, que a tua vida pertence ao seu bem-estar, que o melhor destino que podes dar ao teu corpo é convertel-o numa vasta mesa de communhão do ideal de liberdade, de amor e de justiça. A caridade é um emprestimo que Deus nos faz da sua mise-

ricordia; não és tu quem dás, é Elle que te adianta, em horas de bem-estar, de paz com a tua consciencia, o premio de teres ouvido a sua palavra. A fraternidade não é a defesa egoistica do teu direito, mas um dever de solidariedade com os teus semelhantes; porque tu, como elles, tens diante da natureza eguaes deveres e eguaes direitos, e é por isso que tu tens cada vez mais perfeita a noção da justiça.

Porque combatem a fé christã, si em cada acto, si em cada palavra de Jesus está o mais bello ensinamento de moral privada e social?

Porque tem sido mal praticada por muitos sacerdotes — respondem.

Mas então era preciso rasgar os codigos, porque ha muitos juizes que prevaricam. A logica que manda condemnar o christianismo porque o desnaturam, devia tambem supprimir os tribunaes, porque elles não raras vezes sacrificam o direito e frequentemente offerecem o do fraco em holocausto ao interesse do poderoso.

Não! E' preciso que todas as almas fortes protestem contra essa sciencia sem consciencia, que, na phrase de Rabelais, é a ruina da alma.

Tenhamos todos a coragem de affirmar Jesus como o atheismo affirmou Augusto Comte; tenhamos a coragem de arrostar o ridiculo dos atheus, contrapondo-lhes á moral que serve aos tyrannos, a moral que serve aos humildes.

Reivindicuemos para a nossa fé os direitos que lhe dão dezenove seculos de progresso.

Quando nos quizerem suffocar com a gargalhada da incredulidade, respondamos, com segurança e altivez, que os cerebros a que a humanidade mais deve, tiveram logar para guardar esse Deus de que ella escarnece.

Quando o atheismo disser que elle impede o progresso, respondamos sem receio, mostrando-lhe Colombo multiplicando a terra e Pasteur multiplicando a vida.



**Sylvio Romero** (Lagarto, Estado de Sergipe, 1851-1914) bacharelou-se na faculdade jurídica do Recife, e vindo para o Rio de Janeiro, entrou logo a distinguir-se escrevendo em varios jornaes, e notadamente na *Revista Brasileira*, a segunda das estampadas com este nome, a de que era director Nicolau Midosi.

Foi esta a phase combativa de Sylvio Romero, que, communicando a seus artigos a vehemencia de um caracter fogoso, teve de sustentar accasas lutas com adversarios não menos vigorosos. O que elle então sustentava era em philosophia e litteratura o transumpto das opiniões de Tobias Barreto, de quem sempre se mostrou incondicional apologista.

Concorrendo a uma cadeira de philosophia do Collegio Pedro II, logrou ser nomeado, não obstante a sua declarada heterodoxia. Sobrevindo a republica, foi deputado federal de 1899 a 1902. Mais tarde o nomearam lente cathedratico da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes, do Rio de Janeiro.

Enérgico trabalhador, pouco se esmerava na fórma. Entre suas numerosas publicações — livros, pamphletos, artigos, discursos, etc. — são mais notaveis: — *A poesia contemporanea*, 1869; *Cantos do fim do seculo*, 1878; *A litteratura brasileira e a critica moderna*, 1880; *Interpretação philosophica da evolução dos factos historicos*, 1880; *Contos populares do Brasil*, 1883; *Ultimos arpejos*, 1883; *Ethnographia brasileira*, 1888; *Historia da litteratura brasileira*, obra de grande tomo, da qual ha duas edições, uma de 1888 e a 2.<sup>a</sup> de 1902-1903; *Parlamentarismo e presidencialismo na Republica*, 1893; *Doutrina contra doutrina*, 1894; *Ensaio de philosophia do direito*, 1895; *Machado de Assis*, 1897; *A Patria Portuguesa*, 1906; *Evolução dos generos da litteratura brasileira*, 1911, etc.

Polemista aggressivo, tinha comtudo Sylvio Romero a lealdade necessaria para, terminado o combate, rectificar inexactidões e, mais consoante á justiça, corrigir juizos precipitados.

Foi, desde a sua fundação, membro effectivo da Academia de Lettras Brasileira.

## O Romantismo no Brasil.

A primeira irrupção do romantismo no Brasil, é costume dizer-se, foi o presente feito de Paris, por Domingos de Magalhães, de seus *Suspiros poeticos e Saudades*, em 1836, justamente no anno em que o bom Musset ridicularizava os excessos dos ultra-romanticos.

Já provei anteriormente a falsidade desse boato historico. E' preciso recuar dez annos para pegar nas mãos

as primeiras manifestações brasileiras da escola... Partamos, entretanto, de Magalhães e do anno de 1836.

.....

O primeiro momento da romantica brasileira foi aberto sob a influencia de Lamartine: é a phase religiosa, emaruelica. Domingos de Magalhães foi o prógono, o chefe.

Porto Alegre, Teixeira e Souza, Norberto Silva, João Cardoso foram os continuadores, os epígonos.

A esta phase seguiu-se muito de perto, e pode-se dizer quasi simultaneamente, o momento do indianismo, do americanismo, inspirado por Chateaubriand e Cooper.

Gonçalves Dias foi o propulsor, nunca excedido, do genero.

Viu-se o curioso phenomeno de constituirem-se satelites do grande poeta maranhense todos aquelles, mais velhos, que tinham aberto a phase proximamente anterior. Foram-n'o durante algum tempo, deixando-o mais tarde. Além desses, o indianismo na poesia teve outros cultores, todos pequenos e hoje anonymos. Não falo no romance e no drama, que serão vistos depois; falo da poesia, cujo desenvolvimento foi mais normal.

Depois do indianismo rasgou outras perspectivas ao romantismo brasileiro o genial espirito de um moço de vinte annos.

Vinha imbuido de idéas mais geraes, mais universaes. A poesia não era d'aqui, nem d'ali. Pallida e melancolica peregrina, era a hospeda das almas ardentes em todos os tempos, sob todos os céos, ao calor de todos os sóes, ao sussurrar de todas as brisas. Byron e Musset eram os deuses instigadores desses enthusiasmos juvenis. Alvares de Azevedo foi o prógono de uma grande geração. Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa, José Bonifacio, Teixeira de Mello, Casimiro de Abreu, Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Bruno Seabra, e trinta outros, formaram

em grupo em torno da figura do poeta da *Lyra dos vinte annos*. Isto em sentido muito geral.

O romantismo não se podia esquecer, deixar-se morrer nessa poesia de muitas maguas e poucas alegrias. Novos talentos forcejaram por arrancar-o áquelle torpor. Como acontecera nos anteriores movimentos, pediram um chefe á litteratura da velha Europa.

Desta vez foi Victor Hugo, com o seu lyrismo ardente, arrebatado, e com seu humanitarismo sympathico, o mestre escolhido. Tobias Barreto foi o provocador do movimento. Cercaram-n'o em ruidoso alvoroço, numa especie de naturalismo lyrico e socialista, as bellas figuras de Castro Alves, Victoriano Palhares, Guimarães Junior, Altino de Araujo, Castro Rebello, ao norte do Brasil; e ao sul, sob a influencia directa de Castro Alves, Carlos Ferreira, Eli-siario Pinto e alguns outros, que desapareceram no anonymato.

Foi, em rigor, o ultimo instante do romantismo conscientemente praticado como tal.

Depois principiaram a surgir tentativas de reforma. Sylvio Romero atacou o velho systema em repetidos artigos de critica, apresentando a fórmula de uma poesia nova, inspirada na sciencia e na philosophia do dia. Adoptada, n'aquelle tempo a mesma intuição pelo moço Teixeira de Souza, foi depois exagerada, especialmente por Martins Junior e raros mais.

Ao lado desse *philosophismo* ou *scientificismo* ergueu-se o lyrismo despreoccupado, visando fazer a poesia pela poesia, cultivando de preferencia a forma. Eram os seguidores de Leconte de Lisle e de Banville. E' o grupo a que se deu o nome de *parnasianos*. Inclinavam-se já para um naturalismo selecto, já para os puros dominios da phantasia. Quasi toda a moderna poesia brasileira veio postar-se deste lado da montanha. Seu representante maximo foi o dr. Luiz Delfino dos Santos.

Com ser já homem velho em idade e velho nas letras, antigo poeta *condoreiro*, nunca havia tomado parte activa

em nossas lutas. Nos ultimos vinte annos do seculo, porém, desenvolveu uma tal actividade e chegou a um grau tal de renome que foi preciso d'então em deante contar com elle.

Em derredor desse decantado poeta lutaram quasi todos os moços, disse eu, e, entre outros, devo lembrar os nomes de Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac e vinte outros, com os quaes me hei de occupar opportunamente.

Taes as principaes phases do romantismo brasileiro na poesia. No romance e no theatro a evolução não se faz tão normalmente, tão logicamente.

O romance e o theatro hão tido entre nós uma especie de desenvolvimento episodico e esporadico.

O romance teve uma phase embryonaria no velho Teixeira e Souza; assumiu as proporções de estudo social em Joaquim Manoel de Macedo; multiplicou-se, para attender a todas as cambiantes da nossa população, em José de Alencar; adstringiu-se ás populações campestinas em Franklin Tavora; tomou feições psychologicas em Machado de Assis, e naturalistas em Aluisio Azevedo. Em torno destes têm gyrado, em suas respectivas epocas, Manoel de Almeida, Escragnolle Taunay, Bernardo Guimarães, Carneiro Villela, Araripe Junior, Celso de Magalhães, Inglez de Souza, Raul Pompêa e outros.

O theatro mostra um desenvolvimento ainda inferior ao do romance.

Penna, Macedo, Alencar e Agrario iniciaram a comedia e balbuciaram o drama nacional. Não lembro agora as producções dramaticas de Magalhães, Norberto Silva, Porto Alegre e Ernesto França, porque não tiveram grande influencia.

Os epigonos do theatro foram Quintino Bocayuva, Castro Lopes, Pinheiro Guimarães, Sizenando Nabuco, Achilles Varejão, França Junior, Arthur Azevedo, sem falar

em Machado de Assis e Franklin Tavora, mais illustres no romance e no conto.

Foi este o romantismo brasileiro.

.....

Em seu acanhado circulo elle asyloou os mesmos debates que o seu congenere europeu. Seu maior titulo, a meu ver, foi arrancar-nos em parte da imitação portugueza, approximar-nos de nós mesmos e do grande mundo.

Seu inicio havia sido no decennio antecedente; mas seu maior impulso foi nos primeiros annos do reinado do segundo Imperador; os dias difficeis da Regencia tinham passado: abria-se uma época de grandes esperanças.

Com a inauguração do Imperio a existencia da côrte e das sessões da camara dos deputados e do senado no Rio de Janeiro, os melhores talentos das provincias affluíam a esta cidade, para onde se deslocou o centro do pensamento brasileiro. O decennio de 1840 a 50 foi talvez um dos de maior effervescencia litteraria havidos no Brasil.

O estudo das revistas do tempo, nomeadamente a *Revista do Instituto Historico*, a *Minerva Brasiliense* e a *Guanabara*, facilita a reconstrucção narrativa do romantismo brasileiro. Foi o tempo em que Magalhães, Porto Alegre, Varnhagen, Torres Homem, Penna, Macedo, Gonçalves Dias, Nunes Ribeiro, Adet, Bourgain, Norberto Silva, Mello Moraes, Pereira da Silva, Ignacio Accioli, Abreu e Lima, Joaquim Caetano e vinte outros conheciam-se, relacionavam-se, encontravam-se no Instituto Historico, em casa de Paulo Brito, ou na *Petalogica* do largo do Rocio.

Monte Alverne ainda vivia e era uma força attractiva para essa gente. Não existia naquelle grupo nenhum genio de primeira grandeza: mas achavam-se ali alguns dos mais valerosos talentos que este paiz tem produzido.

O decennio anterior (1830-40) foi dos primeiros ensaios daquelle pleiade de escriptores. Todo este periodo é o que se poderia chamar a *escola fluminense* na litteratura brasileira.

(SYLVIO ROMERO, *Historia da litteratura brasileira*, 2.<sup>a</sup> ed., Rio, 1903: — tomo II, pags. 8 a 13.)

---

Eduardo Prado (S. Paulo, 1860-1901) formou-se em direito na faculdade da sua provincia natal e, membro de opulenta familia paulistana, longamente viajou, não só pela Europa como por outras partes do mundo. Das suas peregrinações por todas essas terras ha dous volumes interessantes: *Viagens á Sicilia, Malta e Egypto* e *Viagens na America, Oceania e Asia*.

Escrevendo para a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, assignalou com admiravel perspicacia os pródromos sociaes e politicos da proclamação da Republica.

Contra a nova ordem de cousas compoz na Europa um livro que teve immensa repercussão, *Os Fastos da Dictadura Militar*, de que ha uma edição prefaciada pelo Visconde de Ouro Preto.

Inferno á propensão então manifestada para imitação do regimen e das praxes dos Estados Unidos, publicou a sua *Illusão Americana*, cuja primeira edição foi confiscada e destruida pela policia de S. Paulo.

Estylista nervoso e vibrante, Eduardo Prado temperava a combatividade, aliás sempre delicada, mesmo quando ferina, com erudição pacientemente formada nas bibliothecas e archivos. Exemplo deste seu feitio nos offerece o seu magnifico trabalho sobre a *Bandeira Nacional*, criticando irrefutavelmente os deslises cosmographicos e historicos dos positivistas planeadores da actual bandeira.

Publicaram-se, depois da sua morte, quatro volumes, de *Collectaneas*, isto é, uma collecção dos seus melhores escriptos sobre assumptos brasileiros.

Por occasião do tri-centenario de Anchieta, Eduardo Prado collaborou no volume commemorativo, e sempre com a habitual galhardia das suas contribuições.

A morte prematura deste homem de letras, salteado pela febre amarella no Rio de Janeiro e indo fenecer em S. Paulo, encheu de luto não só o Brasil como as rodas finamente litterarias que na Europa, e principalmente em Portugal, tanto ou talvez mais do que nós, apreciavam o illustre brasileiro.

## A Historia do Brasil.

A nossa historia é cheia de emocionantes episodios, de duvidas que despertam e prendem a curiosidade, de lendas poeticas que seduzem e de problemas cuja solução desafia a sagacidade do estudioso.

O grande mysterio da especie humana na America pre-historica está, em grande parte, escripto e occulto no Brasil, nas linguas indigenas, onde os philologos o querem decifrar; nas camadas do solo, onde ha os vestigios de extinctas especies, e onde se descobrem as imagens impressas e, ás vezes, os restos da fauna do passado, entre os quaes Lund, nas furnas da Lagôa Santa, julgou descobrir o homem contemporaneo de um mundo desaparecido. Na ceramica dos vasos de Marajó ha o apparecimento de uma arte, pela qual o sentimento esthetico d'aquelles desconhecidos oleiros se approxima da pureza das formas e da harmonia das linhas que os ceramistas da Attica consagram.

A' beira das praias, onde o mar espuma, a recordação das gerações que passaram está nas conchas amontoadas, entre as quaes se acha, dentro da sua urna funeraria, a mumia mysteriosa do homem sem nome; e o estudioso pergunta se aquelles mortos e se os habitantes selvagens das nossas terras não são ruínas de povos, e, como diz Martius, "o residuo de uma muito antiga, posto que perdida historia".

E quando é que o Brasil começou a existir para o resto do mundo? Em que época se veio juntar á torrente da Historia? Foi na época deslumbrante da Renascença que o fio, tenue então, mas para sempre ininterrupto da sua vida, se veio entretecer na trama universal da vida das nações. As viagens oceanicas, um dos grandiosos episodios d'aquelle tempo, franquearam o Atlantico, e assim a

Europa e, mais tarde, a Africa, puderam vir reunir-se neste grande pedaço da America e formar o Brasil. Vieram então as armadas, velejaram ao longo das nossas costas as caravelas e as naus, tomando alturas, recebendo agua em caminho da India, erigindo padrões, deixando homens desterrados. Pereceram em ignorados naufragios alguns navios e os desterrados e os salvos das ondas, esses padrões vivos da nossa raça conquistadora, ahi ficavam na terra e eram o mysterioso João Ramalho, o obscuro bacharel de Cananéa, mais tarde o lendario Caramurú ou o ingenuo e tão interessante Hans Staden. Portuguezes e francezes chegavam á costa brasileira; traficavam em páu-brasil, estabeleciam feitorias, depositos ou pontos de negocio, e isto sem deixar vestígios, como se vê do que aconteceu na historia tão obscura do commercio dos Phenicios e Carthaginezes, que rodearam a Africa, foram ao incerto Ophir do Oceano Indico e, em busca do estanho e do ambar, ás costas da Inglaterra e ás praias hyperboreas do Baltico.

Foi nesse seculo XVI que se esculpiu o côro da Igreja de S. Jacques, em Dieppe, onde, na figuração das scenas da vida dos mercadores da cidade, apparecem indios, contando e carregando páu-brasil, todos armados das suas emplumadas arçoyas (1). E outros indios então levados á França, como curiosidade, acampavam em Ruão á margem do Sena e iam ornar a entrada triumphal de Henrique II, Christianissimo rei de França, e da muito illustre dama Catharina de Medicis, sua esposa. Carlos IX dialogava com outros indios e Montaigne, fazendo traduzir uma canção dos Tupinambás, declarava achar nella um sabor todo anacreontico (2).

Quem se dedica á Historia do Brasil não se encerra dentro de uma especialidade arida e estreita. Desde a época

---

(1) Margry — *Les Navigations Françaises*, Paris, 1867, pagina 171.

(2) Montaigne — *Essais*, Liv. I, cap. XXX.



da descoberta nenhum grande facto europeu deixou de ter a sua repercussão no Brasil ou de influir em nossos destinos. Se alguém entre nós fizesse a experiencia de ensinar a um adolescente a Historia do Brasil, explicando-lhe successivamente os acontecimentos da historia da Europa e pintando-lhe os seus personagens, á medida que em nossa historia fossem apparecendo os effeitos daquelles acontecimentos ou a influencia daquellas figuras — esse adolescente acabaria sabendo não só a historia da sua patria, mas tambem quasi que a historia completa do Occidente do velho mundo dos ultimos tres seculos.

A reforma repercutiu no Brasil na tentativa da colonização huguenote de Villegaignon e, á sombra dos altos rochedos da bahia do Rio de Janeiro, discutiram theologos de Genebra com theologos catholicos e perante os selvagens nós, a mais elevada theologia e terçaram os argumentos mais subtis sobre a Graça, a Presença Real e a Predestinação. Surge no campo catholico a reacção organizada na Companhia de Jesus, e dos primeiros dos seus soldados vêm muitos ao Brasil, cuja historia fica então ligada á dos Jesuitas.

A Hespanha quasi realiza o sonho da monarchia universal e nessa monarchia entra o Brasil, como parte do dominio de Philippe II. Ha o primeiro annuncio da futura supremacia maritima da Inglaterra, quando Elisabeth promove por todos os meios o desenvolvimento naval e Edward Fenton, um dos vencedores futuros da Invencivel Armada, penetra em Santos, que Cavendish mais tarde saqueia; Withrington assola os arredores da bahia, Lancaster ataca o Recife.

Nasce o poder marítimo dos Hollandezes e Olivier van Noort surge diante do Rio de Janeiro, van Carden tenta apossar-se da Bahia; Joris van Spilbergen hostiliza Santos. Prenuncios estes de que a revolta dos Paizes Baixos contra a Hespanha ia ter tambem como theatro de acção a nossa terra; e assim foi nos trinta annos das invasões e das guerras hollanderas ao norte do Brasil. Desde então, na

solução das grandes crises europeias, por ocasião das pazes de Westphalia e de Munster no seculo XVII; na paz de Utrecht no seculo XVIII; e, em nossó seculo, nos tratados de Vienna em 1815, o Brasil, isto é, a questão da legitimidade e dos limites da soberania portugueza na America, foi objecto de discussão e de transacção.

No seculo XVIII, a maior victoria do philosophismo foi a destruição dos Jesuitas, facto da maior gravidade para o Brasil.

E, noutra ordem de idéas, de que alcance não foi para a vida economica e social do mundo inteiro toda a inundação de ouro sahido do Brasil, quando houve anno em que só a capitania de Minas produziu mais de 500 arrobas de ouro?

E, mais perto de nossos dias, a tormenta revolucionaria e a passagem de Napoleão pelo mundo tiveram como consequencia, deste lado do oceano, a fórmula extraordinaria pela qual, sem sacrificio, foi ganha a nossa Independencia.

Um illustre poeta inglez prestou um immenso e inestimavel serviço a nós todos, escrevendo uma notavel Historia do Brasil.

Meditando sobre a nossa historia, Roberto Southey ficou compenetrado da importancia e do valor futuro do Brasil. E, ao terminar a sua grande obra, diz-nos que escolheu esta grande tarefa "na sua virilidade madura e que a propôz como objecto de uma vida dedicada á litteratura, no que esta tem de mais elevado e digno".

E isto fez aquelle estrangeiro illustre, porque, como elle proprio o diz, ficou convencido, ao estudar os trabalhos dos fundadores do Brasil, "que das emprezas desses homens obscuros surgiram consequencias mais amplas e provavelmente mais duradouras que as conquistas de Alexandre e de Carlos Magno".

(*Collectaneas*, vol. III. — S. Paulo. — 1906.)

Raul Pompeia (Rio de Janeiro, 1863-1895) foi um moço de grande e vivo talento, extremamente nervoso e que, tendo estudado primeiramente no Collegio de Pedro II e depois na faculdade juridica de S. Paulo, entrou, mesmo na sua phase academica, a ser vantajosamente conhecido pelas producções em verso e prosa que publicava nos jornaes.

Em folhetim, na *Gazeta de Noticias* e depois em livro estampou um romance *O Athenau* no qual deixava perceber recordações pessoas do collegio Abilio.

Escreveu um prefacio ás *Festas nacionaes*, de Rodrigo Octavio, e póstumas sahiram a lume suas *Canções sem metro*.

Era tambem habil desenhista, e diz-se que igualmente escultor.

Proclamada a republica, foi nomeado secretario da Escola Nacional de Bellas Artes, antiga Academia Imperial de Bellas Artes, e ahi succedeu ao velho e distincto artista João Maximiano Mafra, autor do Projecto da estatua de Pedro I, de que com algumas pequenas modificações, fez o estatuario Luiz Rochet o monumento da praça da Constituição, hoje do Tiradentes. Dirigiu a repartição da-estatistica, o *Diario Official* e a *Bibliotheca Nacional*.

Por motivos nunca bem averiguados suicidou-se na sua propria casa, e no meio da consternada familia.

E' da sua lavra o artigo seguinte, que appareceu anonymo e produziu grandissima impressão.

### Uma noite historica.

As tres horas da madrugada de domingo, enquanto a cidade dormia tranquillizada pela vigilancia tremenda do Governo Provisorio, foi o Largo do Paço theatro de uma scena extraordinaria, presenciada por poucos, tão grandiosa no seu sentido e tão pungente, quanto foi simples e breve.

Obedecendo á dolorosa imposição das circumstancias, que forçavam a um procedimento energico para com os membros da dynastia dos principes do ex-Imperio, o governo teve necessidade de isolar o paço da cidade, vedando qualquer communicação do seu interior com a vida da capital.

A todas as portas do edificio principal, na manhã de sabbado e ás portas das outras habitações dependentes,

ligadas pelos passadiços, foram postadas sentinellas de infantaria e numerosos carabineiros montados. O saguão transformou-se em verdadeira praça de armas.

Muitos personagens eminentes do Imperio e diversas familias, ligadas por approximação de affecto á familia imperial, apresentaram-se a falar ao imperador e aos seus augustos parentes, retrocedendo com o desgosto de uma tentativa perdida. A' proporção que passavam as horas, foi se tornando mais rigorosa a guarda das immedições do palacio. As sentinellas foram reforçadas por uma linha de bayonetas que a pequenos intervallos se estendeu pelo passeio, em todo o perimetro da imperial residencia transformada em prisão do Estado.

Novas determinações annunciadas por ajudantes de ordens que chegavam frequentemente do quartel general, desenvolviam ainda as manobras da guarnição do edificio.

Depois que anoiteceu, foi fechado o transitio pelas ruas que o rodeiam. Ás onze horas, havia sentinellas até ao meio da grande área comprehendida entre o portico do palacio e o cáes. Por todas as immedições vagueavam soldados de cavallaria, empunhando clavinotes, de coronha pousada no joelho.

Adiantava-se a noite, adiantavam-se gradualmente para o mar os cordões de sentinellas.

Um boato official, inspirado pela conveniencia do interesse publico, espalhava a noticia de que o Sr. D. Pedro de Alcantara (que se sabia dever embarcar para a Europa em consequencia da revolução do dia 15) só iria para bordo no domingo de manhã. A policia excepcional do Largo do Paço, porém, durante a noite de sabbado, deu a certeza de que o embarque se faria muito antes da hora do propalado consta.

Demorados por esta suspeita, muitos curiosos estacionavam pelas visinhanças do Mercado, das pontes das barcas, na rua Fresca, na rua da Misericordia, na esquina da rua Primeiro de Março. Da 1 hora da madrugada em diante, as patrulhas de cavallaria começaram a dispersar

os ajuntamentos. Para os ultimos passageiros das barcas Ferry não havia mais caminho, do lado do Mercado, se não beirando rentinho ao cães. Depois da ultima barca, o transito foi absolutamente impedido.

Tambem os mais renitentes curiosos tornaram-se muito raros, mesmo nas proximidades do largo sitiado.

Um grande socego, com uma nota accentuada de panico, reinava neste ponto da cidade. Para mais carregar a physionomia do momento, circulavam nessa hora as noticias de um conflicto entre marinheiros e praças do exercito, havendo troca de tiros. Apesar da brandura de modos com que os militares convidavam as pessoas do povo a se retirarem, apesar da completa abstenção de actos de violencia que tem caracterisado o systema policial, energico, mas extraordinariamente prudente do Governo Provisorio, sentia-se ali como que uma atmospha de vago terror, como se a calada da noite, a escuridão do logar, a amplitude insondavel da praça evacuada respirassem á presença de uma realidade formidavel. Sentia-se todo aquelle immenso ermo occupado pela vontade poderosa da revolução. Em cima, o céu tristissimo, povoado de nuvens crespas, muito densas, que um luar fraco bordava de transparencias pallidas.

De vez em quando, das perspectivas de sombra sahía um rumor de vozes abafadas, logo feitas em silencio; de vez em quando, um rumor secco de bainhas de folha contra esporas e um estrepido de patas de cavallo, escarvando o calçamento, batendo a passos regulares, espalhando-se em estalado galope. Em geral, silencio de morte.

Entre as poucas pessoas que, illudindo o consentimento da policia, tinham conseguido occultar-se em diversos sitios de observação, murmurava-se que não devia tardar o embarque do ex-Imperador.

Duas horas da madrugada, entretanto, tinham marcado os relogios das torres, e nada de novo dos lados do paço viera agitar o solemne socego do largo.

Pouco antes dessa hora, houvera um grande movimento do lado do mar. D'ahi soara repentinamente um grito de alarma.

A' noticia divulgada de assaltos provaveis de gente da armada contra a tropa, assaltos que seriam razoavelmente favorecidos pelo negrume da noite, que subia do mar sobre o cães como uma muralha preta furada apenas pela linha de pontos lucidos da illuminação de Nictheroy, dava para impressionar de susto um grito perdido da sentinella. Houve um tropel de cavallos, e logo uma, duas, outra, outras muitas detonações de espingarda, em desordenado tiroteio.

Nada havia de grave. Um individuo que tentara embarcar-se contra a vontade da ronda, fôra preso: escapando ás mãos da patrulha de infantaria que o prendera, tinha-se lançado ao mar para fugir nadando. Alguns soldados atiraram a esmo para assustal-o, enquanto outros tomavam um bote, com o qual pegaram de novo o evadido.

Logo em seguida foi visto o preso passar, á luz dos lampeões, empurrado pelos guardas.

Houve quem suppuzesse que os tiros foram um signal. Com effeito, tal qual se assim fosse, ouviu-se pouco depois no meio das trevas da bahia, o rebato chocalhado da helice de uma lancha a vapor.

Uma pequena luz vermelha estrellou-se no escuro diante do cães e ao fim de poucos momentos, ao lado do molhe de embarque do Pharoux, vinha cessar o barulho da helice, com duas pancadas de um tympano de bordo e a passagem de uma rapida sombra fluctuante sobre a sombra inquieta das aguas.

— E' a lancha do Imperador: pensaram os que viam com a oppressão natural que devia provocar aquelle annuncio da imminencia de um grande momento.

Bastante tempo se passou depois deste incidente, antes que de novo fosse alterada a monotonia do socego da noite.

A suspeita de que acabava de atracar a embarcação que devia receber o monarcha deposto, a anciedade de perce-

ber o movimento significativo no portão do paço, prolongavam indefinidamente a duração desta expectativa.

O profundo silencio do logar pareceu fazer-se maior, nesta occasião, como se a noite comprehendesse que se ia, ali mesmo em poucos momentos, estrangular a ultima hora de um reinado. A tranquillidade que havia era lugubre. Ouvia-se com certo estremecimento o barulho do morder dos freios dos corceis da cavallaria em recantos afastados. Frouxamente clareados pela illuminação urbana, as casas ao redor do largo, os edificios publicos, pareciam adormecidos. Nenhuma luz nas janellas, a não ser nos ultimos andares de uma casa de saúde.

Apezar disso, que se acreditaria indicar a completa ausencia dos espectadores para a scena que se ia passar, algumas janellas abertas appareciam como retabulos negros, nas mais altas sacadas, e percebia-se uma agitação facil de reconhecer nos peitoris escuros...

Pobre D. Pedro! Em homenagem á severidade da determinação do governo revolucionario, ninguem queria *ter sido* testemunha da mysteriosa eliminação de um soberano.

As tres horas da madrugada menos alguns minutos, entrou pela praça um rumor de carruagem. Para as bandas do largo houve um ruidoso tumulto de armas e cavallos. As patrulhas que passeavam de ronda retiraram-se todas a occupar as entradas do largo, pelo meio do qual, atfáves das arvores, illuminando sinistramente a solidão, perfilavam-se os postes melancolicos dos lampeões de gaz.

Appareceu, então, o prestito dos exilados.

Nada mais triste. Um coche negro, puxado a passo por dous cavallos que se adiantavam de cabeça baixa, como se dormissem andando. A' frente duas senhoras de negro, a pé, cobertas de véus, como a buscar caminho para o triste vehiculo. Fechando a marcha, um grupo de cavalleiros, que a perspectiva nocturna detalhava em negro perfil.

Divizavam-se vagamente, sobre o grupo, os pennachos vermelhos das barretinas de cavallaria.

O vagaroso comboio atravessou em linha recta, do paço em direcção ao molhe do cães Pharoux. Ao approximar-se do cães, apresentaram-se alguns militares a cavallo, que formavam em caminho.

—E' aqui o embarque? perguntou timidamente uma das senhoras de preto aos militares. O cavalleiro, que parecia um official, respondeu com gesto largo de braço e uma attenciosa inclinação de corpo.

Por meio dos lampiões que ladeiam a entrada do molhe passaram as senhoras. Seguiu-as o coche fechado.

Quasi na extremidade do molhe, o carro parou e o Sr. D. Pedro de Alcântara apeiou-se — um vulto indistincto, entre outros vultos distantes — para pisar pela ultima vez a terra da patria.

Do posto de observação em que nos achavamos, com a difficuldade, ainda mais, da noite escura, não pudemos distinguir a scena do embarque.

Foi rapida, entretanto. Dentro de poucos minutos ouvia-se um ligeiro apito, echoava no mar o rumor igual da helice da lancha, reaparecia o clarão da illuminação interior do barco, e, sem que se pudesse distinguir nem um só dos passageiros, a toda a força de vapor, o ruido da helice e o clarão vermelho afastavam-se da terra.

---

**Euclides da Cunha** (Cantagallo, no Estado do Rio, 1863-1909) era formado em mathematica e sciencias physicas pela Escola Superior de Guerra. Desligado das fileiras por um acto de indisciplina quando alumno da Escola Militar, voltou ao exercito depois do movimento militar de 1889 e da consecutiva proclamação da republica.

Em 1893, durante o terror de um estado de sitio, corajoso protestou, pela imprensa, contra a crueldade suggerida por um senador federal, que lembrára a asphyxia dos presos politicos, no caso de ser a cidade atacada pelas forças navaes dos almirantes Custodio de Mello e Saldanha da Gama.

Deixando a vida militar, Euclides ganhou de chofre o nome de escriptor quando, após a sangrenta expedição contra os jagunços chefiados por Antonio Conselheiro, publicou o seu livro *Os sertões, campanha de Canudos*, do qual já se fez uma 3ª edi-



ção. Realmente ha nessa obra a revelação de um observador e narrador de subido quilate.

São suas outras produções: o *Relatorio da Commissão mixta brasileira-peruana de reconhecimento do Alto Purús*, *Contrastes e Confrontos, Perú versus Bolivia*, livro traduzido em hespanhol pelo presidente da Bolivia Eliodoro Villazon; *Martim Garcia*; uma conferencia sobre Castro Alves; e a sua obra póstuma *A' margem da historia*.

Procurando vindicar a honra conjugal, e decidido a *matar ou morrer*, Euclides, provocando um tragico lance, pereceu miserandamente baleado em um dia da Gloria, a 15 de Agosto de 1909.

### O Sertanejo.

O sertanejo é, antes de tudo, um forte.

Não tem o rachitismo exhaustivo dos mestiços neurasthenicos do littoral.

A sua apparencia, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrario. Falta-lhe a plastica impecavel, o desempenho, a estrutura correctissima das organizações athleticas. E' desgracioso, desengonçado, torto. Hercules-Quasimodo, reflecte no aspecto a fealdade typica dos fracos. O andar sem firmeza, sem aprumo, quasi gigante e sinuoso, apparenta a translação de membros desarticulados. Aggrava-o a postura normalmente acurvada, num manifestar de displicencia, que lhe dá um character de humilidade deprimente. A pé, quando parado, recosta-se invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavallo, se soffreia o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cõe logo sobre um dos estribos descansando sobre a espenda da sella. Caminhando, mesmo a passo rapido, não traça trajectory rectilinea e firme. Avança celeremente, num bambolear caracteristico, de que parecem ser o traço geometrico os meandros das trilhas sertanejas. E se na marcha estaca pelo motivo mais vulgar, para enrolar um cigarro, bater o isqueiro ou travar ligeira conversa com um amigo, cõe logo — cõe, é o termo

— de cócaras, atravessando largo tempo numa posição de equilibrio instavel, em que todo o seu corpo fica suspenso pelos dedos grandes dos pés, sentado sobre os calcanhares, com uma simplicidade a um tempo ridicula e adoravel.

E' o homem permanentemente fatigado.

Reflecte a preguiça invencivel, a atonia muscular perenne em tudo: na palavra demorada, no gesto contrafeito, no andar desaprumado, na cadencia langorosa das modinhas, na tendencia constante á immobibilidade e á quietude.

Entretanto, toda esta apparencia de cansaço illude. Nada é mais surpreendedor do que vel-a desaparecer de improviso. Naquella organização combalida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o apparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas.

O homem transfigura-se. Impertiga-se estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os hombros possantes, aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe prestes, numa descarga nervosa instantanea, todos os effeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréo achamboado, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titan acobreado e potente, num desdobramento inesperado de força e agilidade extraordinarias.

Este contraste impõe-se á mais leve observação. Revela-se a todo o momento, em todos os pormenores da vida sertaneja — caracterizado sempre pela intercadencia impressionadora entre extremos impulsos e apathias longas.

E' impossivel ideiar-se cavalleiro mais descuidado e deselegante; sem posição, pernas colladas no bojo da montada, tronco pendido para a frente e oscillando á feição da andadura dos pequenos cavallos do sertão, desferrados e maltratados, resistentes e rapidos como poucos. Nesta posição indolente, acompanhando morosamente, a passo, pelas chapadas, o passo tardo das boiadas, o vaqueiro pre-

guiçoso quasi transforma o campeão que cavalga na rêde amollecadora em que atravessa dois terços da existencia.

Mas se uma rez *alevantada* envereda, esquiva, adiante pela catinga *garranchenta*, ou se uma ponta de gado, ao longe, se trasmalha, eil-o em momentos transformado, cravando os acicates de rosetas largas nas ilhargas da montaria, e partindo como um dardo, atufando-se velozmente nos dédalos inextricaveis das juremas.

Vimol-o neste "steeple-chase" barbaro.

Não ha contel-o, então, no impeto. Que se lhe antolhem quebradas, acervos de pedras, coivaras, moutas de espinhos ou barrancos de ribeirões, nada lhe impede encaçar o garrote desgarrado, porque *por onde passa o boi, passa o vaqueiro com o seu cavallo...*

Collado ao dorso deste, confundindo-se com elle, graças á pressão dos jarretes firmes, realiza a criação bizarra de um centauro bronco: emergindo inopinadamente nas clareiras; mergulhando, adiante, nas macegas altas; saltando vallos e ipueiras; vingando comoros alçados; rompendo célere pelos espinheiraes mordentes; precipitando-se a toda brida, no largo dos taboleiros...

A sua compleição robusta ostenta-se nesta occasião, em toda a plenitude.

Como que é o cavalleiro robusto que empresta vigor ao cavallo pequenino e fragil, sustendo-o nas rédeas improvisadas de caruá, suspendendo-o nas esporas, arrojando-o na carreira — estribando curto, pernas encolhidas, joelhos fincados para a frente, torso collado no arção, — *escanchado no rastro* do novilho esquivo; aqui curvando-se agilissimo, sob uma galhada, que lhe roça quasi pela sella; além desmontando de repente, como um acrobata, agarrado ás crinas do animal, para fugir ao embate de um tronco percebido no ultimo momento, e galgando, logo depois, num pulo, o sellim; — e galopando sempre, através de todos os obstaculos, sopesando á dextra, sem a perder nunca, sem a deixar no emmaranhado dos cipocaes, a longa

agulhada de ponta de ferro encastado em couro, que por si só constituiria, noutras mãos, serios obstaculos á travessia...

Mas, terminada a refrega, restituída ao rebanho a rez dominada, eil-o, de novo cahido sobre o lombilho retovado, outra vez desgracioso e indolente, oscillando á feição da andadura lenta, com a apparencia triste de um invalido fatigado.

(*Os Sertões, Campanha de Canudos* — 2.<sup>a</sup> ed., 1903.)

---

## ESCRITORES PORTUGUEZES

---

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, *Visconde de Almeida Garrett* (Porto, 1799-1854) ainda quando estudante de direito em Coimbra, já escrevia a tragedia *Merope* e o poema didactico *Retrato de Venus*. Serviu como official da secretaria do reino e, demittido desse emprego por ter publicado o elogio do revolucionario Manoel Fernandes Thomaz, emigrou para a Inglaterra duas vezes, primeiro em 1823, voltando em 1826, e depois em 1828, regressando em 1832 com o exercito libertador. Em 1837 foi deputado ás côrtes constituintes e desde então viveu cumulado de honras, chegando a ministro de estado e par do reino.

E' um dos da gloriosa trindade romantica em Portugal: e entre suas numerosas obras citaremos: o poema-romance *Camões*; o tractado da *Educação*; o *Bosquejo da Historia da poesia e lingua portugueza*; *Auto de Gil Vicente*, *Alfageme de Santarém*, *Frei Luiz de Souza*, dramas; *Flores sem fructo*, *Folhas caídas*, livros de poesias; *Arco de Sant'Anna*, romance; *Via-gens na minha terra*, mixto de romance e critica.

### O Grego e o Latim.

O grego e o latim são necessarios elementos desta educação nobre. Deixar falar modernos e modernices, petimetres e neologistas de toda especie; o homem que se destina, ou que o destinou seu nascimento, a uma vocação publica, não póde sem vergonha ignorar as bellas lettras e os classicos. Saiba elle mais mathematica do que Laplace, mais chimica do que Lavoisier, mais botanica do que Jussieu, mais zoologia do que Linneu e Buffon, mais eco-

nomia politica do que Smith e Say; mais philosophia de legislação do que Montesquieu e Bentham; se elle não fôr o que os inglezes chamam *a good scholar*, triste figura ha de fazer, falando, ou seja na barra, na tribuna, no pulpito, — tristissima escrevendo, seja qual fôr a materia, porque não ha assumpto em que as graças do estylo e a correcção da phrase e belleza da dicção não sejam necessarias e indispensaveis. Ponham-me Demosthenes, Cicero — e Canning tambem, — com seus grandes talentos, fortes de chimicas e economias politicas, e com todos os codigos de suas respectivas nações na cabeça, mas desprovidos de suas immensas riquezas litterarias, do irresistivel feitiço de sua linguagem classica — ponham-m'os no areopago de Athenas, no senado de Roma e na camara de Londres, e veremos se são os mesmos homens, os mesmos estadistas, os mesmos oradores omnipotentes, diante de quem tremem os Philippes, os Catilinas e as Santas Allianças.

Escreva alguém com dobrada erudição e engenho o *Espirito das Leis*, mas sem os encantos do estylo classico de Montesquieu, e veja quantos lh'o leem. Traduzam em lingua de farelos as obras de Plutarco, de Cicero, de Laplace, e veremos quantos leitores têm.

Ora, é tão impossivel escrever bem em portuguez, em castelhano, em inglez, em qualquer das linguas do occidente da Europa, sem saber grego, e principalmente latim, como era impossivel aos escriptores de Roma fazel-o bem na sua, sem conhecerem a de Athenas; ou ainda hoje ao poeta ou orador de Ispahan ou de Stambul o escrever bom turco ou bom persiano, sem saber o arabe antigo, a lingua do Koran e de Hafiz, agora tão morta para elles como o grego e latim para nós, como o sanscrito para Indios e Mogoës.

(GARRETT, *Educação*, carta I.)

**Antonio Feliciano de Castilho** (Lisbôa, 1800-1875). Poeta, prosador, historiador, critico, verdadeiro polygrapho, este eminente vulto das lettras portuguezas formou-se em direito, não obstante a cegueira que o feriu aos seis annos de idade.

Em sua primeira phase classica escreveu as *Cartas de Echo a Narciso*, os poemetos da *Primavera* e o *Amor e melancolia*, narrativa intima; e traduziu as *Metamorphoses* e os *Amores* de Ovidio. Pagando tributo ao romantismo compoz a *Noite do Castello* e os *Chumes do Bardo*. Vieram depois os *Quadros historicos*, as biographias e estudos que exornam a *Bibliotheca Classica*, o *Tratado de Metrificacão* e outros muitos opusculos. Interessando-se pelo ensino popular, delle tratou com paciente esmero. Depois de 60 annos ainda produziu a *Chave do Enigma*, a traducção dos *Fastos* ovidianos, o *Outono*, collecção de poesias originaes, a *Lyrical de Anacreonte* e traducções de comedias de Molière e do *Fausto* de Goethe.

Operario e mestre infatigavel, só descansou pouco antes de morrer: e assim na prosa como no verso é correctissimo escriptor e profundamente versado nos arcanos melódicos do idioma.

### O padre Manuel Bernardes.

O engenho, que nelle madrugou como quem tinha jornada larga que fazer, começou desde a puericia a extremar-o singular entre todos os alumnos das primeiras escolas.

Pelos estudos da lingua latina correu com admiração dos mestres, parecendo mais recordar do que aprender; folgando com as difficuldades, para as desatar; colhendo e enfeixando caladamente no animo, como hoje podemos conjecturar, as flores que de tão formoso idioma deviam vir enfeitar o nosso; formando o seu gosto no versar diurno e nocturno dos prosadores e poetas, a quem a lima surda do tempo não fizera senão accrescentar lustre; apparelhando-se naquelle commercio com engenhos tão irmãos do seu, para algum dia exceder a muitos delles, e igualar-se com os melhores.

Do latim, que, sendo estudado, como cumpre, é só por si um bom curso de logica, rhetorica e todas as humanidades, passou, já armado de ponto em branco, para as pa-

lestras da philosophia. Se a que no seu tempo se costumava é havida de modernos, e com razão, por nebulosa, vã, enredadora e sophistica, nem por isso se ha de negar que adelgacava singularmente os espiritos, acostumava a uma grande attenção, e não coroava com os seus laureis semi-phantasticos senão a talentos mui reaes.

Dos extremos que faria em tal sciencia o nosso Manuel Bernardes, podem-se ver os documentos em todas as suas obras, se na integra as quizerem lêr; neste florilegio não, que mui de industria o expurgámos de todos esses novos desperdícios de argucia, de todo esse brutesco arrepiado de formulas escolasticas, de toda essa pobre riqueza que, segundo a moda de então, constituia metade de cada sciencia; a physica, a historia natural, a medicina, a jurisprudencia e a theologia punham maior vulto do que tinham de peso substancial; todas se arrebicavam ao mesmo espelho; todas prolixamente se affeitavam por um prototypo sabido, que se chamava *discreta subtilidade*. A todas e a cada uma se podia bem perguntar, como áquella dama da aula de Luiz XIV, de calçado alto, de riçado alteroso, de mangas tufadas, de ancas e ilhargas postiças:

— Tudo isso sois vós, ou é vós tudo isso, senhora minha?

Não queremos dizer que no que assim deixamos de fóra, não haja ainda provas e amostras de relevante engenho.

Pelo contrario; ninguém mais do que nós admira esse esvoaçar tão sustido e ligeiro no meio do vacuo tenebroso; mas outros tempos, outras idéas, outro gosto. O da nossa idade é mais voraz e positivo.

Por pouquissimo que houvessemos entremeiado, nos quadros que demos, uns desenfeites daquelle teôr já o publico nol-os houvera todo repugnado, punindo-nos de nosso desatino.

Naquella philosophia pois, sahio graduado mestre pela universidade de Coimbra, onde se passou ao estudo do



direito pontifício, na qual grangeou duplicados créditos e o grau de bacharel.

Com estes preparos entrou no curso de theologia; sahiu nella qual attestam suas obras, e ordenou-se de presbytero.

Já então com a fama da sua copiosa sciencia, corria desde Coimbra por todo o reino a de suas muitas virtudes; o que moveu o bispo de Vizeu, D. João de Mello, a tomal-o por confessor e guia seu no espinhoso caminho que elle tambem trilhava afervorado para a bemaventurança.

.....

A ignorancia de si e do mundo é no menino uma cousa graciosa, no velho uma cousa tremenda; no menino é a escuridão em que se esconde o germen da alvorada; no velho é a primeira treva da noite, que de minuto para minuto se engrossa, se esfria, se povôa de medos e phantasmas. Grande desengano para os vaidosos do seu entendimento! como se o entendimento fosse mais nosso ou mais privilegiado que a formosura, que a saúde, que a força, que a riqueza, que a fama!

A ultima obra pois do padre Manuel Bernardes, e não a menôs instructiva, foi aquelle mudo sermão de dous annos contra as vanglorias terrestres, em que tão irrefutavelmente provou que o espirito podia tambem ser Job, assim como o corpo, e de peor condição Job, pois do seu mular, uma vez cahido nelle, já nunca se alevantará.

Por passos contados procedeu esta sua languissima agonia. Foi a principio só entibiamiento das faculdades intellectuaes, sobrevindo-lhes o fervor das praticas religiosas, como se vê pelo mar liso resvalar uma galé, obedecendo ainda á impulsão dos remos, já largados do punho. Depois anoiteceu-se ainda mais o siso; e foi-lhe prohibido pelos superiores o celebrar o incruento sacrificio. Chorou, implorou, amesquinhou-se, rendeu-se... e succumbiu.

Degradado do exercicio de ordens!... prohibido de tocar nas armas o soldado velho, que tantos annos defendera

invencível o estandarte!... Depois, assim como as idéas mais altas lhe tinham ido desaparecendo, se lhe foram apagando até as mais communs, até as das impressões immediatas, até as do instincto; via e ouvia, mas não entendia nem conhecia; o mundo era para elle o que elle era para o mundo, um mysterio, uma canseira, talvez um enfado; depois a 17 de agosto de 1710 acabou de expirar; que foi, como bem podemos presumir, voar do carcere, carregado com as palmas de confessor e martyr, para a patria onde os fructos se colhem do que na terra se cultivou.

Foram sepultados os seus restos mortaes na antiga casa do Espirito Santo, arrasada d'ahi a quarenta e cinco annos pelo grande terremoto, substituida no mesmo logar com a elegantissima igreja, riscada por Ludovice, filho, substituida, hoje, depois de outro terremoto grande, com as casas de prosaica frontaria do Sr. Barão de Barcellinhos.

Acham-se portanto aquellas reliquias veneraveis mais que perdidas, reperdidas com o proprio sitio onde pou-savam.

Desengano sobre desengano!

(A. F. DE CASTILHO, *Livraria Classica*:  
Vida e obras de M. Bernardes.)

### Parallelo entre Bernardes e Vieira.

E' Vieira sem contradicção mestre guapissimo de nossa lingua, e o mesmo Bernardes assim o conceituava; que porém a si o propuzesse como exemplar, nem o indica, nem consta, nem se póde com inducção plausivel suspeitar; eram ambos engenhosos no discorrer, puros e esmerados no exprimir; — eis ahi a sua unica semelhança; — no demais pareciam-se como entre si se podem parecer duas arvores de especies diversissimas.

Lendo-os com attenção, sente-se que Vieira, ainda falando do céo, tinha os olhos nos seus ouvintes; Bernardes, ainda falando das creaturas, estava absorto no Creador. Vieira vivia para fóra, para a cidade, para a côrte, para o mundo, e Bernardes para a cella, para si, para o seu coração. Vieira estudava graças e louçainhas de estylo; achava-as, é verdade, tinha boa mão no affeioal-as e uma graça no vestil-as como poucos; Bernardes era como estas formosas de seu natural, que se não cançam com alindamentos, a quem tudo fica bem; que brilham mais com uma flor apanhada ao acaso, do que outras com pedrarias de grande custo. Vieira fazia a eloquencia; a poesia procurava a Bernardes. Em Vieira morava o genio; em Bernardes o amor, que, em sendo verdadeiro, é também genio. Vieira sacrificava tudo á sua necessidade suprema, ao empenho de ser original e unico; sacrificava-lhe a verdade; sacrificava-lhe a verosimilhança; sacrificava-lhe até a possibilidade; não hesitava em propor o principio mais absurdo, como fosse ou parecesse novo, e como para lá não achava caminho pela logica, fabricava-o com pontes sobre pontes, através de um oceano de sophismas, de argucias, de puerilidades, de indecencias, de quasi heresias, e contente de lá chegar por entre os applausos, não se detinha a reflectir se não tinha sido aquillo um grandissimo abuso da grande alma que Deus lhe dera, uma duplice vaidade aos olhos da religião e da philosophia, um exemplo ruim, mais perigoso pelo agigantado de quem o dava, Bernardes não tomava these que da consciencia lhe não brotasse, e a desenvolvel-a applicava todas as suas faculdades intellectuaes, que eram muitas, e todas as faculdades moraes que eram mais, tresdobradamente. Vieira zomba frequentes vezes da nossa credulidade, podemos desconfiar da convicção de Vieira, ainda quando nos falla certo; Bernardes é um amigo candido e liso, que, ainda quando nos illude, não nos mente.

Por tudo isso se admira Vieira; a Bernardes admira-se e ama-se.

(Idem).

### Conselhos do conde D. Henrique a seu filho.

Já passou meia noite. Pelas ruas caladas e ermas de Braga só resôa o piso de dois cavallos possantes e velozes, montados de dois varões gigantes, que emparelhados e taciturnos demandam a cathedral. Colheram redeas, saltaram em terra: pelas trevas da sonora crasta se embrenharam com religioso recolhimento. Luz de lampada, que ahi pende de um archete sobre um tumulto, lhes chama os olhos e os passos. Não havia outro clarão nem vida em todo o espaçoso recinto, porque a lua do alto, meio velada de nuvens densas, nem chegava a debuxar pelas lageas a corpulencia da arcada. Como houveram acabado sua reza só ouvida de Deus e dos quietos ossos que ali jaziam: "Filho (disse o mais idoso, enxugando lagrimas de que se não envergonhava, e olhando com gosto para as muitas que manavam dos olhos do seu companheiro), filho de D. Henrique, ahi tens teu pae! E tu, que a meu amor o commetteras, cavalleiro modelo de cavalleiros christãos, reconhece o teu filho, corôa a minha obra de teu valimento, e inspira-lhe lá dos céos virtudes por onde te exceda. Infante, escutai-me. Vem desabrochando em vós a adolescencia; d'aqui a poucos dias, mercê de Deus, sereis já cavalleiro; á vossa espera está a lança pesada de vosso pae, a victoria que junto della dorme; á vossa espera os novos destinos deste largo senhorio, de que vos prophetizo fareis um reino independente e glorioso. Para Zamora caminhamos, onde para tamanhos fins ides vestir as armas. Entendi que daria bons auspicios á vossa jornada, se vos trouxesse a tomar primeiro a benção de vosso pae, e a ouvir delle mesmo conselhos de que haveis mister. Sim, recolhei o animo, e ponde o coração attento, que o ides ouvir." — E aqui, tirando do seio um pergaminho, e beijando-o como reliquia santa de uma alma;

“Ahi tendes palavras suas, e por sua mão escriptas para vós: é o testamento de sua experimentada sabedoria; é a escriptura da vossa futura fama. Tomai-o; mas antes que o leiais, reparaí em todas as circumstancias que vól-o tornam solemne.

Diante de vós o sepulcro do descendente por varonia dos reis de França, a quem deveis o ser, e dobradamente venerando, porque é finado; ao pé de vós e como testemunha, vosso aio, D. Egas Moniz, eu; por cima de nós, as estrellas, a lua, o céu de Deus, a hora religiosa da meia noite; e nesse templo, edificação de vosso pae, entre as alampadas, que alumiam a sua calada vastidão, a presença do Altissimo! Nunca tão mergulhado estivestes no mundo espirital, no mundo invisível que envolve, enche, vivifica e rege este orbe de terra e morte, onde trazemos os pés. Entendo o alvoroço do vosso rosto, a luz estranha dos vossos olhos, o desusado tremer de todo vosso sujeito!... Hora é esta de inspiração; hora daquellas mui raras que só transvoam pela mocidade virtuosa, e na solidão. Filho de Deus e de Henrique, pae dos reis e da patria, lêde.”

O principe, tomando respeitosaemente o pergaminho, estendendo-o sobre o monumento, e despegando a custo a vista do estirado vulto de pedra, que sobre elle jazia figurando o Conde, leu, entre outras, estas palavras que, representando-se-lhe vir dos labios moribundos, lhe desciam ungidas a se encarnar no coração: — “Filho, esta hora derradeira que Deus me concede, e após a qual te deixarei vivo e sem a mim no mundo, resume toda a minha alma e affectos em ti; mas o preço dos momentos ninguém melhor o conhece que o agonizante, e não quero desbaratar em saudades, tempo que para os avisos me poderia logo fallecer. Já quando isto leres, não serei eu entre os vivos; mas estarei donde te observe, e de dentro da tua consciencia me ouvirás falar-te. Filho, has de saber que não fez

Deus os principes para os principes, senão para os povos, e lhes commetteu, sob graves penas, que sem falta lhes serão tomadas, o socego dos bons e a repressão dos maus. Sê justo com uns e outros: o premio anima os bons e lhes augmenta o numero; o castigo diminue o dos maus e os refreia. Não conheças grandes nem pequenos no julgar; todos os homens são grandes para se lhes guardar seu direito; e todos pequenos para não haver cobardia em os punir. Nenhuma razão de amor ou odio te desvie nunca da justiça, que, se um dia te separares della um palmo, logo ao seguinte se arredará ella do teu coração uma braçada. Nenhum homem deixa de pôr os olhos no que fazem suas mãos: as mãos dos principes são os officiaes a cuja conta anda a policia e regimento das terras; observa-os, e nos que em teu nome vexarem o povo, dá aos outros exemplo com que vingues o povo, e desaggraves o teu nome. Se outra cousa fizeres, por muito mais que por ti, haverás de responder perante Deus. Não te arrisques a perder por desmerito o divino auxilio, sem o qual não ha poder nem saber que te aproveite: da mão de Deus somos isso que somos, e o que temos não teriamos, se da sua mão e bondade o não fivessemos. Da terra que te deixo não percas uma pollegada, que a ganhei eu com grande fadiga e trabalho; mas recobra o que della se nos perdeu e accrescenta quanto mais poderes para a tua gente e para a Fé. Filho, toma do meu coração um pouco, porque sejas esforçado e sem medo."

Aqui o infante lançou involuntariamente os olhos para a parte onde deixara seu fegoso cavello, acudindo com a mão á cinta, onde ainda não pendia espada; e logo corando, e perguntando mudamente ao semblante de seu mestre se por ventura havia feito mal, e vendo-o sereno e satisfeito, proseguiu a ler e concluiu com o mais religioso respeito uma lição de que em toda sua vida não se havia de esquecer.

Ao despontar do sol, estava aquelle sepulcro ainda orvalhado de algumas lagrimas, e o guerreiro simulacro de pedra coroadado, na cabeça e nas armas, de louros frescos e viçosos: os cavalleiros eram partidos caminho de Zamora.

(A. F. DE CASTILHO: *Quadros Hist.*,  
pags. 40-42.)

---

Alexandre Herculano de Carvalho e Araujo (Lisboa, 1810-1877), tendo-se envolvido numa revolta militar em 1831, emigrou para a Bretanha; e no anno seguinte embarcou para a Ilha Terceira, sentou praça de soldado e tomou parte na campanha em prol de D. Maria II contra D. Miguel. Serviu como bibliothecario publico no Porto, desempenhando depois igual cargo na bibliotheca particular do rei D. Fernando. Ultimamente, desavindo com adversarios a quem talvez exacerbava com as asperezas do rijo character, retirou-se para a quinta de Val-de-Lobos, onde falleceu.

Como historiador deixou a sua *Historia de Portugal*, os *Monumentos historicos* e uma *Historia da Inquisição*; como romancista, o *Monge de Cister*, o *Eurico*, o *Bobo*, e as *Lendas e Narrativas*. Intitula-se *Harpa do Crente* um seu livro de poesias. Não logra o poeta occultar as durezas do estylo granítico; mas o prosador é sem duvida um dos mais valentes esculptores do nosso idioma.

### Alcacer do Sal.

Alcacer achava-se no seculo XII decahida da anterior grandeza, mas ainda se distinguia pelo pintoresco do sitio e pelo seu apazivel aspecto. Assentada nas margens do Chetawir, grande numero de embarcações subiam e desciam o rio, carregadas com as mercadorias que lhe alimentavam o commercio, necessariamente activo pela proxi-

midade da populosa e opulenta Iaborah (Évora). Cercavam-na por todos os lados extensos pinhaes, e as madeiras que nelles se cortavam constituíam um dos principaes objectos de exportação. Naturalmente ferteis, os seus arredores eram ricos de gados, que produziam abundancia de lacticínios e carnagens. O mel que ali se recolhia, formava uma porção de sua riqueza. Tal é o quadro que, apesar da decadencia politica de Alcacer, ainda nos fazem della os escriptores arabes do seculo XII. Da sua importancia militar, da fortaleza do castello que a defendia, é argumento quanto sangue custou aos christãos conquistal-a, e reconquistal-a depois de perdida de novo.

Hoje, de tudo isto restam apenas largos pannos de muros rotos e pendidos, torres derrocadas ou fendidas que vacillam e ameaçam esmagar parte da povoação assentada a seus pés. Os bosques desappareceram em grande parte, e os prados que alimentavam numerosos amentios converteram-se em alagadiços, donde mana a corrupção. As febres mortíferas do estio tingem o gesto dos habitantes de uma côr de cadaver, que harmoniza tristemente com aquellas pedras tombadas e pallidas, com os vestigios de duas grandes civilizações que passaram por essa terra de muitos seculos. A' raiz do alto cubello sarraceno jaz o fuste da columna romana; a inscripção latina faceva o muro da que, talvez, foi mesquita musulmana, e que hoje é um pobre templo christão. Ruínas sobre ruínas cimentadas com o sangue de muitos combates, e no meio dellas uma população enfezada e doentia, eis o que resta da bella Alkasar Ibén Abu Danés, afóra uma pouca actividade commercial que os erros dos homens não poderam destruir, porque dependia da situação do logar, emporio e mercado natural das terras sertanejas que demoram ao norte e oriente do Sado.

(A. HERCULANO, *Hist. de Port.*,  
tomo I.º, pags. 381-382.)



### Perseguição religiosa.

Quando em 1834 se extinguiu o antigo e celebre cenobio de Santa Cruz de Coimbra, aconteceu ahi um facto que pôde, até certo ponto, dar uma idéa das primeiras scenas do negro drama que ha oito annos começou a passar ante os olhos daquelles que ainda não abnegaram de todo a humanidade e o pudor. Expulsos os cenobitas, e inventariados os bens do mosteiro pelos commissarios desta obra brutal, quasi por toda a parte brutalmente executada, ainda uma cella daquelle vasto edificio ficava occupada por um dos seus antigos habitantes. Era um velho de oitenta annos, a quem o tropego, o quasi morto dos membros, embargava o caminhar, e que por isso não podia seguir seus irmãos. Entrando no aposento, encontraram o cenobita deitado no seu catre humilde, em cujo tópe pendia o Crucifixo que, talvez por sessenta annos, tinha visto a seus pés consumir-se na meditação, nas preces e na penitencia aquella dilatada vida. Estava só o ancião, e o silencio que o rodeava apenas era interrompido pelos gorgeios d'uma avezinha que pulava contente ao sol n'uma gaiola pendurada da abobada. O velho parecia pensativo, como se adivinhasse que era para elle chegada a hora do martyrio.

As passadas dos que entravam, moveram-n'o a volver os olhos; correu-os para aquelles rostos desacostumados; depois tornou-os a abaixar. Que lhe importavam os homens do seculo? Elle não os conhecia.

Disseram-lhe então que era necessario sahir d'ali.

— Porque? perguntou o cenobita.

— Porque os frades acabaram, replicou o mais eloquente e discreto dos verdugos, como se exprimisse a idéa mais simples e trivial deste mundo.

— Porque os frades... — repetiu em voz baixa o velho sem concluir. Os labios não podiam levantar de cima do coração o resto daquella phrase monstruosa: ella lh'o havia esmagado.

Um sorriso estúpido passou pelas faces estúpidas de alguns dos circumstantes. No gesto espantado do cenobita liam elles a grandeza do esforço com que associavam o proprio nome á obra prima do seculo.

E com razão. O triturar assim o coração de oitenta annos era feito que excedia em heroicidade todos aquelles que haviam praticado dois cavalleiros portuguezes, que, lá em baixo, na igreja, continuavam a dormir nos seus leitos de pedra um somno de muitos seculos, e que se chamavam Affonso Henriques e Sancho Adefonsiades.

Os olhos do ancião ficaram enxutos. Só accrescentou: — Mas para onde hei de ir?

— Para casa dos vossos parentes, acudiu o philosopho.

O cenobita correu a mão pela frente calva e respondeu: — Já não tenho parentes na terra, todos me esperam no céu.

— Então ireis para a de algum amigo.

— O unico amigo meu que ainda vive, é aquelle! E apontava para a avezinha.

— O frade irá pois morar na gaiola do pintasilgo — rosnou por entre dentes um dos algozes que tinha fama de gracioso. Não quiz, porém, communicar aos outros tal idéa. Tudo estoiraria de riso.

Alguem que estudava de perto esta scena de progresso moral, não poudé, todavia, continuar os seus graves e terriveis estudos. Precisava de ar, de luz, de ver o céu. Atravessou ligeiro o longo dormitorio, e desceu a quatro e quatro os degraus das extensas escadarias. As lagrimas rebentavam-lhe como punhos.

(ALEXANDRE HERCULANO, *Opusculos*,  
tomo I.º, pags. 149-152.)

### O rei e o architecto.

— Dom donzel, onde é que está el-rei? dizia Affonso Domingues ao pagem, caminhando com passos incertos ao longo do vasto aposento.

D. João I, que ouvira a pergunta, respondeu em vez do pagem:

— Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre d'Aviz, vosso antigo capitão, nobre cavalleiro de Aljubarrota.

— Beijo-vos as mãos, senhor rei, por vos lembrardes ainda de um velho homem, de armas que para nada presta hoje. Vêde o que de mim mandais; porque de vossa ordem aqui me trouxe este bom donzel.

— Queria ver-vos e falar-vós; que do coração vos estimo, honrado e sabedor constructor do mosteiro de Santa Maria.

— Architecto do mosteiro de Santa Maria, já o não sou; vossa mercê me tirou esse encargo; sabedor nunca o fui, pelo menos muitos assim o crêem, e alguns o dizem. Dos titulos que me dais, só me cabe o de honrado, que esse, mercê de Deus, é meu, e fôra infamia roubar-o a quem já não pôde pegar em um montante para defendel-o.

— Sei, meu bom cavalleiro, que estais mui torvado commigo por dar a outro o cargo de mestre de obras do mosteiro: nisso cria eu fazer-vos assignalada mercê. Mas, venhamos ao ponto, sabeis que a abobada do capitulo desabou hontem á noite?

— Sabia-o, senhor, antes do caso succeder.

— Como é isso possível?

Porque todos os dias perguntava a alguns desses poucos obreiros portuguezes que ahi restam, como ia a feitura da casa capitular. No desenho della pozera eu todo o cabedal do meu fraco engenho, e este aposento era obra

prima de minha imaginação. Por elles soube que a traça primitiva fôra alterada e que a junctura das pedras era feita de modo diverso do que eu tinha apontado. Prophe-tizei-lhes então o que havia de acontecer. E — accres-centou o velho, com sorriso amargo — muito fez já o meu successor em por tal arte lhe pôr o remate que não desabasse antes das vinte e quatro horas.

— E tinheis vós por certo que, se vossa traça se hou-vera seguido, essa desmesurada abobada não viria a terra?

— Se esses olhos não tivessem feito com que eu fosse posto de banda, como uma carta de testamento antiga, que se atira, por inutil, para o fundo de uma arca, a pedra do fecho dessa abobada não teria de vir esmigalhar-se no pavimento antes de sobre ella pesarem muitos seculos; mas os de vosso conselho julgaram que um cego para nada podia prestar.

— Pois, se ousais levar a cabo vosso desenho, eu or-deno que o façais, e desde já vos nomeio de novo mestre das obras do mosteiro, e David Ouguet vos obedecerá.

— Senhor rei — disse o cego, erguendo a fronte que até ali estivera curvada — vós tendes um sceptro e uma espada; tendes cavalleiros e bésteiros; tendes ouro e po-der; Portugal é vosso, e tudo o que elle contém, salvo a liberdade de vossos vassallos: nesta nada mandais. Não!... vos digo eu: não serei quem torne a erguer essa derro-cada abobada! Os vossos conselheiros julgaram-me in-capaz d'isso: agora elles que a alevantem.

As faces de D. João I tingiram-se do rubor do des-peito.

— Lembrai-vos, cavalleiro — disse elle — de que fa-lais com D. João I.

— Cuja corôa — acudiu o cego — lhe foi posta na cabeça por lanças, entre as quaes reluzia o ferro da que eu brandia. D. João I é assás nobre e generoso para não se esquecer de que nessas lanças estava escripto: — *Os vassallos portuguezes são livres.*

— Mas, tornou el-rei, os vassallos que desobedecem aos mandados daquelle em cuja casa têm acostamento, podem ser privados da sua moradia...

— Se dizeis isso pela que me destes, tirai-m'a: que não vol-a pedi eu. Não morrerei de fome, que um velho soldado de Aljubarrota achará sempre quem lhe esmole uma mealha; e, quando haja de morrer á mingua de todo humano soccorro, bem pouco importa isso a quem vê arrancarem-lhe nas bordas da sepultura, aquillo por que trabalhou toda a vida, um nome honrado e glorioso.

Dizendo isto, o velho levou a manga do gibão aos olhos baços e embebeu nella uma lagrima mal sustida. El-rei sentiu a piedade coar-lhe no coração comprimido de despeito e dilatar-lh'o suavemente. Uma das dores d'alma que, em vez de a lacerar, a consolam, é sem duvida a compaixão.

— Vamos, bom cavalleiro — disse el-rei pondo-se em pé — não haja entre nós doestes. O architecto do mosteiro de Santa Maria vale bem o seu fundador! Houve um dia em que nós ambos fomos pelejadores: eu tornei celebre o meu nome, a consciencia m'o diz, entre os principes do mundo, porque segui avante por campos de batalha; ella vos dirá, tambem, que a vossa fama será perpetua, havendo trocado a espada pela penna com que traçastes o desenho do grande monumento da independencia e da gloria desta terra. Rei dos homens do accêso imaginar, não desprezeis o rei dos melhores cavalleiros, os cavalleiros portuguezes! Tambem vós fostes um delles; e negar-vos-heis a proseguir na edificação desta memoria, desta tradição de marmore, que ha de recordar aos vindouros a historia de nossos feitos? Mestre Affonso Domingues, escutai os ossos de tantos valentes que vos accusam de trahirdes a boa e antiga amizade. Vem de todos os valles e montanhas de Portugal o soido desse queixume dos mortos: porque, nas contendias da liberdade, por toda a parte se verteu sangue e foram semeados cadaveres de ca-

valleiros! Eia, pois: se não perdoais a D. João I uma supposta affronta, perdoai-a ao Mestre d'Aviz, ao vosso antigo capitão, que, em nome da gente portugueza, vos cita para o tribunal da posteridade, se refusais consagrar outra vez á patria vosso maravilhoso engenho, e que vos abraça, como antigo irmão nos combates, porque, certo, crê que não quereis perder na vossa velhice o nome de bom e honrado portuguez.

El-rei parecia grandemente commovido, e talvez, involuntariamente, lançou um braço ao redor do pescoço do cego, que soluçava e tremia sem soltar uma só palavra.

Houve uma longa pausa. Todos se tinham posto em pé quando el-rei se erguera, e esperavam anciosos o que diria o velho. Finalmente este rompeu o silencio:

— Vencestes, senhor rei, vencestes!... A abobada da casa capitular não ficará por terra. O' meu mosteiro da Batalha, sonho querido de quinze annos de vida entregues a cogitações, a mais formosa das tuas imagens será realzada, será duradoura, como a pedra em que vou estampal-a! Senhor rei, as nossas almas entendem-se: as unicas palavras harmoniosas e inteiramente suaves que tenho ouvido ha muitos annos, são as que vos sahiram da bocca; só D. João I comprehende Affonso Domingues; porque só elle comprehende a valia destas duas palavras formosissimas, palavras de anjos — patria e gloria. A passada injuria a vossos conselheiros a attribui sempre, que não a vós, posto que de vós, que ereis rei, me queixasse: varrel-a-hei da memoria, como o entalhador varre as lascas e a pedra moida pelo cinzel de cima do vulto que entalhou em gargula de cimalha rendada. Que me restituam os meus officiaes e obreiros portuguezes; que portuguez sou eu, portugueza a minha obra! De hoje a quatro mezes podeis voltar aqui, senhor rei; e, ou eu morrerei, ou a casa capitular da Batalha estará firme, como é firme a minha crença na immortalidade e na gloria.

El-rei apertou então entre os braços o bom do cego que procurava ajoelhar a seus pés. Era a attracção de duas almas sublimes, que voavam uma para a outra.

(A. HERCULANO, *Lendas e narrativas*.  
*A abobada*: tomo 1.º, pags. 266-272, da  
ed. de Lisboa, 1877.)

### Morte de Affonso Domingues.

As portas da casa do capitulo estavam abertas: via-se dentro della tal machina de prumos, travezes, andaimes, cabrestantes, escadas, que bem se podera comparar a composição daquelles simples á fabrica do mais delicado relogio. A' porta que dava para a crasta estava um homem em pé, que se desbarretou apenas viu el-rei, a cuja direita vinha o architecto, seguido por frei Lourenço e por outros frades.

O pequeno Fernão d'Evora disse algumas palavras a Affonso Domingues, o qual lhe respondeu em voz baixa. Então o rapaz acenou ao homem desbarretado, que se chegou timidamente ao cego. Era um mancebo, que mostrava ter de idade, ao mais, vinte cinco annos; de rosto comprido, tez queimada, nariz aquilino, olhos pequenos e vivos. Chegando-se ao cego este o tomou pela mão e, voltando-se para el-rei disse:

— Aqui tendes, senhor, a Martim Vasques, o melhor official de pedraria que eu conheço; o homem que, com mais alguns annos de experiencia, será capaz de continuar dignamente a serie dos architectos portuguezes.

— E debaixo do meu especial amparo estará Martim Vasques — respondeu el-rei — que por honrado me tenho com haver em meus senhorios homens que vos imitem.

Ainda bem não eram acabadas estas palavras, sentiu-se um sussurro entre o povo, que girava livremente pela crasta e que se enfileirou aos lados: chegava a gente que devia tirar os simples.

Entre duas alas de bésteiros vinha um bom numero de homens, magros, pallidos, rotos e descalços; o porte de alguns era altivo, e em seus farrapos se divisava a razão disso: eram bésteiros castelhanos que em diversos recon-tros e pelejas tinham cahido nas mãos dos Portuguezes. As guerras entre Portugal e Castella assemelhavam-se ás guerras civis de hoje: para vencidos não havia nem caridade, nem justiça, nem humanidade: ser mettido em ferros era então uma ventura para o pobre prisioneiro; porque os mais delles morriam assassinados pelo povo desenfreado, em vingança dos maus tratos que em Castella padeciam os captivos portuguezes. Com os Castelhanos vinham de envolta varios criminosos condemnados á morte por suas malfetorias.

— Misericordia! bradou toda aquella multidão ao passar por el-rei; e cahiram de bruços sobre as lageas do pavimento.

— Comvosco a tenho, mesquinha gente — disse el-rei commovido. — Se tirardes os simples, que vedes acolá, e a abobada não desabar sobre vós, soltos e livres sereis. Erguei-vos, e confiai na sciencia do grande architecto que fez essa mirifica obra. Mandar-vos comprar vossa soltura a custo de tão leve risco, quasi que é o mesmo que perdoar-vos.

Os presos ergueram-se, mas a tristeza lhes ficou embecida no coração e espalhada nas faces; o terror fazia-lhes crêr que já sentiam ranger e estalar as vigas dos simples e que, ás primeiras pancadas, as pedras desconformes da abobada, desatando-se da immensa volta, os esmagariam como o pé do quinteiro esmaga a lagarta enroscada na planta viçosa do horto.



Neste momento quatro forçosos obreiros chegaram á porta do capitulo, trazendo sobre uma paviola uma grande pedra quadrada. Martim Vasques, que já lá estava, gritou ao cego architecto:

— Mui sabedor mestre Affonso, que quereis se faça do canto que para aquí mandastes trazer?

— Assentai-o bem debaixo do fecho da abobada, no meio desse claro que deixam os prumos centraes dos simples.

Os obreiros fizeram o que o architecto mandara; este então voltou-se para el-rei e disse:

— Senhor rei, é chegado o momento de vos declarar meu segundo voto. Pelo corpo e sangue do Redemptor jurei que, assentado sobre a dura pedra, debaixo do fecho da abobada, estaria sem comer nem beber durante tres dias, desde o instante em que se tirassem os simples. De cumprir meu voto ninguem poderá mover-me. Se essa abobada desabar, sepultar-me-ha em suas ruínas: nem eu quizera encetar, depois de velho, uma vida deshonrada e vergonhosa. Esta é a minha firme resolução.

Dizendo isto, o cego travou com força do braço de Fernão d'Evora, e encaminhou-se para a porta do capitulo.

— Esperai, esperai! — bradou el-rei. — Estaes louco, dom cavalleiro? Quem, se vós morreredes, continuará esta fabrica, tão formosa filha de vosso engenho?

— Mestre Ouguet — tornou o cego, parando. — Não sou tão vil que negue seu saber e habilidade. Se a abobada desabar segunda vez, ninguem no mundo é capaz de a fechar com uma só volta, e, para a firmar sobre uma columna erguida no centro, mestre Ouguet o fará. Quanto ao resto do edificio, fazei, senhor rei, que se prosiga meu desenho: é o que ora vos peço, tão sómente.

E o velho e o seu guia sumiram-se por entre as bastas vigas que sustinham as traves dos simples: el-rei, Frei Lourenço e os mais frades ficaram attonitos e calados.

.....

Passada uma hora, aquelle montão de vigas, barrotes, taboas, cambotas, cabrestantes, regoas e travessas, tinha passado pela crasta fóra em collos de homens, e os presos tinham sido postos em liberdade, com grande raiva da tia Brites, ao vêr ir soltos os bésteiros castelhanos. No centro da ampla quadra se via uma pedra, sobre a qual, mudo e com a cabeça pendida para o peito, estava assentado um velho.

A este velho rogava el-rei, rogavam frades, rogava o povo, sem todavia se atreverem a entrar, que sahisse dali; mas elle não lhes respondia nada. Desenganados, emfim, foram-se, pouco a pouco, retirando da crasta, onde, ao pôr do sol, começou a bater o luar de uma formosa noite de maio.

Tres dias se passaram assim. Mestre Affonso, assentado sobre a pedra fria, nem sequer cedera ás rogativas de Anna Margarida, que, obrigada pela boa amizade que tinha a seu amo, se atvera a cruzar os perigosos umbraes do capitulo, para ver se o movia a tomar alguma refeição. Tudo recusou o cego; a sua resolução era inabalavel. Tambem a abobada estava firme, como se fóra de bronze. No terceiro dia, á tarde, el-rei, que tinha passado o tempo em apparelhar-se para a guerra, com actos de piedade, desceu á crasta acompanhado de Frei Lourenço, e de outros frades, e, chegando á porta do capitulo, viu Martim Vasques e Anna Margarida junto á pedra fria de Affonso Domingues, e este, pallido e com as palpebras cerradas, encostado nos braços delles.

O mancebo e a velha choravam e soluçavam, sem dizerem palavra.

— Que temos de novo? — perguntou el-rei, chegando á porta e vendo aquelles dous estafermos. Completam-se

ora os tres dias de voto: ainda mestre Affonso teimará em estar aqui mais tempo?

— Não, senhor — respondeu Martim Vasques com palavras mal articuladas: — não estará aqui mais tempo; porque o seu corpo é herança da terra, e sua alma repousa com Deus.

— Morto!? — bradaram a uma voz el-rei e Frei Lourenço, e correram para o cadaver do architecto, olhando, todavia, primeiro para a abobada com um gesto de receio.

— Nada temais, senhores — disse Martim Vasques. — As ultimas palavras do mestre foram estas: A abobada não cahiu... a abobada não cahirá!

O architecto, gasto da velhice, não poudo resistir ao jejum absoluto a que se condemnara. No momento em que, ajudado por Martim Vasques e Anna Margarida, se quiz erguer, pendeu moribundo nos braços delles, e aquelle genio de luz mergulhou-se nas trevas do passado.

El-rei derramou algumas lagrimas sobre os restos do bom cavalleiro, e Frei Lourenço rezou em voz baixa uma oração fervente pela alma generosa que, até ao ultimo arranco, escrevera sobre o marmore o hymno dos valentes de Aljubarrota.

(*Idem*, pags. 283-287 e 289-291.)

---

**José Estevão Coelho de Magalhães** (Aveiro, 1809-1863) frequentava o curso juridico de Coimbra, quando rebentou a revolução constitucional do Porto e, nella havendo tomado parte, emigrou para a Inglaterra. Em 1832 desembarcou em Mindello com o exercito libertador e foi um dos extremados defensores da Serra do Pilar. Eleito deputado, manifestou grande talento oratorio, defendendo sempre doutrinas liberaes. Exerceu o magisterio na cadeira de economia politica da Escola Polytechnica, e tambem deu mostras de facundia no fóro criminal; mas a tribuna parlamentar foi o grande theatro dos seus mais esplendidos triumphos.

Ainda posta de parte a admiração sectaria e apaixonada que tanto o enalteceu, sobejam a este orador qualidades que explicam o fervor de seus entusiastas.

## Heróes !

Os heróes são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres de nossa especie exceder as condições ordinarias da nossa existencia, mas essa vaidosa satisfação custa sempre cara. Os heróes são uns filhos prodigos da natureza e da sociedade, que dispõem, em proveito das suas paixões, do oiro, do sangue e da honra do mundo; que sacrificam aos seus caprichos quanto ha nella de mais santo, de mais nobre e mais sympathico; e a Providencia, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que se esquecem da humildade do berço commum, ou lhes esconde a lousa da sepultura para que os deslembrem, ou lh'a deixa apontada á indignação publica para que os aborreçam.

As ondas tocadas da tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. Nesta lide, atropellam-se, amontoam-se; sobem umas sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremessos, até que galgam a altura onde a resistencia as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, cahem no mar de onde sahiram, em mar de onde eram, no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornam. Os heróes são estas cataractas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como ella largo, vasto, immenso; como ella querendo sempre saltar fóra das suas barreiras, fugir ás leis que o domesticam, e voltando sempre, apezar da sua inquietação, aos principios de harmonia natural a que perpetuamente está sujeito, e para conservar os quaes foi creado. E, serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não attrahem as nossas vistas pela luta que sobre elles se travara? Pedras de irregular conformação, sem bellezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitam o nosso pasmo.

Sr. presidente, esse mesmo homem que foi reputado o salvador da França, o domador da anarchia, esse grande capitão que venceu tantos povos, mas que não poudo vencer as idéas, esse guerreiro estadista a quem attribuem a gloria de ter segurado a regeneração européa de 1793, esta mesma entidade historica, parece-me que se poderia ter dispensado e supprimido, e que a sorte da Europa seria a mesma que hoje é, ou ainda melhor, sem as suas batalhas, as suas victorias e as suas leis. O genio dos acontecimentos e da civilização é mais poderoso que o genio dos homens.

Eu tenho asco á guilhotina, e não tenho consideração pela espada, quando ella serve a violentar os povos, porque a guilhotina é sempre a ignominia das revoluções, e a espada muitas vezes o opprobrio dos governos. Mas, se nós tirassemos da historia o grande vulto do verdadeiro Napoleão, pelos milhares de vidas que se perderam nos campos da batalha, teriamos a contar mais alguns milhares de cabeças decepadas nos cadafalsos politicos, e o curso dos acontecimentos teria sido o mesmo, afóra a differença moral destes martyrios, porque os destinos do mundo saltam por cima das bayonetas e dos potros, e seguem a sua vereda sem haver nada que os detenha nem os desvie.

Por estas razões, para mim, quanto menos heróes melhor; e, se digo isto dos heróes que verdadeiramente o são, que será dos heróes que apenas pretendem arremedal-os?

(José ESTEVÃO, discurso ácerca do apresamento do navio *Charles et Georges*, em 1857. — *Discursos Parlamentares*, edição Souza Maia. Aveiro, 1878 — pags. 330-331.)

Antonio da Silva Tullio (Carnide, 1817-1884) durante muitos annos viveu empregado na Bibliotheca de Lisboa. Foi um grande estudioso da historia e lingua maternas. Escreveu bellissimos folhetins, e sustentou as excellencias da vernaculidade contra a cáfila systematicamente deturpadora do nosso idioma.

### Infinitivo pessoal e impessoal.

O infinito impessoal, além de representar um substantivo verbal, abstracto, e de com os verbos auxiliares constituir as fórmãs compostas, tambem se junta a outros verbos não auxiliares, para com elles formar phrases verbaes compostas, que tão communs são no discurso, taes como: *queremos ler, mandaram cantar; vou viajar*, etc.

O infinito pessoal representa uma acção por modo vago e indeterminado, contendo ao mesmo tempo a idéa de pessoa e de numero. Exemplo: "Trabalha meu filho para *agradarem* tuas obras a Deus." (Fernão Mendes Pinto, c. 168.)

Os escriptores principiantes erram vulgarmente a grammatica deste tempo, em o empregarem quando devem usar do infinito impessoal, e vice-versa.

Uma das causas, e talvez a primeira, porque nos autores antigos apparecem alguns destes erros, é devida á influencia que a litteratura hespanhola exerceu na lingua portugueza; porque, não possuindo aquelle idioma este tempo, fez com que alguns autores usassem o castelhano de empregar o impessoal, quando deviam empregar o pessoal. E hoje a influencia da lingua franceza faz tambem com que se empregue o impessoal, quando se deve empregar o pessoal. As seguintes phrases traduzidas do francez, á lettra, produzem equivoco em portuguez, além de serem oppostas ao dizer vernaculo dos mestres da lingua: E' para *dar* que o Senhor nos dá. — A vida é feita para *trabalhar*. O equivoco desaparece destas phrases,

se dissermos: E' para *darmos* que o Senhor nos dá. — A vida é feita para *trabalharmos*.

Tratemos, pois, de estabelecer regras, com as quaes o principiante não possa errar na applicação destes dois tempos.

Regra geral: Quando o infinito tem sujeito proprio, e fórma com elle uma oração, concorda com o sujeito em numero e pessoa.

Quando o infinito não tem sujeito proprio, e faz com outro verbo uma fórma composta, conserva-se invariavel.

Daremos agora alguns exemplos, para costumar o ouvido dos principiantes á verdadeira construcção: "Virtudes, sem *trabalhares* e *padeceres*, não verás tu jámais com teus olhos". (Bernardes, *Luz*, pag. 256.) "Se do céu, onde estaes, *abaterdes* (1) os olhos e os *pozardes* em Amaranthe..." (Vieira, *Sermões*, 7,294.) — "As mulheres têm a seu mandar as lagrimas para *chorarem*, quando e quanto querem." (Bernardes, *Flor*, 342.) — "Póde bem *ser querdes* saber a que venho." (*Euphrosina*, Prol.) — "Para que não podessemos duvidar *serem* isto obras da poderosa mão de Deus." (Lucena, c. 15,109.) Todos estes exemplos são correctos. Os seguintes são os que encontramos afastando-se da regra, e por isso os damos como errados: "Será de uns doudos vãos, que, *acabado de gastarem* o dinheiro com que casam, desprezam-se do sogro, e dão triste vida á mulher." (*Euphrosina*, act. 5, sc. 10.)

Este lugar é errado, porque *acabado de gastarem* é uma fórma verbal composta; portanto deve ser invariavel o infinito.

Deve-se corrigir: *acabado de gastar*.

N'este mesmo caso está o seguinte verso de Camões: "E, *folgarás de veres* a policia". (*Lusiadas*, canto 7, est. 72.)

Deve-se corrigir: *folgarás de vêr*.

---

(1) Aqui não ha infinitivo pessoal, mas futuro do conjunctivo. (Nota dos compiladores).

"Mandou... dous talões a *espiar* o porto, *sondar* o rio, e *vêr* o surgidouro." (Fernão Mendes Pinto.)

Deve-se corrigir: a *espiarem* o porto, *sondarem* o rio, e *verem* o surgidouro. Porque o sujeito desses tempos é *dous talões*, e forma com elles uma oração differente da representada pelo verbo *mandou*.

"Forçareis as pedras a vos *fazer* a vontade." (*Ulysipo*, act. 5, sc. 4.)

Deve-se corrigir: a vos *fazerem* a vontade, porque o sujeito de *fazer* é *pedras*; portanto deve concordar com elle em numero e pessoa.

"O que se lhes não pôde defender com a artilharia por *trabalhar* cobertos." (Jacintho Freire.)

Deve-se corrigir: *trabalharem*; pois que o sujeito de *trabalhar* é *soldados*, e não *artilharia*. *Defender* está correctissimamente empregado no impessoal, pois fórma com o verbo *pôde* uma variação verbal composta.

"E' muito proprio das mulheres o *sahir* para *verem* e *serem* vistas." (Bernardes, *Flor*, 4,243.)

Este exemplo é correcto: *verem* e *serem* concordam com o seu respectivo sujeito, *mulheres*. *Sahir* está na fórma impessoal, porque está tomado como um puro substantivo.

"Os moradores salvaram no sertão as vidas... faltando-lhes valor, para se *defender* ou *morrer* em suas casas." (Jacintho Freire, 275.)

Deve-se corrigir: para se *defenderem* ou *morrerem* em suas casas.

Ha phrases em que se pôde considerar o infinito do verbo de duas maneiras; constituindo uma fórma com o outro tempo, ou formando sobre si outra oração. Neste caso pôde-se empregar o impessoal ou pessoal, segundo melhor convier á clareza e harmonia do periodo. Quando concorre, assim, mais de um verbo no infinito, põem-se uns no singular, outros no plural, fazendo depender este



emprego de boa consonancia; ex.: Começaram os ouvintes a *bócejar* e *cabecear* até que ficaram adormecidos." (Bernardes, *Flor.*, t. IV, fl. 250.)

Se se considerarem os verbos *bocejar* e *cabecear* dependentes de *começaram*, formando portanto com elle fórmulas compostas, devem-se conservar invariáveis; se porém se suppozem formando uma oração separada, cujo sujeito é *ouvintes*, deve-se empregar a fórmula pessoal desta maneira: Começaram os ouvintes a *bocejarem* e *cabecearem*.

Algumas vezes também se encontra: — a *bocejarem* e *cabecear*. Porém este modo achamol-o irregular.

*Nota de Camillo Castello Branco.* — Até aqui o illustre professor.

Agora accrescentaremos que nos nossos classicos ha exemplos para autorizar o emprego dos infinitos, segundo a regra exposta, e contra ella. Por exemplo este de fr. Luiz de Souza, na *Vida do Arcebispo*: "Os santos a *persuadir-me* humilde... e eu que mostre brios e ufanía? Os santos a *prégar* pobreza e *seguil-a* em tudo, e eu que mostre ufanía e brios"?

Tomariam elles esta licença para evitar, umas vezes, a dissonancia que produz a repetição das terminações do infinito pessoal; outras, reduplicação de pluraes no infinito pessoal; e por isso empregavam ora um, ora outro, como melhor lhes soava, até com prejuizo da clareza do periodo? Parece-nos ser esta a razão; porque nem sempre taes lugares se podem explicar por ellipse, como alguns têm feito.

Apezar disto, e dos escriptores que rigorosamente fazem auctoridade na grammatica da nossa lingua, nem todos os classicos observam as regras expostas, sem discrepancia. Muitos exemplos poderamos adduzir, para mostrar que, ainda nos periodos em que ha necessidade de repetir os

infinitos, seguem á risca a syntaxe de concordancia da lingua.

Sirva de exemplo incontestavel o periodo que vamos transcrever, pois é de um escriptor que, além de escripto puloso observador das regras da grammatica, na harmonia, variedade, graça, energia e pompa ninguem o excede: "Deve ser o ether carregado de fios de luz, que em todas as direcções, parallelas, perpendiculares, obliquos, convergentes, divergentes, remotos, proximos, se *entretecem*, sem se *torcerem*, se *cortam* sem se *quebrarem*, se *concentram* sem se *confundirem*; communicam todos os pontos com cada ponto, fazem que tudo possa vêr a tudo, e ser de toda a parte descoberto." (A. F. de Castilho, *Noções rudimentares para uso das escolas*, pag. 76.)

(SILVA TULLIO, *Estudinhos da lingua patria*, publicados no *Archivo Pittoresco* e annotados por Camillo Castello Branco.)

---

Luiz Augusto Rebello da Silva (Lisboa, 1822-1871) frequentou um curso mathematico, que logo abandonou, dedicando-se a estudos litterarios e historicos.

Sua corôa de romancista é a *Mocidade de D. João V*; além deste tambem são muito lidos *Rausso por homisio*, *Casa dos Phantasmas*, *Odio velho não cança*, etc.

Em outras provincias das sciencias e artes — economia politica, critica, litteraria e philologica, historia — exerceu brillantemente sua actividade. Os *Fastos da Igreja* é a *Historia de Portugal* merecem especial menção. Como dramaturgo fez tentativas não descoroadas de exito. Em seguida a triumphos litterarios e politicos alcançou o pariato e tomou assento nos conselhos da corôa.

Comquanto não toleré o confronto com Herculano, Camillo e Garrett, Rebello da Silva foi escriptor fluente, e a seu estylo não falta decorosa amplidão, nem movimento e brilho.

### Ultima corrida de touros em Salvaterra.

Uma toirada real chamara a cõrte á Salvaterra. Os fidalgos respiravam nesta occasião menos opprimidos. Não os assombrava tão de perto a privança do ministro. Os touros eram bravos, os cavalleiros destros, o amphitheatro pomposo, e o cortejo das damas adoravel. O prazer ria na bocca de todos. Por cumulo de venturas, o marquez de Pombal ficara em Lisboa, retido pelo conflicto com o embaixador da Hespanha.

.....

Nestas funcções não vigorava a severidade das ultimas pragmaticas. Outro motivo de jubilo. Quem queria podia arruinar-se em luxuosos vestidos, enfeites e toucados. As bordaduras e os recamos de oiro, os velludos e as sedas de fóra talhadas á franceza, resplandeciam constellados de pérolas e diamantes. Por cima dos mais ricos trajos e das mais vistosas côres, desenrolavam-se os anneis ondedados das empoadas cabelleiras. As damas ostentavam as graças de seus donaires e tufados, moldurando o bello oval dos rostos nos penteados caprichosos, sorriam-se para os gentis campeadores, e seus olhos cheios de luz e de promessas estimulavam até os timidos.

Correram-se as cortinas da tribuna real. Rompem as musicas. Chegou el-rei, e logo depois entra pelos camarotes o vistoso cortejo, e vê-se ondear um oceano de cabeças e de plumas. Na praça resôam com brava alegria as charamelas e os timbales. Apparecem os cavalleiros, fidalgos distinctos todos, com o couço das lanças nos estribos, e os brazões bordados no velludo das gualdrapas dos cavallos. As plumas dos chapéos debruçam-se em mafiçados cocares, e as espadas em bainhas lavradas pendem

de soberbos talins. Os capinhas e os forcados vestem com garbo á castelhana antiga. No semblante de todos brilha o ardor e o enthusiasmo.

O conde dos Arcos, entre os cavalleiros, era quem dava mais na vista. O seu trajo, cortado á moda da cõrte de Luiz XV, de velludo preto, fazia realçar a elegancia do corpo. Na gola da capa e no corpete, sobresahiam as finas rendas da gravata e dos punhos. Nos joelhos, as ligas bordadas deixavam escapar com artificio os tufos de cambraietta alvissima. O conde não excedia a estatura ordinaria, mas, esbelto e proporcionado, todos os seus movimentos eram graciosos. As faces eram talvez pallidas de mais, porém animadas de grande expressão, e o fulgor das pupillas negras fuzilava tão vivo, e por vezes tão recobrado que se tornava irresistivel. Filho do marquez de Marialva, e discipulo querido de seu pae, do melhor cavalleiro de Portugal, e talvez da Europa, a cavallo a nobreza e a naturalidade do seu porte enlevavam os olhos. Elle e o corcel, como que ajustados em uma só peça, realizavam a imagem do centauro antigo.

A bizzarria com que percorreu a praça, domando sem esforço o fegoso corcel, arrancou prolongados e repetidos applausos. Na terceira volta, obrigando o cavallo quasi a ajoelhar-se diante de um camarote, fez que uma dama escondesse torvada no lenço as rosas vivissimas do rosto, que de certo descobririam o melindroso segredo da sua alma, se em momentos rapidos como o faiscar do relampago, podesse alguém adivinhar o que só dois sabiam.

El-rei, quando o mancebo o cumprimentou pela última vez, sorriu-se e disse voltando-se:

— Porque virá o conde quasi de lucto á festa?

Principiou o combate.

Não é proposito nosso descrevermos uma corrida de toiros. Todos têm assistido a ellas, e sabem de memoria o que o espectáculo offerece de notavel. Diremos só que a raça dos bois era apurada, e que os toiros se corriam des-

embolados, á hespanhola. Nada diminuía portanto as probabilidades do perigo e a poesia da lucta.

Tinham-se picado alguns bois. Abriu-se de novo a porta do curro, e um toiro preto investiu com a praça. Era um verdadeiro boi de circo. Armas compridas e reviradas na ponta, pernas compridas e delgadas, indicio de grande ligeireza, e movimentos rapidos e subitos, signal de força prodigiosa. Apenas tocara o centro da praça, estacou como deslumbrado, sacudiu a fronte e, escarvando a terra, impaciente, soltou um mugido feroz no meio do silencio que succedera ás palmas e gritos dos espectadores. Dêntro em pouco os capinhas, saltando a pulo as trincheiras, fugiam á velocidade espantosa do animal, e dois ou tres cavallos expirantes denunciavam a sua furia.

Nenhum dos cavalleiros se atreveu a sahir contra elle. Fez-se uma pausa. O toiro pisava a arena ameaçador, e parecia desafiar em vão um contendor. De repente viu-se o conde dos Arcos, firme na sella, provocar o impeto da fêra, e a haste flexivel do rojão ranger e estalar, embebendo o ferro no pescoço musculoso do boi. Um rugido tremendo, uma aclamação immensa do amphitheatro inteiro, e as vozes triumphaes das trombetas e charamelas encerraram esta sorte brilhante. Quando o nobre mancebo passou a galope por baixo do camarote, diante do qual pouco antes fizera ajoelhar o cavallo, a mão alva e breve de uma dama deixou cahir uma rosa, e o conde, curvando-se com donaire sobre os arções, apanhou a flor do chão sem afrouxar a carreira, levou-a aos labios e metteu-a no peito. Investindo depois com o toiro, tornado immovel com a raiva concentrada, rodeou-o, estreitando em volta delle os circulos, até chegar quasi a pôr-lhe a mão na anca.

O mancebo desprezava o perigo, e, pago até da morte pelos sorrisos que seus olhos furtavam de longe, levou o arrojo a arrepiar a testa do toiro com a ponta da lança. Precipitou-se então o animal com furia cega e irresistivel. O cavallo baqueou traspassado, e o cavalleiro, ferido na perna, não poudé levantar-se. Voltando sobre elle o boi

enraivecido, arremessou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas armas, e não se arredou senão quando, assentando-lhe as patas sobre o peito, reconheceu que o seu inimigo era um cadaver.

Este doloroso lance ocorreu com a velocidade do raio. Estava já consummada a tragedia, e não havia expirado ainda o eco dos ultimos applausos.

De repente, um silencio em que se conglobavam milhares de agonias, emmudeceu o circo. Rei, vassallos e damas, meio corpo fóra dos camarotes, fitavam a praça sem respirar, e erguiam logo depois a vista ao céu, como para seguir a alma que para lá voava envolta em sangue.

Quando o mancebo, dobado no ar, exhalava a vida antes de tocar no chão, um gemido agudo, composto de soluços e choro, cahiu sobre o cadaver como uma lagrima de fogo.

Uma dama, desmaiada nos braços de outras senhoras, soltava aquelle grito estridente, derradeiro ai do coração ao reventar no peito.

El-rei D. José, com as mãos no rosto, parecia petrificado.

A côrte desta vez acompanhava-o sinceramente na sua dôr.

Mas o drama ainda não tinha concluido. Quem sabe?! O terror e a piedade iam cortar de novas maguas o peito de todos.

O marquez de Marialva assistira a tudo do seu lugar. Revendo-se na gentileza do filho, seus olhos seguiam-lhe os movimentos, brilhando radiosos a cada sorte feliz. Logo que entrou o toiro preto, carregou-se de uma nuvem o semblante do ancião. Quando o conde dos Arcos sahio a farpeal-o, as feições do pae contrahiram-se, e a sua vista não se despregou mais da arriscada luta.

De repente o velho soltou um grito suffocado e cobriu os olhos, apertando depois as mãos na cabeça. Os seus receios haviam-se realizado. Cavallo e cavalleiro rolavam na arena, e a esperança pendia de um fio tenue!

Cortou-lh'o rapidamente a morte, e o marquez, perdido o filho, luz da sua alma e ufania de suas cans, não proferiu uma palavra, não derramou uma lagrima; mas os joelhos fugiram-lhe tremulos, e a elevada estatura inclinou-se, vergando ao peso da magua excruciante.

Volveu, porém, em si decorridos momentos. A livida pallidez do rosto tingiu-se de vermelhidão febril, subitamente. Os cabellos, desgrehados e hirtos, revolveram-se-lhe na fronte inundada de suor frio, como as sedas da juba de um leão irritado. Nos olhos amortecidos faiscou instantaneo, mas terrivel, o sombrio clarão de uma colera em que todas as ancias insoffridas da vingança se accumulavam.

Em um impeto, a presença reassumiu as proporções majestosas e erectas, como se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo que perdera. Levando por acto instinctivo a mão ao lado para arrancar a espada, meneou tristemente a cabeça. A sua boa espada cingira-a elle proprio ao filho neste dia, que se convertera para a sua casa em dia de eterno lucto!

Sem querer ouvir nada, desceu os degraus do amphitheatro, seguro e resolute como se as neves de setenta annos lhe não branqueassem a cabeça.

— Sua Majestade ordena ao marquez de Marialva que aguarde as suas ordens, disse um camarista detendo-o pelo braço.

O velho fidalgo estremeceu como se acordasse sobresaltado, e cravou no interlocutor os olhos desvairados, em que reluzia o fulgor concentrado de um pensamento immutavel. Desviando depois a mão que o suspendia, baixou mais dous degraus.

— Sua Majestade entende que este dia já foi bastante desgraçado, e não quer perder nelle dois vassallos... O marquez desobedece ás ordens de el-rei?!...

— El-rei manda nos vivos e eu vou morrer! atálhou o ancião em voz aspera, mas sumida. Aquelle é o corpo de meu filho! E apontava para o cadaver. Está alli! Sua Ma-

jestade póde tudo, menos desarmar o braço do pae, menos deshonrar os cabellos brancos do criado que o serve ha tantos annos. Deixe-me passar, e diga isto.

D. José vira o marquez levantar-se e percebera a sua resolução. Amava no estribeiro-mór as virtudes e a lealdade nunca desmentidas. Sabia que da sua boca não ouvira senão a verdade, e a idéa de o perder assim era-lhe insupportavel. Apenas lhe constou que elle não accedia á sua vontade, fez-se branco, cerrou os dentes convulsos, e debruçado para fóra da tribuna, aguardou em ancioso silencio o desfecho da catastrophe.

A esse tempo já o marquez pisava a praça, firme e intrepido como os antigos Romanos diante da morte. Dentro do peto o seu coração chorava, mas os olhos aridos queimavam as lagrimas, quando subiam a rebentar por elles. Primeiro do que tudo queria a vingança.

Por impulso instantaneo, todo o ajuntamento se poz de pé. Os semblantes consternados e os olhos arrasados de agua eximiam aquella dolorosa contensão do espirito em que um sentido parece concentrar todos.

Deixai ir, ao velho fidalgo! A magua que o traspassa, não tem igual. O que lhes presta vida e forças, é a desesperação. Dexai-o ir, e de joelhos! saudai a majestade do infortunio!

O pae arustiado ajoelhou junto do corpo do filho e pousou-lhe um osculo na fronte. Desabrochou-lhe depois o talim e cingiu, levantou-lhe do chão a espada, e correu-lhe a vista pel'jo e pela ponta de dois gumes. Passou depois a capa n'braço e cobriu-se. Decorridos instantes, estava no meio da praça e devorava o toiro com a vista chammejante, Pvocando-o para o combate.

Cortado de emoções tão crueis, não lhe tremia o braço, e os pés agigavam-se na arena como se um poder occulto e superior h'os tivesse ligado repentinamente á terra.

Fez-se no circo, silencio gélido, tremendo e tão profundo que poderiam ouvir-se até as pulsações do coração



do marquez, se naquella alma de bronze o coração valesse mais do que a vontade.

O toiro arremette contra elle... Uma e muitas vezes o investe cego e irado, mas a destreza do marquez esquivava sempre a pancada.

Os ilhaes da féra arfam de fadiga, a espuma franja-lhe a boca, as pernas vergam e resvalam, e os olhos amorteceem de cansaço. O ancião zomba da sua furia. Calculando as distancias, frustra-lhe todos os golpes sem recuar um passo.

O combate demora-se.

A vida dos espectadores resume-se nos olhos.

Nenhum ousa desviar a vista de cima da praça.

A immensidade da catraprophe immobiliza todos.

De subito solta el-rei um grito e recolhe-se para dentro da tribuna. O velho aparava a peito descoberto a marrada do toiro, e quasi todos ajoelharam para rezarem por alma do ultimo marquez de Marialva.

A afflictiva pausa apenas durou momentos. Por entre as nevoas de que a pupilla tremula se embaciava, viu-se o homem crescer para a féra, a espada fuzilar nos ares, e logo após sumir-se até ao copo entre a nuca do animal. Um bramido que atroou o circo, e o baque do corpo agigantado na arena encerraram o extremo acto do funesto drama.

Clamores unisonos saudaram a victoria. O marquez, que tinha dobrado o joelho com a força do golpe, levantava-se mais branco do que um cadaver. Sem fazer caso dos que o rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo do filho, banhando-o de lagrimas e cobrindo-o de beijos.

O toiro ergueu-se, e, cambaleando com a sessão da morte, veio apalpar o sitio onde queria expirar. Ajuntou alli os membros e deixou-se cahir sem vida ao lado do cavallo do conde dos Arcos.

Nesse momento os espectadores, olhando para a tribuna real, estremeceeram. El-rei, de pé e muito pallido, tinha

junto de si o marquez de Pombal coberto de pó e com signaes de ter viajado depressa.

Sebastião José de Carvalho voltava de proposito as costas á praça, fallando com o monarcha. Punia assim a barbaridade do circo.

— Temos guerra com a Hespanha, senhor. E' inevitavel. Vossa Magestade não pôde consentir que os toiros lhe matem o tempo e os vassallos! Se continuassemos nesse caminho... cedo iria Portugal á véla.

— Foi a ultima corrida, marquez. A morte do conde dos Arcos acabou os toiros reaes, enquanto eu reinar.

— Assim o espero da sabedoria de Vossa Magestade. Não ha tanta gente nos seus reinos que possa dar-se um homem por um toiro. El-rei consente que vá em seu nome consolar o marquez de Marialva?

— Vá! E' pae. Sabe o que ha de dizer-lhe...

— O mesmo que elle me diria a mim, se Henrique estivesse como está o conde.

El-rei sahiu da tribuna, e o marquez de Pombal, entrando na praça com toda a magestade de sua elevada estatura, levantou nos braços o velho fidalgo, dizendo-lhe com voz meiga e triste:—

— Senhor marquez! Os Portuguezes como Vossa Excellencia são para dar exemplos de grandeza d'alma e não para os receberem. Tinha um filho e Deus levou-lh'o. Altos juizos seus! A Hespanha declara-nos guerra e el-rei, meu amo e senhor, precisa do conselho e da espada de Vossa Excellencia.

E, travando-lhe da mão, levou-o quasi nos braços até o metterem na carruagem.

D. José I cumpriu a palavra dada ao seu ministro.

No seu reinado nunca mais se picaram toiros reaes em Salvaterra.

(*Contos e lendas*, pag. 171.)

José Maria Latino Coelho (Lisboa, 1825-1891), general do exercito portuguez e, com melhor direito, das letras lusitanas, fez severos estudos na Escola Polytechnica de Lisboa e foi membro da Academia das Sciencias dessa capital. Na Escola onde estudou, ganhou por concurso uma cadeira de lente.

Apaixonado cultor de linguas vivas e mortas, possuia o mais copioso cabedal de idéas e, ao mesmo tempo, admiravel faculdade de expressal-as com propriedade. Têm seus escriptes sabor classico, que aliás não pecca por incongruo purismo.

Escreveu, entre outras obras: *Historia politica e militar de Portugal*; *Elogios de Humboldt e José Bonifacio*; *Panegyrico de Luiz de Camões*; *Galeria de Varões Illustres de Portugal*; e uma bella traducção da *Oração da Corôa*, de Demosthenes, precedida de um estudo sobre a civilização da Grecia.

Tendo-se-lhe increpado que era *um estylo á procura de um assumpto*, respondeu Latino Coelho: "Mas um estylo é a cousa mais preciosa e rara nas letras. Um estylo é Cicero e Chateaubriand. E prouvera a Deus que fôra exacta a censura!"

### A palavra.

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil é sem duvida a arte da palavra. De todas as mais se entretete e se compõe. São as outras como ancillas e ministras: ella soberana universal.

Da estatuaría toma as fórmás, da architectura imita a regradá estructura de suas fabricas; da pintura copia a côr e o debuxo de seus quadros; da musica aprende a variada successão de seus compassos e melodias; e sobre todos estes predicaos tem, mais do que as outras artes, a vida, que anima os seus paineis, a paixão, que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram o enthusiasmo e a persuasão.

A estatua falla, mas falla como uma interjeição, que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentaneo. A pintura falla, mas falla como uma phrase breve, em que a ellipse houvera supprimido boa parte dos elementos essenciaes. O edificio falla, mas falla como uma inscripção abreviada, que desperta a memoria do passado sem particularizar os acontecimentos a que allude. A mu-

sica falla, mas falla apenas á sensibilidade, sem que o entendimento a possa claramente discernir.

Só a palavra, nas artes a que é materia prima, falla ao mesmo tempo á phantasia e á razão, ao sentimento e ás paixões; só ella, Pygmalião prodigioso, esculpe estatuas que vão sahindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro, onde a delinea e arredonda o seu buril. Só a palavra, mais inventiva do que Zeuxis, sabe desenhar e colorir figuras e paizes, com que se illude e engana a vista intellectual. Só a palavra, mais audaz do que os Ictinos e os Callicrates, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e ideaes que o Parthenon de Athenas. Só a palavra, mais commovedora e persuasiva do que o plectro dos Orpheus, encadeia á sua lyra magica estas féras humanas ou deshumanas, que se chamam homens, arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas allucinações.

(LATINO COELHO, *Demosthenes, Oração da Corôa*, introd., pag. XVII, da 2.<sup>a</sup> edição.)

### America e Portugal.

Chama-se, com razão, á America o Novo Mundo, porque em si tem quanto póde adivinhar a phantasia, appetecer a ambição. Novo, porque é a esperança e o porvir da humana estirpe, em contraposição á moral decrepidez do Velho Continente. E' nova a terra, nova a natureza, novos os costumes. E porque novas não serão também as leis e instituições? Chamava-lhe a Europa novo, no significado geographico, e queria já que fosse velho nos preconceitos e abusões. Descobri-la? Era sua. Povoara-a? Era um feudo. Arroteara-a? Era a sua granja, o seu trapiche, o seu engenho. Dava-lhe leis, governadores e magistrados, e

tantas vezes, infelizmente, daquelles de quem diz o eloquente e não raro malicioso prégador que, parodiando aos phariseus, desdenhavam como peita um cacho de uvas, e engoliam galhardamente alguns fechos de assucar americano. Dava-lhe a sujeição e o senhorio. Pedia-lhe as copiosas producções do seu torrão. Queria a Europa ter na America o seu immenso latifundio. Não era uma colonia que a si propria se governa, rendendo homenagem voluntaria á sua metropole e conservando com ella o vinculo politico, e uma só Vesta nacional. Déra-lhe por primeiros povoadores colonos na servidão, por humanos instrumentos, escravos africanos.

A funcção social seria para a America trabalhar e obedecer. Para a Europa, fruir e governar. Este era funestamente o systema colonial adoptado pelas nações, que copiavam sem o entender nem fecundar, como os Romanos, o governo discricionario das provincias avassalladas. A Europa gerara do seu seio a America social. Havia de exercer perpetuamente sobre a America, segundo o velho direito quiritario, o patrio poder absoluto.

A America reagiu e combateu. E resistiu em nome do direito, da razão e do futuro. As colonias não são para as nações uma vaidade feminina ou uma fidalga ostentação. Não são apenas uma tradição ou uma memoria, como o escudo que remata o palacio aristocratico ou o velho e descosido reposteiro que deixa ainda perceber na mansão do fidalgo ocioso e empobrecido os heraldicos estemmas das antigas gerações. Não são um ornato para os povos, nem um dixe das soberanias. São o patrimonio commum da civilização, e a esperança da humanidade. Não são apenas o cortejo das metropoles, mas os fecundos seminarios, donde a arvore civilização, para longe transplantada, ha de cobrir com a sua rama frondente e fecundissima a gleba maninha e despovoada. Emquanto a colonia serve melhor ao seu destino, ficando dependente da metropole, a união é providente e natural. Mas quando a terra mãe inhiibe, como a sua legislação estreita e egoista, que o povo

sahido do seu gremio pague inteiro o seu tributo ao progresso commum da humanidade, a colonia é como filha que por uma fatalidade ineluctavel se desprende e emancipa do claustro materno. Na vida social, como na vida do organismo: o embryão, que se faz feto; o feto, que se converte em um ser independente, mas ainda delicado e infantil; o infante, que se faz adolescente; o adolescente agora feito homem, pater-familias, cidadão.

Depois da emancipação das colonias britannicas na America, o centro de gravidade no harmonico systema da civilização christã deslocou-se do Velho Continente ao Novo Mundo. A civilização segue na sua larga trajectoria o caminho do Occidente. Principia na Asia, onde as dominações e os imperios sobrepondo-se e vencendo-se, avançam até chegar ás fronteiras européas. Da Asia vem á Grecia. Da Grecia á Roma. De Roma ás paragens mais occidentaes da Europa, á Iberia, á Gallia e á Britannia. Os Barbaros são apenas um affluente ao rio caudaloso das civilizações antigas. A humanidade estanca quieta e repousada até que principiam as ousadas navegações dos Portuguezes, prefacio glorioso da nova cultura americana. Colombo é o corollario d'esta heroica premissa, que no largo raciocionio do progresso se chamou Henrique, o navegador. A' nação mais occidental cabia logicamente o papel de iniciadora. Proseguindo na derrota do Occidente, a civilização alcançou o continente americano e desentranhou-se alli em mil prodigiosas maravilhas. A America é a civilização capitalizada. E' o peculio intellectual de milhares de gerações, accumulado nas terras onde a natureza, pela sua inexcedivel uberidade e formosura, é o digno, o esplendido theatro do homem emancipado. A America juvenil, herdeira da velha Europa, devia recolher a herança copiosa das idéas, sem acceitar, o encargo das viciosas tradições.

Portugal foi a grande nação, assignalada na historia universal pelo seu incansavel empenho e heroica solicitude em dilatar os breves horizontes do mundo conhecido. Cada

povo tem um *momento*, uma funcção capital na longa evolução da humanidade. Uns são destinados, como a Grécia em seus dias mais florentes, a mostrar a que altura podem erguer-se o genio especulativo e os poderes estheticos do homem. Outros, como a Italia da Renascença, a lançar no crepusculo vespertino da idade média o redivivo clarão da bella antiguidade. Estes, como a França da Revolução, a resuscitar com a belleza e o vigor da juventude o innato sentimento da humana dignidade, perdido e obliterado na diuturna servidão dos povos europeus. Aquelles, como na União Americana, a ensinar como a liberdade, a sciencia e o trabalho, tendo por ancilla a natureza e por officina os seus thesouros, podem operar no Novo Mundo as maravilhas da industria e os milagres do regimen democratico. Portugal não primou nas invenções admiraveis da sciencia: não teve Newtons nem Platões. Não meneou com galhardo luzimento o escopro ou o pincel: não teve Raphaelis nem Buonarottis. Não evangelizou a liberdade, antes largos annos se mostrou rebelde em a aprender; não teve Franklins nem Mirabeaus. Não logrou nunca assombrar com os prodigios do trabalho industrial: não teve Watts, nem Stephenson. A sua missão foi contudo insigne e principal. Fomos os Spartanos da moderna Europa, mais rudes na doutrina, menos fecundos na invenção que as demais gentes latinas ou teutonicas. Mas tivemos, como os Lacedemonios entre os Gregos, o dom das heroicas temeridades, o amor do ferro e da peleja, a constancia tenaz e invencivel, o requestar os perigos como delicias, o affrontar o impossivel como facil; a ferrea disciplina, se nem sempre como os Lacedemonios para a cega obediencia, ao menos como elles para avançar e para morrer. O privilegio que a Providencia nos conferiu, quando a Europa nem sonhava longinquas expedições, foi o de buscar, perseverantes, obstinados, quasi fanaticos da idéa, as novas regiões em que expandir a nossa força, que mal cabia nos angustos ambitos da patria. Quem sabe se o termos por assento *minutissima orla*

de terreno á beira do oceano, nos incitava, como por genial instinto, a alargar além do Atlantico as naturaes fronteiras? Tambem a aguia tem o ninho na estreiteza de um rochedo, e d'elle abrindo a ampla envergadura, voeja, ascende, alteia-se e perde-se entre as nuvens, librando-se, rainha, na immensa vastidão da atmosphera. Assim se passou com este pequeno povo de Portugal: pequeno como Athenas nas lides estreitas da sua terra, porém grande na pujança insaciavel das suas ambições. Nenhum povo antigo nem moderno se abalou jámais a tão longas e temerarias aventuras. Se Colombo representa o acaso coroando a perseverança, os descobrimentos portuguezes são o valor realizando o que a sciencia deduz e prognostica. O erro imaginoso encaminha a derrota do mareante genovez. Mas a verdade cosmographica vai indicando o rumo aos frageis galeões de Portugal.

O que nos sobra em gloria de ousados e venturosos navegantes, mingua-nos em fama de energicos e previdentes colonizadores. Parece que o destino particular dos Portuguezes era descortinar aos outros os terminos do mundo. Eramos os guias e mystagogos da nova civilização. Conquistámos a India para que estranhos a lograssem. Devassámos a China, para que utilizassem depois os seus commercios. Levámos ao Japão o nosso nome, para que outros mais felizes implantassem naquella terra singular os primeiros rudimentos da civilização occidental. Lustrámos a Africa, para que alheios povos, taxando-nos de inertes e remissos, nos disputassem o que não soubemos nunca aproveitar. De infindos territorios, que a nosso poderio avassallámos, resta-nos apenas no Oriente quanto de terra era sobejo para cravar, como heroica tradição, a bandeira nacional. Só na America fizemos excepção á desidia hereditaria com que semeámos sem colher. Só alli colonizámos, na propria accepção desta palavra.

*(Elogio historico de José Bonifacio, pags. 39-43.)*

---



**Camillo Castello Branco**, Visconde de Corrêa Botelho (Lisboa, 1826-1890) estreou-se aos vinte annos na imprensa periodica, escrevendo folhetins para o *Nacional* e o *Echo Popular*, e cruzou armas com os mais pujantes lutadores, entre os quaes Alexandre Herculano, a proposito do *Eu e o clero* deste escriptor.

Compoz alguns dramas e volumes de poesias (*Inspirações, Um livro*); mas foi como romancista que attingiu maxima popularidade, sendo pasmoso o numero das obras do fecundissimo escriptor, pois que passam de cento e vinte, entre originaes e traduzidas.

Na historia portugueza e na biographia e critica litterarias, as descobertas do operoso excavador foram notaveis, e em mais de um ponto corrigiram Theophilo Braga e outros eruditos.

Em seus romances exhibiu-se naturalista fidelissimo, posto que não desaceiado, excepto talvez nas ultimas producções com que imitava por troça os processos do zolisimo (*Volcões de Lama, Eusebio Macario, A. Corja*, etc.). A phrase era castiga de lei, e, na opinião do Sr. Paranapiacaba — "Um periodo de escripto seu semeia finissima cabaia, que mãos de fada houvessem bordado a diamante e matizado de perolas".

### Supplicio da marquezia de Tavora.

A aurora de 13 de Janeiro de 1759 alvorejava uma luz azulada do eclipse daquelle dia, por entre castellos pardacentos de nuvens esfumaradas que, a espaços, sa-raivavam bategas de aguaceiros glaciaes. O cadafalso, construido durante a noite, estava humido. As rodas e as aspas dos tormentos gottejavam sobre o pavimento de pinho. A's vezes rajadas de vento do mar zuniam por entre as cruces das aspas e sacudiam ligeiramente os postes. Uns homens que bebiam aguardente e tiritavam, cobriam com encerado uma falua carregada de lenha e barricas de alcatrão, atracada ao cães defronte do tablado. A's 6 horas e 42 minutos ainda mal se entrevia a facha escura com umas scintillações de espadas núas, que se avizinhava do cadafalso. Era um esquadrão de dragões. O patear cadente dos cavallos fazia um ruido cavo na terra empapada pela chuva. Atrás do esquadrão seguiam os ministros criminaes, a cavallo, uns com as togas, outros de

capa e volta, e o corregedor da cõrte com grande majestade pavorosa. Depois uma caixa negra que se movia vagarosamente entre dous padres. Era a cadeirinha da marquezia de Tavorá, D. Leonor. Alas de tropas ladeavam o prestito. A' volta do tablado postaram-se os juizes do crime, aconchegando as capas das faces varejadas pelas cordas da chuva. Do lado da barra reboava o mugido das vagas que rolavam e vinham chofrar espumas no para-peito do cáes. Havia uma escada que subia para o patibulo. A marquezia apeou-se da cadeirinha, dispensando o amparo dos padres. Ajoelhou no primeiro degrau da escada, e confessou-se por espaço de 50 minutos. Entretanto martellava-se no cadafalso. Aperfeiçoavam-se as aspas, cravavam-se prégos necessarios á segurança dos postes, aparafusavam-se as roscas das rodas. Recebida a absolvição, a padecente subiu, entre os dous padres, a escada, na sua natural attitude altiva, direita, com os olhos fitos no espectáculo dos tormentos. Trajava de setim escuro, fitas nas madeixas grisalhas, diamantes nas orelhas e n'um laço dos cabellos, envolta em uma capa alvadia, roçagante. Assim tinha sido presa um mez antes. Nunca lhe tinham consentido que mudasse camisa nem o lenço do pescoço. Receberam-a tres algozes no topo da escada, e mandaram-a fazer um gyro no cadafalso para ser bem vista e reconhecida. Depois mostraram-lhe um a um os instrumentos das execuções, e explicaram-lhe por miudo como haviam de morrer seu marido, seus filhos e o marido de sua filha. Mostraram-lhe o masso de ferro que devia matar-lhe o marido a pancadas na arca do peito, as tesouras ou aspas em que se lhe haviam de quebrar os ossos das pernas e dos braços ao marido e aos filhos, e explicaram-lhe como era que as rodas operavam no garrote, cuja corda lhe mostravam, e o modo como ella repuxava e estrangulava ao desandar do arrocho. A marquezia então succumbiu, chorou muito anciada, e pediu que a matassem depressa. O algoz tirou-lhe a capa, e mandou-a sentar n'um banco de pinho, no centro do cada-

falso, sobre a capa que dobrou de vagar, horrendamente de vagar. Ella sentou-se. Tinha as mãos amarradas, e não podia compor o vestido que cahira mal. Ergueu-se, e com um movimento do pé concertou a orla da saia. O algoz vendou-a; e ao pôr-lhe a mão no lenço que lhe cobria o pescoço, *não me descomponhas* — disse ella, e inclinou a cabeça, que foi decepada pela nuca, de um só golpe.

(CAMILLO CASTELLO BRANCO, *Perfil do Marquez de Pombal*, pags. 15-16.)

### Noite escura.

Era uma noite de fevereiro, de nevoa cerrada, um céu de carvão pulverizado em brumas molhadas, sem clareira onde lucilasse uma estrella. Não se agitava um galho de arvore nua movida pelo ar, nem ondulava uma herva. Era a serenidade negra e immota das catacumbas. A's vezes rugia nas folhas ensópadas de nebrina no chão esponjoso das carvalheiras a fuga rápida das hardas, dos toirões e das raposas, que se avizinhavam do povoado a fariscarem as capoeiras. O Joaquim Melro estremecia e punha o dedo no gatilho. O restolhar d'um gato bravo, o pio da coruja no campanario distante punham arrepios de medo na espinha d'aquelle homem que ia matar outro: chamal-o á janella, e varal-o á traição com uma bala — era o traçado.

— Que raio de escuro! — dizia, esbarrando nos espinheiros perfurantes.

Em noites assim, o universo seria o immenso vácuo precedente ao *Fiat* genesiaco, se os viandantes não esbarrassem com as arvores e não escorregassem nos silvedos das ribanceiras. O noctivago sente na sua individualidade, nos seus callos e no seu nariz, a doce impressão pantheista das arvores e dos calhaus. Que este globo está muito bem

feito. Os transgressores do descanso que Deus estatuiu nas horas tenebrosas, os scelerados das aldeias que lara-peiam o presunto do vizinho, ou empunham o trabuco homicida, se não temem encontrar as patrulhas civicas das grandes municipalidades, encontram os troncos hostilmente nodosos das arvores, que são as patrulhas de Deus. Alguns porém, protegidos pelo Mephisto a quem venderam a alma pelo preço da consciencia eleitoral, ou mais barata, chegam incolumes ao delicto, passando illesos como o lobo e o javali por entre os troncos das carvalheiras esmoitadas, hirtas, com os galhos a esbracejarem retorcidos n'uma agonia patibular.

(C. CASTELLO BRANCO. — *A Brasileira de Prazins*; edição do Porto, 1882, paginas 313-314.)

### Casamento de Sá de Miranda.

Não é facil rastejar a causa do seu desaffecto á vida da rôte, a refugar-se a tristeza com que viu seus primos esbulhados da herança do pae; mas este desgosto póde ser que não explique o afastamento, que mais depressa se deduz do temperamento melancolico e agreste que reçuma das suas elegias á morte da sua amada em Coimbra, a Delia, que tão chorada ficou nos seus poemas e nos dos poetas, seus amigos — saudades que frequentemente o salteavam a termos de que *se suspendia algumas vezes, e mui de ordinario derramava lagrimas sem o sentir*.

Antes de retirar-se á Tapada — quinta da sua comenda, e não da casa de Castro, como assevera o Sr. Theophilo Braga — pediu Sá de Miranda a Dom João, que fosse o medianeiro no seu casamento com a irmã de Manoel Machado, opulentissimo senhor de Entre Homem e Cavado no Alto Minho. O rei interveiu, e de prompto foi

cedida ao poeta D. Briolanja d'Azevedo, senhora que elle nunca vira. O irmão observou-lhe que ella tinha pouca formosura e menor dote, e já bastantes annos. Não se demoveu Francisco de Sá. Viu-a quando já estava residindo na Tapada, e, um anno depois, casou. Diz-se que ella era tão velha que já se abordoava a um pau. Creio que lhe attribuem a velhice á conta do cajado, e não repararam que ella teve dois filhos, e foi dezoito annos casada.

Esta lenda do pau formou-se de um erro de imprensa na *Vida de Sá de Miranda*, contada por Gonçalo Coutinho. Ahi se lê que Francisco de Sá dissera á noiva: "*Castigai-me, senhora, com esse bordão, porque vim tão tarde.*" Seria exquísito, porém, e improprio da irmã de tão graduado fidalgo, receber de pau nas unhas o noivo em sua casa. Quem levava o bordão era o poeta. Aquelle adjectivo articular *esse* é um erro typographico. Francisco de Sá dizia: "*Castigai-me, senhora, com este bordão, porque vim tão tarde.*" Significava assim que já ia no declinar dos annos, pois excedia os quarenta.

Sá de Miranda foi marido exemplar.

(C. CASTELLO BRANCO. — *Historia e sentimentalismo: Poetas e raças finas*; ed. Chardon, 1878, pags. 38-39.)

---

Joaquim Guilherme Gomes Coelho, que tomou o nome litterario de *Julio Diniz* (Porto, 1839-1871), graduou-se em medicina e chegou a ser lente da Escola do Porto onde estudara.

Escreveu romances popularissimos: *A Morgadinha dos Canaviaes*, *Uma familia ingleza*, *As pupillas do Sr. Reitor*, *Os fidalgos da Casa Mourisca* e a série de contos publicados com o titulo *Serões de Provincia*. Além disso diversas poesias.

Poetando, filiou-se á escola melancolica de Soares de Passos. Romancista, foi, no dizer do Sr. A. X. Rodrigues Cordeiro, um verdadeiro realista — "mas do realismo que se radica na honra e na moralidade, e que não apresenta senão o que é digno de ser imitado".

### O solar e o casal.

Na raiz da collina fronteira áquella onde o solar dos fidalgos erguia as suas torres ameiadas, assentava o mais risonho e prospero casal dos arredores. Era uma completa casa rustica, conhecida por aquelles sitios pelo nome, que por excellencia se lhe dera, de Herdade.

O contraste entre a Herdade e o velho solar era perfeito.

Ella graciosa e alvejante, elle severo e sombrio; de um lado todos os signaes de actualidade, de vida, de trabalho, da industria que tudo aproveita, que não dorme, que não descança, a economia, a previdencia, o futuro: do outro, o passado, a tradição esteril, o silencio, a incuria, o desperdicio, a ruina. A cada pedra que o tempo derrubava do palacio, correspondia uma que se assentava na Herdade para alicerce de novas construcções; aqui desmoronava-se um pavilhão, alli levantava-se um celeiro, uma azenha, um lagar; aos velhos carvalhos, ás heras vigorosas, aos aveludados musgos, aos lichens multicores, severas galas com que se adornava a casa nobre, oppunha a Herdade os pomares productivos, as ondulantes searas; os prados verdes, as vinhas ferteis, e, proximo de casa, os canteiros de rosas e balsaminas, onde volteavãr incessantes as abelhas das colmeias vizinhas. Nas amplas cavallariças do palacio, onde outr'ora relinchavam duzias de cavallos das mais apuradas raças, ainda batiam com impaciencia no lagêdo dous velhos exemplares de bom sangue, cujo sacrificio a economia não exigira ainda; nas mais modestas cavallariças do casal, duas eguas robustas, promptas para o serviço e domaveis por uma criança, preparavam-se em fartas manjadouras para frequentes e longas excursões; e ao entardecer abriam-se os curraes a numerosas cabeças de gado, cujos mugidos chegavam até o alto da Casa Mou-

risca, onde o velho fidalgo muitas vezes os escutava, pensativo e melancólico.

(JULIO DINIZ. — *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, tomo I, pags. 14-15, da ed. do Porto, 1878.)

Manoel Pinheiro Chagas (Lisboa, 1842-1895) distinguuiu-se como romancista, dramaturgo, historiador, orador parlamentar, administrador e homem político. Trabalhou extraordinariamente, usando e abusando da sua facilidade de expressão, em parte por gosto, em parte pela necessidade, que, como elle dizia, o obrigava a *frigir os miolos para a familia*.

E' immensa a sua producção litteraria e della citaremos: *A corte de D. João V*, a *Mascara Vermelha*, o *Juramento da Duqueza*, os *Guerrilheiros da morte*, *A flor secca*, *As duas flores de sangue*, *A mantilha de Beatriz*, *Tristeza á beira-mar*, romances, dos quaes alguns historicos; varias peças theatraes, das quaes são mais conhecidas a *Judia*, *Magdalena*, o *Drama do povo*, a *Roca de Hercules* e aquella *Morgadinha de Val-flôr* que, após milhares de representações em Portugal e no Brasil, ainda não desapareceu do palco, antes sempre attrahindo concurrencia e applausos; uma *Historia de Portugal*, obra de folego em dezeseis volumes, outra popularissima *Historia alegre de Portugal* e os *Portuguezes illustres*; e innumeros folhetins e chronicas, dispersos nos jornaes que lhe disputavam a collaboração.

Na tribuna parlamentar revelou dotes de erudito improvisador, e, ministro da marinha, excedeu a geral expectativa, demonstrando optimo tino administrativo.

De pouco foi a sua morte precedida por uma odiosa aggressão, cujas causas nunca ficaram bem tiradas a limpo.

### Origens de Portugal.

— Meus amigos, começou o João da Aqualva, é de saber que esta terra em que vivemos, nem sempre foi Portugal, e se alguem se lembrasse de fallar, aqui ha cousa de uns tres ou quatro mil annos, ou mesmo só de mil annos, em Portugal e em Portuguezes, havia de vêr como

todos ficavam embasbacados sem perceber patavina. Isto lá para os antigos era tudo Hespanha, desde os cocurutos dos Pyreneis, que são uns montes que separam a Hespanha da França, até essas aguas do mar que cercam por todos os lados a nossa terra, mais a dos Hespanhões, e até por estar este pedaço de terra cercado de agua por toda a parte, menos pela banda dos Pyreneis; é que se chama a isto *peninsula*, que quer dizer uma cousa que é *quasi uma ilha*, mas que o não vem a ser de todo.

— Bem sei, bem sei! *peninsula* é onde houve uma guerra em que entrou meu avô! exclamou o fallador do Manoel da Idanha.

— Mette a viola no sacco, Manoel; quem muito falla pouco acerta. Lá chegaremos á guerra da *peninsula*. Roma e Pavia não se fez num dia.

— Pois então, vá lá vocemecê contando a sua historia.

— Como eu ia dizendo, esta *peninsula*, a que se chama Hespanha e Portugal, era então só Hespanha. Hespanhões eramos nós todos...

— Menos eu! acudiu o Bartholomeu, levantando-se todo furioso, hespanhol é que nunca fui, nem sou, nem serei. Vae aqui tudo razo se...

— Espera, homem de Deus! Que tem que tudo isso fosse hespanhol, se nunca mais o ha de ser? Tambem a Hespanha, e a França, e a Inglaterra, e a Italia, e a Grecia, e o Egypto tudo foi Imperio Romano, e vae lá dizer a essas nações todas que se sujeitem ao mesmo governo! Tambem a França d'antes se chamava Gallia e estendia-se pela Belgica fóra, e mais pela Suissa, e, se o Gambetta, ou quem é que governa lá na França, quizesse por isso empolgar a Suissa e a Belgica, ia ahi em toda a Europa uma berraria de seiscentos demonios.

— Pois sim, resmungou o Bartholomeu sentando-se de mau humor, mas não me digam a mim que eu fui hespanhol.

— Ora, meus amigos, quem foram os primeiros que moraram neste canto de terra, é que ninguem sabe. Seriam



uns *Iberos*, que fallavam uma lingua arrevezada, assim a modo semelhante á que fallam hoje os Hespanhóes das Vascongadas, que nem o demonio entende? Isso é que lhes não posso dizer. O que sei é que, quando a Hespanha começou a ser conhecida, havia aqui uma sucia de povos que era uma cousa por demais, *Turdetanos* para um lado, *Celtiberos* para outro, *Ilergetas* para aqui, *Bastetanos* para acolá. Estava até amanhã a dizer-lhes nomes estrambóticos, se não preferisse fallar-lhes só nos nossos avós, cá nos que moravam na nossa terra...

— Isso é que é! bradaram todos em côro.

— Pois muito bem! Saibam vocês que não era um povo só. No Algarve e num pedaço do Alentejo havia os *Cunvenses*; no resto do Alentejo, na Extremadura e na Beira moravam os *Lusitanos*, e lá para o Douro, para o Minho e mais para Tras-os-Montes moravam os *Gallegos*.

— Os Gallegos! exclamou o irritavel Bartholomeu, veja lá como falla, sr. João da Agualva, olhe que o pae de minha mulher veio de Tras-os-Montes, meu sogro não era nenhum gallego, ouviu?

— Valha-te Deus, Bartholomeu, então tu cuidas que os Gallegos andam todos com o barril ás costas, e são todos uns grosseirões como os aguadeiros dos chafarizes de Lisboa? Pois digo-te, e depois t'ó mostrarei, que de todos os povos lá das Hespanhas foram os Gallegos os que primeiro se poliram. Mas, cala-te bocca, não vá o carro adiante dos bois, e, como tu não queres ser genro de um Gallego, sempre te direi que os que moravam para cá do Minho não eram da mesma casta que os de lá. Os nossos chamavam-se *Brácharos*, e os Gallegos da Galliza chamavam-se *Lucenses*.

— Ainda bem! murmurou o Bartholomeu, isso de *Brácharos* até parece que dá idéa de Braga.

— E é verdade que dá, sr. Bartholomeu, lavre lá dois tentos.

Todos se riram, e o João da Agualva continuou.

— Mas não imaginem que os nossos antepassados eram assim como nós, que viviam em cidades, villas e aldeias, que andavam vestidos dos pés até á cabeça, que tinham espingardas para a caça e para a guerra. As mulheres é que tinham os seus enfeites e os seus bordados, os seus vestidos compridos, etc.

— Pois já se vê que lá as meninas nunca podem passar sem arrebigues! disse o Zé Caneira, relanceando um olhar malicioso para a boa tia Margarida, que fiava na sua roca ao pé da lareira.

— Melhor para ellas, ouviu! redarguiu a velha. Que pena que não vivesses nesse tempo para atares os cabellos com uma fita, quando fosses para a guerra!

Como o Zé Caneira era calvo, uma gargalhada geral acolheu a observação da tia Margarida.

— Em comidas não eram muito requintados, de carne de cabra é que elles principalmente se alimentavam, e o seu pão era cousa de pouca substancia. Bebião agua, dormiam no chão, tinham barcos de couro, matavam gente em sacrificio aos seus deuses, quando tinham algum doente punham-no á beira da estrada, quem fazia algum roubo ou outro crime grave era apedrejado. Não passavam de ser uns selvagens. Então que querem? nem os homens nem os povos nascem ensinados. Todos começam assim. Valentes eram elles, sim, valentes como touros. Tiveram occasião de o mostrar, porque esta nossa terra foi na antiguidade uma especie de California.

Por muito tempo ninguém soube della, e os navios de gente civilizada que lá para o Oriente havia, nunca passavam para cá do estreito de Gibraltar; até que um dia passaram os Phenicios, gente atrevida, que queria metter o nariz em toda a parte, e que sobretudo procurava terras novas para commerciar. Acharam que lhes convinha a Andalusia e o Algarve, e aqui fundaram algumas colonias, sendo Cadiz a principal. Como tínhamos por cá muitas minas de ouro, e os homens deram sempre o cavaquinho por este metal, estavam os Phenicios nas suas sete quintas.

Ao mesmo tempo, outro povo civilizado do Oriente, os Gregos, vieram na piugada dos Phenícios, mas esses estabeleceram-se principalmente na Hespanha, do lado de lá, onde hoje é a Catalunha, e o Aragão e Valencia, etc.

Os indigenas de cá não se deram mal com os Phenícios, enquanto elles se limitaram a trocar as suas fazendas pelo nosso ouro e outras producções, mas, quando viram que os taes estrangeiros começavam a fazer casa, acabaram com o negocio, foram aos Gaditanos e deram-lhe uma tarefa real.

— Foi bem feito! observou Bartholomeu.

— Mas os Phenícios, que estavam muito longe da sua terra, chamaram em seu soccorro os Carthaginezes, que eram também uns Phenícios, quer dizer, tinham assim com os Carthaginezes o mesmo parentesco que os Brasileiros têm connosco. Ora os Carthaginezes viviam aqui mais proximo, alli na Africa, ao pé de Tunis, não muito longe de Argel.

— Argel! exclamou o Francisco Artilheiro, já lá estive.

— Já lá estiveste?

— Já, sim, senhor. Quando eu andava ao serviço, e que fui para a India, o vapor que me levou a Argel. E' uma bonita terra.

— Já vês que não fica muito longe. Carthago era mais para o lado de lá. Vieram, pois, os Carthaginezes em soccorro dos Phenícios, mas gostaram da terra, poseram fóra os que vinham soccorrer, e á força de bordoada, porque bons guerreiros eram elles, sujeitaram ao seu poder tudo.

— Mas então, tornou o Francisco Artilheiro, voçemecê diz que os nossos eram tão valentes?

— Ora, que outro me fizesse essa pergunta, vá, mas tu que foste militar! Quem vence é quem tem disciplina. Por mais valentes que os homens sejam, em combatendo sem ordem, um por aqui, outro por alli, um regimento bem informado dá logo cabo delles.

— Isso é verdade.

— Estavam os Carthaginezes senhores da Hespanha, e, como tinham posto fóra os Phenícios, queriam também pôr fóra os Gregos, quando estes se lembraram de pedir o socorro dos Romanos, que andavam ha muito tempo de rixa velha com os Carthaginezes, e que eram dos povos mais pimpões d'aquelle tempo.

— Vieram então os Romanos? perguntou o Francisco Artilheiro, que estava seguindo com interesse a narrativa.

— Não tiveram tempo de vir, porque um tal Annibal, rapazote dos seus vinte e cinco annos, e que dizem até que era filho de uma lusitana, succedendo no commando dos Carthaginezes a seu pae Amilcar, não esperou que elles viessem, correu a Sagunto, uma das tres colonias gregas, tomou-a e queimou-a, depois sáe da Hespanha, atravessa os montes Pyreneus e mais os montes Alpes, que parecia que tinha mesmo o diabo no corpo, bate os Romanos aqui, derrota-os acolá, escangalha-os mais além, e ás duas portres, se continúa assim de vento em pôpa, era uma vez Roma. Porém os Romanos, que eram também levadinhos da breca, nunca desanimaram e, apesar de estarem de corda na garganta, tiveram artes de mandar para cá um exercito, de fóra que, enquanto Annibal sahia por uma porta, entravam os Romanos por outra. O atrevimento ia-lhes sahindo caro, isso é verdade, mas a fortuna virou, e o certo é que d'aqui a pouco tempo não havia nem um carthaginez na península, e estavam os Romanos senhores de tudo isto.

— Então os povos de cá estavam a olhar ao signal? perguntou Bartholomeu.

— Ora ahi é que bate o ponto. Effectivamente os povos cá das Hespanhas acharam assim exquisito que os Carthaginezes e os Romanos andassem a dispor delles, sem ao menos lhes perguntarem a sua opinião, de fóra que, quando os Romanos, julgando-se senhores da Hespanha, começaram a espreguiçar-se os differentes povos da península disseram-lhes desta maneira: "Ora esperem lá, senhores Romanos, que nós somos duros para colchões!"

— Ah! boa rapaziada, disse o Francisco Artilheiro.

— Começou a pancadaria, e o povo que andou sempre na frente foram cá os nossos Lusitanos, principalmente os serranos do Herminio, que era assim que se chamava d'antes a serra da Estrella. Não eram os Romanos capazes de metter dente cá para este lado, até que uma vez um dos seus generaes, chamado Sergio Galba, apanhou os Lusitanos á traição, e fez nelles uma mortandade de que poucos escaparam.

— Ah! grande patife! exclamou o Manoel da Idanha.

— Isso era, mas além de patife era tolo, porque isto de excitar muito, dá maus resultados. Os Lusitanos que escaparam, ficaram como uma bicha. Ora um delles era um pastor chamado Viriato, homem decidido e experto, que disse para os seus patricios: "Façam vocês o que eu mandar, e deixem os Romanos commigo." Assim foi, juntaram-se á roda de Viriato e, quando appareceu um exercito romano commandado pelo consul Vetilio, o nosso homem, que era das bandas de Vizeu, esconde n'uma emboscada uma parte da sua gente, e com o resto põe-se a fazer fosquinhas aos Romanos, parecendo, a modo medroso. O consul percebe que elle está com seu susto, e diz lá de si para si: "Vae apanhar uma surra mestra." Corre sobre elle, Viriato faz tres meias voltas, e, pernas para que te quero, elle ali vae. O consul Vetilio desata a correr atrás de Viriato e, vae-se mesmo metter na bôca do lobo. Era uma vez exercito romano! Depois de Vetilio vem outro e outro, e elle sempre zás! pázada de crear bicho. Em Roma havia terror, diziam que o lusitano lhes dava mais que fazer que o proprio Annibal. Em Hespanha era um entusiasmo por ahi além. Se Viriato já nem se contentava em estar nas montanhas! Entrava pelos povoados romanos, levantava contribuições, revolucionava os povos, era um vivo demonio, e cada novo exercito que por cá apparecia, não lhes digo nada, sumia-se num abrir e fe-

char d'olhos; até que enfim o consul Scipião apanha lá dois patifes que Viriato mandara para tratar de um negocio, e tantas endrôminas lhes metteu na cabeça, e tantas promessas lhes fez, que elles, quando voltavam para onde estava o seu chefe, apanharam-n'o a dormir e mataram-n'o.

— Oh! que grandes malvados! exclamou Bartholomeu.

— E assim acabou esse homem que foi o que se pôde chamar um homemzarrão... O' senhores, eu sou um pateta, que não percebo nada destas cousas, mas, quando me ponho a pensar n'este Viriato, quando me lembro que era apenas um pobre pastor de cabras, um selvagem que não entendia nada de guerras, nem de manobras, nem de legiões para aqui, nem de centuriões para ahi, e que, apesar d'isso, em defesa da sua terra, fez andar os Romanos em papos de aranha, e atarantou aquella poderosa Roma que mettia medo a todos, quando me lembro que elle era filho desta boa terra, que hoje se chama Portugal — ah! cola breca, sinto assim uns arripios pela espinha, e parece que é até uma vergonha para o paiz, não se lhe ter levantado uma estatua de um tamanho por ahi além no alto da serra da Estrella, que aquillo é que se podia chamar a sentinella da nossa independencia!

E o bom do João da Agualva, no impeto do seu enthusiasmo, cerrava os punhos; faiscavam-lhe os olhos, e dava mostras de querer elle mesmo ir pôr nos fraguedos da serra da Estrella a estatua do seu heróe.

— Tem razão, tem, observou o Bartholomeu, lá que o tal Viriato foi um homem de truz, isso foi...

(*Historia Alegre de Portugal*, ed. de 1885, pags. 1 e seguintes.)

Joaquim Pedro de Oliveira Martins (Lisboa, 1845-1894) não pôde seguir a carreira de engenharia, a que o destinava a família, por lhe ter morrido o pai, deixando viuva e filhos em pobreza. Dedicando-se á carreira commercial, nella se avançou e serviu em altos empregos no commercio e na industria. Foi eleito deputado pelo Porto e por outros circulos, e mais tarde ministro da Corôa.

Obras capitaes: *Historia da civilização iberica; Historia de Portugal; O Brasil e as colonias portuguezas; Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal; Elementos de anthropologia; o Hellenismo e a civilização christã; Política e economia nacional*, etc. Já se vê que pelo campo da historia e sciencias correlativas, bem como pelo da critica litteraria e economia politica, longamente viajou esse engenho tão operoso quão brilhante.

—Era o espirito de um Laveleye, temperado pela vivacidade de genio peninsular — escreveu, e bem, no *Economista*, um jornalista de Lisboa; e tambem da verdade estaria proximo quem a Michelet equiparara o historiador.

### Portugal em 1580.

A fatalidade da guerra santa desvaira tambem a alma de Camões, destinada a vibrar sempre accôrde com a nação. Quer partir. Recorda os tempos da sua mocidade em Ceuta. Mas vê-se quebrado, coxo, encostado a moletas. O "Braço ás armas feito" partiu-se: ficou "a penna ás musas dada" para cantar a façanha. No proprio dia em que D. Sebastião largou do Tejo para a sua funesta empresa, Camões aparou a penna e começou a sua epopéa...

Alongando os olhos á barra, via o mar coalhado de navios que, de velas soltas, pareciam um bando de gaivotas colossaes, annunciando um temporal tambem medonho... Eram oitocentos e cincoenta navios, e levavam vinte e quatro mil homens de peleja, tres mil cavallos, e "o mais de infantaria san e podre que se não cirandou". Nos caes, nas praias, Lisboa inteira apinhava-se, e circulavam

accesas as conversas contando os casos dos ultimos tempos, o açodamento do rei correndo ás naus (de uma vez até esquecendo o chapéo), voltando á terra, inquieto e febril no preparar da expedição: o luzimento dos terços do duque de Bragança; os tres mil tudescos aquartelados em Cascaes; os seiscentos soldados romanos que o Papa mandara sob as ordens do marquez de Lenster... cousas nunca vistas, brigas, rixas e um delirio de luxo, um phrenesi de jogo, com taes requebros de amor, santo Deus! que mais parecia irem a um torneio do que a combater o mouro perfido nos areaes da Africa.

25 de Junho de 1578, foi o dia da esperança derradeira, que para além voava nas azas brancas das velas, sumindo-se na vastidão confusa dos mares. A noute cahiu sobre Lisboa opprimida. Camões voltou a casa, coxeando, e encerrou-se com o seu trabalho: a epopéa d'Africa, a Sebastianeida; Portugal resuscitado pelo heroismo de um rei; a patria, cabeça do mundo reconquistado para a fé; uma gloria immensa, uma felicidade incomparavel; outra vinda do Christo á terra, encarnado na figura deste rapaz coroado que, para muitos, passava por doudo... O messianismo nacional nascia tambem neste momento, e mais uma vez a alma de Camões era o calix mystico onde se dava o mysterio sagrado da transubstanciação dos instinctos, fluctuando vagos na imaginação collectiva, em pensamentos nitidos claramente expressos na consciencia de um homem.

Foram seis ou sete semanas de palpitação febril: de 25 de Junho, quando a armada sahiu, a 4 de agosto, dia em que a catastrophe se deu. Uma manhã entrou desvaiado no Tejo Diogo Lopes de Sequeira a contar o immenso desastre de Alcacer. O cardeal D. Henrique acudiu cache-tico a Lisboa, "e achou Troia ardendo em um grito geral e cheia de lagrimas, ais e suspiros d'alma, e a chusma com a perda e dor toda desatinada".



O desvairamento invadiu toda a gente. Lisboa parecia uma mansão de doudos.

.....

Camões gemia a sua miseria, por ventura a perda do seu escravo, que lhe esmolava o pão. Acabrunhado em uma pocilga, velho, pobre, só, irremediavelmente perdido, era a propria imagem da patria, a quem tambem uma a uma se tinha murchado successivamente as flores candidas da esperanza. Natercia, essa visão de ideal pureza, de um carinho ethereo, fugira da terra batendo as azas; morrera, deixando-lhe a vida embalada como um sonho, em recordações de uma doçura ineffavel. A India, essa outra amante que viera depois, da côr fulva do ouro, com um brilho secco de metaes, e os braços duros, os seios fartos, o peito forte da acção e do combate, a India da sua ambição partira-se em hastilhas rijas, como os metaes só partem, despedaçando-se numa ruina fria de chatinagem de cobardia, de cobiça, "d'uma austera, apagada e vil tristeza!" Sião, a patria que sonhara, enquanto andava pelas ruas da Babylonia, essa imagem carinhosamente bella, outra amante que nascia dos beijos de Natercia sobre a refulgente ruina de seu heroismo, vira-a tambem, ao pôr pé no cães da Ribeira, feita uma necropole varrida pela peste, com os maraus jogando a bola na rua Nova, verde de herva. Morrera tambem essa terceira amante!

E agora o seu derradeiro amor partia-se despedaçado num fuzilar de relampago, entre os nevoeiros densos da areia ardente de Alcacerquivir. Rasgava desesperadamente as folhas soltas do seu poema, e, abraçado á ultima chimera, o céu, entoava o seu canto de cysne, invocando a unica verdade, a morte:

Oh! quanto melhor é o supremo dia  
Da mansa morte, que o do nascimento!  
Oh! quanto melhor é um só momento  
Que livra de annos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia,  
 Cesse todo applicado pensamento  
 De tudo quanto dá contentamento,  
 Pois só contenta ao corpo a terra fria...

Dous annos de agonia, dous annos de silencio e dôr,  
 dous annos como os passou Portugal, debatendo-se miseravelmente nas vascas do fallecimento, dous annos mais — e ao mesmo tempo, em 1580, Portugal e Camões cahiram na terra fria de uma sepultura. Expirando, tinha o poeta, sequer, a amarga consolação de acabar com a patria. "Morro com ella", disse, e finou-se.

(OLIVEIRA MARTINS, *Camões, os Lusíadas e a Renascença em Portugal*, pags. 110-115.)

**José Maria Eça de Queiroz** (Povoa de Varzim, 1846-1900) é um dos altos representantes da moderna prosa portugueza.

Collaborou com Ramalho Ortigão nos primeiros numeros das *Farpas*; e com o mesmo seu amigo escreveu de parceria um desses romances chamados *sensacionaes*, isto é, destinados a explorar a doentia propensão do povo para aventuras extraordinarias e inverosímeis: o *Mysterio da estrada de Cintra*. Voltando-se depois ao realismo e tomando por modelo Gustavo Flaubert, Eça de Queiroz produziu: — *O crime do padre Amaro* (que falsamente foi malsinado como plagio de *La faute de l'abbé Mouret*, de Zola); o *Primo Basilio*, onde o naturalismo não recuou deante da torpeza; *O Mandarim*; *A reliquia*; *Os Maias*; *A illustre casa de Ramires*; *A correspondencia de Fradique Mendes*; e *A Cidade e as serras*, obra esta que se publicou póstuma. E ainda: — *Contos*; *Prosas barbaras*; *Cartas de Inglaterra e Echos de Paris*.

Eça de Queiroz foi consul de Portugal em Cuba, em Bristol e em Paris, onde falleceu. Com o nosso compatriota Eduardo Prado elle manteve relações da mais cordial e fraterna amizade.

Sobre o merito deste operoso talento, parece-nos bem formulado o juizo do Sr. Jayme de Séguier, quando assim resume as notas caracteristicas de tão brilhante obra litteraria: — "um estylo original e colorido, embora por vezes incorrecto e maculado de estrangeirismos inuteis; uma visão singularmente pessimista dos homens e das cousas; e os mais raros dotes de observação, de humorismo e de ironia, que bastam só por si para assegurar a Eça de Queiroz um logar inteiramente á parte na galeria dos grandes escriptores do seu paiz".

**Tormes.**

O rio defronte descia, preguiçoso e como adormentado sob a calma já pesada de maio, abraçando, sem um susurro, uma larga ilhota de pedra que rebrilhava. Para além a serra crescia em corcovas doces, com uma funda préga onde se aninhava, bem junta e esquecida do mundo, uma villazinha clara. O espaço immenso repousava n'um immenso silencio. N'aquellas solidões de monte e penedia, os pardaes, revoando no telhado, pareciam aves consideráveis. E a massa rotunda e rubicunda do Pimentinha dominava, atulhava a região.

— Está tudo arranjado, meu senhor! Vêm ahi os bichos!... Só o que não calhou foi um selimzinho para o jumento!

Era o carregador, digno homem, que voltava da Giesta, sacudindo na mão duas esporas desirmanadas e ferrugentas. E não tardaram a apparecer no corrego, para nos levarem a Tormes, uma egua ruça, um jumento com albarda, um rapaz e um podengo. Apertámos a mão suada e amiga do Pimentinha. Eu cedi a egua ao senhor de Tormes. E começamos a trepar o caminho, que não se alisara nem se desbravara desde os tempos em que o trilhavam, com rudes sapatões ferrados, cortando de rio a monte, os Jacinthos do seculo XIV! Logo depois de atravessarmos uma tremula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... E em breve os nossos males esqueceram ante a incomparavel belleza daquella serra bemdita!

Com que brilho e inspiração copiosa a compuzêra o divino Artista que fez as serras, e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem amado! A grandeza equalava a graça. Para os valles, poderosamente cavados, desciam bandos de arvoredos, tão copados

e redondos, d'um verde tão moço, que eram como um musgo macio, onde appetecia cahir e rolar. Dos pendores, sobranceiros ao carreiro fragoso, largas ramarias estendiam o seu tódo amavel, a que o esvoaçar leve dos passaros sacudia a fragancia. Através dos muros seculares, que sustêm as terras, liados pelas heras, rompiam grossas raizes colleantes, a que mais hera se enroscava. Em todo o torrão, de cada fenda, brotavam flores silvestres. Brancas rochas, pelas encostas, alastravam a solida nudez do seu ventre polido pelo vento e pelo sol; outras vestidas de lichen e de silvados floridos, avançavam como prôas de galeras enfeitadas; e, d'entre as que se apinhavam nos cimos, algum casebre que para lá galgára, todo amachucado e torto, espreitava pelos postigos negros, sob as desgrenhadas farripas de verdura, que o vento lhe semeára nas telhas. Por toda a parte a agua sussurrante, agua fecundante. Espertos regatinhos fugiam, rindo com os seixos, d'entre as patas da egua e do burro; grossos ribeiros açodados saltavam com fragor de pedra em pedra; fios direitos e lusidios como cordas de prata vibravam e faiscavam das alturas aos barrancos; e muita fonte, posta á beira de veredas, jorrava por uma bica, beneficemente, á espera dos homens e dos gados. Todo um cabeço, por vezes, era uma seára, onde um vasto carvalho ancestral, solitario, dominava como seu senhor e seu guarda. Em socalcos verdejavam laranjas rescendentes. Caminhos de lages soltas circumdavam fartos prados com carneiros e vaccas retouçando: ou, mais estreitos, entalados em muros, penetravam sob ramadas de parra espessa, n'uma penumbra de repouso e frescura. Trepavamos então alguma rua-zinha de aldeia, dez ou doze casebres, sumidos entre figueiras, onde se esgaçava, fugindo do lar pela telha van, o fumo branco e cheiroso das pinhas. Nos cerros remotos, por cima da negrura pensativa dos pinheiraes, branquejavam ermidas. O ar fino e puro entrava na alma, e na alma espalhava alegria e força. Um esparso tilintar de chocalhos, de guizos, morria pelas quebradas...

Jacinto adiante, na sua égua ruça, murmurava: — Que belleza!

E eu atrás, no burro de Sancho, murmurava: — Que belleza!

Frescos ramos roçavam os nossos hombros com familiaridade e carinho. Por trás das sébes, carregadas de amoras, as macieiras estendidas offereciam as suas maçãs verdes, porque as não tinham maduras. Todos os vidros de uma casa velha, com a sua cruz no topo, refulgiram hospitaleiramente quando nós passámos. Muito tempo um melro nos seguiu, de azinheiro a olmo, assobiando os nossos louvores. Obrigado, irmão melro! Ramos de macieira, obrigado! Aqui vimos, aqui vimos! E sempre contigo fiquemos, serra tão acolhedora, serra de fartura e de paz, serra bem dita entre as serras!

Assim, vagarosamente e maravilhados, chegámos áquella avenida de faias, que sempre me encantara pela sua fidalga gravidade. Atirando uma vergastada ao burro e á égua, o nosso rapaz, com o seu podengo sobre os calcanhares, gritou: — Aqui é que *estêmos*, meus amos!

E ao fundo das faias, com effeito, apparecia o portão da quinta de Tormes, com o seu brasão de armas, de secular granito, que o musgo retocava e mais envelhecia. Dentro já os cães ladravam com furor...

(*A Cidade e as Serras*, pags. 198 e segs.)

---

**Gervasio Lobato** (Lisboa, 1850-1895) escreveu muito para os jornaes e compoz comedias e romances. Entre estes cumpre lembrar: *A comedia de Lisboa*, *A primeira confessada*, *Lisboa em camisa*, *Os invisiveis de Lisboa* e os *Dramas de Africa*. Sua primeira peça theatral foi *Debaixo da máscara*, representada em 1873. Outras comedias: os *Grotescos*, *Medicina de Balzac*, *Sua Excellencia*, *O commissario de policia*, *As noivas do Eneas*, a *Condessa Heloisa*, *Diz-se*, etc.; e de collaboração com

D. João da Camara: *O burro do Sr. Alcaide; Cocó, Raineta e Facada; O testamento da Velha*, e o *Valete de cópas*.

Escriptor engraçadíssimo e de uma inexcedível fertilidade, falta-lhe, talvez, o *quê* de idealismo, sem o qual as paisagens não passam de photographias e as estatuas degeneram em tite-res; mas, pela viveza das descripções e dos dialogos, não se lhe podem contestar as honras de um bom artista do riso.

### Scenas de Lisboa.

Era a hora da grande animação, do grande movimento nas ruas da baixa.

A's portas das lojas, que entornavam sobre os passeios, grandes jorros da luz intensa da iluminação vistosa das suas vitrines garridamente enfeitadas, estacionavam grupos numerosos, cavaqueando, discutindo, vendo quem passava, fazendo horas, caçando aventuras, matando tempo.

Os carros americanos passavam abarrotados de passageiros, a transbordar de gente nas plata-fórmias, e iam despejar tudo isso ás portas dos theatros, dos circos, dos botequins; as tipoias de praça andavam n'um vaevem constante, aos zig-zags sobre os *rails* do tramvia, umas muito depressa, a todo o trote das suas pilecas, para despachar quanto antes com a corrida; outras devagar, a passo, á espera de freguez; as carruagens particulares vinham apressadas de todos os lados, da Bitesga, de S. Domingos, do Passeio Publico, da rua Augusta; ao passo cadenciado, bem batido, dos seus cavallos de luxo, e convergiam todas para o Rocio, para a embocadura da rua Nova do Carmo.

Ahi, os cocheiros, muito direitos nas suas almofadas, bem agasalhados nos seus compridos casacões, com as suas mãos correctamente mettidas nas tradicionaes luvas de camurça, puxavam as redeas dos cavallos, sopeavam-lhes a furia da sua velocidade e, a passo, subiam pela ladeira acima, vagarosamente, uns atrás dos outros, em bi-cha, processionalmente, caminho de S. Carlos.

Os peões cruzavam-se, acotovelavam, agglomeravam-se nos passeios, na grande promiscuidade das multidões: homens graves, sisudos, cautelosamente embrulhados nos seus *cache-nes*, fallando em politica, com muita convicção, com muita auctoridade, sentenciosamente, doutoralmente; soldados, de mão dada, passo largo, com o ouvido no toque do recolher; mulheres lacrimosas, plangentes, com cachos de crianças sujas e chorônas ao collo, agarradas ás saias, pela mão, carpindo as suas miserias aos seus ricos bemfeitores; ranchadas de senhoras, caminhando pachorrentamente, parando em frente das montres, cochichando, apontando para os chapéus, para os côrtes de vestidos, para as meias de fio d'Escocia esticadas em pernas de pau collocadas em phantasticas posições; familias, de mantas pela cabeça, carregadas de agasalhos, de leques, de binoculos, seguindo em marche-marche, discutindo, com a respiração offegante de cansaço, se é já tarde, se é cedo ainda, se o espectáculo começa ás 8 horas em ponto, como teima o papá, como insiste a tia, se ás 8 e um quarto, como vem no jornal.

E de vez em quando, por entre toda essa multidão, passam com um grande ruge-ruge de seda, abrindo caminho aos encontrões, numa grande galhofa, ordinariamente duas a duas, aos pares como os frades e como as patrulhas da municipal, mulheres espectacularmente vestidas, muito brancas, de olhos muito pretos, de cabellos muito louros, fallando de rijo, com muitos gestos, deixando atraz de si uns échos de palavras castelhanas e um rasto de perfumes intensos e baratos.

E pelo meio da rua, esbarrando nos policiaes, estacados aqui e ali, silenciosos e soturnos dentro dos seus longos capotes escuros, atropelando varinas de fórmulas exaggeradamente opulentas e costumes exaggeradamente pittorescos, que de pé e perna nua, com o seu andar ligeiro de passaro, saracoteavam d'um lado para o outro o enorme mólho das suas saias, contendendo com os homens, a torto e a direito, petulantemente, descaradamente, bandos de

garotos de pé descalço, com massos de jornaes debaixo do braço, correndo esfalfados na grande azafama de quem ganha a vida, punham no borborinho confuso da multidão a nota estridula do seu pregão muito cantado, muito gritado em todas as notas que compõem a gamma da voz humana: — *O Correio da Noite! O Jornal da Noite! O Trinta!*

(GERVASIO LOBATO, *O Grande Circo*,  
ed. 1893, pags. 1-3.)

---



## PHASE ACADEMICA

### Seculo XVIII e Primordios do Fluente

---

**Diogo Barbosa Machado** (Lisboa, 1682-1772), abbade de Santo Adrião de Sevr, no Porto, laboriosamente compoz umas memorias historicas do reinado de D. Sebastião e a sua obra capital *Bibliotheca Lusitana*. Amplo repositório de informações, todavia padece de frequentes lapsos, e o estylo antes é diffuso do que copioso, o mais enflorado do que naturalmente florido.

#### Santo Antonio.

E' Santo Antonio immortal gloria e illustre brasão do reino de Portugal, e particularmente da formosa Lisboa, que foi venturoso berço de tão insigne thaumaturgo, dilatando mais vastamente a fama do seu nome, com a produção d'este grande filho, do que o tinha alcançado pela fundação do capitão Ulysses. No faustissimo dia 15 de Agosto, consagrado á triumphante Assumpção de Maria Santissima, do anno de 1195, sahiu á luz do mundo este brilhante astro, para com os raios de sua doutrina dissipar as sombras em que jazia sepultado. O rigor das penitencias e o desvelo dos estudos que praticou nesta solidão, lhe foram abreviando a vida; e, avisado superiormente de ter chegado o seu termo, se recolheu ao Oratorio de Ara

Cœli, pouco distante de Pádua, onde foi accommettido da ultima enfermidade, e, entoando o hymno *O Gloriosa Domina*, expirou como celestial cysne entre a suavidade da musica, a 13 de Junho de 1231, quando contava a florente idade de 36 annos, dos quaes viveu quinze em casa de seus paes, onze na Religião Canonica Augustiniana, e pouco mais de dez na Seraphica.

Em tão poucos annos de vida logrou tantos seculos de virtude que a gloriosa memoria das suas acções será eterna occupação da posteridade, confessando que a efficacia do seu ardente zelo se convenceu a obstinação dos peccadores, se converteu a perfidia dos hereges e se humilhou a soberba dos tyrannos. Ao imperio da sua voz foram tributarios os elementos, serenando tempestades, extinguindo incendios, fecundando campos e domesticando feras. Superior á jurisdicção do tempo, obrou, em um instante, o que se não podia executar em muitos dias. Foi apóstolo no officio, martyr no desejo, doutor na sciencia e virgem por privilegio. Vaticinou o futuro, revelou o encoberto, illustrou Lisboa com o nascimento, e honrou a Padua com a sepultura.

(DIOGO BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*.)

---

**Antonio José da Silva** (Rio de Janeiro, 1705-1739) advogou em Lisboa, e, havendo escapado a uma primeira accusação de judaizante, tinha-se popularizado como autor de peças dramaticas, então chamadas *operas*, para o theatro do Bairro-Alto, quando foi denunciado por uma escrava e, condemnado, soffreu pena capital no Campo da Lan. Espirito galhofeiro e que essencialmente ambicionava comprazer ao publico, nem sempre acatou a decencia; mas não vale negar-lhe, como bem pondera o Sr. Pereira da Silva, o pico da originalidade e do sal comico. Entre as suas *operas* distinguem-se: *Vida do Grande D. Quixote de La Mancha*; *O Labyrintho de Creta*; *Esopaida*; *Guerras do Alecrim e da Mangerona*; e o *Amphytrião*, no qual se tem querido ver allusões ferinas a D. João V.

### Visita do medico.

D. LANCEROTE

Oh! tarda este medico!

SEVADILHA

Não póde tardar muito, pois me disse que já vinha.

D. LANCEROTE

Como estais agora, meu sobrinho?

D. TIBURCIO

Depois que arrotei, acho-me mais alliviado.

D. NIZE

Vaso ruim não quebra (*á parte*).

D. CLORIS

Se fôra coisa boa, não havia de escapar (*á parte*).

D. LANCEROTE

Não sabeis quanto folgo com a vossa melhora, pois me estava dando cuidado o enterro, e me podeis agradecer a boa vontade, pois vos seguro que havia de ser luzido: vós o verieis.

D. TIBURCIO

Outro tanto desejo eu fazer a Vossa Mercê.  
(*Entram D. Gil e Semicupio vestidos de medicos.*)

SEMICUPIO

*Deo gratias.*

D. LANCEROTE

Entrem, senhores doutores.

SEMICUPIO

Qual de Vossas Mercês é aqui o doente?

D. LANCEROTE

E' este que aqui está de cama.

SEMICUPIO

Logo me pareceu pelos symptomas.

D. TIBURCIO

Ai, minha barriga, que morro! Acuda-me, Sr. doutor!

SEMICUPIO

Agora vou a isso; ora diga-me o que lhe dóe?

D. TIBURCIO

Tenho na barriga umas dores mui finas.

SEMICUPIO

Logo as engrossaremos; e tem o ventre tremido, inchado e pullulante?

D. TIBURCIO

Alguma coisa.

SEMICUPIO

Vossa Mercê é casada ou solteira?

D. LANCEROTE

Não, senhor, que meu sobrinho é macho.

SEMICUPIO

Dianteiro ou trazeiro?

D. LANCEROTE

Ui, Sr. doutor! Digo que meu sobrinho é varão.

SEMICUPIO

D'aço ou de ferro?

D. LANCEROTE

E' homem: não me entende?

SEMICUPIO

Ora acabe com isso: eis aqui como por falta de informações morrem os doentes; pois se eu não especulára isso com miudeza, entendendo que era macho lhe applicava uns cravos, e se fosse varão umas limas; e como já sei que é homem, logo veremos o que se lhe ha de fazer.

D. LANCEROTE

Eis aqui como eu gosto de vêr os *medicos* assim especulativos.

## SEMICUPIO

Pois o mais é asneira: diga-me mais, ceiou demasiadamente a noite passada?

D. TIBURCIO

Tanto como a futura, porque desde que se me acabaram as chouriças que trouxe no alforge, me tem meu tio posto a pão e laranja.

D. LANCEROTE

Aquillo são delirios, Sr. doutor.

SEMICUPIO

Assim deve ser por força ainda que não queira, pois, conforme ao aphorismo: *Cum barriga dolet, coetera membra dolent.*

D. TIBURCIO

Não são delirios, Sr. doutor, que eu estou em meu juízo perfeito.

SEMICUPIO

Peior, pois quem diz que tem juízo, não o tem.

D. LANCEROTE

Sr. doutor, o homem está allucinado, depois que um phantasma, que sahiu de uma caixa, o desancou; e sobre isto a grande pena que tem tomado de umas moças que aqui introduziu em casa, enganando-as, de cuja innocencia se me veio queixar a mãe, que era mulher de bem, ao que parecia.

SEMICUPIO

Ella é muito criada de Vossa Mercê.

D. TIBURCIO

Deixemos isso; o caso é que a minha barriga não está boa.

SEMICUPIO

Cale-se que ainda ha de ter uma boa barrigada.  
Deite a lingua de fóra.

D. TIBURCIO

Eil-a aqui.

SEMICUPIO

Deite mais.

D. TIBURCIO

Não ha mais.

SEMICUPIO

Esta bastará; é forte linguado! Tem muito boa ponta de lingua! Vejam Vossas Mercês, Srs. doutores.

D. GIL

A lingua é de prata.

D. FUAS

Humida está bastante.

## SEMICUPIO

Venha o pulso: está intermittente, languido, convulsivo.

.....

D. LANCEROTE

Ah! senhor, que grande medico!

D. NIZE E D. FUAS

Como está tão melancolico! (*para D. Cloris*).

D. CLORIS

Estará cuidando na receita.

## SIMICUPIO

Ora, senhores, capitulemos a queixa. Este fidalgo (se é que o é, que isto não pertence á medicina) teve uma cholerica procedida de paixões internas, porque o espirito, agitado da representação phantasmal e da investida feminina, retrahindo-se o sangue aos vasos lymphaticos, deixando exauridas as matrizes sanguinarias, fez uma revolução no intestino recto; e, como a materia crassa e viscosa, que havia nutrir o succo pancreatico, pela sua turgencia se achasse destituida de vigor, por falta de appetite famelico, degenerou em liquidos; estes, pela sua virtude acre e mordaz, vilicando e pungindo as tunicas e membranas do ventriculo, exaltaram-se os saes fixos e volateis por virtude do acido alcalino...



D. LANCEROTE

Eu não lhe entendi palavra.

D. TIBURCIO

Eu morro sem saber de quê.

SEMICUPIO

Conhecida a queixa, votem o remedio, que eu como mais antigo, votarei em ultimo lugar.

D. GIL

Eu sou de parecer que o sangrem.

D. FUAS

E eu que o purguem.

SEMICUPIO

Senhores meus, a grande queixa, grande remedio; o mais efficaz é que tome umas bichas nas meninas dos olhos, para que o humor faça retrocesso debaixo para cima.

D. TIBURCIO

Como é isso de bichas nas meninas dos olhos?

SEMICUPIO

E' um remedio topico; não se assuste, que não é nada.

D. TIBURCIO

Vossa Mercê quer me cegar?

.....

D. LANCEROTE

Calai-vos, sobrinho, que elle medico é, e bem o entende.

D. TIBURCIO

Por vida de D. Tiburcio, que primeiro ha de levar o diabo o medico e a receita, do que eu tal consinta.

SEMICUPIO

Deite-se, deite-se: o homem está maniaco e furioso.

(ANTONIO JOSÉ, *Guerras do Alecrim e da Mangerona*, scena V, da 2.<sup>a</sup> parte.)

---

**Fr. Francisco de S. Carlos** (Rio de Janeiro, 1763-1829) tomou o habito franciscano na idade de treze annos. Desempenhou varios cargos na sua ordem, leccionou eloquencia sagrada no seminario de S. José, e de D. João VI, que muito o admirava recebeu o titulo de prégador régio. Escreveu um poema sacro. *A Assumpção da Santa Virgem*, no qual harmonicamente soam as cordas da religião e do patriotismo. Pouco, bem pouco resta de seus esplendidos sermões, mas pelas ruinas se avalia a magnificencia do monumento derruido.

### Que thesouro.

Que thesouro tão precioso será este, meus irmãos, que o negociante do Evangelho não duvida sacrificar todos os seus bens, contanto que o chegue a possuir? Embora os sagrados interpretes se dividam em seus pareceres; embora uns digam que é a doutrina evangelica; outros, que é o reino do céu; outros, o desprezo dos bens terrenos, como S. Gregorio; outros, que é o mesmo Jesus Christo, como S. Agostinho: emquanto a mim eu penso que é a virtude da fé, esta virtude sem a qual, diz S. Paulo, não se póde agradar a Deus. Ella foi o signal caracteristico dos maiores santos e dos mais illustres personagens da antiga lei. Pelo sacrificio que Abrahão fez do seu filho no alto do Moria, conheceu-se o heroismo da virtude e da fé deste pae dos crentes. Ella é quem nutria na vida espiritual, quem sustinha, quem consolava os justos do Antigo Testamento nos seus trabalhos e adversidades: ou elles descessem ao Egypto, impellidos da fome e esterilidade: ou fossem conduzidos á Chaldéa em captiveiro pelos reis d'Assyria; ou vissem assentados no solio de David um Idumeu, senhor do sceptro de Judá.

A fé é quem adoçava o ferro de seus grilhões, quem enxugava as lagrimas dos seus desterrros, quem os sustinha no meio de provas tão rudes. Ella é quem os separava desta massa geral da corrupção que dominava então sobre a face da terra, quem os distinguia das nações incircuncisas, que curvavam o joelho e queimavam incenso ás obras de suas mãos, quem os fazia um povo á parte, uma crença á parte, em uma palavra um povo santo, deposito da fé das promessas divinas. A esperanza de um reparador que havia de sahir d'esta nação privilegiada, era uma tra-

dição inalteravel, que no seio das familias se perpetuava de paes a filhos, de geração em geração, e de seculo em seculo, e que na ordem da graça fazia vegetar esta porção escolhida da humanidade. Na fé, pois, d'estas promessas e d'estas verdades occultas ao resto das nações tem um logar bem distincto a illustre santa, vossa protectora, a quem tributamos os presentes cultos. Sim, senhores, foi pela fé que Anna achou no campo mystico da Synagoga o thesouro precioso que a elevou no céu da nova egreja evangelica a tão alto grau de celebridade. *Vendit universa quae habet, et emitt agrum illum.* Por esta virtude, emfim, ella mereceu ser a mãe de Maria, e avó de Jesus Christo. Debaixo deste ponto de vista eu venho tecer o seu elogio, mostrando promiscuamente seus trabalhos e suas recompensas, seus combates e seus triumphos. Digne-se a Santa Virgem, sua filha, de alcançar-me de seu esposo, o Espirito Santo, as luzes necessarias para desempenhar tão grande objecto. *Ave Maria.*

(FR. FRANCISCO DE S. CARLOS, *Panegyrico de Sant'Anna*, recitado no Rio Bonito em 1788.)

---

Fr. Francisco de S. Thereza de Jesus Sampaio (Rio, 1778-1830) entrou com quinze annos para a ordem franciscana e mereceu honras de prégador régio. Além do Atlantico voou a sua fama de eximio orador sacro; tanto assim que foi socio correspondente da Academia de Bellas Lettras de Munich. O Sr. Dr. Ramiz Galvão, no seu estudo *O pulpito no Brasil*, colloca Sampaio na primeira plana dos nossos prégadores, considerando-o superior a Fr. S. Carlos, no que discorda do conego Fernandes Pinheiro.

**Dies irae.**

São tão insupportaveis os effeitos de uma desgraça extraordinaria, que o homem chega a ponto de preferir-lhe a morte, para se livrar do tormento que o assassina; a morte, que é sempre tão temida, parece então doce e suave; invejam-se os mesmos horrores do sepulcro; e o infeliz deseja lançar fóra de si o peso da vida que o acabrunha. Tal é a idéa que o Espirito Santo nos dá do terror que conceberemos em o dia das vinganças eternas; elle nos pinta os mortos procurando outra vez as sombras dos sepulcros donde sahiram; os vivos pedindo aos montes que caiam sobre elles, escondendo-se nas entranhas dos rochedos; outros, amaldiçoando as estrellas que brilharam no dia de seu nascimento, ou desejando achar no inferno um asylo para evitarem a magestosa presença do Juiz Supremo, que apparece nas nuvens. Sim, meus irmãos, qual será o vosso espanto quando ouvirdes bramindo no céu a voz d'Aquelle que nos servia de escudo contra a indignação de seu Pae? quando virdes erguer-se esse throno de chammass onde Daniel faz apparecer o Antigo dos dias; quando virdes o mundo em ruinas servindo de trophéo á omnipotencia de seu Deus, temível em sua cólera? Qual será o vosso terror, quando vos virdes diante de um Deus que vós desprezastes quando elle vos procurava como amigo, e do qual não podeis fugir mostrando-se como vosso Juiz? quando virdes as potencias que cingem o throno de Deus, tremendo assim como trêmem, diz S. Agostinhó, os validos dos soberanos do mundo, quando estes pronunciam sentença de morte contra os réus da sua magestade; quando virdes a misericordia com as mãos ligadas, porque não vos poude valer; os Santos, que eram vossos intercessores, pedindo vingança contra vós, empunhando espadas de dois gumes para castigarem as nações e algemarem os grandes d'entre o povo; quando virdes entre fochas de fogo a cruz de

Jesu-Christo ainda avermelhada pelo sangue da Redempção; a cruz que vós calcastes pondo sobre o altar que lhe competia os idolos do vosso culto; a cruz que Jesu-Christo vos offereceu como uma escada para subirdes ás portas desse reino, como trophéo para honrar vossas victorias; quando virdes em o corpo de Jesu-Christo ainda impressas as cicatrizes da sua morte, então convertidas em testemunho de vossa reprovação eterna; quando virdes...

Oh céos! Oh Deus! quem poderá descrever o apparato de vossa Igreja nesse dia? Vinde em meu soccorro, illustres Padres da Igreja, discipulos da Sabedoria increada, dizei vós mesmos o que pensastes sobre este dia. Eu tremo, diz Santo Anselmo, quando me apresento diante deste tribunal, vendo de uma parte os peccados accusando-me dos deleites que eu gosava, d'outra a justiça impondo-me silencio, ou rejeitando minhas escusas; debaixo dos meus pés a garganta do abysmo aberta para me engolir; de cima um Juiz que não se dobra nem a lagrimas, nem a supplicas, no meu interior a consciencia atassalhando-me; fóra o mundo em chammas. Eu tremo, diz S. Bernardo, contemplando na face d'este Deus irado, sentindo os effeitos da sua cólera, os signaes do seu furor, ouvindo a voz do Archanjo, que reanima as cinzas de todos os mortos desde o oriente até ao occidente; vendo estes leões famintos que aguçam na terra as unhas, para estrangularem mais depressa suas victimas; e eu me horrorizo quando considero n'este insecto que se nutrirá nas entranhas do peccador, sem nunca morrer. Será nesse dia, continúa o mesmo Padre, que tudo quanto agora nos parece oiro, se converterá em espuma; que conheceremos a impureza de nossas acções; será alli que os idolos do nosso coração, rebellando-se contra nós, aggravarão ainda mais o peso de nossas desgraças. Ah! se eu tivesse mil fontes de lagrimas, ainda seriam poucas para prevenir estas lagrimas eternas. Eu tremo, diz Sr. Gregorio Nazianzeno, quando se me apresenta o dia em que Jesu-Christo entrará com-

migo em juizo, convencendo-me de crimes que eu julgava perdoados, apresentando-me em face os meus peccados como accusadores, oppondo contra as minhas iniquidades os beneficios que recebi delle; pedindo-me conta da formosura de sua imagem impressa sobre mim e desfigurada pelas nódoas mais vergonhosas; obrigando-me enfim a pronunciar a sentença contra mim mesmo, para que eu não possa queixar-me de que soffro injustamente.

Quem me servirá de advogado diante deste Juiz? Com que pretexto, com que falsas escusas, com que artificiosas côres, com que invenções subtis poderei disfarçar a verdade na presença deste soberano tribunal, onde tudo será contra mim e nada em meu favor? Ah! pronunciada a sentença, á vista da balança em que forem pesadas minhas acções, eu não terei outro juizo para onde appellar, não terei meios de destruir por nova conducta o mal que fiz: expirou o tempo; cahiu um véo de chammas sobre a scena onde eu representava; eis ahi a porta da eternidade. Que nova perspectiva!

(FR. SAMPAIO, *Sermão do 1.º domingo do Advento de 1811, na capella Real.*)

---

**Frei Francisco de Mont'Alverne**, que no seculo se chamou *Francisco José de Carvalho* (Rio de Janeiro, 1784-1858) professou no convento de Santo Antonio da ordem franciscana, e na cathedra sagrada igualou, se não excedeu, aos primeiros pre-gadores em lingua portugueza. No ersaio da philosophia, por mais de uma vez arrebatou a mocidade com prelecções em que doutrinava a discipulos como Antonio Felix Martins, depois Barão de S. Felix, e Domingos J. G. de Magalhães, mais tarde Visconde de Araguaya.

Em 1832 escureceu-se-lhe a vista, nem mais achou remedio para a terrivel amaurose. Apóz dezoito annos de obrigado silencio, subiu ao pulpito para prégár na festa de S. Pedro de Alcantara — 19 de Outubro de 1854 — a pedido do Imperador, e então conseguiu magnifico triumpho oratorio.

Mont'Alverne, no sentir do Sr. Dr. Ramiz Galvão, abusava do ornato, não variava assaz o plano de seus discursos, e não

foi impecavel na linguagem. E' certo: mas pela poetica magia da phrase e sustentada pompa do estylo, com justiça figuraria entre os grandes oradores de qualquer paiz.

Posto que mais propriamente tivesse Mont'Alverne florescido na phase contemporanea, não nos pareceu mal collocar-o junto dos seus gloriosos antecessores da ordem franciscana, e n'isto, além de outros, seguimos a Fernandes Pinheiro, na sua *Litteratura Nacional*.

### Causas das revoluções.

E' uma injustiça reconhecer nas revoluções politicas dos povos a influencia exclusiva das paixões e dos crimes individuaes. E' um absurdo pretender que as nações se deixem arrastar por uma cega fatalidade sobre abysmos onde vão perder sua grandeza e sua gloria. Folheando os annaes dos povos, consultando os monumentos que attestam a passagem destas lavas que têm engulido as monarchias e as mais florentes republicas, a philosophia assignala com segurança a causa dessas commoções violentas que têm sacudido as gerações e tantas vezes ameaçado a existencia do genero humano. Ha um sentimento de felicidade que levanta o seu grito poderoso no seio dos povos, como domina imperiosamente no coração de cada homem. Esta expressão de magnanimidade, estas inspirações do heroismo, esta necessidade de gloria, que lançam nos mais soberbos theatros estes genios destinados a marcar uma época nos fastos do universo, pulsam na arena as differentes fracções do genero humano, que por um instincto da razão, por um sentimento da dignidade nacional, precipitam-se após esta liberdade sem a qual são perdidas sua consideração e grandeza.

Por o abuso mais escandaloso roubou-se ás nações este florão da sua gloria. Por a mais iniqua de todas as



injustiças o homem apparece no seio do universo como uma besta feroz, dilacerando os seus semelhantes, quebrando os monumentos e a civilização, destruindo na sua raiva os trophéos consagrados por as artes, e levantado sobre as ruínas como um genio da morte, de destruição e carnagem. Todavia, a despeito de todas essas sombras melancolicas, logo que os prejuizos não influem mais sobre a razão, desde que as paixões cessam de empregar suas cores facticias, é facil de entrever nestas reacções espantosas e formidaveis a lucta sublime da razão contra os abusos de um poder que, fazendo-se tyrannico e oppressor, tenha cessado de encher seus fins importantes e sublimes; não é difficil de reconhecer a nobre expressão de vingança com que os povos, cançados de supportar seu aviltamento, fazem em pedaços esses thronos, esses sceptros, essas machadinhas, essas cadeiras de marfim, que, manchando-se no sangue dos povos que os haviam creado para a sua felicidade, eram um titulo de oppressão e um monumento de opprobrio, de escravidão e de vingança. O sabio já tinha dito que as revoluções dos povos eram causadas por a perfidia, os ultrajes, as violencias e injutiças que se lhes faziam soffrer. Elle tinha visto as cadeiras dos orgulhosos da terra engolidas no meio desses terremotos politicos, que seus excessos tinham provocado. E' nessas barreiras formidaveis que se despedaçam todos esses oppressores que fundam a sua grandeza e a sua gloria nas lagrimas, nos gemidos e na miseria dos povos.

(MONT' ALVERNE, sermão de 25 de Março de 1831, na igreja de S. Francisco de Paula.)

**E' muito tarde.**

Não, não poderei terminar o quadro que acabei de bosquejar; compellido por uma força irresistivel a encetar de novo a carreira que percorri vinte e seis annos, quando a imaginação está extincta, quando a robustez da intelligencia está enfraquecida por tantos esforços, quando não vejo as galas do sanctuario, e eu mesmo pareço estranho áquelles que me escutam, como desempenhar esse passado tão fertil em reminiscencias? como reproduzir esses transportes, esse enlevo com que realcei as festas da religião e da patria? E' tarde!... E' muito tarde!... Seria impossivel reconhecer um carro de triumpho neste pulpito, que ha dezoito annos é para mim um pensamento sinistro, uma recordação afflictiva, um phantasma infenso e importuno, a pyra em que arderam meus olhos, e cujos degraus desci só e silencioso para esconder-mê no retiro do claustro. Os bardos do Thabor, os cantores do Hermon e do Sinai, batidos da tribulação, devorados dos pezares, não ouvindo mais os echos repetirem as estrophes dos seus canticos nas quebradas de suas montanhas pittorescas, e escutando a voz do deserto que levava ao longe a melodia dos seus hymnos, penduravam os seus alaúdes nos salgueiros que bordavam o rio da escravidão; e, quando os homens que apreciavam as suas composições, quando aquelles que se deleitavam com os perfumes de seu estylo e a belleza de suas imagens, vinham pedir-lhes a reproducção d'essas epopéas em que se perpetuavam as memorias de seus antepassados e as maravilhas do Todô Poderoso, — elles cobriam suas faces humedecidas do pranto, e abandonavam as cordas frouxas e desafinadas de seus instrumentos musicos ao vento das tempestades.

Religião divina, mysteriosa e encantadora, tu que dirigiste meus passo sna vereda escabrosa da eloquencia, tu a

quem devo todas as minhas inspirações, tu, minha estrella, minha consolação, meu unico refugio, toma esta corôa... Se dos espinhos que a cercam rebentar alguma flor, se das silvas que a enlaçam reverdecereem algumas folhas, se um adôrno renascer destas vergonteas já seccas: — deposita-os nas mãos do Imperador, para que os suspenda como um trophéo sobre o altar do grande homem a quem elle deve seu nome, e o Brasil a protecção mais decidida.

(*Idem, Panegyrico de S. Pedro de Alcantara, proferido na Capella Imperial, em 19 de Outubro de 1854.*)

### Missão caridosa da Igreja.

Sempre na vanguarda dos combatentes, o émulo dos Antão e dos Pacomio fortalece, com os seus conselhos, e ainda mais com o seu exemplo, os novos solitarios, que lembravam esses famigerados anachoretas que no começo da Igreja espantaram com as suas austeridades as solidões do alto Egypto e os desertos do Said e da Thebaida. Do cimo d'estes rochedos alcantilados, o infatigavel conductor das novas tribus contemplava nos assomos de alegria esses destemidos arautos, que envergavam a mesma couraça de que elle estava revestido, e que dos mesmos entrincheiramentos, com que se defendia, levavam em suas mãos robustas o archote da civilização e iam acordar os povos que dormiam nas trevas da idolatria. Elles não temeram affrontar impavidos o cabo das Tormentas; sulcaram os mares da aurora, passaram o Indus, visitaram os Corillis orientaes; e, sentados ás portas de Cantão e de Nankin, aguardavam o momento de arvorar em suas torres o estandarte do Crucificado. Os lagos do Canadá, as inundações do Mississipi e as alturas dos Andes não assustaram sua intrepidez apostolica.

Nossos pais os contemplaram communicando com o Guaycurú, reprimindo a ferocidade do Botocudo, conciliando o implacável Aymoré. Elles domaram o indomito Goytacá, poliram o Tamoyo, e prenderam ao carro de Jesus Christo o Tupy e o Caheté. Povoações florentes surgiram, como por encanto, das margens do Amazonas até as cabeceiras do Prata; e para cumulo de sua gloria foram elles que saudaram primeiro a civilização da terra de Cabral, e ergueram o lábaro sagrado que procurou ao Brasil o epitheto ainda mais glorioso de Terra de Santa Cruz.

O mundo pôde obliterar feitos tão assignalados, o philosophismo pôde cuspir nesses homens que sacrificaram seu socego em pról dos seus irmãos, fundaram cidades populosas, lançaram pontes sobre abysmos, erigiram hospitaes, edificaram hospícios no pincaro dos Alpes, para arrancar á morte desgraçados engulidos pelas neves, votando-se elles mesmos a uma morte inevitavel; mas o Christianismo, na sua immensa caridade, virá em auxilio do genero humano; esquecerá seus desvarios, e dissimulando suas leviandades, fornecerá recursos valiosos que reparem seus desastres. Os Dominicicos afugentam com seus escriptos a depravação e a ignorancia de que se sentia a idade média. Os padres Trinos occupam-se em resgatar os captivos christãos, que gemiam nas masmorras de Alger, nas prisões de Tripoli e nos banhos de Constantinopla em face das nações civilizadas. Os Franciscanos guardam depois de seculos esses mesmos lugares santos, que a Europa inteira não podéra conservar além de oitenta annos, a despeito de suas numerosas cruzadas; e, quando as lavas do vulcão revolucionario, fomentadas com as doutrinas de Epicuro, propaladas nos salões de Paris, nutridas com as produções do atheismo, elaboradas nos antros obscuros do barão de Holbach, queimaram em 1793 esses troncos seculares, cujos ramos frondosos haviam abrigado a França, as instituições verdadeiramente divinas do santo e immortal Vicente de Paulo, as creações sublimes do padre L'Epée e do abbade Sicard, reunindo milhares de

meninos e virgens expostos á corrupção e á miseria, e centenaes de pobres desvalidos, victimas da avareza e da insensibilidade dos ricos, não deixaram mais duvidar que ao Christianismo está reservada a missão perpetua e generosa de adoçar, de minorar os males da especie humana.

(*Idem.*)

### Morte de S. Pedro de Alcantara.

O lidador já tinha dobrado a méta do estadio que levára de vencida. Exhausto de forças cahiu sobre montões de palmas e grinaldas que merecera por sua perseverança. Pedro de Alcantara está rodeado de seus irmãos, que o observam, choram e admiram. O pobre de Jesus Christo despe seu habito e pede outro mais velho em que se envolva depois de morto. O superior olha em torno de si, e, não encontrando quem ostente igual desprezo, veste a reliquia inestimavel, e lhe dá em troco sua tunica. O corpo do penitente assemelha-se a raizes deseccadas; sua pelle está denegrida pelo fogo da mortificação. O frio da morte agita seus membros lividos e descarnados. Um moço religioso se approxima e intenta estender sobre elle um lençol: — Retira-te, grita o lutador, ainda ha perigo, o inimigo está em presença, ainda não cessou o combate! O justo imprime seus labios no signal adoravel da Redempção... Pedro de Alcantara subiu ao throno de Deus!

(*Idem.*)

Sebastião da Rocha Pitta (Bahia, 1660-1733) era formado em canones por Coimbra, e viveu repartindo a sua actividade entre os misteres agricolas e o cultivo das letras. Estudou muitas linguas estrangeiras e, depois de laboriosas pesquisas nos archivos de Lisboa, publicou em 1730 a sua *Historia da America Portuguesa*.

O estylo é geralmente empolado, porém ha muitos trechos formosos e que ainda tornam recommendavel a leitura dessa obra.

### Bellezas e opulencia do Brasil. — Estado de Portugal quando o descobriu. — Posição geographica do Brasil.

1.º) Do Novo Mundo, tantos seculos escondido e de tantos sabios calumniado, onde não chegaram Hannon com suas navegações, Hercules Lybico com suas columnas, nem Hercules Thebano com suas empresas, é melhor porção o Brasil; vastissima região, felicissimo terreno, em cuja superficie tudo são fructos, em cujo centro tudo são thesouros, em cujas montanhas e costas tudo são aromas, tributando os seus campos o mais util alimento, as suas minas o mais fino ouro, os seus troncos o mais suave balsamo, e os seus mares o ambar mais selecto; admiravel paiz, a todas as luzes rico, onde prodigamente profusa a natureza se desentranha nas ferteis producções, que em opulencia da monarchia e beneficio do mundo apura a arte, brotando as suas cannas espremido nectar, e dando as suas fructas sazoadas ambrosia de que foram mentida sombra o licor e vianda que aos seus falsos deuses attribuia a culta gentilidade.

2.º) Em nenhuma outra região se mostra o céu mais sereno, nem madrugada mais bella a aurora: o sol em nenhum outro hemispherio tem os raios tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrellas são as mais benignas e se mostram sempre alegres; os horizontes, ou nasce o sol, ou se sepulte, estão sempre claros: as aguas,

ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aqueductos, são as mais puras; é enfim o Brasil terrenal paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os maiores rios; domina salutífero clima; influem benignos astros, e respiram auras suavíssimas, que o fazem fértil e povoado de innumeros habitantes, posto que, por ficar debaixo da torrida zona, o desacreditassem e dessem por inhabitavel, Aristoteles, Plínio e Cicero; e com gentios os padres da Egreja, Santo Agostinho e Beda, que, a terem experiencia deste feliz orbe, seria famoso assumpto das suas elevadas pennas, aonde a minha receia voar, posto que o amor da patria me dá as azas, e a sua grandeza me dilata a esphera.

3.º) Florescia o Imperio Lusitano muitos seculos depois de ser fundado por Thubal, ampliado por Luso e por Lysias, e de terem os seus naturaes gloriosamente na patria obrado acções heroicas, e concorrido fóra della para as maiores empresas, já nos soccorros que deram aos Carthaginezes conduzidos por Sapho para domar a Mauritania, já nos que acompanharam a Annibal para conquistar a Italia, já concorrendo com Mithridates contra Pompeu, e com Pompeu e seus filhos contra Cesar; e de haverem na defesa da propria liberdade feito admiraveis provas de valor com os seus capitães Viriato e Sertorio contra os Romanos; e finalmente, depois que, livre da sujeição dos Suevos, dos Alanos, dos Godos e dos Sarracenos, tendo já logrado, no seu primeiro rei portuguez, o invicto D. Afonso Henriques, e na sua real prole, o suave dominio de treze successivos monarchas naturaes, se achava na obediencia do felicissimo rei D. Manoel.

4.º) Mantinha com a Tiara Romana a antiga união firme com a nossa obediencia e religião; com Castella estava em paz assegurada pelas nossas victorias; tinha amizade com a Coroa Imperial, com as de França, Inglaterra, Escocia, Suecia, Polonia e Dinamarca; com as republicas e nações septentrionaes e italianas, pelos interesses reciprocos e communs das monarchias; fazia guerra aos Mauri-

tanos, aos Ethiopes e aos Asiaticos, para lhes introduzir a fé catholica; achava-se dilatado com o descobrimento das ilhas de Porto Santo, da Madeira e dos Açores no Oceano, e por differentes mares, com muitas praças e provincias em Africa, com grandes povoações e conquistas na Ethiopia, e começava a mostrar-lhe os seus maiores dominios a Asia, quando o Novo Mundo lhe abriu as portas de sua mais vasta região.

.....

.....

7.º) Jaz o opulento Imperio do Brasil no hemispherio antarctico, de baixo da zona torrida, correndo do meio della (em que começa) para a parte austral do tropico de Capricornio, d'onde entra na zona temperada meridional grandissimo espaço. E' de fôrma triangular; principia pela banda do norte no immenso rio das Amazonas, e termina pela do sul no dilatadissimo rio da Prata; para o levante o banham as aguas do Oceano Atlantico; para o occidente lhe ficam os reinos de Congo e Angola, e tem por antipodas os habitantes da Aurea Chersoneso, onde está o reino de Malaca. Na sua longitude grandissima contam os cosmographos mil cincoenta e seis leguas de costa, a mais formosa que cursam os navegantes, pois em toda ella e em qualquer tempo estão as suas elevadas montanhas e altos arvoredos cobertos e vestidos de roupas e tapeçarias verdes, por onde correm innumeraveis rios, que em copiosas e diaphanas correntes precipitam crystaes nas suas ribeiras, ou levam tributos aos seus mares, em que ha grandes enseadas, muitos e continuados portos capacissimos dos maiores baixéis e das mais numerosas armadas.

(ROCHA PITTA. — *Historia da America Portuguesa*, liv. I.º, pags. 1-4.)



### Combate entre os Portuguezes e os Indios no Rio de Janeiro.

33) Accommettidas pelos Portuguezes as estancias contrarias, era a sua resistencia a proporcionada ao nosso furor. A sua disciplina aprendida com os Francezes, e já alguns annos praticada, fazia tão difficil o seu rendimento como constante a nossa porfia. Excitados do valor, pelevavam tambem os elementos; o fumo e as settas tinham occupado o ar; as balas e o estrondo levantavam as ondas; tremia a terra na contingencia de quem a havia de possuir; o fogo achava varias materias em que arder tudo era horror, mas, superando a toda aquella confusão o nosso esforço, ganhámos aos inimigos todas as suas forças e estancias, deixando mortos innumeraveis gentios e muitos Francezes; e os que tomámos vivos, foram pendurados para exemplo e terror.

34) Logo senhoreámos toda a enseada, e em prosecução da victoria penetrámos o continente, matando no alcance muitos gentios, que, formando varios corpos da sua gente, intentaram impedir-nos o passo; os mais se retiraram para o interior daquelle sertão, aprendendo á sua custa o quanto lhes importava a sua quietação, e o não provocarem a nossa ira, tão justamente empregada na sua contumacia. As terras conquistadas se repartiram por moradores ricos, capazes de as cultivar e defender, de cuja vizinhança se davam os inimigos por tão mal seguros, que não ousavam mais apparecer, retirando-se sempre para os sitios mais distantes e remotos do paiz.

(ROCHA PITTA, *Historia da America Portuguesa*, liv. 3.º, pag. 83.)

Alexandre de Gusmão (Santos, 1695-1753) serviu nove annos como secretario particular de D. João V; e deixou cartas que não são obras de escrupulosa linguagem, mas nas quaes dá provas de sagacidade, espirito observador, e admiravel tino pratico. Retirado dos publicos negocios depois da morte de D. João V, perdeu dois filhos no incendio que lhe devorou a casa, e apenas sobreviveu um anno a tão infausto successo.

### Carta a um enviado de Portugal na Côrte de Inglaterra.

Meu amigo e senhor. — Estimo as noticias de Vossa Senhoria, e lhe dou o parabem de ter chegado felizmente a essa côrte, aonde se acha livre de animaes que o molestavam, e gosa da liberdade que Deus conferiu ao homem, sem offender os preceitos de sua lei.

Os Inglezes ignorantes aborrecem os catholicos, sem saberem o porque; mas os bem instruidos e civis são excellentes para a sociedade, sem offenderem á nossa crença. Logram-se em Inglaterra muitas outras delicias que aqui são ignoradas; e como Vossa Senhoria não vai a negociar cousa alguma, pôde levar boa vida sem offensa do seu character, que só correria risco querendo encher as obrigações do seu ministerio; mas como aqui não querem isso, está Vossa Senhoria desobrigado.

Não se esqueça Vossa Senhoria dos amigos, que deixou luctando com as ondas do mar da superstição e da ignorancia; e agradeça aos seus inimigos o mimo de que actualmente gosa. Eu tambem havia de descompôr os meus, se tivesse a certeza de lhes merecer semelhante desterro: mas lembra-me a queixa de Camões a respeito do desconcerto do mundo, e por isso me empenho em esquecer-lhes; no que serei afortunado, se o poder conseguir.

Não ha mais novidades que arder o palacio do *Lavra*, e ainda que El-Rei já não arde, sempre suavizou a magoa com o pezame, e com varias madeiras e outros offereci-

mentos. — Fico para dar gosto a Vossa Senhoria, que Deus guarde. — Lisboa, a 16 de fevereiro de 1750.

(ALEXANDRE DE GUSMÃO. — Collecção de varios escriptos ineditos, politicos e litterarios.)

### Carta a Diogo Barbosa Machado.

Sinto muito que V. Mcê. tomasse o incommodo de buscar-me, e que o não achar-me em casa me roubasse o gosto da sua estimavel conversação, da qual procurarei aproveitar-me sem molestia sua. Muito tenho que agradecer a V. Mcê. occorrer-lhe meu nome ao formar um catalogo dos Portuguezes eruditos, sendo maior agradecimento quanto menos razão havia para que eu devesse lembrar-lhe; e, supposto que não desconheça, ou deixe de apreciar a honra que V. Mcê. me faz, é justo tambem que me não induza o amor proprio a abusar della.

Alguns amigos me fazem a mercê de espalhar no publico um conceito vantajoso dos meus estudos; porém como estes, emquanto se não dão a conhecer pelas obras, dependem de mui pia fé para se acreditarem, não devo attribuir o estabelecimento d'aquella fama senão á benevolencia dos que me favorecem; pois até ao presente não tenho mostrado composição por onde podesse adquiril-a; e, fazendo contas com o meu talento, tenho por mui provavel que a perderia de todo sahindo aliás com algum volume.

Supposta esta verdade, que sou obrigado a confessar, ainda que me cause confusão, discorro que tambem V. Mcê. se tem deixado enganar com aquella não merecida opinião, e que seria extranhada a boa exacção e boa critica de V. Mcê. contar na *Bibliotheca Lusitana* entre os auctores a um individuo que não o é; e, assim como não

tenho que responder ao interrogatorio das obras principais que compuz, julgo superfluo dar satisfacção aos mais requisitos que contém a carta de V. Mcê.

No seu livro terei que invejar aos varões que pelos seus trabalhos se fizeram merecedores dos elogios de tão discreto e intelligente juiz, e sempre conservarei uma viva lembrança do logar que a bondade de V. Mcê. me queria dar nelle; que será um novo motivo para desejar repetidas occasiões em que possa servir a V. Mcê. muitos annos.

De casa, 2 de maio de 1740.

(ALEXANDRE DE GUSMÃO, *idem.*)

**Da resposta que deu ao brigadeiro Antonio  
Pedro de Vasconcellos sobre o negocio  
da praça de Colonia.**

Descobertas por Colombo as primeiras ilhas no golfo do Mexico no anno de 1492, o papa Alexandre VI, hespanhol, expediu no seguinte uma bulla para regular uma repartição de conquista entre as duas monarchias, determinando que cem leguas ao occidente das ilhas dos Açores, ou de Cabo-Verde, se imaginasse uma linha meridiana de polo a polo; e quanto desta figura da linha ficasse para o oriente fosse conquista de Portugal, e para o poente, de Hespanha. Clamou contra esta partida o nosso rei D. João II; e, depois de varias negociações, se ajustou entre elle e os reis de Castella e Aragão um tratado em Tordezillas no anno de 1494, em que se assentou que a dita linha meridiana se supporia lançada trescentas e setenta leguas para o poente das ilhas de Cabo Verde, sem se definir de qual d'ellas se deveria principiar a conta; sendo que a mais oriental daquellas ilhas dista mais de quatro

graus meridianos da ultima que fica ao poente; e juntamente ficou estipulado que os Hespanhoes não poderiam navegar para a parte do sul da costa da Africa. Depois de passados seis annos, descobrimos o Brasil: e no mar da Asia adiantámos as nossas conquistas tão rapidamente que em menos de vinte annos depois da primeira viagem da India já tínhamos penetrado até o archipelago de Maluco, onde descobrimos o importantissimo commercio das especiarias.

Fernando de Magalhães naquelle tempo tornou do Oriente, e, sem razão aggravado de sua patria, passou ao serviço do imperador Carlos V, e propoz a este principe que tinha por certo ser a terra redonda, ponto até então muito duvidoso; e que, sendo assim, devia a dita linha meridiana pacteada em Tordezillas circular pelo outro hemispherio, deixando á conquista de cada uma das corôas cento e oitenta graus meridianos. O que supposto, mostraria que as ilhas da especiaría estavam dentro dos cento e oitenta graus de Castilla, que se obrigava a descobril-os por novo caminho, sem offensa da prohibição que no tratado de Tordezillas ficava posta á Hespanha, de navegar para a parte do Cabo da Boa Esperança.

A côrte de Madrid, que já se tinha achado bem em dar ouvidos ás proposições de Colombo, que outros tiveram por chimericas, subministrou a Magalhães tres navios para ir executar seu designio. Descobriu o estreito, a que poz o nome de seu appellido; e, navegando pelo mar do sul, chegou finalmente ás ilhas do archipelago de Maluco, onde o mataram os barbaros. Mas do roteiro que deixou da sua navegação, usando de um notavel engenho, por sustentar o que havia segurado ao imperador, tinha diminuido os espaços, de sorte que fraudou o mar do Sul mais de quarenta graus meridianos, como se vê do mappa que traz Herrera na sua *Historia das Indias Occidentaes*; e por esta fórma não só o archipelago, mais ainda até Malaca comprehendeu nos cento e oitenta graus de Hespanha.

Não foi pequeno o damno que com uma tal infidelidade causou á sua patria este tal aventureiro, indigno do nome portuguez; porque os Hespanhoes, persuadidos daquella impostura, pretenderam por força de armas senho-rear-se daquellas ilhas de especiaria, fomentando esta empresa pelas naus que mandavam ao Mexico pelo mar do Sul. Durou alguns annos naquella parte a guerra entre as duas nações, até que o nosso rei D. João III tratou com o imperador que se atalhasse esta contenda, averiguando amigavelmente o direito de cada uma das corôas nas conferencias que para esse fim se fizeram em Saragoça.

Porém nellas os commissarios de Portugal, sem embargo de lhes sobrar a razão e a justiça, se achariam totalmente destituídos de meios para mostral-a; porque os Hespanhões sustentavam a dimensão do mappa de Magalhães, e, como nenhuma outra nação tinha navegado o mar do Sul, não havia no tempo que aquellas conferencias se fizeram, modo ou meio de convencer-o de falso, ignorando-se sobretudo ainda naquelle seculo a observação dos satellites de Jupiter, e outros meios com que no seguinte se facilitou a averiguação das longitudes.

Todos os recursos dos nossos commissarios eram os roteiros dos pilotos da India; e para lhes sahir mais vantajoso o calculo (attendendo sómente ás ilhas de especiaria, e não ao Brasil, de que os Portuguezes d'aquelle tempo faziam pouco caso) contaram as tresentas e setenta leguas da ilha do Sal, que é a mais occidental de Cabo Verde. Mas nada bastava para desfazer de todo o erro que os roteiros dos Hespanhões do mar Pacifico tinham delineado; e o mais que os nossos commissarios puderam mostrar, foi que o mappa ou nossa demarcação incluia grande parte do mar da China.

(Idem.)

---

## PHASE SEISCENTISTA

(Seculo XVII)

---

**Fr. Luiz de Souza** (Santarém, 1555-1632) chamou-se no seculo Manoel de Souza Coutinho. Tendo noviciado na ordem de Malta, esteve captivo em Argel, onde, aliás sem maior fundamento, se disse que contrahira amizade com Cervantes. Casou com a viuva de D. João de Portugal e estava em Almada com a patente de coronel, quando incendiou a casa por negar hospedagem aos governadores hespanhóes do reino.

Depois da morte de uma filha entrou para o claustro, no que o imitou sua mulher D. Magdalena de Vilhenã. Sobre isto se architectou uma lenda; que voltara vivo da Africa o primeiro marido de D. Magdalena — romantica peripecia de que Garrett fez um bello drama.

Obras: *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*; *Historia de S. Domingos*; *Annaes de D. João III*. A primeira é um dos monumentos da lingua pela venustade de phrasear e pelas excellencias do estylo descriptivo.

### O Arcebispo e o pastorinho.

Passava um dia de inverno o Arcebispo com sua comitiva a serra de Gerez, por caminhos asperos e fragosos; salteou-os uma chuva fria e importuna, que os não largou na mór parte da jornada, e corria um vento agudo e desabrigado, que os congelava. Tinha-se adiantado o Arcebispo, segundo o seu costume, que era caminhar quasi sempre só, para se occupar com mais liberdade em suas

contemplações; e ia fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deus; offereceu-se-lhe á vista, não longe do caminho, posto sobre um penêdo alto e descoberto ao vento e á chuva, um menino pobre e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas, que ao longe andavam pastando. Notou o Arcebispo a estancia, o tempo, a idade, o vestido, a paciencia do pobrezinho; e viu juntamente que ao pé do penêdo se abria uma lapa que podia ser bastante abrigo para o tempo: movido de piedade parou, chamou-o e disse-lhe “ que se descesse abaixo para a lapa e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar”.

— Isso não, respondeu o pastorinho, que, em deixando de estar áleria e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.

— E que vai nisso? disse o Arcebispo.

— A mim me vai muito, tornou elle, que tenho pae em casa que pelejará commigo, e tão bom dia se não forem mais que brados; eu vigio o gado, e elle me vigia a mim; mais vale soffrer a chuva.

Não quiz o Arcebispo dar mais passo; esperou que chegassem os da sua companhia, contou-lhes o que se passara com o menino e accrescentou:

— Este esfarrapadinho innocente ensina a frei Bartholomeu a ser arcebispo! Este me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o céu; que se este, com tão pouco remedio para as passar, todavia não foge dellas, respeitando o mandado de seu pae mais do que o seu descanso, que razão poderei eu dar, se por medo de adoecer ou padecer um pouco de frio desamparar as ovelhas cujo cuidado e vigia Christo fiou de mim, quando me fez pastor dellas?

(FREI LUIZ DE SOUZA, *Vida do Arcebispo*, liv. I.º.)<sup>1</sup>



### Caridade do Arcebispo.

Defendia-lhe o vento e honrava a entrada da camara ou cella em que sempre residia o Arcebispo, um panno azul com o titulo de guarda-porta, o qual nem era fino, nem muito de estimar, e nelle se resolviam todas as tapeçarias d'aquelle palacio pontifical; entrou a deshoras uma pobre velha tão mal enroupada que, sem fallar palavra, fallava por ella a idade, o tempo e a necessidade, e pedia soccorro apressado; estava o Arcebispo só, não tinha homem de quem se valer; lançou olhos pela casa, não viu coisa que dar, e viu-se obrigado a acudir; levanta-se, arrasta com suas mãos uma arca; subido nella, despregou o guarda-porta, dobrou-o, entregou-o á velha, e mandou-lhe que se fosse depressa. E é de notar que, provida a porta de nova guarda e novo panno, logo proveu com elle outro pobre, que se lhe poz diante necessitado de roupa; e desde então ficou para sempre desarmada.

(*Idem.*)

### A fonte do Satyro.

Se Claraval tem formosos viveiros de peixe no seu rio, para proveito e recreação, os mesmos tem Bemfica; e não em uma só parte, nem como um só genero de recreação, e o que mais é de estimar dentro da casa: porque, passado o claustro, quem busca a horta do convento, dá a poucos passos em uma praça empedrada, que, ficando na parte mais alta, e como a meia ladeira da cerca, descobre grande parte do valle. Aqui sahem os religiosos a gosar do fresco da tarde em o verão, e o soalheiro no inverno, depois que

deixam o refeitório. Porque, além da vista desabafada e larga para fóra, tem na mesma praça, de uma parte uma graciosa fonte, e da outra um espaçoso tanque, que cada cousa per si alegre e deleita os olhos.

A fonte se faz em um arco, que, formado de brutescos varios e vistosos, arremeda uma gruta natural. Dentro parece assentado um grande e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda a sua figura mostra um rosto risonho e alegre, uma simplicidade montanheza, com que está convidando a beber de uma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda; da qual sai um formoso torno de agua; e juntamente com a direita acode, como arrependido, a cobril-a; e faz geito de a querer retirar, dando com uma e negando com outra. A agua é, quanto póde ser, excellente; e de uma qualidade propria das que nascem nas serras: fria e desnevada na maior força do sol do estio, temperada no inverno como um banho. Acompanham a gruta de um e outro lado, em igual distancia, dous grossos e altos pilastrões, que sendo feitos de boa cantaria para estribo de uma abobada a que se arrimam, foi a natureza cobril-os de uma herva muito espessa e viçosa, que, subindo por elles até á mór altura, assim esconde e senho-reia a pedraria, que faz parecer foram fundados mais para a honra da fonte que segurança do edificio; assim ajuda a natureza a arte, e o occidental ao bem cuidado.

E porque entre gente que professa lettras, é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso a quem folga de o ver, com um verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar, nem tornar atraz, ao modo daquelle licor que lhe sai das mãos. Advertencia de sabio, não de rusticos: que aguas e annos, se se não aproveitam com bons empregos, perdidos são e pouco de estimar.

Cai a agua, por não pejar a praça, em um pequeno tanque, e, deixando-o cheio, some-se nelle e vai por baixo da terra fazer outra fonte na bocca de um leão. E' de ver

aquelle rosto fero coberto de guedelhas crespas e medonhas, que ameaçam sangue e morte, feito ministro de mansas aguas. Verdadeiro poder e symbolo da religião, que amansa leões e faz satyros doutos.

(FREI LUIZ DE SOUZA, *Hist. de S. Domingos*, parte II, cap. III.)

### Fome em Portugal.

Padecia nesse tempo o reino de Portugal calamitoso aperto de fome; porque, quanto mais corria o anno de 22 em que vamos, tanto maior era o trabalho. Crescia a falta, gastando e comendo o povo esse pouco pão que havia. Castella não podia ajudar, porque a esterilidade do anno de 21 fôra igual nella. De França não vinha nada, respeito das guerras que trazia com o imperador. Os pobres do reino acudiam todos a Lisboa, arrastando cõsigo suas tristes familias, persuadidos da força da necessidade que poderiam achar remedio onde estavam o rei e os grandes. Mas aconteciam casos lastimosos. Muitos cahiam e ficavam mortos sem sepultura pelos caminhos, de fracos e desalentados. Os que chegavam a Lisboa pareciam desenterrados: pallidos nos semblantes, debeis e sem força nos membros. Dinheiro não accitavam de esmola, porque não achavam que comprar com elle. Só pão queriam, e este não havia quem o dêsse. Porque algum que ás escondidas se vendia, era a 450 réis o alqueire; o centeio a 200 réis, o milho a 150 réis, que para aquelle tempo era como um prodigio. Viu-se que era açoute do céu em que, correndo muitos navios ás ilhas dos Açores, onde as novidades haviam sido mui floridas, uns se perderam, tornando, á vista da barra de Lisboa, outros forçados de tormenta alijaram ao mar o trigo, para salvarem as vidas.

Foi a origem deste mal não acudir o céu com agua em todo o anno de 21. Estavam os campos tão seccos que, como em outro tempo se despovoou Hespanha por lhe faltarem as chuvas ordinarias, parecia que tornava semelhante desventura. As terras delgadas desfaziam-se em cinza, as grossas apertavam-se e abriam em fenda até ao centro. Assim, em geral, nem no Alemtejo, nem no Algarve, nem na Extremadura chegaram as searas a formar espiga. Em herva seccaram e perderam-se todas. Em Lisboa padecia-se já tanto no outubro de 21, que aconteceu passarem muitos homens oito dias sem tocar pão, comendo só carnes e fructas. E por janeiro e fevereiro do anno de 22, em que vamos, averiguou-se morrerem muitos pobres á pura fome pelas ruas e alpendres de Lisboa.

Abalavam estas miserias as entranhas d'El-Rei. Mandou fazer com tempo grandes diligencias para que descesse de Entre Douro e Minho e da Beira tudo que se achasse de centeio e milho. E, não contente com isto, que todavia foi de muita importancia, despachou navios, á custa de sua fazenda, com letras e dinheiro, que fossem carregar de trigo á França e Flandres.

(FREI LUIZ DE SOUZA, *Annaes de D. João III.*)

---

Dom Frei Amador Arraez nasceu em Beja, e, em 1545, tomou em Lisboa o habito carmelitano. Foi na sua Ordem reitor do collegio de Coimbra; prégador da Real Capella, nomeado por D. Sebastião; e co-adjutor do Cardeal-Infante D. Henrique no arcebispado de Evora. Reinando D. Philippe II, elevaram-n'o a bispo de Portalegre, donde se retirou maguado pelo cabido, indo fallecer em Coimbra, no anno de 1600.

Com grande lhaneza este veneravel autor, no prologo da sua 1.<sup>a</sup> edição (1589), repetido na 2.<sup>a</sup>, de 1604, por elle revista, mas estampada posteriormente á sua morte, declarou não ter sido quem a esta obra dera principio, e sim seu irmão, o dr. Jeronymo Arraez, cujo trabalho elle sómente limara e apurara, "com o estudo que a outro fim tinha dirigido". Provavelmente são os *Dialogos* tanto de Jeronymo, e não de Amador Arraez,

quanto de Cacegas, e não de Frei Luiz de Souza, é a famosa *Vida do Arcebispo*.

Pela segurança da lição moral, assim como pela sadia vernaculidade, não devem taes paginas cahir no menosprezo dos estudiosos.

### Adivinhos.

Maravilhosos homens são os astrologos e adivinhos, que sómente sabem o que está por vir, e do passado e do presente não sabem nada; e assi contam as cousas que no céu se fazem, como si ao conselho dos seus moradores houvessem estado presentes, e agora novamente de lá abaixassem. Mas a verdade é que os taes não sabem o que se faz no mundo, nem no céu, nem na terra, nem ainda na sua camara. Não vêem o que trazem ante os pés, e querem saber o que passa sobre as estrellas.

Muitas vezes me espanto da novidade desacostumada que neste linage de homens se acha; e é que em todos os outros uma signalada mentira escurece mil verdades que em sua vida têm dito, e faz d'ahi em deante suspeita qualquer outra que fallem; e nestes uma verdade dita acaso, ou por o não entenderem encobre mil grandes mentiras, e faz que ao publico mentiroso se dê fé; e, se disser que hoje hão de cahir as estrellas do céu, seja crido, e sem suspeita de mentira possa sempre mentir o que uma só vez poudes acertar com verdade.

Os professores da verdade per uma bocca condemnam e reprovam esta pestifera presumpção; Ciceró, entre outros philosophos, zomba della; e não só a religião catholica, mas a verdadeira philosophia, e sua sequaz, a poesia, e os varões santos e todos os que algo sabem, desprezam esta diabolica invenção, exceptos aquelles que ou vivem della, ou cahiram nas suas rêdes, e de erros fabricam seus

ganhos; cujo ardil é encobrir o engano com obscuridade de palavras, dando sempre respostas duvidosas, e de dous entendimentos, para que, de qualquer modo que venha o contingente, possam dizer que já d'antes o haviam prognosticado.

E nisto conspiraram de commum consentimento todos os que seguem esta arte de adivinhar; da qual não ha que maravilhar pois é engano; nem do engano de seus sequazes, que sem letras e experiencia é vão: mas de sua astucia, ousadia e pouca vergonha. Donde veio o que por graça disse aquelle aspero e grave Catão, que se espantava como se não ria um adivinhador vendo outro como elle.

A Pompeio, a Crasso e a Cesar, segundo testifica Marco Tullio, prometteram todos os adivinhos e mathematicos que com mui claro e alegre fim acabariam em sua terra sua bem aventurada velhice; os quaes morreram a ferro, e dous delles miseravelmente, mui longe de Roma e de toda Italia, com as cabeças cortadas, que tanto tempo foram honradas e temidas de todo mundo, e com menosprezo mui feio escondidas, ficando seus corpos despedaçados sem sepultura, ás feras, aos peixes e ás aves para exemplo miserabilissimo da fortuna. E ha quem creia aos adivinhos, que tão verdadeiras cousas prognosticam?

Espere o christão, com igual e socegado animo, não o que as estrellas lhe promettem mas aquillo que o Creador e Governador dellas tem d'elle determinado, fazendo de dia em dia alguma obra tão boa que do seu amor o faça digno; e não entre em seu coração solicitar a estes taes por as cousas que estão por vir, cuja verdade lhe é mais escondida que a qual outro bom varão: e tenha isto por conclusão, que é mui difficil ao homem saber as cousas vindouras e contingentes futuros, e que lhe não convem, inda que seja proveitoso; nem é proveitoso, inda que lhe convenha. A prenunciação do futuro é obra propria de Deus,

que os demonios nunca poderão imitar, e, tratando disso, enganaram com suas conjecturas a Pyrrho e Cresso.

(D. FR. AMADOR ARRAEZ, *Dialogos*, Dialogo I, cap. V, pags. 12-13, da ed. Rollandiana, Lisboa, 1846.)

---

Fr. Vicente do Salvador (Maruim, perto da cidade da Bahia) nasceu em 1564 e falleceu entre 1636 e 1639. Era graduado *in utroque jure* pela universidade de Coimbra, e ordenou-se na Bahia, entrando depois para a ordem franciscana. Catechizou nas capitanias do norte e foi um dos fundadores do convento de S. Antonio do Rio de Janeiro. Em 1624, ao entrar na barra da Bahia, foi capturado pela esquadra hollandeza, e esteve prisioneiro dous mezes. Escreveu uma *Chronica da Custodia do Brasil*, obra extraviada, e uma *Historia do Brasil*, pela primeira vez estampada em 1889.

Não repousa ella sobre estudos archivaes — opina o Sr. Capistrano de Abreu; — mas esta pécha é resgatada pelo tom popular e quasi *folklorico* em que foi escripta. Quanto ao estylo é simples, desataviado e familiar.

### Fundação do Rio de Janeiro.

Posto que o governador Mem de Sá não estava ocioso na Bahia, não deixava de estar com o pensamento nas cousas do Rio de Janeiro, e assim, sacudindo-se de todas as mais, aprestou uma armada, e com o bispo Dom Pedro Leitão, que ia visitar as capitanias do Sul, que todas em aquelle tempo eram da sua diocese e jurisdição, e com toda a mais luzida gente que poudé levar desta cidade, se embarcou e chegou brevemente ao Rio, onde em dia de S. Sebastião, vinte de janeiro do anno mil quinhentos e sessenta e sete, acabou de lançar os inimigos de toda a enseada, e os seguiu dentro de suas terras, sujeitando-os ao

seu poder e arrasando dous logares em que se haviam fortificado os Francezes, posto que em um delles, que foi na aldeia de um indio principal chamado *Iburuguassú-mirim*, que quer dizer "pau grande pequeno", lhe feriram seu sobrinho Estacio de Sá de uma mortifera frechada, de que depois morreu.

Socegadas as cousas da guerra, escolheu o governador sitio accommodado ao edificio de uma nova cidade, a qual mandou fortalecer com quatro castellos, e a barra ou entrada do Rio com dous: chamou á cidade—de S. Sebastião; não só por ser o nome de seu rei, senão por agradecimento dos beneficios recebidos do Santo, pois a victoria passada se ganhou em dia de S. Sebastião; e em este dia, dous annos antes, partiu Estacio de Sá, de S. Vicente para o Rio de Janeiro, e começou a guerra invocando o seu favor, o qual reconheceram bem os Portuguezes, assim em a batalha naval das canôas como em outras occasiões de perigo. Pelo que, ainda em memoria da victoria das canôas, se faz todos os annos em aquella bahia, defronte da cidade, no dia do glorioso S. Sebastião, uma escaramuça de canôas com grande grita dos Indios, que as remam e se combatem, cousa muito para ver.

O sitio em que Mem de Sá fundou a cidade de S. Sebastião, foi o cume de um monte, donde facilmente se podiam defender dos inimigos, mas depois, estando a terra de paz, se estendeu pelo valle ao longo do mar, de sorte que a praia lhe serve de rua principal; assim, sendo lá capitão-mór Affonso de Albuquerque, se achou uma manha defronte da porta do Convento do Carmo, que alli está, uma baleia morta, que de noite havia dado á costa; e as canôas que vem das roças ou granjas dos moradores, ali ficam desembarcando, cada um á sua porta, ou perto della, com o que trazem, sem lhe custar trabalho de carretos, como custa pela ladeira acima. Nem elles proprios lá subiram em todo o anno, e menos as mulheres, se não fôra estar lá a igreja matriz, e a dos padres da Companhia, pela qual causa mora ainda lá alguma gente.



Fundada pois a cidade pelo governador Mem de Sá em o dito outeiro, ordenou logo que houvesse officiaes e ministros da milicia, justiça e fazenda; e, porque haviam ido na armada mercadores, que entre outras mercadorias levavam algumas pipas de vinho, mandou-lhes o governador que o vendessem atavernado; e pedindo elles que lhes pozesse a canada por um preço excessivo, tirou elle o capote da cabeça com colera, e disse que sim, mas que aquelle havia de ser o quartilho, e assim foi, e é ainda hoje por onde se afilam as medidas, donde vem serem tão grandes que a maior peroleira não leva mais de cinco quartilhos.

(FREI VICENTE DO SALVADOR, *Historia do Brasil*, livro III, cap. 12º.)

---

**Frei Antonio Brandão.** Foi um dos historiadores da *Monarchia Lusitana*.

Esta vasta composição divide-se em oito partes.

As duas primeiras são obra do Frei Bernardo de Brito, que no seculo tinha o nome de Balthazar de Brito e Andrade. Era um monge cisterciense e chronista-mór do reino, nascido na villa de Almeida (provincia da Beira) a 20 de Agosto de 1569, e ahi tambem fallecido a 27 de Fevereiro de 1617. A 1.ª parte foi publicada em 1597, e abrange as *historias* de Portugal desde a criação do mundo até ao nascimento de N. S. Jesus-Christo. E a 2.ª estampou-se doze annos depois (1609), continuando as ditas *historias* até Portugal dado em dote ao Conde D. Henrique. Por isto escreveu Costa e Silva, no seu *Ensaio biographico-critico*, ter sido — “Frei Bernardo de Brito um architecto que, encarregado da edificação de um templo magnifico, traçou d'elle uma planta tão vasta que, trabalhando toda a sua vida, apenas conseguiu levantar-lhe o peristilo”.

Sete annos depois de publicada a 2.ª parte da *Monarchia Lusitana* (1616), padeceu acerba critica por parte de Diogo de Paiva de Andrade, filho de Francisco de Andrade, no seu livro *Exame de antiguidades*. Respondeu-lhe o cisterciense Frei Bernardino da Silva em dous volumes, *Defensão da Monarchia*, publicados de 1620 a 1627. A critica naquelles tempos andava de vagar, e a polemica mui compassada.

Continuador da *Monarchia* foi Frei Antonio Brandão, tambem cisterciense e chronista-mór do reino, nascido em Alcobaga a 25 de Novembro de 1584 e fallecido a 27 de Novembro de 1637. A 3.ª parte contém a historia de Portugal desde o

Conde D. Henrique, e todo o reinado de el-rei Affonso Henriques. A 4.<sup>a</sup> vae do tempo de D. Sancho I até ao fim do reinado de D. Affonso III. Ambas estas partes foram estampadas em 1632.

Frei Francisco Brandão, igualmente cisterciense e chronista-mór, nascido em Alcobaça a 11 de Novembro de 1601, e fallecido em Lisboa a 20 de Abril de 1680, é o autor da 5.<sup>a</sup> e da 6.<sup>a</sup> parte, estampadas, uma em 1650, e a outra em 1672. Abrange a 5.<sup>a</sup> parte os successos dos primeiros 32 annos do reinado de D. Diniz; e a 6.<sup>a</sup> a historia dos restantes annos do mesmo reinado.

A 7.<sup>a</sup> parte da *Monarchia* foi escripta por Frei Raphael de Jesus (Guimarães, 1614-1693). Era monge beneditino e historiou o reinado de D. Affonso IV.

Finalmente foi autor da 8.<sup>a</sup> parte o cisterciense Frei Manoel dos Santos (Cantanhede, 1672-1748) que levou a narrativa até a eleição de D. João I.

O excerpto que para aqui trasladámos é de Frei Antonio Brandão, de quem Alexandre Herculano affirmou ser — “uma das mais nobres intelligencias que Portugal tem gerado, e um illustre restaurador da historia patria”.

### Egas Moniz.

Mui celebrada é em nossas historias a ida de Egas Moniz a Castella com sua mulher e filhos, por dar satisfação ao Imperador D. Affonso da promessa feita no cerco de Guimarães. E foi o caso, segundo dizem, que, sentido o Imperador da desgraça passada na rota de Valdevez, e desejando sanear-se desta quebra, fez preparação de gente de guerra com o mór segredo possível, e, entrando em Portugal pela parte de Galliza, se veio quasi repentinamente lançar sobre a villa de Guimarães, aonde então residia a côrte e assistia o infante D. Affonso.

Neste cerco não pôde haver dúvida, porque o confessa el-rei D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, em uma doação do cartorio de Pedroso, que faz a Mem Fernandes, de certas herdades no Couto de Osselo, em terra de Vouga, cuja data é no mez de Maio da era de 1167, que é anno de 1129; e diz que lhe faz esta pollo haver bem servido com Sueiro Mendes, o Grosso, e outros de sua geração no

cerco de Guimarães, que lhe puzera el-rei de Castella, seu parente. São as palavras formaes que declaram isto... Assi que já em Maio de 1129 tinha precedido o cerco em Guimarães.

Havia pouco que esta villa fôra ganhada pelo mesmo infante, que, segundo dão a entender nossos escriptores, deviam seguir as partes da rainha D. Fareja; e assi se conquistaria, ou entregaria, com o castello de Lanhoso e mais forças da sua parcialidade; e por esta causa e brevidade do tempo não estava ainda tambem fortalecida como convinha, nem havia nella a gente de guerra necessaria. Por estas razões julgou o prudente capitão Egas Moniz, aio do infante e principal ministro de suas cousas, ser conveniente usar então de cautela com o inimigo. E assi, passado algum tempo do cerco, sahiu fóra da villa, e, pedindo audiencia particular do Imperador, lhe soube propôr com tão boa ordem o estado das cousas presentes, como a empresa era de grão difficuldade pela fortaleza da villa, valor do infante D. Affonso e da gente portugueza que dentro estava, a qual era pela maior parte exercitada em guerras, e com a memoria fresca da victoria de Valdevez estava mais animada. Que considerasse, como principe catholico, não serviam para mais estas dissensões entre os reis christãos que de consumirem as suas forças, de propôr aos Mouros alegre espectaculo e lhe facilitar as empresas. Com estas e outras razões obrigou Egas Moniz ao Imperador levantar o cerco; ajuntando-se, segundo dizem, a promessa que fez de obrigar o infante a ir ás côrtes de Leão nas occasiões que as houvesse. O que eu não approvo, fundado no que fica dito da soberania de Portugal, e só admitto a promessa de se restituirem algumas terras que os Portugueses possuíam em Leão e Galliza.

Não soube o infante D. Affonso destes tratos, e assi ficou admirado, quando viu repentinamente levantar-se o cerco; e cheio de indignação, quando lhe constou da promessa que fizera o seu aio. Mas elle, como tinha traçado o cunprimento della por ordem differente do que se ima-

ginava, soube appacar a ira do principe na occasião presente com razões efficaces, e pelo tempo adiante dar satisfação ao que havia promettido, por um modo raro, qual foi ir-se a Toledó com sua mulher e filhos, e apparecer ante o Imperador D. Affonso em trajos humildes, com cordas ao pescoço, offerecendo sua vida propria, e dos seus, a troco da palavra mal cumprida. E posto que este espectáculo causasse ao principio indignação naquella princeza, comtudo, tomando melhor accordo, e com o parecer dos grandes de sua côrte, fez bom acolhimento á illustre familia e deu por quite o leal vassalo de sua promessa. E com isto fizeram volta a Portugal, e todos alegres pelo bom successo, e com exemplo de fidelidade, e imitação pouco vulgar aos futuros.

Reprovam alguns autores esta historia, e se persuadem ser equivocação ou engano de outra semelhante, que poucos annos acontecera em Castella. E foi que, quando el-rei D. Affonso de Aragão fazia guerra em Castella contra sua mulher a rainha D. Urraca, o conde D. Peransures, não obstante que havia feito homenagem a el-rei de algumas fortalezas, as entregou depois á rainha. E ainda que a acção parecia justificada, por ser aquella princeza rainha proprietaria, a quem seus vassalos deviam obediencia, cuidadoso depois, da fé que a el-rei de Aragão tinha dado, se foi offerecer como réo, com uma corda ó pescoço, para que lhe dêsse o castigo merecido. Alterou-se el-rei ao principio com aquella vista, e, reportando-se depois, e ainda advertido pelos seus, como aquelle cavalleiro comprira bem com o que devia a sua lealdade, o tratou bem, e com palavras de louvor e honra lhe perdoou aquella offensa. Com este successo querem se enganassem nossos historiadores, referindo outro semelhante de Egas Moniz, o qual têm por fabuloso. Mas não sei que contradição ou dúvida póde haver no exemplo de lealdade que deu Egas Moniz, por haver precedido outro no conde Peransures, quando a verdade do primeiro facilita mais a possibilidade e verdade do segundo.

Reprovam mais a ida de Egas Moniz a Castella na forma referida, por notarem indecencia em elle e seus filhos irem meios despidos, e a mulher em trajo pouco decente, não vendo que, além do exemplo do conde D. Peransures, varão insigne e veneravel d'aquella idade, já antigamente precedêra outro no consul Mancino, sem o julgar por indecente a antiguidade. Estando no cerco de Numancia o consul Mancino Hostilio, se mandou entregar despido e maniatado aos inimigos, vendo que faltavam os Romanos aos de Numancia em alguns concertos que tinham feito. Porém elles que se não prezavam menos de vencer os Romanos com primores que com esforço e armas, deixaram ir o consul livremente, dizendo se não satisfazia bem a quebra da fé publica com o castigo de uma particular pessoa, ainda que tão principal como era o consul. Feito insigne e bem-afortunado, e de igual louvor a ambas as partes, a que não ficou inferior a ida do illustre Portuguez a Castella; a qual não é bem que se negue só por conjecturas mal fundadas.

Já tenho advertido que as historias antigas não devem ser reprovadas com facilidade, pois a tradição é de muita força, e só se devem emendar quando houver escripturas e doações autenticas que as contradigam. Mas querer annullar o que ellas dizem sem fundamento de escripturas, por parecer proprio e discurso particular (como fazem alguns) nem merece louvor nem deixa de ser atrevimento. Esta ida de Egas Moniz a Castella está fundada na tradição antiga, escripta por nossos autores, e pelos estranhos, não contém indecencia ou impossibilidade alguma, nem se reprova por escripturas ou doações: não vejo porque se haja de negar.

(DR. FREI ANTONIO BRANDÃO: *Terceira parte da Monarchia Lusitana*, Lisboa, 1632. — Pags. 95 v. e 96.)

Jacinto Freire de Andrade (Beja, 1597-1657) abbade de S. Maria das Chans, escreveu poesias de pouco merito e a *Vida de D. João de Castro*, na qual se nota por vezes a animação da narrativa de par com a pureza da phrase. O Sr. Theophilo Braga o dá como — “vicioso panegyrista imposto pela superstição classica”; mas não esqueçamos que o mesmo erudito não poupou a supremacia stylistica de Fr. Luiz de Souza, acoimando de prestigio a tradicional admiração por esse vulto das letras. Felizmente logo o Sr. Theophilo Braga equipara o prestigio de Fr. Luiz de Souza, entre os que fallam portuguez, á — “monomania da admiração de Racine para os Francezes”.

### Morte de D. João de Castro.

Achava-se D. João de Castro gastado, menos dos annos que dos trabalhos de tão continuas guerras, com que veio a cahir rendido ao peso de tão graves cuidados. Enfermou gravemente, e descobriu a doença em poucos dias indicio de mortal; o que elle conhecendo pela molestia de repetidos accidentes, se alliviou da carga do governo. Chamou o bispo D. João de Albuquerque, D. Diogo de Almeida Freire, ao Dr. Francisco Toscano, chanceller mór do Estado, a Sebastião Lopes Lobato, seu ouvidor geral, e a Rodrigo Gonçalves Caminha, vedor da fazenda, aos quaes entregou o Estado com a paz dos principes vizinhos, assegurada sobre tantas victorias. Mandou vir a si ao governo popular da cidade, ao vigario geral da India, ao guardião de S. Francisco, a Fr. Antonio do Casal, a S. Francisco Xavier e aos officiaes da fazenda d’el-rei, a quem fez esta falla:

“Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao viso-rei da India faltam nesta doença as commodidades que achamos hospitaes o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a commerciar ao Oriente; a vós mesmos quiz empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabellos da barba,

porque, para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias nem baixellas. Hoje não houve nesta casa dinheiro com que se me comprasse uma gallinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salarios do governador, que os soldos de seu rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos. Peço-vos que, emquanto durar esta doença, me ordeneis da fazenda real uma honesta despesa, e pessoa por vós determinada, que com modesta taxa me alimente."

E logo pedindo um missal, fez juramento sobre os Evangelhos que até a hora presente não era devedor á fazenda real de um só cruzado, nem havia recebido cousa alguma de christão, judeu, moiro ou gentio; nem para autoridade do cargo ou da pessoa tinha outras alfaias que as que de Portugal trouxera; e que ainda a prata, que no reino fizera, havia já gastado, nem tivera jámais possibilidade para comprar outra colcha que a que na cama viam; só a seu filho D. Alvaro fizera uma espada guarnecida de algumas pedras de pouca estima para passar ao reino. Que d'isto lhes pedia mandassem fazer um termo, para que, se alguma hora se achasse outra cousa, el-rei como perjuro o castigasse. Esta pratica se escreveu nos livros da cidade, a qual se poderá ler como instrucção aos que lhe succederam: nos quaes, creio, ficou a memoria mais viva que o exemplo.

Logo que o viso-rei entendeu que era chamado á mais dura batalha, fugindo á importuna diversão dos cuidados humanos, se recolheu com o padre S. Francisco Xavier, buscando para tão duvidosa viagem tão seguro piloto: o qual lhe foi, todo o tempo que durou a doença, enfermeiro, intercessor, e mestre. Como não adquiriu riquezas de que dispor de novo, não fez outro testamento que o que deixou no reino, quando passou a governar a India, em mãos do bispo de Angra D. Rodrigo Pinheiro, com quem o tinha communicado. E, recebidos os sacramentos da Egreja, ren-

deu a Deus o espirito em 6 de junho de 1548, aos quarenta e oito de sua idade, e quasi tres do governo daquelle estado.

(J. FREIRE DE ANDRADE, *Vida de D. João de Castro*, liv. IV.)

---

Francisco Rodrigues Lobo, natural de Leiria, nasceu em data incerta e morreu afogado no Tejo, entre 1624 e 1627. Nunca figurou na vida publica; mas nas letras grangeou renome como autor de composições bucolicas, que o fizeram cognominar o *Theocrito portuguez*; de um poema heroico, *O Condestabre* que merecidamente cahiu no olvido; e de uma obra dialogada sobre assumptos de moral e critica litteraria, *Côrte na aldeia e noites de inverno*. Pela pureza da linguagem sentenciam os competentes que elle é digno de hombrear com os principaes classicos; e a propria severidade do Sr. Theophilo Braga, que por enfadonhas condemna as pastoraes, admira o senso artistico predominante nas poesias em que foi respeitado o sentimento tradicional.

### Contente com a sorte.

Ha mais de sessenta annos que nasci detraz daquelle penêdo, que daqui apparece no alto da serra; e de então até agora, nem vi mais terra que a que d'elle se descobre, nem desejei outras de quantas ouvi gabar a meus natr-raes; nunca tive de meu outro bem maior que não desejar os alheios, nem outro mal que me dêsse mais cuidado que as occasiões, que o tempo me offereceu, de poder possuir o que os homens estimam e sentem tanto perder, como são enganados.

Sou tão pobre do que a fortuna reparte, que, cada hora que quizer tomar conta de tantos annos, lhe não ficarei



devendo nem um desejo; vivo de guardar gado de outros donos; sou fiel em o tratar, diligente no pasto e remedio d'elle; rico com a parte que me cabe de sua lã e de seu leite, porque della me visto, e delle me sustento; nem quando os fructos são poucos me lastimo, nem quando as novidades são maiores me alvoroço.

Contenta-me o bem; não me assombra o mal. Tenho uma cabana em que vivo, feita por minha propria mão das arvores destas brenhas; não acharás dentro, cousa que deva direitos á vaidade: tudo são instrumentos necessarios ao meu officio de guardador; e, se alguma coisa sobeja, será das que ainda são mais importantes para a vida; d'aqui me levanto contente, e aqui me recolho descansado; porque nem acôrdo com os pensamentos na ventura, nem adormeço com elles repartidos em bens que enganam, e males que os homens escolhem de seu grado. De noite qualquer estrella que vejo, é a minha, porque todas favorecem o meu estado. De dia sempre o sol me apparece de uma côr, porque o vejo com os olhos livres.

Tenho este instrumento, a cujo som canto: quando é bem, me alegre, porque canto para me alegrar; e quando pelo contrario, me não peza muito, porque o não faço para alegrar a outrem.

Quando ha frio e neve na serra, tambem ha lenha nestes montes e fogo nestas pedras, com que me defendo; quando a calma é grande, com o abrigo destas arvores e visinhança daquellas fontes me recreio. Assim são os meus manjares, como é minha vida; nem ella me pede os que me façam damnos, nem eu os tenho.

O meu vestido é sempre desta côr, porque, em qualquer coisa, ainda de menos quantia, é a mudança perigosa. O maior trabalho que tenho, é os pastores com quem trato, porque cada um tem uma vontade e um entendimento, e eu me hei de servir só do meu para com todos;

porém de tal maneira uso delle, que se me não dá do successo que póde acontecer.

Ao avarento não lhe peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o não dar nada a ninguém, e assim não lhe minto nem o molesto. Ao soberbo não me faço grande, por não ficar com elle em contenda. Ao ingrato, ou não o sirvo, porque me não magôe, ou, quando o sirvo, lembro-me que a sua má natureza não póde tirar o preço á obra que de si é boa. Ao fallador calo-me; ao calado descubro-me com tento. Ao doido não lhe atalho a furia. Ao nescio não trabalho por lhe dar razão. Ao pobre não lhe devo. Ao rico não lhe peço. Ao vão nem o gabo, nem o reprehendo. Ao lisongeiro não o creio, e deste modo com todos estou bem e nenhum me faz mal. Não digo verdades que amarguem, nem tenho amizades que me profanem; não adquiero fazendas que outros me invejem, porque, neste tempo, das melhores tres coisas delle nascem as mais damnosas que ha no mundo: da verdade, odio; da conversação, desprezo; da prosperidade, inveja.

Sou qual me vês, e qual eu digo. Não quero parecer outro, nem ser mais do que pareço. Venho muitas vezes a esta fonte, que me pegou sua condição: falla a verdade a todos, e com nenhum tem differença. Costumei-me a estas suas aguas, que, ainda que amargosas, são saudaveis, apagam peçonha, desfazem feitiços e valem contra mordeduras de bicha. Se n'isto que me ouviste, achas alguma cousa que te contente e queres vir commigo, pois é já tarde, te hospedarei na minha cabana, na qual pódes entrar sem temor, dormir sem perigo, e sahir sem saudade. Comerás do leite, ouvirás dos contos e partirás quando quizeres.

(FRANCISCO RODRIGUES LOBO, *O pastor peregrino*, pag. 20.)

### Sobre a lingua portugueza.

— Uma cousa vos confessarei eu, Sr. Leonardo, disse a isto D. Julio, que os Portuguezes são homens de ruim lingua, e que tambem o mostram em dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronunciação como na gravidade e composição das palavras é lingua excellente. Mas ha alguns nescios que não basta que a fallem mal, se não que se querem mostrar discretos, dizendo mal della; o que me vinga de sua ignorancia é que elles acreditam a sua opinião, e os que fallam bem desacreditam a ella e a elles.

— Bravamente é apaixonado o Sr. D. Julio, acudiu o doutor, pelas cousas da nossa patria; e tem razão, que é divida que os nobres devem pagar com mais pontualidade á terra que os creou. E verdadeiramente que não tenho a nossa lingua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, efficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura. Para fallar é engraçada, com modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a musica; para prégar é substanciosa com uma gravidade que auctORIZA as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que damne, nem brevidade esteril que a limite; para historias nem é tão florida que se derrame, nem tão secca que busque o favor das alheias. A pronunciação não obriga a ferir o céu da bocca com aspereza, nem arrancar as palavras com vehemencia do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se falla. Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza e a elegancia da italiana. Tem mais adagios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua an-

tiguidade. E, se á lingua hebréa pela honestidade das palavras chamaram santa, certo que não sei eu que outra tanto fuja de palavras claras em materia descomposta quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada que capa de pedinte.

(*Côrte na Aldeia, Dialogo I.*)

---

Antonio Vieira, padre da Companhia de Jesus (Lisboa, 1608-1697) foi exímio prégador, notavel epistolographo e autor de opusculos de menor valia. Como orador sagrado attingiu universal nomeada, e aos Brasileiros sympathicamente se recommenda como propugnador da liberdade dos Indios, e eloquente adversario da invasão hollandeza. Envolvido nos interesses politicos da época, prestou relevantes serviços á sua patria. Viveu largos annos no Brazil, e em Roma prégou perante o summo pontifice Clemente X. Em sua trabalhosa existencia duas vezes provou as agruras do carcere: no Maranhão, onde foi preso pelos sectarios do escravizamento dos indigenas, e remetido para o reino; e pela Inquisição, que levava a mal certas arriscadas proposições do *Quinto Imperio*.

Posto que pague copioso tributo ao immoderado posto das antitheses, Vieira é um dos melhores mestres da lingua e offerece lato campo de estudo aos amadores da vernaculidade.

### Apóstrophe atrevida.

Finjamos, pois (o que até fingido e imaginado faz horror) finjamos que vem a Bahia e o resto do Brasil á mão dos Hollandezes; que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de hereges: não perdoarão o estado, o sexo nem a idade; com o fio dos mesmos alfanges medirão a todos; chorarão as mulheres, vendo que não se guarda decoro á sua modestia; chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cans; chorarão os nobres, vendo que se não

guarda a cortezia á sua qualidade; chorarão os religiosos e veneraveis sacerdotes, vendo que até as corôas sagradas os não defendem; chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occâsões não perdoou) a des-humanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amor dos innocentes dissestes vós alguma hora, que não era bem castigar a Ninive; mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abrande. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã), tambem a vós ha de chegar. Entrarão os hereges nesta egreja e nas outras; arrebatarão essa custodia em que agora estais adorado dos anjos; tomarão os calices e os vasos sagrados, e applical-os-hão as suas nefandas embriaguezes; derribarão dos altares os bustos e estatuas dos Santos; deformat-os-hão a cutiladas; mettel-os-hão no fogo; não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas nem ás imagens tremendas do Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, Senhor, de que hajais de consentir semelhantes aggravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas nas da Viagem Maria, nas de Vossa Santissima Mãe, não sei como isto póde estar com a piedade e amor de filho. No Monte Calvario esteve essa Senhora sempre ao pé da cruz, e, com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nenhum se atreveu a tocar-lhe nem a perder-lhe o respeito. Assim foi, e assim havia de ser, porque o tinheis vós promettido pelo propheta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo*. Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decoro de Vossa Mãe, como consentis agora que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digais, Senhor, que lá era a pessoa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma Virgem era a arca do Testamento, e só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora?

Bastavam então qualquer dos outros desacatos ás cousas sagradas para uma severissima demonstração vossa, ainda milagrosa. Se a Jereboão, porque levantou a mão para um propheta, se lhe seccou logo o braço milagrosamente, como aos hereges, depois de se atreverem a affrontar vossos santos, lhe ficaram ainda braços para outros delictos? Se Balthazar, por beber pelos vasos do templo, em que não se consagrava o vosso sangue, o privastes da vida e do reino, porque vivem os hereges, que convertem os vossos calices a usos profanos? Já não ha trez dedos que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

Emfim, Senhor, despojados assim os templos, derrubados os altares, acabar-se-ha no Brasil a christandade catholica; acabar-se-ha o culto divino; nascerá herva nas egrejas como nos campos; não haverá quem entre nellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria do vosso nascimento; passará a quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mysterios de vossa Paixão.

Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruida: *Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-hão ermas e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como costumava em semelhantes dias.

Não haverá missa nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os catholicos sem confissão nem sacramentos; prégar-se-hão heresias n'estes mesmos pulpitos, e em lugar de S. Jeronymo e de S. Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão os infames nomes de Calvino e Lutero; beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem, reliquias dos Portuguezes, e chegaremos ao estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: — Menino, de que seita sois? — um responderá: Eu sou calvinista; outro: Eu sou lutherano.

Pois isto se ha de soffrer, Deus meu? Quando quizestes entregar as vossas ovelhas a S. Pedro, examinastel-o trez vezes se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* E agora as entregais d'esta maneira, não a pastores, senão

aos lobos? Sois o mesmo ou sois outro? Aos hereges, o vosso rebanho? Aos hereges, as almas?... Como tenho dito e nomeio almas, não vos quero dizer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer e arrepender, e que não haveis de ter coração para ver taes lagrimas e taes estragos. E se assim é (que assim o estão promettendo vossas entra-lhas piedosissimas) se é que ha de haver dôr, se é que ha de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo que vos contente antes o que vos ha de pezar em algum tempo.

(VIEIRA. *Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as da Hollanda*, prégado na Igreja de N. S. d'Ajuda, na Bahia, em 1640, tomo I.)

### Conjugação do verbo Rapio.

Encommendou el-rei D. João, o terceiro, a São Francisco Xavier, o informasse do estado da India por via de seu companheiro, que era mestre do principe; e o que o santo escreveu de lá, sem nomear officios nem pessoas, foi que o verbo *rapio* na India se conjugava por todos os modos.

.....

Conjugam por todos os modos o verbo *rapio*, porque furtam por todos os modos da arte, não fallando em outros novos e exquisitos, que nem conhecem Donato nem Despauterio.

Tanto que lá chegam, começam a furtar pelo modo *indicativo*, porque a primeira informação que pedem aos praticos, é que lhes apontem e mostrem os caminhos por onde podem abarcar tudo. Furtam pelo modo *imperativo*, porque, como têm o mero e mixto imperio, todo elle appli-

cam despoticamente ás execuções na rapina. Furtam pelo modo *mandativo*, porque acceitam quando lhes mandam: e, para que mandem, todos os que não mandam não são acceitos. Furtam pelo modo *optativo*, porque desejam quanto lhes parece bem; e, gabando as cousas desejadas aos donos dellas, por cortezia sem vontade as fazem suas. Furtam pelo modo *conjunctivo*, porque ajuntam o seu pouco cabedal com o d'aquelles que manejam; e basta só que ajuntem a sua graça, para serem quanto menos meieiros na ganancia. Furtam pelo modo *potencial*, porque sem pretexto nem cerimonia usam da potencia. Furtam pelo modo *permissivo*, porque permitem que outros furtem, e estes comprem as permissões. Furtam pelo modo *infinitivo*, porque não tem fim o furtar com o fim do governo, e sempre já deixam raizes, em que se vão continuando os furtos. Estes mesmos *modos* conjugam por todas as pessoas, porque a primeira pessoa do verbo é a sua; as segundas, os seus criados; e as terceiras, quantas para isso têm industria e consciencia. Furtam juntamente por todos os *tempos*; porque do presente, que é o seu tempo, colhem quanto dá de si o triennio; e, para incluírem no presente o preterito e o futuro, do preterito desenterram crínes de que vendem os perdões, e dividas esquecidas, de que se pagam inteiramente; e do futuro empenham as rendas e antecipam os contractos, com que tudo o cahido e não cahido lhes vem a cahir nas mãos. Finalmente, nos mesmos tempos não lhes escapam os *imperfectos*, *perfeitos*, *plus-quam perfectos*, e quaesquer outros; porque, furtam, furtaram, furtavam, furtariam e haveriam de furtar mais, se mais houvesse. Em summa, que o resumo de toda esta rapante conjugação vem a ser o *supino* do mesmo verbo: — a furtar, para furtar. E quando elles têm conjugado assim toda a voz activa, e as miseraveis provincias supportado toda a passiva, elles, como se tiveram feito grandes serviços, tornam carregados de despojos e ricos; e ellas ficam roubadas e consumidas.

(VIEIRA, *Sermões*, tomo III, pag. 334.)'



## A El-rei.

SENHOR.

Obedecendo á ordem geral e ultima de Vossa Majestade, dou conta a Vossa Majestade do estado em que ficam estas missões, e dos progressos com que, por meio dellas, se vai adiantando a fé e christandade destas conquistas; em que tambem se verá quão universal é a providencia com que Deus assiste ao felice reinado de Vossa Majestade em toda a monarchia, pois no mesmo tempo em que do reino se estão escrevendo victorias milagrosas ás conquistas, escrevemos das conquistas ao reino tambem victorias, que com igual e maior razão se podem chamar milagres.

Lá vence Deus com sangue, com ruinas, com lagrimas e com dor da christandade; cá vence sem sangue, sem ruinas, sem guerra e ainda sem despesas, e em lugar da dor e lagrimas dos vencidos (que em parte tambem toca aos vencedores), com alegria, com applauso e com triumpho de todos, e da mesma Egreja, que, quanto se sente diminuir e attenuar no sangue que derrama em Europa, tanto vai engrossando e crescendo nos povos, nações e provincias que ganha e adquire na America

Trabalharam este anno nas missões desta conquista vinte e quatro religiosos da Companhia de Jesus, os quinze d'elles sacerdotes, divididos em quatro colonias principaes, do Ceará, do Maranhão, do Pará e do Rio das Amazonas. N'estas quatro colonias, que se estendem por mais de quatrocentas leguas da costa, tem a Companhia dez residencias, que são como cabeças de differentes christandades a ellas annexas, a que acodem os missionarios de cada uma em continua roda, segundo a necessidade e disposição que lhes têm dado. O trabalho, sem encarecimento, é maior que as forças humanas, e, se não fôra ajudado de particular assistencia divina, já a missão estivera sepultada com os

que nella, por esta mercê do Céu, conservam e continuam as vidas.

O fructo corresponde abundantemente ao trabalho, porque é grande o numero das almas de innocentes e adultos que dentre as mãos dos missionarios, por meio do baptismo, estão quotidianamente voando ao Céu; sendo muito maior a quantidade dos que, recebidos os outros sacramentos, nos deixam tambem certas esperanças de que se salvam. Porque, ainda que ha outras nações de melhor entendimento para perceberem os mysterios da fé e passarem da necessidade dos preceitos á perfeição dos conselhos da lei de Christo, não ha, porém, nação alguma do mundo que, ainda naturalmente, esteja mais disposta para a salvação e mais livre de todos os impedimentos della, ou seja dos que traz consigo a natureza, ou dos que accrescenta a malicia.

Estes são os fructos ordinarios que se colhem e vão continuando nestas missões, em que ha casos de circumstancias mui notaveis, cuja narração e historia se offerecerá a Vossa Majestade, quando Deus e Vossa Majestade forem servidos de que tenhamos mãos para a seára e para a penna.

Vindo ás cousas particulares: fizeram-se este anno tres missões ou entradas pelos rios e terra dentro; e foram a ellas tres padres com seus companheiros, professos todos de quatro votos, e os mais antigos e de maior autoridade de toda a missão, por serem estas empresas de maior trabalho, difficuldade e importancia, e todas por mercê de Deus succederam felizmente.

O padre Francisco Gonçalves, provincial que acabou de ser da provincia do Brasil, foi em missão ao rio das Amazonas e rio Negro, que de ida e volta é viagem de mais de mil leguas, toda por baixo da linha equinoxial, no mais ardente da Zona Torrida. Partiu do Maranhão esta missão em 15 de Agosto do anno passado de 1658, e atravessando por todas as capitancias do estado, foi levando em sua companhia canoas e procuradores de todas para o

resgate dos escravos, que se faz naquelles rios; e foi esta a primeira vez que o resgate se fez por esta ordem, para que os interesses delles coubessem a todos, e particularmente aos pobres, que sempre, como é costume, eram os menos lembrados.

.....

Maranhão, 11 de Fevereiro de 1660.

(ANTONIO VIEIRA, Carta II, tomo II.)

---

**D. Francisco Manoel de Mello** (Lisboa, 1611-1666). Diz o Sr. Theophilo Braga que foi esse o homem com mais alta concepção da historia de Portugal, no seculo XVII. Este elogio é com referencia á *Historia das Guerras da Catalunha*, escripta em castelhano, e reproduz o juizo encomiastico de Philarète Chasles. Em lingua portugueza são suas melhores obras: *Epanaphoras de varia historia*, *Carta de guia de casados*, *Apologos dialogaes*, *Cartas familiares* e *Obras metricas*.

Foi homem de vida accidentada: militou em Flandres e na Catalunha, teve como rival em amores D. João IV, foi preso como réo de assassinato, permaneceu em prisão nove annos e ao cabo delles partiu desterrado para o Brasil. Alexandre Herculano tinha em grande conta este escriptor, admirando o tacto com que censurava as ridicularias do seu tempo. Castello Branco applaude-lhe a riqueza linguistica.

### Revolução pernambucana.

Preparava-se entretanto em Portugal uma armada para ir em soccorro dos briosos Pernambucanos, que tão denodadamente tinham levantado o grito de liberdade contra os Hollandezes; sahiu com effeito a armada da barra de Lisboa, e appareceu sobre Pernambuco no dia 20 de Dezembro; no dia 25 ajuntaram-se todos os cabos de mar e terra, tendo primeiro logar João Fernandes Vieira, principal instrumento de toda aquella empresa; e foi então que o acerto dos conselhos deu direcção e ordem á ousadia de

espíritos inquietos e agitados. Propoz-se o ataque em toda a linha de fortificação, que era assaz longa, no dia 15 de Janeiro, e, quando eram 26 do mesmo mez, tremulavam triumphantes as quinas portuguezas nos baluartes onde d'antes se despregavam ufanas as cores hollandezas.

Neste accommettimento fez-se mui notavel o cabo Henrique Dias, governador das Minas, o qual, sendo encarregado de tomar de assalto o forte de Altané, chamou primeiramente seus soldados, e, com razões e exemplos do esforço dos brancos, lhes mostrou *como o valor não consiste nas côres*; e com tal energia e com tão boa fortuna se abalançou á empresa, que em pouco tempo estava senhor daquelle reducto.

Não menos se distinguio um celebre Camarão, cabo dos Indios, homem astuto e valoroso: este, com tresentos de seus soldados, rodeou pela parte da Barreta, passando tanto avante que foi achar uma casa forte guarnecida de Hollandezes armados, a qual accommetteu e desalojou a um tempo; seguindo-os depois até ao forte da Barreta, onde, encerrados e de novo accommettidos, assim de repetidas cargas como de temeroso alarido, conceberam não menos terror pelas armas que pelas vozes, a quem a escuridão da noite fazia mais horriveis; de sorte que, desesperando da defesa, salvando-se uns, perdendo-se outros, retirando-se muitos, desampararam todos o forte, que em breve cahiu nas mãos de Camarão, sem golpe de espada nem tiro de mosquete: tal era o respeito que a este cabo tinham os inimigos.

A estas gentilezas de valor e muitas outras que a historia refere, a estes reflectidos conselhos, e mais que tudo á presteza e diligencia com que os cabos souberam aproveitar o ardor daquelle povo, que pugnava por expulsar um jugo extranho, se deve o glorioso acabamento daquelle facção, que será sempre pela fama applaudida e de grande gloria para os habitantes de Pernambuco.

(D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO,  
*Epanaphoras.*)

### A um parente moço que partia para a guerra.

Ide com Nosso Senhor. Lembrai-vos sempre delle e de quem sois. Fallai verdade. Não aporfieis. Perguntai pouco. Jogai menos. Segui os bons; obedecei aos maiores. Não vos esqueçais de mim. E sede embora Plinio Junior, que, se tudo isto fizerdes, ainda sereis mais. Deus vos leve, defenda e traga. — Torre, sabbado.

(IDEM. — *Cartas familiares*, Carta, 97<sup>a</sup>.)

---

Manoel Bernardes (Lisboa, 1644-1710) escreveu numerosas obras: *Sermões e praticas*; *Luz e calor*; *Nova floresta*; *Tratados varios*, incluído o *Pão partido em pequeninos*; e os *Fins do homem*.

Foi presbytero da Congregação do Oratorio e, no dizer de imparciaes julgadores, tão infatigavel obreiro das lettras como das virtudes. Seus escriptos, ou religiosos, ou simplesmente philosophicos respiram moral purissima e tão desataviada quão venusta em sua singeleza. Francisco José Freire dá Bernardes como imitador de Vieira; mas erradamente, e muito mais criterioso se mostrou Castilho (A. F.), no paralelo que traçou entre os dous escriptores, e que se lê em outro logar desta *Anthologia*.

### Os tres risos.

Estando em artigo de morte um padre antigo do famoso déserto de Scitin, os outros monges, rodeando-lhe a pobre cama ou esteira em que jazia, choravam amargamente. Neste ponto abriu os olhos e sorriu-se; d'alli a pouco tempo tornou a rir, e, depois de outro breve intervallo, terceira vez deu a mesma mostra de alegria. Causou isto nos circumstantes não pequeno reparo, por ser austera a

pessoa, e formidável a hora; perguntaram a causa, e respondeu-lhes: "A primeira vez me ri, porque vós outros temeis a morte; a segunda, porque temendo-a não estais aparelhados; a terceira, porque já lá vai o trabalho, e vou para o descanso."

Tornou então a cerrar os olhos, e desatou-se seu espirito.

(MANOEL BERNARDES. — *Nova Floresta*, tomo I.)

### Consolação.

Querendo Solon, philosopho atheniense, consolar a um amigo seu, opprimido de vehemente tristeza, o levou a uma torre eminente, d'onde se descortinava toda a cidade, e lhe disse: "Considerai, amigo, quantos prantos, lutos, afflicções, desgraças e trabalhos estiveram já e actualmente estão debaixo destes telhados, e estarão successivamente pelos tempos vindouros, sem haver dia vago em que a morte, ou infortunio, não andem visitando já esta, já aquella casa. Pelo que, não sendo só vós quem padece, accommodai-vos á condição dos outros mortaes."

A sociedade nos trabalhos aligeira o peso d'elles, como a singularidade os aggrava. Ao grande Alexandre, já vencedor de Dario, caminhando para Persepolis, sahiram ao encontro quasi oitocentos homens, os mais delles velhos, aos quaes os antepassados reis da Persia tinham torpemente mutilado os narizes e labios. Alexandre, compadecido da sua affronta e miseria, lhes offereceu honesto conducto para suas patrias. Porém elles deliberaram ficar antes juntos na terra onde viviam, porque deste modo se não podiam rir uns dos outros. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades, uns na honra, outros na saude, outros na fazenda, outros na sciencia, outros na

limpeza do sangue, outros em outras cousas; e accommo-demo-nos a viver juntos, porque ninguem tem que rir do seu proximo.

Quem quizer saber quantos são ao todo os filhos de Adão, conte primeiro quantos são os afflictos e attribulados; porque nenhum que participasse da sua natureza, ficou isento de herdar suas miserias, e assim tantos consoladores achará n'estas, quantos irmãos tem n'aquella.

Artaxerxes, rei, sentiu com tal extremo a morte de um seu amigo que pretendeu resuscital-o, e, ouvindo os retumbantes écos de fama da grande sciencia de Democrito, o chamou a si desde Ionia.

— Difficultosa, cousa pedes, ó rei, disse o philosopho affectando sisudeza, e dissimulando a impossibilidade; porém, se fizeres o que eu te disser, confio, poderei obrar o que me mandas.

Prometteu o rei tudo, assignando em branco, e parecendo-lhe que já via o seu desejado amigo saltar da sepultura.

— Eia, disse Democrito, escrevam-se no tumulo do defunto os nomes de trinta homens que chegassem aos vinte annos de sua idade sem padecer queixa alguma, nem no corpo, nem na alma, e logo resuscitará.

Mandou o rei fazer logo a diligencia; porém até o fim do mundo poderia continuar-se sem effeito; porque de semelhantes privilegios não ha um só, quanto mais trinta. E, se ainda antes de nascermos já todos somos miseraveis, qual será o que no encerramento das suas contas não lhe passe a despesa do que padece pela receita do que vive? No mundo todo não ha mais que tres classes de homens: uns innocentes; outros peccadores, mas já arrependidos; e outros peccadores, mas ainda obstinados. E para que todos soubessem que haviam de ter cruz, três cruces se arvoraram no monte Calvario: uma para Christo, e esta toca aos innocentes, outra para Dimas, e toca aos arrependidos; outra para Gestas, e toca aos obstinados.

(Idem.)

### Quem quer vai...

A este ponto faz o apologo que se conta das cotovias que tinham seus ninhos entre as searas.

Dissera o dono do campo a seus criados, que tratassem de metter a fouce, se vissem os pães já sazonados. E, ouvindo este recado uma d'ellas, foi pelos ares avisar as outras que mudassem de sitio, porque vinham logo os segadores. Porém outra mais velha as aquietou do susto dizendo:

— Deixemo-nos estar, que de mandar elle os criados a fazer-se a obra vai ainda muito tempo.

D'alli a alguns dias ouviram que o amo se agastava com os criados, porque não tinham feito o que lhes encommendara, e que mandava sellar a egua para elle mesmo ir ver o que convinha.

— Agora sim, disse então aquella cotovia astuta, agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe dóe a fazenda.

A moralidade desta fábula explica-se perfeitamente com o proverbio portuguez: *Quem quer vai, quem não quer manda.*

(Idem.)

### Amigos !

Amizade procedida de comer e beber e passear juntos não merece o nome de tal, nem póde ter firmeza. Assim o convence a razão e assim demonstra a experiencia. Mas, de mais a mais, ouçamos os votos da autoridade sagrada e profana. Primeiramente o Ecclesiastes: "O amigo socio da mesa não o acharás contigo no dia da necessidade." São



Gregorio Nanzianzeno, ajuntando este signal dos amigos falsos com o outro que diziamos dos verdadeiros, escreveu:

*"De amigos bons estimação se faça  
"Por prova de perigos, não da taça."*

Amigo ao tempo de jantar e cear é dos que Cornelio Alapide chama — *amici ollares* — olha para a ôlha, o dos que se comprehendem no dictado: "Ferve a amizade, se a panella ferve." Tal era o que descreveu Marcial:

"Este que as mesas têm feito  
E os falernos teu amigo,  
Cuidas guardará contigo  
Verdadeiro e fiel peito?"

"De ser amigo dá mostras,  
Mas resta saber de quem:  
D'aquillo que sabe bem,  
Vinho, salchichões e ostras."

Perguntado Diogenes que tratamento dava el-rei Dionysio a seus amigos, respondeu: "Usa delles como de vasos: enquanto cheios, despejal-os; quando já vãos, despedil-os."

(*Idem*, tomo I.)

### Vaidades feminis.

Tenho reparado em que os Latinos a este ornato e ade-  
reço de mulher chamaram *mundo*; e quer parecer-me que  
este nome não só quadra ao seu significado, enquanto  
quer dizer limpeza, senão enquanto quer também dizer o  
mesmo mundo; porque de todo o mundo leva esta nau

generos, e todo o mundo é necessario concorrer para ornar uma mulher. Por onde, se S. Gregorio achou, com verdade, que a creatura humana era todo o mundo, porquanto com umas creaturas convém no ser, com outras no sentir, e com outras no entender, participando tambem o ornato de uma mulher de cada região do mundo alguma cousa, com razão e verdade se chama esse ornato mundo.

Vejamol-o mais em particular. Dos reinos de Decão e Bisnagar e Golconda, na India Oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scythia e Egypto, esmeraldas; dos reinos de Pegú e da cidade de Calecut e da ilha de Ceylão, saphyras; do seio Persico, entre Ormuz e o Bassorá, da Sumatra ou Taprobana, da ilha Bornéo, e, em Europa, d'Escocia, Silesia e Bohemia, leva perolas; do porto de Julfar da Persia, leva aljofar (que dahi se derivou este nome); da cidade de Syene, no Egypto superior e do mar Tyrrheno leva coraes, que se se desterraram já dos rosarios e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas; dos campos de Piza e dos montes Alpes leva crystaes; do mar da Suevia e de Lubeca leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Phaetonte, choradas solemnemente cada anno pela sua desgraça; dos reinos de Monomotapa e Solafa, na Cafraria, e da região de S. Paulo, na nossa America, leva ouro; do serro de Potosi, nas conquistas d'el-rei catholico, leva prata; de Allemanha, os camafeus, de Moscovia, as zebelinas e martas, e do Palatinado as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos Suizaros, os arminhos; do Brasil, os saguins para manguitos, e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro, em Phenicia, a purpura; da serra da Arrabida, grã; de Portugal e Castella, a côr; de Veneza e Hollanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Cordova e Hungria, ao menos as receitas para as aguas odoríferas d'este nomes; das Indias de Castella, a almeia e o óleo d'ella para as mãos; de Touquem, o almiscar; do Maranhão e Ceará, o ambar; de Angola, de Guiné e Cabo Verde, a algalia; das

nossas Indias, o calambuco e aguila, os canequins e paninhos de côco, e os toribios; da Africa, as pennas dos avestruzes, para os cocares de plumas; da China, os lós, os leques e as chitas; de Granada, os tafetás; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambraia, as teias finissimas e candidissimas que têm este nome; de Guimarães, as linhas; de Lyão de França, as primaveras; de Modaba, na Persia, e de Italia, as télas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova e Napoles, os chamelotes; de França, as luvas, os signaes para o rosto, e tambem os leques, uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno; de Inglaterra, as meias, fitas e relóginhos de algibeira; da Arabia, a gomma, que tambem serve officio neste mundo; da Batalha, os azeviches para dar figa aos mãos olhos.

Que mais? E' necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras, que se esbulham das perolas, senão tambem com as tartarugas, que desarmam as costas para pentes e cofrinhos, e com as baleias, que empenham as barbas para sahir um justilho ou prepõem bem desarrugado; são necessarios de varias partes varios materiaes para bocetas, escriptorinhos, bahús, guarda-roupas, para recolher nos camarins e escaparates este mundo abreviado; são necessarios vidrinhos e garrafinhas, e redomas e bocetas, curiosa e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia de ingredientes liquidos e seccos, simples e confeccionados, que servem de estender o dia da formosura, quando já vêm cahindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer na cara ao desengano, que mente. Que mais? são necessarias até as nuvens do céu, para a primeira agua de maio, que opinaram fazia o carão lustroso; são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda. Estava para dizer que são necessarios até os demonios; porque, assim como a mão de Deus ajudou (como diz o Texto Sagrado) a formosura de Judith, porque se ordenava a intento santo e de sua gloria, assim

tenho para mim que sem a mão do demonio não poderá o appetite humano inventar e dispôr e applicar tanta vaidade e curiosidade...

(Idem.)

### Generosidade.

Com a arte de cortez e liberal ganhou o coração de todos D. Jayme (ou Gemes) IV, duque de Bragança. Quanto suas affabilidades o comediavam com todos, tanto seus beneficios o singularizavam sobre todos. Como sua casa era real, tinha honra de casa a montes; e assim não receava que se gastasse.

De sua liberalidade pia contarei os seguintes dous casos breves, que achei em uns antigos manuscriptos, que apontava um curioso daquelle tempo.

Estando fóra de Villa Viçosa, côrte sua, escreveu ao seu esmoler: Que sendo já passados dous mezes de ausente, e havendo-lhe deixado só seiscentos mil réis para esmolos, se admirava de lhe não ter mandado pedir mais.

Outra vez, recolhendo-se, já perto da noite, do campo de Veiros, onde tinha andado á caça, ouviu gemer um homem ao pé de uma arvore; e, mandando que lh'o trouxessem á sua presença, lhe perguntou quem era, e porque gemia.

— Sou, disse elle, um homem pobre, que vivo n'estes campos, e vinha esperar o duque, porque me disseram que era facil em soccorrer os necessitados.

— Aparai o chapéo, disse logo o duque.

E tirou uma bolsa grande, que trazia pendente na cinta para semelhantes occasiões; e, lançando-lhe dentro uma mancheia de dinheiro, perguntou:

— Quereis mais?

Calou o pobre, e o duque lançou segunda mancheia de dinheiro, tornando a perguntar:

— Quereis mais?

E, ouvindo a mesma resposta, que era não responder, chamou um criado, que lhe costumava trazer esses soccorros, e foi lançando até que ia enchendo a cópa do chapéo; e então o pobre mais por vergonha que por vontade (ao que se deixa entender) disse:

— Basta, não quero mais.

E o duque, sorrindo disse:

— Graças sejam dadas a Deus, que vos fartei de dinheiro!

E mandou a outro criado de cavallo que o levasse seguro a Veiros, por ser já de noite. Este foi o cogulo da medida, que o pobre não advertiu ser-lhe necessario, porque não lhe succedesse perder de uma vez em algumas mãos roubadoras o que adquirira por tantas de outras mãos liberaes.

(*Idem*, tomo IV.)

### Impostores de sciencia.

Lipsio diz que era costume da milicia romana, quando algum soldado blasonava da façanha que não obrara, castigal-o o tribuno com o venablo, e com nota de infamia; se houvera de andar semelhante correição pelos ostentadores de engenho, muitos tribunos eram necessarios. Não lhes falta todavia o castigo no riso e desestimação dos que os conhecem. O padre Hieremias Draxelio no seu *Phaetonte* traz dous graciosos casos que comprovam o intento. O primeiro succedeu ao insigne Thomaz Moro: sendo enviado a Carlos V, que assistia então em Bruxellas, se encontrou na aula do Cesar com um destes ostentadores, o qual se atreveu a affixar um cartel em que promettia responder

em certo dia e logar a qualquer ponto ou questão de direito, ou de humanas lettras, que lhe fosse perguntada.

Thomaz Moro, para rebater a soberba thrasonica do homem, lhe propoz esta pergunta: Se os animaes caçados em Withermania são irreplegíveis?

Pasmou o miseravel, ouvindo a proposta, e, como nem o sentido d'ella entendia, não poudé dizer palavra.

E começaram logo os assobios e risadas do auditorio; com que de todo perdeu a confiança, lucrando na sua humilhação o seu desengano.

O outro caso succedeu ao Padre Jorge Scherer, da companhia de Jesus, com o dr. Paulo Florenio, apostata de certa religião. Gloriava-se este de mui versado nas linguas grega, hebraica, syriaca, chaldaica e outras muitas. Viera á mão do padre Scherer uma nomina, das que as velhas costumam pendurar ao peito dos meninos por defensivo de febres ou casos desastrados; estava escripta em caracteres desconhecidos, e quiz averiguar o que continham, para o que foi valer-se da pericia do dr. Florenio, que a fama celebrava. Mostrou-lhe o papel, e elle, sem muita detença, affectando conhecimento antigo daquella especie de caracteres, disse: — Estas são palavras dos sacerdotes egypcios, que usavam no rito dos seus sacrificios.

Voltou o padre para a casa, e, porque suspeitava já a mentira, fez segundo exame nesta fórma. Escreveu em outro papel tres palavras de sua lingua materna (que era allemã) viradas as lettras da ultima para a primeira. Põnhamos o exemplo traduzido em portuguez, para vermos melhor o extraviado da interpretação que lhe foi dada: — *andam os patos sem sapatos*. Inversa a ordem das lettras dizia: *madna so sotap mes sotapas*.

E logo tomou por companheiro o padre Christiano, que lia theologia, e o fez participante do segredo. Foram buscar a interpretação do mesmo oraculo. E elle, nada menos confiado, respondeu:

— Isto é o mesmo que tenho dito a V. P. do outro papel: são formulas dos Egypcios, quando sacrificavam.

Ouvindo isto o padre Christiano, tomou depressa a porta, porque não podia reprimir o riso; mas o padre Scherer, representando sisudeza, lhe rendeu graças pelo beneficio, e sahiu com o desengano que desejava.

Eis aqui os tribunos da milicia litteraria castigando os soldados que blasonavam falsas valentias.

(*Idem.*)

### Contemplação.

Olha, alma minha, para essas altas serranias e talhados penhascos, que assoberbam os valles e a campanha.

Servem de agigantados ossos da vasta corpulencia da terra, de mães de agua para a escondida origem dos rios e fontes; de seios onde o calor do sol e complecção dos elementos forjam lentamente os metaes e endurecem as pedreiras; servem de paredes que repartem os aposentos das nações; servem de torres e atalaias, em que os espiritos solitarios acham refugio da turbulencia do seculo, e vista livre para se enamorarem das visinhanças do céu.

Oh! Creador amabilissimo! Como tudo isto me está com mudas vozes significando o acertado de vossas disposições, o robusto de vosso braço, e o movel de vosso throno!

Volta os olhos para esses amenos prados e varges fertilissimas. Que alegre estava o espirito do Creador, quando os fez rir em tantas variedades de flores!

Que liberal, quando os coroou de tanta abundancia de fructos! Entre todas as naturezas insensiveis, as flores parece que com mais expressos acenos estão forcejando por remedar a formosura do seu autor. A rosa, desatando do nó verde sua rubicunda pompa, amanhece dizendo-me: Oh! como o nosso Deus é suave e engraçado!

A açucena responde de outra parte: Oh! como é candido e puro! E os lirios, com o seu azul finissimo, parece estão gritando: Oh! céu! oh! alturas!

A variedade d'ellas é tanta que não sei onde havia thesouros de tão diferentes idéas que as desenhassem; e, quando cuidamos, pelas que de uma região conhecemos, que poucas mais haverá nas outras, apparecem novos exercitos da florida primavera, següendo são novos os climas e terrenos que se descobrem! Em uma o feitio é tão exquisito, que parece que seu artifice estava então curioso e applicado; em outras direis que se valeu do pincel, segundo as salpicou de varios matizes; outras vão lavrando pela terra, tão emboscadas que, primeiro que a sua cor, as descobre a sua fragrancia.

(IDEM. — *Luz e calor.*)

### Como passa o tempo...

Estando um monge em matinas, com os outros religiosos do seu mosteiro, quando chegaram áquillo do psalmo onde se diz que *Mil annos á vista de Deus são como o dia de hontem, que já passou*, — admirou-se grandemente, e começou a imaginar como aquillo podia ser.

Acabadas as matinas, ficou em oração, como tinha de costume, e pediu affectuosamente a Nosso Senhor se servisse de lhe dar intelligencia daquelle verso. Appareceu-lhe ali no côro um passarinho, que, cantando suavissimamente andava deante delle dando voltas de uma para a outra parte, e deste modo o foi levando pouco a pouco até um bosque que estava junto do mosteiro, e ali fez seu assento sobre uma arvore, e o servo de Deus se poz debaixo della a ouvir. D'ali a um breve intervallo (conforme o monge julgava) tomou o vôo e desapareceu com grande magua do servo de Deus, o qual dizia mui sentido: — O' passarinho da minha alma, para onde te foste tão depressa?

Esperou; como viu que não tornava, recolheu-se para o mosteiro, parecendo-lhe que *aquella mesma madrugada depois de matinas* tinha sahido delle.



Chegando ao convento, achou tapada a porta que de antes costumava servir, e aberta outra de novo em outra parte. Perguntou-lhe o porteiro quem era, e a quem buscava. Respondeu-lhe: — Eu sou o sacristão, que poucas horas ha sahi de casa, e agora torno, e tudo acho mudado!

Perguntando tambem pelos nomes do abbade, e do prior, e do procurador, elle lh'os nomeou, admirando-se muito de que o não deixasse entrar no convento, e de que mostrava não se lembrar daquelles nomes. Disse-lhe que o levasse ao abbade; e, posto em sua presença, não se conheceram um a outro, nem o bom monge sabia que dissesse, ou fizesse, mais que estar confuso e maravilhado de tão grande novidade.

O abbade, então allumiado por Deus, mandou vir os annaes e historias da ordem, onde buscando e achando os nomes que o monge apontava, se veio a averiguar, com toda a clareza, que eram passados mais de tresentos annos, desde que o monge sahira do mosteiro até que tornara para elle. Então este contou o que lhe tinha succedido, e os religiosos o acceitaram como a irmão seu do mesmo habito.

E elle considerando na grandeza dos bens eternos e louvando a Deus por tão grande maravilha, pediu os sacramentos, e brevemente passou desta vida com grande paz em o Senhor.

*Idem, Nova Floresta, tomo II.*

---

## PHASE QUINHENTISTA

(Século XVI)

---

**Bernardim Ribeiro** (Torrão, 1475-1553) um dos poetas que figuram no *Cancioneiro geral* de Garcia Rezende, tem nome pela gentil singeleza das suas composições pastoris, e sobre tudo pelo seu romance *Menina e moça*, assim denominado pelas palavras por que começa, mas que primeiro se imprimiu com o título *Saudades de Bernardim Ribeiro*. Sobre estas produções literárias paira a lenda de uma inditosa paixão de Bernardim por D. Beatriz, filha de ei-rei D. Manoel.

### Solidão e tristeza.

Neste monte mais alto de todos passava eu a minha vida como podia; ora em me ir pelos fundos valles que os cingem de redor, ora em me pôr do mais alto d'elles a olhar a terra como ia acabar ao mar; e depois o mar como se estendia logo após ella para acabar onde ninguem o visse. Mas, quando vinha a noite acceita aos meus pensamentos, que via as aves buscarem seus poisos, umas chamarem as outras, parecendo que queria assocegar a terra mesma; então eu, triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia para a minha pobre casa, onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia. Assim passava eu o tempo.

.....

E inda bem não foi alto dia, quando eu (parece que áciente) determinei ir-me para o pé deste monte, que de arvoredado grande e verdes hervas e deleitosas sombras é cheio; por onde corre um pequeno ribeiro de agua de todo o anno, que nas noites caladas o rugido delle faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o somno, onde outras muitas vou eu lavar minhas lagrimas, e onde muitas infinitas as torno a beber. Começava então de querer cahir a calma, e no caminho, com a pressa, por fugir della, ou pela desventura que me levava a mim, três ou quatro vezes cahi alli; mas eu (que depois de triste cuidei que não tinha mais que temer) não olhei nada por aquillo em que parece que Deus me queria avisar da mudança que depois havia de vir. Chegando á borda do rio, olhei para onde havia melhores sombras; pareceram-m'o as que estavam além do rio: disse eu então que n'aquillo se enxergava que era desejado tudo o que com mais trabalho se podia haver, porque não se podia ir além sem se passar a agua que alli corria mansa e mais alta que na outra parte. Mas eu (que sempre folguei de buscar meu damno) passei além, e fui me assentar sob a espessa sombra de um verde freixo, que para baixo um pouco estava; algumas das ramas estendia por cima d'agua, que fazia um pouco de corrente, e impedida de um penedo que no meio della estava, se partia para um e outro cabo, murmurando. Eu, que os olhos levava alli postos, comecei a cuidar que tambem nas coisas que não tinham entendimento, havia fazerem-se nojo umas ás outras.

Estava d'alli aprendendo a tomar algum conforto no meu mal; que assim aquelle penedo estava enojando aquella agua que queria ir seu caminho; e crescia-me d'aquillo um pezar; porque a cabo do penedo tornava a agua a juntar-se e ir seu caminho sem estrondo algum, mas antes parecia que corria alli mais depressa que pela outra parte; e dizia eu que seria aquillo por se apartar mais asinha daquelle penedo, inimigo de seu curso natural, que como força alli estava.

Não tardou muito que, estando eu assim cuidando sobre um verde ramo, que por cima da agua se estendia, veio pousar um rouxinol. Começou a cantar tão docemente que todo me levou após si o meu sentido de ouvir; e elle cada vez crescia mais em seus queixumes, que parecia que como cançado queria acabar; senão quando tornava como que começava; então (triste da avezinha!) que, estando-se assim queixando, não sei como se cahiu morta sobre aquella agua. Cahindo por entre as ramas, muitas folhas cahiram também com ella. Pareceu aquillo signal de pesar, naquelle arvored, de caso tão desastrado. Levava-a após si a agua e as folhas após ella; e quizera-a eu ir tomar; mas pela corrente que fazia, e pelo matto que d'alli para baixo ácerca do rio logo estava, prestemente se alongou da minha vista.

O coração me doeu tanto em ver tão asinha morto quem d'antes tão pouco havia que vira estar cantando, que não pude ter as lagrimas.

(BERNARDIM RIBEIRO. — *Menina e Moça*. —  
Caps. 1.º e 2.º da parte 1.ª.)

---

Francisco de Sá de Miranda (Coimbra, 1495-1558) doutorou-se na universidade de Lisboa, e, depois de viajar cinco annos, viveu ora nessa capital, ora na cidade do seu nascimento. Obtendo a commenda das duas Igrejas no Alto Minho, retirou-se da vida cortezan, aos quarenta annos de idade.

Escreveu em portuguez e em hespanhol; e das suas viagens pela Italia tomou o gosto do verso endecasyllabó e das combinações em sonetos e tercetos. Obras: poesias varias, eclogas, cartas, elogios, canções, etc.; e duas comedias — *Vilhalpandos* e *Estrangeiros*.

Sá de Miranda, como diz D. Francisco Manoel de Mello, é tão vernaculo em seu estylo, tão cerrado portuguez ~~que~~ nenhum estrangeiro pôde entendel-o (*Hosp. das letras*, pag. 313).

### Misteres das diversas profissões.

Des que homem nasce té que morre, não trata cousa de mór peso que a do seu casamento, que cada dia rematamos tão levemente. Grande feito, que se te vendem um rocim manco ou ãa mula maliciosa, logo hi são mil leis a te ajudar; e têm procuradores tanto que dizer e allegar; e na tua mulher, por quem deixamos os pais e as mães, ali se nos desempara tudo, e só a morte póde ser boa. Pelo qual estive tanto tempo solteiro, vim aqui, com sós as lettras de que me a fortuna não póde roubar: com ellas me remediei, que a esses nossos direitos não se lhes póde negar o senhorio de todas as outras sciencias.

Os theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes, como se elles chamam. Philosophos já passaram mal vindos uns c'os outros, com suas barbas e gravidade. Poetas tudo põem em flores, pelo fruito não espereis. Os oradores, nós os tiramos das suas vezes. Os astrológos sempre tratam do porvir, de que elles nem ninguem sabe pouco, nem muito. Physicos ganham bem de comer, porém é co'ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lã da porca, e entre todos estes não ha um homem de negocio: sómente o jurisconsulto é que póde tratar e rematar duvidas de substancia. Todavia frades entremetter-se queriam, mas não têm azas com que vôem, que a vontade não lhes fallece. Só o jurista póde andar c'o peito alto e satisfeito de seu saber, quer seja para concertar as coisas desta vida, quer da outra. Isto é o que te releva, e crê-me que te não busca ninguem, senão o que te ha mister.

(SÁ DE MIRANDA. — *Os estrangeiros*, acto 3.º, scena 1.ª, vol. 2.º, pag. 116.)

**Antonio Ferreira** (Lisboa, 1528-1559) fez sérios estudos de humanidades em Coimbra, onde aprendeu o grego com Diogo de Teive. Concluindo o seu curso de direito civil, foi lente da universidade, donde passou a desembargador na capital do reino. Bemquisto na côrte, obteve a mercê de fidalgo.

Escreveu duas comédias em prosa, *Bristo* e o *Cioso*, e uma tragedia em verso, *Castro*; além do que varias composições lyricas — sonetos, eclogas, elegias, epistolas, odes.

Tem muito dura a metrificacão, porém com zeloso esmero cultivou a lingua. "A sua significacão neste periodo — disse J. M. d'Andrade Ferreira — é a do talento que se fecunda nas fontes da erudição da Renascença, e amontôa thesouros de vernaculidade e locução poetica para as obras com que enriquece a litteratura portugueza.

### Astucia de um lisongeiro.

Vedes alli um homem que nunca vi, nem conheci, senão des que entrei nesta terra. Tive tão boa manha com elle que lhe metti em cabeça que o servira em Rhodes uns dias; de maneira que, ainda que lhe agora jure o contrario, já me não crerá.

Terra foi onde nunca puz os pés.

Toda a minha vida fui beleguim em Roma, matei lá um clérigo, acolhi-me a este couto.

A alma não sei que tal anda, a vida queria segurar, mór medo hei á força que ao diabo. Quíz-me Deus bem, que vim topar com este doido; metti-lhe mil mentiras em cabeça com pouco trabalho, des que me informei de sua arte; dou com elle um dia em sua casa estando jogando com outros (que foi grande acerto); lanço-me a seus pés, começo de abraçar, como se o sempre conhecera; elle na verdade á primeira vista ficou confuso, mas desde que me ouviu fallar em Rhodes, nos Cavalleiros, nos Turcos, e dizer mil façanhas que fizera, de que eu soube que se elle gabara muito, abraçou-me, conheceu-me, agasalhou-me. tem-me como um rei. Eu sou o que mando a elle e a casa toda: é homem de boa renda, vão, gastador, denodado, cabeça de ferro, que, comquanto não hei medo ao diabo,

assombro-me com elle. O serviço que lhe faço é fallar-lhe á vontade, gabar-lhe quanto faz, rir-me quando ri, crer-lhe quanto diz, mentir-lhe isso que posso; se chora, choro; se canta, bailo; se brada, grito; e só com isso o contento. Conto-lhe coisas que elle nunca viu, nem fez, desafios que teve, batalhas que venceu, mil perigos de que me livrou, e tudo cuida que é si. Senão de quando em quando me diz que lhe não lembra. Então me vejo em aperto; mas começo-me a rir d'elle, e dizer que uma moça tem poder de lhe trovar o juízo e a memoria. Quando isto não basta, juro-lh'o por quantos juramentos me ensina o diabo. Assim que por uma via ou por outra tudo lhe faço crer. Ajudou-me a mi muito a conversação que tive uns dias com um soldado que se lá achou, que me deu alguma informação da terra, e me contou cousas d'este que fazia doudamente, mas sahiam-lhe tão bem que espantava a todos.

Eu com uma verdade encubro dez mentiras, e tenho tal arte que ponho em lembrança as mais assignaladas cousas que me conta. Torno-lh'as a contar d'ahi a uns dias tão naturalmente como se lh'as eu vira fazer pelos meus olhos. Mas a graça é que ainda algumas destas me diz que lhe não lembram. Este hei eu por maior aperto, porque estou estalando com riso; quando me não posso ter, digo-lhe que me lembrou uma graça sua. Que quereis mais?

Aconteceu-me já il-o espreitar uma noite á sua camera, e vel-o andar passeiando só ás escuras, contando a si mesmo mil mentiras impossiveis. Como entrou, como veio, quantos matou, que golpes deu, que de todo em todo cuidei que era doudo. E com isto arrenegava, descreia, bradava, como se andava mettido em todo o furor das armas; quando veio pela manhã, não se lembrava de nada. Eu tambem, porque lhe sei a condição, faço-me com elle um Hercules; onde quer que o vejo, tudo são feros e cruezas: se homem não usar destes ardis, como quereis que viva? Bem parvo é aquelle que se fia agora em virtudes; não achais por ellas quem vos fie um pucaro de agua. Todo o siso é dizer bem do mal, dissimular, lisongear, mentir onde é necessario,

que ás vezes é gran prudencia. Eu d'esta mancira tenho vida de rei por mui pouco preço, outros haverá que a comprem mais caro, e não lhe rende tanto. Mas que faço eu aqui? Quero me ir a negociar meus negocios...

(A. FERREIRA: Comedia de *Bristo*, acto 2.º, scena 5.ª; vol. 2.º das *Obras*, pag. 323.)

---

João de Barros (Vizeu 1496-1570) exerceu o cargo de thesoureiro e feitor da casa da India e Mina. Escreveu muitas obras e entre ellas: uma *Chronica do Imperador Clarimundo*; uma grammatica portugueza; diversos dialogos sobre assumptos litterarios e moraes; e a monumental *Asia*, historia dos feitos portuguezes no descobrimento e conquista das terras do Oriente. Esta obra é geralmente conhecida por *Decadas*, e mais tarde foi continuada por Diogo do Couto.

Com razão appellidaram Barros o *Tito-Livio* portuguez; e tanto o mereceu pelo patriotismo da narrativa quanto pela pureza da linguagem, relativamente melhor que a do latino, pois não se lhe podem apontar *patavinismos*.

### Descoberta do Brasil.

Ao seguinte dia, que eram nove do mez de março, differindo suas velas, que estavam a pique, sahiu Pedro Alvares com toda a frota, fazendo a sua viagem ás ilhas do Cabo Verde, pera ahi fazer aguada, onde chegou em treze dias. Però antes de tomar este cabo, sendo entre estas ilhas, lhe deu um tempo que lhe fez perder de sua companhia o navio de que era capitão Luiz Pires, o qual se tornou a Lisboa. Junta a frota, depois que passou o temporal, por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir seu caminho, empégou-se muito no mar, por lhe ficar seguro poder dobrar o cabo da Boa Esperança. E havendo já um mez que ia naquella gran volta, quando veio a segunda oitava da Paschoa, que eram vinte quatro



de abril, foi dar em outra costa de terra firme, a qual, segundo a estimação dos pilotos, lhe pareceu que podia distar pera aloeste da costa de Guiné quatrocentos cincuenta leguas, e em altura do polo antartico dez graus. A qual terra estavam os homens tão crentes em não haver alguma firme occidental a toda costa de Africa, que os mais dos pilotos se affirmavam ser alguma grande ilha, assi como as Terceiras e as que se acharam per Christovão Colon, que eram de Castella, a que os Castelhanos commummente chamam Antilhas. E por se affirmar no certo se era ilha ou terra firme, foi cortando ao longo d'ella todo um dia, e, onde lhe pareceu mais azada pera poder ancorar, mandou lançar um batel fóra. O qual tanto que foi com terra, viram ao longo da praia muita gente nua, não preta e de cabello torcido como a da Guiné, mas toda de côr baça e de cabello comprido e corrido, e a figura do rostro-cousa mui nova, porque era tão amassado e sem a commum semelhança da outra gente que tinham visto, que se tornaram logo os do batel a dar razão do que viram, e que o porto lhes parecia bom surgidouro.

Pedro Alvares, por haver noticia da terra, encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que se chegasse bem a terra e trabalhasse por haver á mão alguma pessoa das que viram, sem os amedrentar com algum tiro que os fizesse acolher; mas elles não esperaram por isso, porque, como viram que a frota se vinha contra elles, e que o batel tornava outra vez á praia, fugiram della e pozeram-se em um teso soberbo, todos apinhoados, a ver o que os nossos faziam. Os do batel, emquanto Pedro Alvares surgia um pouco largo do porto, por não amedrentar aquella nova gente mais do que o mostrava em se acolher ao teso, pozeram-se debaixo no mesmo batel, e começou um Negro grumete fallar a lingua de Guiné, e outros que sabiam algumas palavras do aravigo; mas elles nem á lingua, nem aos acenos, em que a natureza foi commum a todas as gentes, nunca acudiram. Vendo os do batel, e que nem aos acenos, nem ás cousas que lhes lança-

ram na praia acudiam, cansados de esperar algum signal de entendimento delles, tornaram-se a Pedro Alvares, contando o que viram.

Tendo elle determinado ao outro dia de mandar lançar mais bateis e gente fôra, saltou aquella noite tanto tempo com elles, que lhe conveiu levar as ancoras, e correram contra a sul sempre ao longo da costa, por lhe ser por aquelle rumo o vento largo, té que chegaram a um ponto de mui bom surgidouro, que os segurou do tempo que levavam, ao qual por esta razão Pedro Alvares poz o nome que ora tem, que é Porto Seguro. Ao outro dia, como a gente da terra houve vista da frota, posto que toda aquella fosse uma, parece que permittiu Deus não ser esta tão esquiva como a primeira, segundo logo veremos.

E porque, em a quarta parte da escriptura da nossa conquista, a qual, como no principio dissemos, se chama *Santa Cruz*, e o principio della começa n'este descobrimento, lá fazemos mais particular menção d'esta chegada de Pedro Alvares, e assi do sitio e cousas da terra, ao presente basta saber que ao segundo dia da chegada, que era domingo da Paschoa, elle Pedro Alvares sahiu em terra com a maior parte da gente, e ao pé de uma grande arvore se armou um altar, em o qual disse missa Fr. Henrique, guardião dos religiosos, e houve prégação. E n'aquella barbara terra, nunca trilhada de povo christão, approuve a Nosso Senhor, per os meritos daquelle Santo Sacrificio, memoria de nossa Redempção, ser louvado e glorificado não sómente d'aquelle povo fiel da armada, mas ainda do pagão da terra, o qual podemos crer estar ainda na lei da natureza, com o qual logo Deus obrou suas misericordias, dando-lhe noticia de si n'aquelle Santissimo Sacramento, porque todos se punham em giolhos, usando dos actos que viam fazer aos nossos, como se tiveram noticia da Divindade a que se humildavam; e ao sermão estiveram mui promptos, mostrando terem contentamento na paciencia e quietação que tinham, por seguir o que viam fazer aos nossos, que foi causa de maior contemplação e devoção,

vendo quão offerecido estava aquelle povo pagão a receber doutrina de sua salvação, se alli houvera pessoa que os podera entender.

Pedro Alvares, vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, d'ali expediu um navio, capitão Gaspar de Lemos, com nova pera el-rei D. Manoel do que tinha descoberto; o qual navio com sua chegada deu mui prazer a el-rei e a todo o reino, assi por saber da boa viagem que a frota levava, como pela terra que descobrira.

Passados alguns dias, emquanto o tempo não servia e fizeram sua aguada, quando veio a três de maio, que Pedro Alvarez se quiz partir, por dar nome áquella terra per elle novamente achada, mandou arvorar uma cruz mui grande no mais alto logar de uma arvore, e ao pé d'ella se disse missa, a qual foi posta com solemnidade de benções dos sacerdotes, dando este nome á terra *Santa Cruz*, quasi como que por reverencia do sacrificio que se celebrou ao pé daquella arvore, e signal que se nella arvorou com tantas benções e orações, ficava toda aquella terra dedicada a Deus, onde Elle por sua misericordia haveria por bem ser adorado per culto de catholico povo, posto que ao presente tão safaro delle estivesse aquelle gentio. E, como primicias desta esperanza, d'alguns degredados que iam n'armada deixou Pedro Alvares ali dous, um dos quaes veio depois a este reino, e servia de lingua n'aquellas partes, como veremos em seu logar; per o qual nome *Santa Cruz* foi aquella terra nomeada os primeiros annos, e a cruz arvorada alguns durou n'aquelle logar. Porém como o demonio por o signal da Cruz perdeu o dominio que tinha sobre nós, mediante a Paixão de Christo Jesus consummada n'ella, tanto que daquella terra começou de vir o pau vermelho chamado Brasil, trabalhou que este nome ficasse na bocca do povo, e que se perdesse o de Santa Cruz, como que importava mais o nome de um pau que tinge pannos, que daquella pau que deu tintura a todos os Sacramentos per que somos salvos, por o sangue de

Christo Jesus, que nelle foi derramado; e, pois em outra cousa nesta parte me não posso vingar do demonio, amo-esto, da parte da Cruz de Christo Jesus, a todos os que este logar lerem, que dêem a esta terra o nome que com tanta solemnidade lhe foi posto, sob pena de a mesma Cruz, que nos ha de ser mostrada no dia final, os accusar de mais devotos do pau Brasil que d'ella.

(JOÃO DE BARROS. — *Decada I*, Liv. V, Cap. II.)

### Excellencia da paz.

Que descanso ou que contentamento póde haver no reino, ou republica, onde não ha paz? Por isso, assim como o fim do bom piloto é fazer prospera a viagem, e do medico dar saude, e do capitão alcançar victoria; assim do bom principe é conservar a vida e descanso de seus vassallos, a qual cousa em tempo de guerra não póde ser.

Alegre parece a guerra de fóra; mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos de uma e os bens da outra; porque, assim como na doença se conhece o bem da saude, e na tormenta do mar o bem da terra; assim não ha tempo em que melhor se julgue e entenda o bem da paz, que quando se carece d'ella. Se a um homem que nunca ouvisse fallar em armas, nem tivesse alguma experiencia d'ellas, subitamente fosse mostrado o apparato de dous grandes exercitos por mar e por terra, ordenados pera se darem batalha, e visse os formosos pennachos, as armas reluzentes, a multidão dos cavallos, a ordenança da gente de pé, toda bem disposta e prestes pera pelejar, as bandeiras, os esquadrões em seu concerto; d'outra parte visse no mar muitas naus e galeões com muita gente bem armada, cobertas de formosas bandeiras, rodeadas de pavozes e cercaças de toda a sorte de artilharia, sem duvida,

quem quer que isto visse, não sabendo mais nada, não cuido eu que receasse de se metter entre elles, e lhe parecia que via a mais formosa cousa do mundo. Mas se, depois de travada e muy cruamente ferida a batalha, esse mesmo sentisse e visse com seus olhos o grande ruido e estrondo das armas, a grita da gente, os golpes e os tiros da artilharia, a multidão dos mortos, corpos espedaçados, ais e gemidos dos feridos, outros serem pisados dos cavallos, a confusão, o medo e o espanto da morte presente; e assim visse no mar as naus e galeões arrombados com tiros de fogo, umas d'ellas irem-se ao fundo, outras arderem-se em fogo, e chammas d'alcatrão, as ondas vermelhas com sangue, o fumo da polvora, os homens lançarem-se ao mar, e afogarem-se, quem isto tudo visse, bem creio eu que escolhesse antes a paz que a guerra; e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz, debaixo da obediencia de um principe justo, que não querer arriscar-se a tamanhos perigos por uma mostra falsa, e enganoso de olhos, e esperança incerta da victoria.

Não se devem julgar as cousas pelo appetite, senão pela razão. Quem isso assim fizer, verá quanto mais vale o descanso da boa paz que o sobejo exercicio das armas; porque, posto que ellas promettam victorias, ou a guerra em si é de todo injusta, e não pertence ao principe christão; ou tem muitos inconvenientes que d'ella podem nascer, que devem todos ser olhados primeiro que nada se commetta; porquanto os começos da guerra estão em nosso poder, e os cabos não. Eu não entendo aqui da que se faz aos infieis inimigos da nossa santa fé; porque esta, sendo justa, é proveitosa, e traz grande louvor ao rei christão; mas toda a outra sorte d'ella, que agora se usa, mais do necessario, não sendo em defensão da patria, se deve muito fugir e extranhar.

(JOÃO DE BARROS. — *Panegyrico a el-rei D. João III*, ed. de 1791, pag. 30.)

**Damião de Góes** (Alemquer, 1501...) passou vinte annos de sua vida a viajar e conversar com todos os reis, principes, nobres e povos de toda a christandade—como delle diz Antonio Galvão. Privando com Luthero e outros heresiarchas, de taes relações se resentiu a sua orthodoxia, pelo que em 1571 foi encarcerado pela Inquisição. Obtida a liberdade e voltando a seu domicilio, ahí o encontraram morto. Sete annos esteve preso, e assim á sua morte se deve attribuir data posterior a 1578. Compoz varias chronicas em que se faz notar, pelas tendencias que lhe communicou, a frequencia de Erasmo.

### Antigualha na ilha do Corvo.

Constrange tanto o testemunho das cousas antigas aos escriptores que, por d'ellas darem fé, posto que não façam muito a proposito do que tratam, são ás vezes forçados sahirem algum tanto fóra da ordem do que escrevem, para assim alumiarem o descuido e esquecimento em que a antiguidade dos tempos as poz. E porque eu a esta lei e obrigação tão honesta não posso fugir, necessario será dizer algumas particularidades das ilhas dos Açores, posto que fossem achadas antes do nascimento d'el-rei D. João, para no fim d'este capitulo descobrir uma antigualha assás antiga, que em uma d'ellas em nossos dias se achou.

D'estas ilhas a que mais está ao norte é a do Corvo, que terá uma legua de terra; os mareantes lhe chamam ilha do Marco, porque com'ella (por ser uma serra alta) se demarcam, quando vêm demandar qualquer das outras. No cume desta serra, da parte do noroeste, se achou uma estatua de pedra, posta sobre uma lage, que era um homem em cima de um cavallo, em osso, e o homem vestido de uma capa como bedem, sem barrete, com uma mão na coma do cavallo e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo grande, a que os Latinos chamam index, com que apontava contra o poente. Esta imagem, que toda sahia massiça da mesma lage, mandou el-rei D. Manoel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e, depois que

viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fosse a esta ilha, para com appparelhos que levou tirar aquella antigualha; o qual, quando d'ella tornou, disse a el-rei que a achára desfeita de uma tormenta que fizera o inverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por mau azo, e trouxeram pedaços della, a saber: a cabeça do homem, e o braço direito com a mão e uma perna, e a cabeça do cavallo, e uma mão que estava dobrada e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa d'elrei alguns dias; mas o que se depois fez d'estas cousas, ou onde se pozeram, eu não o pude saber. Esta ilha do Corvo e Santo Antão foram de João da Fonseca, escrivão da fazenda d'el-rei D. Manoel, e delle as herdou seu filho Pero da Fonseca, escrivão da chancellaria do mesmo rei e d'el-rei D. João III, seu filho; o qual Pero da Fonseca no anno de 1529 as foi ver, e soube dos moradores que na rocha abaixo, onde estivera a estatua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha umas lettras, e por o logar ser perigoso para se poder ir aonde o lettreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quaes imprimiram as lettras que ainda a antiguidade de todo não tinha cégas, em cera, que para isso levaram; comtudo, as que trouxeram impressas na cera, eram já mui gastadas e quasi sem fórma; assim que por serem taes ou porventura por na companhia não haver pessoa que tivesse conhecimento mais que de lettras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que alli se acharam presentes souberam dar a razão, nem do que as lettras diziam, nem ainda poderam conhecer que lettras fossem. Espanta-nos tanto esta antiquissima antigualha, por se achar no logar em que se achou, que se póde com razão dizer o que diz Salomão: Não haver cousa que já não fosse, e que houve outros que já fizeram o que nós agora fazemos; — e, se as opiniões de alguns philosophos se houverem de crer, ou aos historicos gentios

n'esta parte se houvera de dar algum credito, facilmente se podera cahir em muitos erros, se d'elles nos não desenganara a Sagrada Escriptura.

(DAMIÃO DE GÓES, *Chronica do Principe D. João*, Cap. IX.)

---

Fernão Mendes Pinto (Monte Mór-o-Velho, 1509-1580) foi um grande viajante que percorreu a India, a China, o Japão e outras regiões asiaticas, tendo sido captivo tres vezes e vendido dezesete. Todas essas aventuras são contadas na sua *Peregrinação*, obra em que o interesse, aliás seu tanto diluido nas prolixidades da narração, pede meças á correctá singeleza do estylo.

### Um tribunal chinez.

Toda a gente entrou de roldão em uma grande casa de fôrma de igreja, pintada toda de alto a baixo de diversas pinturas e estranhos modos de justiças, que algozes de gestos medonhos e espantosos faziam em todo o genero de gente, com lettreiros, ao pé de cada uma das pinturas, que diziam: Por este tal caso se dá este genero de morte; — de maneira que na diversidade destas horrendas pinturas em que se punham os olhos, se declarava o genero de morte que se devia a cada genero de culpa, e o grandissimo rigor da justiça com que as leis ordenavam estas taes mortes. Na frontaria d'esta casa atravessava outra como cruzeiro, muito mais rica e de maior custo, toda cosida em ouro, em cuja vista os olhos se poderam occupar com muito gosto, se o nós então poderamos ter de alguma cousa. No meio d'esta casa estava uma tribuna de sete degraus, fechada em roda com três ordens de grades de ferro e latão, pau preto com traços marchetados de madreperola, e por cima um docel de damasco branco franjado de ouro e verde, com umas rendas muito largas do



mesmo, debaixo do qual estava o Chaém com grande apparato e majestade, assentado numa rica cadeira de prata, e uma mesa pequena diante de si, com três meninos ao redor assentados de joelhos, ricamente vestidos e com cadeias de ouro aos pescoços, um dos quaes, que estava no meio, servia de dar a penna ao Chaém que assignava, e os dous dos cabos tomavam as petições aos requerentes e as apresentavam na mesa para se lhes dar despachos. A' mão direita, em outro lugar mais alto, quasi igual com o Chaém, estava um moço pequeno, que parecia de dez ou onze annos, vestido de setim branco coberto de rosas de ouro, e ao pescoço um rico fio de perolas, que lhe dava três voltas, e os cabellos muito compridos como mulher, trançados com uma fita de ouro e carmezim, com sua guarnição de perolas de grande preço, e nos pés umas alparcas ouro e verde guarnecidas por cima de aljofar grosso, e na mão, por divisa e demonstração do que representava, tinha um ramo pequeno de rosas de seda e fio de ouro, e em partes perolas muito ricas, e elle tão gentil homem e bem assombrado que qualquer mulher, por formosa que fôra, lhe não podera levar vantagem. Este moço tinha o cotovello encostado na cadeira do Chaém, onde parecia que descansava o braço da mão em que tinha a insignia, e este representava a misericordia. A' mão esquerda, pelo mesmo modo, estava outro menino tambem muito formoso e riquissimamente vestido, o qual tinha o braço direito arregaçado e tinto de vermelho, e que parecia como sangue, e na mão direita tinha um rico traçado nú, tambem tinto do mesmo vermelhão, e na cabeça uma corôa a modo de mitra, guarnecida toda de navalhinhas como lancetas de sangrar, e este representava a justiça; porque dizem ellês que o julgamento que está em pessoa do rei, o qual representava a Deus na terra, lhe é necessario ter estas duas partes de justiça e misericordia; e que o que não usa de ambas vem a ser tyranno, sem lei e usurpador da insignia que traz na mão.

(F. MENDES PINTO. — *Peregrinação.*)

### Muralha da China.

Já que tratei da origem e fundação deste imperio chim e da cerca desta grande cidade de Pekim, tambem me pareceu razão tratar o mais brevemente que poder de outra cousa não menos espantosa que cada uma destas.

Um rei, por nome Chrisnagol-dacotay, que reinou no anno do Senhor de quinhentos e vinte oito, vindo a ter guerra com o Tartaro por differenças que teve com elle sobre o estado de Xenxinapau, o desbaratou e ficou senhor do campo; porém o Tartaro, refazendo-se logo de outro maior poder, que ajuntou por meio de uma liga e confederação que fez com outros reis seus inimigos, tornou sobre o Chim d'ahi a oito annos, e se affirma que lhe tomou trinta e dous logares notaveis, dos quaes foi um a grande cidade de Ponquilor. Ora, o rei que então reinava na China, receando-se de outro poder e confederação semelhante á passada, a que elle não podesse resistir, determinou de fechar com muro toda a raia de ambos estes imperios. E, chamando os povos todos a côrtes, lhes deu conta d'esta sua determinação, a qual a todos pareceu muito bem e muito necessaria, e para ajuda desta obra tão importante lhe deram dez mil picos de prata, que por nossa conta são quinze contos de ouro, á razão de mil e quinhentos cruzados cada pico, e afóra isto se diz que lhe deram mais duzentos e cincoenta mil homens, para trabalharem nesta obra, emquanto ella durasse, de que os trinta mil dizem que eram officiaes examinados, e os mais gente de serviço. E, depois de se ajuntar tudo o que era necessario para esta tão insigne obra, se começou a pôr a mão nella, e diz a historia que em vinte sete annos se fechou todo o extremo destes dois imperios de ponta a ponta, que é distancia de setenta jãos, que por nossa conta, á razão de quatro leguas e meia por jão, são ao todo trezentas e quinze

leguas, na qual obra dizem que trabalharam continuos setecentos e cincoenta mil homens. Este muro vi eu algumas vezes, e o medi, que é por todo geralmente de seis braças de alto, e quarenta palmos de largo no massiço da parede.

(*Idem.*)

### Descripção de Nankim.

Esta cidade de Nankim está situada ao longo deste rio de Batampira, em um teso de boa altura, por onde fica a cavalleiro das campinas que estão em torno della; cujo clima é algum tanto frio, porém muito sadio. Tem oito leguas de cerca por todas as partes, a saber: três leguas de largo, e uma de comprido por cada parte; a casaria commum é de um só até dous sobrados, porém as casas dos mandarins são todas terreas e cercadas de muro e cava, em que ha pontos de boa cantaria, que dão serventia para as portas, as quaes todas têm arcos de muito custo e riqueza, com muitas diversidades de invenções nos curuchéos dos telhados, o qual edificio, visto todo por junto, representa aos olhos uma grande majestade. As casas dos chães e anchacys e aytaus, e tutões e chumbys, que são senhores que governam provincias e reinos, têm torres muito altas, de seis a sete sobrados, com curuchéos cosidos em ouro, onde têm seus armazens d'armas, suas recamaras, seus thesouros e seu movel de seda e de peças muito ricas, com infinidade de porcellanas muito finas, que entre elles é pedraria; a qual porcellana d'esta sorte não sai fóra do reino, assim porque entre elles vale muito mais que entre nós, como por ser defeso com pena de morte vender-se a nenhum estrangeiro, salvo aos Persas do Xatamaas, a que chamam Sofio, os quaes com licença que têm para isso, compram algumas peças por muito grande preço. Affirmaram-nos os Chins que tem esta cidade oitocentos mil vizinhos, e vinte quatro mil casas de mandarins, e sessenta

e duas praças muito grandes, e cento e trinta casas de açougues de oitenta talhos cada uma, e oito mil ruas; de que as seiscentas, que são as mais nobres, têm todas ao comprido de uma banda e de outra grades de latão muito grossas feitas ao torno. Affirmaram-nos mais que tem duas mil e trescentas casas de seus pagodes, de que as mil são mosteiros de gente professa, e são edificios muito ricos, com torrões de sessenta e setenta sinos de metal e de ferro coado muito grandes, que é cousa horrenda ouvir-se tanger. Tem mais esta cidade trinta prisões muito grandes e fortes, em cada uma das quaes ha dois ou tres mil presos, e a cada uma dessas prisões responde uma casa como de misericordia, que provê toda a gente pobre com seus procuradores ordinarios em todos os tribunaes de civil e crime, e onde se fazem grandes esmolos. Todas essas ruas nobres têm arcos nas entradas, com suas portas que se fecham de noite, e as mais dellas têm chafarizes d'agua muito boa, e são em si muito ricas e de muito grande trato. Tem todas as luas novas e cheias, feiras geraes, onde concorre infinidade de gente de diversas partes, e ha n'ellas grandissima abundancia de mantimentos, quantos se podem imaginar, assim de fructos como de carnes. O pescado deste rio é tanto em tanta quantidade, principalmente de tainhas e linguados, que parece impossivel dizer-se, o qual se vende todo vivo, com juncos mettidos pelos narizes, por onde vêm dependurados; e afóra este pescado fresco, o secco e salgado, que vem do mar, é tambem infinito. Affirmaram-nos mais os Chins que tinha dez mil teares de seda, porque d'aqui vai para todo o reino. A cidade em si é cercada de muro muito forte, e de boa cantaria, onde tem cento e trinta portas, para serventia da gente, as quaes todas têm pontes por cima das cavas. A cada porta destas estava um porteiro com dous alabardeiros, para darem razão de tudo que entra e sai. Tem dez fortalezas roqueirás quasi ao-nosso modo, com baluartes e torres muito altas, mas não tem artilharia nenhuma. Tambem nos affirmaram que rendia esta cidade a el-rei todos os dias dois mil

taeis de prata, que são três mil cruzados, como já disse muitas vezes. Dos paços reaes não direi nada, porque os não vimos senão de fóra, nem d'elles soubemos mais que o que os Chins nos disseram, o qual é tanto que é muito para arrecear contal-o, e por isso não tratarei por agora d'elles, porque tenho por d'avante contar o que vimos nós da cidade de Pekim; dos quaes confesso que estou já agora arreceando haver de vir a contar ainda esse pouco que d'elles vimos; não porque isso possa parecer estranho a quem viu as outras grandezas d'este reino da China, senão porque temo que os que quizerem medir o muito que ha pelas terras que elles não viram, com o pouco que vêm nas terras em que se crearam, queiram pôr duvida, ou por ventura negar de todo o crédito áquellas cousas que não se conformam com o seu entendimento e com a sua pouca experiencia.

(Idem.)

---

Francisco de Moraes, natural de Bragança, nasceu em um dos ultimos annos do seculo XV, ou no começo do XVI, segundo pensava Odorico Mendes, e morreu em 1572. Serviu em Pariz como secretario do embaixador D. Francisco de Noronha, e ahi viveu na brilhante côrte de Francisco I. De volta a Portugal, em 1543, publicou a novella de cavallaria *Palmeirim de Inglaterra*, obra que, comquanto muito diversa do gosto actual, summamente aprazia ao de então, e por isso mereceu a honra de muitas imitações.

Enumerando, no seu *Dom Quixote*, as novellas de cavallaria que deveriam ser condemnadas ao fogo, Cervantes exceptúa o romance de Francisco de Moraes.

"Este livro — sentenciou Cervantes pela bocca de um de seus persongens — tem auctoridade por duas cousas: uma porque por si é excellente, e a outra porque é fama que o compoz um discreto rei de Portugal. Todas as aventuras do castello de Miraguarda são bonissimas e de grande artificio, as razões cortezes e claras, e respeitam o decôro de que falla com muita propriedade e entendimento.

### O gigante Almourol e o cavalleiro das Donzellas.

Vendo o gigante Almourol que por nenhuma via o cavalleiro das Donzellas queria batalhar com Florendos, mandou trazer de dentro da torre um cavallo baio crescido e formoso, tal qual convinha ao peso de sua pessoa. Este mandou ao cavalleiro das Donzellas, pedindo-lhe que cavalgasse n'elle e quizesse que ambos fizessem alguma cousa diante da senhora Miraguarda, para lhe pagar o desgosto que houvera de se não acabar a outra contenda. E, se houvesse por bem que o vencedor ganhasse algum preço, falaria muito, porque a batalha fosse com mais gosto.

— O preço ponde vós, respondeu elle, que, sendo cousa justa, não ha de quebrar por mim.

— Se vós quizesseis, disse o gigante, pois estais sem cavallo, logo aventurearia perder esse que vos agora mandei, que é um dos melhores que nunca vi, com a condição que, sendo vencido, me deis por galardão essa senhora maior de corpo, que convosco trazeis (acenando contra Arlança) porque, depois que aqui chegastes, me pareceu tão bem, e lhe sou tão affeiçãoado quanto nunca o fui a outrem; e a ella peço que não despreze o partido, pois, ganhando-a eu, será senhora de mim, e em vosso poder não sei se será ainda de si.

— Não dou eu tão barato, disse o das Donzellas, as cousas que muito estimo; mas comtudo façamos o que havemos de fazer, e seja este o partido: que, vencendo eu, fique o cavallo commigo, e, sendo ao contrario, fique em escolha d'ella com qual de nós se contenta.

— Sou contente, disse Almourol, que não a tenho por de tão mau conhecimento que por homem tão livre, como vós, queira enjeitar vontade tão ganhada como a minha.

Sem gastarem mais palavras, com as lanças baixas, cobertos dos escudos, remettaram um a outro; e os encontros foram tão bem acertados que o cavalleiro das Donzellas perdeu os estribos, e Almourol com a cilha rebentada cahiu no chão pouco contente de si, pelo desejo, que teve, de não parecer mal a seus amores novos. As donzellas pareceu bem aquelle primeiro acontecimento, especial ás quatro que ganhara no valle; que, como não fossem costumadas a ver gigantes, e a presença de Almourol as fizesse medrosas e desconfiadas, tinham em muito a valentia de seu cavalleiro. Almourol, tanto que se viu no chão, coberto do escudo, com a espada na mão se veiu a elle, que, saltando do cavallo, por lh'o não matar, da mesma maneira o recebeu. Como o das Donzellas quizesse contentar a ellas, parecer bem a Florendos e mostrar a Miraguarda que não com medo de seu cavalleiro negara a batalha, e visse Almourol que n'aquella batalha aventurava perder ou ganhar a Arlança, a quem estava rendido, começaram ambos fazer maravilhas, experimentando toda a sua força, dando golpes signalados á custa de quem os recebia. De sorte que em pouco espaço desfizeram as armas, dando-se feridas mortaes, de que sahia muito sangue; especialmente ao gigante, que por ser menos destro andava peor tratado. Como n'isso se detivessem muito espaço sem tomar nenhum repouso, quiz-se arredar Almourol, por poder folgar algum tanto; mas o cavalleiro das Donzellas, que sentiu sua fraqueza, o apertou tanto e com tamanhos golpes que o fez vir á terra por caso de uma ferida que trazia na coxa esquerda, de que se não podia menear. A Florendos pezou vel-o em tal estado. Miraguarda descontente de seu desastre se tirou da janella, mandando que o recolhessem na fortaleza, para ser logo curado. Florendos o acompanhou té sua pousada e alli esteve ao curar de suas feridas, que pareciam perigosas, tendo em muito quem lh'as deu, pela presteza e desenvoltura com que o vencera. Pois o cavalleiro das Donzellas, ainda que d'ellas fosse desamado, ou ao menos pouco amado, vendo-o ferido e maltratado, o

ajudaram a desarmar, e assim no campo ao pé de uma árvore lhe viram as feridas, que eram pequenas e sem nenhum perigo; depois de lh'as apertarem, se armou e poz a cavallo com tenção de se partir.

(F. DE MORAES. — *Palmeirim*, tomo II, pag. 430.)

---

Fr. Neitor Pinto, natural de Covilhã, falleceu em Toledo no anno de 1584, sendo incerta a data do seu nascimento. Era religioso da ordem de S. Jeronymo e doutor em theologia. Chamado a Madrid por Philippe II de Hespanha, quando este se impoz como rei de Portugal, nem por isso adheriu á causa do triumphador, e antes exclamou: "El-rei Philippe bem me poderá metter em Castella; mas Castella em mim é impossivel".

Sua obra mais conhecida é a *Imagem da vida christã*, contendo onze dialogos, e mui conceituada como excellente modelo de linguagem.

### Louvores da Justiça.

São tantos e tão illustres os louvores da justiça que nem ha hi tempo nem palavras, não sómente para os exornar e engrandecer, mas nem ainda para os tocar.

O' justiça, guia de nossa vida, que seria do mundo sem ti! Tu és inventora das leis, mestra dos bons costumes, tu alevantas as virtudes e abates os vicios. Tu és inimiga d'azeda discordia, e conservadora da doce paz. Tu espantas os maus e asseguras os bons. Sem ti a ordem é desordem, a vida é morte, o descanso é trabalho, a gloria é infamia, o bem é mal. Tu destruiste a confusão, e pariste a boa governança. Tu livras os innocentes e condemnas os culpados. Tu alegras os justos tristes e entristeces os justos alegres, para que, deixadas suas vans e temporaes alegrias, alcancem os verdadeiros e eternos contentamentos. Finalmente, tu és aquella gloriosa escada de Jacob, que com



uma ponta estava na terra, e com a outra tocava no céu, pela qual uns subiam, outros desçiam: porque tu alevantas os justos e santos até aos altos céos, e derribas os ímpios e damnados até aos profundos abysmos. E, pois tu mandas o seu a cujo é, e nós todos somos de Deus, é necessario que nos demos a Elle, se te quizermos seguir a ti.

(FR. HERROR PINTO. — *Imagem da vida christã*, vol. I, pags. 230 e 231.)

### Pratica com um ermitão.

Embarcando eu em Barcelona com outros passageiros, tanto navegámos pelas duvidosas ondas do mar Mediterraneo, atravessando o golfo de Leão, que em poucos dias vimos terras de Italia; e, indo ferindo com os duros remos as salgadas ondas do pégo, ligustico, junto a Genova, fomos topar com um navio, de que eu soube taes novas que me foi necessario deixar a companhia, o que fiz com assás saudades. Sahi-me logo no areal, e fui-me só por terra, por certas cousas necessarias, que eu não digo, porque são ellas largas de contar, e não vêm agora a proposito: basta que me fui eu por terra.

E era isto, onde eu sahi, ao pé das altas montanhas de Genova, aonde o mar tem feito grandes furnas; e com o tom das ondas e o rugido do vento, que se mettia e retumbava n'aquellas concavidades, juntamente com o meneio das arvores (que por entre aquellas rochas havia, grandes e em alguma parte tão espessas que impediam ao chão com suas ramas a claridade do sol) fazia-se uma harmonia tão concertada que me accrescentou a saudade d'aquelles meus companheiros, grandes meus amigos, que iam na nau, que se alli de mim, e não sem lagrimas, apartaram. Eu lhes era em extremo affeioado, pela virtude, lettras e engenho que n'elles via; e elles tinham-me

a mesma affeição, por alguma opinião que tinham de minhas cousas, que, sendo pequenas, tinham elles por muito grandes, porque as viam com os olhos da affeição. E, entrando eu por uns altos rochedos, ao longo de uma ribeira, que descia da serra, fui dar com um logar solitario, onde se fazia um pequeno valle coberto de tão diversas hervas e graciosas flores que me estiveram elevando os olhos, que vissem aquella formosura; de maneira que me detive um pouco, e estive contemplando aquella singular tapeçaria, aquellas cores excellentes, aquelle cheiro natural, aquelle maravilhoso artificio da natureza, e a formosura e diversidade das cousas que a terra creava. E, começando eu a subir, para ir ter ao caminho que ia pelo alto da montanha, d'onde descia para outra parte, vi um pedaço de casa por entre uns altos penedos, e determinei saber o que era; porque, como estava longe, não podia divisar. Mas com a saudade que levava dos companheiros, indo assim para a casa, olhava muitas vezes para o mar, virando os olhos para onde os guiava o amor. E no proprio tempo em que eu de todo alcancei a casa de vista, a perderam de mim os mareantes, engolfando-se no mar, e eu mettendo-me por um alto e sombrio arvored.

Indo assim, quiz atravessar a ribeira, que, por ser muito funda, por nenhuma parte podia passar da outra, senão que fui topar com uma grande arvore, que sobre ella estava derribada, que parece cahiu alli com a força dos ventos; a qual me serviu de ponte, e passei adiante. E chegando á casa vi que era ermida, e entrei dentro sem achar ninguem, senão um devoto Crucifixo, em um altar bem concertado, a que fiz oração. E ainda que a ermida estava muito pobre, todavia estava limpa, varrida, ornada com alguns ramos de murta e loureiro, como cousa de festa. Sobre a porta da ermida estava um letreiro do ermitão, que dizia: — A vida, que sempre morre, que se perde em que se perca?

Depois que eu fiz oração, e contemplei a ermida, sahi-me para fóra, para ver se achava quem alli pozera aquelles

ramos, e fui dar com uma grande arvore muito velha, cercada de tão forte hera que lhe fazia com que se não desfizesse; perto da qual se via a montanha, até nos altos pinaculos, aonde se ia acabar a vista de uma banda, e da outra se via o grande mar; porque se estendiam os olhos até onde podiam alcançar com a vista; de maneira que de ambas as partes era grande e saudoso o horizonte. Detraz d'esta arvore estava o ermitão assentado sobre um penedo, com o rosto sobre uma mão, e na outra umas contas de bugalhos, enfiadas em umas raizes de hervas, distillando de seus olhos muitas lagrimas, com uma barba que lhe dava pela cintura, banhada n'ellas, alva como a neve, vestido de um pobre burel rôto e remendado por algumas partes; e elle tão magro e debilitado que logo mostrava a grande penitencia que fazia. Tinha pelo rosto uns signaes, á maneira de regos, por onde continuas lagrimas corriam. E, tanto que me viu, limpou os olhos e levantou-se a receber-me com geitos e palavras de amor e gazalho; e, depois que nos saudámos e assentámos, como eu não entendia bem a linguagem italiana, nem elle a minha portugueza, comecei a fallar latim, para ver se me entendia; e elle respondeu-me em latim, que o sabia muito bem.

E, perguntando-me por minha vida e eu a elle pela sua, gastámos toda aquella tarde e parte da noute em palavras de uma e outra parte; onde elle me veiu a contar — que havia trinta annos que alli vivia, sem nunca alli ter ido homem nem mulher, senão alguma vez de maravilha; mas que outro ermitão que vivia em outra ermida, d'ahi a dous ou tres tiros de bésta, vinha alli aos domingos e dias santos dizer missa; e elle não sahia d'alli senão raras vezes a pedir esmola; e que se espantava como eu alli fôra ter.

E segundo d'elle entendi, e depois soube mais largo do outro ermitão, elle era d'alto sangue, e fôra em outro tempo muito rico e senhor de muitos vassallos, mas entregue a todos os vicios, triumphando do mundo ou, por melhor dizer, triumphando o mundo d'elle, sem ter accôrdo

em seus desatinos, nem conta da que havia a Deus de dar no dia de juizo. E, esperando elle por um grande titulo e estado, andando engolfado nas falsas esperanças que o mundo lhe promettia, desfecharam-lhe todas em vão e pagaram-lhe com trabalhos verdadeiros os descansos falsos que lhe promettiam. Esta é a propriedade do mundo, apontar no alvo das prosperidades e desfechar na barreira das desventuras; as suas tristezas são puras, e seus gostos agudados com mil desgostos.

Emfim, veiu este homem a ser preso, abatido e desterrado para sempre de Sicilia; e dizia elle que fôra aquelle um mal que elle bem merecia; e, por isso, que não era bem que lhe chamasse mal; pois o vira por seu bem; porque com esta atribulação tornara sobre si, e cahira na conta de quão longe era de quem devia ser. E, conhecendo elle que merecia ser condemnado a perpetuo desterro dos bens do céo, por asperas leis a seus sentidos, e buscou aquelle logar solitario, longe de sua terra, onde fizesse penitencia e chorasse com seus olhos o estrago de sua vida. Alli estava consolado com Christo, mais contente com aquella vida que todos os principes da terra com seus estados e senhorios: porque, segundo d'elle colhi, não trocara aquella pobreza por toda a riqueza do mundo.

Mostrou-me sua cella, que era uma lapa pegada com a ermida, onde dormia com uma pedra á porta, com que a cerrava de noite, com medo das fêras; era tão baixa e estreita que mais parecia sepultura de morto que habitação de vivo; e, porque n'ella não cabiamos ambos, recolhemo-nos aquella noite na ermida. Parti-me d'alli ao outro dia, porque era assim necessario; e foi aquella uma despedida de grande amor. Elle, depois que me ouviu, parece que, tocado de alguma saudade, cerrou seus olhos para me não ver partir; e eu abri os meus para sahirem por elles umas raras lagrimas, em que parece que o coração se me desfazia.

(*Idem* — cap. VIII.)

João de Lucena (Trancoso, 1549-1600) pertenceu á ordem dos Jesuitas. Compoz em quatro volumes uma *Historia da vida do padre Francisco de Xavier e do que fizeram na Italia os mais religiosos da Companhia de Jesus*. E' obra interessante pela noticia das religiões e costumes do extremo Oriente. Inferior na correcção aos quinhentistas de primeira agua, ainda assim depara magnifico exemplar de vernaculidade. José Feliciano de Castilho accusa Lucena de haver plagiado Fernão Mendes Pinto, mas isto não lhe tira os foros de classico.

### Do bem natural da gente do Japão.

A gente é branca e de boas feições, bem apessoada, e que igualmente preza a grandeza da estatura e a gentileza, os corpos fortes e rebustos, soffredores sobremaneira do trabalho, fome, sede, calmas, frios, vigias.

Em nascendo, posto que seja no rigor do inverno, levam as crianças aos rios mais polas cortir que pera as lavar: deixam o peito da mãe e entram na caça, criando-se a maior parte do tempo na aspereza dos montes antes que no mimmo das cidades; havendo e dizendo que nenhuma cousa quebranta mais o animo e escurece o lume da razão que a criação deliciosa. E assi é em todo o espirito animoso, o engenho esperto, o juizo repousado.

No entendimento, que é tudo no homem, não lhes fazem vantagem os melhores de Europa; e deixa-se bem ver nos moços japões, que em menos tempo e muito mais facilmente aprendem a lêr e a escrever na nossa lettra e lingua que os nossos proprios Portuguezes. Nem os lavradores e criados no campo são entre elles tão rudes e safaros como entre nós, antes todos no bom ensino e policia parecem homens de corte. Mas o que em mais se mostram capazes e sujeitos á razão, é o estylo que guardam em tomar a lei de Deus; porque apenas se achará homem que a receba até lhe não fazerem per uma parte ver com os olhos e tocar com as mãos a falsidade das suas seitas e lhe não satisfazerem per outra ás duvidas que propõem sobre os mysterios que prégamos. Chamam elles a isto fazer enten-

dimento; que, depois de bem feito, é após a divina graça o que os sujeita e traz ao suave jugo do Evangelho com a resolução e constancia que em seu lugar diremos.

Não póde menos com os Japões a honra que o entendimento; que, ainda que esta nem sempre é bem entendida, só tem preço entre quem se entende. A nenhum de seus idolos adoram nem estimam como a ella; nem são per uma via poucos os bens e proveitos que lhe rende. D'aqui lhes vem serem no extremo cortezes e comedidos uns com os outros sem excepção de pessoas, porque até os officiaes mechanicos, que estão trabalhando em serviço dos nobres, levam tão mal não os tratarem com toda a brandura e cortezia que a lhes ouvirem uma palavra, não digo affrontosa, mas um pouco desentoadada ou colerica, o menos que farão, será deixar no mesmo ponto a obra, e partirem-se sem nenhum respeito do jornal. E é cousa maravilhosa a força que a mesma conta fazem a todas as paixões naturaes, refreando-as, ou, pera melhor dizer, dissimulando-as de tal maneira que é vento o que fingiam os mais obstinados Stoicos, pera o que ordinariamente se vê nos Japões. De maravilha se mostrará um homem agastado; antes quando o estão mais uns dos outros, então os acham com melhor rosto, e mais cortezes e brandos nas palavras, sem per nenhum caso haver as descomposturas tão ordinarias entre nós. Já blasphemias contra seus deuses, nem juramentos para dar mais autoridade á propria palavra, nunca entre elles se ouviram. Lançará o amo ao criado fóra de casa, mandará o senhor desterrar, confiscar a fazenda e tirar a vida ao vassallo, mas tudo com tanta serenidade e tão boas palavras que nenhum vai affrontado, posto que vá castigado, nem o outro deixou a voz de Jacob, e mais parece que fingiu do que tomou as mãos de Esaú. Do mesmo modo se hão os pais com os filhos, os maridos com as mulheres e os maiores amigos entre si, que, por grandes que sejam os aggravos, nunca se desaggravam com queixumes, nem alguma significação de sentimento. E pera cortarem de todo as occasiões de o mostrar, é costume ge-

ral em Japão não se tratar negocio grave de rosto a rosto; tudo corre per terceiros e recados, por mais que as partes sejam uma mesma cousa, tendo por muito menor perda a do tempo, que se gasta n'estas embaixadas, que a da honra e primor, que elles cuidam se menoscaba muito com qualquer mostra de paixão.

Com se estranharem tanto as palavras d'affronta na presença, muito menos se soffre murmurar dos ausentes, porque hão que quem do inimigo falla nas costas, a si mesmo não tem respeito; e a elle têm medo, que é a fraqueza que mais encobrem: tanto que, como em Europa se armam e acompanham dos seus os que têm inimigos, assim andam elles, quantos mais bandos trazem, mais desarmados e menos acompanhados, só por mostrarem que então menos temem, quando mais se temem.

A' conta da mesma honra abominam os Japões toda a sorte de furto, e com elle o jogo, dizendo que ninguem joga sem cobiça, e que vai muito pouco de cubiçar a furtar. De modo que, se não é o que levam nos sacco dos logares com pretexto de guerra, e o que alguns piratas pescam no mar com a mesma côr, passarão todos os extremos de necessidade por não descer nesta parte á menor baixeza; e não sómente não roubam, mas primeiro se deixam morrer que peçam ou esmola, ou emprestado, só por não se sujeitarem pedindo, e se pôrem a risco de faltar não pagando. E são tão avisados que nem a pobreza, ou a herdassem ou lhes succedesse, nem outro mal algum dos que não dependem da propria liberdade, têm por affronta, não fiando a honra mais que de si mesmos.

Este é o fundamento d'aquella incomparavel constancia que mostram nos maiores e mais pesados trabalhos da vida: porque acontece muitas vezes a reis e senhores mui poderosos desapossarem-n'os outros de todos seus estados, pondo-os e deixando-os em tanta miseria, que se descalçam e rapam a cabeça (o mais certo signal entre elles de enjeitarem e serem enjeitados do mundo, como o é entre nós cortarem as mulheres os cabellos per morte dos ma-

ridos), vivendo sobre si tão pobremente como o menor do povo, sem nunca por todas estas mudanças fazerem uma só no rosto, nem lhes acharem menos o brio e altiveza de coração, paz e repouso antigo. De sorte que, como em Grecia um só Stilpon, quando, sahindo mal com a vida do incendio da patria, onde lhe ardêra mulher, filhos e fazenda, e perguntando-lhe Demetrio, o proprio tyranno que tudo abrasara, se perdêra no fogo alguma cousa, respondeu: Todos meus bens levo comigo — tão de verdade que pôz (como bem disse o outro) o rei em duvida se vencêra, vendo-o a elle tão vencedor de sua propria victoria: assi no fim de qualquer guerra no Japão, quem pozer os olhos na igualdade do animo e mostra de alegria de cada uma das partes, mal dirá quaes sejam os vencidos e quaes os vencedores.

Não é rezão porém que nos deixemos enganar d'estas tão bem afiguradas virtudes dos gentios japões, porque a estofa é a mesma com a das que representavam os Platões em Grecia, e os Catões em Roma; e n'umas e nas outras houve e ha pouco que louvar, e menos que invejar, por serem todas falsas e vãs com a ambição que as governa e a honra que servem. Não está a virtude em vencer os vicios e apagar as paixões, se não no com que se vencem e apagam. Pois é certo que, se um vicio vence com outro, quão debilitado ficar o vencido, tanto ha de engrossar o vencedor: como bem se viu na antiga soberba e arrogancia dos philosophos, e vemos hoje na moderna dos Japões. E não póde haver melhor prova da falsidade das taes virtudes, que faltar-lhes a companhia das outras, tanto mais quanto ellas vão mais crescendo, quando nas verdadeiras a posse perfeita d'uma a dá á alma de todas. Assi o experimentamos nos Santos, que, assignalando-se uns na paciencia, outros na misericordia, muitos no rigor da penitencia, todos eram juntamente penitentes, misericordiosos,



soffridos, sobrios, castos, humildes. Mas Socrates, Platão, um Catão e outro, e os melhores enfim dos Gregos e Romanos, quanto se mostravam mais pacientes nas injurias, mais temperados na mesa, mais duros e rigorosos no tratamento, tanto se via per outra parte n'elles menos religião pera com Deus, menos honestidade em si mesmos, menos misericórdia com os proximos; de modo que, em vez de nascerem após uma virtude as outras, assi pulavam n'elles as mais paixões viciosas, quando cortavam n'uma, como fingiam das cabeças da Hydra os seus poetas. E ainda o exercicio d'aquelle mesmo rigor, temperança e soffrimento que tanto professavam, como n'elle não tinham outro fim que ganhar ou conservar a honra, assi ora o proseguiam, ora o trocavam com monstruosas impaciencias e intemperanças, encolhendo e estendendo (como outro Briareu) os braços, segundo per ella eram mandados. E são testemunhas d'esta sua inconstancia e variedade os proprios autores que mais os louvaram de justos e sabios; como tambem é rezão que o sejamos nós da grande corrupção de costumes e desordem de paixões do gentio de Japão, já que o somos do que n'elles é ou póde parecer virtude; porque geralmente se entenda como esta na fé sómente e lei da graça de Jesu Christo nosso Redemptor se ha de buscar e achar.

(PADRE JOÃO DE LUCENA. — *Vida de S. Francisco Xavier*, liv. VII, caps. II e III, vol. 3º.)

---

**Fernão Cardim** (Vianna, 1540-1625) entrou em 1555 para a Companhia de Jesus. Era ministro do collegio de Evora, quando foi mandado acompanhar ao Brasil o visitador Christovão de Gouvêa, e em nosso paiz ficou até 1599, occupando entre outros o logar de reitor do Rio. Tendo partido para Roma em 1600, voltava no anno seguinte, quando foi aprisionado por piratas inglezes; mas em 1602 já estava no Brasil como provincial, e

era reitor do collegio da Bahia, quando esta cidade padeceu a invasão hollandeza. Morreu em Abrantes.

A sua *Narrativa epistolar* foi publicada em 1847; e o opusculo *Do principio e origem dos Indios do Brasil*, traduzido em inglez e inserto na colleção de Purchas, só viu a luz em portuguez no anno de 1881.

Foi Cardim um padre illustrado, que escrevia com lhaneza sobre cousas de nossa patria, e da penna lhe sahia fluente a pura lymphá quinhentista.

### Costumes dos Indios.

Entrando-lhe algum hospede pela casa, a honra e agasalho que lhe fazem, é chorarem-n'o: entrando, pois, logo o hospede na casa, o assentam na rêde, e, depois de assentado, sem lhe fallarem, a mulher e filhos e mais amigos se assentam ao redor, com os cabellos baixos, tocando com a mão na mesma pessoa, e começam a chorar todos em altas vozes, com grande abundancia de lagrimas, e alli contam em prosas trovadas quantas cousas têm acontecido desde que se não viram até áquella hora, e outras muitas que imaginam, e trabalhos que o hospede padeceu pelo caminho, e tudo o mais que póde provocar a lastima e choro. O hospede neste tempo não falla palavra, mas, depois de chorarem por bom espaço de tempo, limpam as lagrimas, e ficam tão quietos, modestos, serenos e alegres que parece nunca choraram, e logo se saudam, e dão o seu *ereiupe* (1), e lhe trazem de comer, etc.; e depois d'estas cerimoniaes contam os hospedes ao que vêm.

Tambem os homens se choram uns aos outros, mas é em casos alguns graves, como mortes, desastres de guerras, etc.; têm por grande honra agasalharem a todos e darem-lhes todo o necessario para a sua sustentação, e algumas peças, como arcos, frechas, passaros, pennas e outras cou-

---

(1) Bem vindo seja.

sas, conforme a sua pobreza, sem algum genero de estipendio.

Costumam estes gentios beber fumo de *petigma*, por outro nome herva santa; esta seccam, e fazem de uma folha de palma uma *canguera*, que fica como canudo de canna cheio d'esta herva, e pondo-lhe o fogo na ponta mettem o mais grosso na bocca, e assim estão chupando e bebendo aquelle fumo, e o têm por grande mimo e regalo, e deitados em suas rêdes gastam em tomar estas fumaças parte dos dias e das noites. A alguns faz muito mal e os atardôa e embebeda; a outros faz bem e lhes faz deitar muitas reimas pela bocca. As mulheres também o bebem, mas são as velhas e enfermas, porque é elle muito medicinal, principalmente para os doentes de asthmas, cabeça ou estomago, e d'aqui vem grande parte dos Portuguezes beberem este fumo, e o têm por vicio ou por preguiça, e imitando os Indios gastam n'isso dias e noites.

(Do principio e origem dos Indios do Brasil, Rio, 1881, pags. 10 e 12.)

---

**Duarte Nunes de Leão** nasceu em Evora e falleceu em 1608. Foi desembargador da casa da Supplicação e compoz um repertorio das ordenações e leis extravagantes, que colligira por ordem do rei D. Sebastião.

Escreveu curiosos tratados: *Origem da lingua portugueza*, *Orthographia* do mesmo idioma e *Descripção do reino de Portugal*. Refundiu as chronicas dos reis da primeira dynastia na *Primeira parte das chronicas dos reis de Portugal*, e a dos tres primeiros reis da segunda dynastia na *Segunda parte* das mesmas chronicas.

Na opinião de Telles da Silva (Marquez de Alegrete), foi Duarte Nunes de Leão quem abriu caminho á critica da historia em Portugal, escrevendo com juizo e madureza. Mas, quanto ao estylo cumpre declarar que não prima pelo colorido nem pela animação.

### Cativeiro e morte do infante D. Fernando.

O infante D. Fernando foi filho de el-rei D. João I de Portugal, e da Rainha D. Philippa, filha do duque João de Lancaster, e irmã d'el-rei Henrique V de Inglaterra; e como seu pae foi um príncipe assignalado em virtudes e sua mãe de grandes perfeições e santidade, assim foi a criação deste infante, junto á sua boa natureza, que desde a sua tenra idade foi inclinado a todo o genero de virtude, e que logo deu mostras de se criar nelle um grande santo. Porque desde a idade de quatorze annos todo seu cuidado empregou em servir a Deus; rezar as horas canonicas como um religioso; jejuar muitos dias do anno, a que a Igreja não obriga, de que muitos eram a pão e agua. Sua casa, nos costumes e boa criação dos seus criados, era um convento de religião e uma escola em que se aprendiam virtudes e se exercitavam. O tempo e dinheiro, que os príncipes mancebos costumam gastar em delicias de caças, chocarreiros e outros usos pouco honestos, gastava elle em ter sua capella bem ornada e concertada em tudo, de vestimentas e vasos de prata, tapeçarias e cantores, como se fôra uma sé cathedral. Tinha dos Summos Pontífices muitas graças, para na mesma sua capella se baptisar, confessar e dar a communhão e a santa unção, e que todo que o servisse sete annos, morrendo em sua casa, fosse absolto de culpa e pena, ao artigo de morte.

Estando nesta quietação o infante D. Henrique, seu irmão, que era homem cúbicoso de honra, e desejava passar a Africa, persuadiu a seu irmão, o infante D. Fernando, que o ajudasse n'esta pretensão, e requeresse com grande instancia a el-rei o deixasse ir a Inglaterra, á casa de el-rei seu tio, a ganhar honra pelas armas, como já seus irmãos tinham ganho; ou ordenasse com que fosse cercar Tanger. E assim foi requerido a el-rei por sua parte,

com tão grande vehemencia que el-rei lhe veiu a conceder; e fez uma armada, em que mandou os infantes D. Henrique e D. Fernando, seus irmãos, a Africa, com quatro mil homens de cavallo e dez mil de pé; e pozeram cerco á cidade de Tanger; na qual havendo muitos mil homens de cavallo para a poderem defender, os vieram soccorrer os reis de Fez e Tafilette, com noventa mil homens de cavallo e numero sem conta de gente de pé. E o que neste cerco passou, é notorio por muitas historias.

E como os christãos se viram em tanto aperto, para se salvarem da morte (de que não podiam escapar) vieram a partido que os mouros deixassem ir aos christãos, com tanto que el-rei de Portugal lhes largasse a cidade de Ceuta, que lhes tinha tomado, e lhes dêsse por isso arrefens. Entre o infante D. Henrique e os capitães portuguezes foi assentado que o infante D. Fernando se entregasse aos mouros em penhor, até á entrega de Ceuta.

E, sabendo elle o perigo em que se mettia, fiando-se de mouros tão inimigos e tão assanhados, como quem tambem consentira dar ainda a vida por livramento de seus companheiros, que o vieram servir, elle se offereceu a se dar em arrefens, e foi entregue a Çala-Ben-Çala, que fôra senhor de Ceuta, com certos servidores que elle escolheu para o servirem e o acompanharem, que só foram nove, convém a saber: um confessor, um capellão, um secretario, um camareiro, um aposentador, um psysico, um guarda-reposte, um cozinheiro, com um homem do forno. Çala-Ben-Çala o levou a Fez com um tal apparatus que o infante entendeu bem o tratamento que ao deante havia de receber. A besta em que o fez cavalgar, foi um sendeiro magro e desferrado, com uma sella velha e rota, de arções despregados e freio atádo com tamiças; e por escarneo lhe metteram uma vara na mão para o tanger; sem aquella vil gente ter respeito que era filho de um rei e de uma rainha e que elles o não captivaram, mas que elle espontaneamente se metteu em suas mãos por sua pura bondade, para remedio dos seus naturaes que o serviram.

Assim foi o infante caminho de Fez, no qual a cada povoação que chegavam, faziam-n'o saber primeiro, e sahiam a recebê-los com grandes vituperios, cuspidos-lhes nos rostos e apedrejando-os; e assim passaram até chegar á casa onde haviam de pousar; onde a câma que lhes davam, era o chão, porque não queriam os mouros que o infante se assentasse em suas esteiras, nem que comesse em seus vasos, que de tudo os lançavam, como homens imundos e excommungados, e quebravam as escudelas e vasos em que mettião as mãos; o que tudo aquelle príncipe soffria com muita paciência, como se a elle se não fizesse. Quando chegaram a Fez, os mouros detiveram ao infante até sahir toda a gente da cidade, que com pregões fôra chamada, para maior affronta d'aquelle príncipe; e assim, como em triumpho, o levaram n'aquelle mal ornado cavallo, e os seus a pé; os quaes por verem tão innumeravel povo junto, de tão extranhos e differentes trajos da gente da Europa, e cores de rostos, e lingua, iam como attonitos; e muito mais por alaridos e gritarias, que faziam; que lhes impedia passarem, se não fôra o rigor das guardas, que afastavam a gente. Chegando ao paço, foram entregues a Lazaraque, o mais cruel mouro que o mundo tinha; o qual, sendo homem baixo e de vis costumes, por sua astucia e tyrannias se veio apoderar do reino e o ter opprimido, e ao rei moço como captivo, com quem casou uma filha que tinha.

Quando este viu que de Portugal não ia resolução sobre a entrega de Ceuta, nos quatro mezes de sua chegada, começou a dar cruel tratamento ao infante e aos seus; e sobre a estreita prisão em que o tinha, vexado de fome e sede, o fez carregar de ferros como captivo, e o mandou limpar seus cavallos, e varrer as estrebarias, e ora cavar na sua horta; do que aquelle delicado príncipe trazia as mãos cheias de chagas e empolas, que em outro tempo sahiam a ser beijadas de muitos nobres. E para lhe tirar toda a consolação, o apartava dos seus, o que elle sentia mais que tudo, porque elles o consolavam a elle, e a elles

só os tinha para se queixar e desabafar; e elle consolava aquelles bons servidores, cujos trabalhos sentia mais que os seus, porque, por o servirem e acompanharem, deixaram a vida livre que tinham, e se metteram em tão duro captiveiro. E tantos eram os modos que aquelle tyranno buscava para vexar aquelle principe, que sobre lhe mandar roubar o fato, que comsigo trouxera, e as peças e guisamentos da sua capella, o despiram em camisa, para o buscarem se tinha alguma cousa; e, achando-lhe no gibão duzentas moedas de ouro, lh'as tomaram; e assim roubaram a um mercador genovez, que lhe dava dinheiro e o necessario (por recado que tinha de Portugal) para que lh'o não podesse dar, ainda que quizesse.

Passou o infante, e passaram os seus, vexações e fomes e trabalhos infinitos, até que, chegando-se o tempo em que havia de fazer seu fim, Lazaraque o mandou metter em uma casinha suja e fedorenta (que era pertença das necessarias dos capados) a qual era tão estreita que apenas um homem se podia revolver nella. Nesta casinha suja e escura esteve o infante só, sem companhia, espaço de quinze mezes, que precederam sua morte. A vida que passava era rezar todo o tempo com os joelhos ambos em terra; em que fez tão grandes callos, como se fôra um camello; e alli esteve até que acabou a vida. Achando-se mal de umas camaras, que lhe deram, e lhe causaram grande fraqueza, sabendo-o Lazaraque mandou aos porteiros que lhe deixassem ver o confessor, e com elle um dos seus, que lhe trouxesse o comer, que lhe elles fizessem; e elles ordenaram que fosse o physico, ao qual disse o infante seu fim ser chegado; e que, enquanto durasse, lhe não levasse para comer carne aos dias de segundas e quartas-feiras; e que lhe saudasse seus companheiros, e lhes dissesse que a saudade e cuidado que d'elles tinha, lhe faria accelerar sua morte e ser mais penosa.

Finalmente, perseverando mais a fraqueza, aos cinco dias do mez de junho do anno de mil quatrocentos quarenta e três, em que mostrava querer expirar, estando pre-

sentes o confessor, o physico, que continuamente o visitavam, pôz o confessor os olhos nelle, e viu que do rosto lhe sahia grande claridade, e que o tinha muito risonho e alegre, e os olhos abertos e cheios de lagrimas, tendo as mãos levantadas ao céu; e lhe perguntou — se dormia? — por três vezes, e respondendo á ultima — que bem ouvia — não lh'o perguntou mais, cuidando que lhe não aprazia. O santo infante esteve assim até pela manhã, que os porteiros vieram abrir a porta; e logo chamou ao confessor só, e lhe contou a revelação que vira, porque lhe fôra revelada sua morte e sua salvação. E assim passou aquelle dia até sol posto: no qual tempo, perguntando-lhe o confessor — como estava? — respondeu — que se ia —; pelo que o confessor lhe disse que — dissesse a confissão geral; o que elle fez inteiramente por si; e, absolto plenariamente, expirava, havendo seis annos que estava captivo.

(DUARTE NUNES DE LEÃO — *Descripção de Portugal*, cap. 83°.)

---

Diogo de Couto (Lisboa, 1542-1616) foi guarda-mór da Torre do Tombo, na India, e continuou as *Decadas* de João de Barros. Espectador da lastimosa decadencia dos Portuguezes no Oriente, escreveu com animo patriotico o *Soldado pratico*, que aliás só foi impresso em 1790. Privou com o grande Camões e na decada VII descreve como esse seu *matalote e amigo* vivia em Moçambique *comendo de amigos*. Escreveu tambem poesias e varios opusculos, mas principalmente se distingue pela independencia e criterio com que se enunciou sobre o governo da India. O estylo é menos pomposo que o de Barros, porém, no sentir de Rebello da Silva, essa inferioridade de estylista é compensada pelas qualidades de historiadore.



### Jornada de Maluco e descoberta da ilha dos Papuas.

Partido D. Jorge de Menezes, de Malaca pera as ilhas de Maluco, como atrás temos dito (que foi a primeira cousa em que proveu Pero Mascarenhas, depois de ter recado que era o governador) foi seguindo sua viagem pela via de Bornéo, como levava por regimento. Chegando ás ilhas do Moro, setenta leguas de Ternate, indo demandar á terra pera surgir, não achou fundo por ser tudo á roda daquellas ilhas mui alcantilado, e não se poder surgir senão com os proizes em terra; e, como D. Jorge não queria vizinhar-se tanto a ella, foi-se na volta do mar. Da ilha foram logo vistos, e sahiram duas almadias ás naus; e, porque não se determinaram serem Portuguezes ou Castelhanos, não se ousaram a chegar. D. Jorge lhes mandou capear, com o que uma das almadias se arriscou e chegou a bordo. D. Jorge lhes mandou perguntar pelo capitão de Maluco, e pelo estado em que a nossa fortaleza estava, de que lhe não souberam dar razão, e por anoitecer se afastaram com alguns pannos que lhes mandou dar D. Jorge por irem contentes. De noite acalmou o vento, ficando os nossos navios anhotos; porque, como não havia fundo pera surgir, nem vento pera governar, e as aguas por entre aquellas ilhas corriam pera o levante como a pedra da mão, foram levados até os lançarem fóra de todas as linhas em um golfo de mar mui grande, onde lhes deu um temporal mui grosso, com que foram correndo quasi perdidos alguns dias até haverem vista de uma terra que lhes pareceu ilha, que estava em altura de... graus do norte, e indo a demandar, foram surgir perto e em muito bom fundo.

Logo vieram algumas embarcações a elles, em que vinham alguns homens muito pretos e de cabellos revoltos, como os Cafres de Jalofo, ou como os do cabo de Boa Es-

perança pera Moçambique, e entrados nas naus lhe fizeram os nossos grandes gazalhos, mas não houve quem os entendesse; mandando com elles algumas pessoas a terra a fallar com o seu rei, e a ver o que ella tinha, e acharam el-rei, que tambem era preto, como os outros, que os recebeu bem, fallando-lhe por acenos, e viram a terra abastada de mantimentos, gados e gallinhas, que os nossos mandaram resgatar por pannos e por calaim. Vendo D. Jorge que não havia monção pera tornar pela Maluco, senão d'alli a alguns mezes, deixou-se alli ficar, commutando com os da terra tudo o de que tinham necessidade, achando aquelles moradores d'alli domesticos, posto que diziam que pela terra dentro havia nações que comiam gentes. Aqui viram os nossos alguns dos naturaes, assi homens como mulheres tão alvos e louros como Allemães, e perguntando como se chamavam aquellas gentes, disseram que Papuas; e, pelo pouco conhecimento que então tinhamos d'aquella terra, cuidaram os nossos serem ilhas; mas quanto a nós, pelo que depois se veiu a alcançar, esta terra é aquella a que Marco Polo Veneto chama Lochac, que diz ser riquissima de ouro, que diz que estava setecentas milhas (que são mui perto de duzentas leguas nossas) de Java, e a põe da outra banda do tropico, e diz que ao derredor estavam as ilhas de Sudor, Pentan, Malayur e outras; e do que d'ellas depois se soube e descobriu, em outro lugar o diremos. E, deixando a D. Jorge, emquanto lhe tarda a monção, tornemos ás naus dos Castelhanos, de quem em Ternate andava fama, e diremos que armada era e o que lhe aconteceu na jornada. Depois de chegar a Hespanha aquella formosa nau *Victoriá*, da companhia de Fernão de Magalhães, dando razão ao imperador Carlos V Maximo (que já governava) do descobrimento que fizera das ilhas de Maluco, fazendo-lhe crer ficarem na sua demarcação, encarecendo-lhe as riquezas d'ellas, mandou logo ordenar no porto da Corunha outra armada de sete velas, de que deu a capitania a Frei Garcia de Loaiza, fidalgo biscainho, commendador de S. João. Esta armada deu á vela vespera

de Sant-Iago de mil e quinhentos a vinte e cinco annos; ia n'ella por sota-capitão o mesmo João Sebastião del Cano. A armada era de quatro naus, dous galeões e um patacho. Os capitães eram Frei Garcia, João Sebastião del Cano, D. Rodrigo da Cunha e Diogo de Vera: estes iam nas naus, os das caravellas não sabemos. Partidos da Corunha, foram tomar a Gomeira, e, correndo a costa de Guiné, faltando-lhes o tempo pera dobrar o cabo de Santo Agostinho, por conselho de todos determinou o general de fazer sua derrota pelo cabo de Boa Esperança; e, indo-o demandar, encontraram um navio de Portuguezes; que entre algumas cousas que d'elles souberam, foi que acharam uma ilha chamada S. Matheus, em que fizeram aguada, e acharam signaes de já ser povoada em algum tempo, porque havia alli muitas laranjeiras e arvores de espinho, gallinhas, rasto de porcos; e em alguns troncos de arvores grandes acharam letras portuguezas, em que se mostrava que havia oitenta e sete annos que já alli estiveram gentes nossas, do que em nenhuma outra escriptura achámos feito memoria.

(Diogo do Couto — Decada IV, Liv. III  
— Cap. III.)

### **Naufragio do Sepulveda.**

Manoel de Souza de Sepulveda com os da sua companhia foi seguindo o caminho do rio de Manheça, com determinação de se deixarem ficar n'elle, se aquelle rei lh'o consentisse; e, indo assim, tornaram os Cafres dar n'elles, e isso que ficou sobre os corpos foi roubado, deixando-os nus. E D. Leonor, quando os Cafres a quizeram despir, o não quíz consentir, antes ás bofetadas e ás dentadas, como leão maguada, se defendia, porque antes queria que a matassem que despirem-n'a. Manoel de Souza de Sepulveda, vendo sua amada esposa naquelle estado e os fi-

lhinhos no chão chorando, parece que a magua e dor lhe resuscitou o entendimento (como acontece á candeia, que se quer apagar, dar antes disso maior claridade)' e tornando sobre si mais algum tanto se chegou á mulher, e, tomando-a sobre seus braços, lhe disse:

— Senhora, deixai-vos despir, e lembre-vos que todos nascemos nus; e, pois d'isto é Deus servido, sêde vós contente, que elle haverá por bem que seja isto em penitencia de nossos peccados.

Com isto se deixou despir, não lhe deixando aquelles brutos deshumanos cousa alguma com que se podesse cobrir.

Vendo-se ella nua, assentou-se no chão, e espalhou os seus formosissimos e compridos cabellos por diante, com o rosto todo baixo, porque a podessem cobrir, e assim com as mãos fez uma cova na areia, onde se metten até á cinta, sem mais se querer alevantar d'alli. Os homens da companhia, vendo D. Leonor, foram-se afastando de magua e vergonha. Vendo ella a André Vaz, o piloto, que virava as costas pera se ir, chamou por elle e lhe disse:

— Bem, vêdes, piloto, como estamos e que já não podemos passar daqui, onde parece tem Deus ordenado que eu e meus filhos acabemos por meus peccados; i-vos muito embora, fazei por vos salvar, e encommendai-nos a Deus; e, se fordes á India e a Portugal em algum tempo, dizei como nos deixastes a Manoel de Souza e a mim com meus filhos.

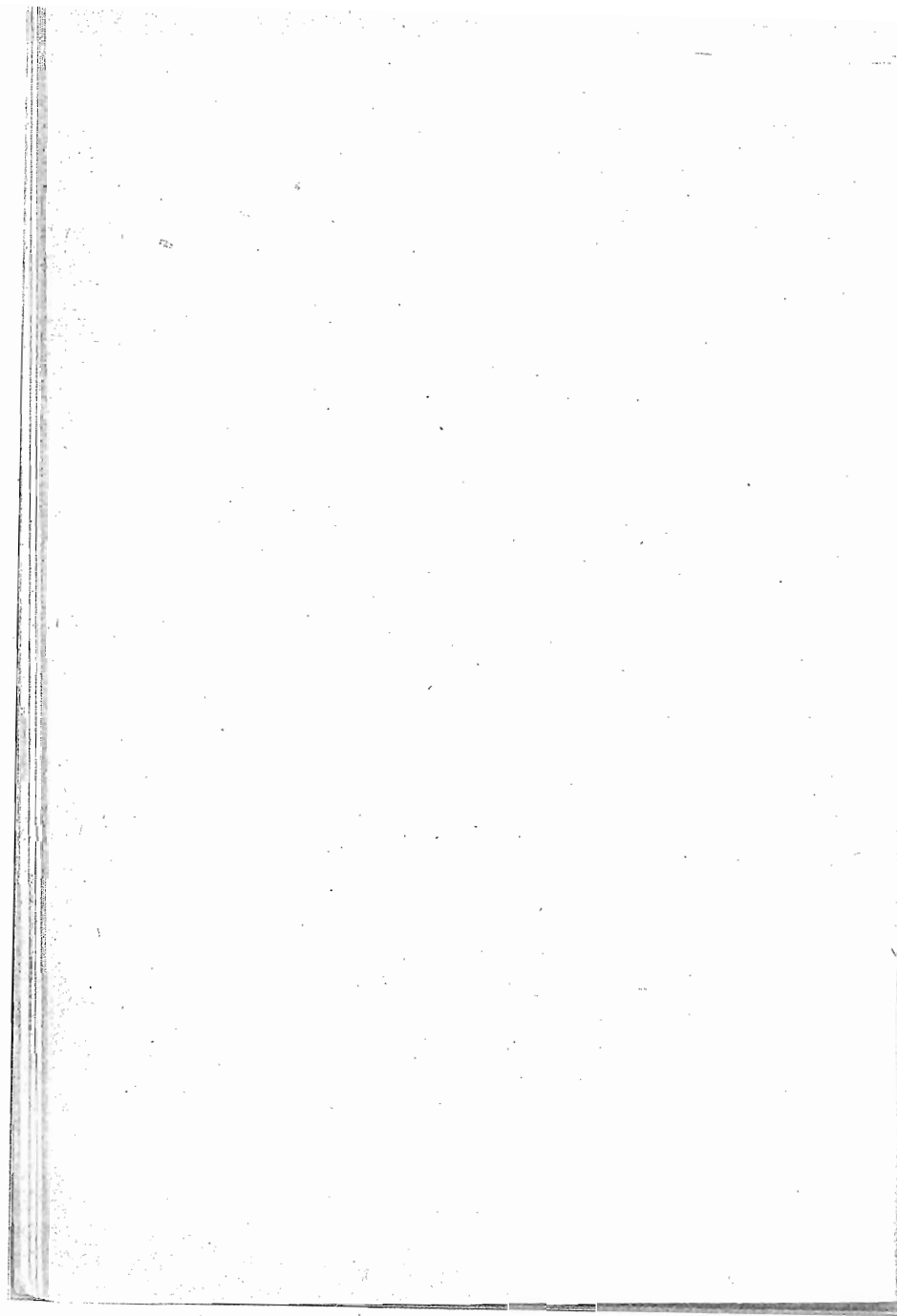
André Vaz, enternecido de magua daquelle piedoso espectáculo, virou as costas sem responder nada, mas todo banhado em lagrimas, e foi continuando seu caminho após os outros, que iam já adiante. Manoel de Souza com todos aquelles infortunios e maguas não se esqueceu da necessidade da mulher e dos tenros meninos, que estavam chorando com fome; foi-se aos matos a buscar alguma cousa pera lhes dar; e, quando tornou com algumas fructas bravas, achou já um dos meninos morto e D. Leonor como **pasmada com os olhos n'elle e com outro no collo.** Elle,

pondo os olhos fitos n'ella e no menino morto, ficou assim um pequeno espaço sem fallar cousa alguma. Passado elle, fez uma cova na areia e por sua mão o enterrou, lançando-lhe a derradeira benção.

Feito isto, tornou-se ao mato a buscar mais fructas pera a mulher e pera o outro menino; e, quando tornou, achou ambos fallecidos, e cinco escravas suas sobre os corpos, com grandes gritos e prantos. Vendo Manoel de Souza de Sepulveda aquella desventura, apartou d'alli as escravas, e assentou-se perto da mulher com o rosto sobre uma mão, e os olhos n'ella; e assim esteve espaço, de meia hora, sem chorar nem dizer palavra. Passado aquelle termo, levantou-se e começou a fazer uma cova com ajuda das escravas (sempre sem fallar cousa alguma), e, tomando a mulher nos braços, chegando o seu rosto ao della um pouco a deitou na cova com o filho; e depois de a cobrir, sem dizer cousa alguma ás moças, se tornou a metter pelo mato, onde desapareceu sem mais se saber delle, e sempre se presumiu que os tigres o comeram.

(*Idem.* — Decada VI, liv. IX, cap. XXII.)

---

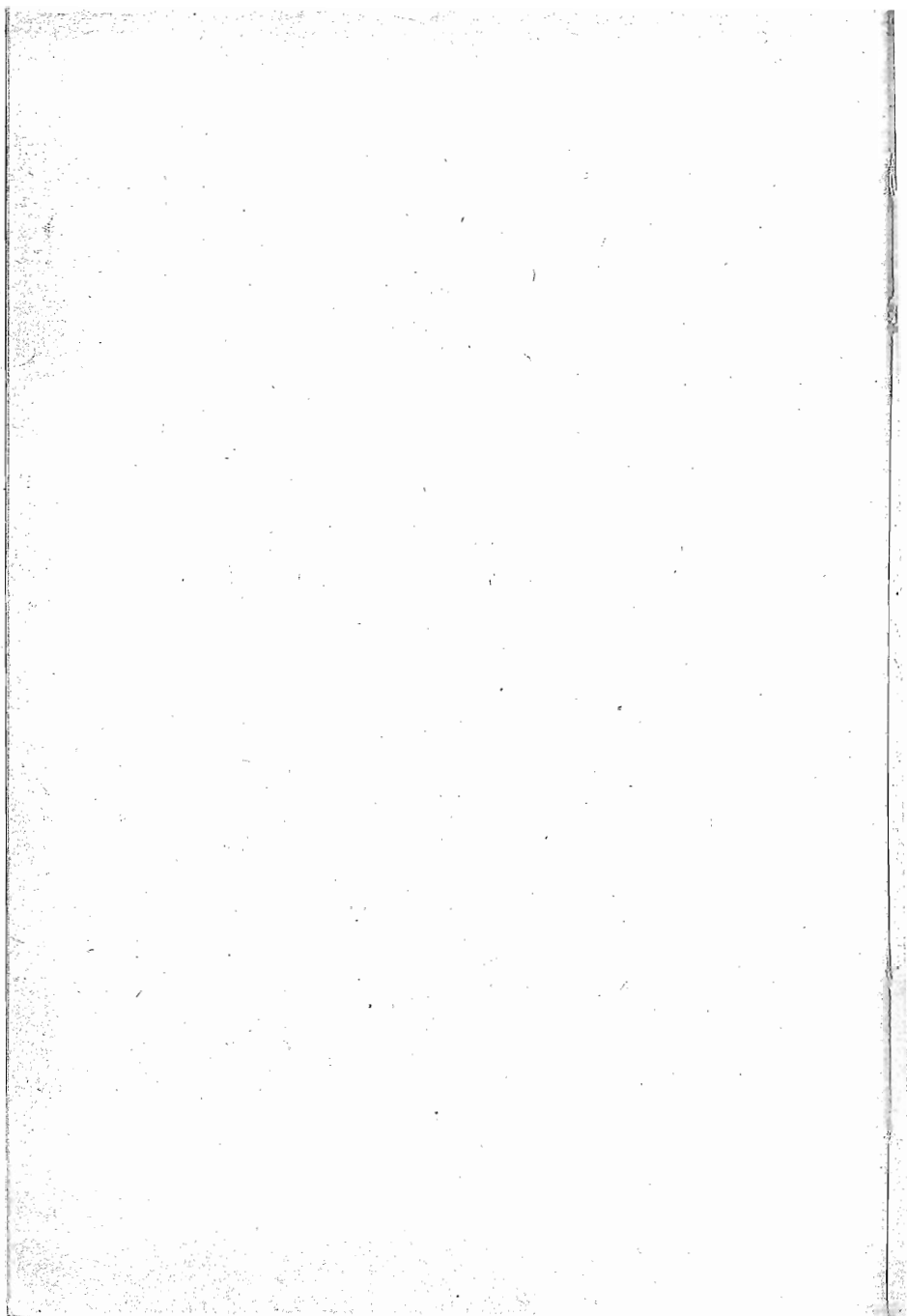


PARTE II

---

POETAS

PHASE CONTEMPORANEA





## POETAS BRASILEIROS

---

Domingos José Gonçalves de Magalhães (*Visconde de Araguaia*, 1811-1882) desempenhou no movimento romântico do Brasil o mesmo papel que em Portugal coube a Garrett. O nosso prefácio de *Cromwel* foi um artigo do então joven Magalhães na revista *Nitheroi*; e os primeiros modelos forneceu-os o revolucionario em seus *Suspiros poeticos e Saudades*.

Além de outras produções lyricas, escreveu um poema épico, *A confederação dos Tamoyos*, vivamente atacado por José de Alencar; e no theatro encetou a reforma pela tragedia *Antonio José*. Sobre philosophia não pouco dissertou, produzindo os *Factos do Espirito humano* e *A alma e o cerebro*.

Essas propensões philosophicas confirmou-as elle na regencia aa sua cadeira de philosophia no Collegio de Pedro II, cargo que deixou para seguir a carreira diplomatica, attingindo o elevado posto de ministro plenipotenciario do Brasil junto á Santa Sé.

### O Amazonas.

Balisa natural ao norte avulta  
O das aguas gigante caudaloso,  
Que pela terra alarga-se vastissimo;  
Do oceano rival, ou rei dos rios,  
Se é que o nome de rei o não abate;  
Pois mais que o rei supera em pompa e brilho,  
No solio, á multidão em torno curva,  
Supera o Amazonas na grandeza  
A quantos rios ha grandes no mundo!

O Kiang, o Nilo, o Volga, o Mississipe  
Inda que as aguas suas reunissem,  
Com elle competir não poderiam.  
Ao lado seu direito, e ao esquerdo lado,  
Mil feudatarios rios vêm pagar-lhe  
Tributo perennal de suas aguas.  
Resupino gigante se afigura,  
Qual outro Briareu, mas verdadeiro,  
Que estende os braços pr'a abraçar a terra!  
Pujante assim no Atlantico se entranha,  
Ante si repellindo o argenteo salso,  
Como se elle na terra não coubera,  
Ou como de inundal-a receioso,  
Si mais longo e mais lento a discorresse!  
O Amazonas c'o Oceano furioso  
Luta renhida trava interminavel  
Para roubar-lhe o leito; e ronca e espuma.  
Qual no lago, enlaçada a cauda a um tronco,  
Feroz sucuriuba horrida ronca,  
Quando sente mover-se á flor das aguas  
Lontra ligeira ou anta descuidada,  
E, inchando as fauces, a cabeça eleva,  
Os queixos escancara, a lingua solta,  
Para de uma só vez tragar o amphibio:  
Tal no pleito c'o Oceano o Amazonas  
Para sorvel-o a larga foz medonha  
Leguas abre setenta! A ingente lingua,  
Estende de três vezes trinta milhas,  
Como uma longa espada que se embebe  
Ao través do Atlantico iracundo,  
Que gemendo recua no arremesso,  
E em montes alquebrado o dorso enruga,  
Armas que joga ao mar, são grossos troncos  
Arrancados na furia, são pedaços  
De esboroadas montanhas que elle mina;  
Seus gritos são trovões tão horrorosos  
Que ali parece submergir-se o mundo;

Quando se incha o seu corpo desmedido.  
Equorea, espessa nuvem se levanta,  
Como uma chuva contra o céu erguida,  
Reflectindo do sol os sete raios:  
Tal o conquistador que c'os despojos  
Dos reis desthronizados se opulenta,  
Ou c'os tributos dos vencidos povos,  
Em pé firme no carro de combate,  
Envolto numa nuvem de poeira,  
Na frente vai levando debandada  
Ingente alluvião de imigas hostes,  
E ante as portas de bronze do castello  
Nova victoria alterca porfiosa.

(GONÇALVES DE MAGALHÃES, *Confederação dos Tamoyos*, canto I, pags. 3-6, da ed. de 1856.)

### Rio de Janeiro e Napoles.

Nitheroy! Nitheroy! como és formosa!  
Eu me glorio de dever-te o berço!  
Montanhas, varzeas, lagos, mares, ilhas,  
Prolifica natura, céu ridente,  
Leguas e leguas de prodigios tantos,  
Num todo tão harmonico e sublime,  
Onde os olhos verão longe deste Eden?  
Não és tão bello assim, ceruleo golfo  
Onde a linda Parthenope se espelha,  
Tão risonha e animada como a noiva  
No dia nupcial leda se arrêa  
Para mais encantar do esposo os olhos!  
Não és tão bello assim, quando torrentes  
De purissima luz vão esmaltando  
Tuas magicas ribas, apinhadas

De garbosas cidades, de palacios  
Entre bosquetes e oderosas tempes,  
E combros de ruínas gloriosas  
Da romana grandeza, que inda choras;  
Ou quando no teu céu voluptuoso,  
Onde o ar perfumado amor inspira,  
Entre os cirios da noite alveja a lua,  
No mar mostrando ao longe a bella Capri  
E a saudosa Sorrento, onde meus olhos  
Cuidam ver inda infante o egregio Tasso,  
Brincando á sombra de frondosos louros;  
Ou mesmo quando, inopinado, ás vezes,  
O teu vulcano monte, contrastando  
A brandura da doce natureza,  
Horrisono troando e estremecendo,  
Das sulfureas entranhas arremessa  
Pela boca infernal, de fumo envolta,  
Altos jorros de lavas inflamadas,  
Como ardentes columnas crepitantes,  
Que estalam no ar e rompem-se em chuviros,  
E umas sobre outras caem em catadupas  
E torrentes de fogo, que lambendo  
Vão o seu dorso, avermelhando as nuvens.  
Meu patrio Nitheroy te excede em galas,  
Na grandeza sem par muito te excede!

(*Idem* — Canto VI, pags. 171-173.)

### Napoleão.

Eil-o sentado em cima do rochedo,  
Ouvindo o echo funebre das ondas,  
Que murmuram seu cantico de morte:  
Braços cruzados sobre o largo peito,  
Qual naufrago escapado da tormenta,

Que as vagas sobre o escolho rejeitaram,  
Ou qual marmorea estatua sobre um tumulo,  
Que grande idéa occupa e turbilhona  
Naquella alma tão grande como o mundo!  
Elle vê esses reis, que levantara  
Da linha de seus bravos, o trahirem;  
Ao longe mil pygmeus rivaes divisa,  
Que mutilam sua obra gigantesca;  
Como do Macedonio outr'ora o imperio  
Entre si repartiram vis escravos.  
Então um riso de ira e de despeito  
Lhe salpica o semblante de piedade.  
O grito ainda innocente de seu filho  
Sôa em seu coração, e de seus olhos  
A lagrima primeira se deslisa.  
E de tantas côroas que juntara  
Para dotar seu filho, só lhe resta  
Esse nome, que o mundo inteiro sabe!  
Ah! tudo elle perdeu! a esposa e o filho.  
A patria, o mundo e seus fieis soldados!  
Mas firme era a sua alma como marmor,  
Onde o raio batia e recuava!  
Jamais, jamais mortal subiu tão alto!  
Elle foi o primeiro sobre a terra,  
Só, elle brilha sobranceiro a tudo,  
Como sobre a columna de Vendôme  
Sua estatua de bronze ao céu se eleva:  
Acima d'elle, Deus, — Deus tão sómente!  
Da liberdade foi o mensageiro;  
Sua espada, cometa dos tyrannos,  
Foi o sol que guiou a humanidade.  
Nós um bem lhe devemos, que gosamos;  
E a geração futura, agradecida,  
Napoleão dirá, cheia de assombro.

(GONÇALVES MAGALHÃES, *Suspiros poeticos.*)

Manoel de Araujo Porto-Alegre, *Barão de Santo Angelo* (Rio Pardo do Rio Grande do Sul, 1806-1879) foi um dos grandes batalhadores do movimento romantico no Brasil, gloria que comparte com Magalhães e Gonçalves Dias. Principiou a vida como relojoeiro, e, tendo sido recrutado em sua terra natal, veio para o Rio de Janeiro, onde estudou na Academia das Bellas-Artes. Enviado á Europa por alguns amigos, ahi foi discipulo de Gros, e na Italia conviveu com Magalhães e Salles Torres Homem. Foi nomeado director da Academia em 1854; em 1859, consul geral em Berlim. Desde então viveu quasi sempre na Europa.

Nas letras se distinguiu como auctor das *Brasilianas*, collecção de poemetos e cantos, e pelo seu grande poema épico *Colombo*. Escreveu tambem para o theatro, mostrou-se por vezes orador inspirado e activamente collaborou em diversos jornaes. Em sua obra prima, o *Colombo*, de mistura com prolixidades escusaveis e nimia ostentação de erudito, ha bellezas geniaes e que suscitam legitimo enthusiasmo.

### O triumpho.

Troam na Iberia os hymnos da victoria  
Que Fernando e Isabel do Mouro houveram.  
Jaz vencida Granada! A cruz guerreira  
Da moderna cruzada resplandece  
No rubro cimo da atalaia altiva,  
Que domina de Alhambra os régios muros  
E os zimbórios vidrados das mesquitas,  
Assentados no gremio augusto e bello  
Da abatida sultana do Occidente!  
Jaz vencido o koran: no santo aprisco  
Repousa a Hespanha á sombra do Evangelho  
Na ridente esplanada, ovantes, firmes,  
Como troncos de ferro, ao sol fulguram  
Pautados esquadrões, lucidas armas.  
Rebombam no horizonte em densas nuvens.  
Os estrondos da rouca artilharia,  
Que dos rinchos equinos augmentados,  
E do rijo clangor das marcias tubas,  
D'alto a baixo as montanhas estremecem!

Sobre o craneo hibernal das Alpuxarras  
Estala o diadema eterno e frigido  
De niveas carambinas; geme a terra:  
Revolve o Darso o antigo leito, e mescla  
De aureas palhetas as sangrentas aguas,  
Onde exangues cadaveres fluctuam.  
Retremem os zimbórios esmaltados  
Dos islamicos templos. Pavorosa  
A sombra de Almansor, banhado em sangue,  
Do poente jazigo em que dormia,  
Se ergue, e lá foge ao funeral de um throno  
Que o seu braço escudára em cem batalhas.  
Jaz vencida Granada!...

(COLOMBO — *Prologo.*)

### O prestito.

Era no dia em que o christão memora  
A maga Epiphania. Ao som festivo  
Das iberias trombetas, fronticurvo,  
Da tarima real descia o Mouro,  
Vendo em seu throno o desengano e a morte,  
E a gloria avita como um sonho illuso.  
O ferreo guante do Hespanhol pesava  
Sobre as ameias do rendido alcácar.  
Consummado era tudo! Escravo o bronze,  
Que ainda ha pouco nas hostes inimigas  
A morte vomitava, aguarda o mando  
Do seu novo senhor, que ovante marcha  
E ás portas bate da purpurea Alhambra.  
Em murzellos frisões, ajaezados  
Com mourisco primor, o rei e a esposa  
Fecham a marcha triumphante e grave,

Que ao som das charamelas e timbales  
Soberana desfila. No ar retinem  
Os hymnos da victoria. A' frente marcham  
Os reis d'armas, arautos, passavantes,  
Sobre os hombros sustendo as massas de ouro,  
Nas ferreas armaduras das cohortes,  
Que as alas ornam do real cortejo,  
Se espelha o sol em fogaréos ardentes,  
E as lanças e as espadas dos guerreiros,  
Ephemeros cometas, no ar lampejam.  
Hoste briosa, de afamada estirpe,  
Como estatuas de bronze augmenta a côrte,  
E o prestito realça o regio Musa.  
Mensageiro da paz, leão na guerra,  
Ali ostenta do Oriente as galas:  
Sobre o punho do alfange temeroso,  
Tauxiado em Damasco, entre saphyras  
Flammeja do Indostão rubim monstruoso;  
Vale o xairol de meio-reino as terras,  
E o seu dono e o ginete um vasto imperio!  
Em negros alfarazes, a seu lado,  
Trinta alarifes vão, de mouro sangue;  
Resumbra-lhes no rosto abaçanado  
O desdem que o valor innato exprime.  
Em castanhos corceis, Aldoradinis,  
Alabazes, Vanegos e Maliques,  
E os heroicos Gazules arrematam  
O sequito mourisco. Commandando  
Provados martres, senhoreia o prestito  
O sagrado pendão de Sant'Iago,  
A cuja sombra preito e homenagem  
Deve um dia render metade do orbe!  
Entre jograes e menestreis marchava  
Co'a lyra de outro um bardo, ultimo garfo  
Da caledonia estirpe, escapo ao ferro  
Que Eduardo cruel brandira em Galles.



Com garbo marcial a pompa illustram  
Equestres campeões d'alta linhagem.  
Das pupillas vertendo féro lume,  
E ao som dos hymnos que o valor deificam,  
Do tinir das espadas, dos arnezes,  
Os briosos corceis se engalam, rincham,  
Ondeiam, e nas fronte dos guerreiros  
Fluctuam docemente as brandas plumas,  
Qual formoso palmar que a briza afaga.  
A passo tardo, macilento monge,  
Coberto de burel, a côrte segue.  
Ximenes é o seu nome; o resto a Hespanha  
Ha de em breve dizer ao mundo inteiro.

(COLOMBO — *Idem.*)

### Fala de Boabdil.

Stava escripto! Não foram vossas armas  
Que meu throno abateram; foi o fado!  
Aben-Hassan, meu pae — Deus o ampare —  
Viu a par da derrota a estrella mesta  
Do infortunio pousar sobre o meu berço;  
Predisse o céu meu fim; fatal decreto  
Da morada de Allah baixou á terra.  
Aqui mesmo, senhor, nesta atalaia,  
Berço e sepulcro da grandeza humana,  
Uma horrenda visão teve elle um dia.  
Dia nefasto nos annaes da hegira...  
..... Estava escripto!  
Os braços granadis ora algemados  
Aos braços dos christãos em força igualam,  
E as aguas do Genil dão gume ao ferro  
Para o ferro cortar de vossas armas.

Allah foi quem venceu! Ante meus olhos  
Julianos e Oppas, refractarios  
A's juras do Koran, patentes vejo!  
Nem a esposa me resta; que o máo fado  
Me fez repudiar, cobrir de opprobrio,  
Negando seu amor! Sangue, só sangue,  
Avancerrage sangue em toda a parte  
Minha esperança para sempre afoga!  
Nasci em dia aziago... Eis vossas chaves...  
Uma graça senhor! Sêde piedoso,  
Tolerai o Koran: elle é do Mouro  
Um roteiro do céu. Inda outra graça:  
Mandai que um alvanel a porta mure  
Por onde Boabdil desceu do throno.

(COLOMBO — *Idem.*)

### Descoberta da America.

Mais um'hora velou. Deu meia noite,  
Rendeu-se o quarto no maior silencio.  
Acalmada a emoção, e mais convicto,  
Fez signal, e a esquadra poz a capa,  
Sem que alguém da manobra visse a causa.  
Sentado e enfraquecido por vigílias,  
Ainda olhava, mas, cedendo ao corpo,  
Alli mesmo dormiu, té que de um salto,  
Erguido ao tom de festival bombarda  
E da grita dos seus, que repetiam  
Com Bermejo, na Pinta — Terra! Terra!... —  
Sem olhar, convencido da verdade,  
Por grato impulso, ajoelhou-se orando,  
Antes que a terra lhe alegrasse a vista!  
Vinha o dia rompendo e descobrindo  
Sobre a linha do mar a terra anciada!

Como ao empaste das fecundas tintas  
A natura e a luz na tela fulgem,  
Assim fulgia o ondulado aspecto  
De frondente floresta, e pouco a pouco,  
Ao sorriso das horas fugitivas,  
No ar se abriam graciosas palmas,  
Como guerreiros de emplumados elmos,  
Vindos á plaga a festejar as naves.

Com o prumo na mão, sondando a costa,  
Entrou numa abra que no fundo tinha  
Surgidouro seguro. Manda o chefe  
A manobra de paz! e a um tempo viu-se  
Cahir o panno, atravessar a frota,  
Morder o ferro a desejada areia.  
Os descrentes então se convenceram  
De que um homem de Deus vê mais que os outros  
Baixam dos turcos o ligeiro esquife  
E o real escaler apendoado.  
O prazer que remoça, agita o Nauta.  
Larga o burel da devoção, e o peito  
De lucida couraça veste; cinge  
A espada de almirante, e sobre os hombros  
Traça um manto escarlata, mimo regio.  
Protege a fronte co'um brilhante almafne,  
De cujo cimo ponteagudo rompe  
Trifida palma de recurvas plumas.  
Toma o pacto real, feito em Granada  
É o pendão de Isabel, o novo lábaro,  
Que ha em breve vencer mais que o de Roma.  
Descem com elle os empregados regios,  
E os Pinzões, a quem dera a honra e guarda  
Do estandarte real. Acena ao mestre:  
Alam as promptas vagas á ribeira;  
Qual amplexo de amor, todos sentiram  
O doce abalo do encontrão da praia.

De um salto juvenil pisa Colombo  
A nova terra, e, com seguro braço,  
A bandeira real no solo planta.  
Beija a plaga almejada, ledor chora:  
Foi geral a emoção! Disse o silencio  
Na mudez respeitosa mais que a lingua.  
Ao céu erguendo os lacrimosos olhos,  
Na mão sustendo o Crucifixo disse:  
"Deus eterno, Senhor omnipotente,  
A cujo verbo creador o espaço  
Fecundado soltou o firmamento,  
O sol, e a terra, e os ventos do oceano,  
Bemdito sejas, Sancto, Sancto, Sancto!  
Sempre bemdito em toda parte sejas.  
Que se exalte tua alta majestade  
Por haver concedido ao servo humilde  
O teu nome louvar nestas distancias.  
Permitte, ó meu Senhor, que agora mesmo,  
Como primicias deste sancto empenho,  
A teu Filho Divino humilde off'reça  
Esta terra, e que o mundo sempre a chame  
*Terra da Vera-Cruz!* E que assim seja."  
Ergue-se e o laço do estandarte affrouxa:  
Sopra o vento, desdobra-o, resplandecem  
De um lado a imagem do Cordeiro, e do outro  
As armas hespanholas. Como assenso  
Da divina mansão, esparge a briza  
Um chuveiro de flores sobre a imagem,  
Flores não vistas da européa gente!

(COLOMBO — Canto 26°.)

Antonio Gonçalves Dias (Caxias, 1823-1864) bacharelou-se em direito na universidade de Coimbra, e, voltando ao Brasil em 1845, summamente se distinguiu como poeta lyrico, publicando os seus *Primeiros, Segundos e Ultimos cantos* e o poema dos *Tymbiras*.

Na *Revista Trimensal do Instituto Historico* figuram interessantes memorias devidas á sua penna.

Com immensa felicidade explorou o veio poetico do indianismo, e tanto e tão bem que depois d'elle parece esgotado.

Morreu no naufragio do *Ville de Boulogne*, em que vinha enfermo, e que abriu agua nos baixos dos Atins, proximos ao pharol de Itacolomi.

E' corrente a opinião dos que ao inditoso poeta assignam a primeira plana no movimento que do jugo do classicismo libertou as lettras brasileiras.

### Canto do Piaga.

#### I

O' guerreiros da taba sagrada,  
O' guerreiros da tribu tupi,  
Fallam deuses nos cantos do piaga,  
O' guerreiros, meus cantos ouvi!

Esta noite, era a lua já morta,  
Anhangá me vedava sonhar;  
Eis na horrivel caverna que habito,  
Rouca voz começou-me a chamar.

Abro os olhos inquieto, medroso,  
Manitôs! que prodigios que vi!  
Arde o pau de resina fumosa;  
Não fui eu, não fui eu que o accendi!

Eis rebenta a meus pés um phantasma,  
Um phantasma de immensa extensão;  
Liso craneo repousa a meu lado,  
Feiz cobra se enrosca no chão!

O meu sangue gelou-se nas veias,  
Todo inteiro — ossos, carnes, — tremi;  
Frio horror me coou pelos membros,  
Frio vento no rosto senti.

Era feio, medonho, tremendo,  
O' guerreiros, o espectro que eu vi!  
Fallam deuses nos cantos do piagá...  
O' guerreiros, meus cantos ouvi.

## II

Porque dormes, ó piaga divino?  
Começou-me a visão a fallar:  
Porque dormes? O sacro instrumento  
De per si já começa a vibrar!

Tu não viste nos céos um negrume  
Toda a face do sol offuscar?  
Não ouviste a coruja de dia,  
Seus estridulos torva soltar?

Tu não viste dos bosques a coma  
Sem aragem vergar-se e gemer?  
Nem a lua de fogo entre nuvens,  
Qual em vestes de sangue nascer?

E tu dormes, ó piaga divino!  
E Anhangá te proíbe sonhar!  
E tu dormes, ó piaga, e não sabes,  
E não podes augúrios cantar?!

Ouve o annuncio do horrendo phantasma.  
Ouve os sons do fiel maracá;  
Manitôs já fugiram da taba!  
O' desgraça! ó ruína! ó Tupá!

## III

Pelas ondas do mar sem limites  
Basta selva, sem folhas, hi vem;  
Hartos troncos; robustos gigantes,  
Vossas mattas taes monstros contêm.

Traz embira dos cimos pendente,  
Brenha espessa de vario cipó;  
Dessas brenhas contêm vossas mattas,  
Taes e quaes; mas com folhas; é só!

Negro monstro os sustenta por baixo,  
Brancas azas abrindo ao tufão,  
Como um bando de candidas garças,  
Que nos ares pairando lá vão.

Oh! quem foi das entranhas das aguas  
O marinho arcabouço arrancar?  
Nossas terras demanda, fareja  
Esse monstro... Que vem cá buscar?

Não sabeis o que o monstro procura?  
Não sabeis a que vem, o que quer?  
Vem matar vossos bravos guerreiros,  
Vem roubar-vos a filha, a mulher!

Vem trazer-vos crueza, impiedade,  
Dons crueis do cruel Anhangá;  
Vem quebrar-vos a massa valente,  
Profanar manitôs, maracá!

Vem trazer-vos algemas pesadas,  
Com que a tribu tupi vai gemer;  
Hão de os velhos servirem de escravos,  
Mesmo o piaga inda escravo ha de ser.

Fugireis procurando um asylo,  
Triste asylo por invio sertão;  
Anhangá de prazer ha de rir-se,  
Vendo os vossos quão poucos serão!

Nossos Deuses, ó piaga conjura,  
Susta as iras do fero Anhangá.  
Manitôs já fugiram da taba!  
O' desgraça! ó ruina! ó Tupá!

(GONÇALVES DIAS. — *Primeiros cantos*,  
pags. 9 a 12 da edição de Leipzig.)

### Canção do Tamoyo.

#### I

Não chores meu filho;  
Não chores, que a vida  
E' luta renhida;  
Viver é lutar.  
A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os bravs,  
Só póde exaltar.

#### II

Um dia vivemos!  
O homem que é forte  
Não teme da morte,  
Só teme fugir;



No arco que entesa,  
Tem certa uma presa,  
Quer seja tapuya,  
Condor ou tapyr.

## III

O forte, o cobarde  
Seus feitos inveja,  
De o ver na peleja  
Garboso e feroz;  
E os tímidos velhos  
Nos graves conselhos.  
Curvadas as fronte,  
Escutam-lhe a voz!

## IV

Domina, se vive;  
Se morre, descança  
Dos seus na lembrança,  
Na voz do porvir.  
Não cures da vida!  
Sê bravo, sê forte!  
Não fujas da morte,  
Que a morte ha de vir!

## V

E, pois que és meu filho,  
Meus brios reveste;  
Tamoyo nasceste,  
Valente serás.

Sê duro guerreiro,  
Robusto, fragueiro,  
Brasão dos Tamoyos  
Na guerra e na paz.

## VI

Teu grito de guerra  
Retumbe aos ouvidos  
D'imigos transidos  
Por vil commoção;  
E tremam d'ouvil-o,  
Peior que o sibilo  
Das setas ligeiras,  
Peior que o trovão.

## VII

E a mãe, nessas tabas,  
Querendo calados  
Os filhos creados  
Na lei do terror,  
Teu nome lhes diga,  
Que a gente inimiga  
Talvez não escute  
Sem pranto, sem dor!

## VIII

Porém se a fortuna,  
Trahindo teus passos,  
Te arroja nos laços  
Do imigo fallaz,

Na ultima hora  
Teus feitos memora,  
Tranquillo nos gestos,  
Impavido, audaz.

## IX

E cae como o tronco  
Do raio tocado.  
Partido, rojado  
Por larga extensão:  
Assim morre o forte!  
No passo da morte  
Triumpho, conquista  
Mais alto brasão.

## X

As armas ensaia,  
Penetra na vida:  
Pesada ou querida,  
Viver é lutar.  
Se o duro combate  
Os fracos abate,  
Aos fortes aos bravos,  
Só pôde exaltar.

(*Ultimos cantos* — pags. 465-468 da  
ed. de Leipzig.)

---

## O mar.

Oceano terrível, mar immenso  
De vagas procellosas que se enrolam,  
Floridas rebentando em branca espuma  
N'um pólo e n'outro pólo,  
Emfim... emfim te vejo; emfim meus olhos  
Na indomita cerviz trémulos cravo,  
E esse rugido teu sanhudo e forte  
Emfim medroso escuto!

Donde houveste, ó pelago revoltado,  
Esse rugido teu? Em vão dos ventos  
Corre o insano pegão lascando os troncos,  
E o profundo abysmo  
Chamando á superficie infindas vagas.  
Que avaro encerras no teu seio undoso;  
Ao insano rugir dos ventos bravos  
Sobresáe teu rugido.

Em vão troveja horrisona tormenta;  
Essa voz de trovão, que os céos abala,  
Não cobre a tua voz. Ah! donde a houveste,  
Majestoso oceano?  
O' mar, o teu rugido é um echo incerto  
Da creadora voz, de que surgiste.  
Seja, disse; e tu foste, e contra as rochas  
As vagas compelliste.

E á noite, quando o céu é puro e limpo,  
Teu chão tinges de azul, tuas ondas correm  
Por sobre estrellas mil; turvam-se os olhos  
Entre os dois céos brilhantes,

Da voz de Jehovah um echo incerto  
Julgo ser teu rugir; mas só perenne,  
Imagem do infinito retratando  
As feitura de Deus.

Por isso, a sós contigo, a mente livre  
Se eleva, aos céos remonta ardente, altiva,  
E deste lodo terreal se apura,  
Bem como o bronze ao fogo.  
Férvida a musa, co'os teus sons casada,  
Glorifica o Senhor de sobre os astros  
Co'a fronte além dos céos, além das nuvens,  
E c'os pés sobre ti.

O que ha mais forte do que tu? Se erricas  
A coma perigosa, a nau possante,  
Extremo de artificio, em breve tempo  
Se afunda e se anniquila.  
E's poderoso sem rival na terra;  
Mas lá te vais quebrar n'um grão d'areia.  
Tão forte contra os homens, tão sem força  
Contra coisa tão fraca!

Mas nesse instante que me está marcado,  
Em que hei de esta prisão fugir p'ra sempre,  
Irei tão alto, ó mar, que lá não chegue  
Teu sonoro rugido.  
Então mais forte do que tu, minha alma,  
Desconhecendo o temor, o espaço, o tempo,  
Quebrará n'um relance o circ'lo estreito  
Do finito e dos céos!

Então entre myriades de estrellas,  
Cantando hymnos d'amor nas harpas d'anjos,  
Mais forte soará que as tuas vagas,  
Mordendo a fulva areia;

Inda mais doce que o singelo canto  
De merencoria virgem, quando a noite  
Occupa a terra; e do que a mansa brisa,  
Que entre flores suspira.

(*Primeiros cantos*, pags. 150-153 da ed.  
de Leipzig.)

---

Manoel Odorico Mendes (S. Luiz do Maranhão, 1799-1864)  
foi esforçado campeão das idéas liberaes na imprensa e na  
camara dos deputados, de que fez parte em mais de uma legis-  
latura. Falleceu em Londres viajando por estrada de ferro.

Como poeta original acompanhou a escola filinista, pri-  
mando na correcção da linguagem; e concluiu esmeradas tra-  
ducções, entre as quaes têm primazia as das obras de Virgilio  
e da *Iliada* de Homero.

### Tempestade.

DESCRIPTA POR VIRGILIO

Disse; um revez do conto a cava serra  
Ao lado impelle: os turbinosos ventos  
Feitos n'um grupo, dada a porta, ruem  
As terras varejando. Ao mar carregam,  
E horrificos revolvem-lhe as entranhas  
Noto mais Euro, o de borrascas fertil  
Africo; ás praias vastas ondas rolam.  
Homens gritam, zunindo a enxarcia ringe.  
Some-se ao nauta o céu, tolda-se o dia;  
Pousa no pelago atra noite; os polos  
Toam, o ether fuzila em crebros raios:  
Tudo ameaça aos varões presente a morte.  
Frigido, arripiado, Eneas geme,

Alça as palmas e exclama: "Afortunados  
Oh! três e quatro vezes, de Ilio ás abas  
Os que aos olhos paternos feneceram!  
O' dos Dánaos fortissimo Tydides,  
A alma em Troia vertendo-me essa dextra,  
Não ficar eu nos campos, onde o bravo  
Heitor d'Eacide ás lançadas, onde  
Sarpédon jaz magnanimo, onde o Simois  
Corpos e elmos de heroes e escudos tantos  
Arrebatados na corrente volve!"  
Bradava; a sibilar ponteiros Boreas  
Rasga o panno e a mareta aos astros joga.  
Remos estralam; cruza a proa e o bordo  
Rende; escarpado fluido monte empina-se,  
As naus já do escarcéo pendem, já descem  
N'um sorvedouro á terra entre marouços:  
Remoinha o ésto na revolta areia.  
Três rouba Noto e avexa n'uns abrolhos,  
Abrolhos que Aras Italos nomeiam,  
Latentes n'agua, ao lume o dorso immano;  
Três no parcel (que lastima!) Euro esbarra,  
Encalha em váos, de marachões rodeia.  
Uma, em que Oronte fido e os Lycios vinham,  
Do vertice abatendo humido rolo,  
Mesmo á vista do heroe, d'avante em pôpa  
Fere-a; do baque o prone mestre volto  
Cáe de cabeça. O vagalhão três vezes  
Torce-a, revira, um vortice a devora,  
Raros no vasto pégo a nadar surdem;  
Tabuas, alfaias, armaduras troicas,  
Prêa das ondas. A tormenta escala  
A nau robusta de Ilioneu, de Abante,  
As de Alethes grandevo e Achates forte:  
Todas frouxadas as juncturas, sorvem  
A inimiga torrente e em fendas gretam.  
Mugir seu reino e um temporal desfeito.  
Cachões do imo a brotar, sentiu Neptuno;

Torvo, agastado, providente exalta  
A placida cabeça. A frota esparsa  
Vê sossobrando, oppressos os Troianos  
Da marejada e da ruina etherea.  
De Juno irosa o dolo o irmão percebe,  
Euro e Zephyro chama: "Herdastes, ventos,  
Tal presumpção que sem meu nume, ousados,  
Terra e céos confundis e equoreas brenhas?  
Eu vos... Mas insta abonançar as vagas;  
Caro m'o pagareis, guardo o castigo.  
Ao rei vosso intimai, já, já, que em lote  
Não lhe coube este imperio, que o terrivel  
Tridente é meu. Tem elle enormes fragas,  
Euro, vossas mansões; nessa aula ufano  
Sobre encláustrados ventos reine Eolo."  
Nem cessa, e o mar se lança, e em fuga as nuvens  
Abre o sol...

(M. ODORICO MENDES — *Virgilio Brasileiro*, pags. 209-213.)

---

Joaquim Manoel de Macedo:— Sobre este e outros poetas de quem também damos excerptos em prosa, na 1.<sup>a</sup> parte se acharão as noticias bio-bibliographicas.

### A harpa quebrada.

#### I

"Minha harpa, saudemos o instante da morte,  
Que é lucida aurora de eterna victoria;  
O tumulto p'ra os vates é throno de gloria,  
E a vida é o jugo do inferno e da sorte.



O jugo quebremos, ao throno subamos;  
E' bello o triumpho minh'harpa morramos!"  
E, como pelo canto enternecida,  
Da harpa dedilhada uma das cordas  
Rebentando soou como um gemido.

## II

"O vate é proscripto que vaga na terra,  
Bem poucos lhe entendem o estranho fallar;  
Qual rocha batida das vagas do mar,  
Supporta dos homens tormentos e guerra;  
Dos vates a patria no céu achar vamos,  
Deixemos o exilio, minh'harpa morramos!"  
E nova corda estala; outro gemido  
Que sai dos seios d'harpa, e é dado ás brisas.

## III

"A morte é o somno que á dor succedeu,  
Do qual se desperta no Eden do Senhor;  
E' d'alma um arroubo em ancias d'amor,  
E o tumulto é a porta dos atrios do céu.  
A morte é o somno, minh'harpa, durmamos;  
O céu nos espera, minh'harpa morramos!"  
E outra corda rebenta, e sobre as ondas  
Longo sôa também outro gemido.  
Que triste esvaecendo aos poucos morre.

## IV

"Minh'harpa não gemas, que o mundo é traidor  
Asyla a perfidia do gremio fatal.  
Não vale as saudades de um peito leal,  
Nem ternos suspiros de uma harpa de amor;

Não gemas, exulta, que ao céu subir vamos;  
A vida é sinistra. Minh'harpa, morramos!"  
Inda uma corda estala, e geme ainda,  
Como profunda queixa, que exhalada  
Do lugubre cantor responde ao hymno.

## V

"Esposa querida, minh'harpa, vem cá!  
A hora enfim sôa do nosso hymeneu;  
A pyra é a lua, que fulge no céu;  
O thalamo virgem nas ondas será;  
A pyra flammeja! esposa, corramos!  
Aos gosos! á gloria! minh'harpa, morramos!"

(J. M. MACEDO — *A Nebulosa*.)

---

Antonio Francisco Dutra e Mello (Rio de Janeiro, 1823-1846) foi uma esperança mallograda, e ceifada em flor pela morte. Na *Minerva Brasiliense* e em outros jornaes deixou esparsas lindissimas poesias, cuja publicação foi encetada, chegando a imprimir-se algumas folhas, mas até hoje não concluida. Delle só temos completo um *Curso pratico de lingua ingleza* e dous voluminhos de versos, que não são os melhores.

Vivia do magisterio particular. Morreu no mesmo dia em que Januario da Cunha Barbosa — 22 de Fevereiro de 1846.

**Madrugada e tarde na ilha dos Ferreiros.**

Alva luz sobre o chão vem se espargindo,  
Que o dia enfresta em descorados raios  
Por aquellas vidraças; mal tremula  
A frouxa lamparina, azul qual astro  
Co'as trevas disputando; já no occaso  
Vai longe a noite, e o somno se esvaece.

Oh! corramos a ver tantas bellezas  
Vistas sempre e tão novas sempre á vista.  
Que magica mudança!  
Que oceano de vida! Submergido  
Qual atomo no espaço, ora me sinto  
Abalar como um ramo sacudido  
Aos tufões do nordeste.  
Oh! que frescura, que electriza e anima!  
A alma se expande, em sensações se abysma!  
Bella rompe a manhã; qual pudibunda,  
Arreceiosa noiva, se colora  
De vermelho o oriente; e roxo um circ'lo  
Abraçando o horizonte a côr vislumbra  
D'uns labios em que a dôr vem debuxar-se.  
Não luceja inda Venus; despenhada  
Após o dia se perdeu na tarde.  
Mas alta lá no céu divulgo a lua;  
Pela manhã surpresa na carreira  
Desmaiada se esvai. Nos niveos braços,  
Nuvens a tomam: semelhára a imagem  
D'um guerreiro, nas ondas do combate,  
Erguida a lança, ameaçando a morte,  
Que a trega bala sibilando encontra:  
Pende sobre o ginete, e inda no rosto  
A ultima expressão paira, e na bocca  
O suspiro e a palavra se enregelam.  
Em vortices rolando pelos ares  
Turbilhões de harmonia se diffundem.  
Cada nota é soberba consonancia;  
Cada leve cantar um instrumento;  
Cada arvore uma orchestra, onde se exhala  
Em suspiros, em arias, em gorgeios,  
A musica da terra. Oh! que suavissimo  
Concerto em que ondulando a melodia  
Domina um todo que embriaga o ouvido!  
Passada a aurora vai. Lá rompe as nuvens  
Fulgido raio dardejante aos ares,

Estira-se no mar; escamas d'ouro  
Lauzem brilhando no oceano immenso:  
Nova scena de pompa se afigura;  
Cada montanha até nas aguas roça  
Largo manto d'azul. C'roas aurejam  
Na fronte erguida; é cada qual monarcha,  
E um cortejo de principes são todas  
Ao monarcha da luz. Rapido estende  
Seu tapete ceruleo o céu que o espera.  
Meio disco já tem sobre o horizonte...  
Oh! como é bella a apparatusa vista  
Que a cidade apresenta! — esses reflexos  
Das altas claraboias scintillando,  
Como ao longe um fanal de argenteas luzes;  
Essas torres e casas que se englobam,  
De pontos d'ouro errantes semeadas;  
Esse quadro avultado pelas côres  
Que a atmosphaera lhe offerece em fundo;  
Essas collinas verdes em que pousam  
Alvos conventos, qual se assenta a pomba  
Lá no cimo das côpas da mangueira;  
Essa floresta immensa de navios,  
Cujos mastros semelham gradarias,  
Que as praias cercam; — mais a um lado a mole,  
Que o Pão de Assucar sobranceiro eleva,  
Como o rei desse valle de delicias,  
Ou qual viva atalaia, que o defende.  
Lá dobra majestosa a Candelaria  
Nos seus longos e esguios campanarios;  
E esses dobres longinquos, gemebundos,  
Vir boiando parecem sobre as aguas.

Mas deixemos as galas do nascente:  
O occaso espera as ovações do dia,  
O occaso aqui nos guarda outras bellezas.  
Como um frouxo suspiro em que do somno  
Desperta a natureza,

Diffunde-se o terral suave e fresco,  
Mollemente nas aguas se debruça.  
Que doce refrigerio n'alma infunde  
O seu bafo tão doce!  
Não d'outra sorte as dores atormentam  
Da minha terna mãe brandos cuidados;  
A lagrima que rola-me nos olhos,  
Testemunha esta imagem!

Verde o mar como um campo alli se esbarra  
Na arêa de crystal que a praia adorna  
Da Ponta do Cajú. Longa se estende  
Uma fita elegante d'alvas casas,  
Coroadas de floeos cajueiros,  
Molhando n'agua os pés. Lá se assoberba  
A quinta imperial toda coberta  
Por mil densas abobadas de folhas...  
Mas que vejo?! No azul lá do oceano  
(Quaes as gaivotas piadoras brilham)  
Pontos de prata branquejando avultam,  
Perdidos nesses rolos de saphyras,  
Como estrellas no céu, como esperanças  
N'um coração que a duvida lacera.  
Mil velas se desenhavam pouco a pouco;  
Barcos ligeiros vão roçando as ondas,  
Ferve a espuma, as esteiras se desdobram,  
Fitos proejam da cidade em busca,  
Cançada a vista languescendo inclina  
Seus raios para o mar; fita, contempla  
O immenso de seu ambito,  
No bulicio das ondas espalhando  
Vagas do mundo, agitações d'um'alma.  
A sós aqui commigo nestas praias,  
Neste solo, degrau que unico hei tido  
Para subir á natureza, e olhando  
Gosar, sentir primores do universo,

Eu sinto aniquilar-me. Infima gotta  
Perco-me neste oceano; e em toda parte  
A idéa d'um Deus paira adejando,  
Como ao nascer do mundo era levado  
O esp'rito do Senhor por sobre as aguas.  
Minha alma inda tão limpa e tão serena  
Como este céu d'America, tão calma  
Como este golfo languido, amoroso,  
Tão fresca e nova como a aurora de hoje,  
Apraz-se aqui na solidão, fugindo  
Ao sorrir frio e cynico dos homens.  
A natureza, Deus, ella: — eis seu mundo;  
Que o outro só d'horrores se povôa.

(DUTRA E MELLO — *Minerva Brasiliense*,  
vol. II, n. 15.)

---

Francisco Octaviano de Almeida Rosa: — Vide a 1.<sup>a</sup> parte.

### Para que ver ?

Por que, divino Mestre,  
Com teu poder celeste,  
Ao homem que cegára,  
De novo ver fiseste?

Que lhe mostrava a terra  
Que a vista merecesse?  
Maldades e perfidias  
De sordido interesse!

Tua doutrina, cégo,  
Ouvia e meditava.  
Sem cogitar no mundo  
Ao céu se remontava.

Um cão, umas creanças  
Lhe davam assistencia;  
O cão — fidelidade,  
Creanças — innocencia!

Dê humana piedade  
Teu acto foi, Senhor!  
Mantel-o na cegueira  
Fôra de um Deus favor!

(Traducções e poesias de F. OCTAVIANO.  
Rio, 1881 — pag. 35.)

### A ponte dos Suspiros.

(TRAD. DE THOMAZ HOOD)

Mais uma pobre misera  
De respirar cansou!  
E temeraria e soffrega  
A' morte se arrojou!

Colhei-a com doçura,  
Erguei-a com cautela;  
O' fragil creatura,  
Tão joven e tão bella!  
Sudario, o seu vestido  
Ao corpo se collou;  
Cai delle, gotta a gotta,  
A onda que a afogou.

Piedosa compaixão  
Levante-a brandamente  
Sem desdenhoso olhar,  
Sem gesto impaciente.  
Lavou-se a mancha: agora  
Vêde a mulher sómente.

Não perscruteis cruel  
Se aquelle anjo revel  
Ao seu dever falhou;  
Ouro que sai da liga,  
Só a belleza antiga  
A morte lhe deixou.

Não recordeis seus erros;  
Como a mulher primeva,  
Foi fragil e foi Eva,  
No visgo escorregou.  
Limpai-lhe os pobres labios,  
Que a vasa enlameou;  
Arrepanhai-lhe as tranças,  
Que, soltas, fluctuantes,  
A's ondas murmurantes  
O pente abandonou.

E neste afan o espirito,  
Trabalhador activo,  
Indaga pensativo  
Qual era o lar domestico,  
Onde ella se acolhia?  
O pai que a doutrinava,  
A mãe que a dirigia?  
Tinha de irmão, de irmã,  
Meiguices e carinho?  
Ou, mais querida ainda,  
Um santo, um doce ninho,  
Onde, ao cahir da tarde,



Quando a tarefa finda,  
Tranquilla se acolhesse,  
E, alegre e protegida,  
Do labutar da vida  
As azas recolhesse?

O' Deus, christã piedade,  
Triste e cruel verdade,  
E' raro apparecer!  
Numa cidade inteira  
Um palmo de lareira  
Ella não poudo obter!  
Sem pai, sem mãe, sósinha,  
Do mundo entrou no exilio;  
De irmão, de irmã, não tinha  
Caricia, amparo, auxilio...

Colhei-a com doçura.  
Erguei-a com cautela...  
O' fragil creatura,  
Tão joven e tão bella!  
Antes que os membros frigidados  
Se immobilizem rigidados,  
Componde, amaciai-os,  
De compaixão tomados;  
Seus olhos, oh! fechai-os,  
Que encaram dilatados,  
Sem vêr, da luz os raios,  
Por entre o lodo impuro  
Agora inda retendo  
Aquelle olhar tremendo  
Fitado no futuro!

Se tão sinistra morte  
Da culpa não exime,  
Daquella triste sorte  
Foi seu, sómente, o crime?

Do mundo a contumelia,  
A gelida inclemencia  
Trouxeram-lhe a demencia...  
E mesmo neste enleio  
Do que era bem e mal,  
No arquejo seu final  
As mãos cruzou no seio,  
Em tímida oração,  
Como a pedir perdão!

(*Idem*, pags. 21-27.)

---

**Laurindo José da Silva Rebello** (Rio, 1826-1864) formou-se em medicina, serviu como cirurgião do exercito e foi professor de grammatica, geographia e historia na escola annexa á militar. Lutou sempre com a penuria e teve grandes amarguras pela perda de parentes e amigos que estremecidamente amava.

Intensa vibra essa nota melancolica em muitas das suas composições poeticas; mas ha outra face do seu talento, a satirica, que lhe valeu não poucas malquerenças.

### Adeus ao mundo.

Já do batel da vida  
Sinto tomar-me o leme a mão da morte;  
E perto avisto o porto  
Immenso, nebuloso, e sempre noite  
Chamado — Eternidade!  
Como é tão bello o sol! Quantas grinaldas  
Não tem de mais a aurora!  
Como requinta o brilho a luz dos astros!  
Como são recendentes os aromas  
Que se exhalam das flores! Que harmonia  
Não se desfructa no cantar das aves,  
No embater do mar e das cascatas,  
No sussurrar dos lípidos ribeiros,

Na natureza inteira, quando os olhos  
Do moribundo, quasi extinctos, bebem  
Seus ultimos encantos!

.....

Quando da patria me ausentei, não tinha  
Nada que lhes deixar, que lhes dissesse  
O que eram elles dentro de minh'alma.  
Mendigo, a quem cedi pequena esmola,  
Deu-me quatro sementes de saudade;  
Ao meu jardim domestico levei-as,  
Cavei, reguei a terra com meu pranto,  
E plantei as saudades. Soluçando,  
Chamei alli os meus: "Aqui vos deixo  
(Disse, apontando á plantação) em flores  
"Minh'alma toda inteira; aqui vos deixo  
"Um thesouro enterrado. Joias, ouro,  
"Riquezas, não, não tem, porém na terra  
"Esteril não será." Ondas de pranto  
Afogaram-me a voz; houve silencio;  
Palpei de novo o chão; vi que de novo  
Cavado estava! A terra se afundara,  
E as sementes nadavam sobre lagrimas,  
Que minha mãe e minha irmã choravam...  
Replantei-as, orei, beijei a terra,  
E parti... Trouxe d'alma só metade;  
E o coração?... deixei-o num abraço.

.....

A morte é dura,  
Porém longe da patria é dupla a morte.  
Desgraçado do misero que expira  
Longe dos seus, que molha a lingua, secca  
Pelo fogo da febre, em caldo extranho;  
Que vigalias de amor não tem comsigo,  
Nem palavras amigas que lhe adocem  
O tedio dos remedios, nem um seio,  
Um seio palpitante de cuidados,

Onde descance a languida cabeça!  
Feliz, feliz aquelle a quem não cercam,  
Nesse momento acerbo, indifferentes  
Olhos sem pranto; que na mão gelada  
Sente a macia dextra da amizade  
Num aperto de dôr prender-lhe a vida!

Feliz o que, no arfar da ancia extrema  
De desvelada irmã piedoso lenço,  
Humido de saudades, vem limpar-lhe  
As frias bagas dos finaes suores!

Feliz o que repete a extrema prece,  
Ensinada por ella e beijar pôde  
O lenho do Senhor nas mãos maternas!

Desgraçado de mim!... talvez bem cedo,  
Longe de mãe, de irmãos, longe da patria  
Tenha de me finar... Ramo perdido  
Do tronco que o gerou, e arremessado  
Por mão de genio mau á plaga alheia,  
Mirrarei esquecido! Os céos o querem;  
Os céos são immutaveis; aos decretos  
Do Senhor curvarei a fronte humilde,  
Como christão que sou. Eternidade,  
Recebe-me a teu bordo!... Adeus, ó mundo!

Já sinto da geada dos sepulcros  
O pavoroso frio enregelar-me...  
A campa vejo aberta e lá do fundo  
Um esqueleto em pé vejo a acenar-me...  
Entremos. Deve haver nestes logares  
Mudança grave na mundana sorte;  
Quem sempre a morte achou no lar da vida,  
Deve a vida encontrar no lar da morte.

.....  
(LAURINDO J. DA SILVA REBELLO. — *Obras poeticas*, ed. Garnier, pags. 125-130.)

João Cardoso de Menezes e Souza (*Barão de Paranapiacaba*) nasceu em Santos (Estado de S. Paulo) no anno de 1827 e falleceu em 1915 no Rio de Janeiro. Era formado em sciencias juridicas e sociaes pela faculdade de S. Paulo. Para o magisterio se volveram primeiro as suas preferencias e foi professor no Lyceu de Taubaté. Passou depois a trabalhar no Rio de Janeiro, em 1857, como advogado e funcionario publico, sendo durante longos annos procurador fiscal do Thesouro. Na Camara dos Deputados representou a provincia de Goyaz, de 1873 a 1876.

De infatigavel applicação ás letras dão prova os muitos primores do seu opulento espolio. Desde que, em 1846, estampou um primeiro livro de versos, a *Harpa gemedora*, título que assás denuncia o influxo romântico a que obedecia o poeta, até aos ultimos dias da sua longa existencia, nos quaes se occupava de colligir e limar o que de melhor havia produzido, publicando em 1910 as *Poesias e prosas selectas*, nunca João Cardoso cessou de consagrar á litteratura uma devoção sincera, e que nem por despremiada admittia o desanimo.

Quando em si não achava a força das grandes concepções poeticas, folgava de nos outros encontral-as, e constituia-se traductor. Assim traduziu Lamartine, tornando vernaculo o *Jocelyn*; e ao portuguez trasladou Byron e La Fontaine, na versão de cujas fabulas excedeu pela fidelidade, alliada ao impecavel da fórma, todos quantos nesse tentame o haviam precedido.

"A traducção é ao pé da letra (disse por occasião da morte do velho Paranapiacaba o *Jornal do Commercio*), palavra por palavra e na mesma ordem: mas por um milagre vemos os versos francezes transformarem-se á nossa vista em deliciosos versos portuguezes, doces, cantantes, com a frescura e simplicidade do meigo poeta gaulez."

Voltando-se depois para as litteraturas antigas, traduziu em verso uma comedia, *A marmitta (Aulularia)* de Plauto; o *Alceste*, de Euripides; a *Antigone*, de Sophocles; e as *Nuvens*, de Aristophanes. Posto que não fosse propriamente um hellenista, elle com admiravel sagacidade, pelo confronto de outras versões e do texto sempre atinava com o sentido real ou mais plausivel. Sua excellente versão poetica do *Prometheu*, de Eschylo, foi composta sobre a traducção litteral, em prosa, que da celebre tragedia fizera o Imperador D. Pedro II.

Em outro ramo da sua actividade escreveu Paranapiacaba um alentado e apreciadissimo volume: *Theses sobre a colonização do Brasil*.

Fez parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro; e nos *Annuaes* do nosso parlamento figuram discursos seus, litterariamente elaborados e que, quando elle os proferia, mais se realçavam pela varonil presença, voz sonora e correctissima dicção do orador.

### A serra de Paranapiacaba.

Dorme; repousa em teu somno,  
Da força pujante emblema,  
Que tens o Oceano por throno  
E as nuvens por diadema!  
Immovel, muda, imponente,  
Entestas c'o a excelsa frente  
Das aguias o azul imperio;  
E em vastissimo scenario  
Da tormenta o quadro vario  
Contemplas do espaço ethereo.

Salve, soberbo gigante,  
Altivo Titan do mar,  
Que aos pés continuo descante  
Ouves a vaga entoar!  
Em teu manto de esmeraldas  
Envolves as vastas faldas  
E as empinadas cimeiras;  
E a brisa te agita os cachos  
E os verdejantes pennachos  
Da corôa de palmeiras.

Teus troncos, gravados do sello do tempo,  
Meneiam aos ventos as soltas madeixas;  
Quaes harpas eólias, sussurram nos ares  
Canções jubilosas, ou ternas endeixas.

E's berço do raio; troantes estrophes  
Entôa em teus bosques a voz dos trovões:  
E os écos das grotas, fieis, repercutem  
O tom fragoroso de roucos tufões.

Do raio ao fuzil horrendo  
E ao crebro trovão, que estruge,  
De pavor estremecendo,  
A feroz panthera ruge.  
A' symphonia assombrosa  
Une-se nota estrondosa,  
Que do fundo abysmo sai:  
E' o som da cataracta,  
Que em alvos flocos de prata  
Num leito de pedras cai.

Que majestade sublime,  
Que poesia ineffavel!  
O bello ideal se imprime  
Nesse quadro incomparavel.  
Essa cascata da serra  
Parece um hymno, que a terra,  
Espontanea, aos céos eleva!  
Então, noss'alma se humilha,  
E, ante tanta maravilha,  
Em santo arroubo se enleva.

Metaes preciosos e gemmas em cópia  
Occultas, ó serra, nas lugubres furnas;  
Retalham-te o solo torrentes sem conto,  
Que o velho granito despeja das urnas.

Povôam-te as selvas e negras gargantas  
Innumeras feras e enormes reptis;  
Ahi cantam aves, que as côres do iris  
Desdobram nas asas de vario matiz.

Escuros despenhadeiros,  
Profundos, vertiginosos,  
São os degraus sobranceiros  
Dos teus tergos escabrosos.

Não raro, de rijo tombo  
Se escuta o surdo ribombo,  
Que vai resoando, a espaços:  
E' despegado rochedo,  
Pelo eriçado fraguedo  
A fazer-se em mil pedaços.

Ali, que azul dilatado  
Se vai prender ao dos céos?  
E' o mar que, encapellado,  
Ergue os moveis escarcéos.  
Então a vista desmaia  
Na amplidão que além se espraia  
A perder-se no infinito.  
E esse immenso panorama  
O nome de Deus proclama  
Na face da terra escripto.

Desenham-se, ás vezes, arfando nas ondas,  
As velas de um barco, de vento enfunadas,  
Quaes alvas gaivotas, que á flor do oceano,  
Brincando, resvalam co'as azas nevadas.

Dos topos aéreos, estreitos e golfos  
Semelham regatos, talhando as campinas;  
Quaes pontos esparsos, desdobram-se aos olhos  
As casas e torres, ilheos e collinas.

Do teu cimo, a luz vibrando,  
O sol na esphera fluctúa,  
E o clarão pallido e brando,  
Merencoria, verte a lua.  
Outro céu de anil scintilla  
Na superficie tranquilla



Do mar, ardendo em fulgor;  
E a onda, que não vanzeia,  
Vem morrer na branca areia,  
Orlando-a de espuma em flor.

Quem sabe si o cataclysmo,  
Que puniu a humanidade,  
Não te fez surgir do abysmo  
Das ondas na immensidade?  
Quem sabe, altaneira serra,  
Si és coetanea da terra,  
E do berço oriental?  
Quem sabe de quanta vida  
Foste a suprema guarida  
No diluvio universal?

Plantou-te nos mares o braço divino,  
Ingente montanha, barreira das ondas!  
Quem dera perder-me contigo nas nuvens,  
Tambem devassando mysterios que sondas!

Prodigios que encerras, são cordas sonoras  
De um harpa celeste de excelsa harmonia,  
Que os hymnos, que exhala, perenne descantam  
A gloria do Eterno, de noite e de dia.

(*Poesias e Prosas selectas*, Rio de Janeiro,  
1910, pags. 32-35.)

### O rato da cidade e o do campo.

Era um bom rato burguez,  
Que, uma vez,  
Do campo a jantar opimo  
Trouxe um primo.

Sobre um persico tapete  
Seu banquete  
Foi servido em profusão  
No salão.

Em festiva patuscada,  
Bem rasgada,  
Passavam os dous sujeitos,  
Satisfeitos.

Para ser brilhante a festa  
Nada resta;  
Mas alguém se agita e fala  
Na ante-sala.

Um barulho se levanta  
Que os espanta.  
Foge o da côrte, veloz;  
O outro após.

Cessa o ruído de dentro;  
Logo ao centro  
Ratos vêm. Diz o hospedeiro,  
Prazenteiro:

"Acabemos este assado,  
Já provado."  
Volve o outro: "Nada, agora,  
Vou-me embora.

Breve em casa vos espero;  
Pois eu quero  
Que vades jantar commigo,  
Caro amigo.

Lá não tenho tanto prato  
De apparato;  
Porém como socegado,  
Sem cuidado.

Nada vem interromper  
Meu prazer."

Não ha goso com receio  
De permeio.

(*Fabulas de La Fontaine, vertidas e anotadas*, Rio de Janeiro, 1886, tomo I, pags. 17-18.)

N. B.— Esta fabula contada pelo romano Horacio, pelo quinhentista Sá de Miranda, pelo gracioso La Fontaine, e deste trazida ao vernáculo por João Cardoso, offerece aos estudiosos optimo campo para um trabalho de litteratura comparada (C. DE L.).

---

Manoel Antonio Alvares de Azevedo (S. Paulo, 1831-1852) depois de se ter formado em lettras no Collegio de Pedro II, foi cursar o direito na faculdade de sua terra natal, e ahi ganhou nomeada por brilhantes e precoces produções litterarias. Antes de terminar os estudos juridicos succumbiu com 21 annos incompletos, deixando aos amigos das lettras o eterno pezar do muito que se perdeu com tão luctuoso successo.

Na sua individualidade litteraria notam os criticos estranho dualismo. "Era o poeta dos gorgeios, diz o Sr. Rodrigues Cordeiro, das noites placidas, das flôres, do luar, da aurora ridente, dos castos amores, de todos os grandes affectos, de todas as caricias; e era o poeta que parece que não tinha bebido idéas senão em Propercio e no grego Rufino, inspirando-se unicamente nas nudezas da antiguidade pagã para nos dar d'ellas uma segunda edição no seculo XIX". Havia, diz o mesmo critico, uma affinidade moral entre Alvares d'Azevedo e o *Macario* de um dos seus romances, que se comparava á cisterna, voltada para os céos, pedindo-lhes agua pura, porém que o ~~mais~~ das vezes só tem lodo.

## Tristeza.

Eu deixo a vida como deixa o tédio  
Do deserto o poento caminheiro;  
Como as horas de um longo pesadêlo,  
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;

Como um desterro de minha alma errante,  
Onde fogo insensato a consumia...,  
Só levo uma saudade — é desses tempos  
Que amorosa illusão embellecia.

Só levo uma saudade — é dessas sombras  
Que eu sentia velar nas noites minhas...  
De ti, ó minha mãe, pobre coitada,  
Que por minha tristeza te definhas!

Descansem o meu leito solitario  
Na floresta dos homens esquecida,  
A' sombra de uma cruz — e escrevam nella:  
Foi poeta, sonhou e amou na vida...

(ALVARES DE AZEVEDO. — *Lyra dos vinte annos.*)

---

**Luiz José de Junqueira Freire** (Bahia, 1832-1855) professou na ordem beneditina em sua terra natal; mas, faltando-lhe vocação para preencher os deveres da vida monastica, impetrou e obteve um breve de secularização, em 1854, succumbindo pouco depois aos insultos da enfermidade cardiaca, que desde a puericia lhe minava o organismo.

Escreveu: *Inspirações do claustro e Contradições poeticas*. Dos outros escriptos quasi nada se poudo obter.

Nas poesias de Junqueira Freire principalmente se nota a pugna incessante e dolorosa entre os dictames da consciencia e as aspirações de uma alma sequiosa de amor e de gloria mundana.

### O hymno da cabocla.

Sou india, sou virgem, sou linda, sou debil  
— E' quanto vós outros, ó tapes, dizeis!  
Sabei, bravos tapes, que sei com destreza  
Cravar minhas settas nos peitos dos reis!

Sabei que não canto sómente prazeres,  
Sabei que não gemo sómente de amores,  
Sabei que nem sempre vagueio nos bosques,  
Sabei que nem sempre me adorno de flores.

.....

Quem viu-me nas liças, quem viu-me cobarde  
Aos silvos da flecha, quem viu-me escoar?  
Eu sou como a onça, pequena e valente,  
Eu sei os perigos da guerra affrontar!

Enchi meus carcazes de agudas taquaras,  
Que iguaes na floresta jamais achareis;  
E dessas taquaras fataes é que pendem  
As vidas infames de todos os reis.

Sou india, não nego: meus finos cabellos,  
Qual juba ferina, bem longos que são!  
Porém esse peito, que fervido pulsa,  
E' masculino, ó tapes, ou é de um leão!

Meu animo, ó tapes, aqui vos conjuro,  
Bem cedo meu animo ardente vereis;  
Que eu já me preparo co'as settas melhores,  
Que saibam cravar-se no peito dos reis.

Eu tenho cingidos na fronte, ó guerreiros,  
 Seis dentes de chefes de inimigas cohortes:  
 Na paz os meus dedos desfiam amores,  
 Na guerra os meus dedos disparam mil mortes.

.....  
 Sou india, sou virgem, sou debil, sou fraca,  
 — Só isso vós, tapes injustos, dizeis:  
 Sabei, bravos tapes, que sei com destreza  
 Cravar minhas settas no peito dos reis.

(JUNQUEIRA FREIRE. — *Obras Poeticas*,  
 tomo II, pags. 195-197.)

---

Casimiro José Marques d'Abreu (Barra de S. João, 1837-1860) sem ter por inteiro estudado humanidades, veio em 1853 trabalhar no escriptorio commercial de seu pae, na cidade do Rio de Janeiro, e d'ahi foi a Lisboa, onde se demorou quatro annos.

As labutações da vida do commercio mostrava-se de todo avesso, e, lutando com a ferrea vontade paterna, só a furto lograva dedicar-se ás lettras. A tísica pulmonar arrebatou-o na flor da idade. A primeira edição das poesias de Casimiro, as *Primaveras*, estamparam-se em 1859, quando o auctor tinha 22 annos.

Não é escriptor correcto, mas poeta cujos maviosos accordes sabem o caminho do coração.

### Meus oito annos.

Oh! que saudades que tenho  
 Da aurora da minha vida,  
 Da minha infancia querida  
 Que os annos não trazem mais!  
 Que amor, que sonhos, que flores,  
 Naquellas tardes fagueiras,  
 A' sombra das bananeiras,  
 Debaixo dos laranjaes!

Como são bellos os dias  
Do despontar da existencia!  
Respira a alma innocencia,  
Como perfumes a flor;  
O mar é lago sereno,  
O céu um manto azulado,  
O mundo um sonho dourado,  
A vida um hymno d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,  
Que noites de melodia,  
Naquella doce alegria,  
Naquelle ingenuo folgar!  
O céu bordado d'estrellas,  
A terra de aromas cheia,  
As ondas beijando areia,  
E a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infancia.  
Oh! meu céu de primavera!  
Que doce a vida não era  
Nessa risonha manhã!  
Em vez das maguas de agora,  
Eu tinha nessas delicias  
De minha mãe as caricias  
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,  
Eu ia bem satisfeito,  
Da camisa aberto o peito,  
Pés descalços, braços nus,  
Correndo pelas campinas  
A' roda das cachoeiras,  
Atraz das azas ligeiras  
Das borboletas azues!

Naquelles tempos ditosos  
Ia colher as pitangas,  
Trepava a tirar as mangas,  
Brincava á beira do mar;  
Rezava ás Ave-Marias,  
Achava o céu sempre lindo,  
Adormecia sorrindo  
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho  
Da aurora da minha vida,  
Da minha infancia querida,  
Que os annos não trazem mais!  
Que amor, que sonhos, que flores,  
Naquellas tardes fagueiras,  
A' sombra das bananeiras,  
Debaixo dos laranjaes!

(*Obras Completas*, ed. Garnier, pags. 172-174.)

---

Joaquim Maria Machado de Assis. (Vide a noticia bio-bibliographica na 1.<sup>a</sup> parte).

### A mosca azul.

Era uma mosca azul, azas de ouro e granada  
Filha da China ou do Indostão,  
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,  
Em certa noite de verão.

Zumbia, e voava, e voava, e zumbia,  
Refulgindo ao clarão do sol  
Ou da lua — melhor do que refulgiria  
Um brilhante do Grão-Mogol.



Um poleã que a viu, espantado e tristonho,  
Um poleã lhe perguntou:  
"Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,  
Dize, quem foi que t'o ensinou?"

Então ella, voando e revoando, disse:  
— "Eu sou a vida, eu sou a flor  
Das graças, o padrão da eterna meninice,  
E mais a gloria, e mais o amor."

E elle deixou-se estar a contemplal-a, mudo  
E tranquillo, como um fakir,  
Como alguém que ficou deslumbrado de tudo,  
Sem comparar, nem reflectir.

Entre as azas do insecto, a voltear no espaço  
Uma cousa lhe pareceu  
Que surdia, com todo o resplendor de um paço;  
E viu um rosto, que era o seu.

Era elle, era um rei, o rei de Cachemira,  
Que tinha sobre o collo nú,  
Um immenso collar de opala, e uma saphyra  
Tirada ao corpo de Vischnú.

Cem mulheres em flor, cem nayras superfinas,  
Aos pés delle, no liso chão,  
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,  
E todo o amor que têm, lhe dão.

.....  
Vinha a gloria depois; quatorze reis vencidos,  
Emfim os páreás triumphaes  
De trezentas nações, e os parabens unidos  
Das coroas occidentaes.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto  
Das mulheres e dos varões,  
Como em agua que deixa o fundo descoberto,  
Via limpos os corações.

Então elle, estendendo a mão callosa e tosca,  
Afeita a só carpintejar,  
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,  
Curioso de a examinar.

Quiz vel-a, quiz saber a causa do mysterio,  
E, fechando-a na mão, sorriu  
De contente, ao pensar que alli tinha um imperio,  
E para casa se partiu.

Alvorocado chega, examina, e parece  
Que se houve nessa occupação  
Miudamente, como um homem que quizesse  
Dissecar a sua illusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ella,  
Rota, baça, nojenta, vil,  
Succumbiu: e com isto esvaiu-se-lhe aquella  
Visão phantastica e subtil.

Hoje, quando elle ahi vae, de áloe e de cardamomo  
Na cabeça, com ar tãful,  
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como  
Perdeu a sua mosca azul.

### Circulo vicioso.

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume:  
"Quem me déra que fosse aquella loura estrella,  
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"  
Mas a estrella, fitando a lua, com ciume.

"Pudesse eu copiar-te o transparente lume,  
Que, da grega columna á gothica janella,  
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bella..."  
Mas a lua fitando o sol com azedume:

"Misera! Tivesse eu aquella enorme, aquella  
Claridade immortal, que toda a luz resume!"  
Mas o sol, inclinando a rútila capella:

"Pesa-me esta brilhante auréola de nume...  
Enfada-me esta azul e desmedida umbella...  
Por que não nasci eu um simples vagalume?"

(*Poesias completas: Occidentaes, 1901.*)

### A Carolina.

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descanças dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquelle affecto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existencia appetecida  
E num recanto pôz um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos mal feridos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

(*Relíquias de casa velha.*)

---

Luiz Nicolau Fagundes Varella (Rio Claro, no Estado do Rio de Janeiro, 1841-1875) foi um poeta inspirado, que escrevia quasi de improviso e não teve tempo de corrigir seus escriptos. Tendo perdido a mulher e um filho, adquiriu o amor da solidão e muitas vezes se embrenhava por invios sertões — habito que conservou mesmo depois de ter contrahido segundas nupcias. Tinha uma indole especial e em que a meiguice subitamente abria espaço á mais indomita selvaticueza.

Suas obras completas — *Vozes da America, Cantos religiosos, Cantos meridionaes, Cantos do ermo e da cidade, Anchieta, Diario de Lazaro*, etc., — foram reunidas n'uma bella edição pelo fallecido e benemerito editor B. L. Garnier.

### Cantico do Calvario.

(Á MEMORIA DE SEU FILHO)

Eras na vida a pomba predilecta,  
Que sobre um mar de angustias conduzia  
O ramo da esperança! eras a estrella,  
Que entre nevoas do inverno scintillava  
Apontando o caminho ao pegureiro!  
Era a messe de um dourado estio!  
Eras o idyllio de um amor sublime!  
Eras a gloria, a inspiração, a patria,  
O porvir de teu pai!... Ah! no emtanto,  
Pomba — varou-te a flecha de destino!  
Astro — enguliu-te o temporal do norte!  
Tecto — cahiste! Crença — já não vives!  
Correi, correi, ó lagrimas saudosas,  
Legado acerbo da ventura extincta,  
Dubios archotes que a tremer clareiam  
A lousa fria de um sonhar que é morto!  
Correi! Um dia vos verei, mais bellas  
Que os diamantes de Ophir e de Gulgonda,  
Fulgurar na corôa de martyrios  
Que me circumda a fronte scismadra!  
São mortos para mim da noite os fachos,  
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,

E á vossa luz caminharei nos ermos!  
Estrellas do soffrer, gottas de magua,  
Brando orvalho do céu, sêde bemditas!  
O' filho de minh'alma! Ultima rosa  
Que neste sólo ingrato vicejava!  
Minha esperança amargamente doce!  
Quando as garças vierem do occidente,  
Buscando um novo clima onde pousarem,  
Não mais te embalarei sobre os joelhos,  
Nem de teus olhos no ceruleo brilho  
Acharei um consolo a meus tormentos!  
Não mais invocarei a musa errante  
Nesses retiros onde cada folha  
Era um polido espelho de esmeralda,  
Que reflectia os fugitivos quadros  
Dos suspirados tempos que se foram!  
Não mais, perdido em vaporosas scismas,  
Escutarei ao pôr do sol, nas serras,  
Vibrar a trompa sonora e leda  
Do caçador que aos lares se recolhe!  
Não mais! A areia tem corrido, e o livro  
De minha infanda historia está completo!  
Pouco tenho de andar! Um passo ainda,  
E o fructo de meus dias, negro, podre,  
Do galho eivado rolará por terra!  
Ainda um threno! e o vendaval sem freio  
Ao soprar quebrará a ultima fibra  
Da lyra infausta que nas mãos sustenho!  
Tornei-me o echo das tristezas todas  
Que entre os homens achei! o lago escuro  
Onde ao clarão dos fogos da tormenta  
Miram-se as larvas funebres do estrago!  
Por toda a parte em que arrastei meu manto,  
Deixei um traço fundo de agonias!

Oh! quantas horas não gastei, sentado  
Sobre as costas bravias do Oceano

Esperando que a vida se esvaise  
Como um floco de espuma, ou como o friso  
Que deixa n'água o lenho do barqueiro!  
Quantos momentos de loucura e febre  
Não consumi perdido nos desertos,  
Escutando os rumores das florestas,  
E procurando nessas vozes torvas  
Distinguir o meu cantico de morte!  
Quantas noites de angustias e delirios  
Não velei entre as sombras, espreitando  
A passagem veloz do genio horrendo  
Que o mundo abate ao galopar infrene  
Do selvagem corsel!... E tudo embalde!  
A vida parecia ardente e douda  
Agarrar-se a meu ser!... E tu, tão joven,  
Tão puro ainda, ainda n'alvorada,  
Ave banhada em mares de esperança,  
Rosa em botão, chrysallida entre luzes,  
Foste escolhido na tremenda ceifa!  
Ah! quando a vez primeira em meus cabellos  
Senti bater teu halito suave;  
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo  
Pulsar-te o coração, divino ainda;  
Quando fitei teus olhos socegados,  
Abysmo de innocencia e de candura  
E baixo e a medo murmurei: Meu filho!  
Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,  
Grata como o chorar de Magdalena  
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras  
Senti rugir o vento incendiado  
D'esse amor infinito que eterniza  
O consorcio dos orbes que se enredam  
Dos mysterios do ser na têa augusta,  
Que prende o céu á terra e a terra aos anjos!  
Que se expande em torrentes ineffaveis  
Do seio immaculado de Maria!  
Cegou-me tanta luz! Errei, fui homem!

E de meu erro a punição cruenta  
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,  
Chorando ao pé da cruz, hoje padeço!

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,  
A voz mentida de rafeiros bardos,  
Torpe alegria que circumda os berços,  
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,  
Não te saudaram ao sorrir primeiro,  
Clícia mimosa rebentada á sombra!  
Mas ah! se pompas, esplendor, faltaram-te,  
Tiveste mais que os principes da terra:  
Templos, altares de affeição sem termos!  
Mundos de sentimento e de magia!  
Cantos dictados pelo proprio Deus!  
Oh! quantos reis, que a humanidade aviltam  
E o genio esmagam dos soberbos thronos,  
Trocariam a purpura romana  
Por um verso, uma nota, um som apenas  
Dos fecundos poemas que inspiraste!

Que bellos sonhos! Que illusões bemdictas  
Do cantor infeliz lançaste á vida,  
Arco-iris de amor! da luz da alliança,  
Calma e fulgente em meio da tormenta!  
Do exilio escuro a cithara chorosa  
Surgiu de novo e ás virações errantes  
Lançou diluvios de harmonia! O goso  
Ao pranto succedeu, as ferreas horas  
Em desenhos alados se mudaram...  
Noites fugiam, madrugadas vinham,  
Mas, sepultado n'um prazer profundo,  
Não te deixava o berço descuidoso,  
Nem de teu rosto meu olhar tirava,  
Nem de outros sonhos que dos teus vivia!  
Como eras lindo! Nas rosadas faces  
Tinhas ainda o tepido vestigio

Dos beijos divinaes! nos olhos languês  
Brilhava o brando raio que accendera  
A benção do Senhor, quando o deixaste!  
Sobre teu corpo a chusma dos anjinhos,  
Filhos do ether e da luz voaram.  
Riam-se alegres, das caçoilas niveas  
Celeste aroma te vertendo ao corpo!  
E eu dizia commigo: — Teu destino  
Será mais bello que o cantar das fadas  
Que dansam no arrebol, mais triumphante  
Que o sol nascente derribando ao nada  
Muralhas de négrume! Irás tão alto  
Como o passaro rei do Novo Mundo!

Ah! doudo sonho!... Uma estação passou-se,  
E tantas glorias, tão risonhos planos  
Desfizeram-se em pó! O genio escuro  
Abrasou com seu facho ensanguentado  
Meus soberbos castellos. A desgraça  
Sentou-se em meu solar, e a soberana  
Dos sinistros imperios de além-mundo  
Com seus dedos reaes sellou-te a fronte!  
Inda te vejo pelas noites minhas,  
Em meus dias sem luz vejo-te ainda,  
Creio-te vivo, e morto te pranteio!

Ouçõ o tanger monotono dos sinos,  
E cada vibração conter parece  
As illusões que murcham-se contigo!  
Escuto em meio de confusas vozes,  
Cheias de phrases puêris, estultas,  
O linho mortuario que retalham  
Para envolver teu corpo! Vejo esparsas  
Saudades e perpetuas, sinto o aroma  
Do incenso das igrejas, ouçõ os cantos  
Dos ministros de Deus, que me repetem  
Que não és mais na terra!... E choro embalde!



Mas não! Tu dormes no infinito seio  
Do Creador dos seres! Tu me fallas  
Na voz dos ventos, no chorar das aves,  
Talvez das ondas no respiro flebil!

---

Tu me contemplas lá do céu, quem sabe?  
No vulto solitario de uma estrella...  
E são teus raios que meu estro aquecem!  
Pois bem! Mostra-me as voltas do caminho!  
Brilha e fulgura no azulado manto!  
Mas não te arrojés, lagrimas da noite,  
Nas ondas nebulosas do occidente!  
Brilha e fulgura! Quando a morte fria  
Sobre mim sacudir o pó das azas,  
Escada de Jacob serão teus raios  
Por onde asinha subirá minh'alma.

(FAGUNDES VARELLA, *Cantos e Phantasias*. — Obras completas, ed. Garnier, páginas 37-42.)

---

**Luiz Guimarães Junior** (Rio de Janeiro, 1845-1897) é o autor de dois livros de poesias: *Gorymbos* e *Sonetos e Rimas*.

Melodioso quanto os mais consummados mestres no poetar, soube á belleza da fórma reunir maviosos sentimentos. Leem-se os seus versos e, mesmo sem o querermos, se nos fixam na memoria.

Em prosa collaborou como folhetinista no *Diario do Rio*, e publicou: dois volumes de *Historias para gente alegre*; *Filigranas*; *Contos sem pretensão*; *Nocturnos*; *Curvas e zig-zags*; *Biographia do pintor brasileiro Pedro Americo*; *Biographia do maestro brasileiro Carlos Gomes*, etc.

Exerceu cargos diplomaticos, principiando como addido de legação no Chile, e aposentando-se Ministro plenipotenciario.

**Fóra da barra.**

Já vamos longe... Os morros bemfazejos  
Mettem na bruma os cimos alterosos...  
Ventos da tarde, ventos lacrimosos,  
Vós sois da patria os derradeiros beijos!

As alvas plagas, os profundos brejos  
Ficam além, além!... Adeus, gostosos  
Tormentos do passado! Adeus, oh gosos!  
Adeus, oh velhos e infantis desejos!

Na fugitiva luz do sol poente  
Vae-se apagando, ao longe, tristemente,  
Do Corcovado a magestosa serra...

O mar parece todo um só gemido...  
E eu mal sustenho o coração partido,  
Oh! terra de meus paes! oh! minha terra!

**Noite de S. João.**

Noite de S. João! Quantas legendas  
Na terra espalhas! Noite immensa e bella  
Quereis sentil-a bem e comprehendel-a?  
Ide aos campos do Sul, ide ás fazendas.

Do céu nas alvas e orvalhadas redas,  
Favorita de Deus, nua resvela  
A lua cheia... E' sua noite aquella!  
E das bruxas tambem, dizem legendas.

Eu livre pensador, de grave siso,  
Eu que me ria dessas frioleiras,  
Depois que vi, ó flor do Paraíso,

Brilhar á luz vermelha das fogueiras  
Teu divino semblante num sorriso,  
Creio em feitiços, creio em feiticeiras.

### A Borralheira.

Meigos pés, pequeninos, delicados,  
Como um duplo lilaz — se os beija-flores  
Vos descobrissem entre as outras flores,  
Que seria de vós, pés adorados!

Como dois gemeos sylphos animados,  
Vi-vos hontem pairar entre os fulgores  
Do baile, ariscos, brancos, tentadores,  
Mas, aí de mim! como os mais pés calçados.

Calçados como os mais! que desacato!  
Disse eu... Vou já talhar-lhes um sapato  
Leve, ideal, phantastico, secreto...

Eil-o. Resta saber, anjo faceiro,  
Se acertou na medida o sapateiro:  
Mimosos pés, calçae este soneto.

---

Antonio de Castro Alves (Bahia, 1847-1871) estudou o direito primeiro em Pernambuco e depois em S. Paulo. Exerceu grande influencia sobre o espirito da mocidade academica do seu tempo, fazendo sempre vibrar a nota livre e generosa em todas questões; assim foi um dos mais pronunciados abolicionistas, ainda antes que do abolicionismo se fizesse o lemma da

um grupo de acção. Padecem muitos de seus versos da emphase peculiar á chamada escola *condoreira*, que, partindo da imitação hugoana, decahiu em puro gongorismo; porém a muitas de suas composições não se podem recusar sentimento e levantados vãos lyricos.

### O livro e a America.

Talhado para as grandezas,  
P'ra crescer, crear, subir,  
O Novo Mundo nos musculos  
Sente a seiva do porvir.  
Estatuario de colossos,  
Cançado d'outros esboços,  
Disse um dia Jehovah;  
"Vai, Colombo, abre a cortina,  
Da minha eterna officina...  
Tira a America de lá."

Molhado inda do diluvio,  
Qual Tritão descommunal,  
O continente desperta  
No concerto universal.  
Dos oceanos em tropa  
Um traz-lhe as artes da Europa,  
Outro as bagas de Ceylão...  
E os Andes petrificados,  
Como braços levantados,  
Lhe apontam para a amplidão.

Olhando em torno então brada:  
"Tudo marcha!... O' grande Deus!  
As cataractas — p'ra a terra  
As estrellas — para os céos.  
Lá, no pólo sobre as plagas,  
O seu rebanho de vagas  
Vai o mar apascentar..."

Eu quero marchar c'os ventos,  
C'os mundos... c'os firmamentos!"  
E Deus responde — "Marchar!"

Marchar... Mas como? Da Grecia  
Nos altivos Parthenons,  
A mil deuses levantando  
Mil marmoreos Pantheons?  
Marchar co'a espada de Roma,  
Leôa de ruiva coma,  
De presa enorme no chão,  
Saciando o odio profundo,  
Com as garras nas mãos do mundo,  
Com os dentes do coração?...

Marchar?... Mas como a Allemanha,  
Na tyrannia feudal,  
Levantando uma montanha  
Em cada uma cathedral?  
Não! Nem templos feitos de ossos,  
Nem gladios a cavar fossos  
São degraus do progredir...  
Lá brada Cesar morrendo:  
"No pugilato tremendo  
Quem sempre vence é o porvir!"

Filhos de sec'lo das luzes!  
Filhos da grande nação!  
Quando ante Deus vos mostrardes,  
Tereis um livro na mão:  
O livro — esse audaz guerreiro,  
Que conquista o mundo inteiro  
Sem nunca ter Waterloo;  
Eólo de pensamentos,  
Que abrija a gruta dos ventos,  
Donde a igualdade voou!

Por uma fatalidade,  
Dessas que descem de além,  
O sec'lo que viu Colombo,  
Viu Guttemberg tambem:  
Quando no tosco estaleiro  
Da Allemanha o velho obreiro  
A ave da imprensa gerou,  
O Genovez salta os mares,  
Busca um ninho entre os palmares  
E a patria da imprensa achou.

Por isso na impaciencia  
Desta sêde de saber,  
Como as aves do deserto  
As almas buscam beber...  
Oh! bemdito o que semeia  
Livros... livros á mão cheia,  
E manda o povo pensar!  
O livro, cahindo n'alma,  
E' germen, que faz a palma,  
E' chuva, que faz o mar.

Vós, que o templo das idéas,  
Largo, abris ás multidões,  
P'ra o baptismo luminoso  
Das grandes revoluções,  
Agora que o trem de ferro  
Acorda o tigre no cerro  
E espanta os caboclos nós,  
Fazei desse rei dos ventos,  
Ginete dos pensamentos,  
Arauto da grande luz!

Bravo! a quem salva o futuro  
Fecundando a multidão!  
N'um poema amortalhada,  
Nunca morre uma nação.

Como Goethe moribundo,  
Brada "Luz!" o Novo Mundo  
N'um brado de Briareu...  
Luz! pois, no valle e na serra...  
Que se a luz rola terra,  
Deus colhe genios no céu!

(*Espumas Fluctuantes.*)

Arthur Azevedo nasceu em 1855 na cidade de S. Luiz, capital do Maranhão, e falleceu no Rio de Janeiro em 1908. Escreveu em prosa e verso com admiravel facilidade, collaborando activissimamente na imprensa diaria e fazendo sua especialidade na litteratura dramatica.

Entre as suas mais applaudidas composições neste genero, e muitas foram ellas, podem citar-se: — *A Vespera de Reis*, reproducção fiel de costumes populares, *Amor por annexins*, *A pelle do lobo*, o *Liberato*, *A Mascotte na roça*, *A almanjarra*, o *Dote*, *A joia*, *O badejo*, comedias das quaes as duas ultimas, escriptas em verso e com apuro litterario, responderam á critica que lhe exprobrara algum desleixo e desperdicio de talento em peças de somenos importancia. São de sua lavra os dramas *Anjo de vingança* e *O escravocrata*, este de collaboração com Urbano Duarte. Das operetas e parodias algumas ha muito bem traçadas e desenvolvidas: *A donzella Theodora*, *A Princeza dos Cajueiros* e a *Filha de Madama Angú*. Cultivou a especie das revistas, onde ligados por um gracioso entrecho se criticavam os successos da actualidade. Uma dessas peças, *O Mandarim*, feita de collaboração com Moreira Sampaio, havendo introduzido no palco a imitação de personagens contemporaneos, suscitou no jornalismo, accesa polemica.

*Contos jóra da moda*, *Contos possiveis*, *Contos ephemeris* são os titulos de livros em que se reuniram algumas das livres e chistosas historietas de Arthur Azevedo.

Conhecedor a fundo, das cousas de nosso theatro, exerceu por muitos annos, em varias folhas, a critica theatral, com penetração e indulgencia, que faziam lembrar a maneira de Sarcey.

Foi alto funcionario na secretaria do Ministerio da Agricultura, repartição a que tambem pertenceram o jornalista Gasmão Lobo, o polygrapho Luiz da Veiga, o traductor da *Divina Comedia* Xavier Pinheiro, e Machado de Assis, o festejado romancista e poeta que presidiu a Academia Brasileira de Lettras.

**O Badejo.**

*Scena V. Acto II — Lucas, Cesar Santos, João Ramos,  
Benjamim Ferraz, D. Angelica.*

RAMOS

Então? Que é isso? Desertaram ambos?

D. ANGELICA

Ambrosina onde está, que não a vejo?

LUCAS

Para o seu quarto foi com uma enxaqueca.

D. ANGELICA

Qual! minha filha nunca teve disso!

LUCAS

Nesse caso, fez hoje a sua estreia.

D. ANGELICA

Valha-me o Bom Jesus! Vou ter com ella!

LUCAS

Um vidro tenho aqui de saes inglezes...

*(Angelica sae sem lhe dar ouvidos.)*



RAMOS

Deixe. Não será nada. A senhorita  
Bebeu "Bucellas" e bebeu "Collares":  
Não 'stando acostumada á taes misturas,  
Sentiu-se incommodada.

CESAR

Não; não creia:  
Muito pouco bebeu durante o almoço.

*(Senta-se a examinar um album de photographias.)*

BENJAMIM

Diz muito bem. Nos calices apenas  
Os labios virginaes humedecia.

RAMOS

Gosta de vêr retratos, senhor Cesar?

CESAR

E' divertido.

*(Ramos senta-se ao lado de Cesar e vae-lhe mostrando os retratos.)*

RAMOS

Aqui me tem, no tempo  
Em que eu tinha talvez a sua idade.

*(Lucas se approxima de Benjamim, que está sentado no sofá.)*

LUCAS, *á parte*

Vou penetrar nesta alma de ocioso.

*(Alto, sentando-se ao lado delle.)*

Quer saber o motivo da enxaqueca?  
Qual mistura de vinhos! qual historias!

RAMOS

Esta é minha mulher. Foi bem bonita.

CESAR

Ainda se parece.

BENJAMIM

Eu desconfio  
Que indisposta ficou D. Ambrosina  
Por tanto ouvir falar ao Cesar Santos  
Em transacções da praça.

LUCAS

Pois engana-se.

RAMOS

Este é o meu sogro. Já lá está, coitado!

LUCAS

Foi o senhor a causa da enxaqueca.

BENJAMIM

Eu? Ora essa! não comprehendendo! explique-se!

RAMOS

A Ambrosina, quando era mais mocinha.

LUCAS

Ella, aqui para nós, é muito tola;  
Não gosta de ouvir falar; diz ella  
Que o meu amigo só de si se occupa...

BENJAMIM

Não costumo falar da vida alheia.

RAMOS

O fallecido meu compadre Lopes,  
Padrinho da pequena.

CESAR

Eu conheci-o  
Teve loja de calçados...

RAMOS

E' isso.  
Na rua da Quitanda — Era bom homem.

LUCAS

Ella não aprecia o seu estylo...  
E' tão mal preparada! Só lhe agradam  
Palavras corriqueiras... E' bonita,  
Elegante, não nego, mas — que pena!  
Falta-lhe o "*savoir vivre*". Uma burguezia

## RAMOS

Este é o Freitas Simões, que foi meu socio  
Hoje é o senhor Visconde de Alcochete!

## BENJAMIM

Pois tenho pena que ella me déteste:  
Tencionava pedil-a em casamento.

## LUCAS

Pedil-a em casamento? Oh! desastrado!  
Meu Deus, fil-a bonita! Meu amigo,  
Não faça caso do que eu disse! Pilulas!  
Por minha causa perde a rapariga  
Um casamento destes! Não! não! casem-se!  
Virá depois o *savoir-vivre*, Diabo!...  
Hei de ser sempre uma creança estúpida!...

## RAMOS

O Gouvêa da rua do Mercado..

## BENJAMIM

Não; eu não desanimo por tão pouco,  
E lhe agradeço até, meu caro jovem,  
Ter-me instruido sobre os gostos della.

## RAMOS

Conhece? E' o Nazareth da rua Sete,  
Mas no tempo em que usava a barba toda.

## BENJAMIM

Eu tratarei de transformar-me, creia;  
Mas se ainda assim nas suas boas graças  
Não cahir, paciência... Outra donzella  
Talvez encontre menos exigente.  
O que me agrada nella é a formosura  
Com que a dotou a natureza prodiga;  
Outra cousa não é, porque sou rico,  
E ainda espero em Deus herdar bastante.

## LUCAS

Em Deus? sim, tem razão: é Deus quem mata...

## RAMOS

Este é o Dr. Galvão, que é nosso medico.

## BENJAMIM

De bom grado eu seria o seu marido,  
Por ser senhora muito apresentavel,  
Que faria figura no "*grand monde*",  
É enfeitaria bem um camarote  
Do Lyrico; entretanto, um sacrificio  
Não quero que ella faça, está bem visto.

## CESAR

Este conheço eu muito; é o João Moreira.

## BENJAMIM

Modestia á parte, a um homem desta estofa,  
Que é moço, e não é feio, e tem saúde,  
E é *millionario*, ou *quasi millionario*,

E viajou por toda a culta Europa,  
E anda trajado no rigor da moda,  
E faz figura em cima de um cavallo,  
E fuma disto...

*(Mostra o charuto que fuma e faz menção de tirar outro da algibeira.)*

Quer provar?

LUCAS

Não fumo.

BENJAMIM

A um homem desta estofa nunca faltam  
Mulheres que o pretendam, que o disputem,  
Que se agatanhem para conquistá-lo!

*(Aproxima-se de Ramos e Cesar, que têm acabado de percorrer o album.)*

LUCAS, á parte.

O outro é tolo e malandro: este é só tolo...  
E' muito facil vel-o pelas costas.

*(O Badejo, comedia.)*

---

Raymundo da Motta Azevedo Corrêa, nascido a bordo do vapor *S. Luiz*, na bahia de Moguncia, littoral do Maranhão, falleceu na Europa, tendo vivido de 1860 a 1911. Passou rapidamente pela administração e pela diplomacia e era, quando morreu, magistrado no Districto Federal.

São conhecidissimas suas bellas poesias, estampadas com os titulos de *Symphonias*, *Versos e Versões* e *Alleluias*. Uma edição portugueza foi prefaciada por D. João da Camara. Era membro da Academia Brasileira de Lettras. Pelo esmero da fôrma, presta ao serviço de opulenta imaginação e delicado sentimentalismo.

mereceu Raymundo o que delle disse o prefaciador de suas poesias: — *ser um dos primeiros poetas brasileiros, e, portanto, uma gloria portugueza.*

Isto como homem de letras; magistrado e chefe de familia, Raymundo foi um puro e um justo.

### Anoitecer.

Esbraseia o Occidente na agonia  
O Sol... Aves, em bandos destacados,  
Por céus de ouro e de purpura raiados,  
Fogem... Fecha-se a palpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serrania  
Os vertices de chamma aureolados.  
E em tudo, em torno, esbatem derramados  
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar fluctua...  
Como uma informe nódoa, avulta e cresce  
A sombra; á proporção que a luz recúa....

A natureza apathica esmaece...  
Pouco a pouco, entre as arvores, a lua  
Surge trémula, trémula... Anoitece.

### As pombas.

Vae-se a primeira pomba despertada...  
Vae-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
De pombas vão-se dos pombaes, apenas  
Raia sanguinea e *fresca a madrugada.*

E á tarde, quando a rigida 'nortada  
Sopra, aos pombaes, de novo, ellas, serenas,  
Ruflando as azas, sacudindo as pennas  
Voltam todas em bando e em revoada...

Tambem dos corações onde abotoam,  
Os sonhos, um por um, celeres voam  
Como voam as pombas dos pombaes;

No azul da adolescencia as azas soltam,  
Fogem... Mas aos pombaes as pombas voltam  
E elles aos corações não voltam mais...

### Mal secreto.

Se a colera que espuma, a dôr que mora  
N'alma e destroe cada illusão que nasce;  
Tudo o que punge, tudo o que devora  
O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espirito que chora  
Ver através da mascara da face,  
Quanta gente talvez que inveja agora  
Nos causa, então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez comsigo,  
Guarda um atroz, recondito inimigo,  
Como invisivel chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe,  
Cuja ventura unica consiste  
Em parecer aos outros venturosa!



### A cavalgada.

A luz banha a solitaria estrada...  
Silencio... Mas além, confuso e brando,  
O som longinquo vem se approximando  
Do galopar de extranha cavalgada...

São fidalgos que voltam da caçada;  
Vêm alegres, vêm rindo, vêm cantando:  
E as trompas a soar vão agitando  
O remanso da noite embalsamada...

E o bosque estala, move-se, estremece...  
Da cavalgada o estrepito que augmenta  
Perde-se após no centro da montanha...

E o silencio outra vez soturno desce...  
E limpida, sem mácula, alvacenta,  
A lua a estrada solitaria banha.

### Peregrino.

#### I

Zagaes do monte, que um lindo  
Rebanho estais a guardar,  
Essa em pó da qual vou indo,  
Acaso a vistes passar?

Fonte entre seixos filtrada,  
Não veio ella aqui beber?  
Florinhas que orlais a estrada,  
Não vos veio ella colher?

E vós, peregrino bando,  
De andorinhas a emigrar,  
Essa em cujo encalço eu ando,  
Não n'a vistes vós passar?

## II

Sem responderem lá se iam  
As andorinhas pelo ar;  
E as florinhas não sabiam  
Resposta nenhuma dar;

E a agua corrente da fonte  
Corria sem responder;  
E os pobres zagaes do monte  
Nada sabiam dizer.

Mas, no fim da estrada, havia  
Uma pedra tumular:  
Esta, ai! sim, responderia,  
Caso pudesse fallar.

---

## POETAS PORTUGUEZES

---

João Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett (Vide a 1.<sup>a</sup> parte).

### A visão.

Aberta em par do templo estava a porta:  
Entrei. Naquellas pedras animadas  
Por cinzel primoroso se pasciam  
Meus olhos admirados: as erguidas  
Columnas, as abobadas altivas,  
As palmas, as cordagens enlaçadas,  
E o signal santo que as remata e une,  
E que por toda a parte está marcando  
As victorias do lenho triumphante,  
O vexillo da gloria portugueza,  
Nunca, nunca tão alto me clamaram  
Que sós sem Deus, sós pelo esforço humano,  
Não fariam jamais os Portuguezes  
O que hão feito no mundo... Dei c'o tumulto  
De custoso lavor, que ahi resguarda  
As cinzas do monarcha afortunado,  
Afortunado em vida: — a morte fecha-lhe,  
Sello do Eterno, os labios descarnados;  
São segredos de Deus os do sepulcro.  
Mais cansado que pio, ajoelhei-me

Sobre os degraus do tumulto; insensível,  
No recostado braço a fronte inclino  
E descahi n'um languido deliquio,  
Que nem morte, nem somno, mas olvido  
Suavissimo, é da vida. Somno embora  
Lhe chamaria, se as visões tão claras,  
Mais raptó d'alma em extase sublime  
Que imagem van de sonhos, as não visse.  
Talvez seria natural effeito  
De agitados sentidos; por ventura  
Mui crédulo serei... mais alta causa  
De phenomeno estranho então a tive.

---

Oh! sonho não foi esse, afigurou-se-me  
Ver do moimento erguer-se um vapor leve,  
Raro, como de nuvem transparente,  
Que mal embaça o lume das estrellas  
No puro azul dos céos: foi pouco a pouco  
Condensando-se espesso, e longes dava  
De humana fórma irregular, qual sóem  
Ao pôr do sol phantasticas figuras  
As nuvens debuxar pelo horizonte.  
Logo mais certas, mais distinctas fórmas,  
Qual molle cera em mãos d'habil artifice,  
Tomando foi. Já claro ante mim era.  
Roupas trajava alvissimas e longas;  
Seus braços de extensão desmesurada,  
Um sobre o peito c'o indice apontava  
Ao coração, que as vestes resplendentes  
Transparecer deixavam. Viva chamma,  
Como luz de carbunculo, brilhava  
Na viscera patente; e em radiosas  
Lettras lhe soletrei: *Amor da Patria*.  
Da maravilha como por encanto,  
Sem receio ou terror a contemplava,

Quasi por tal prodigio enfeitado;  
Quando esses sons, entre aspero e suave,  
Mas solemnes ouvi: "Jovem ousado,  
Grande empresa te coube, acerba gloria,  
De que não gosarás! Desgraças cruas  
Fadam teus dias... Mas a fama ao cabo.  
A patria, que foi minha, que amei sempre,  
Que amo inda agora, gran serviço aguarda  
De ti. Um monumento, mais duravel  
Do que as moles do Egypto, erguer-lhe debes...  
Pyramide será por onde os seculos  
Hão de passar de longe e respeitosos.  
Galardão, não o esperes. Fui ingrato  
Eu, fui! ingrato rei, ingrato amigo...  
E a quem! Maiores de meu sangue ainda  
Ingratos nascerão. Tu serve a patria:  
E' teu destino celebrar seu nome.  
Os homens não são dignos nem de ouvil-as,  
As queixas do infeliz. Segue ao Oriente,  
Salva do esquecimento essas ruinas,  
Que já meus netos de amontoar começam  
Nos campos, nos alcáçares de gloria,  
Preço de tanto sangue generoso.  
Um dia... Em vão perante o excelso throno  
Do Eterno me hei prostrado; irrevogavel.  
A sentença fatal tem de cumprir-se...  
Um dia inda virá que, envilecido,  
Esquecido na terra, envergonhado  
O nome portuguez... Opprobrio, magua,  
Dura pena de crimes! tábua unica  
Lhe darás tu para salvar-lhes a fama  
Do naufragio. Tu só dirás aos seculos,  
Aos povos, ás nações: *Alli foi Lysia!*  
Como o encerado rôlo sobre as aguas  
Unico leva á praia o nome e a fama  
Do perdido baixel. Parte. Salval-o!  
Salval-o, emquanto é tempo! Extincto... Infamia!

Extincto Portugal... Oh dôr!..." — Rompeu-lhe  
O derradeiro accento d'estas vozes  
Em som de pena tal e tão tremendo,  
De tão profunda magua que inda agora  
Nos cortados ouvidos me ribomba:  
Estremeci, olhei; já nada vejo:  
Ou accordei, ou a visão se fôra.

(GARRET, Poema *Camões.*)

### Morte de Camões.

"Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero?  
Onde, a que mares? Já teu nome ignora  
Neptuno, que de ouvil-o estremecia.  
Soberbo Tejo, nem padrão ao menos  
Ficará de tua gloria? nem herdeiro  
Do teu renome?... Sim: recebe-o, guarda-o,  
Generoso Amazonas, o legado  
De honra, de fama e brio: não se acabe  
A lingua, o nome portuguez na terra.  
Prole de Lusos, peja-vos o nome  
De Lusitanos? Que fazeis? Se extincto  
O paterno casal cahir de todo,  
Ingratos filhos, a memoria antiga  
Não guardareis do patrio, honrado nome?  
O' patria! ó minha patria..." A voz que affrouxa,  
Interromperam sons desconhecidos  
De voz de estranho que na estancia humilde  
Entra do vate. — Perdoai, se ousado  
Entreí, senhor; mas...

— Quem sois vós? Ha ainda  
Homem, no mundo, que a poisada obscura  
D'um moribundo saiba!

— Cavalleiro,  
Desde o albor da manhã que vos procuro:  
De Africa hoje cheguei...

— Ah! perdoai-me.  
Sois vós, conde? Voltastes? E que novas  
Me trazeis!

— Tristes novas, cavalleiro,  
Ai! tristes. D'esta carta que vos trago  
Sabereis tudo.

Ao vate a carta entrega;  
Do missionario era, que dos carceres  
De Fez a escreve. Saudoso e triste,  
Mas resignado e placido, lhe manda  
Consolações, palavras de brandura,  
De allivio e de esperança. "Extincto é tudo  
D'esta mansão de lagrimas e dores,  
(As lettras dizem) tudo; mas a patria  
Da eternidade, só a perde o impio,  
Deus e a virtude restam: consolai-vos..."  
"Oh! consolar-me... exclama (e das mãos tremulas  
A epistola fatal lhe cai). Perdido  
E' tudo pois!..." No peito a voz lhe fica;  
E de tamanho golpe amortecido  
Inclina a fronte, e, como se passara,  
Fecha languidamente os olhos tristes.  
Anciado o nobre conde se approxima  
Do leito... Ai, tarde vens, auxilio do homem!  
Os olhos turvos para o céu levanta;  
E já no arranco extremo: *Patria, ao menos*  
*Junctos morremos...* — E expirou co'a patria.

(Idem.)

## Retrato.

Onde vais tão alva e linda,  
Mas tão triste e pensativa,  
Pura, celeste Adozinda,  
Da côr da singela rosa,  
Que nasceu ao pé do rio?  
Tão ingenua, tão formosa  
Como a flor, das flores brio,  
Que em serena madrugada  
Abre o seio descuidada  
A' doce manhã d'abril!  
Roupas de seda que leva,  
Alvas de neve que cega,  
Como os picos do Gerez,  
Quando em janeiro lhe neva;  
Cinto côr de violeta,  
Que á sombra desabrochou;  
Cintura mais delicada  
Nunca outro cinto apertou;  
Anneis louros do cabelo,  
Como o sol resplandecentes,  
Folgam soltos; dá-lh'o vento,  
Dá no véo ligeiro e bello,  
Véo por suas mãos bordado,  
De um santo ermitão fadado.

(*Idem* — Poema-canto *Adozinda*.)

---

Antonio Feliciano de Castilho (Vide a 1.<sup>a</sup> parte).



**Cantico da noite.**

Sumiu-se o sol esplendido  
Nas vagas rumorosas!  
Em trevas o crepusculo  
Foi desfolhando as rosas!  
Pela ampla terra alargar-se  
Calada solidão!  
Parece o mundo um tumulto  
Sob estrellado manto!  
Alabastrina lampada,  
Lá sobe a lua! Emtanto  
Gemidos d'aves lugubres  
Soando a espaços vão!

Hora dos melancolicos  
Saudosos devaneios!  
Hora que aos gostos intimos  
Abres os castos seios!  
Infunde em nossos animos  
Inspiração da fé!  
De noite, se um revérbero  
De Deus nos alumia,  
Distilla-se de lagrimas  
A prece, a prophécia!  
A alma elevada em extasis  
Terrena já não é!

Antes que o somno tacito  
Olhos nos cerre, e os sonhos  
Nos tomem no seu vertice,  
Já rindo, e já medonhos,  
Hora dos céos, conversa-me  
No extincto e no porvir.

Onde os que amei? sumiram-se.  
Onde o que eu fui? deixou-me.  
Delles, só vans memorias;  
De mim, só resta um nome:  
No abysmo do preterito  
Desfez-se chôro e rir.

Desfez-se! e quantas lagrimas  
Brotaram de alegrias!  
Desfez-se! e quantos jubilos  
Nasceram de agonias!  
Teu curso, ó Providencia,  
Quem n'ó previu jamais?

Que horas d'est'hora tacita  
Me irão desabrochando?  
Quantos nos fez cadaveres  
Num leito o somno brando!  
Vir-me-hão co'a aurora proxima  
As saudações, os ais?

Se o penso, tremo, aterro-me;  
Porém, se ao Pae Supremo  
Remonto o meu espirito,  
Exulto; já não tremo,  
A alma lhe dou; reclino-me  
No somno sem pavor.  
Chama-me? Ascendo á patria;  
Poupa-me? Aspiro a ella.  
Servir-te! ou ver-te e amarmo-nos!  
Que sorte, ó Deus, tão bella!  
Vem, cerra as minhas palpebras,  
Virgem do casto amor!

(A. F. DE CASTILHO — *Estréas  
poetico-musicas*, pag. 21.)

Alexandre Herculano (Vide a 1.<sup>a</sup> parte).

### A Cruz mutilada.

Amo-te, ó cruz no vertice firmada  
De esplendidas igrejas;  
Amo-te, quando á noite sobre a campa  
Junto ao cypreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde entre incensos  
As preces te rodeiam;  
Amo-te, quando em prestito festivo  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no cruzeiro antigo,  
No adro do presbyterio;  
Ou quando o morto, impressa no ataude,  
Guias ao cemiterio;  
Amo-te, ó cruz, até, quando no valle  
Negrejas triste e só,  
Nuncia do crime, a que deveu a terra  
Do assassinado o pó;  
Porém, quando mais te amo,  
O' cruz do meu Senhor,  
E' se te encontro á tarde,  
Antes de o sol se pôr,  
Na clareira da serra,  
Que o arvoredado assombra,  
Quando a luz que fenece,  
Se estira á tua sombra,  
E o dia ultimos raios  
Com o luar mistura,  
E o seu hymno da tarde  
O pinheiral murmura.

(A. HERCULANO — *Harpa  
do Crente*, pag. 121.)

José da Silva Mendes Leal (Lisboa, 1818-1886) foi destinado por seus paes á vida ecclesiastica e fez estudos no mosteiro de S. Vicente de Fóra; mas com taes intuitos não se coadunava a ambição que o impellia á conquista de renome no mundo das lettras e da politica.

Escreveu muito para o theatro, filiando-se na escola romantica e principiando pelos *Dois renegados*: foi um triumpho. Do drama romantico passou a cultivar a comedia (*Herança do Chancellor*, etc.); e por fim explorou os assumptos da historia patria, produzindo obras como o drama *Egas Moniz* e a comedia *Primeiros amores de Bocage*, peças academicas, mas, por isso mesmo menos populares que as da sua primeira phase.

Mendes Leal levou ao jornalismo politico a sua activissima collaboração; e com grande elevação se revelou poeta. "A faculdade que melhor o caracteriza — disse Rebello da Silva no 2.º tomo da *Revista Peninsular* — é a criação lyrica".

Foi deputado, ministro de varias pastas e diplomata em Madrid e Paris.

### Ave, Cesar !

(Á MORTE DE CARLOS ALBERTO, REI DO PIEMONTE)

Eil-o, o teu defensor, ó liberdade;  
Eil-o, no extremo leito! A' humanidade  
O tributo pagou!  
Da nobre espada á lamina abraçado,  
Viveu soldado-rei, e, rei soldado,  
Sobre a espada expirou!

Rasgou-lhe ovante as margens do destino,  
Foi-lhe rota, bordão de peregrino,  
Essa espada leal.  
Hoje é cruz! Do aço puro a cruz só resta.  
Sentinella da campa, ao mundo attesta  
Que o heroe era mortal!

Os Edipos de um drama incerto e vario  
Talharam-te na purpura o sudario,  
Deixaram-te ermo e só!

Salvé, ó rei! rei no solio e no abandono;  
Mais rei no exílio do que os reis no throno;  
Rei até sobre o pó!

.....

Salve, salve, ó majestade  
Moribunda a succumbir!  
Como o espinho da saudade  
Te havia fundo pungir!  
Como o homem soffreria  
Do monarcha na agonia!  
Longe do que era tão seu,  
Da esposa e filhos briosos,  
E dos campos seus formosos,  
E do seu formoso céo!

"Patria, adeus! Italia minha,  
Oh! terra que tanto amei!  
Se não te fiz ser rainha,  
Não quiz mais também ser rei.  
Adeus, margens do Tessino,  
Sentença do meu destino!  
Adeus, povo que escolhi;  
Sê tu justo e livre e forte,  
Possa dar-te a minha morte  
O que em vida não venci!"

Assim diria; e, lançando  
Os olhos em de redor,  
E vendo afflicto e chorando  
Outro povo aquella dôr,  
Resoluto accrescentara:  
"O soldado de Novara

Morre contente afinal,  
Morre ao écho das batalhas,  
Neste berço de muralhas  
Que fez livre Portugal!

(MENDES LEAL.)

---

João de Lemos Seixas Castello Branco (Peso da Regua 1819-1890) redigiu com energia e convicção varias folhas politicas, e com os arduos labores do jornalismo soube conciliar o amor da poesia. "E' um poeta que nasceu no seio da civilização — escreveu Lopes de Mendonça — e cuja musa parece revestir-se de todos os primores da elegancia e do luxo".

Estrenuo legitimista, de antes quebrar que torcer, batalhou, contudo, pela liberdade da imprensa.

Obras poeticas: o *Cancioneiro*; *Canções da tarde*; *O tio Damão*, poemeto; *O monge pintor*, poema. Em prosa: *Serões d'aldeia*, *O livro de Elisa*, *A igreja catholica e o seu clero regular e secular*, etc.

### A lua de Londres.

E' noite: o astro saudoso  
Rompe a custo um plumbeo céu;  
Tolda-lhe o rosto formoso  
Alvacentó, humido véo;  
Traz perdida a côr de prata,  
Nas aguas não se retrata,  
Não beija no campo a flor;  
Não traz cortejo de estrellas,  
Não falla de amor ás bellas,  
Não falla aos homens de amor.

Meiga lua, os teus segredos  
Onde os deixaste ficar?  
Deixaste-os nos arvoredos  
Das praias d'além do mar?  
Foi na terra tua amada,  
N'essa terra tão banhada,

Por teu limpido clarão?  
Foi na terra dos verdores,  
Na patria dos meus amores,  
Patria do meu coração?

Oh! que foi! Deixaste o brilho  
Nos montes de Portugal,  
Lá onde nasce o tomilho,  
Onde ha fontes de crystal;  
Lá onde viceja a rosa,  
Onde a leve mariposa  
Se esponeja á luz do sol;  
Lá onde Deus concedera  
Que em noites de primavera  
Se escutasse o rouxinol.

Tu vens, ó lua, tu deixas  
Talvez ha pouco o paiz  
Onde do bosque as madeixas  
Já têm um flóreo matiz;  
Amaste do ar a doçura,  
Do azul céu a formosura,  
Das aguas o suspirar;  
Como has de agora entre gelos  
Dardejar teus raios bellos,  
Fumo e nevoa aqui amar?

Quem viu as margens do Lima,  
Do Mondego os salgueiraes;  
Quem andou por Tejo acima,  
Por cima dos seus crystaes;  
Quem foi ao meu patrio Douro  
Sobre fina areia de ouro  
Raios de prata esparzir;  
Não póde amar outra terra,  
Nem sob o céu d'Inglaterra  
Doces sorrisos sorrir.

Das cidades a princeza  
Tens aqui; mas Deus igual  
Não quíz dar-lhe essa lindeza  
Do teu e meu Portugal:  
Aqui, a industria e as artes;  
Além de todas as partes,  
A natureza sem véo:  
Aqui, ouro e pedrarias,  
Ruas mil, mil arcarias;  
Além, a terra e o céu!

Vastas serras de tijolo,  
Estatuas, praças sem fim  
Retalham, cobrem o solo  
Mas não encantam a mim;  
Na minha patria uma aldeia  
Por noites de lua cheia  
E' tão bella e tão feliz!...  
Amo as casinhas da serra,  
C'o a lua da minha terra,  
Nas terras do meu paiz.

Eu e tu, casta deidade,  
Padecemos igual dor,  
Temos a mesma saudade,  
Sentimos o mesmo amor:  
Em Portugal, o teu rosto  
De riso e luz é composto;  
Aqui, triste e sem clarão;  
Eu, lá, sinto-me contente,  
Aqui, lembrança pungente  
Faz-me negro o coração.

Eia, pois, ó astro amigo,  
Voltemos aos puros céos;  
Leva-me, ó lua contigo  
Preso n'um raio dos teus;  
Voltemos ambos, voltemos.  
Que nem eu nem tu podemos



Aqui ser quaes Deus nos fez;  
Terás brilhos, eu terei vida,  
Eu já livre, e tu despida  
Das nuvens do céu inglez.

---

**João de Deus Ramos**, mais vulgarmente conhecido só por *João de Deus*, nasceu em S. Bartholomeu de Messines, Concelho de Silves, no Algarve, e viveu de 1830 a 1895. Bacharelou-se em direito na universidade de Coimbra em 1859, e pouco depois já era bem conhecido pelos seus bellos versos, tão espontaneos quão delicadamente sentidos.

Não ligava maior importancia ás suas produções, que só foram devidamente colligidas depois da sua morte. Dellas fez o Sr. Theophilo Braga um livro a que deu o nome de *Campo de flôres*, 1896; chamando *Prosas* a outro volume, impresso em 1898 e contendo os trabalhos em prosa.

Alma compassiva e bôa, João de Deus condeou-se das crianças que com penosa labuta aprendem a ler, e, reconsiderando o problema pedagogico de que já se occupara outro grande poeta (Antonio Feliciano de Castilho) compoz uma *Cartilha Maternal*, que foi recebida com extraordinario applauso.

### Hymno de amor.

Andava um dia  
Em pequenino  
Nos arredores  
De Nazareth,  
Em companhia  
De São José,  
O Deus-Menino,  
O Bom-Jesus.  
Eis senão quando  
Vê num silvado  
Andar piando,  
Arripiado  
E esvoaçando,

Um rouxinol,  
Que uma serpente  
De olhar de luz  
Resplandecente  
Como a do sol,  
E penetrante  
Como diamante,  
Tinha attrahido,  
Tinha encantado.

Jesus, doido  
Do desgraçado  
Do passarinho,  
Sae do caminho,  
Corre apressado,  
Quebra o encanto;  
Foge a serpente;  
E de repente  
O pobrezinho,  
Salvo e contente,  
Rompe num canto  
Tão requebrado,  
Ou antes pranto  
Tão soluçado,  
Tão repassado  
De gratidão,  
D'uma alegria,  
Uma expansão,  
Uma vehemencia,  
Uma expressão,  
Uma cadencia,  
Que commovia  
O coração!  
Jesus caminha  
No seu passeio  
E a avezinha  
Continuando  
No seu gorgoeio,

Em quanto o via,  
De vez em quando  
Lá lhe passava  
A deanteira;  
E mal pousava,  
Não affrouxava  
Nem repetia,  
Que redobrava  
De melodia!

Assim foi indo  
E o foi seguindo,  
De tal maneira  
Que, noute e dia,  
N'uma palmeira,  
Que havia perto  
D'onde morava  
Nosso Senhor  
Em pequenino  
(Era já certo)  
Ella lá estava  
A pobre ave,  
Cantando o hymno.  
Terno e suave,  
Do seu amor  
Ao Salvador!

*(Cartilha Maternal.)*

### A vida.

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo  
A luz que n'esta vida me guiava,  
Olhos fitos na qual até contava  
Ir os degraus do tumulto descendo.

Em se ella annueando, em a não vendo,  
Já se me a luz de tudo annueava;  
Despontava ella apenas, despontava  
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gemea da minha, e ingenua e pura  
Como os anjos do céu (se o não sonharam...!)  
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura.

Não sei se me voou, se m'a levaram;  
Nem saiba eu nunca a minha desventura  
Contar aos que inda em vida não choraram.  
.....

Que é d'esses cabellos de oiro  
Do mais subido quilate,  
D'esses labios escarlata,  
Meu thesoiro!

Que é d'esse halito que ainda  
O coração me perfuma!  
Que é d'esse collo de espuma  
Pomba linda!

Que é d'uma flor da grinalda  
Dos teus doirados cabellos!  
D'esses olhos, quero vê-los,  
Esmeralda;

Que é d'essa franja comprida  
D'aquelle chaile mais leve  
Do que a nuvem côr de neve,  
Margarida!

Que é d'ess'alma que me déste,  
D'um sorriso, um só que fosse,  
Da tua bocca tão doce,  
Flor celeste!

A vida é folha que cáe!  
Tua cabeça, que é d'ella,  
A tua cabeça de oiro,  
Minha pomba! meu thesoiro!  
Minha estrella!

De dia a estrella d'alva empallidece;  
E a luz do dia eterno te ha ferido!  
Em teu languido olhar adormecido  
Nunca me um dia em vida amanhecesse!

.....

A vida é o dia de hoje,  
A vida é ai que mal sôa,  
A vida é sombra que foge,  
A vida é nuvem que vôa,  
A vida é sonho tão leve  
Que se desfaz como a neve,  
E como o fumo se esvae:  
A vida dura um momento,  
Mais leve que o pensamento,  
A vida leva-a o vento,  
A vida é flor na corrente,  
A vida é sopro suave,  
A vida é estrella cadente,  
Vôa mais leve que a ave;  
Nuvem que o vento nos ares,  
Onda que o vento nos mares,  
Uma após outra lançou,  
A vida — penna cahida  
Da aza de ave ferida —  
De valle em valle impellida  
A vida o vento a levou!

(CAMPO DE FLORES,  
ed. de 1896, pags. 204 e segs.)

Thomás Antonio Ribeiro Ferreira (Parada da Gonta, na Beira Alta, 1831-1901) foi uma intelligencia de escól; poeta mimoso, e impecavel metrificador, orador fluentissimo, diplomata, politico, jornalista de rapida concepção, historiador consciencioso e eloquente.

Na poesia lyrica manteve em devida altura a tradição romantica de Castilho, e suas poesias correram mundo, ganhando portentosa popularidade. Quem não recitou, ou não ouviu recitar a *Judia*?

Dos poemas-romances *Delfina do mal* e *D. Jayme*, mórmente este ultimo, demonstram a pujança dos inspirados vãos de Thomás Ribeiro.

*Do Tejo ao Mandovy* e *Entre palmeiras* são volumes em prosa, escriptos após uma viagem á India, em 1870. Dessa mesma excursão proveiu o poemeto *Indiana*.

Escreveu mais: dois volumes da *Historia da legislação liberal* e *D. Miguel e a realza*.

Quando no Brasil se deu a revolução de 1889, e a Portugal se acolheu D. Pedro II com sua familia, Thomás Ribeiro escreveu, em verso, ao monarcha deposto, lamentando as durezas do exilio a que o condemnavam. Isto impopularizou o poeta com certo grupo de republicanos exaltados e explica o desagrado com que por elles foi recebido o autor do *D. Jayme*, quando veio ao Brasil.

"Thomás Ribeiro (opina Mendes dos Remedios) encanta pela melopéa dos seus versos, pela candura e simplicidade do estylo. Conhecia todos os segredos do rhythm e da eurythmia e sabia traduzir a suprema perfeição da idéa em uma linguagem melodiosa e pura" (*Hist. da Litt.*, 2.<sup>a</sup> ed., 1908, pag. 543).

### A Portugal.

Meu Portugal, meu berço de innocente,  
Lisa estrada que andei debil infante,  
Variado jardim do adolescente,  
Meu laranjal em flor sempre odorante,  
Minha tarde de amor, meu dia ardente,  
Minha noite de estrellas rutilante,  
Meu vergado pomar de rico outomno,  
Sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos  
Desde que soube amar; e amei-os tanto!  
Sonhava as noites de teus dias ledos  
Afogado de enlevo em riso e em pranto,

Quiz dar-te hymnos de amor, debeis os dedos  
Não sabiam soltar da lyra o canto,  
Mas amar-te o esplendor de immenso brilho...  
Eu tinha um coração e era teu filho!

Jardim da Europa á beira-mar plantado  
De loiros e de acacias olorosas;  
De fontes e de arroios serpeado,  
Rasgado por torrentes alterosas,  
Onde num cerro erguido e requeimado  
Se casam em festões jasmins e rosas;  
Balsa virente de eternal magia,  
Onde as aves gorgem noite e dia;

Quem desdenha de ti, mente sem brio,  
Ou nunca viu teus prados e teus montes,  
Ou nunca ao pôr do sol de ameno estio  
Viu franjas de oiro e rosa os horizontes,  
Ondas de azul e prata em cada rio,  
As perlas e os rubis de tuas fontes,  
Nem de teus anjos, terreo paraizo,  
Sentiu o magnetismo num sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,  
Rica dona de messes e pomares,  
Recorda ao mundo ingrato as primas éras  
Em que tu lhe ensinaste a erguer altares.  
Mostra-lhe os esqueletos das galeras,  
Que foram descobrir mundos e mares;  
E se um povo não vir teu manto pobre,  
Ri-te do fatuo que se julga nobre.

.....

Três testemunhas tens, que ao mundo inteiro,  
Grandes, hão de levar a tua gloria:  
Camões, o sol, e o oceano: que o primeiro  
Ergueu-te em alto canto a nobre historia.

Com prantos e com sangue audaz guerreiro,  
O seu livro escreveu d'alta memoria!  
Lêde os cantos divinos do poeta  
Entoados em harpa de propheta!

O mar na eterna luta porfiosa,  
Cansado de correr largos desvios,  
Vem afogar a sede angustiosa  
No saboroso nectar de teus rios.  
E quando n'outra idade mais ditosa,  
Tu mandaste alongar teus senhorios,  
Conhecendo o roçar de tuas sondas,  
Cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o genio das tormentas  
Algoz de tanto nauta aventureiro,  
Vestido de neblinas pardacentas,  
Assoprando golfadas de aguaceiro;  
Mas quando viu nas quilhas tão attentas  
Içado teu pendão tão altaneiro,  
Accendendo o santelmo resplendente  
Illuminou-te as portas do oriente.

Fiel, sempre fiel á tua gloria  
Conduziu-te o Evangelho a longes terras;  
Acompanhou-te os cantos da victoria,  
Saudou-te os brios nas longinquas guerras!  
Rasguem, embora, ó patria a tua historia;  
Emquanto o mar bramir quebrando as serras,  
Ou brincar nas areias em bonança,  
Ha de fallar de ti, patria, descança.

Qual no deserto o lasso viandante  
Vai no oásis sentar-se ao fim do dia,  
Achando, attenuado e arquejante  
Verdor, fontes, aromas e harmonia,



E naquella atmosphera inebriante  
Se alimenta, se farta, e se extasia,  
Tu és do sol oásis reservado,  
Jardim da Europa á beira-mar plantado.

(D. Jayme, poema, proemio.)

### A hera e o muro.

Um dia... quando não sei;  
Fui ver as gastas ruínas  
D'um velhissimo castello  
Que ao desamparo encontrei,  
Mas que apesar de esquecido  
Na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido  
De tenaz hera viçosa;  
E ornado do verde brilho,  
Lembrou-me um velho casquilho  
Que espera noiva formosa.  
Vi-lhe os muros corcovados  
Sobre o abysmo pendurados,  
Porém, suspensos no ar;  
Barbacans, desamparadas;  
As torres, desconjunctadas,  
Como folhas desligadas  
Da flor que se vae finar.  
E perguntei: — “Que portento,  
Pedras que baloíça o vento,  
Já sem prumo e sem cimento,  
Vos tem suspensas no ar?”  
A hera, filha do muro,  
Foi-se encostando e cresceu;

A cada cantinho escuro  
Cada raiz se prendeu;  
Entre cada fenda estreita  
Uma vergonhea se ageita;  
Do muro em toda a largura  
Contorce a activa espessura,  
Gyra, enrosca-se, e venceu!  
E vae recebendo alento,  
Redobra em viço e vigor,  
Nem já rajadas do vento  
Lhe podem causar temor;  
Seus rebentões melindrosos  
Já são braços musculosos  
Que ensaiam força e valor;  
E, conhecendo seus brios,  
Aos largos muros adustos  
Metteram hombros robustos,  
Ergueram rochas ao ar.  
Subiram ás barbacans;  
Recurvaram as ameias;  
Ligaram rijo pilar  
Com mil robustas cadeias;  
E o castello hospitaleiro,  
Já sem medo ao paroxysmo,  
Viu, vê, verá sobranceiro  
As profundezas do abysmo;  
Que a hera robustecida,  
De lembrada e generosa,  
Dá vida a quem lhe deu vida,  
Fôrça a quem lhe deu vigor.  
São como a hera viçosa  
Os filhos do nosso amor.

(*Ibidem*, Canto I.)

**Mocidade !**

Que idade florida e bella  
A dos vinte annos! Não é?  
Ornada, embora singela,  
De crenças, d'esp'rança e fé;  
Em que dorme a austera e fria  
Luz da prosaica razão;  
Em que ostenta sobr'ania  
Infinita o coração!  
Em que o mancebo tem sonhos  
De fabulosa extensão,  
Altivos, nobres, risonhos...  
Que bem-fadada illusão!

Dos vinte annos a magia  
Quem poudé roubar-m'a assim?  
Que é dos olhos com que eu via  
Em cada cerro um jardim?  
Em cada gruta encantada,  
Linda moira enamorada  
Com thesoiros para mim?  
Em cada fonte uma tada,  
Em cada casa um festim?  
Em cada peito um abrigo,  
Um céu em todo o viver,  
Um irmão em cada amigo,  
Um anjo em cada mulher,  
Alta sina em cada estrella,  
E em tudo nobreza e fé?

Que idade florida e bella  
A dos vinte annos! Não é?

(*Ibid.*, Canto II.)

Anthero Tarquinio do Quental (Ponta Delgada, Açores, 1842-1891) era um pensador original e profundo, em cujo espirito se mesclavam anciosas aspirações de verdade e doridos desanimos que, producto ou causa de incuravel neurasthenia, finalmente o conduziram ao abysmo do suicidio.

Obras em verso: *Odes modernas*, 1865; e *Sonetos* (1890), além de outras composições só publicadas depois da morte do poeta. Em prosa: os opusculos de combate na famosa questão coimbran, isto é, *Bom senso e bom gosto* (carta a A. F. de Castilho) e *Dignidade das letras e litteraturas officiaes*: varias cartas politicas, entre as quaes uma ao *Marquez de Avila e Bolama*, que promoveu a queda do gabinete presidido por esse estadista; de maior vulto são as *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos seculos 17º e 18º*; e as *Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza*.

### Alma morta.

Estava a Morte alli, em pé, diante,  
Sim, diante de mim, como serpente  
Que dormisse na estrada, e de repente  
Se erguesse sob os pés do caminhante.

Era de ver a funebre bacchante!  
Que torvo olhar! que gesto de demente!  
E eu disse-lhe: Que buscas, impudente  
Loba faminta, pelo mundo errante?

— Não temas, respondeu (e uma ironia  
Sinistramente extranha, atroz e calma,  
Lhe torceu cruelmente a boca fria).

Eu não busco o teu corpo... Era um tropheu  
Glorioso de mais. "Busco a tua alma."  
Respondi-lhe: "A minha alma já morreu!"

(*Os sonetos completos*, edição de 1890,  
pag. 82.)

**Visão.**

N'um sonho todo feito de incerteza,  
De nocturna e indizível anciedade,  
E' que eu vi teu olhar de piedade  
E, mais que piedade, de tristeza.

Não era o vulgar brilho da beleza,  
Nem o ardor banal da mocidade,  
Era outra luz, era outra suavidade,  
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura  
Feita só do perdão, só da ternura  
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão! visão triste e piedosa!  
Fita-me assim calada, assim chorosa,  
E deixa-me sonhar a vida inteira!

(*Ibid.*, pag. 88.)

**Na mão de Deus.**

Na mão de Deus, na sua mão direita,  
Descansou afinal meu coração.  
Do palacio encantado da Illusão  
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se enfeita  
A ignorancia infantil, despojo vão  
Depuz do Ideal e da Paixão  
A fórmula transitoria e imperfeita.

Como criança, em lobrega jornada,  
Que a mãe leva no collo agazalhada  
E atravessa, sorrindo, vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto,  
— Dorme teu somno, coração liberto,  
Dorme na mão de Deus eternamente!

(*Ibid.*, pag. 121.)

---

Antonio Candido Gonçalves Crespo (Rio de Janeiro, 1845-1883) viveu no Brasil até a idade de quatorze annos. Estudando em Coimbra, publicou o seu primeiro volume de versos, *Minia-turas*.

A publicação destas poesias além de renome, lhe valeu a sympathia litteraria, e logo depois pessoal, da Exma. Sra. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, com quem se casou o poeta em 1863. Depois escreveu outro livro: *Os nocturnos*.

Rigorosa critica poderá exprobrar a Gonçalves Crespo o demasiado impressionar-se com a leitura de outros poetas; mas só com injustiça lhe poderia contestar o mimo da imagem, a melodia da phrase e a delicadeza do sentimento.

### O minuete.

Espaçoso é o salão; jarras a cada canto;  
Admira-se o lavor do tecto de pau santo.

Cadeiras de espaldar com fulvas pregarias;  
Um enorme sofá; largas tapeçarias;

O purpureo tapete aos olhos nos revela,  
Entre as garras de um tigre, anciosa, uma gazella.

Retratos em redor; olhemos o primeiro:  
No Toro as mãos de Affonso o armaram cavalleiro,

Era arcebispo aquelle; esta foi açafata...  
Que frescura sensual nos labios de escarlata!

Olhos revendo azul que sobre a Italia assoma;  
Em finos caracoës, a loura e ondada coma.

.....  
.....

Este, que vês, morreu n'um africano areal  
Por vingança cruel do aspero Pombal.

D'esse olhar na expressão o infinda e inenarravel  
Desabrocha uma dor profunda e inconsolavel.

Defronte, uma donzella, o rosto meigo e afflicto,  
N'um extasis adora o pallido proscripto.

O teu sonho nupcial, franzina morgadinha,  
Tão cedo se desfez, ó misera e mesquinha!

No burel escondeste o viço e a formosura,  
E desmaiaste, flor, no chão de uma clausura!

Repara nos desdens do fofo conselheiro,  
Que sorridente aspira a flor de um jasmineiro!

Em canones doutor; no paço foi bemquisto:  
Orna-lhe o peito a cruz de um habito de Christo.

Esse outro combatendo ás portas de Bayona,  
Como um bravo, alcançou a rútila dragona.

Vibra flammæ do olhar; cabeça erecta e audaz;  
Illumina-lhe o rosto a gloria de um gilvaz.

Assistimos, ao vel-o, ás pugnas carnicieiras,  
E ouvimos o clangor das musicas guerreiras.

No antiquissimo espelho, á sombra das cortinas,  
Reflecte-se o primor de argenteas serpentinhas.

Sobre o espelho se anima um cravo marchetado,  
Mimo outr'ora da casa, e prenda de um noivado.

Ao lado o cofre encerra, em amoravel ninho,  
Antiga partitura em velho pergaminho.

Uma noite estendi a musica na estante  
E o cravo suspirou... N'aquelle mesmo instante

Da eburnea pallidez doentia do teclado  
Manso e manso evolou-se o aroma do passado,

E vi descer do quadro a languida açafata,  
Que, ao discreto pallor das lampadas de prata,

A fimbria alevantando azul do seu vestido,  
O rosto acerejado, o gesto commovido,

A sorrir deslisou graciosa no tapete,  
Dansando airosamente o airoso minuete.

(GONÇALVES CRESPO.)

---



## PHASE ACADEMICA

---

Fr. José de Santa Rita Durão, natural de Cata Preta, arraial do Inficionado, perto de Mariana, nasceu entre 1718 e 1720, e morreu em 1784 na cidade de Lisboa.

Doutorou-se em Coimbra, professou na ordem de S. Agostinho, e, atravessando a Hespanha com destino á Italia, foi preso e mettido na torre de Segovia.

O seu poema *Caramurú* tem passos admiraveis, e em mais de um lugar com vivo colorido pinta a natureza do Brasil. Isto lhe faz escusar alguns gongorismos. "Onde o poeta se contentou com a natureza — opina Garrett — ha oitavas bellissimas, e ainda sublimes". C. Castello Branco reputa-o poema duramente petrificado. Theophilo Braga entende que — como todas as organizações brasileiras, Durão metrificava com facilidade... *Auctores utraque trahunt*. Mas, seja como fôr, muita é a verdade do citado Sr. Theophilo quando affirma que o autor do *Caramurú* foi — um poeta nacional preparando o caminho para a originalidade da nova litteratura no Brasil.

### Exordio do poema "Caramurú".

De um varão em mil casos agitado,  
Que, as praias percorrendo do occidente,  
Descobriu o reconcavo afamado  
Da capital brasilica potente;  
De *Filho do Trovão* denominado,  
Que o peito domar soube á fêra gente,  
O valor calarei na adversa sorte,  
Pois só conheço heróe quem nella é forte.

Santo esplendor, que do Gran Padre manas  
Ao seio intacto de uma Virgem bella;  
Se da enchente de luzes soberanas  
Tudo dispensas pela Mãe Donzella;  
Rompendo as sombras de illusões humanas,  
Tu do gran caso a pura luz revela;  
Faze que em ti comece e em ti conclua  
Esta grande obra, que por fim foi tua.

E vós, principe excelso, do céu dado  
Para base immortal do luso throno;  
Vós que, do aureo Brasil no principado,  
Da real successão sois alto abono;  
Emquanto o imperio tendes descansado  
Sobre o seio da paz com doce somno,  
Não queirais dedignar-vos no meu metro  
De pôr os olhos, e admittil-o ao sceptro.

N'elle vereis nações desconhecidas,  
Que em meio dos sertões a fé não doma,  
E que poderam ser-vos, convertidas,  
Maior imperio que houve em Grecia ou Roma;  
Gente vereis e terras escondid ,  
Onde, se um raio da verdade assoma,  
Amansando-as tereis na turba immensa  
Outro reino maior que a Europa extensa.

Devora-se a infeliz misera gente:  
E, sempre reduzida a menos terra.  
Virá toda a extinguir-se infelizmente,  
Sendo em campo menor maior a guerra.  
Olhai, senhor, com reflexão clemente  
Para tantos mortaes que a brenha encerra;  
E que livrando desse abysmo fundo,  
Vireis a ser monarcha de outro mundo.

(SANTA RITA DURÃO, *Caramuru*, canto I.)

**Idéa de Deus.**

Um Deus, diz, um Tupá um ser possante  
Quem poderá negar que reja o mundo,  
Ou veja a nuvem fulminar tonante,  
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?  
Quem enche o céu de tanta luz brilhante?  
Quem borda a terra de um matiz fecundo?  
E aquella sala azul, vasta, infinita,  
Se não está lá Tupá, quem é que a habita?

A chuva, a neve, o vento, a tempestade,  
Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?  
Quem nos derrama a bella claridade?  
Quem tantas trevas sobre o mundo chove?  
E este espirito amante da verdade,  
Inimigo do mal, que o bem promove,  
Cousa tão grande, como fôra obrada,  
Se não lhe dera o ser quem vence o nada?

Quem seja este grande Ente e qual seu nome,  
Feliz quem saber póde! Eu cego o ignoro;  
E sem que a empresa de sabel-o tome,  
Sei que é quem fez tudo, e humilde adoro;  
Nem duvido que os céos e terras dome,  
Quando nas nuvens com terror o exploro,  
Deixando o mortal peito em vil desmaio  
Ameaçar no trovão, punir no raio.

**Moema.**

Copiosa multidão da nau franceza  
Corre a vêr o espectáculo assombrada,  
E, ignorando a occasião da estranha empresa,  
Pasma da turba feminil, que nada;  
Uma que as mais precede em gentileza,  
Não vinha menos bella do que irada.  
Era Moema, que de inveja geme,  
E já vizinha á nau se apegá ao leme.

"Barbaro (a bella diz) tigre e não homem...  
Porém o tigre, por cruel que breme,  
Acha forças, amor, que enfim o domem;  
Só a ti não domou, por mais que te ame:  
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,  
Como não consumis aquelle infame?  
Mas pagar tanto amor com tedio e asco...  
Ah! que o corisco és tu... raio... penhasco.

"Bem poderas, cruel, ter sido esquivo,  
Quando eu a fé rendia ao teu engano;  
Nem me offenderas a escutar-me altivo,  
Que é favor, dado a tempo, um desengano;  
Porém, deixando o coração captivo,  
Com fazer-te a meus rogos sempre humano,  
Fugiste-me, traidor, e desta sorte  
Paga meu fino amor tão crua morte?

"Tão dura ingratidão menos sentira,  
E esse fado cruel doce me fôra,  
Se a meu despeito triumphar não vira,  
Essa indigna, essa infame, essa traidora;

Por serva, por escrava te seguira,  
Se não temera de chamar senhora  
A vil Paraguassú, que sem que o creia,  
Sobre ser-me inferior, é nescia e feia.

"Emfim tens coração de ver-me afflicta,  
Fluctuar moribunda entre estas ondas;  
Nem o passado amor teu peito incita  
A um ai sómente com que aos meus respondas.  
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,  
(Disse vendo-o fugir) ah! não te escondas;  
Dispara sobre mim teu cruel raio..."  
E, indo dizer o mais, cai n'um desmaio.

Perde o lume dos olhos, pasma, treme,  
Pallida a côr, o aspecto moribundo;  
Com mão já sem vigor soltando o leme,  
Entre as salsas escumas desce ao fundo;  
Mas na onda do mar, que irado freme,  
Tornando a apparecer desde o profundo:  
"Ah! Diogo cruel!" disse com magua,  
E, sem mais vista ser, sorveu-se n'agua...

Choraram da Bahia as nymphas bellas,  
Que nadando a Moema acompanhavam;  
E, vendo que sem dôr navegam dellas,  
A' branca praia com furor tornavam:  
Nem póde o claro heróe sem pena vê-las  
Com tantas provas que de amor lhe davam;  
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,  
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

(*Idem*, canto VI.)

Pedro Antonio Correia Garção, que na *Arcadia* se denominava *Coridon Erimantheo*, nasceu em 1724 e falleceu em 1772.

Serviu como escrivão na casa da Índia e, no fim de uma vida placidamente consagrada ás letras, foi encarcerado e morreu na cadeia, exactamente no dia em que se lhe expedira a ordem de soltura. Innocencio F. da Silva conjectura, e com razão, que a causa da prisão foi delicto de natureza mui particular, e não de ordem politica, qual seria a sua composição da *Falla do Duque de Coimbra recusando a estatua*, peça em que o Pombal teria visto allusões ao medalhão que o representava no monumento de D. José I.

Garção, escriptor purissimo, compoz, em prosa, dissertações e discursos academicos; e, em verso, sonetos, odes, epistolas, sátiras e duas comedias. A mais completa edição das obras deste poeta é a elaborada pelo nosso compatriota J. A. de Azevedo Castro, Roma, 1888.

### Dido.

Já no roxo oriente branqueando  
As prenhes velas da troiana frota,  
Entre as vagas azues do mar dourado,  
Sobre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido

Pelos paços reaes vaga ululando;  
C'os turvos olhos inda em vão procura  
O fugitivo Eneas.

Só ermas ruas, só desertas praças  
A recente Carthago lhe apresenta;  
Com medonho fragor na praia nua  
Fremem de noite as solitarias ondas;

E nas douradas grimpas

Das cupolas soberbas

Piam nocturnas agoureiras aves.

Do marmoreo sepulcro

Attonita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas  
Do defunto Sicheu, com debeis vozes,  
Suspirando chamar: Elisa, Elisa!

D'Orco aos tremendos numens

Sacrificios prepara;

Mas viu esmorecida  
Em torno dos thuricremos altares  
Negra escuma ferver nas ricas taças,  
E o derramado vinho  
Em pélagos de sangue converter-se.  
Frenetica delira;  
Pallido o rosto lindo,  
A madeixa subtil desentrançada,  
Já com tremulo pé entra sem tino  
No ditoso aposento,  
Onde do infido amante  
OuvIU enternecida  
Maguados suspiros, longas queixas.  
Alli as crueis Parcas lhe mostraram  
As iliacas roupas, que pendentes  
Do thalamo dourado descobriam  
O lustroso pavez, a teucra espada.  
Com a convulsa mão subito arranca  
A lamina fulgente da bainha,  
E sobre o duro ferro penetrante  
Arroja o tenro crystallino peito;  
Em borbotões de espuma murmurando  
O quente sangue da ferida salta:  
De roxas espadanas rociadas  
Tremem da sala as doricas columnas,  
Três vezes tenta erguer-se,  
Três vezes desmaiada sobre o leito  
O corpo revolvendo, ao céu levanta  
Os macerados olhos.

Depois, attenta na lustrosa malha  
Do profugo Dardanio,  
Estas ultimas vozes repetia,  
E os lastimosos, lugubres accentos,  
Pelas aureas abobadas voando,  
Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos  
Tão bem logrados  
Dos olhos meus,  
Emquanto os fados,  
Emquanto Deus  
O consentiam,  
Da triste Dido  
A alma aceitai,  
Destes cuidados  
Me libertai.  
Dido infelice  
Assás viveu;  
D'alta Carthago  
O muro ergueu:  
Agora nua  
Já, de Charonte,  
A sombra sua  
Na barca feia  
De Phlegetonte  
A negra veia  
Sulcando vai.

(P. A. C. GARÇÃO. — *Obras poeticas e oratorias*, ed. Roma, 1888, pags. 381-384.)

---

**Domingos dos Reis Quita** (Lisboa, 1726-1770). As suas obras comprehendem eclogas, odes, sonetos, outras poesias miudas; o drama pastoral *Lycore*; e quatro tragedias, uma das quaes, *Castro*, foi aproveitada por João Baptista Gomes para a sua *Nova Castro*. Quita foi membro da *Arcadia Ulysiponense*, sob o nome de *Alcino Mycenio*. Tinha a profissão de cabelleireiro e morreu pauperrimo.

A manifestação do talento de Quita nestas circumstancias desesperadas (a da sua extrema penuria) é, na opinião do Sr. Theophilo Braga, verdadeiramente um assombro. E este critico considera Quita o legitimo continuador de Francisco Rodrigues Lobo.



**A manhã.**

A rosada manhã serena desce  
Sobre as azas do Zephyro orvalhadas;  
Um crystallino aljofar resplandece  
Pelas serras de flores marchetadas;  
Fugindo as lentas sombras dissipadas  
Vão em subtil vapor, que se converte  
Em transparentes nuvens prateadas.  
Saudam com sonora melodia  
As doces aves na frondosa selva  
O astro que benefico alumia  
Dos altos montes a florida relva;  
Uma a cantiga exprime modulada  
Com suave gorgueio, outra responde  
C'os brandos silvos da garganta inflada;  
Como os raios, partindo do horizonte,  
Ferem brilhando com diversas cores  
As claras aguas de serena fonte.

Salve, benigna luz, que os resplandores,  
Qual perenne corrente crystallina,  
Que de viçoso prado anima as flores,  
Diffundes da celeste azul campina,  
Vivificando a lassa natureza,  
Que no seio da noite tenebrosa  
O moribundo somno tinha presa.

Como alegre desperta e radiosa!  
De encantos mil ornada se levanta,  
Qual do festivo leito a nova esposa!  
A mesma annosa, carcomida planta  
C'o matutino orvalho reverdece.  
A humida cabeça ergue viçosa  
A flor, que rociada resplandece,  
E risonha, perfumes vaporando,  
Embalsamando vai o ar sereno.

De mil insectos um volatil bando  
Errando gyra pelo prado ameno,  
E com brando sussurro de alegria  
O astrô louva do nascente dia;  
Um, verdejante, vôa, e reverbera  
Da esmeralda o reflexo scintillante;  
Em outro brilha da estrellada esphera  
A bella côr azul: outro douradas  
Mostra as ligeiras azas delicadas.  
A formosa plumagem sacudindo  
O soberbo pavão, do bosque espesso,  
Respirando alegria vem sahindo;  
Da luz os novos raios vai buscando,  
Do Iris representa as varias cores,  
Da longa cauda um circulo formando:  
Volta a cabeça de um e de outro lado,  
Por ver brilhar os tremulos reflexos,  
Que nas pennas lhe accende o sol dourado.

Resplandecente Aurora, mãe do dia,  
Que vens, de frescas rosas coroada,  
Encher o vasto mundo de alegria!  
Sol luminoso que raiando brilhas,  
A's leis do Creador obediente,  
Vens fecundar da terra as maravilhas,  
Obras da sabia mão omnipotente.

Sombra triste do somno tenebroso,  
Dos olhos dos mortaes fuge ligeira;  
Deixa que o esplendor maravilhoso  
Possam vir contemplar da luz primeira,  
E que á vista dos raios matutinos,  
Que uma scena descobrem de portentos,  
De prazer cheios mil sagrados hymnos  
Mandem nas azas dos ligeiros ventos,  
Porque sôem por toda a redondeza  
Os louvores do Autor da natureza.

(DOMINGOS DOS REIS QUITA. — *Obras*, tom. I.)

Claudio Manoel da Costa (Villa do Ribeirão do Carmo, depois cidade de Mariana, 1729-1789) era formado por Coimbra e, segundo a narrativa do Sr. Pereira da Silva, repetido por Wolf, mas contestado por Joaquim Norberto, viajou pela Italia, onde haveria adquirido o conhecimento do italiano, em que escreveu muitas das suas composições. Na *Arcadia Romana* tinha o apelido academico de *Glauceste Saturnio*.

Advogou em Villa Rica (Ouro-Preto), e, chamado para 2.º secretario do governo da capitania de Minas, resignou o cargo, quando assumiu o poder o Visconde de Barbacena. Tomou depois parte na conjuração conhecida pelo nome de *Inconfidencia*, e foi achado morto no carcere onde o tinham mettido, parecendo averiguado que se suicidou.

Obras: o poema historico *Villa Rica*; o poemeto allegorico *Ribeirão do Carmo*; e muitas poesias lyricas enfeixadas num volume, em 1768, sob o titulo *Obras poeticas*.

Na festa centenaria celebrada pelo Instituto Historico recordaram-se os juizos de quarenta escriptores que encomiaram Claudio Manoel; e classicas foram reputadas as suas composições pela Academia das Sciencias de Lisboa.

### Tomei penhas ...

Destes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci: oh! quem cuidara  
Que entre penhas tão duras se creara  
Uma alma terna, um peito sem dureza!

Amor, que vence os tigres, por empresa  
Tomou logo render-me; elle declara  
Contra o meu coração guerra tão rara  
Que não me foi bastante a fortaleza.

Por mais que eu mesmo conhecesse o damno  
A que dava occasião minha brandura,  
Nunca pude fugir ao cégo engano;

Vós que ostentaes a condição mais dura,  
Temei, penhas, temei: que amor tyranno  
Onde ha mais resistencia mais se apura.

(Soneto 98.)

Antonio Diniz da Cruz e Silva, entre os Arcades *Elpino Nona-criense* (Lisboa, 1731-1799) seguiu a carreira da magistratura até o cargo de chanceler da relação do Rio de Janeiro. Entre suas numerosas poesias citam-se as odes, que peccam pela uniformidade e pelo inflado estylo. Trabalhou tambem no genero dramatico; mas, de tudo quanto escreveu, melhor tem resistido ao tempo o poema heroi-comico *Hyssope*, qualificado por Garret como o mais perfeito que desse genero ainda se compoz em lingua nenhuma. Observe-se contudo que em certos passos o *Hyssope* descai na sordidez, nem mui difficilmente se lhe notarão gallicismos.

### Falla de Van Schkopp aos seus soldados.

Valerosos soldados,  
No regaço criados da victoria,  
Se da Hollanda murchar querem a gloria  
Hoje os funestos fados,  
Ceda-se á sua furia;  
Não dobremos no estrago a nossa injuria,  
Que é desesperação, não ardimento,  
O querer contrastar o firmamento.

Deixemos esta terra,  
Com nosso sangue illustre, á forte gente.  
Que traz no gran Vieira, á sua frente,  
Uma furia de guerra.  
De seu genio animado,  
Que nãoprehenderá o Luso ousado?  
Elle, primeiro, arando os largos mares,  
Em Africa plantou os patrios lares.

Elle de Adamastor em menoscabo,  
Que a seus passos raivosos  
Se oppoz, dobrou o cabo,  
De procellas crueis campo espantoso;  
Elle, apezar dos ventos importunos,  
A grande estrada abriu dos dous Neptunos,  
Elle da Iberia o jugo  
Sacudiu, e é da Hollanda hoje o verdugo.

(ANTONIO DINIZ — *Odes pindaricas.*)

### O templo das Bagatellas.

D'este, pois, populoso e vasto imperio  
Em paz empunha o sceptro soberano  
O genio tutelar das Bagatellas.  
N'um magestoso alcaçar, que se eleva  
Com estranha structura até ás nuvens,  
Assiste o grande nume; d'alli rege  
A lunatica gente a seu arbitrio.  
De transparente talco fabricado  
E' o largo edificio, que sustentam  
Cem delgadas columnas de missanga;  
Nos quatro lados em igual distancia  
Quatro torres de lata se levantam;  
De capricho obra em tudo muito prima,  
Onde a materia cede muito á arte.

(Idem — O Hyssope.)

---

Francisco Manoel do Nascimento é mais conhecido pelo seu nome poetico *Filinto Elysio*. (Entretanto se advirta que não é denominação arcadica, ou de outra associação litteraria). Nasceu em Lisboa em 1734 e morreu fóra da patria em 1819. Ordenado presbytero, foi thesoureiro da egreja das Chagas de Christo; mas, denunciado como hereje, fugiu e debaixo de um carroto de laranjas conseguiu chegar ao navio que o transportou para França. Ahi viveu pobre, sendo seu espolio comprado por 12\$. Escreveu odes, epistolas e outras poesias, em que começou a divorciar-se dos velhos modelos; traduziu para verso soito portuguez a *Punica*, de Silvio Italico, e o *Oberon*, de Wieland, as *Fabulas* de Lafontaine e os *Martyres* de Chateaubriand.

Tem versos duros, mas é acerrimo defensor da pureza do idioma e restaurador de abandonadas opulencias.

Classico na locução, quanto á ~~1800~~ precursou a revolução litteraria do principio deste seculo. "Do Menalo da ultima Arcadia (diz o conego Fernandes Pinheiro) avistou Filinto Elysio os novos horizontes do romantismo".

### Aeronautas

Debalde a natureza  
Ao pertinace esforço se esquivava,  
De susto povoando  
O largo plaino dos desertos ares,  
Desamparadas quedas  
Oppondo, escarnecidas, por barreiras!  
O desvelo incançado  
Que aguça a vista á sensação reflexa.  
Arremeçado rompe  
Pelos montões de obstaculos, e investe  
C'os penetraes vedados,  
A arrancar o segredo perigoso.  
Para escalar os astros  
Intexe um globo imitador dos orbes  
Que gyram no ar vasio...  
Eu mesmo o vi, obediente ao mando,  
Deixar airoso a terra:  
Sobre as frentes dos homens assombrados  
Levantado planeta,  
Sulcava as raras ondas magestoso:  
Em soberbo triumpho  
A regradá sciencia aos céos subia,  
E, furtando-se aos olhos,  
A nova estrella perfazia o gyro.  
Tal Jupiter subido  
Tira bizarro pelo ethereo campo  
Os satellites fidos,  
De um polo a outro polo passeando  
Na clara estiva noite.

(FELINTO ELYSIO — *Os novos Gamas*, ode.)

**Neptuno aos Portuguezes.**

As armadas undivagas povôam  
Os mares das Antilhas,  
E as praias n'outro tempo descampadas:  
Aqui d'Estaing sem medo,  
Alli Rodney ditoso, de Amphitrite  
As planicies retallham.  
Já á vista das bandeiras inimigas  
Os animos accesos,  
Soltas as velas, os canhões troando,  
De cem vulcanas bocas  
Sai a morte, em pelouros, desparzida;  
E as rochas ponteagudas,  
Que a borda encrespam das patentes ilhas,  
Estremecem c'o estrondo  
De bronze rouco, que rebomba e brama.  
As trepidantes aguas  
A's placidas cavernas crystallinas  
Denunciam os sustos:  
Já c'os verdes cabellos destrançados  
Espavoridas fogem  
As Nereias no fundo mar, que freme;  
Agastado Neptuno  
Sacode a rédea aos bipedes cavallos;  
E em pé na crespa concha,  
Pelo azul campo os olhos estendendo,  
Busca em vão as afoutas  
Lusas náus, cobiçosas de conquistas.  
Vê Lizes, vê Leopardos,  
Raros outr'ora nos confins do Oceano,  
Tremular hoje ovantes  
Desde a frigida Thule ao Roxo Eôo;  
E o Bátavo pesado

Na cheirosa Ceilão, rica Malaca  
Promulgar leis lucrosas.  
"Netos de Gama, netos de Albuquerque,  
(E arranca alto suspiro  
Neptuno, que assim brada) envergonhai-vos.  
Qu'ê do trisulco sceptro,  
Que entreguei ao valente aventureiro  
Que arou primeiro, ousado,  
O ignoto mar da apavonada aurora?  
Aquellas Argos lusas,  
Cheias de heroes, que a mauritania escola  
Criara e endurecera,  
Já não trilham meu reino, desenvoltas?  
Os braços alargando  
O sancto Ganges, o saudoso Euphrates  
Vos chamam, vos acenam  
E co'as preciosas praias vos convidam.  
Perdeis da adusta Mina.  
O bem ganhado aurifero dominio?  
Desamparais imbelles  
Dabul, Cochim, a estranhos mercadores?  
E essas terras outr'ora  
Cobertas de triumphos portuguezes?  
E o verde imperio meu,  
Que tingieis de sangue a cada passo,  
Consentireis surcado  
De Sármatas, Cimerias, Daces quilhas?"  
.....  
.....

Dorida a musa afrouxa e se enrouquece  
De recordar na lyra  
Os convicios do sérulo despóta  
E os reveses da Elysia.

(Idem.)



**José Basílio da Gama** (S. José d'El-Rey, 1740-1795) estudou no Rio de Janeiro com os Jesuitas, e viveu depois em Lisboa e em Roma, lutando com sorte adversa, até que logrou as boas graças do Marquez de Pombal, que o nomeou official da secretaria do reino.

Quando em desvalia cahiu o poderoso ministro, José Basílio volveu ao Rio, indo finalmente morrer em Lisboa. Entre suas composições poeticas tem primazia o poema *Uruguay*, onde incontestavelmente rebrilham bellezas de primeira ordem.

### Exordio do poema "Uruguay".

Fumam ainda nas desertas praias  
Lagos de sangue tepidos e impuros,  
Em que ondeiam cadaveres despidos,  
Pasto de corvos; dura inda nos valles  
O rouco som da irada artilharia.  
Musa! Honremos o heróe que o povo rude  
Subjugou do Uruguay, e no seu sangue  
Dos decretos reaes lavou a affronta.  
Ai, tanto custas, ambição do imperio!  
E vós, por quem o Maranhão pendura  
Rotas cadéas e grilhões pesados,  
Heróe e irmão de heróes, saudosa e triste,  
Se ao longe a vossa America vos lembra,  
Protegei os meus versos. Possa em tanto  
Acostumar ao vôo as novas azas,  
Em que um dia vos leve. D'esta sorte  
Medrosa deixa o ninho a vez primeira  
Aguia, que depois foge á humilde terra  
E vai ver de mais perto no ar vasio  
O espaço azul, onde não chega o raio.

(Uruguay.)

**Lindoya.**

Um frio susto corre pelas veias  
De Caitetú, que deixa os seus no campo,  
E a irmã entre as sombras do arvoredor  
Busca co'a vista e treme d'encontral-a.  
Entram enfim na mais remota e interna  
Parte de antigo bosque, escuro e negro,  
Onde, ao pé d'uma lapa cavernosa,  
Cobre uma rouca fonte que murmura,  
Curva látada de jasmins e rosas.  
Este lugar delicioso e triste,  
Cansada de viver, tinha escolhido  
Para morrer a misera Lindoya.  
Lá reclina como que dormia  
Na branda relva e nas mimosas flores.  
Tinha a face na mão, e a mão no tronco  
D'um fenebre cypreste, que espalhava  
Melancolica sombra. Mais de perto  
Descobrem que se enrola no seu corpo  
Verde serpente e lhe passeia e cinge  
Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.  
Fogem de a ver assim sobresaltados  
E páram cheios de temor ao longe;  
E nem se atrevem a chamal-a, e temem  
Que desperte assustada e irrite o monstro,  
E fuja e apresse no fugir a morte.  
Porém o destro Caitetú, que treme  
Do perigo da irmã, sem mais demora  
Dobrou as pontas do arco, e quiz três vezes  
Soltar o tiro, e vacillou três vezes  
Entre a ira e o temor. Enfim sacode  
O arco e fez voar a aguda setta,  
Que toca o peito de Lindoya e fere

A serpente na testa, e a bocca e os dentes  
Deixou cravados no vizinho tronco.  
Açouta o campo co'a ligeira cauda  
O irado monstro, e em tortuosos gyros  
S'enrosca no cypreste, e verte envolto  
Em negro sangue o livido veneno.  
Leva nos braços a infeliz Lindoya  
O desgraçado irmão, que ao desperta-a  
Conhece (com que dôr!) no frio rosto  
Os signaes de veneno, e vê ferido  
Pelo dente subtil o brando peito;  
Os olhos, em que o amor reina um dia,  
Cheios de morte; e muda aquella lingua  
Que ao surdo vento e aos echos tantas vezes  
Contou a larga historia dos seus males.  
Nos olhos Caitetú não soffre o pranto  
E rompe em profundissimos suspiros,  
Lendo na testa da fronteira gruta  
De sua mão já tremula gravado  
O alheio crime e voluntaria morte,  
E por todas as partes repetido  
O suspirado nome de Cacambo.  
Inda conserva o pallido semblante  
Um não sei que de maguado e triste,  
Que os corações mais duros enternece:  
Tanto era bella no seu rosto a morte!

(Idem.)

---

Nicelau Tolentino de Almeida (Lisboa, 1741-1811) foi professor de rhetorica, e, enfadado de tal occupação, começou a lisongear os poderosos, de quem finalmente obteve o logar de official da secretaria do reino, em que tinha posto as suas mais altas aspirações. Manejou a sátira com verso fluente, cuja fôrma predominante era a quintilha octosyllaba, e nunca se distanciou de polida mordacidade.

**Autobiographia.**

Entre faixas de pobreza  
Meus tristes paes me envolveram;  
Desde então, em crua empresa,  
Contra mim as mãos se deram  
A fortuna e a natureza.  
.....

Depois que plano caminho  
Já meu pé trilhando vai,  
Pobre alfaiate vizinho  
De um capote de meu pai  
Me engendrou um capotinho.

Talhando a obra, maldiz  
A empresa que lhe incumbiram;  
Fez nigromancias com giz;  
Sete vezes lhe cahiram  
Os oculos do nariz:

Sua obra se consagre  
No portal das Barraquinhas  
Com grossas lettras de almagre;  
Tapou geiras, passou linhas,  
Fez um capote e um milagre.

Colchete no cabeçaço,  
Sahi, novo Adonis bello,  
Figa no cós do calção,  
Carrapito no cabelo,  
E um biscoutinho na mão.

Sobre o sisudo gallego,  
Que vasa barril fiado,  
Já aos trabalhos me entrego;  
E em-triste pranto lavado,  
A' porta de um mestre chego.

Debalde o bom mariola  
Dourava razões pequenas;  
Minha dôr não se consola,  
Presagio talvez das penas  
De outro tempo e de outra escola.

Entre medos e violencia  
Entrar no latim já posso,  
E jurei obediencia  
A um clérigo, que era um poço  
De tabaco e de sciencia.

D'entre o sordido roupão,  
Com a pitada nos dedos,  
E o Madureira na mão,  
Revelava altos segredos  
Do adverbio e conjuncção.

Era em grammatica abysmo,  
Honrava o seculo nosso;  
Porém de tal rigorismo  
Que poz na rua o seu moço  
Por lhe ouvir um solecismo.

Entre o jota e o i romano  
Que differença se achasse,  
Trabalhava havia um anno;  
Obra que, si elle a acabasse,  
Feliz do genero humano!

Emquanto a minha alma emprego  
N'estas cançadas doutrinas,  
A' dourada idade chego  
De ir ver as vastas campinas  
Que banha o claro Mondego.

Co'as cabeças mal compostas,  
Vejo entre gostos e medos,  
Mãe e irmã á adufá postas;  
Choviam cruzes e credos  
Sobre as minhas bentas costas.

Já em rápidas carreiras  
Calcava a real estrada,  
Sem chapéo, sem estribeiras:  
Já a catana emprestada  
Cortava o vento e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia  
Que ao despedir me foi dada,  
Expirou no mesmo dia;  
E fui fazendo a jornada  
Quasi com carta de guia.

Mas já vejo a branca fronte  
Da alta Coimbra, fundada  
Nos hombros de erguido monte;  
Já sobre a areia dourada  
Vejo ao longe antiga ponte.

Povo revoltoso e ingrato  
Dentro em seus muros encerra;  
Em vão de adoçal-o trato:  
E' um titulo de guerra  
A chegada de um novato.

Pão amassado com fel  
E envolto em pranto comia;  
Levei vida tão cruel  
Que pior a não teria,  
Se fosse estudar a Argel.

Soffri continua tortura,  
Soffri injurias e acintes;  
Lancei tudo em escriptura,  
E nos novatos seguintes  
Fiquei pago, e com usura.

Da bolsa os bofes lhe arranco  
No fresco pateo de Cellas,  
Pedindo com genio franco  
Doces, gratuitas tigelas  
Do famoso manjar branco.

Sete annos de verde idade  
Fui mettendo a dextra mão  
Em muitas desta entidade:  
Chamou-se boa feição,  
Mas era necessidade.

Achava-me sempre o dia  
No tecto os olhos pregados;  
A sagaz economia,  
Revoando nos telhados,  
Ao conselho presidia.

Gemer em segredo pude;  
Que o bom pae, falto de meios  
Quanto cheio de virtude,  
Só mandava nos correios  
Novas da sua saude.

Quiz de taes ondas sahir,  
E algum bom porto aferrar;  
Quiz ao publico servir,  
E mandaram-me ensinar  
As regras de persuadir.

Triste, enganosa sciencia!  
Dão-lhe louvores, mas falsos;  
Dizem que póde a eloquencia  
Ir tirar dos cada falsos  
A perseguida innocencia;

Que chega do peito ao fim,  
Que arranca forçado pranto;  
Mas, senhor, não é assim;  
Esta arte, que louvam tanto,  
Só me faz chorar a mim.

Pende da hora opportuna;  
Sem ella verá rasgadas  
As soltas velas que enfuna;  
Arrasta vestes douradas,  
E é escrava da fortuna.

Não a vejo em mim frustrada,  
Só porque pouco me coube,  
De si mesma é mal fadada;  
A lingua que mais a soube  
Foi em Roma retalhada.

.....

Mas já longa narração  
Vai levando longa' a méta;  
Já parece, e, com razão,  
Mais que papel de poeta  
Ou testamento ou sermão.



Minha dor me faz fallar,  
Fiz queixas assás compridas;  
Dignai-vos de desculpar  
Que mostre o enfermo as feridas  
A quem lh'as póde sarar.

(Obras completas, ed. de Lisboa, 1861,  
pags. 169-176 — *Memorial a Sua Alteza.*)

Thomaz Antonio Gonzaga (Porto, 1747-1809) era formado em direito e occupava o logar de ouvidor da comarca de Villa Rica, em Minas Geraes, quando, envolvido na conjuração da *Inconfidência*, foi preso e degredado para a Africa, onde morreu. Deram-lhe celebridade litteraria as suas lyras, endereçadas á *Marilia*, isto é, á D. Maria Joaquina Dorothea de Seixas Brândão, com quem tinha ajustado casamento na época de sua desdita.

### Lyra XXVIII.

Alexandre, Marilia, qual o rio  
Que engrossando no inverno tudo arrasa,  
Na frente das cohortes  
Cerca, vence, abrasa  
As cidades mais fortes;  
Foi na gloria das armas o primeiro:  
Morreu na flor dos annos, e já tinha  
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome  
Não ha poder algum que não abata,  
Foi, Marilia, sómente  
Um ditoso pirata,  
Um salteador valente.  
Se não tem uma fama baixa e escura,  
Foi por se pôr ao lado da injustiça  
A insolente ventura.

O grande Cesar cujo nome vòu,  
A' sua mesma patria a fé quebranta;  
Na mão a espada toma,  
Oprime-lhe a garganta,  
Dá senhores a Roma,  
Consegue ser heróe por um delicto;  
Se acaso não vencesse, então seria  
Um vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marília, não consiste  
Em queimar os imperios: move a guerra,  
Espalha o sangue humano  
E despovôa a terra  
Tambem o máo tyranno;  
Consiste o ser heróe em viver justo,  
E tanto póde ser heróe o pobre  
Como o maior Augusto.

(*Marília de Dirceu*, ed. Garnier,  
pags. 102-103.)

---

José Agostinho de Macedo (Beja, 1761-1831) teve em a *Nova Arcadia* o titulo de *Elmiro Tagideo*. Professou na ordem dos eremitas de S. Agostinho e em 1793 logrou secularizar-se presbytero.

Tornou-se notavel pela prodigiosa variedade dos seus conhecimentos e pela sua indole inquieta e acerbamente polemística. Foi prégador, poeta épico (*O Oriente*), didactico (*A Meditação*) e satyrico (*Os Burros*). Garrett escreveu que a *Meditação* fazia summa honra ao nome portuguez. Hodiernamente se desencadeia a critica, nos juizos de Lopes de Mendonça, Castello Branco e Theophilo Braga contra o misero polygrapho; mas antes nos inclinamos, com o eminente Menendez Pelayo, a pensar que — ainda contra José Agostinho perduram antigos odios, e que muito se tem de passar antes que se diga toda a verdade sobre esse fero batalhador.

Para dar uma idéa da sua fecundidade litteraria, basta ponderar que o catalogo das obras deste escriptor enche 131 paginas do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva.

**Combate do Gama com Timoja.**

Todo fogo e vingança, a vista estende  
Onde a refrega é erma e mais accesa:  
Tal das nuvens o açor, que os ares fende,  
Se precipita demandando a presa:  
Nem a vulgares campeões attende,  
Só Timoja procura, os mais despreza;  
Como a Tancredo se offerece Argante,  
Assim Timoja se lhe põe diante.

Turquesco alfange esgrime e, denodado,  
Afeito á guerra, intrepido o vibrava,  
Em nobre sangue portuguez banhado,  
Com militar exemplo os seus mandava:  
De todo o cobre escudo sobraçado,  
Plumagem rica o elmo lhe assombrava;  
Veste, não qual gentio inerte e imbelles,  
D'um tigre mosqueado a hirsuta pelle.

Qual massilio leão, que vem ferido  
De mouro caçador, co'a lança dura,  
Que a cauda bate a grenha, enfurecido  
Entre milhares o aggressor procura;  
Tal corre o Gama forte e destemido  
De vis arabios pela turba escura;  
Pula-lhe o sangue, a raiva lhe recresce,  
Quando o soberbo campeão conhece.

“Apprende, ó fero, a conhecer a espada  
(Lhe diz, parando, o capitão valente)  
Vê como d'honra ao grito provocada  
Até agora venceu n'África ardente;

Foi eleita do Céu, do Céu mandada  
Mudar o fado ao lucido Oriente;  
E pois despreza a paz, e accende a guerra,  
No mar a sinta, e sentirá em terra."

Disse, e de ponta o fere; elle turbado  
A esta, áquella parte eis luta ancioso  
Qual aos golpes do rígido machado  
Ferido, antes que caia, o freixo annoso;  
Tenta esgrimar a cimitarra irado,  
Porém da morte o manto luctuoso  
O cobre: o sangue em borbotões derrama,  
Expira, blasphemando, aos pés do Gama.

(J. AGOSTINHO DE MACEDO — Poema  
*Oriente.*)

---

Antonio Pereira de Souza Caldas (Rio de Janeiro, 1762-1814) era formado em direito pela universidade de Coimbra. Tomou ordens sacras e, regressando á patria em 1808, ahí falleceu deixando ineditas as suas obras, que só em 1820 fôram dadas á estampa por um sobrinho do morto, com as eruditas annotações de Garção-Stockler.

E', na poesia sacra, sem rival na lingua portugueza; e nas suas composições poeticas figuram, além da traducção dos psalmos, varias odes religiosas, philosophicas, e um poemeto didactico, *As aves*.

### Psalmo 18.º.

Os céos resôam do Senhor a gloria,  
E o firmamento luminoso ostenta,  
Per toda a parte, do Supremo Artifice  
As mãos divinas.

O dia e a noite revezados cantam  
Sua grandeza, que o vizinho dia  
E a imminente tenebrosa noite  
De novo entôam.

Os povos todos, inda o mais selvatico,  
Ouvem, percebem esta voz sonora;  
E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo,  
Sôa e retumba.

Poz o seu throno sobre o sol ardente,  
Que as nuvens rompe; e qual gentil esposo  
Ergue do leito nupcial a fronte  
Pomposa e leda.

Com desmedido agigantado passo,  
De um polo a outro se abalança e guia;  
Deserto monte, solitario valle  
Não se lhe escondem.

E como a lei immaculada e pura  
De Deus esplende! testemunho certo  
De altas promessas, o perdido espirito  
Toca e converte.

De almo prazer os corações embebe,  
Illustra os olhos deslumbrados, enche  
Singelos peitos de saber profundo:  
E' santa e eterna.

Em si descobre da verdade o lume,  
Que a justifica; na doçura excede  
Sab'roso favo, mais que o oiro e pedras  
Preciosas brilha.

Teu servo a guarda; copioso e grande  
Premio a circumda. Mas, Senhor, quem póde  
Os seus delictos conhecer? D'occultos,  
Que me não lembram,  
O' Deus, me alimpa o carregado peito;  
Nem me castigues por alheias culpas.  
Se o meu esp'rito de tão grande peso  
Não fôr curvado,

Puro e innocente de medonhos vicios,  
Despedirei a voz sonora e grata  
A teus ouvidos: este é todo objecto  
Do meu desvelo;

A minha mente e o coração devoto,  
Ante teus olhos, girará constante,  
O' meu Senhor, e todo o meu amparo,  
Meu Redemptor!

(*Obras poeticas*, ed. de 1820, tomo 1.º,  
pags. 60-62.)

### Outra versão do Psalmo 18.º.

Um Deus immenso  
Os céos resôam,  
E a gloria entôam  
Do Creador;  
No firmamento  
Astros brilhantes  
Cantam, constantes,  
O seu Senhor.

O claro dia,  
Que foge, o conta  
A' que desponta  
Seguinte luz:

Per entre as trevas  
Da noite escura,  
A face pura  
De Deus transluz.

Ouvem da terra  
Os povos todos,  
Em varios modos,  
Tão alta voz:  
Do Tejo ao Ganges,  
Jaz descoberto  
Este concerto  
Que elle compoz.

No sol se estriba  
O sublimadô  
Throno sagrado  
Do grande Deus;  
E como bello  
Rompe do dia  
O astro, e alumia  
A terra e os céos!

Vêde como ergue,  
Na madrugada,  
A face ornada  
D'almo esplendor!  
Qual sai do leito  
Nupcial o esposo,  
Lêdo e mimoso  
De um puro amor,

Apenas surge  
No firmamento,  
Eis, n'um momento,  
Gigante audaz,  
Exulta, vendo  
Que, a largo passo,  
De immenso espaço  
O giro faz.

Ao summo vertice  
Dos céos se lança,  
E não descança  
Té os girar:

Nada a seus raios  
Se esconde, e rapido  
Aquece, impavido,  
A terra e o mar.

Se me namora  
Tanta belleza,  
Que á natureza  
Deus emprestou;  
Mais me transporta  
A lei benina  
Que a mão divina  
Nos outorgou.

E' justa e santa,  
Converte o esp'rito,  
E o peito afflicto  
Banha em prazer;  
Seu testemunho  
Fiel, constante,  
Faz o ignorante  
Rico em saber.

Os seus preceitos  
Resplandecentes  
A's cegas gentes  
Cercam de luz:  
De Deus é santo  
O temor terno;  
Corôa eterno  
A quem conduz.

E' a verdade  
Quem vivifica  
E justifica  
De Deus a lei;  
A' vista d'ella  
O ouro brilhante  
E o diamante  
Desprezarei.

De mel excede  
Favo dourado  
Seu delicado  
Doce sabor;  
Eu o conheço,  
Pois, fiel servo,  
A lei observo  
Do meu Senhor.

Que copia ingente  
De bens espera  
A quem se esmera  
Em a guardar!  
Mas seus peccados  
Quem ha que entenda  
E a sua venda  
Possa rasgar?

O' Deus perdôa,  
Os que eu não vejo,  
E que forcejo  
Por vêr, em vão;  
Se dei motivo  
A' alheia culpa  
O' Deus, desculpa  
Meu coração.

Se não me acurva  
Tão grande peso,  
Contente e illeso,  
Puro serei;  
E o meu horrendo,  
Fatal peccado  
Purificado  
Em fim verei.

As minhas vozes  
Meus pensamentos,  
A Ti attentos,  
Te agradarão;  
Que és meu escudo  
E me resgatas  
Das mãos ingratas  
Do atroz dragão.

(*Idem*, pags. 62-67.)

Manoel Maria Barboza du Bocage, Setubal (1763-1805) partiu como guarda-marinha para a India e de lá se escapou para Lisboa onde tomou o nome de *Elmano Sadino* e grangeou summa popularidade pela melodia de seus versos e pasmosa faculdade de improvisar.

Foi uma vez preso por divulgar idéas impias e sediciosas, e cantou a palinodia em poesias mais sinceras, pois que neste *bohemio*, como depois chamariam, havia momentos de verdadeira piedade.

Exímio sonetista, escreveu igualmente fabulas, cantatas, sátiras, epigrammas e versou com summa felicidade trechos latinos, italianos e francezes.



**Sonetos de Bocege.****Deus !**

Os milhões de aureos lustres coruscantes  
Que estão d'azul abobada pendendo,  
O sol, e a que illumina o throno horrendo  
D'essa que anima os ávidos amantes;

As vastissimas ondas arrogantes,  
Serras de espuma contra os céos erguendo,  
A leda fonte humilde o chão lambendo,  
Lourejando as seáras fluctuantes,

O vil mosquito, a prósida formiga,  
A rama chocalheira, o tronco mudo,  
Tudo que ha Deus a confessar me obriga;

E para crer n'um braço autor de tudo,  
Que recompensa os bons, que os máos castiga,  
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

**Doçura da vida campestre.**

Nos campos o villão sem sustos passa,  
Inquieto na côrte o nobre mora;  
O que é ser infeliz aquelle ignora,  
Este encontra nas pompas a desgraça;

Aquelle canta e ri, não se embaraça  
Com essas cousas vans que o mundo adora;  
Este (oh! céga ambição!) mil vezes chora,  
Porque não acha bem que o satisfaça.

Aquelle dorme em paz no chão deitado;  
Este no eburneo leito precioso  
Nutre, exaspera velador cuidado.

Triste, sai do palacio majestoso:  
Se has de ser cortezão, mas desgraçado,  
Antes sê camponez e venturoso!

### Resignação do sabio.

Em sordida masmorra aferrolhado,  
De cadeias asperrimas cingido,  
Por ferozes contrarios perseguido,  
Por linguas impostoras criminado;

Os membros quasi nús, o aspecto honrado  
Por vil bocca, e vil mão, rôto e cuspidio,  
Sem ver um só mortal compadecido  
Do seu funesto, rigoroso estado;

O penetrante e barbaro instrumento  
D'atroz, violenta, inevitavel morte  
Olhando já na mão do algoz cruento:

Inda assim não maldiz a iniqua sorte,  
Inda assim tem prazer, socego, alento,  
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

### Um condemnado á morte.

Ao crébro som do lugubre instrumento  
Com tardo pé caminha o delinquente;  
Um Deus consolador, um Deus clemente  
Lhe inspira, lhe minora o soffrimento.

Duro nó pelas mãos do algoz cruento  
Estreitar-se no collo o réo já sente;  
Multiplicada a morte, aneia a mente,  
Bate horror sobre horror no pensamento.

Olhos e ais dirigindo á Divindade  
Sóbe, envolto nas sombras da tristeza,  
Ao termo expiador da iniquidade.

Das leis se cumpre a salutar dureza;  
Sai a alma d'entre o véo da humanidade,  
Folga a justiça e geme a natureza!

### Contrição.

Meu ser evaporei na lida insana  
Do tropel das paixões que me arrastava;  
Ah! cego eu cria, ah! misero eu pensava  
Em mim quasi immortal a essencia humana.

De que innumeros sóes a mente ufana  
A existencia fallaz me não doirava!  
Mas eis succumbe a natureza escrava  
Ao mal que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!  
Esta alma, que sedenta em si não coube,  
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, ó Deus! Quando a morte á luz me roube,  
Ganhe um momento o que perderam annos,  
Saiba morrer o que viver não soube.

---

José Bonifácio de Andrada e Silva, patriarcha da independência do Brasil, nasceu em Santos no anno de 1765 e falleceu na ilha de Paquetá em 1838. Bacharelou-se em direito civil e philosophia natural na universidade de Coimbra e, mediante a intervenção do Duque de Lafões, fundador da Academia Real de Sciencias, a que fôra admittido o joven brasileiro, viajou dez annos pela Europa, cultivando as sciencias naturaes, em que logrou distinguir-se a ponto de ser nomeado, quando voltou, intendente geral das minas e lente de geologia em Coimbra.

Sabe-se que em 1821 desempenhou José Bonifácio o mais importante papel politico, altamente contribuindo para a independência da nossa patria. Exilado annos depois, quando se dissolveu a Assembléa Constituinte de 1823, permaneceu em França até 1829, e foi durante esse periodo que estampou em Bordéas as suas *Poesias Avulsas de Americo Elysio*.

Depois da abdicação de Pedro I assumiu, por escolha do imperador, o cargo de tutor de D. Pedro II e de suas irmãs, emprego de que logo foi privado, sendo até mettido em processo.

Como poeta, foi o veneravel brasileiro fidelissimo seguidor das fórmulas classicas portuguezas, imitando a Garcão e principalmente a Filinto Elysio. Não deve, pois, figurar na phase contemporanea, que verdadeiramente começa pela revolução romantica.

### Ode aos Bahianos.

Altiva Musa, ó tu que nunca incenso  
Queimaste em nobre altar ao despotismo,  
Nem insanos encomios proferiste  
De crueis demagogos,

Ambição de poder, orgulho e fasto,  
Que os servis amam tanto, nunca, ó Musa!  
Accenderam teu estro: a só virtude  
Soube inspirar louvores.

Na abobada do templo da Memoria  
Nunca comprados cantos retumbaram:  
Ah! vem, ó Musa! vem! na lyra d'ouro  
Não cantarei horrores.

Arbitraria fortuna! desprezível  
Mais que essas almas vis que até se humilham,  
Prosterne-se a teus pés o Brasil todo:  
Eu nem curvo o joelho.

Beijem o pé que esmaga, a mão que açouta,  
Escravos nados, sem saber, sem brio;  
Que o barbaro Tapuya deslumbrado  
O deus do mal adora.

Não; reduzir-me a pó, roubar-me tudo,  
Porém, nunca aviltar-me, poudes o fado.  
Quem a morte não teve, nada teme.  
Eu nisto só confio.

Inchado de poder, do orgulho e sanha,  
Treme o vizir, se o gran-senhor carrega,  
Porque mal digeriu, sobr'olho iroso,  
Ou mal dormiu a sêsta.

Embora nos degraus do excelso throno  
Rasteje a lesma, para ver se abate  
A virtude que odeia: — a mim me alenta  
Do que valho a certeza.

E vós também, Bahianos, desprezastes  
Ameaças, carinhos, — desfizestes  
As cabalas que perfidos urdiam  
Inda no meu desterro.

Duas vezes, Bahianos, me escolheste  
Para a voz levantar a pró da patria  
Na assembléa geral; mas duas vezes  
Foram baldados votos.

Porém, enquanto me animar o peito  
Este sopro de vida, que inda dura,  
O nome da Bahia, agradecido,  
Repetirei com jubilo.

Amei a liberdade e a independência  
Da doce cara patria, a quem o Luso  
Opprimia sem dó, com riso e mofa.  
Eis o meu crime todo!

Cingida a fronte de sanguentos louros,  
Horror jamais inspirará meu nome;  
Nunca a viuva ha de pedir-me o esposo,  
Nem seu pai a criança.

Nunca aspirei a flagellar humanos.  
Meu nome acabe — para sempre acabe —  
Se para o libertar do eterno olvido  
Forem precisos crimes!

Morrerei no desterro, em terra estranha;  
Que não Brasil só vis escravos medram.  
Para mim o Brasil não é mais patria,  
Pois faltou á justiça.

Valles e serras, altas mattas, rios,  
Nunca mais vos verei. Sonhei outr'ora  
Poderia entre vós morrer contente;  
Mas não: — monstros o vedam.

Não verei mais a viração suave  
Para o aereo vôo; de mil e mil flores  
Roubar aromas e brincar travessa  
C'o tremúlo raminho.

O' paiz sem igual, paiz mimoso,  
Se habitassem em ti sabedoria,  
Justiça, altivo brio, que ennobreceem  
Dos homens a existencia!

De estranha emulação acceso o peito,  
Lá me ia formando a phantasia  
Projectos mil para vencer mil ocios,  
Para crear prodigios!

Jardins, vergeis, umbrosas alamedas,  
Frescas grutas então, piscosos lagos,  
E pingues campos, sempre verdes prados,  
Um novo Eden fariam.

Doces visões, fugi! Ferinas almas  
Querem que em França um desterrado morra!  
Já vejo o genio da certa morte  
Ir afiando a fouce!

Gallicana donzella, lacrymosa,  
Trajando roupas luctuosas, longas,  
Do meu pobre sepulcro a tosca lousa  
Só cobrirá de flores,

Que o Brazil inclemente, ingrato, ou fraco,  
A's minhas cinzas um buraco nega.  
Talvez, tempo virá que inda pranteie  
Por mim com dor pungente.

Exulta, velha Europa! O novo imperio,  
Obra prima do céo, por fado impio  
Não será mais o teu rival altivo  
Em commercio e marinha.

Aquelle que gigante inda no berço  
Se mostrava ás nações, no berço mesmo  
E' já cadaver de crueis harpias,  
De malfazejas furias,

Como, ó Deus! Que portento! A Urania Venus  
Ante mim se apresenta! Riso meigo  
Banha-lhe a linda boca que escurece  
Fino coral nas cores.

"Eu consultei os fados, que não mentem  
(Assim me falla piedosa a deusa).  
Das trevas surgirá sereno dia  
Para ti, para a patria.

O constante varão que ama a virtude,  
Co'os berros da borrasca não se assusta,  
Nem, como folha d'alamo fremente,  
Freme, á face dos males.

Escapaste a cachopos mil occultos,  
Em que ha de naufragar, como té agora,  
Tanto aulico perverso. Em França, amigo,  
Foi teu desterro um porto.

Os teus Bahianos, nobres e briosos,  
Gratos serão a quem lhes deu soccorro  
Contra o barbaro Luso, e a liberdade  
Metteu no solo escravo.

Ha de emfim essa gente generosa  
As trevas dissipar, salvar o imperio!  
Por elles liberdade, paz, justiça,  
Serão nervos do Estado.

Qual a palmeira que domina ufana  
Os altos topos da floresta espessa,  
Tal bem presto ha de ser no Mundo Novo  
O Brazil bem fadado.



Em vão de paixões vis, cruzados ramos  
Tentarão impedir do sol os raios:  
A luz vai penetrando a copa opaca;  
O chão brotará flores.

Calou-se então, voou, e as soltas tranças.  
Em torno espalham mil sabêos perfumes;  
E os zephyros, as azas adejando,  
Vasam dos ares rosas.

(*Poesias* de AMÉRICO ELYSIO, ed. Laemmert,  
Rio, 1861, pags. 163-169.)

---

## PHASE SEISCENTISTA

---

**Vasco Mousinho de Quevedo e Castello Branco** (Setubal, nascido e fallecido em annos incertos).—Exerceu a advocacia e por obra principal deixou um poema épico, *Affonso Africano*, estampado em 1611, e sobre cujo merito discordam os criticos. "Levantou-se nos applausos de Garrett—diz C. Castello Branco—quando havia cahido nas censuras de Costa e Silva". Nessa epopéa, que parece condemnada ao esquecimento, a phrase é quasi sempre elegante e pura, ainda que o estylo padeça de gongorismo.

### O Oceano festejando a armada Portugueza

Em calma n'este tempo o mar estava,  
E como rio manso parecia,  
O vento em seu descanso repousava.  
Nenhuma tabua concava surdia;  
Oceano, que a frota divisava,  
De Lusitanos ser reconhecia,  
E, por se lhes mostrar ledo e contente,  
Co'esta voz faz attenta a humida gente:

"O' bellissimas nymphas, ó marinhos  
Habitadores do crystal salgado,  
A esta armada agora abri caminhos,  
Que em calma a tem o vento socegado:  
E' justo festejemos taes vizinhos,  
Que tanto têm meu nome acreditado,  
Por elles sou famoso, e todo humano  
A grandeza celebra do Oceano.

Cesse já do Erythreu a gloria antiga,  
E seus trophéos magnificos suspenda,  
Nem do Pontico Mar louvor se diga  
Que meu direito e pre' minencia offenda.  
Outras crescentes, outros estos siga  
Esse Mediterraneo, se pretenda  
Igualar-se commigo; enfrie o brio  
O Mauritano, o Caspio, o Euxino frio.

Nenhum ceruleo reino se navega  
De gente em paz e em guerra tão famosa,  
Nenhum com tal corrente cerca e rega  
Costa em viagens tão maravilhosa;  
Nenhum seus braços tão ufano entrega  
A cidade tão nobre e populosa,  
Que, se Ulysses lhe deu o fundamento,  
E' já gloria de Ulysses e ornamento."

Isto dizendo, os braços vai lançando  
Com seu compasso igual pela agua fria;  
E a nau real c'os hombros inclinando  
Escumas levantava e dividia:  
Logo vai cada qual outra afferrando,  
Por não ficar detraz sem companhia.  
O curso era tão destro e diligente,  
Que iam surdindo todos igualmente.

O navio do principe tirava  
Com graça estranha a linda Galatêa,  
Que por descuido ás vezes se mostrava  
Mais alva que o crystal da propria vêa:  
Os olhos após si todos levava,  
E corações traz elles senhorêa,  
Quantos a culpam de ligeira e leve,  
Pois tal vista lhe faz assi mais breve.

(MOUSINHO DE QUEVEDO — *Affonso Africano*, cant. II.)

## Supplica de Zara.

Ai, Zara! e que vida esta tão segura  
Em bosque fresco, de pezares falto,  
Onde o maior tumulto é d'agua pura,  
Das aves do ar o murmurar mais alto;  
Agora que te apartas da espessura,  
Logo encontras com pena e sobresalto,  
Que n'alma suspiraste, quando viste  
Tão severo espectaculo e tão triste.

E sendo então alli certificada  
Dos termos que seu pae c'os christãos usa,  
Ficou c'o sacrificio perturbada,  
E pela causa d'elle assás confusa;  
E manda que não seja executada  
A sentença cruel, emquanto escusa,  
A' piedade e compaixão movida,  
C'o pae uma miseria tão crescida.

Pararam d'improviso os homicidas,  
A' lei que lhe pozera, obedecendo,  
E a seu mal grado ás innocentes vidas  
O castigo inventado suspendendo;  
Que as palavras de Zara encarecidas  
Comsigo sempre imperio vêm trazendo,  
Com que o mais fero e deshumano peito  
Em brandura converte e faz sujeito.

Os condemnados miseros ergueram  
Os olhos tristes para aquella banda,  
E a causa de seu bem reconheceram,  
Causa em si grande, e grande no que manda;  
Foram para fallar, emmudeceram;  
Ella os olhou, e seu tormento abrandou,  
E, como já remedio lhes deseja,  
Parte a buscal-o, porque cedo o veja.

E, como o caso compaixão lhe inspira,  
Sobr'outra natural, que n'ella mora,  
Ao pai e rei, que os braços já lhe abrira,  
Estas palavras diz, e entre ellas chora:  
"Se mimosa de vós me não sentira,  
Não ousara tentar se o sou agora,  
Alcançando, senhor, por magoada,  
Perdão para esta gente condemnada;

Porque, se castigar quereis seu erro,  
Assás castigo tem sendo captiva,  
Que vida em triste e misero desterro  
Está tão longe de se chamar viva  
Que antes vida lhe dá o esquivo ferro,  
Quando da luz vital e alento a priva;  
Além de ser tão desusado feito  
Que de nenhum no mundo seja acceito:

Quanto mais que n'um tempo que ameça  
Pelos mesmos Christãos guerra tão crua,  
E' perigo que a todos embarça,  
Terdes contra os de paz a espada nua;  
Que, se a fortuna prospera os abraça,  
A vossa crueldade aviva a sua,  
E dais a imigo vencedor motivo  
Para a ferro metter quanto achar vivo.

Portanto, se algum mimo vos mereço,  
Com esta petição a salvo saia,  
E, se ha difficuldade, que eu conheço,  
A culpa sobre mim de tudo caia."  
O pae que, inda que fôra de mór preço,  
(Segundo de affeição todo desmaia)  
Lhe concedera a cousa que lhe pede,  
Para todos perdão logo concede.

(*Idem.* — Canto IV.)

Francisco de Sá de Menezes (Porto, 1600-1644) foi senhor de uma opulenta casa e varão mui respeitado por suas luzes e virtudes. No vigor da idade viuvou, e, desgostoso, acolheu-se ao mosteiro de Bemfica, onde nove annos antes fallecera Fr. Luiz de Souza, e ahi professou tomando o nome de Fr. Francisco de Jesus. E' conhecido pelo seu poema épico *Malaca conquistada*. Costa e Silva prefere esta epopéa á *Lisboa edificada*; e Garrett, comquanto a malsine de hyperbolica e campanuda, todavia a considera um dos derradeiros titulos da gloria da litteratura portugueza. "Quanto á linguagem, diz Camillo Castello Branco, argue descuidos pouco usuaes no seu tempo, de envolta com uns purismos acrysolados, que o não dispensam de escorregar por vezes no estylo hyperbolico e nas metaphoras, a que tentou esquivar-se, amoldando-se ás locuções froixas ou asperrimas de Antonio Ferreira".

E' de 1634 a 1.<sup>a</sup> edição da *Malaca*.

### Viagem de Affonso de Albuquerque.

Nô Indico mar a armada se engolfava,  
E já sómente o céu e o mar se via;  
O favoravel vento que soprava,  
Os grandes lenços brandamente abria;  
O promontorio Camori deixava  
Atraz, e o gran Ceylão se descobria,  
Taprobana chamada antigamente,  
Riquissima delicia do Oriente.

De canella odorifera abundantes  
Os altos montes são bosques sombrios,  
Habitados de grandes elephantes,  
Primeiros em prudencia e fortes brios;  
De rubis e saphyras rutilantes  
Ricas são as areias de seus rios,  
E tudo rico do metal que cria  
Com seus raios o sol na terra fria.

De Ceylão n'Oriente a proa posta,  
O golfo de Bengala atravessaram,  
E de Narsinga a rica e fertil costa  
Para a septentrional parte deixaram;  
N'ella a gran Meliapor está composta  
De illustres edificios, que lavraram  
Modernos moradores, e ruinas,  
Que inda se mostram de memorias dinas.

(SÁ DE MENEZES. — *Malaca conquistada*,  
livro I.)

---

Gabriel Pereira de Castro (Braga, 1571-1632). Foi lente de Coimbra e desembargador da Casa da Supplicação. Seu principal titulo á celebridade é um poema épico *Ulysséa* ou *Lisboa edificada*, a que deu assumpto a lendaria fundação de Lisboa por Ulysses. José Agostinho de Macedo antepunha a *Ulysséa aos Lusitadas*; Francisco José Freire consignou-lhe o logar immediato: Garrett acoima de quixotico e sesquipedal o mesmo poema. Camillo Castello Branco, sem lhe conceder merito historico, e negando-lhe originalidade e interesse, reconhece que este poeta "não só egual, antes prevalece a Camões na harmonia, no numero, na synonymia, emfim na abundancia das locuções". A *Ulysséa* imprimiu-se pela primeira vez em 1636.

### Helena.

Ambos de Atreu os filhos valerosos  
(Antes que um vá a Esparta, outro a Missena)  
Queriam despedir-se, desejosos  
Que alli possa alegrar-se a bella Helena;  
Com elles sai ao campo, e os seus formosos  
Ólhos, de que reparte gloria e pena  
Amor, que a saltear d'elles aprende,  
Pelo florido campo e praia estende.

De vêl-a o mesmo céu se namorava  
E o ar no do seu rosto se accendia;  
E o mar, quando ella as conchas-lhe furtava,  
Parece que a beijar-lhe os pés corria:  
Quem as divinas graças, que mostrava,  
Contar quizer, mais facil lhe seria  
Contar as flores do lascivo maio,  
E do sol os cabellos raio a raio.

Pela testa sem ordem desparzido,  
Solto o cabelo vòo livremente,  
Onde sai a queixar-se de opprimido  
De uma cinta de pedras refulgente:  
No hombro sôa o arco do brunido  
Marfim, ao lado a aljava está pendente;  
Com menos graça ao bosque entrar costuma  
A bella deusa que nasceu da escuma.

De uma seda subtil, de ouro lavrada,  
Era composta a nobre vestidura,  
Que o pé descobre, da aura meneada,  
Para beijal-o lisongeira e pura;  
No peito, collo e face delicada  
(Que as armas são da propria formosura)  
Mostra amor querer dar mortes mais cruas  
Pois leva da belleza as armas nuas.

Das orelhas as perlas do Oriente  
Igualmente pendendo, carregavam  
Circulos de ouro puro e excellente  
Mór graça recebendo do que davam;  
Da barbara cadeia refulgente,  
Cahindo ao seio, as voltas se enredavam;  
Bellezas estudadas com descuido,  
Da cuidadosa mão inculto estudo.



Quando no céu da altiva frente abria  
Um e outro sol, na luz que derramava,  
O campo todo, todo o ar ardia,  
Que a tudo dava ser, tudo animava;  
A cada passo seu um céu movia,  
A cada raio seu um sol mostrava;  
A cada olhar abria um paraíso,  
E um coração feria a cada riso.

O vento o seu cabelo ondado é louro,  
Como ladrão subtil, traz derramado,  
Com quem baixo metal ficava o ouro,  
Que parece c'ò mesmo sol dourado;  
Amor, mettendo a mão n'este thesouro,  
Um fio lhe roubou, e tem mudado  
A corda ao arco seu, e fez as pretas  
Sobrancelhas o arco, a vista settas.

Porque o ar não a offenda, põe reparo  
Ao rosto c'um sendal, com que se cobre,  
Que, das glorias que esconde pouco avaro,  
Mais sêde faz de ver o que se encobre;  
Como o sol, dentre nuvens menos claro,  
Faz que a força dos raios se lhe dobre,  
Tal, d'um sendal finissima vestida,  
Viu Cytherea o pastor phrygio em Ida.

Esta era Helena, e se dizer vos posso  
De sua gran belleza, o que mais sinto,  
Vós sois retrato seu, ou ella o vosso,  
Que de vós tomo as cores, com que a pinto;  
No ar, na mesma graça adonde o moço  
Cégo faz intrincado labyrintho,  
Entre mil impossiveis do desejo  
Imaginando estou que em vós a vejo.

(G. P. DE CASTRO. — *Ulysséa*, canto III,  
pags. 38-40 da ed. lisbonense de 1826.)

Gregorio de Mattos Guerra nasceu na cidade da Bahia em 1623, e falleceu em 1696. Tendo-se doutorado em direito na universidade de Coimbra, advogou em Lisboa, onde gosou da privança do principe regente, depois Pedro II. Na sua terra natal serviu como thesoureiro-mór da cathedral e vigario geral da diocese, cargos que deixou quando exigiram que completasse a sua ordenação, pois era só minorista. Pela mordacidade das suas sátiras foi degredado para Angola e de lá voltou para o Brasil, indo residir em Pernambuco, onde morreu christamente.

Foi escriptor popular e engraçado. Não lhe faltam conceitos e trocadilhos — e que era vicio do tempo — e por vezes descai na obscenidade.

“Cabe-lhe a gloria, diz Fernandes Pinheiro, de haver introduzido em nossa metrificacão o verso italiano decasyllabo, hoje muito usado, e conhecido nos compendios de poesia pela denominação de *gregoriano*”.

De suas obras poeticas publicou-se o primeiro tomo em 1883.

### Anjo Bento.

D'estes que campam no mundo  
Sem ter engenho profundo,  
E, entre gabos dos amigos,  
Os vemos em papafigos  
Sem tempestade, nem vento:  
Anjo bento!

De quem com lettras secretas  
Tudo o que alcança é por tretas,  
Baculejando sem pejo,  
Por matar o seu desejo,  
Desde a manhan té á tarde:  
Deus me guarde!

Do que passeia farfante,  
Muito prezado de amante,  
Por fóra luvas, galões,  
Insignias, armas, bastões,  
Por dentro pão bolorento:  
Anjo bento!

D'estes beatos fingidos,  
Cabisbaixos, encolhidos,  
Por dentro fataes maganos,  
Sendo nas caras uns Janos,  
Que fazem do vicio alarde:  
Deus me guarde!

Que vejamos teso andar  
Quem mal sabe engatinhar,  
Muito inteiro e presumido,  
Ficando o outro abatido  
Com maior merecimento:  
Anjo bento!

D'estes avaros mofinos,  
Que põem na mesa pepinos,  
De toda a iguaria isenta,  
Com seu limão e pimenta,  
Porque diz que o queima e arde:  
Deus me guarde!

(Obras poeticas. — 1882, tomo I,  
pags. 45-47.)

---

Manoel Botelho de Oliveira (Bahia, 1636-1711) foi, como diz Costa e Silva, no seu *Ensaio Biographico-Critico*, tomo X, página 67, — “o primeiro brasileiro que ousou apresentar-se no Pindo demandando logar no templo das Musas”.

Depois de alguns estudos no Brasil, foi a Coimbra, em cuja universidade obteve o grau de licenciado em jurisprudencia. Ahi travou com o seu conterraneo Gregorio de Mattos Guerra amistosas relações que duraram até a morte.

Havendo tomado o capello doutoral, partiu Manoel Botelho para a Bahia onde exerceu o mister de advogado, sem deixar o cultivo das lettras, e em 1705 publicou um volume de versos com extravagantissimo titulo, que assás demonstra o mau gosto da época: *Musica do Parnaso, dividida em quatro choros, Rimas Portuguezas, Castelhanas e Latinas, com seu descante comico reduzido em duas comédias*. Dos versos em portuguez diz o citado critico — “serem bem fabricados, correntes e sonoros”.

## Fructas do Brazil.

E, tratando das proprias, os coqueiros  
Galhardos e frondosos  
Criam cocos gostosos,  
E andou tão liberal a natureza  
Que lhes deu por grandeza,  
Não só para bebida, mas sustento,  
O nectar doce, o candido alimento.  
De varias côres são os cajús bellos;  
Uns são vermelhos, outros amarellos,  
E, como varios são nas varias côres  
Tambem se mostram varios nos sabores,  
E criam a castanha,  
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.

As pitangas fecundas  
São na côr rubicundas,  
E no gosto picante comparadas  
São d'America ginjas disfarçadas.

As pitombas douradas, si as desejas,  
São de gosto melhores que as cerejas;  
E para terem o primor inteiro  
A vantagem lhes levam pelo cheiro.

Os araçáes, grandes ou pequenos,  
Que na terra se criam, mais ou menos  
Como as peras d'Europa engrandecidas,  
Com ellas variamente parecidas,  
Tambem se fazem dellas  
De varias castas marmeladas bellas.

As bananas no mundo conhecidas  
Por fructo e mantimento appetecidas  
Que o céu para regalo e passatempo  
Liberal as concede em todo tempo,  
Competem com maçans ou baonezas,  
Com peros verdeaes ou camoezas.  
Tambem servem de pão aos moradores,  
Si da farinha faltam os favores;  
E' conducto tambem, que dá sustento,  
Como si fosse proprio mantimento:  
De sorte que por graça ou por tributo,  
E' fructo, é como pão, serve ao conducto.

A pimenta elegante  
E' tanta, tão diversa, tão picante,  
Para todo o tempero accommodada,  
Que é muito avantajada  
Por fresca, e por sadia,  
A' que n'Asia se gera, e Europa cria.

O mamão frequente  
Se cria vulgarmente,  
E não o preza o mundo  
Por ser muito vulgar em ser fecundo.

O marujá tambem, gostoso e frio,  
Entre as fructas merece nome e brio;  
Tem nas pevides mais gostoso agrado  
Do que assucar rosado;  
E' bello, cordial e, como é molle,  
Qual suave manjar todo se engole.

Vereis os ananazes,  
Que para reis das fructas são capazes.  
Vestem-se de escarlata,  
Com majestade grata,  
Que para ter do imperio a gravidade,

Logram da verde c'rôa a majestade;  
Mas, como têm a c'rôa levantada,  
De picantes espinhos rodeada,  
Nos mostram que entre reis, entre rainhas,  
Não ha c'rôa no mundo sem epinhas.  
Este pomo celebra toda a gente,  
E' muito mais que o pecego excellente,  
Pois lhe leva vantagem, gracioso,  
Por maior, por mais doce, e mais cheiroso.

Alem das fructas que esta terra cria,  
Tambem não faltam outras na Bahia.

A mangava mimosa  
Salpicada de tintas por formosa  
Tem o cheiro famoso,  
Como se fôra almiscar oloroso.

E' producção do mato,  
Sem querer da cultura o duro trato,  
Que, como em si toda a bondade apura,  
Não quer dever aos homens a cultura:  
Oh! que galharda fructa, e soberana,  
Sem ter industria humana!  
E si Jove a tirara dos pomares,  
Por ambrósia a puzera entre os manjares.  
Com a mangava bella a semelhança  
Do macuje se alcança,  
Que tambem se produz no mato inculto  
Por soberano indulto,

E sem fazer ao mel injusto aggravo  
Na bocca se desfaz qual doce favo.  
Outras fructas dissera, porém basta  
Das que tenho descripto a varia casta...

*(Musica do Parnasso [Ilha da Moré]).*

## PHASE QUINHENTISTA

---

Gil Vicente (Guimarães, 1460-1536) seguiu em Lisboa, onde então se achava a universidade, o curso de jurisprudencia, e ensinou rhetorica ao Duque de Beja, D. Manoel, que succedeu no throno por morte de D. João II. Acclamado rei esse principe, Gil Vicente entrou a escrever peças dramaticas, começando pelo *Monologo do Vaqueiro* ou da *Visitação* (1502) e fazendo representar no anno de sua morte a *Floresta dos enganos*.

Dividem-se as suas composições em *Obras de devoção*, *Comedias*, *Tragicomedias*, *Farças* e *Obras varias*. Entre as primeiras citam-se como as melhores: *O auto da barca do inferno*, o da *Barca do Purgatorio* e o da *Barca da gloria*. Julga-se a mais perfeita farça *Ignez Pereira*. *Romagem de aggravados* é a mais apreciada das *tragi-comedias*. A' comedia de *Rubens* ordinariamente se confere a primeira na sua especie.

Gil Vicente foi poderoso e original engenho, e sobretudo se avantajou no mordacissimo chiste, que não raro degenerava em grosseiras indecencias. Mais do que isto os archaismos da linguagem a bem pouco limitam o numero de seus leitores actuaes.

Não se deve confundir, seguindo a autoridade do Sr. Theophilo Braga, a Gil Vicente, poeta, com o ourives ou lavrante de igual nome. Este ponto foi bem elucidado por C. Castello Branco.

### Auto da Mofina Mendes.

O FRADE. — Mandaram-me aqui subir,  
N'este santo amphitheatro,  
Para aqui introduzir  
As figuras que hão de vir  
Com todo seu apparatus.

E' de notar  
Que haveis de considerar  
Isto ser contemplação  
Fóra da historia geral,  
Mas fundada em devação.  
A qual obra é chamada  
Os mysterios da Virgem;  
Que entrará acompanhada  
De quatro damas, com quem  
De menina foi creada.  
A uma chamam Pobreza,  
Outra chamam Humildade:  
Damas de tanta nobreza  
Que tod'alma que as préza,  
E' morada da Trindade.  
A' outra, terceira dellas,  
Chamam Fé por excellencia;  
A' outra chamam Prudencia,  
E virá a Virgem com ellas,  
Com mui fermosa apparencia.  
Será logo o fundamento  
Tractar de saudação  
E depois deste sermão,  
Um pouco do nascimento;  
Tudo per nova invenção.

.....  
PAYO. — Pois Deus quer que pague e peite  
Tão damninha pegureira,  
Em paga d'esta canseira  
Toma este pote de azeite,  
E vai-o vender á feira;  
E quiçães medrarás tu,  
O que eu contigo não posso.



MOFINA. — Vou-me á feira de Trancoso  
Logo, nome de Jesu,  
E farei dinheiro grosso.  
Do que este azeite render,  
Comprarei ovos de pata,  
Que é a cousa mais barata  
Qu'eu de lá posso trazer.  
E estes ovos chocarão ; ,  
Cada ovo dará um pato,  
E cada pato um tostão,  
Que passará de um milhão  
E meio, a vender barato.  
Casarei rica e honrada  
Per estes ovos de pata,  
E o dia que fôr casada,  
Sahirei ataviada  
Com um brial de escarlata ;  
E deante o desposado,  
Que me estará namorando,  
Virei de dentro bailando,  
Assi dest'arte bailado,  
Esta cantiga cantando.

*(Estas cousas diz Mofina Mendes com o  
pote de azeite á cabeça, e, andando enlevada  
no bailo, cae-lhe.)*

PAYO. — Agora posso eu dizer  
E jurar e apostar  
Qu'és Mofina Mendes toda.

PESSIVAL. — E s'ella baila na veda  
Qu'está ainda por sonhar,  
E os patos por nascer,  
E o azeite por vender,

E o noivo por achar,  
E a Mofina a bailar.  
Que menos podia ser?

*(Vai-se Mofina Mendes, cantando.)*

MOFINA. — Por mais que a dita m'enjeite,  
Pastores, não me deis guerra;  
Que todo humano deleite,  
Como o meu pote de azeite,  
Ha de dar consigo em terra.

(GIL VICENTE, *Obras*, tomo I, pags. 102-103 e 115-117, da ed. hamburgueza de 1834.)

---

Bernardim Ribeiro (Vide parte I).

*A Ama.*

(SOLAO)

Pensando-vos estou, filha,  
Vossa mãe me está lembrando;  
Enchem-se-me os olhos d'agua,  
N'ella vos estou lavando.

Nascestes, filha, entre mágua:  
Para bem inda vos seja!  
Pois em vosso nascimento  
Fortuna vos houve inveja.

Morto era o contentamento.  
Nenhuma alegria ouvistes;  
Vossa mãe era finada,  
Nós outros eramos tristes.

Nada em dôr, em dôr criada,  
Não sei onde isto ha de ir ter;  
Vejo-vos, filha formosa,  
Com olhos verdes crescer.

Não era esta graça vossa  
Para nascer em desterro:  
Mal haja a desventura  
Que poz mais n'isto que o erro!

Tinha aqui sua sepultura  
Vossa mãe, e a mágua a nós!  
Não ereis vós, filha, não,  
Para morrerem por vós.

Não ouvem fados razão,  
Nem se consentem rogar;  
De vcsso pae hei mór dôr,  
Que de si se ha de queixar.

Eu vos ouvi a vós só  
Primeiro que outrem ninguém;  
Não foreis vós se eu não fôra;  
Não sei se fiz mal, se bem.

Mas não póde ser, senhora,  
Para mal nenhum nascerdes,  
Com esse riso gracioso  
Que tendes sob olhos verdes.

Conforto, mas duvidoso,  
Me é este que tomo assi!  
Deus vos dê melhor ventura  
Do que tivestes té qui.

A Dita e a Formosura,  
Dizem patranhas antigas  
Que pelejaram um dia,  
Sendo d'antes muito amigas.

Muitos hão que é phantasia;  
Eu, que vi tempos e annos,  
Nenhuma cousa duvido,  
Como ella é azo de damnos.

Nem nenhum mal não é crido,  
O bem só é esperado:  
E na crença e na esperança,  
Em ambas ha hi cuidado,  
Em ambas ha hi mudança.

(BERNARDIM RIBEIRO. — *Menina e Moça*,  
cap. XXII.)

### Egloga.

INTERLOCUTORES. — *Silvestre e Amador.*

AUCTOR. — Um coitado de um pastor,  
Triste, mal aventurado,  
Vencido de grande dôr,  
Ao derredor de seu gado  
Se queixava do amor:

Com palavras mui cansadas,  
Sem descanso, e sem cansar,  
A quantos via passar,  
Com vozes desesperadas  
Os fazia esperar.

Depois de fallar comsigo  
E com seu gado mesquinho,  
Viu passar um seu amigo  
Afastado do caminho,  
Caminho de seu perigo,  
Que tambem se ia queixando  
Do grande mal que sentia;  
E com elle se ajunctando  
Estiveram todo um dia  
Um ao outro consolando.

Tristes practicas passavam,  
Cantavam grandes tristezas,  
Gottas de sangue suavam,  
Ledos com suas firmezas,  
Ellas mesmas os matavam:  
Sentiam mui grande dor,  
Cada um com seu marteiro,  
Que nunca se viu maior;  
Começa logo primeiro  
Silvestre, sem amador.

SILVESTRE. — Triste, de mim que será,  
Ou coitado que farei,  
Que não sei onde me vá,  
Com quem me consolarei,  
Ou quem me consolará?  
Ao longo das ribeiras,  
Ao som das suas aguas,  
Chorarei muitas canseiras,  
Minhas maguas derradeiras,  
Minhas derradeiras maguas.

Todos fogem já de mim,  
Todos me desampararam,  
Meus males sós me ficaram,  
Para me darem a fim  
Com que nunca se acabaram.  
De todo o bem desespero,  
Pois me desespera quem  
Me quer mal, que lhe não quero;  
Nem lhe quero senão bem,  
Bem que nunca della espera.

O' meus desditosos dias,  
O' meus dias desditosos,  
Como vos is saudosos,  
Saudosos de alegrias,  
D'alegrias desejosos;  
Deixai-me já descansar,  
Pois que eu vos faço tristes,  
Tristes, porque meu pezar  
Me deu os males que vistes,  
E muito mais que passar.

Acceitei ser namorado,  
Não tive meio em o ser.  
Já sou mais que sepultado,  
Sou certo de me perder,  
Sem perder meu só cuidado:  
Não sei pelo que espero,  
Nem o que espero de ver;  
Perco-me pelo que quero,  
Nem me acabo de perder,  
Porque mais perder espero.

I-vos, minhas cabras, i-vos,  
Gado bemaventurado  
Em outro tempo passado;  
Ficai-vos ou despedi-vos,

Despojo do meu cuidado:  
Já vos não verei comer,  
Penduradas no penedo,  
Onde vos soia ver  
Andar saltando sem medo,  
Sem medo de me perder.

Já vos mais não cantarei  
Nenhuns versos, nem cantigas,  
Mas a todos contarei  
As minhas tristes fátigas  
Com que sempre viverei:  
Minhas cabras desditosas,  
Já vos não verei roer  
As salgueiras amargosas,  
Que soeis de pascer  
Pelas ribeiras fragosas.

Andarei de valle em valle,  
E de logar em logar;  
Não acharei quem me falle,  
Nem com quem possa fallar,  
Nem quem diga que me cale.  
Subir-me-hei aos outeiros,  
E deital-os-hei a giros.  
Pelos pés dos sovereiros,  
Meus suspiros derradeiros,  
Meus derradeiros suspiros.

E vir-me-hei assentar  
A' sombra de uma azinheira,  
Que está fóra do lugar,  
Ao longo da ribeira  
Onde eu soia andar:

Verei a casa caiada,  
Sem parede, e sem telhado,  
E verei meu mal dobrado,  
Cuidado de minha vida,  
O' vida de meu cuidado.

Ouvirei cantar os gallos  
N'aldeia, e ladrar os cães.  
E jazerei entre os pães;  
Verei berrar entre os valles  
Os novilhos pelas mães;  
Delles berrarão do fato,  
Porque mór pena me dêem,  
Chorarei meu desbarato,  
Eu não sei porque me mato,  
Mato-me não sei por quem.

Queixar-me-hei a grandes brados,  
Mas que aproveita bradar,  
Que trago os olhos quebrados,  
Quebrados já de chorar  
Todos os gostos passados:  
Aquelle que vem bradando,  
Se se queixa ora de alguém,  
Ou com seu mal ou seu bem,  
Virá comsigo fallando  
Sem se queixar de ninguém.

Se me elle quizesse ouvir,  
Mas se me elle a mim ouvisse.  
Por grande mal que sentisse,  
Eu lhe faria sentir  
O que eu lhe nunca visse.  
Quero ver de quem se aqueixa,  
Ou se aqueixa de si.  
Deixar-me-hei estar aqui,  
Mas minha dôr não me deixa,  
Que em forte poncto a vi.



AMADOR. — O' enganosa ventura,  
Que queres deste pastor?  
Leixa-me ir com minha dôr,  
Que minha desventura  
Traz consigo outra maior:  
Leixa-me ir traz um desejo  
De grande engano forçado,  
Triste, malaventurado,  
Quem um cuidado sobejo  
Me dá sobejo cuidado.

O' meus olhos saudosos,  
Minha grande soidade,  
Meus suspiros tão queixosos,  
O' choros tão deleitosos,  
Por deleite, e por vontade;  
Quem suspirasse algum dia  
Para só desabafar;  
Mas eu já não ousaria,  
Porque um suspiro daria  
Signal de quem m'o faz dar.

Tudo o que vejo parece  
Triste de minha tristeza.  
E tudo mais me entristece;  
Coitado de quem offerece  
A vida a quem lh'a despreza:  
Ando com a phantasia,  
A miudo maginando,  
Que a quantos vejo diria  
Que é o que ando buscando;  
Mas triste não ousaria.

Quem se podesse fiar,  
Do falso do pensamento;  
Falso, foste-me enganar,  
Com falso contentamento,  
Para me logo enjeitar;

Vinga-te agora de mim,  
Que é razão, pois te aborreço  
Mas uma cousa te peço,  
Que dês a meus males fim,  
Pois que lhe deste começo.

.....

SILVESTRE. — Amador, pois que te vás,  
As boas horas vão contigo,  
Commigo fiquem as más,  
Que não sei se as verás,  
Que as não vejas commigo:  
Deus te cumpra teu desejo  
E a mim tire o meu,  
Ou me mostre quem m'o deu,  
Que com quantos males vejo,  
Sempre me hei de chamar seu.

Tempo é de vos leixar,  
Gado meu, meu pobre gado,  
Não posso mais aguardar,  
Pois me não soube afastar  
Do que me estava guardado.  
Tudo se vai a perder,  
Vai-se a vida após a vida;  
Quem a mais deseja ter,  
A vê mais cedo perdida,  
Ou se perde para a ver.

Ficai embora, curraes,  
Riquezas de meus avós;  
Vou-me sem mim e sem vós;  
Eu me vou, e vós ficais  
Desamparados e sós:

Não verei vir passeando  
Os novinhos furiosos,  
Seus pescoços levantando,  
Com seus passos vagarosos,  
Após as vaccas bradando.

Agora me leixarão  
Esperanças vagarosas;  
Agora se acabarão  
As vontades rigorosas,  
Que tanta pena me dão:  
Leixae-me, cuidados vãos,  
Desejos desesperados;  
Olhos malaventurados,  
Quanto me foreis mais sãos,  
Se vos tivera quebrados!  
Quem foi nunca tão sandeu?

*(Aqui vai bradando e responde-lhe um echo.)*

ECHO. — Eu,

— Tu serás, pois me respondes;  
E se o és, porque te escondes  
De quem não póde ser seu?  
Andas tu, ou vás fallando?

ECHO. — Ando.

— E eu porque te não vejo?  
Sei que me cega o desejo,  
Porque ando desejando,  
Quero m'ir, pois se me esconde.

ECHO. — Onde?

— Mas onde me fallas tu?  
Que será isto, Jesu,  
Que o não vejo! Responde:  
Quero m'ir, de l'outra banda.

ECHO. — Anda.

— Pois me não queres leixar  
Ir minhas maguas contando,  
Quero-me ora calar.  
Irei commigo chorando  
O que não posso fallar.

(*Egloga III*, pags. 298-317 das *Obras*,  
ed. lisbonense de 1852.)

---

Francisco de Sá de Miranda (Vide parte I).

### Carta a D. João III.

Rei de muitos reis, se um dia,  
Se uma hora só mal me atrevo  
Occupar-vos, mal faria,  
E ao bem commum não teria  
Os respeitos que ter devo.

Que em outras partes da esphera,  
Em outros céos differentes,  
Que Deus té gora escondera,  
Tanta multidão de gentes  
Vossos mandados espera.

Que sois vós tal qu'elles sós,  
Justo e poderoso rei,  
Ou lhe desdais os seus nós,  
Ou cortais, porque entre nós  
Vós sois nossa viva lei.

Onde ha homens ha cobiça,  
Cá e lá tudo ella empeça,  
Se a sancta, se a igual justiça  
Não corta, não desempeça  
O que a má malicia enliça.

Senhor, que é muito atrevida,  
E, onde ella nós cegos deu,  
Cortar é cousa devida:  
Exemplo o jugo de Mida,  
Que el-rei, vosso avô, fez seu.

Ora eu, que, respeito havendo  
Ao tempo mais que ao estylo,  
Irei fugindo ao que entendo,  
Farei como os cães do Nilo,  
Que correm e vão bebendo.

A dignidade real,  
Que o mundo a direito tem,  
Sem ella ter-se-hia mal;  
E' sagrada, e não leal.  
Quem limpo ante ella não vem.

Não fállemos nos tyrannos,  
Fallemos nos reis ungidos:  
Remedeiam nossos damnos,  
Soccorrem os affligidos,  
Cortam pelos mãos enganços.

As vossas velas que vão  
Dando quasi ao mundo volta,  
Raramente encontrarão  
Gente d'outro algum rei solta:  
Sem cabeça o mundo é vão.

Dignidade alta e suprema  
Quem ha que a não reconheça?  
Viu-se em Marco Antonio thema  
De pôr real diadema  
A Cesar sobre a cabeça.

Que o nome de imperador  
D'antes a Cesar se dera  
Sem suspeita e sem temor;  
Que inda então muito mais era  
Ser consul, ser dictador.

Um rei ao reino convém:  
Vemos que illumina o mundo  
Um sol: um Deus o sostém.  
Certa a quéda e o fim tem  
O reino onde ha rei segundo.

Não ao sabor das orelhas  
Arenga estudada e branda;  
Abastam as razões velhas;  
A cabeça os membros manda,  
Seu rei seguem as abelhas.

A tempo o bom rei perdôa,  
A tempo o ferro é mesinha;  
Forças e condição boa  
Deram ao leão corôa  
Da sua grei montezinha.

A's aves, tamanho bando  
D'outra liga e d'outra lei,  
Por vencer todas voando,  
A aguia foi dada por rei,  
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou  
David lealdade e fé  
A Saul, quanto o chorou,  
Quanta maldição lançou  
Aos montes de Gelboé,

Onde cahira o escuro  
Do seu rei, inda que imigo,  
Inda que já mal sisudo,  
Sahindo de tal perigo  
E sahindo a mandar tudo!

O Senhor da natureza,  
De quem céu e terra é cheia,  
Vindo a esta nossa baixeza,  
De real sangue se preza:  
Por rei na cruz se nomeia.

Sobre obrigações tamanhas  
Velem-se contudo os reis  
Dos rostros falsos, das manhas,  
Com que lhe querem das leis  
Fazer teias das aranhas.

Que se não póde fazer  
Por arte por força ou graça,  
Salvo o que a justiça quer,  
Senhor não chamam valer,  
Salvo ao que lhes vai na praça.

E por muito que os reis olhem,  
Vão por fóra mil inchaços,  
Que ante vós, Senhor, se encolhem,  
D'uns gigantes de cem braços,  
Com que dão e com que tolhem.

Quem graça ante el-rei alcança  
E hi falla o que não deve,  
Mal grande de má privança,  
Peçonha na fonte lança,  
De que toda a terra beve.

Quem joga onde engano vai,  
Em vão corre e torna atrás,  
Em vão sobre a face cai;  
Mal hajam as manhas más  
D'onde tanto engano sai.

Homem de um só parecer,  
D'um só rosto, uma só fé,  
D'antes quebrar que torcer,  
Elle tudo póde ser,  
Mas de côrte homem não é.

.....  
Com a mão sobre um ouvido  
Ouvia Alexandre as partes,  
Como quem tinha entendido,  
Por fazer certo o fingido,  
Quantas que se buscam d'artes.

Guardava elle o outro inteiro  
A' parte não inda ouvida;  
Não vai nada em ser primeiro;  
Quem muito sabe duvida;  
Só Deus é o verdadeiro.



A tudo dão novas cores,  
Com que enleiam os sentidos;  
Ah! máos! ah! enliçadores,  
Ante os reis, vossos senhores,  
Andais com rostros fingidos!

Contaís, gabais, entendeis  
Serviços e lealdades:  
Olhai que não nos damneis;  
Fallae em tudo verdades  
A quem em tudo as deveis.

Senhor, nosso padre Adão  
Peccou, chamou-o o juiz:  
Tenha que dizer, ou não,  
Hi sua fraca rezão;  
Porém livremente diz.

Sempre foi, sempre ha de ser  
Que onde uma só parte falla,  
Que a outra haja de gemer,  
Se o jogo as partes iguala,  
As leis que devem fazer?

Vidas e honras guardais,  
Debaixo de vosso amparo,  
De estranhos e naturaes;  
Suspiram, não podem mais,  
E ás vezes não muito claro.

Tambem após aquella arde  
A cobiça da fazenda,  
Por mais que se vele e guarde;  
Tinha ella melhor emenda,  
Si não fosse mal e tarde.

Geralmente é presumptuosa  
Hespanha, e disso se preza;  
Gente ousada e bellicosa,  
Culpam-n'a de cobiçosa,  
Tudo sabe Vossa Alteza.

Pensamentos nunca cheios;  
Não tem fundo aquelles sacco;  
Inda mal, porque tem meios  
Para viver dos mais fracos  
E dos suores alheios.

Que eu vejo nos povoados  
Muitos dos salteadores,  
Com nome e rosto de honrados,  
Andar quentes e forrados  
Da pelle dos lavradores.

E, senhor, não me creiais,  
Se as não acham mais finas  
Que as de lobos cervaes,  
Que arminhos e zibelinas:  
Custam menos, cobrem mais.

Ah! senhor, que vos direi,  
Que acode mais vento ás velas:  
Nunca se descuide o rei,  
Que inda não é feita lei,  
Já lhe são feitas cautelas.

Então tristes das mulheres,  
Tristes dos orphãos coitados,  
E a pobreza dos misteres;  
Que nem fallar são ousados  
Diante os móres poderes.

Os quaes quem assi os quer,  
Quem os negoceia assi,  
Que fará quando os tiver?  
Nossos houveram de ser,  
Tomaram-n'os para si.

.....

Aqui não vemos soldados,  
Aqui não sôa atambor;  
Outros reis os seus estados  
Guardam de armas rodeados,  
Vós rodeado de amor.

Achar-nos-hão as divinas,  
No meio dos corações,  
Entalhadas vossas quinas:  
Estas são as guarnições  
De vós e dos vossos dinas.

Tem na verdade o Francez  
A seu rei amor acceso,  
Não lh'o nega o Portuguez;  
Porém tem guarda escossez,  
Que não é de pouco peso.

Que se póde ir mais avante  
Com quanto alcança o sentido:  
Sem ferro ou fogo que espante,  
Com duas canas diante  
Is amado, e is temido.

Um sobr'os outros corremos  
A morrer por vós, com gosto;  
Grandes testemunhas temos  
Com que mãos e com que rosto  
Por Deus e por vós morremos.

Outrosi para os revezes  
(Queira Deus que não releve)  
Em vós têm os Portuguezes  
O bom rei de Atheniezes,  
Codro, que outrem algum não teve.

De vosso nome um gran rei,  
Neste reino lusitano,  
Se poz esta mesma lei:  
Que diz o seu pelicano —  
— Pola lei e pola grei.

Mas eu sou d'uns guarda-cabras  
Que se vão de ponto em ponto,  
Querem só duas palavras,  
Que dos gados, que das lavras,  
Depois não tem fim nem conto,

Assi que seja aqui fim;  
Tornem as praticas vivas;  
Perdestes meia hora em mim,  
Das que chamam successivas  
Estes que sabem latim.

(SÁ DE MIRANDA. — *Obras*, Tom. I,  
pags. 201-216, da ed. de 1784.)

### Soneto celebre (1).

O sol é grande; caem co'a calma as aves,  
Do tempo em tal sazão que sóe ser fria.  
Esta agua que d'alto cai, acorda-me-hia  
Do somno não, mas de cuidados graves.

---

(1) Bouterweck, Sismondi e Ferdinand Denis acclamam admiravel este soneto. Nas primeiras edições das obras de Sá de Miranda elle appareceu mal pontuado. Aceitamos a pontuação de Camillo Castello Branco (*Historia e Sentimentalismo*, I, pagina 42, nota).

O' cousas todas vãs, todas mudaves!  
Qual é o coração que em vós confia?  
Passando um dia vai, passa outro dia,  
Incertos todos, mais que ao vento as naves.

Eu vi já por aqui sombras e flores,  
Vi aguas e vi fontes, vi verduras,  
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e secco é já tudo, e de mistura  
Tambem fazendo-me eu fui de outras cores:  
Se tudo o mais renova, isto é sem cura.

**Luiz de Camões** (Lisboa, 1524-1580) estudou na universidade de Coimbra e militou com distincção, perdendo um olho na campanha de Ceuta. Um amor infeliz por D. Catharina de Athaide certamente contribuiu para matizar de dulcissimo romantismo a vida deste poeta-soldado. Em 1553 embarcou para a India, exercendo em Macau um officio de provedor, e de lá voltou a Portugal por Moçambique. Amargurados foram por extrema penuria os ultimos annos do inditoso cantor dos *Lusiadas*, ao qual, além deste poema, uma das grandes epopéas modernas, deve a patria litteratura muitas outras poesias lyricas e as tres comedias dos *Amphytriões*, *El-Rei Seleuco* e *Filodemò*.

Quanto ao merito litterario da epopéa camoneana, por escusado temos encarecel-a; ella é para a lingua portugueza o mesmo que para a italiana a obra do Dante: a pedra angular sobre que se elevou o trabalho architectonico de outras gerações.

### Episodio de Ignez de Castro.

#### CXX

Estavas, linda Ignez, posta em socego,  
De teus annos colhendo o doce fruto,  
Naquelle engano da alma, ledo e cego,  
Que a fortuna não deixa durar muito;  
Nos saudosos campos do Mondego,  
De teus fermosos olhos nunca enxuito.  
Aos montes ensinando e ás hervinhas  
O nome que no peito escripto tinhas.

## CXXI

Do teu principe alli te respondiam  
As lembranças, que n'alma lhe moravam,  
Que sempre ante seus olhos te traziam,  
Quando dos teus fermosos se apartavam  
De noite em doces sonhos, que mentiam,  
De dia em pensamentos, que voavam:  
E quanto em fim cuidava, e quanto via,  
Eram tudo memorias de alegria.

## CXXIII

De outras bellas senhoras e princezas  
Os desejados thalamos enjeita;  
Que tudo em fim, tu, puro Amor, desprezas,  
Quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas  
O velho pai sisudo, que respeita  
O murmurar do povo e a phantasia  
Do filho, que casar-se não queria,

## CXXII

Tirar Ignez ao mundo determina,  
Por lhe tirar o filho, que tem preso;  
Crendo c'o sangue só da morte indina  
Matar do firme amor o fogo acceso.  
Que furor consentiu que a espada fina,  
Que poudes sustentar o grande peso  
Do furor mauro, fosse alevantada  
Contra uma fraca dama delicada?

## CXXIV

Traziam-na os horrificos algozes  
Ante o rei, já movido á piedade;  
Mas o povo, com falsas e ferozes  
Razões, á morte crua o persuade.  
Ella, com tristes e piedosas vozes,  
Sahidas só da magua e saudade  
Do seu principe e filhos, que deixava,  
Que, mais que a propria morte, a magoava,

## CXXV

Pera o céu crystallino alevantando  
Com lagrimas os olhos piedosos,  
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
Um dos duros ministros rigorosos,  
E depois nos meninos attentando,  
Que tão queridos tinha, e tão mimosos,  
Cuja orphandade como mãe temia,  
Pera o avô cruel assi dizia:

## CXXVI

"Se já nas brutas feras, cuja mente  
Natura fez cruel de nascimento,  
E nas aves agrestes, que sómente  
Nas rapinas aéreas têm o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
Terem tão piedoso sentimento,  
Como co'a mãe de Nino já mostraram  
E c'os irmãos que Roma edificaram:

## CXXVII

O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,  
(Se de humano é matar uma donzella  
Fracca e sem força, só por ter sujeito  
O coração a quem soube vencel-a)  
A estas criancinhas tem respeito,  
Pois o não tens á morte escura d'ella:  
Mova-te a piedade sua e minha,  
Pois te não move a culpa que não tinha.

## CXXVIII

E se, vencendo a maura resistencia,  
A morte sabes dar com fogo e ferro,  
Sabe tambem dar vida com clemencia  
A quem para perdel-a não fez erro;  
Mas, se t'ó assi merece essa innocencia,  
Põe-me em perpetuo e misero desterro  
Na Scythia fria, ou lá na Lybia ardente,  
Onde em lagrimas viva eternamente.

## CXXIX

Põe-me onde se use toda a feridade,  
Entre leões e tigres, e verei  
Se n'elles achar posso a piedade,  
Que entre peitos humanos não achei.  
Alli c'o amor intrinseco, e vontade  
N'aquelle por quem morro, criarei  
Estas reliquias suas, que aqui viste,  
Que refrigerio sejam da mãe triste."



## CXXX

Queria perdoar-lhe o rei benigno,  
Movido das palavras, que o magôam;  
Mas o pertinaz povo o seu destino,  
(Que d'esta sorte o quiz) lhe não perdôam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
Os que por bom tal feito alli pregôam.  
Contra uma dama, ó peitos carnicheiros,  
Feros vos amostrais, e cavalleiros?

## CXXXI

Qual contra a linda moça Polyxena,  
Consolação extrema da mãe velha,  
Porque a sombra de Achilles a condemna,  
C'o ferro o duro Pyrrho se apparelha;  
Mas ella os olhos, com que o ar serena  
(Bem como paciente e mansa ovelha)  
Na misera mãe postos, que endoudece,  
Ao duro sacrificio se offerece:

## CXXXII

Taes contra Ignez os brutos matadores,  
No collo de alabastro, que sustinha  
As obras com que Amor matou de amores  
Aquelle que depois a fez rainha,  
As espadas banhando e as brancas flores,  
Que ella dos olhos seus regadas tinha,  
Se encarniçavam, fervidos e irosos,  
No futuro castigo não cuidadosos.

## CXXXIII

Bem poderas, ó Sol, da vista d'estes  
Teus raios apartar aquelle dia,  
Como da séva mesa de Thyestes,  
Quando os filhos por mão de Atreu comia!  
Vós, ó concavos valles, que podestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,  
Per muito grande espaço repetistes!

## CXXXIV

Assi como a bonina, que cortada  
Antes do tempo foi, candida e bella,  
Sendo das mãos lascivas maltratada  
Da menina que a trouxe na capella,  
O cheiro traz perdido e a cor murchada:  
Tal está morta a pallida donzella,  
Seccas do rosto as rosas, e perdida  
A branca e viva côr co'a doce vida.

## CXXXV

As filhas do Mondego a morte escura  
Longo tempo chorando memoraram:  
E, por memoria eterna, em fonte pura,  
As lagrimas choradas transformaram:  
O nome lhe pozeram, que inda dura,  
Dos amores de Ignez, que alli passaram.  
Vêde que fresca fonte rega as flores,  
Que lagrimas são a agua, e o nome amores!

(*Lusiadas* — Canto III.)

**Tromba marinha.**

## XVII

Os casos vi, que os rudos marinheiros,  
Que têm por mestra a longa experiencia.  
Contam por certos sempre, e verdadeiros,  
Julgando as cousas só pela apparencia:  
E os que têm juizos mais inteiros,  
Que só per puro engenho e por sciencia  
Vêm do mundo os segredos escondidos,  
Julgam por falsos, ou mal entendidos.

## XVIII

Vi, claramente visto, o lume vivo,  
Que a maritima gente têm por sancto  
Em tempo de tormenta e vento esquivo,  
De tempestade escura, e triste pranto.  
Não menos foi a todos excessivo  
Milagre, e causa certa de alto espanto,  
Ver as nuvens do mar, com largo cano,  
Sorver as altas aguas do Oceano.

## XIX

Eu o vi certamente (e não presumo  
Que a vista me enganava) levantar-se  
No ar um vaporzinho e subtil fumo,  
E, do vento trazido, rodear-se:  
D'aqui levado um cano ao polo sumo  
Se via, tão delgado que enxergar-se  
Dos olhos facilmente não podia:  
Da materia das nuvens parecia.

## XX

Ia-se pouco e pouco accrescentando,  
E mais que um largo mastro se engrossava;  
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando  
Os golpes grandes de agua em si chupava;  
Estava-se co'as ondas ondeando,  
Em cima d'elle na nuvem se espessava,  
Fazendo-se maior, mais carregada  
C'o cargo grande d'agua em si tomada.

## XXI

Qual roxa sanguesuga se veria  
Nos beijos da alimaria (que imprudente  
Bebendo a recolheu na fonte fria)  
Fartar c'o sangue alheio a sêde ardente;  
Chupando mais e mais se engrossa e cria;  
Ali se enche e se alarga grandemente;  
Tal a grande columna, enchendo, augmenta,  
A si e a nuvem negra, que sustenta.

## XXII

Mas, depois que de todo se fartou,  
O pé, que tem no mar, a si recolhe,  
E pelo céu chovendo enfim voou,  
Porque co'a agua a jacente agua molhe;  
A's ondas torna as ondas que tomou;  
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.  
Vejam agora os sabios na escriptura  
Que segredos são estes da natura.

(Canto V.)

**Episodio do Adamastor.**

## XXXVII

Porém já cinco soes eram passados  
Que d'alli nos partiramos, cortando  
Os mares nunca d'outrem navegados,  
Prosperamente os ventos assoprando;  
Quando huma noite, estando descuidados  
Na cortadora proa vigiando,  
Uma nuvem, que os ares escurece,  
Sobre nossas cabeças apparece.

## XXXVIII

Tão temerosa vinha e carregada  
Que poz nos corações um grande medo;  
Bramindo o negro mar de longe brada,  
Como se dêsse em vão n'algum rochedo.  
O' Potestade, disse, sublimada!  
Que ameaço divino, ou que segredo,  
Este clima e este mar nos apresenta,  
Que mór cousa parece que tormenta?

## XXXIX

Não acabava, quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida.  
De disforme a grandissima estatura,  
O rosto carregado, a barba esquálida;  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má, e a cor terrena e pallida:  
Cheios de terra e crespos os cabellos,  
A boca negra, os dentes amarellos.

## XL

Tão grande era de membros que bem posso  
Certificar-te que este era o segundo  
De Rhodes estranhissimo colosso,  
Que um dos sete milagres foi do mundo;  
C'um tom de voz nos falla, horrendo e grosso,  
Que pareceu sahir do mar profundo:  
Arrepiam-se as carnes e o cabello  
A mi e a todos, só de ouvil-o e vel-o.

## XLI

E disse: "O' gente ousada mais que quantas  
No mundo commetteram grandes cousas;  
Tu, que per guerras cruas, taes e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas:  
Pois que os vedados térmios quebrantas,  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo ha já que guardo e tenho,  
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:

## XLII

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da natureza e do humido elemento,  
A nenhum grande humano concedidos  
De nobre ou de immortal merecimento:  
Ouve os damnos de mi que apercebidos  
Estão a teu sobejo atrevimento  
Per todo o largo mar e pela terra,  
Que inda has de subjugar com dura guerra.

## XLIII

Sabe que quantas naus esta viagem,  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga terão esta paragem  
Com ventos e tormentas desmedidas:  
E da primeira armada, que passagem  
Fizer per estas ondas insoffridas,  
Eu farei de improviso tal castigo,  
Que seja mór o damno que o perigo.

## XLIV

Aqui espero tomar, se não me engano,  
De quem me descobriu summa vingança;  
E não se acabará só n'isto o damno  
De vossa pertinace confiança;  
Antes em vossas naus vereis cada anno  
(Se é verdade o que meu juizo alcança)  
Naufragios, perdições de toda a sorte,  
Que o menor mal de todos seja a morte.

## XLV

E do primeiro illustre que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os céos,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Per juizos incognitos de Deus;  
Aqui porá da turca armada dura  
Os soberbos e prosperos trophéos;  
Commigo de seus damnos o ameaça  
A destruida Quiloa com Mombaça.

## XLVI

Outro também virá de honrada fama,  
Liberal, cavalleiro enamorado,  
E consigo trará fermosa dama,  
Que Amor per gran mercê lhe terá dado:  
Triste ventura e negro fado os chama  
N'este terreno meu, que duro e irado  
Os deixará d'um cru naufragio vivos,  
Pera verem trabalhos excessivos.

## XLVII

Verão morrer com fome os filhos caros,  
Em tanto amor gerados e nascidos;  
Verão os Cafres asperos e avaros  
Tirar á linda dama os seus vestidos:  
Os crystallinos membros e preclaros  
A' calma, ao frio, ao ar verão despidos,  
Depois de ter pisada longamente  
C'os delicados pés a areia ardente.

## XLVIII

E verão mais os olhos que escaparem  
De tanto mal, de tanta desventura,  
Os dous amantes miseros ficarem  
Na fêrvida e implacabil espessura;  
Alli depois que as pedras abrandarem  
Com lagrimas de dor, de magua pura,  
Abraçados as almas soltarão  
Da *fermosa e miserrima* prisão."



## XLIX

Mais ia per diante o monstro horrendo  
Dizendo nossos fados, quando alçado  
Lhe disse eu: "Quem és tu? que este estupendo  
Corpo, certo, me tem maravilhado."  
A boca e os olhos negros retorcendo,  
E dando um espantoso e grande brado,  
Me respondeu com voz pezada e amara,  
Como quem da pergunta lhe pezara:

## L

Eu sou aquelle occulto e grande cabo,  
A quem chamais vós outros Tormentorio,  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,  
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:  
Aqui toda a africana costa acabo  
N'este meu nunca visto promontorio,  
Que pera o polo antarctico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto offende.

## LI

Fui dos filhos asperrimos da terra,  
Qual Encelado, Egeo e o Centimano;  
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra  
Contra o que vibra os raios de Vulcano:  
Não que pözesse serra sobre serra,  
Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
Fui capitão do mar, per onde andava  
A armada de Neptuno, que eu buscava.

.....

## LX

Assi contava, e c'um medonho choro  
Subito d'ante os olhos se apartou;  
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro  
Bramido muito longo o mar soou.  
Eu, levantando as mãos ao santo coro  
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,  
A Deus pedi que movesse os duros  
Casos, que Adamastor contou futuros.

(Canto V.)

## Os doze de Inglaterra.

## XLIII

No tempo que do reino a redea leve  
João, filho de Pedro, moderava,  
Depois que socegado e livre o teve  
Do vizinho poder que o molestava,  
Lá na grande Inglaterra, que da neve  
Boreal sempre abunda, semeava  
A fera Erinny's dura e má cizania,  
Que lustre fosse á nossa Lusitania.

## XLIV

Entre as damas gentis da corte ingleza  
E nobres cortezãos, acaso um dia  
Se levantou Discórdia em ira accesa;  
Ou foi opinião, ou foi porfia.  
Os cortezãos, a quem tão pouco peza  
Soltar palavras graves de ousadia,  
Dizem que provarão que honras e famas  
Em taes damas não ha pera ser damas;

## XLV

E que se houver alguém com lança e espada  
Que queira sustentar a parte sua,  
Que ellès em campo raso ou estacada  
Lhe darão feia infamia, ou morte crua.  
A feminil fraqueza pouco usada,  
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua  
De forças naturaes convenientes,  
Soccorro pede a amigos e parentes.

## XLVI

Mas, como fossem grandes e possantes  
No reino os inimigos, não se atrevem  
Nem parentes, nem férvidos amantes,  
A sustentar as damas, como devem,  
Com lagrimas fermosas e bastantes  
A fazer que em soccorro os deuses levem  
De todo o céu, por rostos de alabastro,  
Se vão todas ao duque de Alencastro.

## XLVII

Era este Inglez potente, e militára  
C'os Portuguezes já contra Castella,  
Onde as forças magnanimas provára  
Dos companheiros, e benigna estrella:  
Não menos n'esta terra exp'rimentara  
Namorados affeitos, quando n'ella  
A filha viu, que tanto o peito doma.  
Do forte rei que por mulher a toma.

## XLVIII

Este, que soccorrer-lhe não queria,  
Por não causar discordias intestinas,  
Lhe diz: "Quando o direito pretendia  
Do reino lá das terras iberinas,  
Nos Lusitanos vai tanta ousadia,  
Tanto primor e partes tão divinas  
Que elles sós poderiam, se não erro,  
Sustentar vossa parte a fogo e ferro.

## XLIX

E se, aggravadas damas, sois servidas,  
Por vós lhes mandarei embaixadores,  
Que, por cartas discretas e polidas,  
De vosso agravo os façam sabedores;  
Tambem por vossa parte encarecidas  
Com palavras de affagos e de amores  
Lhes sejam vossas lagrimas, que eu creio  
Que alli tereis soccorro e forte esteio."

## L

Dest'arte as aconselha o duque esperto,  
E logo lhe nomeia doze fortes:  
E porque cada dama um tenha certo,  
Lhe manda que sobre elles lancem sortes;  
Que ellas só doze são: e, descoberto  
Qual a qual tem cahido das consortes  
Cada uma escreve ao seu por varios modos,  
E todas a seu rei, e o duque a todos.

## LI

Já chega a Portugal o mensageiro;  
Toda a corte alvoroça a novidade:  
Quizera o rei sublime ser primeiro,  
Mas não lh'o soffre a régia magestade.  
Qualquer dos cortezãos aventureiro  
Deseja ser com férvida vontade;  
E só fica por bemaventurado,  
Quem já vem pelo duque nomeado.

## LII

Lá na leal cidade, donde teve  
Origem (como é fama) o nome eterno  
De Portugal, armar madeiro leve  
Manda o que tem o leme do governo.  
Apercebem-se os doze em tempo breve  
D'armas e roupas de uso mais moderno,  
De elmos, cimeiras, letras e primores,  
Cavallos e concertos de mil cores.

## LIII

Já do seu rei tomado têm licença,  
Para partir do Douro celebrado,  
Aquelles que escolhidos por sentença  
Foram do duque inglez exp'rimentado.  
Não ha na companhia differença  
De cavalleiro destro, ou esforçado;  
Mas um só, que Magriço se dizia,  
D'est'arte falla á forte companhia:

## LIV

"Fortissimos consocios, eu desejo  
Ha muito já de andar terras estranhas,  
Por vêr mais aguas que as do Douro e Tejo,  
Varias gentes e leis, e varias manhas:  
Agora que aparelho certo vejo  
(Pois que do mundo as cousas são tamanhas)  
Quero, se me deixais, ir só per terra,  
Porque eu serei convosco em Inglaterra.

## LV

E quando caso fôr que eu, impedido  
Per quem das cousas é ultima linha,  
Não fôr convosco a prazo instituido,  
Pouca falta vos faz a falta minha.  
Todos por mi fareis o que é devido;  
Mas, se a verdade o esp'rito me adivinha,  
Rios, montes, fortuna, ou sua inveja  
Não farão que eu convosco lá não seja."

## LVI

Assi diz: e, abraçados os amigos,  
E tomada licença, emfim se parte:  
Passa Leão, Castellà, vendo antigos  
Logares, que ganhára o patrio Marte;  
Navarra, c'os altissimos perigos  
Do Pyreneu, que Hespanha e Gallia parte.  
Vistas emfim de França as cousas grandes,  
No grande emporio foi parar de Frandes.

## LVII

Ali chegado, ou fosse caso ou manha,  
Sem passar se deteve muitos dias;  
Mas dos onze a illustrissima companhia  
Cortam do mar do Norte as ondas frias.  
Chegados de Inglaterra á costa estranha,  
Pera Londres já fazem todos vias;  
Do duque são com festa agasalhados,  
E das damas servidos e amimados.

## LVIII

Chega-se o prazo e dia assignalado  
De entrar em campo já c'os doze Inglezes,  
Que pelo rei já tinham segurado:  
Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes:  
Já as damas têm por si fulgente e armado  
O Mavorte feroz dos Portuguezes  
Vestem-se ellas de cores e de sedas,  
De ouro e de joias mil, ricas e ledas.

## LIX

Mas aquella a quem fôra em sorte dado  
Magriço, que não vinha, com tristeza  
Se veste, por não ter quem nomeado  
Seja seu cavalleiro n'esta empresa;  
Bem que os onze apregôam que acabado  
Será o negocio assi na côrte ingleza,  
Que as damas vencedoras se conheçam,  
Posto que dous e tres dos seus falleçam.

## LX

Já n'um sublime e publico theatro  
Se assenta o rei inglez com toda a côrte:  
Estavam tres a tres, e quatro a quatro,  
Bem como a cada qual coubiera em sorte.  
Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,  
De força, esforço e d'animo mais forte  
Outros doze sahir, como os Inglezes  
No campo contra os onze Portuguezes.

## LXI

Mastigam os cavallos, escumando,  
Os aureos freios com feroz sembrante;  
Estava o sol nas armas rutilando  
Como em crystal, ou rigido diamante;  
Mas enxerga-se n'um e n'outro bando  
Partido desigual e dissonante,  
Dos onze contra doze: quando a gente  
Começa a alvoroçar-se geralmente.

## LXII

Viram todos o rosto aonde havia,  
A causa principal do reboliço;  
Eis entra um cavalleiro que trazia  
Armas, cavallo ao bellico serviço:  
Ao rei e ás damas falla; e logo se ia  
Pera os onze, que este era o gran Magriço  
Abraça os companheiros como amigos,  
A quem não falta certo nos perigos.



## LXIII

A dama, como ouviu que este era aquelle  
Que vinha a defender seu nome e fama,  
Se alegre e veste alli do animal de Helle,  
Que a gente bruta mais que virtudê ama.  
Já dão signal, e o som da tuba impelle  
Os bellicosos animos, que inflamma;  
Picam d'esporas, largam redeas logo,  
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

## LXIV

Dos cavallos o estrepito parece  
Que faz que o chão de baixo todo treme;  
O coração no peito, que estremece,  
De quem os olha, se alvoroça e teme.  
Qual do cavallo vòa, que não dece;  
Qual, c'o cavallo em terra dando, geme;  
Qual vermelhas as armas faz de brancas;  
Qual c'os pennachos do elmo açouta as ancas.

## LXV

Algum d'alli tomou'perpetuo somno  
E fez da vida ao fim breve intervallo:  
Correndo algum cavallo vai sem dono,  
E n'outra parte o dono sem cavallo:  
Cai a soberba ingleza do seu throno,  
Que dous ou tres já fóra vão do vallo:  
Os que de espada vêm fazer batalha,  
Mais acham já que arnez, escudo e malha.

## LXVI

Gastar palavras em contar extremos  
De golpes feros, cruas estocadas,  
E' d'esses gastadores, que sabemos,  
Mãos do tempo com fabulas sonhadas;  
Basta por fim do caso, que entendemos,  
Que com finezas altas e afamadas,  
C'os nossos fica a palma da victoria,  
E as damas vencedoras e com gloria.

## LXVII

Recolhe o duque os doze vencedores  
Nos seus paços com festas e alegria;  
Cozinheiros occupa e caçadores  
Das damas a fermosa companhia;  
Que querem dar aos seus libertadores  
Banquetes mil cada hora e cada dia,  
Emquanto se detêm em Inglaterra,  
Até tornar á doce e cara terra.

(Canto VI.)

**Martyrio de S. Thomé.**

## CIX

Aqui a cidade foi que se chamava  
Meliapor, fermosa, grande e rica:  
Os idolos antigos adorava,  
Como inda agora faz a gente inica;  
Longe do mar n'aquelle tempo estava,  
Quando a Fé, que no mundo se publica,  
Thomé vinha prégando, e já passara  
Provincias mil do mundo, que ensinara.

## CX

Chegando aqui prégando, e junto dando  
A doentes saude, a mortos vida,  
Acaso traz um dia o mar vagando  
Um lenho de grandeza desmedida;  
Deseja o rei, que andava edificando,  
Fazer d'elle madeira; e não duvida  
Poder tiral-o á terra com possantes  
Forças d'homens, de ingenhos, de aliphantes.

## CXI

Era tão grande o peso do madeiro  
Que só pera abalar-se nada basta:  
Mas o nuncio de Christo verdadeiro  
Menos trabalho em tal negocio gasta:  
Ata o cordão, que traz, per derradeiro,  
No tronco; facilmente o leva e arrasta  
Pera onde faça um sumptuoso templo,  
Que ficasse aos futuros por exemplo.

## CXII

Sabia bem que, se com fé formada  
Mandar a um monte surdo que se mova,  
Que obedecerá logo á voz sagrada;  
Que assi lh'o ensinou Christo, e elle o prova.  
A gente ficou disto alvoroçada,  
Os Brahmenes o têm por cousa nova;  
Vendo os milagres, vendo a sanctidade,  
Hão medo de perder a autoridade.

## CXIII

São estes sacerdotes dos Gentios,  
Em que mais penetrado tinha inveja:  
Buscam maneiras mil, buscam desvios  
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.  
O principal, que ao peito traz os fios,  
Um caso horrendo faz, que o mundo veja;  
Que inimiga não ha tão dura, e féra,  
Como a virtude falsa da sincera.

## CXIV

Um filho proprio mata, e logo accusa  
De homicidio Thomé, que era innocente  
Dá falsas testemunhas, como se usa;  
Condemnaram-no á morte brevemente.  
O Sancto, que não vê melhor escusa  
Que appellar pera o Padre Omnipotente,  
Quer diante do rei e dos senhores  
Que se faça um milagre dos maiores.

## CXV

O corpo morto manda ser trazido,  
Que resuscite, e seja perguntado  
Quem foi seu matador; e será crido  
Por testemunho o seu mais aprovado.  
Viram todos o moço vivo erguido  
Em nome de Jesu crucificado:  
Dá graças a Thomé, que lhe deu vida,  
E descobre seu pae ser homicida.

## CXVI

Este milagre fez tamanho espanto  
Que o rei se banha logo na agua sancta,  
E muitos após elle; um beija o manto,  
Outro louvor do Deus de Thomé canta.  
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,  
Com seu veneno os morde inveja tanta,  
Que, persuadindo a isso o povo rudo,  
Determinam matal-o em fim de tudo.

## CXVII

Um dia que prégando ao povo estava,  
Fingiram entre a gente um arruido;  
Já Christo n'este tempo lhe ordenava  
Que, padecendo, fosse ao Céu subido.  
A multidão das pedras, que voava,  
No Sancto dá, já a tudo offerecido:  
Um dos mãos, por faltar-se mais depressa,  
Com crua lança o peito lhe atravessa.

## CXVIII

Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;  
Chorou-te toda a terra que pisaste;  
Mais te choram as almas que vestindo  
Se iam da sancta fé, que lhe ensinaste:  
Mas os anjos do Céu, cantando e rindo,  
Te recebem na gloria, que ganhaste.  
Pedimos-te que a Deus ajuda peças,  
Com que os teus Lusitanos favoreças.

(Canto X.)

**Epilogo.**

## CXLV

No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho  
Destemperada, e a voz enrouquecida;  
E não do canto, mas de ver que venho  
Cantar a gente surda e endurecida.  
O favor com que mais se accende o ingenho  
Não no dá a patria não, que está mettida  
No gosto da cubiça e na rudeza  
D'uma austéra, apagada e vil tristeza.

## CXLVI

E não sei por que influxo de destino  
Não tem um ledo orgulho e geral gosto,  
Que os animos levanta de continuo,  
A ter pera trabalhos ledo o rosto.  
Por isso vós, ó rei, que por divino  
Conselhos estais no régio solio posto  
Olhai que sois (e vêde as outras gentes)  
Senhor só de vassallos excellentes!

## CXLVII

Olhai que ledos vão por varias vias,  
Quaes rompentes leões e bravos touros,  
Dando os corpos a fomes e vigias,  
A ferro, a fogo, a settas e pelouros,  
A quentes regiões, a plagas frias,  
A golpes de idolátras e de Mouros,  
A perigos incognitos do mundo,  
A naufragios, a peixes, ao profundo:

## CXLVIII

Por vos servir a tudo aparelhados,  
De vós tão longe, sempre obedientes  
A quaesquer vossos asperos mandados,  
Sem dar resposta, promptos e contentes.  
Só com saber que são de vós olhados,  
Demonios infernaes, negros e ardentes,  
Committerão comvosco, e não duvido  
Que vencedor vos façam, não vencido.

## CXLIX

Favorecei-os logo e alegrai-os,  
Com a presença e lida humanidade;  
De rigorosas leis desalivai-os,  
Que assi se abre o caminho á sanctidade;  
Os mais exp'rimentados levantai-os,  
Se com a experiencia têm bondade,  
Pera vosso conselho; pois que sabem  
O como, o quando, e onde as cousas cabem.

## CL

Todos favorecei em seus officios,  
Segundo têm das vidas o talento;  
Tenham, religiosos, exercícios  
De rogarem por vosso regimento;  
Com jejuns, disciplinas, pelos vicios  
Communs, toda a ambição terão por vento;  
Que o bom religioso verdadeiro  
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

## CLI

Os cavalleiros tende em muita estima,  
Pois com seu sangue intrepido e fervente  
Estendem não sómente a lei de cima,  
Mais inda vosso imperio preminente;  
Pois aquelles, que a tão remoto clima  
Vos vão servir com passo diligente,  
Dous inimigos vencem: uns os vivos,  
E (o que é mais) os trabalhos excessivos.

## CLII

Fazei, senhor, que nunca os admirados  
Allemaes, Gallos, Italos e Inglezes  
Possam dizer que são pera mandados,  
Mais que pera mandar, os Portuguezes.  
Tomae conselhos só de exp'rimentados,  
Que viram largos annos, largos mezes:  
Que, posto que em scientes muito cabe,  
Mais em particular o experto sabe.

## CLIII

De Phormião, philosopho elegante,  
Vereis como Annibal escarnecia,  
Quando das artes bellicas diante  
D'elle com larga voz tratava e lia.  
A disciplina militar prestante  
Não se aprende, senhor, na phantasia  
Sonhando, imaginando ou estudando,  
Senão vendo, tratando e pelejando.



## CLIV

Mas eu, que fallo humilde, baixo e rudo,  
De vós não conhecido, nem sonhado,  
Da bocca dos pequenos sei comtudo,  
Que o louvor sai ás vezes acabado;  
Nem me falta na vida honesto estudo,  
Com longa experiencia misturado,  
Nem ingenho, que aqui vereis presente,  
Cousas que juntas se acham raramente.

## CLV

Pera servir-vos, braço ás armas feito;  
Pera cantar-vos, mente ás musas dada;  
Só me fallece ser a vós acceito,  
De quem virtude deve ser prezada:  
Se me isto o céu concede, e o vosso peito  
Digna empresa tomar de ser cantada,  
Como a presaga mente vaticina,  
Olhando a vossa inclinação divina:

## CLVI

Ou fazendo que mais que a de Medusa  
A vista vossa tema o monte Atlante,  
Ou rompendo nos campos de Ampelusa  
Os muros de Marrocos e Trudante;  
A minha já estimada e leda Musa  
Fico que em todo o mundo de vós cante,  
De sorte que Alexandro em vós se veja,  
Sem á dita de Achilles ter inveja.

(Idem.)

**Soneto 19.**

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Repousa lá no céu eternamente,  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento ethereo, onde subiste,  
Memoria desta vida se consente,  
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te  
Alguma cousa a dor, que me ficou  
Da magua, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus, que teus annos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

**Soneto 29.**

Sete annos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Rachel, serrana bella:  
Mas não servia ao pai, servia a ella,  
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperanza de um só dia  
Passava, contentando-se com vê-la:  
Porém o pae, usando de cautela,  
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
Assi lhe era negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,  
Dizendo: Mais servira, se não fôra  
Pera tão longo amor tão curta a vida.

(CAMÕES. — *Obras*, tomo II, da edição do  
Visconde de Jurumenha.)

### Ode 9.

Fogem as neves frias  
Dos altos montes, quando reverdecem  
As arvores sombrias;  
As verdes hervas crecem,  
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zephyro brando espira;  
Suas settas amor afia agora;  
Progne triste, suspira,  
E Philomela chora:  
O céu da fresca terra se namora.

Já a linda Cytherea  
Vem, do coro das nymphas rodeada;  
A branca Pasítea,  
Despida e delicada,  
Com as duas irmãs acompanhada.

Emquanto as officinas  
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,  
Vão colhendo boninas  
As Nymphas, e cantando,  
A terra c'o ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte  
Diana, já cansada da espessura,  
Buscando a clara fonte,  
Onde, por sorte dura,  
Perdeu Acteon a natural figura.

Assi se vae passando  
A verde primavera e o secco estio;  
O outomno vem entrando  
E logo o inverno frio,  
Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo  
Com a frigida neve o secco monte;  
E Jupiter chovendo  
Turbará a clara fonte;  
Temerá o marinheiro a Oriente.

Porque, emfim, tudo passa;  
Não sabe o tempo ter firmeza em nada;  
E a nossa vida escassa  
Foge tão apressada  
Que, quando se começa, é acabada.

(CAMÕES. — *Obras*, tomo II, da cit. ed.)

---

Antonio Ferrelra (Vide parte I).

## Noticia fatal.

MESSAGEIRO:

Oh! triste nova, triste messageiro  
Tens ante ti, senhor.

INFANTE:

Que novas trazes?

MESSAGEIRO:

Novas crueis, cruel sou contra ti,  
Pois me atrevi trazel-as. Mas primeiro  
Socega teu esp'rito; e nelle finge  
A mór desventura que té agora  
Podia acontecer: que gran remedio  
E' ter o esp'rito armado á má fortuna.

INFANTE:

Tens-me suspenso. Conta: que acrescentas  
O mal com a tardança.

MESSAGEIRO:

E' morta Dona Ignez, que tanto amavas.

INFANTE:

O' Deus! O' Céos! que contas? que me dizes?

MESSAGEIRO:

De morte tão cruel, que é nova magua  
Contar-t'a; não me atrevo.

INFANTE:

E' morta?

MESSAGEIRO:

Si.

INFANTE:

Quem m'a matou?

MESSAGEIRO:

Teu pai com gente armada  
Foi hoje salteal-a. A innocente,  
Que tão segura estava, não fugiu,  
Não lhe valeu o amor com que te amava:  
Não teus filhos, com quem se defendia;  
Não aquella innocencia e piedade  
Com que pediu perdão aos pés lançada  
D'El-Rei teu pae, que teve tanta força  
Que lh'o deu já chorando. Mas aquelles  
Cruéis ministros seus e conselheiros  
Contr'aquelle perdão tão merecido,  
Arrancando as espadas, se vão a ella,  
Traspassando-lh'os peitos cruelmente:  
Abraçada c'os filhos a mataram,  
Que inda ficaram tinctos do seu sangue.

## INFANTE:

Que direi? que farei? que clamarei?  
O' fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!  
O' minha Dona Ignez, ó alma minha,  
O' minha Dona Ignez, ó alma minha  
Morta m'és tu? Morte houve tão ousada  
Que contra ti podesse? Ouço-o e vivo?  
Eu vivo, e tu és morta? O' morte crua!  
Morte céga, mataste minha vida,  
E não me vejo morto? Abra-se a terra,  
Sorva-me n'um momento; rompa-s'alma,  
Aparte-se de um corpo tão pesado,  
Que m'a detem por força.  
Ah! minha Dona Ignez, ah! ah! minh'alma!  
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,  
Minha esperança só, minha alegria,  
Mataram-te? mataram-te? tua alma  
Innocente fermosa, humilde e santa  
Deixou já seu logar? Ah! de teu sangue  
S'encheram as espadas? De teu sangue!  
Que espadas tão crueis, que crueis mãos!  
Ah! como se moveram contra ti?  
Como tiveram forças, como fios  
Aquelles duros ferros contra ti?  
Como tal consentiste, rei cruel?  
Imigo meu, não pae, imigo meu!  
Porque assi me mataste? O' leões bravos!  
O' tigres! ó serpentes, que tal sêde  
Tinheis d'este meu sangue, por que causa  
Vós não vinheis em mim faltar vossa ira?  
Matáreis-me, e vivera. Homens crueis,  
Porque não me matastes? Meus imigos,  
Se mal vos merecia, em mim vingáreis  
Esse mal todo. Aquella ovelha mansa,  
Innocente, fermosa, simples, casta,  
Que mal vos merecia? mas quizestes  
Como imigos crueis buscar-me a morte,

Não da vida, mas d'alma. O' Céos, que vistes  
Tamanha crueldade, como logo  
Não cahistes? O' montes de Coimbra,  
Como não sorvertestes taes ministros?  
Como não treme a terra, e s'abre toda?  
Como sustenta em si tão gran crueza?

## MESSAGEIRO:

Senhor para chorar fica assás tempo:  
Mas lagrimas que fazem contr'a morte?  
Vae ver aquelle corpo, vae fazer-lhe  
As honras que lhe deves.

## INFANTE:

Tristes honras!  
Outras honras, senhora, te guardava:  
Outras se te deviam.

(A. FERREIRA. — Tragedia *Castro*, acto V.)

---



# INDICE

	Pags.
PREFACIOS .....	9
Noções elementares de syntaxe .....	17

## PARTE I

### PROSA

Phase contemporanea. — (Seculo XIX, depois  
de 1820.)

#### ESCRITORES BRASILEIROS

J. F. Lisboa .....	27
Torres Homem .....	31
** Martins Penna .....	34
Porto Seguro .....	39
* Pereira da Silva .....	43
* J. M. de Macedo .....	54
* Joaquim Norberto .....	58
Francisco Octaviano .....	61
José Bonifacio (o segundo) .....	63
José de Alencar .....	65
D. Antonio de Macedo Costa .....	69
* Visconde de Ouro Preto .....	72
* Couto de Magalhães .....	87
* Machado de Assis .....	90
* Franklii. Tavora .....	95
* Visconde de Taunay .....	100
* Barão de Rio Branco .....	102

	Pags.
* Joaquim Nabuco .....	114
* José do Patrocínio .....	118
** Sylvio Romero .....	123
* Eduardo Prado .....	128
* Raul Pompeia .....	133
* Euclides da Cunha .....	138

#### ESCRITORES PORTUGUEZES

Garrett .....	143
A. F. de Castilho .....	145
Alexandre Herculano .....	153
José Estevão .....	165
Silva Tullio .....	168
Rebello da Silva .....	172
Latino Coelho .....	181
Camillo Castello Branco .....	187
Julio Diniz .....	191
* Pinheiro Chagas .....	193
Oliveira Martins .....	201
* Eça de Queiroz .....	204
* Gervasio Lobato .....	207

#### Phase academica. — (Seculo XVIII e primordios do fluente.)

Barbosa Machado .....	211
Antonio José .....	212
Fr. São Carlos .....	220
Fr. Sampaio .....	222
Fr. Mont'Alverne .....	225
Rocha Pitta .....	232
Alexandre de Gusmão .....	236

#### Phase seiscentista. — (Seculo XVII.)

Frei Luiz de Souza .....	241
** D. Frei Amador Arraez .....	246
Fr. Vicente do Salvador .....	249
** Fr. Antonio Brandão .....	251
Freire de Andrade .....	256
Rodrigues Lobo .....	258
Vieira .....	262

	Pags.
Francisco Manoel de Mello .....	269
Bernardes .....	271

## Phase quinhentista. — (Seculo XVI.)

Bernardim Ribeiro .....	284
Sá de Miranda .....	286
Antonio Ferreira .....	288
João de Barros .....	290
Damião de Góes .....	296
F. Mendes Pinto .....	298
Francisco de Moraes .....	303
Fr. Heitor Pinto .....	306
João de Lucena .....	311
Fernão Cardim .....	315
Duarte Nunes de Leão .....	317
Diogo do Couto .....	322

## PARTE II

## POESIA

Phase contemporanea. — (Seculo XIX, depois  
de 1820.)

## POETAS BRASILEIROS

Magalhães .....	331
Porto Alegre .....	336
Gonçalves Dias .....	343
Odorico Mendes .....	352
Joaquim Manoel de Macedo .....	354
Dutra e Mello .....	356
Francisco Octaviano .....	360
Laurindo Rebello .....	364
** Paranapiacaba .....	367
Alvares de Azevedo .....	373
Junqueira Freire .....	374
Casimiro de Abreu .....	376
* Machado de Assis .....	378
Fagundes Varella .....	382

	Pags.
* Luiz Guimarães .....	387
Castro Alves .....	389
* Arthur Azevedo .....	393
* Raymundo Corrêa .....	400

## POETAS PORTUGUEZES

Garrett .....	405
A. F. de Castilho .....	410
Alexandre Herculano .....	412
Mendes Leal .....	414
João de Lemos .....	416
* João de Deus .....	419
* Thomaz Ribeiro .....	424
* Anthero de Quental .....	430
Gonçalves Crespo .....	432

## Phase académica. — (Seculo XVIII e principios do actual.)

Santa Rita Durão .....	435
Garção .....	440
Quita .....	442
Claudio M. da Costa .....	445
Diniz .....	446
Filinto Elysio .....	447
J. Basilio da Gama .....	451
Nicolau Tolentino .....	453
Gonzaga .....	459
J. Agostinho de Macedo .....	460
Souza Caldas .....	462
Bocage .....	466
José Bonifacio .....	470

## Phase seiscentista. — (Seculo XVII.)

Mousinho de Quevedo .....	476
Sá de Menezes .....	480
Pereira de Castro .....	481
Gregorio de Mattos .....	484
** Botelho de Oliveira .....	485

## Phase quinhentista. — (Seculo XVI.)

	Pags.
Gil Vicente .....	489
Bernardim Ribeiro .....	492
Sá de Miranda .....	502
Luiz de Camões .....	511
Antonio Ferreira .....	542

N. B. — Os nomes precedidos de um asterisco são os dos autores de que se extrahiram os trechos augmentados na 6.<sup>a</sup> edição; dous asteriscos designam os accrescentados nesta 7.<sup>a</sup>.

